BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 1/769

192

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

LIV.-	001
PAG.-	012
REG.-	363

PEÇA: " O SANTO E A PORCA".

AUTOR: ARIANO SUASSUNA.

DISTRIBUIÇÃO

Serviço Gráfico do DPF — 35

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p2

Teatro do Brasileiro BBB. 1966

encontro-me junto à porta

PINHÃO

O SANTO E A PORCA

1º ATO

O pano abre na casa de Eurico Arábe, mas conhecido como Euricão Engole-Cobra.

CAROBA - E foi então que o patrão dele disse:"Pinhão, você sele o cavalo e vá na minha frente procurar Euricão..."

EURICÃO - Euricão, não. Meu nome é Eurico.

CAROBA - Sim, é isso mesmo. Seu Eudoro Vicente disse "Pinhão você sele o cavalo e vá na minha frente procurar Euriques".

EURICÃO - Eurico.

CAROBA - "Vá procurar Euríquio..."

EURICÃO - Chame Euricão mesmo.

CAROBA - "Vá procurar Euricão Engole-Cobra..."

EURICÃO - Engole-Cobra é a mão. Não lhe dei licença de me chamar de Engole-Cobra, não. Só de Euricão.

CAROBA - "Vá na minha frente procurar Euricão para entregar essa carta a êle."

EURICÃO - Onde está a carta? Dê cá. Que quererá Eudoro Vicente comigo?

PINHÃO - Eu acho que é dinheiro emprestado.

EURICÃO - devolvendo a carta - Heim?

PINHÃO - Tôda vez que êle manda assim na frente, a cavalo, é para isso.

EURICÃO - E que idéia foi essa de que eu tenho dinheiro? Você andou espalhando isso. Foi você, Caroba mesirável, você que não tem compaixão de um pobre como eu. Foi você, só pode ter sido você.

CAROBA - Eu ? Eu não.

EURICÃO - Ai, meu Deus, com essa carestia. Ai a crise, ai a carestia. Tudo que se compra é pela hora da morte.

CAROBA - E o que é que o senhor compra ? Me diga mesmo, pelo amor de Deus. Só falta matar a gente de fome.

EURICÃO - Ai a crise, ai a carestia. E é tudo querendo me roubar. Mas Santo Antônio me protege.

PINHÃO - O senhor pelo mesnos leia a carta.

P. J. — TRIBUNAL FEDERAL DE RECURSOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0679, p. 3

46

EURICÃO - Eu ? Deus me livre de ler essa maldita. Essa amaldiçoada. Ai a crise, ai a carestia. Santo Antonio me proteja, meu Deus ai a crise, ai a carestia. (entra Margarida acompanhada de Dodó).

MARGARIDA-Papai, pai. Que foi, meu pai? Ouvi o senhor gritar. Está sentindo alguma coisa ?

EURICÃO - Ai minha filha, me acuda. Ai. Ai. Os ladrões, minha filha,- os ladrões.

MARGARIDA-Socôrro. Socôrro. Pega o ladrão.

EURICÃO -Ai minha filha, não grite assim não. Não grite, se não vão pensar que a gente tem o que roubar em casa. E vêm roubar . Santo Antônio, Santo Antônio. Ai a crise, ai a carestia.

MARGARIDA-Mas o que foi que houve ?

EURICÃO - Ainda não houve nada, mas está para haver. Está para haver, minha filha.

MARGARIDA-O que é? Que foi que houve, Caroba ? Que foi, Pinhão, você- aquí ? Ah, já sei o que houve, papai soube de tudo. È melhor então que eu confesse logo.

CAROBA - Que a senhora se confesse ? Deixe para a sexta-feira, porque aproveita e comunga. Que coisa. D. Margarida só quer viver - na igreja.

EURICÃO - Ai a crise, ai a carestia.

MARGARIDA-Mas afinal de contas, o que foi que houve? Meu pai, eu vou contar...

DODÓ -Não.

PINHÃO -Não, não, D. Margarida, quem fala sou eu. O que houve é que meu patrão escreveu uma carta ao senhor seu pai.

MARGARIDA-Uma carta? Dizendo o quê?

EURICÃO -Você ainda pergunta ? Só pode ser para pedir dinheiro emprestado. Aquêle usurário. Aquêle ladrão.

CAROBA -Mas Seu Euricão, Seu Eudoro é um homem rico.

EURICÃO -E é por isso mesmo que eu estou com mêdo.Você já viu pobre pedir dinheiro emprestado ? Só os ricos é que vivem com essa safadeza. Santo Antonio, Santo Antonio.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0674, p.4

MARGARIDA - Mas papai já leu a carta ?

EURICÃO - Não. Nem quero ler. Nem quero que você leia. Afaste-se, não toque nessa amaldiçoada.

MARGARIDA - Então tome.

EURICÃO - Não tomo.

MARGARIDA - Leia o senhor mesmo.

EURICÃO - Não leio.

MARGARIDA - Não pode ser coisa ruim, papai.

EURICÃO - Só pode ser coisa ruim, minha filha.

CAROBA - Mas se for dinheiro emprestado, é só o senhor não emprestar, Seu Euricão.

EURICÃO - É mesmo. É mesmo, Caroba. Eu nem me lembrei disso, no meu a - perreio.

CAROBA - Leia a carta, Seu Euricão.

MARGARIDA - É, papai, leia. Que mal faz ?

PINHÃO - E se for dinheiro emprestado...

EURICÃO - (jognado a carta no chão). Aí.

MARGARIDA - (apanhando-a) Não é nada de mais, está vendo ? Olhe, veja o senhor mesmo.

EURICÃO - Não fala em dinheiro não?

MARGARIDA - Não.

EURICÃO - Nem pede para eu avalisar alguma letra ?

MARGARIDA - Não.

EURICÃO - Você jura ?

MARGARIDA - Juro.

EURICÃO - Então eu leio. Mas Santo Antonio, veja lá. Não vá ser safadeza de me pedir dinheiro emprestado.

MARGARIDA - Papai, leia a carta pelo amor de Deus.

EURICÃO - Você acha que eu devo ler ?

MARGARIDA - Acho.

EURICÃO - Então eu leio. "Meu caro Eurico: espero que esta vá encontrá lo como sempre com os seus, gozando paz e prosperidade. Ai Margarida.

MARGARIDA - Que é papai ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p 5

EURICÃO - Você passou o São João na fazenda de Eudoro Vicente.

MARGARIDA- É verdade, papai.

EURICÃO - Você foi dizer lá que eu era rico ?

MARGARIDA- Eu? E eu ia dizer uma coisa dessa, meu pai ? Nós somos tão pobres.

EURICÃO - E como é que êle fala em prosperidade aquí? Isso é dinheiro - emprestado, não tem pra onde.

MARGARIDA- É um modo de falar, papai, todo mundo diz isso nas cartas.

EURICÃO - É ?

MARGARIDA- É.

EURICÃO - Então eu leio. "Gozando paz e prosperidade. Sobretudo, espero que esteja passando bem sua encantadora filha Margarida, cuja estada em minha casa ainda não consegui esquecer" Ah, isso aí êle tem que reconhecer, minha filha é um patrimônio que possuo. Hei de casá-la com um homem rico e ela há de amparar a velhice do paizinho dela. Eudoro, com todo o dinheiro que tem, não tem uma filha como a minha.

CAROBA - E o senhor, com tôda a filha que tem, não tem uma riqueza como a dele.

EURICÃO - Como foi ?

CAROBA - Nada.

EURICÃO - "Mando na frente meu criado Pinhão, homem de tôda confiança."

PINHÃO - Obrigado.

EURICÃO - " para avisá-lo de minha chegada aí". Aí onde ? Eudoro Vicente pensa que pelo simples fato de ter hospedado minha filha - eu estou obrigado a hospedá-lo ? Êle convidou Margarida por - que quis, eu não convidei ninguem.

MARGARIDA- Mas papai, êle foi tão delicado comigo.

EURICÃO - Mas eu não convidei, êsse é que é o fato. Eu não convidei ninguei. E o que é isso aquí ? O que é isso aquí ?

CAROBA - Que é, Seu Euricão ?

EURICÃO - Está vendo ? Eu não dizia ? MInha filha, você ainda causará - minha perdição, minha morte, meu assassinato. Ai a crise,ai a carestia.

MARGARIDA- Que foi, meu pai ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0674, p. 6

EURICÃO - A carta. A carta amaldiçoada. Bem que estava com um pressentimento ruim.

MARGARIDA - Mas o que é que tem a carta ? Dê cá, deixe eu ver. Onde é?.

EURICÃO - Aí de onde diz "de minha chegada aí". Ah carta amaldiçoada. Ai a crise, ai a carestia.

MARGARIDA - "De minha chegada aí, mas quero logo avisá-lo: pretendo privá-lo de seu mais precioso tesouro."

EURICÃO - Está vendo ? Êsse ladrão. Êsse criminoso. Meteu na cabeça - que eu tenho dinheiro escondido e quer roubá-lo. Estão me roubando. Ladrões, só pensam nisso. Mas vou tomar minhas - providências. Saiam, saiam imediatamente. Vou trancá-los, - entrem aqui imediatamente. Entrem, entrem. (empurra-os para um quarto qualquer e tranca-os).

Ladrões, ladrões. Será que me roubaram? É preciso ver, é preciso vigiar. Vivem de ôlho no meu dinheiro. Sãnto Antonio . Dinheiro conseguido duramente, dinheiro que juntei com os maiores sacrificios. Eurico Arábe, Euricão Engole-Cobra. - Pois sim. Mas é rico e os que vivem zombando dele não tem - a garantia de sua velhice. Ah, está aqui, os ladrões ainda- não conseguiram furtar nada. Ah. minha porquinha querida, - que seria de mim sem você? Chega dá uma vontade da gente mijar. Fique aí até outra oportunidade. Se eu pudesse, comia você inteirinha. Ai, mas é impossível. Se não desconfiam.(Abre as portas, numa alegria satânica) Venham.Ra, ra.Então vocês queriam roubar o velho Euricão Arábe, hein ? Euricão Engole-Cobra. Pois sim. Mas se eu não cuido, as cobras é - que vão me engolir.

PINHÃO - É por isso que o povo diz que cobra que não anda não engole sapo.

EURICÃO - Acabe com êsses ditados. Trabalhei com as cobras, é verdade vendendo meus remédios por todo o sertão. Mas hoje...vocês pensam que sou rico, não é ?

MARGARIDA - Mas papai, quem vai pensar uma coisa dessas?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 7

EURICÃO - Vivo cercado de inimigos, de ladrões. E agora, ainda mais, ês se Eudoro Vicente, querendo roubar o que é meu. Êsse ladrão- êsse criminoso. Eu não convidei ninguem, êle vem porque quer. E você, Su dodó, não diz nada ? O senhor ouve essa desgraça, vê que estão querendo me depenar, me explorar, e fica calado?

DODÓ - O senhor vá ao hotel de Dadá e reserve quarto para o fazen - deiro. Quando êle chegar, paga a conta.

EURICÃO - É mesmo. Dodó Boca-da-Noite. Que talento, que gênio. É a uni ca pessoa que sabe me compreender. Se você não fosse tão po- bre e tão feio, minha filha bem que poderia...Eu vou, sua i- deia é boa. Mas cuidado, todo cuidado é pouco. Você fica a - qui de olho. Não deixa entrar ninguem. Margarida, minha filha você jura que fica aquí ?

MARGARIDA - Juro.

EURICÃO - Jura que não deixa ninguem entrar até que eu volte ?

MARGARIDA - Juro.

EURICÃO - Você tambem jura, Dodó Boca da Noite?

DODÓ - Juro.

EURICÃO - Você vigia minha filha e ela vigia você. Vou reservar o quar to para Eudoro. E se êle chegar na minha ausência, vão logo esclarecendo tudo. Eu não convidei ninguem e não tenho dinhei ro nenhum. E que Santo Antônio me proteja dos ladrões. (SAI)

MARGARIDA - Meu amor, o que é que se pode fazer para evitar isso ? Espe- re, tire essa barba horrível, não consigo me convencer de - que é você. Estamos perdidos, vão descobrir tudo.

DODÓ - A que horas meu pai chega, Pinhão ?

PINHÃO - Chega já. Pelo menos foi o que êle disse, mas falar é folêgo.

MARGARIDA - Que terá havido, Dodó, meu amor ? Que foi que deu nele de repente ? Terá desconfiado de que você está aquí?

DODO - Ele estava zangado, Pinhão?

PINHÃO - Não,pelo contrário, estava até alegre.

DODO - Falou alguma coisa a meu respeito ? A respeito de eu ter ou não ter ido para o Recife, estudar ?

PINHÃO - Não. Êle não tem a menor idéia de que o senhor está aquí.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,18

MARGARIDA - O melhor é a gente confessar tudo, querido. Não aguento mais essa agonia. A todo instante penso que meu pai vai reconhecer você.

DODÓ - Não está vendo que é impossível, meu bem ? Quando seu pai me viu pela última vez, eu era um menino. E com esta cocova, essa roupa, essa barba...Não é possível de jeito nenhum.

MARGARIDA - Mas o seu ? Êle vai chegar e xxx vai reconhêce-lo. Não seri a melhor dizer tudo ?

DODÒ - Mas dizer tudo como, meu bem ? Não tenho um tostão meu, meu pai é contra a idéia de eu me casar sem estudar, seu pai dó deixa você casar com um homem rico...O que é que eu posso fazer contra êste inferno ?

MARGARIDA - Talvez se seu pai soubesse que a noiva sou eu, pertmitisse o casamento e lhe desse terra para você trabalhar. Êle gostou tanto de mim quando estive lé.

DODÒ - E eu mais ainda, tanto assim que abandonei meu estudo e vim me meter nesse armazém por sua causa.

MARGARIDA - Mas com a chegada de seu pai, tudo se complica. Êle vai descobrir.

DODO - Talvez você tenha razão, é melhor confessar. Quando êle chegar, descobrimos tudo e ficamos de joêlhos diante dos dois, pedindo consentimento para nos casar.

CAROBA - O senhor quer um conselho ?

DODO - Quero, Caroba, estou completamente cego.

CAROBA - Então não descubra nada.

MARGARIDA - Por que? Você fala de um jeito tão misterioso.

CAROBA - É porque estou maldando um negocio mais misterioso ainda. Vou dizer uma coisa curte e certa aos dois: não descubram a historia não, porque o pai de senhor vem é para pedir D.Margarida em casamento.

DODO - O que? Você está doida mulher ?

CAROBA - Estou nada, homen. Seu pai não é viuvò ?

DODO - É

CAROBA - A senhora não passou um tempo lá ?

MARGARIDA - Passei.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 9

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

CAROBA - Êle simpatizou com a senhora ?

MARGARIDA - Simpatizou.

CAROBA - Êle não disse, na carta, que vinha roubar o tesouro mais precioso de Seu Euricão ?

PINHÃO - Disse.

CAROBA - Então o que é que querem mais ? É casamento no duro.

DODO - É possível.

CAROBA - Por que não, Seu Dodo? É proibido casar ?

MARGARIDA - Mas assim, sem um aviso, sem uma proposta.

CAROBA - D. Margarida, essas coisas só se usam na primeira vez, na segunda, vai direto. Casamento de viúvo é feito depressa e sem muita conversa.

MARGARIDA - Você acha que é possível ?

DODO - Ouvi papai falar em casamento mais de uma vez, para sondar a minha opinião.

MARGARIDA - E se for, o que é que a gente faz, meu Deus ?

CAROBA - É deixar as coisas como estão. Se o senhor tiver habilidade- pode ser que seu pai não o reconheça, pelo menos hoje. Quando êle chegar, já é quase noite. Com a corcova, a perna curta, a barbicha e a boca torta, o senhor bem que pode passar- por outro. Então a gente vê o que faz, examina tudo, vê se é csamento mesmo e pode então partir daí para resolver tudo.

DODO - Como ?

CAROBA - Eu sei lá, na hora se vê.

MARGARIDA - Você acha que está bem assim?

CAROBA - Pode ser que não esteja, mas é o jeito.

DODO - Está bem. Caroba, vou seguir seu conselho. E se tudo se re - solver a contento, eu saberei mostrar a minha gratidão.

PINHÃO - Como ?

DODO - Eu descobrirei um modo.

PINHÃO - Seguro morreu de velho.

CAROBA - O senhor não tem um terrinha que seu padrinho lhe deu ?

DODO - Tenho, mas é uma terrinha pequena, não dá para nada.

CAROBA - Para o senhor, para mim vale muito. A coisa que eu mais desejo na vida é casar com Pinhão e ter uma terrinha para trabalhar nela com êle. Se a história se resolver e eu conseguir

 BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 10

fazer seu casamento, o senhor passa a escritura dessa terra para nós dois ?

DODO -Passo.

CAROBA -Prometido ?

DODO -Prometido.

PINHÃO - Quem vive de promessa é santo.

CAROBA -Mas aí é pegar ou largar.

PINHÃO -Pois eu pego. Vou arranjar umas promissórias aí pela rua. O senhor assina uma no valor da terra. Quando passar a escritura, eu devolvo o que o senhor assinou, está bem?

DODO -Está, homem desconfiado.

PINHÃO -O velho dobrou a esquina.

CAROBA ~~XXXXXX~~ Saiam, deixem eu enfrentar Seu Euricão. É preciso preparar o terreno. Cuidado, lá vem êle. Pinhão fique, preciso de sua ajuda. (DODO DISFARÇA-SE).

EURICÃO - Ladrões, só vejo ladrões. Mas Santo Antônio me proteje. Caroba, você sozinha aquí ? Que é isso ? Onde estão os outros ? Onde está Dodó Boca-da-noite ?

CAROBA -Para falar com franqueza, não prestei atenção. Deve ter saido.

EURICÃO -Que conversa é essa ? Você andou remexendo no que é meu ?

CAROBA -Que interêsse eu tinha em remexer nessa troçaria ? Só se fôsse para ficar com asma, nesse môfo.

EURICÃO - Deixe ver os bolsos.

CAROBA -Veja.

EURICÃO -Sacuda o vestido.

CAROBA -Está quente hoje, heim, Seu Euricão ?

EURICÃO -Vire-se de costas.

CAROBA -Pois não.

EURICÃO - Deixe de manejos e abra as mãos.

CAROBA -Aqui estão.

EURICÃO -Não terá escondido nada em baixo da saia ?

CAROBA -Epa, vá pra lá. Que molecagem é essa?

EURICÃO -Idiota eu sou um velho. Minha intenção é outra.

CAROBA - Sei lá, isso é você quem diz.

PINHÃO -É melhor você se garantir, Caroba. (Caroba se aproxima e põe a mão em cima da porca.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 11

54

CAROBA QUE TEM SE APROXIMADO DA PORCA? COLOCA A MÃO EM SEU DORSO.

EURICÃO - (aterrado) Saia daí.

CAROBA - Que foi ?

EURICÃO - Uma ranha aí.

CAROBA - Ai. (esconde-se atrás da porca) Tenho horror a aranha.

EURICÃO - Saia daí.

CAROBA - O que é ?

EURICÃO - Um lacrau enorme. Saia, saia. Olhe o lacrau, Caroba.

CAROBA - Ai. Aonde, Seu Euricão ?

EURICÃO - Aí na porca.

PINHÃO - Aonde, que eu não estou vendo ?

EURICÃO - Desapareceu, deve ter fugido.

CAROBA - É capaz de estar em baixo da porca.

Abiaxa-se e procura cuidadosamente, batendo na porca com os nós dos dedos.

Corre para socorrer Caroba da aranha.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 ip. 12

EURICÃO - Caroba. Olhe a caranguejeira.

CAROBA - Ai. Esta casa está cheia de bichos. Seu Euricão.

PINHÃO - Sabe porque é isso, Seu Euricão ? São essas velharias que o senhor guarda aqui. Só essa porca ~~já~~ tem mais de duzentos anos.

CAROBA - Por que o senhor não joga isso fora? Outro dia eu e D.Margarida quisemos fazer uma surpresa ao senhor. A gente ia jogar essa porca velha e comprar uma nova para lhe dar.

EURICÃO - Ai, ai. Miseráveis, miseráveis, assassinas, bandidas, Logo minha porquinha que herdei de meu avô. Toque nela e quem vai embora é você, está ouvindo, assassina ? Sou louco por essa porca. Ai Santo Antônio, querem me roubar, me assassinar, e ainda por cima comprar uma porca nova que deve custar uma fortuna. Ladrões, ladr*oes. Ai a crise, ai a carestia. Santo Antônio, Santo Antônio.

CAROBA - Está certo, Seu Euricão, está certo. Diabo duma agonia danada. Deixe a porca de lado, ninguem toca mais nela. Que vale uma porca ? O negocio agora pe evitar a facada que o tal do Eudoro vem lhe dar.

EURICÃO - A facada ?

CAROBA - E então ? O senhor vai ver se não é. Pinhão me contou tudo. Chega cheio de delicadezas. A essa hora já se informou de * sua devoção por Santo Antonio. Êle chega e faz que é devoto do mesmo santo. Elogia o senhor, elogia sua filha, pergunta como vão os negócios, todo amável e vai amolando a faca. (faz gesto) Deve ser uma faca enorme, assim dêsse tamanho. Êle ajeita e vai atolá-la até o cabo em sua barriga. Agrada o senhor, ajeita, e, quando menos o senhor esperar xuiu; (dá uma facada)

EURICÃO - Ai. Quanto você calcula que vai ser Caroba ?

CAROBA - Homem, pelo tamanho da faca, calculo aí nums vinte contos.

EURICÃO - Ai Caroba. Tenha compaixão de um pobre velho.

CAROBA - Mas é claro que tenho, Seu Euricão. Já pensei em tudo e vou defendê-lo contra esse urubu.

EURICÃO - ~~XXX~~.Você vai, Caroba ? Como ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 13

CAROBA - O meio é contra atacar com as mesmas armas. O senhor lhe oferece jantar, d-a-lhe vinho e cerveja e quando ele estiver bem entusiasmado para dar o golpe, o senhor dá nele primeiro.

EURICÃO - Como ?

CAROBA - Pedindo vinte contos emprestados.

EURICÃO - Ra, ra, Ra, ra, Grande ideía. Caroba idéia genial. Mas como é que se paga o jantar ?

CAROBA - O senhor tira dos vinte contos.

EURICÃO - Ladrão, miserável. Já quer gastar meus vinte contos que arranquei daquele criminoso com tanto trabalho. Quer me matar de fome bandido ? Quer gastar meu dinheiro ?

CAROBA - Mas Seu Euricão, o dinheiro não é dele ?

EURICÃO - Ai, é mesmo. E se êle não emprestar, Caroba ?

CAROBA - Ah, êle empresta. Vou dar um jeito nisso. O senhor me dá uma comissão ?

EURICÃO - Se você arranjar os vinte contos ? Dou.

CAROBA - Quanto ?

EURICÃO - Eu lhe dou metade daquele jerimum que o cego me deu ontem.

CAROBA - É pouco. Eu quero é dinheiro, Seu Euricão.

EURICÃO - Ai, ai, Ainda não tenho os vinte contos, já querem me roubar: Não dou, não dou de jeito nenhum.

CAROBA * Então estou fora do negócio.

EURICÃO - Não preciso de você Caroba, não me abandone.

CAROBA - Então me dê minha comissão.

EURICÃO - Quanto é que você quer ?

CAORBA - Quinhentos.

EURICÃO - Dou cinquenta.

CAROBA - Estou fora.

EURICÃO - Cem.

CAROBA - Estou fora.

EURICÃO - cento e cinquenta.

CAROBA - Estou fora.

EURICÃO - Duzentos.

CAROBA - Estou fora.

EURICÃO - E eu também. Estou fora, porque daí não passo de jeito nenhum. Estou fora.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 14

CAROBA - Então eu entro. Fica pelos duzentos. Vou encomendar o jantar no hotel da Dadá.

EURICÃO - E como é que êle vai pagar, se sou eu que encomendo.

CAROBA - O senhor tira dos vinte contos.

EURICÃO - E se êle não empresta ?

CAROBA - Ai, pelo menos a gente ganha o jantar.

EURICÃO - E com que é que se paga o jantar ? Com meu dinheiro ?

CAROBA - O jantar não vai ser pago com os vinte contos, Seu Euricão?

EURICÃO - Ai, é mesmo. Assim eu quero.

CAROBA - Então vá, Pinhão. Vá e encomende o jantar que hoje aqui se se come bem. Vá Pinhão.

PINHÃO - Meu patrão.

CAROBA - Seu patrão ?

PINHÃO - Sim, chegou. D. Benona Arábe está recebendo meu patrão aí - fora, na calçada, perto do cemitério da igreja.

CAROBA -Saia por aqui, então. É preciso que êle pense que você está do lado dele. Se não êle desconfia, fica de sobreaviso e não empresta os vinte contos, não é, Seu Euricão ?

EURICÃO - É, Pinhão, meu filho, saia por ali. Nessas coisas, a surpresa é tudo. Vá e volte para nos ajudar, que a luta com esse criminoso vai ser grande. (PINHÃO SAI).

BENONA - Eurico, Eudoro Vicente está lá fora e quer falar com você.

EURICÃO - Benona, minha irmã, eu sei que êle está lá fora, mas não - quero falar com êle.

BENONA - Mas Eurico, nós lhe devemos certas atenções.

EURICÃO - Você, que foi noiva dele, Eu não.

BENONA - Isso são coisas passadas.

EURICÃO - Passadas para você, mas o prejuizo foi meu. Esperava que - Eudoro, com todo aquêle dinheiro, se tornasse meu cunhado. Era uma boca a menos e um patrimônio a mais. E o peste me traiu. Agora, parece que ouviu dizer que eu tenho um tesouro. E vem louco atrás dele, sedente, atacado de verdadeira-hidrofobia. Vive farejando ouro, como um cachorro da molesta como um urubu atrás do sangue dos outros. Mas êle está muito enganado, Santo Antônio há de proteger minha pobreza e minha devoção.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 15

CAROBA - Mas enquanto Santo Antônio não se vira, vamos ajudá-lo um pouco. Seu Euricão, saia por um momento.

EURICÃO - Você se encarrega de preparar tudo ?

CAROBA - É claro.

EURICÃO - Então eu saio. Trga o cachorro, Benona, traga o urubu. Se Deus quiser e Santo Antônio me ajudar, o golpe vai se virar por cima dele. Eu fico ali, assim que o terreno estiver preparado me chame. (Sai).

CAROBA - D. Benona, espere um instante. Quero lhe dizer um negócio,- em caráter confidencial.

BENONA - Que é caroba ?

CAROBA - Pinhão está desconfiado de que Seu Eudoro vem pedir a senhora em casamento.

BENONA - Caroba.

CAROBA - É verdade. D. Benona. A senhora não foi noiva dele?

BENONA - Fui, mas briguei por uma besteira e êle se casou com outra.

CAROBA - Mas o fato é que está viuvo e arrependido. Êle mandou dizer a Seu Euricão que vinha privá-lo de seu tesouro e Pinhão acha que só pode ser a senhora.

BENONA - É possível ?

CAROBA - A senhora mesmo vai ver, daqui a pouco. Mas parece que êle- está meio envergonhado, depois de tanto tempo. É natural,mas é preciso ajudá-lo.

BENONA - Êle está acanhado porque quer, porque eu nunca o esqueci.

CAROBA - Foi nada ?

BENONA - E então ?

CAROBA - Pois eu vou ajudar Seu Eudoro a sair do acanhamento. A senhora me deixe só com êle que eu vou me certificar. Se for verdade, pode deixar que eu puxo a conversa na frente de Seu Euricão e a senhora noiva.

BENONA - Ai, Caroba, estou tão confusa. Foi tudo taõ de repente. E assim, de surpresa, sem me dizer nada. Mas Eurdoro sempre foi meio doidinho.

CAROBA - É casamento na certa. A senhora saia e deixe tudo comigo.

BENONA - Pois está certo. Fique, fale com êle e que Santo Antonio nos proteja. (ENTRA EUDOROO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 16

BENONA - Eudoro, meu irmão vem já. Com licença malvado. (Sai)

EUDORO - Que foi que houve aqui, Meu Deus, para Benona me olhar assim ? Que coisa esquisita.

CAROBA - Ah e o senhor ainda não soube de nada mão ?

EUDORO - Não, o que foi que houve ?

CAROBA - O que houve, Seu Eudoro, foi que o povo daqui está desconfiado de que o senhor veio noivar.

EUDORO - E por que estão pensando isso ?

CAROBA - O senhor mandou dizer na carta que ia roubar o tesouro de Seu Euricão e todo mundo está pensando que isso quer dizer. "Casar com D. Margarida".

EUDORO - Pois estão pensando certo, Caroba. Desde que Dodó saiu de casa para estudar, estou me sentindo muito só. Simpatizei com a filha de Euricão e resolvi pedí-la, apesar da diferença de idade.

CAROBA - O senhor está parecendo meio encabulado de pedir.

EUDORO - É verdade, Caroba. Não sei como vou começar. Minha idade não permite certas coisas que agradam às moças, de modo que...

CAROBA - Deixe comigo. Seu Euricão é louco pela filha. Não gosta nem de falar em casamento para ela, como medo de perdê-la. Mas ao mesmo tempo quer casá-la pois considera a moça uma especie de patrimônio. O senhor agrade o velho, seja delicado, diga que ele vai bem de saúde e de negócios, fale em Santo Antonio, que é a devoção dele, e deixe o resto comigo. Depois - que eu puxar o assunto, depois que tudo estiver encaminhado ai o senhor faz o pedido, está bem ?

EUDORO - Está ótimo, Caroba. Para animá-la eu... (mexe nos bolsos).

CAROBA -Nada disso, a única coisa que me interessa nisso é a estima que sempre lhe tive. Mas já que o senhor insiste...

EUDORO - Pois tome e puxe o assunto. Creio que Euricão não criará dificuldade. Gosta da filha, mas gosta ainda mais de dinheiro e, sabendo que tenho algum...Mas o que é isso ?

CAROBA - Não é uma das velharias de Seu Euricão ? Herdou essa porca ainda do tempo do avô e não há quem faça êle jogá-la fora.

EUDORO - Do tempo do avô, é ? Interessante, muito interessante.

CAROBA - Então eu vou chamá-lo. Seu Euricão. Seu Euricão. Seu Euricão Engole Cobra.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0011, P 12

EURICÃO - (entrando) Engole-Cobra é a mãe. Bom dia Eudoro Vicente.

EUDORO - Bom dia , Eurico Arábe. Santo Antônio o guarde, Santo Antonio o proteja a você e a tôda a sua família.

EURICÃO - Se não for dinheiro emprestado, eu estufe. Que Santo Antonio também o proteja, Eudoro Vicente.

EUDORO - Então sempre em saúde e prosperidade, heim ?

EURICÃO - É dinheiro, não tem pra onde. Prosperidade eu? Você sim,pode dizer que vai bem com tôdas aquelas fazendas.

EUDORO - Que é que adianta a terra, Eurico ? Vem a sêca e morre tudo A felicidade é que tenho amigos e saõ eles que me valem nas horas de apêrto.

EURICÃO - É dinheiro emprestado, não tem pra onde. Você gosta de contar desgraça, mas é para esconder a fortuna. Eu é que só - tenho, para contar, miséria. Os ricos, como você, contam - dinheiro, Eudoro, os pobres, como eu, desgraça.

EUDORO - Que nada, isso é modestia. E quanto à crise, se puder fazer alguma coisa para ajudá-lo...

EURICÃO - Isso parece promessa, mas é para preparar o pedido. Está faminto, sedento por dinheiro emprestado.

EUDORO - Que tal lhe parece minha família ?

EURICÃO - Boa.

EUDORO - E meu caráter ?

EURICÃO - Bom.

EUDORO - E meus atos ?

EURICÃO - Nem maus nem desonestos.

EUDORO -Qual é a opinião que você tem de mim ?

EURICÃO - Sempre o considerei um cidadão honrado.

EUDORO - Pois eu tambem acho você um cidadão sem defeitos.

EURICÃO - Se não for dinheiro emprestado, eu me dane. O que é que você quer ?

CAROBA - Seu Euricão, o senhor sabe perfeitamente que Seu Eudoro gostou de uma pessôa de sua familia.

EURICÃO - Sei, mas pensei que isso já tivesse passado.

CAROBA - Ora passado, agora foi que começou. A simpatia que essa pessoa inspirou a Seu Eudoro, só fez aumentar com a separação .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0679, p. 38

61

Pois bem, Seu Eudoro veio pedí-la em casamento.

EURICÃO -Está dada, pode se considerar noivo. Mas eu preciso de vinte contos emprestados para fazer a festa do casamento.

EUDORO -Mas eu não sei se ela aceita.

EURICÃO - A responsabilidade é minha, pode se considerar noivo. Não está vendo que eu não vou perder uma oportunidade dessa? Você está noivo, Eudoro, e eu preciso de vinte contos, êsse é que é o fato.

EUDORO - Então mande chamar Margarida.

EURICÃO - Margarida ? Pra que ?

CAROBA - Seu Eudoro quer vê-la depois de tanto tempo, é perfeitamente natural, Seu Euricão. Êle já viu D. Benona, agora quer ver D. Margarida.

EURICÃO - Ah. sim. Mas quero lhe dizer, Eudoro que ela esteve lá foi a convite seu. Eu não convidei ninguem, você vai para o hotel-de Dadá.

EUDORO - Está bem, mas posso ver Margarida ?

EURICÃO - Pode, por que não ?

EUDORO - diziam que você era cheio de coisas com ela.

EURICÃO - Ah, sou. Mas confio em você, por causa de sua idade e porque agora você é noivo. Você promete ir para o hotel ?

EUDORO - Prometo, homem cuidadoso. Não fica bem eu, noivo, hospedado em casa da noiva, não é ?

EURICÃO - Ah, é, nessas coisas eu sou inflexivel. Basta dizer que mantenho um guarda, pago com meu dinheiro, só para tomar conta de Margarida. Tem ordem de não deixá-la um só instante.

EUDORO - Um guarda ? Um homem ?

EURICÃO - Sim, mas é tão feio que não há perigo. Margarida tem ódio dêle. Mas eu gosto, porque êle é prudente e econômico, chega a me dar lições. Chama-se Dodó.

EUDORO - Meu filho tem êsse mesmo apelido de Dodó.

CAROBA - Mas seu filho é coxo ?

EUDORO -Você já morou em minha terra e sabe que não.

CAROBA - É corcunda ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 19

EUDORO - Não.

CAROBA - Tem uma barbicha ?

EUDORO - Não.

CAROBA - Veste sempre preto ?

EUDORO - Não.

CAROBA - É amarrado?

EUDORO - Não.

CAROBA - Tem boca torta ?

EUDORO - Não.

EURICÃO - Então não é esse mão, porque Dodó Boca-da-Noite tem tudo isso e mais alguma coisa. Vou chamar os dois aqui. Margarida. Dodó Boca-da Noite. (entra Margarida).

EUDORO - Oi, você não disse que ela é sempre vigiada ?

EURICÃO - Margarida, você quer me desmoralizar ? Sustente o pudor, Margarida. Onde está Dodó?

MARGARIDA - Seu Dodó sentiu-se mal e ficou no armazem, papai.

EURICÃO - Sentiu-se mal o quê ? Empregado meu tem la licença de se sentir mal. Dodó, Dodó. Dodó Boca da Noite. (Dodó entra). Cumpra com sua obrigação, está ouvindo ?

DODÓ - Estou.

EURICÃO - É um bom servidor, gosto dele. Venha cá conhecer meu amigo Dodó.

DODÓ - Ai.

EURICÃO - Que foi ?

MARGARIDA - Eu naõ disse que êle estava doente ?

DODO - Seu Euricão, um copo dágua. Seu Eurico.

EUDORO - Tome, moço.

DODO - (dando as costas). Não. Já passou, estou bonzinho.

CAROBA - Seu Euricão mandou chamar a senhora, D. Margarida, porque Seu Eudoro Vicente fêz o pedido de casamento.

EURICÃO - E já que êle vai entrar na família, minha filha...

MARGARIDA - É verdade ?

EUDORO - É, Margarida. Ainda não tive tempo de ir ao hotel, mudar de roupa, mas quero logo pedir uma entrevista a você para conversarmos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0679. p 20

EURICÃO - Ah não, entrevista, não. A entrevista é essa.

EUDORO - Mas Eurico.

MARGARIDA - Não precisa nem o senhor falar, meu pai. Prefiro ir para um convento.

EURICÃO - Está vendo o que é recato, Eudoro ? Aí, Margarida. Sustente o pudor, Margarida, sustente o recato. Trata-se de Eudoro, é uma pessoa séria, de mais idade e além do mais vai entrar na família. Mas recato é recato. Entrevista, sozinha, com - ninguem.

EUDORO - Mas Eurico...

MARGARIDA - Já disse que prefiro ir para um covento. E vá marcar entrevista com gente de sua idade, está ouvindo ? E saia daqui - com seu casamento. Saia daquei porque eu...(Caroba faz sinal com dedos nos labios).

EUDORO - Mas Eurico...

CAROBA - Coitada, foi pegada de surpresa pela noticia, é muito pegada com a família, principalmente com D. Benona, e está com mede -de perdê-la.

EURICÃO - É isso mesmo. Não se ofenda, Eudoro, vou acalmá-la. Uma conversa comigo e em dois tempos ela vai ser a primeira a apoair a idéia. (Sai)

EUDORO - A apoiar que idéia ? a da entrevista ?

CAROBA - Não, a do casamento.

EUDORO - Bem que eu não queria fazer isso, assim de repente. Agora a moça está nervosa.

CAROBA - Isso passa, deixe comigo. Ela faz isso porque está na frente do pai. Mas quando ela falar com o senhor a sós, há de ver - que ela quer o casamento.

EUDORO - Mas o fato é que não vou poder falar com ela a sós.

CAROBA - Ah, isso não. Vai, e quem vai arranjar a entrevista sou eu.

EUDORO - Você ? Como ? Onde ?

CAROBA - Aqui e de noite, depois que o velho estiver dormindo. Êle - dorme cedo, de modo que depois do jantar...

EUDORO - E se alguém acordar ?

CAROBA - É facil disfarçar. D. Margarida levanta-se às vezes à noite, para rezar escondido pelo pa-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0674, p 21

64

EUDORO - Escondido por que ?

CAROBA - Seu Euricão não gosta disso. A mulher abandonou-o e depois ela morreu, êle mandou buscar o corpo e enterrou ai. Mas - não gosta nem que se fale dela. De modo que, se D. Benona a cordar, diz-se que foi isso. D. Benona é a mais perigosa, - tem mania de recato. É a conselho dela que Seu Euricão fica tão rigoroso com a filha.

EUDORO - Benona sempre foi assim, creio mesmo que foi por causa disso que ela...Mas enfim, você arranja a entrevista ?

CAROBA - Arranjo. Depois do jantar, quando todo mundo estiver deitado eu destranco essa porta. Aí o senhor volta e pode falar com- D. Margarida, aquí.

EUDORO - Mas será que ela aceita ?

CAROBA - Aceita, a paixão dela pelo senhor é grande, vai vencer de uma vez só o pudor e o recato.

EUDORO - Está bem, mas cale a boca. O homem vem ai. (Eurico entra).

EURICÃO - A moça se trancou e não houve jeito. É o recato, coitada. Mas você compreende isso não é ?

EUDORO - É

EURICÃO - Então adeus, Eudoro Vicente, não quero retê-lo mais, você deve estar com fome e o hotel...

CAROBA - Patrão.

EURICÃO - Heim ?

CAROBA - E o jantar ?

EURICÃO - Cale a boca miserável.

CAROBA - O senhor não prometeu um jantar ? É para celebrar o noivado.

EUDORO - Um jantar ? Ah, aceito, pois não. Venho jantar e depois vou dormir no hotel.

EURICÃO - Está bem, está bem. Essa você me paga, Caroba. E a respeito dos vinte contos ?

EUDORO - No jantar, nos falaremos.

EURICÃO - Ótimo, ótimo. Essa parte está ótima.

EUDORO - Então até já. E preparem o espirito da noiva. (Sai).

CAROBA - Seu Euricão, espero que o senhor não se esqueça de minha comisssão.

EURICÃO - Que comissão?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. D674, p. 22

CAROBA - A que o senhor prometeu, se eu arranjasse os vinte contos.

EURICÃO - E quem disse que você me arranjou vinte contos ? Aliás, - ninguem me arranjou vinte contos. Eudoro Vicente prometeu- mas ianda não arranjou o dinheiro não arranjou nada, vai arranjar.

CAROBA - Mas quem planejou tudo fui eu.

EURICAO - Mente, velhaca. Você tinha planejado tudo para o jantar e se eu tivesse esperado, talvez a essa hora estivesse esfaqueado. Quem pressentiu o perigo fui eu, quem pediu o dinheiro fui eu e quem arranjou o dinheiro fui eu. Você não - tem direito à comissão de qualidade nenhuma.

CAROBA - Mas Seu Euricão.

EURICAO - Adeus Caroba, já basta ~~xx~~ prejuizo do jantar.

CAROBA - Mas Seu Euricão...

EURICAO - Dê o fora, Caroba. (Caroba sai)

EURICAO - Ai minha porquinha do coração, a luta é grande contra os ladrões. Mas arranjei sempre mais vinte contos para seu buchinho. (EUDORO ENTRA).

EUDORO - Eurico...

EURICAO - Santo Antonio me proteja. Que negócio é esse de sair da casa dos outros e voltar nos mesmos pés ? Você está me vigiando ?

EUDORO - Não, Eurico, desculpe.

EURICÃO - Você notou alguma coisa ?

EUDORO - Alguma coisa de quê ?

EURICAO - Você pensa que sou idiota, para dizer ? Notou ou não notou ?

EUDORO - Não notei nada.

EURICAO - E que veio fazer aqui, entrando de emboscada, como um assassino ? Como um ladrão.?

EUDORO - Afinal, o que é isso ? Que é que você quer dizer? Voltei por que vim lhe oferecer preço por essa porca que você guarda - aí.

EURICAO - Preço por minha porca ? Ai. Socorro. Ladrão. Pega o ladrão.

EUDORO - Que é isso homem ?

EURICAO - Ai a crise, ai a carestia. Ai Santo Antonio. Veja o que querem fazer comigo.

EUDORO - Mas afinal de contas...

 BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 23

EURICÃO - Ai minha porquinha que herdei de meu avô e êsse criminoso quer tomar. Ai minha porquinha. (Cai).

EUDORO - Está bem, homem de Deus se não quer vender, não venda. Precisa essa agonia ? Diabo duma esquisitice danada. Vá ser esquisito assim no inferno. (Sai encontra Benona).

BENONA - Dodó.

EUDORO - Minha senhora.

BENONA - Que minha senhora que nada, malandro. Já soube de tudo e vim lhe dizer que concordo de todo coração. Está tudo esquecido.

EUDORO - Fico muito contente com isso, Benona.

BENONA - E eu mais ainda, Dodó. Olhe estou. Desdede que você apareceu que meu coração começou a bater. Você acha que devo lhe dar um beijo ?

EUDORO - Mas Benona, você acha que ficaria próprio.?

BENONA - Deixe de preconceitos, homem, Agora estou diferente, a vida me ensinou a ser menos tola. Não quer ? Bem, então fica mais tarde. Vou me vestir para o jantar. Mas não deixo você sair sem lhe dar um beliscão no espinhaço de jeito nenhum, quero me lembrar dos velhos tempos. Chegue aqui êsse espinhacinho, safado.

EUDODO - Benona.

BENONA - Ai meu Deus, quanta timidez, como é lindo isso. Êsse Dodó - sempre foi doidinho. Não tem isso não lá vai beliscão.

EUDORO - Benona. Diabo de povo mais esquisito. Benona. Ai. (Sai).

EURICÃO - Ai minha porquinha adorada, ai minha porquinha do coração. Querem rouba-la, querem levar meu sangue, minha carne, meu pão - de cada dia, a segurança de minha velhice, a tranquilidade de minhas noites, a depositária do meu amor. Mas parece que Santo Antonio me abandonou por causa da porca. Que santo mais ciumento, é "ou êle ou nada ". É assim ? Pois eu fico com a porca. Fui seu devoto a vida inteira: minha mulher me deixou, a porca veio para seu lugar. E nunca nem ela nem você me deram a sensação que a porca dá. Ah, minha bela, ah, minha amada. Aqui você fica muito a vista de todos, todo mundo deseja sua * beleza e sua bondade. É melhor levá-la para um lugar escondido. A mala do porão, é lá. Ai você ficará em segurança e eu

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 24

EURICÃO - poderei dormir de novo.

(entra num socavão levando-a).

Agora sim. E você Santo Antonio, deve se contentar agora com minha pobreza e minha devoção. Eu não o esqueci. Não deixe que êsses urubus descubram meu dinheiro. Faça isso meu santo, e a banda de jerimum que ia dar a Caroba será sua. Menos as sementes, viu ? As semenetes eu quero para fazer xarope e vender no armazem. Ganha-se pouco, mas sempre é alguma coisa para se enfrentar a crise e a carestia.

(Persigna-se e sai. Cai o pano.).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 25

Mesmo cenário Entram Caroba, Margarida e Dodó.

CAROBA - Mas que jeito eu podia dar ? Êle queria a entrevista, eu estava precisando agradá-lo para êle confiar em mim, o jeito - foi marcar.

DODÓ - Que jeito que nada. O que há é que você se acostumou a agradar meu pai e ficou contra mim.

CAROBA - Deixe de ser ingrato, Seu Dodó. Eu estou tentando arranjar - seu casamento e o senhor vem dizer isso.

MARGARIDA - É meu amor, que mal faz? Eu vou, e, se achar um modo de afastar seu pai sem mágua, afasto.

DODO - E ainda por cima, o perigo que você nos fêz correr. Imagine-se Margarida não visse o gesto que você fez. Era capaz de - deitar tudo a perder.

CAROBA - Que é que eu podia fazer ? Era preciso que seu pai acreditasse que a noiva era ela. Agora, que já está tudo encaminhado, o senhor fica aí dando jeito a tudo. Eu queria ver era na hora, inventar tudo isso de repente, noivar seu pai com D. Benona, quando êle pensava que era com D. Margarida, noivar D. Benona no pedido da sobrinha, fazer Seu Euricão acreditar - que o candidato a genro queria ser cunhado...O senhor acha - pouco ?

MARGARIDA - É meu bem, Caroba já fêz demais. Po que você não concorda - com essa tolice de entrevista ?

DODO - Não concordo porque não gosto de ver você metida nisso.

MARGARIDA - Mas meu bem, trata-se de seu pai.

DODO - Não tenho nada com isso, agora é candidato a se casar com você.

CAROBA - A entrevista é quem vai resolver tudo, Seu Dodó.

DODO - Resolver tudo o que? Ela vai é complicar tudo, isso sim. Na - hora, papai pode entender a história de repente e a gente está desgraçado. Porque se Seu Euricão descobrir que papai quer casar é com Margarida, desfaz o noivado de D.Benona na mesma* hora e faz o que êle quer. Seu Euricão faz qualquer acôrdo, - contanto que não perca o dinheiro de meu pai.

MARGARIDA - Não isto também não é direito, meu bem, Você zombar da pobreza de meu pai. Êle é pobre mas não vê nada no mundo alem de mim.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674, p. 26

DODÓ - Eu sei.

MARGARIDA - Você é quem parece de repente cheio de dureza para com êle. Você não já sabia como êle era? Por que então êsses modos - de repente ? Parece é que você quer deixar-me de lado e está procurando um pretexto.

DODO - E você ? Parece estar ansiosa por essa entrevista. Pois vá. Vá, siga os conselhos de Caroba e, quando estiver de volta, jogue fora a aliança que lhe dei. Não quero casar com uma moça que marca entrevista com outro. (Margarida chora).

CAROBA - Não chore não D. Margarida. Quando Seu Dodó chegar à conclusão de que tudo está bem, acaba com essa besteira.

MARGARIDA - Eu sei lá, eu sei lá, Caroba. Que complicação, meu Deus. E essa trapalhada de entrevista...Não vou, Caroba, não vou de jeito nenhum. Afinal de contas, quem marcou a entrevista ?

CAROBA - Eu.

MARGARIDA - Pois vá você, está ouvindo ? Você foi quem marcou, você é quem vai.

CAROBA - Mas D. Margarida, eu quero lhe explicar que...

MARGARIDA - Vai. Vai e não adianta discutir.

CAROBA - Mas D. Margarida, eu...

MARGARIDA - Eu lhe dou um vestido meu e você vai em meu lugar. Você é mais ou menos de meu tipo, com meu vestido, de noite, no escuro, pode passar perfeitamente.

CAROBA - Tem que ser um vestido que Seu Eudoro conheça, senão não dá certo.

MARGARIDA - Eu lhe dou êste, antes da hora.

CAROBA -Sim, D. Margarida, mas...

MARGARIDA - Não admito discussão. É isso e é isso mesmo.Prepare-se,porque na hora eu lhe dou o vestido e você vai a entrevista. (Saindo)

CAROBA -Mas é claro que vou a entrevista, se meu plano todo era êsse. (Pinhão entra)

PINHÃO - Que historia é essa ? è a entrevista que o patrão marcou com D. Margarida ?

CAROBA - É eu vou no lugar dela.

PINHAO - Eu não quero você com o patrão aqui de jeito nenhum. Aquilo é um viuvo sonso dos seicentos diabos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 27

CAROBA - Espere lá. Pinhão, você não entendeu nada.

PINHÃO - Não entendi nem quero entender, está ouvindo ? Você foi ao hotel falar com êle.

CAROBA - Fui, e então ? Precisava esclarecer certas coisas e fui.

PINHÃO - E por que não me disse que ia ?

CAROBA - Ainda mais essa.

PINHÃO - Você foi para falar sôbre a entrevista ?

CAROBA - Fui.

PINHÃO - E vai a essa entrevista com êle, de noite ?

CAROBA - Vou.

PINHÃO - Vai como ?

CAROBA - Vou do jeito que entender.

PINHÃO - Pois quero lhe dizer logo que essa entrevista ou eu, está ouvindo ? Trate de escolher.

CAROBA - Já escolhi.

PINHÃO - Quem ganhou ? • Dá um passo e fica junto a Caroba

CAROBA - A entrevista. Você quer mandar em mim, é, Pinhão ? Que desconfiança é essa, se nunca lhe dei motivo ? Vou e é quer você - queira , quer não.

Sai batendo pela porta da rua.

PINHÃO - Pois adeus, Caroba. Quem gosta de dormente, é o trem. (Sai).

CAROBA - (chora). Essa é boa, ninguem deixa eu falar e haja todo mundo contra mim. (Entra Benona).

BENONA - Caroba, estava precisando falar com você. Que é isso ? Que é que você tem?

CAROBA - Cada um sabe de si e de suas agonias, D. Benona.

BENONA - É verdade, Caroba. Eu mesmo, tão contente que estava e começo a ficar inquieta.

CAROBA - Inquieta ? Por que ?

BENONA - É Eudoro, Caroba. Achei Eudoro tão esquisito para uma pessoa que veio reatar um noivado interrompido.

CAROBA - É o tempo que passou D. Benona.

BENONA - Você acha ?

CAROBA - Não tenha dúvida, êle continua no mesmo entusiasmo. Chegou - até a pedir que eu arranjasse uma entrevsita dele com a senhora:

BENONA - Uma entrevista ? Quando ?

CAROBA - A noite, quando o povo estiver dormindo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 28

BENONA - E se alguem acordar ?

CAROBA - A senhora vem disfarçada. Veste um vestido de D. Margarida. Se alguem acordar,a senhora faz que é ela, que veio rezar,e ninguem desconfia. De noite é fácil.

BENONA - E como é que eu vou arranjar o vestido de Margarida ?

CAROBA - Pode deixar que disso eu me encarrego. Depois do jantar,deixo a porta destrancada e Seu Eudoro vem. Quando tudo estiver preparado, canto como gia, entrego o vestido e a senhora fala com êle.

BENONA -Foi êle quem pediu isso ?

CAROBA - Foi.

BENONA - Então eu vou.

CAROBA - Mas, não vá falar com êle sôbre isso, antes. Alguem pode ouvir e vai tudo dágua abaixo.

BENONA - Não tenha cuidado, ninguem vai entender nada. Pinhão encomendou o jantar ?

CAROBA - Encomendou, já chegaram alguns dos pratos.

BENONA - Então vamos ajeitar tudo, porque o noivo chega já. (Saem)

DODO - Margarida...Pinhão, Que há ?

PINHÃO - Nada, Seu Dodó. Fui eu que peguei uma briga com Caroba e vinha fazer as pazes.

DODÓ - Eu tambem peguei uma com Margarida e vinha para isso mesmo, Pinhão.

PINHÃO - Terá sido um negócio de uma entrevista, Seu Dodó?

DODÓ - Foi, Pinhão.

PINHÃO - Eu fiquei danado porque Caroba disse que ia no lugar de D. Margarida.

DODÓ - Como, se Margarida me disse aqui que ia ?

PINHÃO - Pois, então já que seu pai marcou com as duas, Seu Dodó.

DODÓ - Você o que acha dessa entrevista, Pinhão ?

PINHÃO - Seu Dodó, de sua noiva quem sabe é o senhor, mas a minha, eu não quero que vá de jeito nenhum.

DODÓ - Aí há alguma coisa Pinhão. Tôdas duas deram de repente para querer ir à entrevsita. Que será ?

PINHÃO - Eu sei lá, Seu Dodó.

 BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 29

DODÓ - Não custa nada esclarecer, não é ? Vamos fazer o seguinte: quando Caroba abriri a porta, a gente vem antes e se esconde aqui. Assim, assiste-se à entrevista e pode-se saber afinal de contas o que é isso. Está certo?

PINHAO - Está, Seu Dodó.

DODÓ - E o jantar ? você arranjou tudo?

PINHAO - Arranjei, os pratos começaram a chegar.

DODO - Chegaram uns homens aí fora.

PINHÃO - São dois empregados do hotel, certamente vêm com a porca. Arranjei uma porca assada para nós.

DODÓ - Então, pelo menos hoje se tira a barriga da miséria. Estou aqui há dois meses, é a segunda vez que vou comer de noite. Vá receber a porca.

PINHÃO - (gritando) É a porca? Levem lá por trás, nossa alegria hoje é essa porca. É a porca ? (EURICÃO ENTRA TRANSTORNADO).

Dodó empunhando faca para ameaçando Euricão.

EURICÃO - Ai, a porca. Pega, pega o ladrão. (SAI) Pega, pega o ladrão. Assassino, ladrão.

DODO - O que é isso, Seu Euricão ? Que é isso Pinhão ? Guarde isso imediatamente.

EURICÃO - Não deixe êle assim, quero mesmo que a polícia veja, Pega , pega o ladrão. Vou denunciá-lo à polícia.

PINHÃO - Por que ?

EURICÃO - Porque você anda com uma faca.

PINHÃO - Aqui todo mundo anda.

EURICÃO - Mas você me ameaçou.

PINHÃO - Ameacei para não apanhar, Deu Dodó é testemunha.

EURICÃO - Dodó não é testemunha de coisa nenhuma, que o patrão dele sou eu.

PINHão - Por que o senhor deu em mim ?

EURICÃO - Aânda pergunta? Quer mais ?

PINHÃO - Venha.

EURICÃO - Que é que você veio fazer em minha casa sem minha ordem?

PINHÃO - Vim trazer o jantar que o senhor encomendou.

EURICÃO -E é de sua conta que se coma ou não se coma em minha casa ? Você é meu pai ?

PINHÂI - O que eu quero saber, é se é para trazer o jantar ou não.

 BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 30

EURICÃO - E eu, ó que quero saber, é se minha casa se salvará?

PINHÃO - E eu, o que quero é me salvar com minha porca.

P. L. - TRIBUNAL FEDERAL DE RECURSOS

EURICÃO - Com a porca ? Ai, ai, minha porca. Ai minha porca, pelo amor de Deus.Santo Antonio, Santo Antônio. Saiam, saiam daqui imediatamente. Entrem, aí que eu vou trancar vocês dois, seu ladrões. Seus criminosos. Entrem já. (vai trancálos arrepende-se)

EURICÃO - Não, não entra ninguem. Fiquem de costas, todos dois. Tapem os olhos com as mãos. Já Se tirarem as maõs, denuncio - vocês dois a Madeira Rangel como ladrões de cavalo. Fiquem aí. Não se virem. Olhe a denuncia, boto todos dois na cadeia.Você se virou, Dodó ?

DODÓ - Não, Seu Euricão.

EURICÃO - E você, ladrão ?

PINHÃO - Sou eu, é ?

EURICÃO - Quem mais havia de ser ? Você se virou ?

PINHÃO - Eu não.

EURICÃO - Fiquem como estavam, não se virem. (Entra e volta aliviado). Está bem podem se virar. Que foi que houve aquí ?

DODÓ - Nada.

EURICÃO - Ouvi êsse tal de Pinhão gritar.

PINHÃO - E eu gritei mesmo, Seu Euricão.

EURICÃO - O que foi que você gritou ?

PINHÃO - Gritei pela porca.

EURICÃO - Está vendo, ladrão ? È um ladrão, um criminoso, um bandido que quer sugar meu sangue. O que é que você quer com minha porca?

PINHÃO - Quero comer, Seu Euricão.

EURICÃO - Comer ?

PINHÃO - Sim, comer, a porca que Seu Dadá mandou para o jantar e que - chegou agora.

EURICÃO - A porca ? O Jantar (disfarçando). Ah sim, naturalmente, a porca. Assada ou cosida Pinhão?

PINHÃO - Eu sei lá.

EURICÃO - Está bem, o certo é que é preciso cuidado. Todo cuidado é pouco, Santo Antônio, todo cuidado é pouco. E antes que me engane, é melhor eu me certificar. Saiam. Se não existir essa - porca mesmo, vou fazer a denúncia e o Cabo Rangel prende você

 BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 31

como ladrão de cavalo. (Sai).

PINHÃO - O senhor entendeu alguma coisa, Seu Dodó ?

DODO - Isso é um louco. Você não imagina até onde vai a avareza dele. Desde que estou aqui, só se comeu à noite uma vez. E êle exige que a gente pague a refeição, porque acha que mais de uma refeição por dia é luxo.

PINHÃO - E quem não tem para pagar, como Caroba ?

DODÓ - De quem não paga, êle desconta o preço no ordenado.

PINHÃO - Aí é que quero saber como. Ela me disse que desde que chegou aqui ainda não recebeu um tostão.

DODO - O golpe é êsse. Deu o primeiro jantar, cobrou o preço. Caroba não pôde pagar porque não tinha recebido ordenado. Agora quan Caroba cobra o ordenado, êle diz que ela primeiro pague o jantar. Como Caroba não tem o dinheiro, não paga. Assim, por conta do jantar que êle dá cada mês, economiza o salário dos empregados.

PINHÃO - Que ladrão.

DODO - Não é ladrão não, Pinhão, é louco.

PINHÃO - Seu Dodó, eu so acredito que uma pessoa é doida quando ela começa a rasgar dinheiro. Com fama de doido zé sabido enriqueceu.

DODO - A felicidade nossa é que deixei um rapaz no Recife recebendo a mesada que meu pai me manda e êle remete o dinheiro pelo correio. É assim que vamos passando, eu e Caroba. Mas já estou farto, ficando cansado de ter que suportar a loucura dêsse arabe, êsses fingimentos, essas mentiras, êstes disfarces...Sabe de uma coisa, Pinhão ? Não estou mais disposto a suportar isso e vou descobrir tudo.

PINHÃO - Seu Dodó. (Dodo tira os disfarces (Entra Caroba e Margarida E Eudoro)

CAROBA - Venha por aqui,Seu Eudoro. (Pinhão mostra Dodo sem disfarces)

DODO - Margarida...

CAROBA - Ai. Um ladrão.

DODO - Um ladrão ?

EUDORO - Um ladrão ?

CAROBA - Um ladrão., Seu Eudoro, Ai , o ladrão. (empurra Eudoro).

DODO - Pega. Pega o ladrão.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 32

PINHÃO - Seu dodó. Seu dodó. (sai correndo). Onde está êle?

MARGARIDA - (entrando) Não sei. Ave Maria, Pinhão, veja se pega o Dodó e avisa a êle.

PINHÃO - E a senhora, veja se leva Seu Eudoro para a outra sala.

MARGARIDA - Está bem, vá por lá que eu vou por cá.(Sae, entra Eudoro e Dodó virando-se um para o outro evitando que se vejam).

EUDORO - Escondeu-se. Será que está por aquí ?

DODÓ - Não vi nada, é melhor voltar. (dois se voltam grito de susto)

EUDORO - Ai, o ladrão.

DODÓ - Ai. (Eudoro agarra Dodó pelo pescoço).

EUDORO - Caroba, Pinhão. Agarrei. Peguei o ladrão.

PINHÃO - Ah. ladrão safado.

MARGARIDA - Ah. Bandido. Bote a barba, Dodó.

PINHÃo - Ladrão da peste.

MARGARIDA - Ladrão safado.

CAROBA - Ladrão, ladrão safado.

BENONA - Que é isso, Caroba ? ue é isso ?

EUDORO - Espere aí, sou eu, Caroba.

CAROBA - Eu o quê safado. Roubando a saca do meu patrão. (da-lhe socos)

BENONA - Caroba, você está doida ?

CAROBA - É o ladrão, D. Benona. Ah. ladrão safado...

EUDORO - Caroba. Sou eu, Caroba.

DODO - Esperem, sou eu. ue ladrão que nada.

PINHÃO - Era o senhor, Seu Dodó?

CAROBA - Espere,é o senhor, Seu Eudoro ,

EUDORO - Claro que sou eu, criatura. Você está doida ? ue confusão é essa ?

CAROBA - É seu Dodó Boca-da Noite com essa cara de fantasma, assombr ando a gente. Fui entrando, pensei que era um ladrão.

EUDORO - Pois trate de olhar em quem dá, está ouvindo ? Está me achando com cara de ladr*ão ?

BENONA - Ladrão pode não ser, mas é um atevidinho. Um bandido.

EUDORO - Eu ?

BENONA - Sim, depois de certas coisas que ouvi, estou considerando você um ladrãosinho bem perigoso.

EUDORO - Eu Benona ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 33

BENONA - Sim, você atrevido. Seu atrevidinho, seu moleque audacioso.

EUDORO - Minha senhora...

BENONA - Minha senhora o quê, malandro . Planeja suas historias e depois vem com fingimento. Mas eu concordei de todo coração e quero que você saiba que a noiva estará presente.

EUDORO - Estará presente onde ?

BENONA - Olhe a inocência dele. Que fingido, que malandro.

EUDORO - Malandro, eu ? Por que ?

BENONA - Ora porque. Marca suas entrevistas, vem com suas audacias e depois ainda se admira quando a gente o chama de malandro.

EUDORO - Ai e você sabe ?

CAROBA - Sabe, Seu Eudoro, ela sabe de tudo, mas felizmente fêz uma exceção e está inteiramente de acôrdo, eu consegui convencê-la, não foi D. Benona ?

BENONA - Foi, ora se foi.

CAROBA - Vamos saindo para o jantar ?

EUDORO - Mas tinham me dito que você era tão severa.

BENONA - Com os outros, com você nunca mais. Quero recuperar...

MARGARIDA - Pega o ladrão.

PINHÃO - Pega. Pega o ladrão.

BENONA - Ai, socôrro, Eudoro. (abraça-se com êle).

EUDORO - Não vejo ladrão nenhum, que negocio é êsse ? Vocês estão loucos ? Quem foi que gritou ?

MARGARIDA - Eu, mas não estava gritando por ladrão nenhum. Estava somente me lembrando de ainda agora. Foi tão engraçado.

CAROBA - Eu vinha entrando, vi Seu Dodó e de repente gritei. Pega o ladrão. Foi tão engraçado. (EUDORO permanece de cara fechada.)

PINHÃO - Foi. Caroba vinha entrando, viu Seu Dodó e gritou "Pega o ladrão". Foi tão engraçado.

DODO - Eu vinha entrando. Caroba me viu e gritou. Pega o ladrão. Foi tão engraçado.

BENONA - Que coisa. Caroba vinha entrando, avistou Dodó e gritou. Pega o ladrão. Foi tão engraçado. (EUDORO NÃO RI)

CAROBA - Pega o ladrão. Foi tão engraçado. Vamos ? Ai meu Deus, eu hoje estufo de tanto riri. (SAE EMPURRANDO TODO MUNDO).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 34

EURICÃO - Ai, ai, meu Deus. Pega, pega o ladrão. Estão me roubando. (Pinhão se esconde Euricão entra)
Ai, um ladrão. Quem foi? Onde está ? Pega, pega. Santo Antonio, Santo Antonio, que diabo de proteção é essa? Ouvi-gritar."Pega ladrão. Ai,a porca, ai meu sangue, ai minha-vida, ai minha porquinha do coração. Levaram, roubaram.Ai não, está lá graças a Deus. Que terá havido, minha Nossa-Senhora ? Serão desconfiado porque tirei a porca do lugar? Deve ter sido isso, desconfiaram e começaram a rondar para furtá-la. É melhor deixá-la aqui mesmo, à vista de todos,-assim ninguem lhedará importância. Ou não ? Que é que eu fça, Santo Antonio? Deixo a porca lá ou trago-a para aqui, sob sua proteção ? Desde que ela saiu daqui que começaram as ameaças. É melhor trazê-la. Com a capa, porque alguem pode aparecer. Santo Antônio, faça com que não apareça ninguem. Não deixe ninguem entrar aqui. Vou buscar minha porquinha, mas não quero ninguem aqui. (Entra no sácavão.) Santo Antônio, que safadeza é essa ? Isso é coisa que se faça ? (EUDORO ENTRA)

EUDORO - Euricão, não repare eu dizer isso, mas você podia ter se vestido melhor para o jantar.

EURICÃO - A aparencia depende da fortuna e a fortuna depende do que se tem. Eu não tenho nada. Os ricos, como você, é que têm essas obrigações. Os pobres, como eu, não.

EUDORO - Nada, não há quem me convença de que você é tão pobre como - vive dizendo. Vá ver que com essa cara e com essa modéstia, - tem, no mínimo, um botija escondida.

EURICÃO - Ai.

EUDORO - Que é ?

EURICÃO - Ora o que é ? Você vem com suas insinuações e depois se admira.

EUDORO - Mas foi uma brincadeira, Eurico.

EURICÃO - Não gosto dessa qualidade de brincadeira.

EUDRO - Está bem, desculpe. Afinal de contas, eu vou entrar na família e posso me permitir certas intimidades.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 35

EURICÃO - Por falar nisso, você pode me emprestar logo os vinte contos de que lhe falei. Preciso deles para fazer a festa, porque sozinho não vou poder enfrentar essa despesa.

EUDORO - Está bem, no jantar, trataremos disso.

EURICÃO - No jantar, não. No jantar a gente começa a comer, a beber, o coração afraca, a vontade se abranda, o tempo vai passando, daqui a pouco a oportunidade tem passado. Você quer casar ou não quer ?

EUDORO = Quero.

EURICÃO - Com festa ou sem festa ?

EUDORO - Bem, alguns amigos daqui, a gente tem de convidar.

EURICÃO - Então passe os vinte contos. Agora. Já.

EUDORO - E quem lhe disse que eu tenho os vinte contos aquí ?

EURICÃO - Você pode me dar um vale e eu vou receber o dinheiro no armazem que compra seu algodão.

EURICO - Mas Eurico...

EURICÃO - Tem papel e caneta ai. Faça o vale.

EUDORO - Eu...Está bem, vou fazer. Está ai.

EURICÃO - Obrigado, obrigado, obrigado. Agora sinto-me seguro. Grande coisa é o dinheiro.

EUDORO - É verdade. Que é isso ?

EURICÃO - Isso o que ?

EUDORO - Você está com alguma coisa em baixo da capa ?

EURICÃO - Saia daí.

EUDORO - Meu Deus, que homem mais esquisito.

EURICÃO - Você não tem nada que me cotucar, atrás do que eu carrego.

EUDORO - E eu sabia 1-á que era segredo ?

EURICÃO - Segredo o que ? Quem vive escondendo o que tem, são os ricos como você. O que eu trago aqui é somente uma cervejinha para o jantar.

EUDORO - Ah. Eurico, que delicadeza a sua. Uma cervejinha agora, depois dessa caminhada. Está gelada ?

EURICÃO - Ai. Vá pra lá.

EUDORO - Que é isso, homem ? Quero somente ver a cerveja.

EURICÃO - Vá pra lá, vá pra lá, pelo amor de Deus. Tenho horror a mostrar a cerveja que vou beber.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 36

EUDORO - Por que, homem de Deus ?

EURICÃO - Porque não gosto, pronto. É uma esquisitice minha. Não gosto de mostrar cerveja. É proibido ter esquisitice, é ?

EUDORO - Não.

EURICÃO - Então pronto, vá esperar o jantar na sala.

EUDORO - Está bem. Que homem mais esquisito minha nossa Senhora. (sai)

EURICÃO - Foi-se, com todos os diabos. Pronto, a porca fica aqui agora Aqui, Santo Antonio, servindo de suporte a sua imagem. Fica sob sua proteção, meu santo, estou arrependido de tudo o que disse. Ai, meu Deus, o santo ou a porca ? Os dois, Não há necessidade de escolher, fico com os dois. Ouvi dizer que você era cabo do exercito brasileiro: fique aí como cabo de dia, guardando o que é meu. Vou lhe confiar o que não confiaria mais nem a minha mãe. Mas veja como corresponde a esta confiança. Está aí confiei em você: retribua agora, dando-me tôda a sua proteção. (Sai Pinhão sai do esconderejo).

PINHÃO - Ah, Santo Antônio, não dê mais proteção a êle do que a mim. O que é que há aquí ? É essa porca que êle defende con tanta raiva ? Por que êsse cuidado todo ? Quero apurar tudo isso direitinho, Santo Antonio, porque esse peste não pode ter êsse amor todo por uma porca só porque ela pertenceu ao avô dele. Esclareça tudo, Santo Antonio. Esclareça que eu... (vendo Eurição) Se o senhor me esclarecer...Ai, esclareça, meu Santo Antonio, esclareça um pobre pecador, um orfão que não tem ninguem por êle. Que o aproveitar e rezar pela segurança e pela salvação de tôdas as pessoas que me protegem e protegem Caroba. Seu Eudoro Vicente, aquele santo, Seu Euricão Arábe, aquele outro santo, a irmã de Seu Euricão, aquela santa, a filha de Seu Euricão aquela santinha...

EURICÃO - Pra fora. Pra fora daqui conversador. Que devoção foi essa que lhe deu de repente ? Você pensa que me engana, mas eu sei quem é você. E agora você me paga. (SEGURA-O PELO PESCOÇO).

PINHÃO - Mas afinal, que diabo é isso ? A todo instante é pancada, esbregue, bofete, o diabo. Que é que diabo o senhor tem?

EURICÃO - O que é que tenho, é ? E o que é que você tem com isso, seu ladrão ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 37

PINHÃO - Mas ladrão por que? O que foi que eu roubei ?

EURICÃO - Bote já aí, ponha já aí.

PINHÃO - O senhor pensa que eu sou alguma galinha ? O que é que eu posso botar, o que é que eu posso pôr, o que é que o senhor quer?

EURICÃO - Você não sabe.

PINHÃO - Como é que eu posso saber, se não tirei nada ?

EURICÃO - Você não tirou porque não pode. Mas tenho certeza de que você tem. Que é isso ? Está com as mãos para trás ? Mostre a mão - direita.

PINHÃO - Veja

EURICÃO - Agora, a esquerda.

PINHÃO - Veja.

EURICÃO - Mostrou a primeira ?

PINHÃO - Mostrei.

EURICÃO - E a segunda ?

PINHÃO - Mostrei.

EURICÃO - Mostre a terceira.

PINHÃO - O senhor está é doido.

EURICÃO - Estou mesmo, porque o que eu devia era ter dado um tiro. E é o que hei de fazer se você não confessar.

PINHÃO - Mas confessar o que ?

EURICÃO - Que foi que você tirou daqui ?

PINHÃO - Santo Antonio me cegue se eu tirei alguam coisa.

EURICÃO - Sacuda o paeletó.

PINHÃO - A vontade.

EURICÃO - É capaz de estar no fundo das calças.

PINHÃO - Quer ver ?

EURICÃO - É, você está rindo para eu pensar que você é de confiança cheio de boas intenções. Mas eu conheço suas manhas. Mostre outra vez a mão direita.

PINHÃO - Tome.

EURICÃO - Agora a esquerda.

PINHÃO - Veja logo as duas.

EURICÃO - Agora me dê aquilo.

PIJHÃO - Aquilo o quê ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 38

EURICÃO - Ra, ra, Você gosta de brincar, mas tenho certeza de que você tem.

PINHÃO - Eu tenho ? Tenho o quê ?

EURICÃO - Ah, isso é o que eu não digo. Queria saber heim? Está bem saia. Afinal de contas, já o revistei todo. Fora daqui. E que Santo Antonio lhe cegue os olhos e lhe dê paralisia nos dois braços e nas duas pernas duma vez.

PINHÃO - É muita bondade sua.

EURICÃO - Fora, fora daqui. (PINHÃO FAZ QUE SAI E VOLTA POR OUTRO LADDO). Vai ou não vai?

PINHÃO - (dando meia volta.) Vou. (mesmo movimento).

EURICÃO - Não quero mais vê-lo. (SAEM CORRENDO). (EURICÃO VOLTA). Ah, agora estou só, Estará escondido ? O quarto está vazio. E aqui ? Ninguem, Agora, nos Santo Antonio. Isso é coisa que se faça ? Pensei que podia confiar em sua proteção mas ela me - traiu. Você que dizer ser o santo mais achador. É isso Santo António é achador e está ajudando a achar a porca. Eu devia ter me pegado era com um santo perdedor. Agora não deixo mais meu dinheiro aqui de jeito nenhum. O cemiterio da igreja. è aqui perto e é lugar seguro. Entre o tumulo de minha mulher e o muro, há um socavão. é lá que gaurdarei meu tesouro. Prefiro a companhia dos mortos a dos vivos, a ali minha porcar ficará em segurança. Com mêdo dos mortos, os vivos não irão lá e os mortos não desejam mais nada, não têm mais nenhum sonho a realizar, nenhuma desgraça a remediar. Ao cemitério. Escondo a porca no socavão e à noite, quando todos estiverem dormindo* cavo a terra e hei de enterrá-lo o mais fundo que puder. E você Santo Antonio, fique-se aí com sua proteção e seu poder de encontrar. Lá, meu ouro, meu sangue, estará em segurança: o mundo dos mortos é mais tranquilo, e, diga, o que disserem os idiotas, lá é o lugar em que se perde tudo e não se acha nada. (PEGA A PORCA VAI SAIR ENTRA CAROBA ELE VOLTA) Não é possível, assim tambem é demais, meu Deus.

CAROBA - Ah, está ai, heim Seu Euricão ? Procurei-o por toda a parte O jantar demorou mas agora vai sair. O senhor deve estar com

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674. p 39

EURICÃO - Isso é que é um azar da peste.

CAROBA - Mas não se incomode não, essa barriga hoje se enche, mas ainda.

EURICÃO - Ai. Vá pra lá. Diabo de mulher enxerida.

CAROBA - Que é isso Seu Euricão ? Parece até que o senhor andou engolindo cobra.

EURICÃO - Engole-Cobra é a mãe. Vá pra lá.

CAROBA - Calma, calma. Que é que há por aqui? De capa todo misterioso, antes do jantar ? Para onde é que se bota ?

EURICÃO - Para a casa da mãe.

CAROBA - Ra, ra, que é que o senhor está escondendo aí nesse bucho?

EURICÃO - Ai, ai, ladrona, assassina. Ai. (Sai correndo).

CAROBA - Está doido o diabo do velho. (PINHÃO SAI DO QUARTO).

PINHÃO - Doido é ? E você que intimidade com êle é essa ? Estava disposto a lhe pedir desculpas, mas agora mantenho o que disse. Que diabo de intimidade com o velho é essa ?

CAROBA - Mas Pinhão, um velho daquêle ?

PINHÃO - É. É um velho mas não gosto de mulher que bate no bucho dos outros não. Boa romaria faz quem em sua casa fica em paz.

CAROBA - não me venha com ditado, agora.

PINHÃO - É não me venha com ditado, mas seguro morreu de velho e desconfiado ainda está vivo. Fico de testa limpa.

CAROBA - Você quer saber do que mais Pinhão? Vá se danar. Eu comecei a lhe dar muito valor, você ficou convencido demais. Dê o fora Eu tambem ia lhe explicar tudo sôbre a entrevista, mas se você vem com essa desconfiança de minuto em minuto, pode se danar. Dou-lhe somente uma lição. brinco com o velho Euricão, - porque gosto dele, está ouvindo ? Com tôda a avareza, com toda a ruindade ea as manias, é um dos homens mais sofredores que conheço. Nada na vida dele deu certo, casou-se, a mulher o deixou e toda a esperança dele agora é essa filha que nos lhe vamos tirar. Por isso e muitas coisas mais, tenho pena do velho Euricão, de quem ninguem gosta. Queria lhe dizer isso. Mas não para me justificar, pode ir para o inferno, com sua mania de mandar e sua desconfiança.

PINHÃO - Mas caroba.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 40

CAROBA - Vá se danar, Pinhão.

PINHÃO - Está bem, depois naõ se arrependa. Você não sabe o que está perdendo, principalmente agora.

CAROBA - Por que principalmente agora ?

PINHÃO - Por causa de tudo o que eu agora sei, dos lugares, dos planos, dos sonhos e dos desejos dêsse velho com quem você está estragando sua compaixão.

CAROBA - Que é que você quer dizer ?

PINHÃO - Nada.

CAROBA - Que é que você sabe ?

PINHÃO - Nada.

CAROBA - Ai, Pinhão me diga.

PINHÃO - Não posso, estou sem tempo e sem vontade.

CAROBA - O que é que você vai fazer, Pinhão ?

PINHÃO - Vou me danar, Caroba. Adeus. (Sai Caroba). Pois sim, Disse o velho que o sangue dele está em segurança e o mundo dos mortos é um mundo tranquilo. Mas não há sangue que não se possa derramar e há mortos que ressuscitam. Ao cemitério. Desta vez eu enriqueço, nem que seja às custas de minha caveira.

Sai pela porta da rua. PANO.

• de frente p/ o público.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 41

TERCEIRO ATO

EURICAO - Meu caro Eudoro, espero que o jantar lhe tenha agradado.

EUDORO - Muito, Eurico, muito. Se não fôsse pelo jantar, a companhia...

BENONA - Sempre delicado.

EURICAO - Infelizmente tenho que me recolher. Não tome isso como uma desatenção, é um velho hábito.

EUDORO - Desatenção nenhuma, Eurico, eu também durmo cedo. E mesmo, Benona está aqui.

EURICAO - Ah, é assim, hein? Você tem razão, ela fará as honras da casa muito melhor do que eu. Mas vocês não demorem muito tempo aqui.

BENONA - Não seja tão severo, Eurico.

EURICAO - Todo cuidado é pouco, todo cuidado é pouco.

EUDORO - Mas sendo eu noivo...

EURICAO - Mesmo assim, Eudoro, mesmo assim. Até amanhã. Euricão Arâbe dorme hoje tranquilo, finalmente livre da tirania dêsse santo sem confiança, que ia causando minha perdição.

BENONA - Não diga isso, meu irmão.

EURICAO - Digo, minha irmã, digo porque é verdade. Eu vou esperá-la, venha arrumar meus lençois, como sempre fêz desde que minha mulher... desde que comecei a precisar de Santo Antonio. Não demore muito, eu a chamarei. Boa noite, Eudoro.

EUDORO - Boa noite, Eurico. (EURICAO SAI).

EUDORO - O que foi que êle quis dizer ? Quando disse que começou a precisar de Santo Antonio ?

BENONA - Foi quando a mulher dele nos deixou. Você ainda se lembra dela ?

EUDORO - Quando comecei a frequentar sua casa ela já tinha fugido.

BENONA - É verdade, foi no começo do nosso namoro.

EUDORO - Para que falar mais nisso ? Você mesma não disse que tudo estava enterrado?

BENONA - É verdade, mas com o que aconteceu hoje...

EUDODO - Muitas voltas o mundo dá.

BENONA - Mas é por isso mesmo que não me incomodo de tocar nessas coisas. Em outras circunstâncias, era um assunto muito doloroso paramim. Mas agora...

EUDORO - É talvez você tenha razão. É melhor do que ficar com essas histórias pendendo eternamente entre nos. Se as circunstâncias tivessem

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0674, p. 42

sido outras...

BENONA - Reconheço que a maior parte da culpa foi minha. Mas eu era tão moça, tão sem conhecimento das coisas Eudoro. Você se lembra - da noite que passei em sua fazenda com Eurico ?

EUDORO - Como havia de não me lembrar ? Foi desde aquele dia que você me deixou. Por que aquilo, Benona ? Eu nunca pude me conformar com aquele silêncio, de repente, sem um explicação.

BENONA - Eu era muito moça, Eudoro. Eurico não me deixava sair para lugar nenhum, eu não conhecia o mundo, não conhecia você direito, nada. Bem, naquela noite em sua casa...Você sabe o que foi, fiquei com mêdo de você.

EUDORO - Mas Benona, foi só por causa daquilo ? E você por tão pouco estragar nosso casamento. Seu eu soubesse, teria vindo e falado de tal maneira, que você me perdoaria e teria talvez casado comigo.

BENONA - Ah. Eudoro, é verdade ?

EUDORO - E você não me dar uma explicação, me deixar no engano de que era algum empecilho de sua parte, mesmo.

VOZ DE EURICÃO - Benona.

BENONA - É eurico, tenho que ir. Até mais tarde, Eudoro.

EUDORO - Até amanhã, Benona.

BENONA - Até amanhã. É verdade, você tem razão, é mais prudente dizer assim.

V.EURICÃO - Benona. Benona:

BENONA - Já vou. Até amanhã, então fingido. (SAI CAROBA ENTRA)

CAROBA - Seu Eudoro.

EUDORO - Caroba. Eu já vou. Está combinado ? Margarida sabe de tudo ?

CAROBA - Sabe e está de acôrdo.

EURICÃO - Caroba, tranque as portas, a rua está cheia de ladrões.

CAROBA - Está certo, Seu Euricão, vou trancar tudo. Vou trancar as portas e depois destrancar uma, é por essa que o senhor volta.

EUDORO - Você esperará também ?

CAROBA - Eu ? Por que eu ? Quem vai esperá-lo é gente muito melhor do que eu. Por aqui, Seu Eudoro. Volte e não tenha cuidado, que tudo vai dar certo mais do que o senhor imagina. (EUDORO SAI).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0624, p 43

MARGARIDA - Por que você não aproveitou a deixa da desistência, mulher ?

CAROBA - Mas logo agora que tudo vai dar certo ?

MARGARIDA - Não suporto mais essas agonias de jeito nenhum. Que jantar - mais angustiado. De vez em quando Tia Benona dizia uma frase perigosa, papai outra...Eu via a hora se descobrir tudo.Será que esta historia vai dar certo Caroba ?

CAROBA - O casamento de Seu Eudoro com D. Benona, dando, o resto vem na esteira, o seu com Seu Dodó, e até o meu com o moleque - Pinhão.

MARGARIDA - Você gosta muito dele, não Caroba ?

CAROBA - Gosto, D. Margarida. Agora, porque, nãosei, porque aquilo é safado que fede. Mas hoje êle vai me pagar o novo e o velho. A senhora trouxe o vestido ?

MARGARIDA - Trouxe, tome. Tome e assuma a responsabilidade. Se essa con* fusão tôda acabar meu casamento, você me paga. Eu me vingo de você.

CAROBA - Danou-se, D. Margarida.

MARGARIDA - Depois não diga que não xxx avisei, está ouvindo? Passe bem, Caroba. Espero que tudo dê certo, tanto no meu interesse como no seu.

CAROBA - Espere, D. Margarida. É melhor eu trancá-la. Nõa tenho confiança em nenhum homem nesse mundo e muito menos em Seu Eudoro. A senhora não viu o que ia acontecendo com D. Benona ? Entre que eu trancarei a porta.

MARGARIDA - Está bem. (Entra Caroba fecha a porta).

CAROBA - O negócio começa a caminhar. Mas, meu Deus, a confusão vai ser a maior do mundo. O vestido, aqui. (esconde-o). Falta alguma coisa, meu Deus ? Ah. sim a vítima. D. Benona. Crote, crote, D. Benona. (BENONA ENTRA).

BENONA - Carova. Ouvi o sinal. Então.?

CAROBA - Está tudo combinado. E Seu Euricão ?

BENONA - Dormindo como uma pedra.

CAROBA - D. Margarida também já se deitou.

BENONA - Mas consegiu o vestido dela ?

CAROBA - Ainda não, estava esperando exatamente que todo mundo adormeces

BENONA - Qual foi a combinação com Eudoro ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 44

P. J. — TRIBUNAL FEDERAL DE RECURSOS

CAROBA - A senhora fica em seu quarto. Eu vou escutar na porta de Seu Euricão, depois na de D. Margarida. Se êles estiverem agarrados no sono, eu tiro o vestido de D. Margarida e vou entregá-lo à senhora. Aí destranco a porta de entrada e fico esperando Seu Eudoro. Quando êle vier, canto cmo gia, chamo a senhora e desapareço.

BENONA - Mas, nao desapareça para muito longe não, está ouvindo, Caroba?

CAROBA - Estou, D. Benona, eu fico por perto. Se precisar, grite, que eu venho. Entre, se embeleze, trata Seu Eudoro com carinho e deixe o resto que eu garanto.

BENONA - Então eu vou. E que Santo Antonio nos proteja, Caroba.

CAROBA - Amem, D. Benona. (BENONA SAI).

CAROBA - Amém. D. Benona, porque bem precisadas andmos nisso. O que eu sei é se Santo Antonio vai querer se meter numa historia dessa. (esconde-se e troc de vestido). Será que vai, meu santo ? Acho que vai dar bem. Com a luz assim, com o cabelo ajeitado, estou uma D. Margarida bem apreciável. E agora, meu Deus ? (ABRE A PORTA). Até já Santo Antonio, e veja lá o que pode fazer por nós, Não estou metendo o senhor em molecagem não. Assim que Seu Eudoro entrar no quarto de D. Benona, eu dou o alarme e êle se compromete, a simples entrada no quarto basta. De modo que leve isso em conta e trate de me ajudar. (Sai entra Pinhão com saco de estopa.)

PINHÃO - Ô lirio, ô lirio, ô lirio
Ô lirio como é ?
Bom almoço, boa janta,
Boa ceia e bom café,
da roseira eu quero o galho
do craveiro eu quero o pé.
Agora, é assim, Santo Antônio, meu velho. "bom almoço, boa janta, boa ceia e bom café". Mas ali onde diz "da roseira eu quero o galho, do craveiro eu quero o pé, agora é assim. da porquinha eu quero as tripas, quero pá, cabeça e pé". Sou o homem mais rico do mundo, Santo Antonio, trate de me agradar de hoje em diante. Não há como um dia atrás do outro e uma noite no

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 45

meio. O velho Engole-Cobra, de tanto engolir cobra, terminou achando uma que engolisse. Ra,ra, Plantou o roçadinho dele,- mas quem arrancou o milho foi Pinhão.

VOS DE DODÓ-Pinhão é você?

PINHÃO -(trancando a porta) Calma lá, Seu Dodó. Deve ser Dodó! Seu Dodó o quê ? Deve ser Dodó, Dodó Boca da noite. Agora é assim.Espere lá, Dodó Boca da Noite. É melhor guardar o saco. (guarda no socavão.

DODÓ -(fora) Pinhão.

PINHÃO - Já vou, já vou. Dodó. Por causa de pressa morreu zé apressado. Você não perde por esperar. (Abre a porta e entra Dodó).

DODO - Então ?

PINHÃO - Então o quê ?

DODO - Vai tudo bem, Pinhão ?

PINHÃO - Vai tudo ótimo, Dodó.

DODO - Margarida apareceu ?

PINHÃO - Ai e ela agora deu para aparecer, feito alma, foi?

DODO - deixe de brincadeira, viu? Onde está Caroba?

PINHÃO - Eu vou lá perder meu tempo com o que essas mulheres andam fazendo?

DODO - O que é que você está dizendo, Pinhão ?

PINHÃO - Isso que você está ouvindo, Dodó.

DODO - Você bebeu ?

PINHÃO - nâo, mas comi.

DODO - Comeu o quê ?

PINHÃO - Porca.

DODO - Deve ter lhe feito mal, Pinhão.

PINHÃO - Pelo contrário, fêz um bem danado, Dodó.

DODO - Você pode me dizer o que foi que meteu na cabeça ?

PINHÃO - E você pode me dizer o que é que tem a ver com isso?

DODO - Você vai... Chi ouvi um barulho. Esconda-se é o velho. (FECHA POTA)

EURICÃO - Ai, terá sido pesadelo? Acordei com os fantasmas puxando meu pé, meu santo. Mas é preciso ir de qualquer modo, tenho que enterrar a porca. (Sai entra Dodo e Pinhão).

DODO - Entendeu alguma coisa ?

PINHÃO - Eu não lhe disse que êssse velho era maluco ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 46

Que diabo de porca será essa ?

PINHÃO - Alguma porca que fugiu dai do quintal.

DODÓ - E o velho Euricão tem lá nada para fugir homem?

PINHÃO - Então é capaz dele estar dormindo ainda. Além de tôdas as qualidades que possui, êsse peste ainda é sonânbulo.

DODO - Pinhão sinceramente, estou certo de que você tem alguma coisa. Você está doente.

PINHÃO - Agora sou eu quem digo: Cuidado. Vem gente ai e parece que é sua noiva. Ou melhor, sua madastra. Candidata a madastra, noiva de seu pai.

DODO - Esconda-se, idiota. (ESCONDE-SE)

CAROBA - Tudo pronto. Agora, só falta o noivo.

DODO - O noivo está aqui.

CAROBA - Seu Eudoro ?

DODO - Não sou eu, Margarida. Sou eu, que vim me certificar de sua traição.

CAROBA - Mas Seu dodó...

DODO - Não me chame assim, pelo amor de Deus.

CAROBA - O senhor não sabe de nada e veio foi atrapalhar tudo.

DODO - Tudo está esclarecido.

VOZ.EUDORO- Margarida.

CAROBA - Meu Deus, é seu pai. Que é que eu faço agora, meu Deus ? Com esta eu não contava. Entre aqui neste quarto, é o jeito.

DODO - Nunca. Vou ficar e contar tudo a meu pai.

CAROBA - Homem, quer saber do que mais? Entre e não converse mais não. FECHA DODO NO QUARTO) Santo Antonio,o senhor vai me desculpar mas foi um imprevisto. No quarto de D. Benona é que eu não podia empurrá-lo. Mas eu destranco já a porta.

VOZ EUDORO- Margarida.

CAROBA - Já vou, espere um pouco. Diabo de homem mais apressado. (BATE NO QUARTO DE BENONA). Tia Benona. Tia Benona. Crote, crote, crote, Tia Benona.

BENONA - Ave Maria, estive em tempo de me acabar de mêdo.

CAROBA - Não perca tempo, que o homem está ai.

BENONA - Meu Deus.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 47

CAROBA - Tome o vestido. Me dê o seu. Logo, mulher.

VOZ EUDORO- Margarida.

CAROBA - Já vou. Isto, agora, fique aí e espere. Me dê a chave do quarto.

BENONA - Pra quê ?

CAROBA - Não discutamais, mulher de Deus. Vou abrir.

BENONA - Está bem, mas não sai daí.

CAROBA - (trancando-a e trocando de vestido). Nossa Senhora, eu hoje estufo de tanto mudar vestido.

VOZ EUDORO- Como é Margarida ?

CAROBA -Espere, homem, espere. (Abre a porta.

EUDORO - Eu...Benona, é você ?

CAROBA - Sou, Eudoro.

EUDORO - Margarida...

CAROBA - Margarida está dormindo. Dorme o sono profundo de sua juventude, Eudoro. E eu vim esperá-lo, como fiz tantas vezes no tempo em que ainda nos amávamos.

EUDORO - Mas Benona, isso não fica bem.

CAROBA - Não fica bem, por quê ? Você está esquecido de tudo o que aconteceu ?

EUDORO - Você mesma disse que tudo aquilo estava morto e enterrado.

CAROBA - Você acha, Eudoro ? Então um amor como aquele pode morrer ? você pensa que eu não vi como estava preocupado quando saiu daqui ? Eu tambem saí com o coração sagrando, Eudoro.

EUDORO - Mas Benona...Mesmo que estivéssemos sentindo isso, agora, seria tarde. Estou noivo de sua sobrinha. Por que você não me disse tudo ? Agora, Margarida...

CAROBA - Deixe lá Margarida, homem de Deus. Você não vê o rídiculo em que vai cair ? Ela podia ser filha ~~em~~ sua, podia ser sua nora.

EUDORO - Pensei nisso, Benona, mas você não sabe como eu me sentia solitário. Agora, estou noivo.

BENONA - Que noivo que nada. Para mim, o que existe é nosso amor. Entre neste quarto.

EUDORO - Benona .

CAROBA - Que Benona que nada, entre e deixe de coversa.

EUDORO - Mas Benona, podem falar de nós.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 48

CAROBA - Falar o quê ? Que é que você está pensando ?Que eu vou tentar contra você o que que você tentou contra mim, é ? Eu sou uma mulher séria, Eudoro, incapaz de atentar contra os viúvos honestos.

EUDORO - Você é incomparável, Benona, como você nunca existirá outra.

CAROAB - Então entre. Entre e tudo se explicará.(CAROBA FECHA A PORTA)

CAROBA - Pronto, agora é chmar o velho. Do jeito que as coisas estão, ele terá que fazer os dois casamentos. E vamos logo, Santo Antônio, antes que seja tarde e aconteça alguma coisa, senão eu estou complicada com Nosso Senhor. (Pinhão sai do esconderijo).

PINHÃO - Que confusão mais danada é essa, meu santo? D. Margarida e D. Benona a trancar homens nos quartos. Aqui há alguma coisa.Vou tirar as chaves e ver se me aproveito da situação. Epa vem gente. (ESCONDE-SE ENTRA CAROBA COM VESTIDO DE BENONA).

CAROBA - Onde diabo o velho se meteu ? Vou abrir. Ai meu Deus onde estão as cheves ? Que é que faço, meu Santo Antonio ? O jeito é gritar que tem incendio. O povo corre e o velho vai ter que fazer os casamentos. Vou gritar é o jeito. Ou melhor tocar fôgo nas cortinas ? (PINHÃO SAI DO ESCONDERIJO)'

PINHÃO - D. Benona, eu...

CAROBA - Você o que safado. Que é que está fazendo em minha casa, espionando, de noite.

PINHÃO - Alto lá, veja como fala.Pensa que eu não ouvi sua conversa aqui com Seu Eudoro não, é ? Então a senhora se vira quando o povo dorme, heim ?

CAROBA - O quê, moleque ?

PINHÃO - É isso mesmo, D. Benona. Mas não precisa se zangar não, eu sou de toda confiança. Pode confiar em mim, por esta bôca ninguem saberá de nada. Acho perfeitamente natural que a senhora, que é livre e independente, queira se divertir um pouco. E se D. Benona não reparasse, eu até lhe dizia uma coisa.

CAROBA - Não reparo não Pinhão, pode dizer.

PINHÃO - A senhora pode já ter passado a primeira mocidade, mas eu lhe digo uma coisa. D. Benona, é nesse tempo que eu acho as mulheres mais bonitas. E a senhora pode não ser mais muito moça, mas é

 BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0674,p 49

enxuta que faz gôsto.

CAROBA - Ah. safado.

PINHÃO - A senhora não estava procurando as chaves ?

CAROBA - Estava.

PINHÃO - Eu tirei tôdas duas. Pelo que a senhora disse, elas são importantes. Assim, a gente podia fazer um acôrdo. Eu lhe dava as chaves e...A senhora não repare não, mas já que estamos aqui- e Seu Eudoro dormiu no ponto, a gente bem que podia...

CAROBA - Você está muito enganado. Eu estava deixando você falar, para ver até onde ia seu atrevimento. Mas vou gritar. Vou gritar e você var se arrepender da graça.

PINHÃO - Ai, a porca. Não grite não, D. Benona. Não grite não que eu - retiro o que disse. Tomes as chaves D. Benona.

CAROBA - As chaves ? Ah não, agora quem não quer as chaves sou eu. Vou chamar o delegado. Vou gritar.

PINHÃO - Pelo amor de Deus, não grite não. D. Benona.

CAROBA - Então venha para cá. Quero lhe dar uma surra por seu atrevimento

PINHÃO - Mas D. Benona, a senhora me interpretou mal.

CAROBA - Vou gritar.

PINHÃO - Ai não, eu vou.

CAROBA - Ajoelh-se. Isto. Agora tome. Tome, tome, e tome. Tome para deixar de ser safado. Um sujeito como você que devia dar graças a Deus por ter uma noiva como Caroba, com essas molecagens pa ra as senhoras de respeito. Tome safado.

PINHÃO -Ai, ai, ai, ai, D. Benona.

CAROBA - Vou parar. Mas cou por causa de Caroba, Está ouvindo ? Aquilo é uma santa, gosto tanto dela.

PINHÃO - Eu também, D. Benona.

CAROBA - Devia góstar mas safado. Você devia beijar os pés de Caroba todo dia, porque aquilo é uma santa. Agora fique aí. Eu vou chamá-la.

PINHÃO - Mas D. Benona, o que é que a senhora vai dizer a Caroba ?

CAROBA - Não tenha medo, sua sujeira fica em segredo. Você acha que iria magoar aquela moça maravilhosa que gosta de você não sei mesmo por que? Fique aí. Se não eu descubro tudo.

PINHÃO - Pode ficar descansada, eu daqui não saio.

CAROBA - Pois então eu vou chmar a santa.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 50

ATRÁS DO BIOMBO MUDA O VESTIDO).

PINHÃO - Ah. Arábe miserável. Em que diabo fui me meter, meu Deus ? Ia perdendo a porca por causa da mulher. Mas ela bem que valia a pena, sabe ? Pode não ser mais, muito moça, mas que está enxuta, isso está.

CAROBA - Muito bem, senhor meu noivo.

PINHÃO - Quem é? É Caroba ?

CAROBA - E que mais havia de ser canalha ? É este, miserável traidor. Olhe o cinismo dele. Moleque, canalha. Ouvi tudo, bandido. Eu estava aqui e vi tudo, sua molecagem com D. Benona Arábem seus enxerimentos, sua traição. E se ao menos tivesse coragem. Mas não, levou uma surra da arábe na minha frente, Essa você me - paga.

PINHÃO - Mas Caroba, eu...

CAROBA - Cale a boca bem caladinha, está ouvindo ? Porque agora vôcê - vai levar umas tapas.

PINHÃO - Eu, Mas Caroba.

CAROBA - Vai e sou eu que dou.

PINHÃO - Mas eu já levei a surra de D. Benona ?

CAROBA - Aquela foi a dela, agora se prepare que lá vai a minha.

PINHÃo - Ai, Caroba, ai Carobinha, Ai Carobinha do meu coração. (Beija-a)

CAROBA - Safado.

PINHÃO - Beleza.

CAROBA - Pinhão.

PINHÃO - Caroba. Agora podemos casar amanhã e você vai ser a mulher mais rica daqui.

CAROBA - Mentiroso. Ai, as chaves. (ABRE OS QUATOS).

MARGARIDA - Está vendo ? Está aberta. Graças a Deus. Você está zangado comigo, meu amôr ?

DODO - Não pelo contrário, vcce estava certa e eu fui quem perdi a cabeça.

MARGARIDA - e não vai me desprezar porque eu o repeli ?

DODO - Pelo contrário, cada vez aprendo a respeitá-la mais. Eu é que devo pedir perdão a você por ter me descontrolado.

MARGARIDA - Cuidado, vem alguem. Entre no quarto, ninguem deve vê-lo. (entra

Outro calado pega o saco e sai.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 52

DODO - Quem era ?

MARGARIDA - Era Pinhão, carregando um troço nas costas. Que é que êle terá vindo fazer aqui a essas horas ?

DODO - Veio comigo, vigiar Caroba. Eu e êle, com ciume, combinamos vir quando Caroba destrancasse a porta.

V.EURICÃO - Ai, ai.

DODO - Quem é ? Veja na janela.

MARGARIDA - É papai. Meu Deus êle viu tudo.

DODO - Por que você diz isso ?

MARGARIDA - Está com a cabeça encostada na janela de meu quarto, chorando. Certamente viu você no meu quarto. Meu Deus estou perdida.

DODO - Acalme-se, meu amor. Entre aqui comigo. Vamos ver se é possível apurar o que êle viu. Depois, a gente sai, fala com êle e explica tudo. (ESCONDEM-SE EURICÃO ENTRA).

EURICÃO - Ai, ai. Estou perdido, estou morto, fui assassinado. Para onde correr ? Para onde correr ? Pega, pega. Mas pegar a quem ? Não vejo nada, estou cego. Não sei mais para onde vou, não sei mais onde estou , não sei mais quem sou. Ah. dia infeliz, dia funesto, dia desgraçado. Que fazer agora da vida, tendo perdido, aquilo que eu guardava com tanto cuidado ? Roubei-me a mim próprio, furtei a minha alma. Agora outros gosam com ela, para meu desgôsto e prejuizo. Não é demais para mim. (DESFALECE).

DODO - Seu Eurico.

EURICAO - Quem me fala ?

DODO - Um desgraçado.

EURICÃO - Pois está falando com outro. Eu me tornei desgraçado por causa de um acidente funesto.

DODO - Console-se.

EURICÃO - Consolar-me ? Como ?

DODO - Aculpa foi minha, fui eu que causei sua desgraça e vim confessar tudo.

EURICÃO - O quê? Quem é ? Dodó? Que é que você está me dizendo?

DODO - A verdade.

EURICÃO - Você. Foi você, cachorro, canalha, cobra que eu guardava em minha casa para me assassinar. Que mal tinha eu lhe feito para você me tratar assim?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 52

DODO - Foi ao mesmo tempo um acaso e uma necessidade, Seu Eurição.

EURICÃO - Acaso e necessidade. Isso pode lá justificar um ato como êsse, assassino ?

DODO - Agi mal, confesso, minha falta é grave mas vim exatamente pedir que me perdõe.

EURICÃO - Como é que você teve coragem de tocar naquilo que não lhe pertencia ?

DODO - Espere ai, Apesar das circunstâncias serem um tanto esquisitas o que aconteceu foi a coisa sem importância.

EURICÃO - O quê, canalha? Tanto assim que você tocasse em meu tesouro, seria um crime inominável. Com que direito você foi tocar naquilo que era meu ?

DODO - A culpa foi das circunstâncias. E eu não já vim pedir desculpas ?

EURICÃO - Não gosto dêsses criminosos que prejudicam os outros e depois vêm pedir desculpas. Você sabia que ela não era sua, não devia ter tocado nela.

DODO - Mas eu não já disse que o que aconteceu foi coisa tola ?

EURICÃO - Coisa tola o quê? Você não veio confessar ? E depois, de repente, começa a se desdizer, dizendo que não tocou nela. Como é tocou ou não tocou ?

DODO - Bem tocar, toquei, mas não foi nada que pudesse ofênde-la. Mas já que o senhor considera essa tolice um crime, por que - não aceita os fatos e não me dá de vez êsse tesouro ?

EURICÃO - Como é, assassino ? Você quer ficar com meu tesouro ? Contra minha vontade ?

DODO - Eu não estou lhe pedidno ? A coisa que eu mais desejo no mundo é ficar com ela.

EURICÃO - Você? Ficar com ela ?

DODO - Sim.

EURICÃO - Ah não, você tem que devolver.

DODO - Devolver ? Eu não já disse que não tirei nada? Devolver o quê ?

EURICÃO - Aquilo que me pertencia e que você tirou.

DODO - Que eu tirei ? De onde ? afinla, o que é que você quer.

EURICÃO - Você não sabe ?

DODO - Você não diz.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 53

EURICÃO - O que eu quero é minha porca que você confessou ter roubado.

MARGARIDA - Ai, meu Deus, por que o senhor me insulta ?

DODO - Isso é coisa que o senhor diga ? Porca por que? Sua filha é a mais pura das moças, portou-se com tôda a prudência e o senhor a trata com essa grosseria.

EURICÃO - Minha filha ? Que é que minha filha tem a ver com isso ? Que é que você está fazendo aqui, Margarida.

MARGARIDA - Mas papai, eu não...

DODO - Não é ela que o senhor está reclamando ?

EURICÃO - Olhe a inocência do ladrão. O que eu quero é minha porca, cheia de dinheiro, que você confessou ter roubado.

DODO - Uma porca ?

MARGARIDA - A porca ?

DODO - Cheia de dinheiro? Que diabo de confusão é essa? Eu seria capaz de roubar ninguem. Que é que o senhor está pensando.?

EURICÃO - Ah, então nega.

DODO - Claro que nego. Nunca imaginei que o senhor guardasse dinheiro dentro de porca nenhuma.

EURICÃO - Me dê minha porquinha que você tirou do cemitério da igreja. Você a roubou, mas eu não o denunciarei e lhe dou metade do dinheiro que ela tem dentro. A metade seria não seria injustiça, afinal de contas quem juntou o dinheiro fui eu, não é Um terço é muito, você leva um quarto e me devolve o meio, como comissão por eu ter tido o trabalho. Faça o que quiser mas me dê minha porquinha.

DODO - Como é que eu posso lhe dar a porca se não sei onde está?

EURICÃO - Está bem, quem gosta de você é a polícia. Vou gritar. Acordem. Acordem. Acordem todos. Pega, pega o ladrão. (CAROBA E PINHÃO)

PINHÃO - Que é isso ?

CAROBA - Que é isso, Seu Euricão ?

EURICÃO - Foi êsse ladrão, foi êsse ladrão que entrou na minha casa para me roubar.

DODO - Mas para roubá-lo como, se não sei nem noticia de sua porca.

EURICÃO - Não sabe o que safado. Você mesmo não disse que tinha sido a causa de minha desgraça.

CAROBA - Um momento, Seu Euricão, eu sei o que foi que ele quiz dizer.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p.54

EURICÃO - Que foi ?

CAROBA - Êle disse que foi a causa de sua desgraça porque comprometeu sua filha para o resto da vida. Êsse tal de Seu dodó entrou aqui, nas caladas da noite, iludiu D. Margarida não sei de que jeito e trancou-se com ela aí nessa quarto. Eu vi tudo.

EURICÃO - Ai è verdade ?

MARGARIDA - É papai, mas...

EURICÃO - Era isso que você estava confessando ?

DODO - Era.

EURICÃO - Ainda mais essa. Canalha, safdo, porque você não disse logo ? Por que deixou que eu confessasse meu segrêdo ?

DODO - A culpa foi sua, era eu falando da filha e o senhor pensando na porca.

EURICÃO - Ai, a porca. Juntei dinheiro a vida inteira, para a velhice, e agora perco, num dia só a porca e a filha.

CAROBA - E vá logo se preparando para perder a irmã também porque a situação de D. Benona é muito mais dificil.

EURICÃO - Que há ?

CAROBA - Seu Eudoro resolveu matar as saudades e está ai trancado nesse quarto com ela. Eu vou sair desta casa, porque, para falar com franqueza, nunca pensei em ver tanto escândalo num dia só.

EURICÃO - Não é possível. Eudoro e Benona aqui. (ENTRAM OS DOIS)

EUDORO - É verdade, Eurico. E se você não se ofendesse, eu queria lhe pedir a maõ de Benona em casamento.

EURICÃO - E você não já pediu ?

EUDORO - Não.

EURICÃO - Que r me levar ao rídiculo, é Eudoro ? Faz uma coisa dessa, compromete minha irmã e ainda vem com pilherias, logo agora que ela foi roubada.

BENONA - Quem, eu ?

EURICÃO - Não a porca. Ai a porca.

EUDORO - Mas Eurico, eu...

CAROBA - Um momento, um momento, quem fala sou eu. O senhor já se explicou com D. Benona, não foi ?

EUDORO - Foi.

CAROBA - A senhora também já entendeu tudo, não foi ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 55

BENONA - Já

CAROBA - Entendeu o noivado, a confusão, lara-lá, lara-lá, tudo ?

BENONA - O noivado, a confusão, laralá laralá, tudo.

CAROBA - Então viva. O senhor consente no casamento de Seu Eudoro com D. Benona, não é, Seu Euricão ?

EURICÃO - Consinto, não. Exijo, Agora, ou êle casa ou morre. Ai Santo-Antonio, ela está perdida.

BENONA - Eu ?

EURICÃO - A porca. Mas vocês dois agora casam e tem que ser já.

CAROBA - Pois então êles casam amanhã. O senhor ganhou um grande cunhado, Seu Euricão.

EURICÃO - Mas perdi a porca. Ai a porca. Ai a porca. E ainda por cima o que aconteceu com meu patrimonio.

PINHÃO - ~~Seu patrimônio~~ ? Qual? a porca ?

EURICÃO - Não Margarida. Benona está garantida mas essa ai arranjou um genro corcunda e de bôca torta, um miserável que não tem nem onde cair morto. Mas êle me paga. Mato êsse miserável, quebro lhe a cara. Tome safado, tome. Que é isso ? A barba.

EUDORO - Dodó. Você aquí ?

DODO - Sou eu meu pai. Peço-lhe que me perdoe, mas deixei o estudo. Não havia outro jeito, eu estava apaixonado por Margarida, o senhor não queria que eu me casasse. Por outro lado, Seu Euricão só queria casá-la com um homem rico. O jeito foi êsse.

EUDORO - Você deixou de estudar ?

DODO - Deixei, Ajudado por Caroba entrei aquim disfarçado, como empregado de Seu Euricão. Ganhei a confiança dele, fingindo que era avarento e fui ficando até que Margarida correspondeu a meu amor e jurou casar comigo. E agora, tenho que casar, papai porque apesar de não ter acontecido nada de mais entre nós, ninguem vai acreditar nisso.

EUDORO - Mas êsse casamento assi, meu filho.

MARGARIDA - Êsse casamento assim o quê ? É igual ao do senhor e Tia Benona.

EUDORO - Você precisa terminar seu estudo.

DODO - Meu pai, eu só gosto no mundo de criar boi. E a única coisa que me dá gosto. Deixe eu me casar. Se eu não casar amanhã, todo mundo vai saber a historia e Margarida fica comprometida

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 56

EUDORO - Mas ninguem vai saber de nada, meu filho. Nenhum de nós vai espalhar essa história, que eu sei.

CAROBA - Quem não vai espalhar ? O senhor está muito enganado, eu vou espalahr tudinho. Vi tudo, assiti tudo e não estou pronta pa ra sofrer essas humilhações não. Casa que eu trabalho, tem - que ser casa de respeito, nessas coisas sou dura.

EUDORO - Mas caroba:...

CAROBA - Vou começar e é agora. Meu povo...

EUDORO - Você tem razão, é melhor que êle case. Você fica trabalhando comigo na fazenda e eu faço uma casa para você.

DODO - Meu pai, o senhor concorda.

EUDORO - Concordo. Pensando bem, vejo que tudo terminou pelo melhor, eu com Benona, você com Margarida.

EURICÃO - Isso é o que você diz, mas o fato é que ela está perdida.

MARGARIDA - Eu, meu pai ?

EURICÃO - A porca. Ora bolas, não já disse que é a porca ? Você está ai, sua tia está ai, quando eu digo ela, só pode ser a minha porquinha. Serei cego, por acaso ? Estou vendo vocês, mas a- gora pergunto: e minha porquinha, onde é que está?

MARGARIDA - Espere, meu pai, eu sei quem é que tem sua porca.

EURICAO - Você ? Sabe ? Ave Maria. valha-me Deus. Quem é ? Quem é ? Quem é o ladrão, o assassino que roubou minha porquinha ?

MARGARIDA - É Pinhão, papai.

PINHÃO - Eu ?

EURICÃO - Ah, bandido, criminoso, assassino. Agora você me paga. Onde está minha porquinha ?

PINHÃO - Seu Euricão, eu...

EURICÃO - Diz ou não diz ?

PINHÃO - Eu não sei nem que porca é essa.

EURICÃO - Então vou apertá-lo até sua alma sair pela traseira. Diz ou não diz ?PINHÃO

PINHÃO - Digo.

EURICÃO - Mas tem que ser já.

PINHÃO - Pois é já, mas deixe-me tomar folego. Mas me diga uma coisa o que é que eu tenho que dizer ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 57

EURICÃO - Você não sabe, safdo ? Você não roubou a porca ? Você tem que dizer onde botou a porquinha que tirou do cemitério da igreja.

PINHÃO - Aiy e tinha uma porquinha lá era ?

EURICÃO - Você sabe ? Margarida foi êle ?

MARGARIDA - Foi, papai.

CAROBA - Mas afinal de contas, o que é isso ? Pinjão roubou uma porca, foi ?XXXXXXXXX

MARGARIDA - Foi.

CAROBA - Pois se o barulho todo é êsse, a gente paga a porca.

EURICÃO - E aquilo é porca que se pague, danada?

DODO - Era aquela porca velha de madeira, Caroba. Estava cheia de dinehrio.

PINHÃO - Um momento, [illegible]. Vá pra lá. Eu confesso que furtei essa porca, mas o senhor não ganha nada mandando me entregar a polícia. Eu morro e não digo onde ela está. Todo mundo fala em furto, em roubo, e só se lembra da porca. Está bem, eu furtei a porca. Sou católico, li o catecismo e sei que isso não se faz. Mas onde está o salário de todos êstes anos em que trabalhamos, eu, meu,pai, meu avô, todos na terra de sua familia, Seu Eudoro ? Onde está o salário da familia de Caroba, na mesma terra, Seu Eudoro ? Não resta nada. Onde está o salario de Caroba durante o tempo em que ela trabalhou aqui, Seu Euricão ? Seu Euricão Engole Cobra ?

EURICÃO - Engole cobra é a mãe.

PINHÃO - Nós nada temos. A coisa que a gente mais deseja na vida , eu e ela, é casar. Até agora, não pudemos. Onde está a minha porca ? Ninguem diz nada. Pois bem, proponho um acôrdo a todos. Seu Eudoro não emprestou vinte contos a Seu Euricão ? Eu entrego a porca por êsses vinte contos.

EURICÃO - Não dou, os vinte contos são meus.

PINHÃO - Então pode chamar a policia, porque eu não entrego a porca de jeito nenhum. Ela tem cem vezes isso. Com os vinte contos posso comprar uma terrinha. Junto com a do padrinho de Seu Dodó, caso e vou fazer minha vidinha com Caroba.

MARGARIDA - Ceda, papai, Nos devemos tanto a Caroba! Deixe pelos vinte contos Já que não tem outro jeito e a porca vale mais...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 58

EURICÃO - Está bem, vocês querem assistir a minha morte, a meu assassinato. Pois assistam, O vale está aqui. Agora vá buscar minha porquinha, pelo amro de Deus.

PINHÃO - Não precisa ir buscar, ela está aqui.

EURICÃO - Aqui ?

PINHÃO - Claro era o último lugar do mundo de que vocês desconfiariam. Está aqui perto, no quarto, atrás de uma mala velha. (ENTRA)

DODO - É eu que pensava que Pinhão era ididota.

CAROBA - Ididota por que ?

DODO - Porque êle só vivia dizendo ditados.

CAROBA - Pois aprenda a conhecer com quem vive, se não o senhor está desgraçado. Uma pessaoa capaz de me enrolar como êle, pode lá ser idiota, Seu Dodó ? (PINHÃO VOLTA).

EURICÃO - Ah. Santo Antonio poderoso. Até que enfim você se compadeceu de seu velho, de seu devoto de todos os momentos e de todas as horas. Pensei que estava obrigado a escolher entre o santo e porca. Mas Santo Antonio não podia me exigir esse absurdo. Ai minha porquinha, que alegria apertá-la de novo contra meu coração. Que alegria beijá-la. O minha esperança, o minha vida. Agora que a encontrei não a largarei um só instante. Afastem-se, saim de perto de mim. Agora é assim, minha porca e eu.

EUDORO - Mas espere...

EURICAO - Afaste-se. Saia de junto de mim.

EUDORO - Eurico, você guardou êsse dinheiro muito tempo, não foi ?

EURICÃO - Guardei, tôda a minha vida. Quase toda a minha vida. Desde que minha mulher me deixou. Agora posso falar nisso, pois tudo perdeu a importância diante da porca.

EUDORO - Eurico, o dinheiro não é tudo neste mundo. Você tem sua filha, tem a todos nós que agora somos sia familia. Deixe de depositar tôda a sua vida nesse dinheiro. Não dê tanta importância ao que não vale nada. Porque...

EURICÃO - Porque o que ? Que é que você quer dizer ? Diga. termine.

EUDORO - Será melhor dizer mesmo Eurico ?

EURICÃO - Dizer o que? Diga logo, é melhor do que me esconder alguma coisa grave. Que é ?

 BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p59

EUDORO - Êsse dinheiro está todo recolhido., Eurico. Tudo oque você tem ai não vale um tostão.

EURICÃO - Nossa Senhora, Santo Antonio. Você jura pelos ossos de sua mãe como é verdade ?

EUDORO - Juro.

EURICAO - Está bem, eu acredito. Foi uma cilada de Santo Antonio, par a eu ficar novamente com êle. Vou então ficar sozinho novamente. Ejá que tem de ser assim, quero ficar aqui. Trancarei a porta e não abrirei mais para ninguem. Porque não quero mais ficar num mundo em que acontecem estas coisas impossiveis de prever.

EUDORO - Eurico, o mundo não se acabou por causa disso. Você perdeu seu dinheiro, mas ganhou uma experiência e uma familia, organizada sob bases novas. Volte sob seus passos e acabe com essa ideia de se entrerrar vivo.

EURICÃO - Você pensa que está melhor do que eu ? A única diferença entre mim e você Eudoro, é que sua porca ainda está diante de seus olhos. Não, eu estou farto.

MARGARIDA - Seu Eudor tem razão papai, o mundo não se acabou. Tudo pode recomeçar, o senhor vende esta casa e vai morar conosco.

EURICÃO - Você não está entendendo nada. E como ficaria eu ? Você casa com Dodó, Benona com Eudoro, Caroba com Pinhão. Não vê que eu fico só ? No meio disso tudo com quem casaria eu ?

CAROBA - Com a porca. E se ela não serve mais, pode ficar com Santo Antonio.

EURICÃO - Estão ouvindo ? É a voz da sabedoria, da justiça popular. Tomem seus destinos, eu quero ficar só. Aqui hei de ficar até tomar uma decisão. Mas agora sei novamente que posso morrer, estou novamente colocado diante da morte e de todos os absurdos nesta terra a qu cheguei como estrangeiro e como estrangeiro vou deixar. Mas minha condição não é pior nem melhor do que a de vocês. Se isso aconteceu comigo, pode acontecer com todos e se aconteceu uma vez pode acontecer a qualquer instante. Um golpe do acaso abriu meus olhos, vocês continuam cegos. Agora vão, quero ficar só.

EUDORO - Adeus, Eurico.

BENONA - Adeus, Eurico.

EURICÃO - Adeus escravos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 60

MARGARIDA - Adeus, meu pai.

EURICÃO - Adeus escravos. Saiam. Saiam todos, escravos.

CAROBA - Adeus, Seu Euricão

EURICÃO - Adeus escravos. (SAEM TODOS)

EURICÃO - Bem e agora começa a pergunta. Que sentido tem toda essa conjuração que se abate sôbre nós ? Será que tudo isso - tem sentido ? Será que tudo tem sendio ? Que quer dizer isso Santo Antonio ? Será que só você tema a resposta ? Que quer dizer tudo isso, Santo Antônio.

PANO.

Todos:
Vamos à frente, inclinemos o corpo, voltamos de frente p/o público, retornem batendo palmas (2 vezes)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 61

3 Vias

ILMO. SR. DIRETOR DO DEPARMENTO DA POLICIA FEDERAL.

BRASILIA - DISTRITO FEDERAL:

Ao censor Coriolano
para examinar e
emitir parecer.
Em 1/2/68

Senhor Diretor do Departamento:

O SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA - SESI - Departamento Regional de São Paulo, representado neste ato pelo sue responsavel infra assinado com escritório a Praça dom José Gaspar Nº 30 - 8º andar s/89- Tel. 239.0067, vem mui respeitosamente solicitar se digne V.S., autorizar a CENSURA da peça em 3 atos, abaixo qualificada, da qual junta três (3) cópias, além de documentação exigida por lei.

NOME DA PEÇA: O Santo e a Porca.
NOME DO AUTOR: Ariana Suassuna.
LOCAL DA REPRESENTAÇÃO| Club. do Trabalhador do SESI- SOROCABA - EST. S. Paulo.
DATA DA REPRESENTAÇÃO: Mês de Fevereiro/68
NOME DO TRADUTOR: .-.-.-.-.-.-.-.-.-.- -.-.-.-.
PREÇOS DOS INGRESSOS: Sem qualquer cobrança de ingressos.
GÊNERO DA REPRESENTAÇÃO: Comédia
RELAÇÃO DOS ARTISTAS PRINCIPAIS: Todos amadores, associados do Club. SESI

Nêstes Têrmos
P. Deferimentos
São Paulo, 15 de Janeiro de 1.968

José Vilmar dos Santos

Isento de sêlo e demais tributos estaduais, ex-vi do disposto na Const. Federal, art. 31, V, letra "b"; no art. 6. do D. L. 9403, de 1946, e no Proc. R-3.86-46 c/c Proc. R-26.230/46 do D. R. (D. Of. Est. 29-3-47)

A Sec. para
enviar a S.P.
Em 07/02/68

Sr. Chefe,

Examinamos a peça anexa, em atenção ao despacho de V.S., datado de 01/02/68, nada havendo encontrado que desaconselhe seja a mesma liberada integralmente, sem restrições etária.

Em 7.02.68

(Censor Federal 204823)

RECEBI

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto de 1920. —

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, de Paris. —

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Sêde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0694, p. 62

Direitos de Representação — Autorização Nº 171513

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: O Santo e a Porca

Original de Ariana Suassuna

Música de —

Tradução de —

No Teatro SESI - Cidade Sorocaba

Emprêsa SESI - Pela Cia. —

nos dias Para Censura da Peça

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de —% — da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ — por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

S. Paulo, 16 de Janeiro de 1968

pela SBAT

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo — Art. 6.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 63

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização ,para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 64

Senhor Chefe da Seção de Censura

Em anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Censor **CORIOLANO**, que procedeu ao exame da mesma.

NOME DA PEÇA: **O SANTO E A PORCA**

AUTOR: **ARIANA SUASSUNA**

RESTRIÇÃO SUGERIDA: **LIVRE**

OBS: Reg. 63/68.

Em, 07/02/68

P/ Manoel Freitas Neto
Chefe da T.C.T.C.

VISTO :

Encaminhe-se o presente processo à apreciação do Senhor Chefe do SCDP, para a decisão final.

Em

Chefe da Seção de Censura

DESPACHO

Expedir os certificados de Censura de acôrdo com o voto do Censor

Em 7/2/68

CHEFE DO SCDP

/EP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 65

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

N.º DE REGISTRO 63/68

TÍTULO ~~DO FILME~~ DA PEÇA: "O SANTO E A PORCA"

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

~~PRODUTOR~~ AUTOR: ARIANA SUASSUNA

Aprovado pelo S. C. D. P. (§ 1.º do art.º 7.º do Decreto 20.493, de 24/1/46, e Decreto 1.134, de 4-6-62)

Válido até 07 de FEVEREIRO de 19 69

Brasília, 07 de FEVEREIRO de 1968

LIVRE

MANOEL FELIPE DE SOUSA LEÃO NETO
Chefe do S. C. D. P.

Certificado de Censura Cinematográfica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 66

CERTIFICADO N.º 63/68

Certifico que, revendo os livros de registro de ~~filmes cinematográficos~~ PEÇAS TEATRAIS encontrei sob o n.º 63/68, livro -01-, o registro do ~~filme~~ PEÇA denominado ") O SANTO E A PORCA " - (DE ARIANA SUASSUNA)

~~propriedade de~~

~~domiciliado à~~

~~produzido pela fábrica~~

com ~~metros e~~ -02- cópias, censurado em 07 de FEVEREIRO de 1968.

O Serviço de Censura de Diversões Públicas resolveu que o referido filme, de acôrdo com o ~~§ 1.º do art. 7.º do Decreto 20.493, de 24/1/46, modificado pelo Decreto 37.008, de 8/3/55, fôsse~~ ÍTEM 7, PARÁGRAFO 1º, DA PORTARIA Nº 11/67, FÔSSE LIBERADA PARA REPRESENTAÇÃO EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL, SEM NENHUMA RESTRIÇÃO DE IDADE. (L I V R E)

Brasília, 07 de FEVEREIRO de 1968 -

Secretário

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674 (P. 67

D.F.S.P.
037371 17 JUN 68

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO POLÍCIA FEDERAL
Delegacia Regional em Pernambuco
Polícia de Segurança - T.C.D.P.

Ofício nº 038/68-PS/TCDP Em 12 de junho de 1968

Do: Delegado Regional do DPF/DR-Pernambuco
Ao: Sr. Chefe do S.C.D.P.
Assunto: Scripts de Teleteatro - encaminha

M. J. - D. P. F.
SERVIÇO CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
RECEBIDO NA T.C.T.C.
EM, 17/6/68

Senhor Chefe.

Cumprindo o que determina a Portaria nº 768, de 31/10/67, do Exº Sr. Diretor Geral do DPF, encaminho a V.Sª. 3(três) Scripts do Teleteatro " O SANTO E A PORCA ", de autoria de Ariano Suassuna, a fim de que seja censurado prèviamente por êsse S.C.D.P.

Aproveito a oportunidade para reiterar a V.Sª. protestos de estima e distinta consideração.

HAROLDO TORRES - Cel. R/1
Delegado Regional DPF/PE.

SRA. - DA. - D. F. S. P
RECEBIDO EM 17/6/1968 AS 15 HS
ASS.
CHEFE SUBSEÇÃO RECEBIMENTO (SSER)

JJMF/jjmf.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 68

Recife, 2 / 6 / 68

Da TV JORNAL DO COMMERCIO - CANAL 2

Para CHEFE DA TURMA DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Assunto: Requerimento

Prezado Senhor:

Vimos requerer a V.S. a devida censura prévia para o programa, cujo título e especificações damos abaixo, e do qual anexamos os respectivos scripts:

TÍTULO: O SANTO E A PORCA

DATA APRESENTAÇÃO: ? / ? / ? . HORÁRIO: ? horas

DATA DO ENSAIO: ? / ? / ? HORÁRIO: ? horas. Gravação ?

DURAÇÃO: ? minutos. GÊNERO: TELETEATRO

AUTOR: ARIANO SUASSUNA

~~TRADUTOR OU~~ ADAPTADOR: JORGE JOSÉ

PRODUTOR: JORGE JOSÈ

CENÓGRAFO: SERGIO PINHEIRO

FIGURINISTA: MADALENA CAVALCANTI

SELETOR DE IMAGENS: DANIEL LO FORTE

ELENCO ARTÍSTICO: Será enviado com antecedência como também as descrimenações que constam com interrogações.

Solicitamos, ainda, a presença de um censor ao ensaio geral previsto para data e horário acima afixados ou determinados por esta chefía.

Aguardando o respectivo CERTIFICADO DE CENSURA, antecipamos nossos melhores agradecimentos e firmamo-nos

atenciosamente

Eurides Lopes

Eurides Lopes
P. DIREÇÃO ARTÍSTICA

PROTOCOLO - SA - D.P.F./DR/PE.
RECEBI em 3/06/68 ÀS 1000 HS
SS

D.P.F. — DR/PE.
Nº 4112 - 3 JUN

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 69

Ao
Departamento de Censura Federal

10

Pela presente, autorizo a exibição de minha peça "O Santo e a Porca" através da "Televisão Jornal do Commercio – Canal 2", sob a direção de Jorge José.

Recife, 6 de junho de 1968

Ariano Suassuna

CARTÓRIO JOÃO ROMA
BEL. JOÃO INÁCIO RIBEIRO ROMA - Tabelião
ANTONIO DE SIQUEIRA CAMPOS - 1º Substituto
IVANILDO DE OLIVEIRA DIAS - 2º Substituto
MANOEL RODRIGUES DE ARAÚJO - 3º Substituto
Além dos substitutos acima, ninguem mais pode Autenticar Documentos e Reconhecer Firmas.
R. do Imperador Pedro II, 250 - Fone 42837 - Recife - Pe.
Reconheço a(s) firma(s)

Recife, 12 de JUNHO de 1968
Em testemunho da verdade
O 6.o TAB. PCO. DE NOTAS

(P. 158, Cert. 63/68) BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p70

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

TV

11/68

Proc. n.

Sr. Chefe da Seção de Censura:

A TV-JORNAL DO COMMÉRCIO, de Recife, requer exame da peça O SANTO E A PORCA, de Adriano Suassuna, adaptada para a televisão.

Em fevereiro próximo transato o Censor CORIOLANO FAGUNDES examinou o original, conforme consta doprocesso Arquivado nesta TCTC, referente ao pedido do SESI de São Paulo, exarando parecer favorável à liberação da mesma, sem restrição etária.

Isto pôsto, tratando-se do mesmo conteúdo, proponho seja mantida a classificação e emitidos os Certificados requeridos, como LIVRE.

S.M.J.

Brasília-DF. 18.junho.1968

Carlos Lúcio Menezes - TCTC-SCDP-DF

De acôrdo
Em 20/6/68

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, pt 71

15

Jurandyr Ferreira de Araújo, produtor das peças "O SANTO E A PORCA", de Ariano Suassuna, e "A VOLTA DO CAMALEÃO ALFACE", de Maria Clara Machado, vem por [illegible] solicitar a aprovação e liberação dos textos, para o que anexo três (3) vias datilografadas dos mesmos.

Pretendemos estrear os espetáculos dentro de 30 dias, o de adulto diariamente - o infantil aos sábados e domingos.

Termos em que pede deferimento

Salvador, 10 de setembro de 1968

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 72

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

10

Sr. Chefe da Seção de Censura.

O Sr. JURANDYR FERREIRA DE ARAÚJO, enviou para exame dêste S C D P a peça teatral " O SANTO E A PORCA" de Ariano Suassuna.

A referida obra já foi liberada por êste Órgão, pelo Certificado nº 63 de 7 de fevereiro de 1 968, sem restrição etária- L I V R E, depois de ratificado o parecer do Censor CORIOLANO FAGUNDES, que a examinou.

Assim sendo, à vista do exposto, sugiro que seja deferido o requerimento do interessado, emitindo-se os Certificados pedidos de acôrdo com o mesmo critério classificador L I V R E . s.m.j.

À consideração superior.

Em, 19/setembro/68

JOSÉ SAMPAIO BRAGA
TCTC- SCDP/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 73

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

17

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

Certificado Nº 660/68

PEÇA -/ ::: O SANTO E A PORCA ::: /-

ORIGINAL DE ARIANO SUASSUNA

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

AP/

VÁLIDO ATÉ 20 de SETEMBRO de 19 69

Brasília, 20 de SETEMBRO de 19 68

Chefe do S. C. D. P.

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

M.J.-D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 21, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -/::: O SANTO E A PORCA :::/-

Original de ARIANO SUASSUNA

Tradução de

Adaptação de

Produção de JURANDYR FERREIRA DE ARAÚJO (SALVADOR-BA)

Tendo sido censurada em 19 de SETEMBRO de 19 68 e recebido a seguinte classificação: ::: L I V R E ::: =NENHUMA RESTRIÇÃO DE IDADE=

OBS: O PRÉSENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 20 de SETEMBRO de 19 68

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

: JOSÉ SAMPAIO BRAGA

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 74

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 75

D.F.S.P.
054478 21OUT68

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL NO PARANÁ E SANTA CATARINA

20

Of. nº 3290/PS/TCDP/DR/PR-68

Curitiba,
Em 17 de outubro de 1968

Do Chefe da Polícia de Segurança da DR/PR.

Ao Senhor Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do DPF.

Assunto Peça Teatral (remete)

Senhor Chefe,

Pelo presente remeto a V.Sª., (3) três cópias do "SCRIPT" da Peça Teatral " O SANTO E A PORCA " de autoria de Ariano Suassuna, acompanhada da respectiva autorização da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais " SBAT ", para a devida censura e expedição do certificado.

Na oportunidade, renovo a V.Sª., meus protestos de consideração e aprêço.

Petrônio Fontoura

Bel. Petrônio Fontoura
Inspetor Chefe da P.S.

D. F. S. P.
AS 11 HS.
ASS
CHEFE SECÇÃO EXPEDIMENTO (ESPB)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 76

Estado do Paraná

OFICIO Nº. 326/TG/68

Curitiba, 17 de setembro de 1968.

91

Senhor Delegado:-

Sírvo-me do presente para encaminhar a Vossa Senhoria, para a necessária libração do Serviço de Censura de Diversões Públicas, 5 (cinco) exemplares do Texto da peça "O SANTO E A PORCA" de Adriano Suassuna, que o nosso elenco oficial, o "Teatro de Comédia do Paraná" irá apresentar em cêrca de 23 cidades do interior do Paraná e provàvelmente em Curitiba.

As referidas apresentações terão início a 20 de outubro do corrente ano.

Sem mais, renovo meus protestos de consideração.

Só deverão ser encaminhadas ao SCDP, (3) três cópias
Curitiba. 17.10.68
[illegible]

a Oliveira
OCTAVIO FERREIRA DO AMARAL NETO
P Superintendent

Ilustríssimo Senhor OSVALDO BIANCO
Digníssimo Delegado Regional do Departamento de Policia Federal
N/CAPITAL
IDW

Mod. 6

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p. 77

22

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Curitiba, 15 de Outubro de 1.968

Nº...061/68-agc-ln.

A U T O R I Z A Ç Ã O

O abaixo assinado, na qualidade de Representante da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTÔRES TEATRAIS (SBAT), pelo presente autoriza a Censura da Péça "O SANTO E A PORCA" de autoria de Ariano Suassuna.

ATENCIOSAMENTE

S.B.A.T.
SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Sucursal do Paraná

p/ [signature]
ALBERTO [illegible] - REPRESENTANTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 78

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

277

Sr. Chefe da Seção de Censura

O Sr. Octavio Ferreira do Amaral Neto, superintendente do Teatro de Comédia do Paraná, enviou para exame dente SCDP, a peça teatral " O SANTO E A PORCA" de Ariano / Suassuna.

A referida obra já foi liberada por êste Órgão, várias vezes, inclusive para Televisão, sem qualquer restrição etária, conforme parecer do Censor CORIOLANO FAGUNDES e cópias de certificados em nossos arquivos.

Assim sendo, à vista do exposto, sugerimos que seja mantido o mesmo critério classificador, emitindo-se os certificados requeridos, condicionando a entrega dos mesmos, ao exame do Ensaio Geral, para efeito de marcação.s.m.j.

À consideração superior.

Em, 22 de outubro de 1 968

JOSE SAMPAIO BRAGA
TCTC_ SCDP/DF

De acôrdo. Ao Senhor Chefe do SCDP para decisão.
Em 24/10/68

Em 24/Out./68.
Expedi certificados

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 79

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

24

CENSURA FEDERAL
TEATRO

Certificado Nº 748/68

PEÇA - /: : : O SANTO E A PORCA : : : / -

ORIGINAL DE ARIANO SUASSUNA.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - S.C.D.P

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 25 de OUTUBRO de 19 69

Brasília, 25 de OUTUBRO de 19 68

LIVRE

Chefe do S. C. D. P.

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

M. J. – D. P. F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 23, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada – O SANTO E A PORCA –

Original de ARIANO SUASSUNA

Tradução de

Adaptação de

Produção de TEATRO DE COMÉDIA DO PARANÁ

Tendo sido censurada em 22 de OUTUBRO de 19 68 e recebido a seguinte classificação: L I V R E.

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÒMENTE É VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 25 de OUTUBRO de 19 68

JOSÉ SAMPAIO BRAGA

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0624, p. 80

DPF. SAv. 7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 81

D.F.S.P.
006967 | 27 FEV 69

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUBDELEGACIA REGIONAL DO DPF EM MINAS GERAIS-BH
BRASÍLIA, D. F.

Of. 325 SDS/TCDP/SDR/MG

Em 26.02.1969

Do Subdelegado Regional do D.P.F em Minas Gerais-B.Hte.

Ao Sr.Cel.Chefe do S.C.D.P. -Brasília D.F.

Assunto Texto de peça teatral para Censura (Encaminha)

Senhor Cel.Chefe

Encaminho a V.Sª.,para censura, os textos da peça teatral intitulada "O SANTO E A PORCA", de autoria de ARIANO SUASSUNA.

Anexo, seguem carta da SBAT e requerimento do interessado.

Ao ensejo, renovo a V.Sª.,protestos de elevada estima e distinta consideração.

DR.ANTONIO EMILIO ROMANO
SUBDELEGADO REGIONAL/MG

BRA. - DA. - D.F.S.P.
RECEBIDO em 27/2/1969 às 16hs
ASS. CHEFE SUBSEÇÃO EXPEDIMENTO (SSEX)

NRA/fs.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 82

Belo Horizonte, 25 de fevereiro de 1969

Ilmº Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões
Públicas, do Deptº de Polícia Federal
Brasília -DF

Prezado Senhor:

Vimos requerer de V.S. a censura da Peça "O Santo e a Porca", de Ariano Suassuna, em três atos. Anexo enviamos a referida peça em três vias e a carta do sbat.

Oportunamente o Grupo Geração, desta Capital, apresentá-la-a pelo Interior.

Certos da atenção de V.S., somos respeitosamente

Gratos.

Grupo Geração

M.J.N.I. D.F.S.P.
SUB DELEGACIA REGIONAL M.G.
PROTOCOLO N.º 325
26/2/69
ASSINATURA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 83

28

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Belo Horizonte, 24 de fevereiro de 1969

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de sensura de Diversões
Públicas, do Departamento de Polícia Federal
BRASÍLIA - DF

Sr. Chefe:

Temos a grata satisfação de passar às mãos de V. Sa., três (3) exemplares datilografados da peça " O SANTO E A PORCA", de autoria de Ariano Suassuna, a fim de ser censurada, conforme manda o regulamento dêsse conceituado Serviço, cuja peça será levada à cena pelo grupo GERAÇÃO, desta capital.

Sem outro particular, subscrevemo-nos

Cordialmente.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Sucursal de Minas Gerais
GROVER FERREIRA
Diretor

M.J.N.I. D.F.S.P.
SUB DELEGACIA REGIONAL M.G.
PROTOCOLO N.º 325
26/2/69
ASSINATURA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 84

Ministério da Justica
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

29

Sr. Chefe da Seção de Censura:

O Grupo Geração (MG), enviou para exame dêste SCDP, a peça "O SANTO E A PORCA", de autoria de Ariano Suassuna.

A referida obra já foi liberada por êste órgão, conforme consta do processo nº 158[illegible], parecer do Censor Coriolano Fagundes liberando-a sem nenhuma restrição etária, tendo sido expedido certificados 63/68, 363/68, 660/68 e 748/68, sendo até 25 de outubro de 1969 a validade do último.

Isto pôsto e, após termos feito a comparação dos scripts, verificando sua completa identidade, sugerimos sejam expedidos certificados liberatórios para o Grupo requerente, também com a mesma classificação (LIVRE), condicionando-se, entretanto, a sua entrega ao exame do ensaio geral.

À consideração superior.

Em 28 de fevereiro de 1969

MANOEL MIRANDA FERREIRA
Chefe da TCTC

De acôrdo.
Em 28/2/69

Em 28/2/69.
Expeça-se o certificado.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 85

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D.P.F.

Certificado Nº 1023/69

PEÇA -/::: O SANTO E A PORCA :::/-

ORIGINAL DE ADRIANO SUASSUNA

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 03 de MARÇO de 19 74

Brasília, 03 de MARÇO de 19 69

LIVRE

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 02 folha nº 32, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada - / O SANTO E A PORCA / -

Original de ADRIANO SIASSUNA

Tradução de

Adaptação de

Produção de GRUPO GERAÇÃO (MG)

Tendo sido censurada em 28 de FEVEREIRO de 1969 e recebido a seguinte classificação: L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÔMENTE SERÁ VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 03 de MARÇO de 1969

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D.P.F.

JOSÉ SAMPAIO BRAGA
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 86

DPF.SAv.7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 87

05-março-1969

Chefe do SCD P
Sr. Subdelegado Regional do DPF/MG
Peça teatral (encaminha)

Sr. Subdelegado,

Anexo, encaminho a V.Sª., scripts e certificados da peça "O SANTO E A PORCA", autoria de Ariano Suassuna, solicitando que referidos documentos sòmente sejam entregues ao interessado - Grupo Geração - após o exame do ensaio geral por essa SDR, remessa de relatório minucioso a respeito a êste SCDP e decisão desta Chefia, à vista do mesmo, / comunicada via rádio.

Atenciosamente,

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA
Chefe do SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 88

D.F.S.P.
013899 | 24 ABR 69

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUBDELEGACIA REGIONAL EM MINAS GERAIS - R. HTE.

BRASÍLIA, D. F.

Of. Nº 1128 SPS/TCDP/SDR/MG

Em 18 de abril de 1969

Do Subdelegado Regional do D.P.F. em Minas Gerais

Ao Sr. Cel. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Assunto Relatório (encaminha)

Sr. Cel. Chefe:

Em atenção ao memorando nº 113/69, de 5/3/69, encaminho o relatório que nos foi presente pelo Chefe da TCDP. que tendo determinado ao fiscal de Censura Isaac Ferreira dos Santos, êste compareceu ao Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito, sito a Av. Alvares Cabral, nesta Capital, e assistiu a prévia da peça teatral "O SANTO E A PORCA", autoria de Adriano Suassuna.

RELATÓRIO

Lemos o "script" e acompanhamos o ensaio de encenação da peça nesta Capital. Sabemos que foi ela levada / em outras cidades, inclusive no Rio de Janeiro, com bôa aceitação.

Trata-se de humorismo folklórico, com aproveitamento de tipos populares comuns ao interior do nosso // País. As cenas têm um desenrolar bem sugestivo, com um palavriado quase que marcantemente nordestino, nas suas cenas familiares, nos detalhes e mais que tudo nos diálogos de frases curtas. A realidade transparece em todo o desenrolar e nos / gestos dos atores, que retratam personagens vivos, com uma / caracterização própria.

Os três atos estão cheios de comicidade, com um desembaraço de representação. Parece que os atores ficam bem a vontade nos papeis, cada um procurando definir melhor o tipo popular que o autor - figura conhecida - procura dar a suas criações digo, criaturas. Pela simplicidade a peça não exige grandes esforços, mas por isso mesmo, mais difícil se torna o desenrolar dos atos, que vão num crescendo até atingir o final.

...continúa

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 89

33

M. J. — DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SUBDELEGACIA REGIONAL EM MINAS GERAIS

Relatório... Continuação

CONCLUSÕES

Face ao que expomos acima, temos que tanto o "script" como a representação, esta que assistimos em um de seus ensaios, não oferecem margem senão ao nosso louvor. Ass. Isaac Ferreira dos Santos, Agt. / Aux. Pol. Federal, Fiscal de Censura"

Aguardo tão sòmente decisão dessa chefia, conforme determina o memorando acima mencionado.

Na oportunidade, renovo a V.Sª, protestos de elevada estima e distinta consideração.

Romano

Dr. Antônio Emílio Romano
Subdelegado Regional em Minas Gerais.

SRA. - DA. - D. F. S. P
[illegible] - 24/4/19[illegible] às 11
[illegible]

A Sec Censura
Expeça-se o ...
autorizando
o certificado

LP/ifs.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 p 90

POLÍCIA DO DISTRITO FEDERAL
D S G – SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES

CÓPIA PARA CONTRÔLE DE SERVIÇO

DR. ANTÔNIO EMÍLIO ROMANO
SUBDELEGADO DO DPF EM MINAS GERAIS
RUA GUAJAJARAS, 1268 - BELO HORIZONTE - MG

24 04 69

COMUNICO QUE A TCDP DESSA SDR ESTÁ AUTORIZADA A ENTREGAR OS CERTIFICADOS DA PEÇA " O SANTO E A PORCA " VG AO INTERESSADO VG / A VISTA DO RELATÓRIO DO AGENTE ISAAC PT SDS ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA CHEFE SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, e 91

363/68

-GRANDE TEATRO BRASILEIRO- "O SANTO E A PORCA"

JORGE JOSÉ

TV JORNAL DO COMÉRCIO-CANAL 2 RECIFE-PE

XXXXXXXXXX LIVRE

21 SETEMBRO 68

BRASILIA, 21 JUNHO 68

LIVRE

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

-GRANDE TEATRO BRASILEIRO- "O SANTO E A PORCA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0624, p92

-GRANDE TEATRO BRASILEIRO- "O SANTO E A PORCA"

PEÇA TEATRAL ADAPTADA PARA TELEVISÃO

XXXXXXX AUTOR: ARIANO SUASSUNA

JORGE JOSÉ

JORGE JOSÉ

TV JORNAL DO COMÉRCIO - CANAL 2 -RECIFE - PE-

L I V R E -QUALQUER HORÁRIO-

BRASÍLIA-DF, -21- JUNHO 68

CARLOS LOCIO MENEZES - CHEFE DA TCTC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 93

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 1310/69

PEÇA /=/=/=/=/=/=/=/ O SANTO E A PORCA /=/=/=/=/=/=/=/=/

ORIGINAL DE ARIANO SUASSUNA

APROVADO PELO S. C. D. P. VÁLIDO ATÉ 03 de MARÇO de 1974

CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

ECP

Brasília, 26 de SETEMBRO de 1969

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

M. J. – D. P. F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 1 fôlha nº 57, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " O SANTO E A PORCA " .-.-.-.-.-.-.-.

Original de ARIANO SUASSUNA

Tradução de

Adaptação de

Produção de TEATRO EXPERIMENTAL DE UBERABA

Tendo sido censurada em 25 de SETEMBRO de 19 69 e recebido a seguinte classificação: L I V R E :::: NENHUMA RESTRIÇÃO DE IDADE :::::: CONDICIONADA AO EXAME DE ENSAIO GERAL E À AFIXAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME § 2º DO ART. 1º DA LEI 5536/68.

OBSERVAÇÃO: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 26 de SETEMBRO de 19 69

JOSÉ SAMPAIO BRAGA

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 94

DPF. SAv. 7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 95

EXMO. SR. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS DO DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL EM BRASILIA -DF.

O TEATRO EXPERIMENTAL DE UBERABA, pessoa juridica, com sede em Uberaba-MG., representado pelo seu presidente em exercicio, vem mui respeitosamente requerer de V. Excia. o CERTIFICADO DE CENSURA da peça " O SANTO E A PORCA", de Ariano Suassuna, a ser encenada pelo elenco do Teatro acima referido, sendo que sua sede fica na rua Alaor Prata, 20 - fundos, para isso juntando as cópias necessárias e de acôrdo com as leis que regem a materia.

N. Têrmos

P. E. D.

Uberaba, 16 de setembro de 1969

Presidente em exercício

Brasilia
Festival

Recebi. 3 de outubro de 1969

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto — de 1920. —

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, — de Paris. —

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 96

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

Direitos de Representação Autorização Nº 139654

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: "O SANTO E A PORCA"

Original de ARIANO SUASSUNA

Música de — —

Tradução de — —

No Teatro EXPERIMENTAL Cidade UBERABA - MG

Emprêsa — Pela Cia. —

nos dias PARA EFEITO DE CENSURA

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de — % — da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ ..... por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

BRASILIA, 17 de SETEMBRO de 1969

(pela SBAT)

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 97

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama ,comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legìtimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes do sautores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, runiões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 98

Serviço de Censura de Diversões Públicas do Departamento de Polícia Federal

MEMORANDO para o Sr. Chefe da Turma de Censura de Teatros e Congêneres

Revalidação do Certificado Liberatório

Comparando o texto da peça "O SANTO E A PORCA", de autoria de Ariano Suassuna, relativamente à revalidação do Certificado Liberatório, à luz do "script" com prazo de exibição vencido, nenhuma modificação constatei, que pudesse restringir substancialmente sua exibição.

Assim sendo, sou pela liberação total, com manutenção de ausência de impropriedade à menoridade, e sem interdições parciais.

Respeitosamente,

CESAR ADEID DIAZ
TÉCNICO DE CENSURA - Cat. nº 064

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 99

Sr.Chefe da Seção de Censura

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Técnico de Censura credenciado CESAR ADED PAZ, que cotejou os escritos.

TÍTULO:- O SANTO E A PORCA
AUTOR:- Ariano Sua ssuna
RESTRIÇÃO: LIVRE

OBS. Certificados válidos até 3/3/74.

Em, 24Set69

JOSÉ CAMPAIO BRAGA
TCTC-SC/SCDP

À consideração do senhor
Chefe do SCDP.
Em 25/9/69

Em 26Set.69.
Expedir certificados.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 IP 100

" O SANTO E A PORCA "

DE ARIANO SUASSUNA.

PARECER : A PEÇA EM PAUTA PODE SER LIBERADA SEM RESTRIÇÕES, LIVRE.

NO ENTRETANTO SUGIRO QUE OS VOCÁBULOS CONSTANTES DAS FÔLHAS SEGUINTES:

FÔLHA 5, A PALAVRA ~~MIJAR~~ SEJA SUBSTITUIDA POR GRITAR;

FÔLHA 19, EM QUE CAROBA DIZ: "COM A PORCA. E SE ELA NÃO SERVE MAIS, COM SANTO ANTONIO", ACRESCENTAR ENTRE AS PALAVRAS "MAIS " E "COM", PODE FICAR.

BRASÍLIA, 11 DE JULHO DE 1966

Maria R. de Almeida

MARIA RIBEIRO DE ALMEIDA

CENSORA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 101

Ilmo. Sr. Diretor do Serviço de Censura e Diversões Públicas

Da. Maria Almeida
para Censura
Em 11 de julho de 1966

O "TEATRO DE BRASÍLIA", por seu presidente abaixo assinado, vem respeitosamente pedir a V.Sa., que se digne mandar proceder a censura da peça de Ariano Suassuna, O SANTO E A PORCA programada por esse conjunto para estréia no próximo dia 12 de agôsto no TEATRO MARTINS PENNA, com espetáculos às 21 horas. Outrossim, pede tambem a liberação da mesma.

N. TÊRMOS
P. DEFERIMENTO

Brasília, 11 de julho de 1966

Wilson Jourdan

Wilson Jourdan - Presidente

Informar ao interessado que o ensaio geral, para a Censura, deverá ser realizado dia 10-08-66, às 16 hs.

M. J. N. I. — D. F. P.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo N.º 3834
Em 11 / 7 / 1966
Interessado Wilson Jourdan
Protocolista

RECEBI O PROGRAMA ANEXO
Em ____ de _____ de 19____

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 102

Ilmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Departamento de Polícia Federal.

Só vai 1

Eu, JURANDYR FERREIRA DE ARAÚJO, colunista do matutino Associado "DIÁRIO DE NOTÍCIAS", produtor da peça "O SANTO E A PORCA", de Ariano Suassuna, venho, por meio dêste, solicitar a V.Sa. a revalidação do CERTIFICADO DE CENSURA fornecido por êsse Serviço até 20.09.69, uma vez que a citada peça não foi montada, o que pretendemos fazer agora.

Juntando o script devidamente carimbado por êsse SCDP, informo que pretendo estrear "O SANTO E A PORCA", dentro de 30 dias.

Têrmos em que

Pede deferimento

SALVADOR, (Ba.), 20 de fevereiro de 1970.

Jurandyr Ferreira de Araújo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 103

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

109

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: O SANTO E A PORCA

b) Título original: _____

c) Autor: ARIANO SUASSUNA

d) Tradutor: _____

e) Diretor: _____

f) Produtor: _____

g) Companhia: _____

h) Classificação da Censura: LIVRE

II) Análise

a) Gênero: Comedia folclorica

b) Argumento: Uma peça interessante onde o autor, um estudioso dos assuntos do norte e nordeste do Brasil, procura focalizar seus aspectos de forma comica e satirica.

c) 1 - Mensagem: Otimista de amor ao proximo etc

2 - Impressão final: boa

d) Diálogos: _____

e) Cenas: _____

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 104

f) Personagens:

g) Valor educativo: Considerando o espetaculo e o autor tem .

III) Conclusão Trata-se de espetaculo por varias veses liberado pelo DCDP, minha part cipação desta veita foi para comparar texto , ass não encontrando nada para me opor c nsidero o espetaculo LIVRE

Brasília, 7 de abril de 19 70.

Técnico de Censura - Cart. nº

José Augusto Costa

SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA,

ANEXO, ENCAMINHO A PEÇA ABAIXO INDICADA COM O VOTO DO TÉCNICO DE CENSURA JOSÉ AUGUSTO COSTA, QUE A EXAMINOU:

TÍTULO :- O SANTO E A PORCA
AUTOR :- ARIANO SUASSUNA
REST. :- LIVRE

EM, 07-04-70

TCTC-SC-SCDP

De acôrdo
D.F. 9/4/70

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p 105

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

Certificado Nº 660/68

PEÇA -/ ::: O SANTO E A PORCA ::: /-

ORIGINAL DE ARIANO SUASSUNA

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

VÁLIDO ATÉ 20 de SETEMBRO de 19 69

Brasília, 20 de SETEMBRO de 19 68

Chefe do S. C. D. P.

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

AP/

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 folha n. 21, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -/::: O SANTO E A PORCA :::/-

Original de ARIANO SUASSUNA

Tradução de

Adaptação de

Produção de JURANDYR FERREIRA DE ARAÚJO (SALVADOR-BA)

Tendo sido censurada em 19 de SETEMBRO de 19 68 e recebido a seguinte classificação: ::: L I V R E ::: =NENHUMA RESTRIÇÃO DE IDADE=

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 20 de SETEMBRO de 19 68

Serv. de Censura de Diversões Públicas – D. P. F.

: JOSÉ SAMPAIO BRAGA
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 106

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 107

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Serv. de Censura de Diversões Públicas D. P. F.

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 2348/70

PEÇA --t:t// O SANTO E A PORCA //t:t--

ORIGINAL DE ARIANO SUASSUNA

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

VÁLIDO ATÉ 09 de ABRIL de 19 75

Brasília, 09 de ABRIL de 19 70

Chefe do S. C. D. P. PROF. [illegible]ON A. DE AGUIAR

M. J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 1 fôlha nº 74, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -:::/ O SANTO E A PORCA /:::-

Original de ARIANO SUASSUNA

Tradução de

Adaptação de

Produção de JURANDYR FERREIRA DE ARAÚJO (SALVADOR-BA)

Tendo sido censurada em 7 de ABRIL de 1970 e recebido a seguinte classificação: LIVRE

- CONDICIONADO AO EXAME DO ENSÁIO GERAL-

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADA PELO SCDP.

Brasília, 09 de A B[illegible] de 1970

P/ CHEFE-SEÇÃO [illegible]SURA

MANOEL MIRANDA FERREIRA

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

D.P.F.

DPF, SAv, 7034-FFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 108

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 109

141/70
9/abril/970

Chefe do SCDP
Delegado Regional do DPF/SALVADOR-BA
Providências (solicita)

Sr.Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pela TCDP dessa DR, as seguintes determinações de caráter técnico dêste Serviço:

1. assistir ao ensáio geral da peça "O SANTO E A PORCA";
2. enviar a êste SCDP relatório minucioso a respeito do espetáculo e,
entregar a documentação anexa ao interessado, sòmente após autorização desta Chefia, via rádio, à vista do constante no ítem dois.

Atenciosamente,

PROF. WILSON A. DE AGUIAR
Chefe do SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 110

Exmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

115

A C.O.M. PRODUÇÕES, através de seu diretor, Sr. COSTABILE EMILIO DI BIASI, vem respeitosamente requerer a V.S. a censura do texto de Ariano Suassuna, "O SANTO E A PORCA", que a mesma se propõe a encenar no Teatro Anchieta, do Serviço Social do Comércio (SESC), em São Paulo, em espetáculo especialmente destinado a escolas secundárias, com estréia programada para o mês de março de 1971, e tendo a direção de Silnei Siqueira.

Anexamos para tanto, a necessária autorização da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT) e três textos devidamente carimbados pela referida Sociedade.

N. Têrmos

E. Deferimento

São Paulo, 20 de janeiro de 1971

COSTABILE EMILIO DI BIASI
C.O.M.PRODUÇÕES

M. J. D. P. F.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo N.º 1041
Em 20 01 1971
Protocolista

RECEBI O PROGRAMA ANEXO
Em ___ de _____ de 19___

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 111

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

116

AUTORIZAÇÃO PARA REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 3/70 - SP № 15621

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: O Santo e a porca

Original de Ariano Suassuna

Música de .....

Tradução de .....

No Teatro Arena Cidade S. Paulo

Emprêsa C.O.M. Produções Pela Cia. .....

nos dias para Censura da peça

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de ——% ..... da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr$ —— por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Emprêsa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cóta porcentual, a título de direitos autorais, sôbre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Emprêsa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Emprêsa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

S. Paulo, ... de ... de 19..

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
SUCURSAL DE S. PAULO
DEP. DE AUTORES TEATRAIS
S. Paulo, de de 19
VISTO (pela SBAT)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0624, p 112

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legìtimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 113

O S A N T O E A P O R C A

Ariano Suassuna

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
19 JAN 1971
SUCURSAL SÃO PAULO
Visto:

AUTORIZAÇÃO S. B. A. T. Nº 15621

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p.114

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: O SANTO E A PORCA

b) Título original:

c) Autor: ARIANO SUASSUNA

d) Tradutor:

e) Diretor:

f) Produtor:

g) Companhia: C.O.M. Produções - S.Paulo

h) Classificação da Censura: L I V R E.

II) Análise

a) Gênero: Comédia.

b) Argumento: Estória de avarento pai de familia que guardava sua fortuna dentro de uma porca de madeira. Sua avareza era tão grande que tornava sua vida uma verdadeira "VIA SACRA". Eudoro, homem rico, pensa casar com a filha de seu avarento amigo, mas não sabe êle que seu filho que havia abandonado os estudos, também tinha a mesma pretensão. Caroba, traquina empregada da casa, interfére e resolve os problemas amorosos dos dois. Um casa com a irmã do velho avarento e o outro com a filha.

c) 1 - Mensagem: Comédia mostrando a avareza em todas as suas nuances.

2 - Impressão final: A avareza dosada de comicidade e espirituosidade.

d) Diálogos: Simples e bons.

e) Cenas: De acôrdo com o ensaio geral.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 115

f) Personagens: Euricão, Eudoro, Caroba, Dodó, etc.

g) Valor educativo: Nenhum.

III) Conclusão Comédia interessante, abordando a avareza de um cidadão que procurava guardar sua fortuna dentro de um porca de madeira. Nada a opor por sua liberação sem restrições etárias.

Brasília, 28 de Janeiro de 19 71

CARLOS ALBERTO MILHOMEM DE SOUSA
Técnico de Censura - Cart. nº 030

Sr. Chefe da Seção de Censura,
Anexo encaminho a peça abaixo indicada, com o parecer
do Técnico de Censura CARLOS ALBERTO MILHOMEM, que a examinou.

Título: O SANTO E A PORCA

Autor : Ariano Suassuna

Restr.: L I V R E

Obs: Peça liberada anteriormente c/a mesma classificação

Em 28 de janeiro de 1971

MANOEL MIRANDA FERREIRA
CHEFE DA TCTC

Liberado sem restrições
28.01.71

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 116

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 3454/71

PEÇA ==" O SANTO E A PORCA "===

ORIGINAL DE ARIANO SUASSUNA

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 28 de JANEIRO de 19 76

Brasilia, 28 de JANEIRO de 19 71

LIVRE

Chefe do S. C. D. P. GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 117

M. J. – D. P. F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 08, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " O SANTO E A PORCA "

Original de ARIANO SUASSUNA

Tradução de

Adaptação de

Produção de C. O. M. PRODUÇÕES - SÃO PAULO

Tendo sido censurada em 28 de JANEIRO de 19 71 e recebido a seguinte classificação: LIVRE - CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL -

O PRESENTE CERTIFICADO SÓMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 28 de JANEIRO de 19 71

MANOEL MIRANDA FERREIRA
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

DPF-SAv.150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 118

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA

MEM. Nº 058 /71-SCDP

DO : Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

PARA : SR. CHEFE DA TCDP/DR/SP

ASS. : Providências (solicita)

Sr.

Solicito suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo indicada, podendo ser entregue o script e o certificado ao interessado, caso a classificação estabelecida por êste Serviço esteja de acôrdo com o observado no ensaio geral, devendo, posteriormente, ser remetido o respectivo relatório.

PEÇA: O SANTO E A PORCA

AUTOR: ARIANO SUASSUNA

ENDEREÇO: C.O.M. PRODUÇÕES; SÃO PAULO//SP

Atenciosamente,

GERVÁSIO LEMOS CAVALCANTE
Chefe do SCDP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 119

CAMPANHA NACIONAL DE ESCOLAS DA COMUNIDADE

GINÁSIO CENECISTA "ROBERTO SIMONSEN"
CAMPINA GRANDE — PARAÍBA
SEDE PROVISÓRIA: RUA CARLOS CHAGAS, 261
FONE: 3109 — BAIRRO DE SÃO JOSÉ

D.F.S.P.
030284 -6 AGO 71

Campanha Nacional de Escolas da Comunidade
GINÁSIO CENECISTA "ROBERTO SIMONSEN"
CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

Campina Grande, 28 de Julho de 1971.

Exmo. Sr.
Diretor do Serviço Nacional de Censura Federal
Brasília - D.F.

Segue anexo 3 (três) cópias da Peça Teatral, o " O SANTO E A PORCA " de autoria de Ariano Suassuna, para a devida censura a fim de ser encenada por êste Ginásio no II Festivald de Teatro Colegial a ser realizado nesta cidade.

Atenciosamente,

Diretor

DPF — DA — SRA
Recebido 06/08/71

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 120

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3° andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

124

Campina Grande 02 de Agosto de 1971.

Ao
Direter do Departamento de Censura Federal
D.P.F.
BRAZILIA DF.

Prezado Senhor-:

Levo ao conhecimento de v.s., que Ginazio Roberto Simonses, da cidade de Campina Grande ná Paraiba, está autorizado a montar o texto teatral O SANTO E A PORCA de autoria de Ariano Suassuna em tres atos, nas seguintes bases;
50% do salario minimo da regiao.

Sem outro assunto, para o momento, firmo-me atencionamente

João Correia de Araújo

VASP
MEMBRO DA INTERNATIONAL AIR TRANSPORT ASSOCIATION
SÃO PAULO - BRASIL

FRETE PAGO

CONHECIMENTO AÉREO

Nº 2201222

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 121

ORIGEM

DE: Campina Grande =CPV=
Remetente: Ginásio Cenecista Roberto
Rua Simonsen N.º
Apto./Casa N.º Tel.

DESTINO

PARA: Brasilia =BSB=
Destinatário: Deptº de Censura Federal
Consignado a
Rua Edf. do B.N.D.E. N.º
Apto./Casa N.º Bairro Tel.

VALOR DA MERCADORIA NCr$ =SVD=
POR EXTENSO:
N. FISCAL N.º:

PÊSO OU CUBAGEM	QUANTIDADE DE VOLUMES	DESCRIÇÃO DO(S) VOLUME(S)
0,500	1	Pacote

REMETENTE DIZ CONTER (CONTEÚDO)

ORIGINAIS DA PEÇA "O SANTO E A PORCA"

TAXAÇÃO	NCr$
Frete a NCr$ T/M p/ Kg (*)	4,95.-
Taxa de Seguro (NCr$ 0,01 x NCr$ 3,00)	
Taxa Terrestre	3,00.-
Taxa de Redespacho	
(*) INCLUSO QUOTA DE PREVIDÊNCIA TOTAL:	7,95.-

OBSERVAÇÕES

*5 AGO 1971

AGÊNCIA N.º 10543

YH/CPV, 3 de Agôsto de 1971

Antonio

P/ VIAÇÃO AÉREA SÃO PAULO S/A

Concordo(amos) com os têrmos dêste conhecimento, cujos dados por mim(nós) fornecidos, declaro(amos) serem verdadeiros.

ASSINATURA DO EXPEDIDOR OU PREPOSTO

Recebi(emos) o(s) volume(s) constante(s) dêste conhecimento, em perfeito estado, com o que dou(damos) por cumprido o presente contrato de transporte.

_____, ____ de _____ de 19____

CARIMBO E ASSINATURA DO DESTINATÁRIO OU PREPOSTO

ISENTO DE SÊLO DE ACÔRDO COM A LEI N.º 3.519 DE 30/12/58 - (ALTER. N.º 258)
YD-1 - 6x250.000 - 7/69 - GASA

O TRANSPORTE COBERTO POR ÊSTE CONHECIMENTO SE REGE PELO CÓDIGO BRASILEIRO DO AR.

3.a VIA - SEGUE C/ A CARGA DESTINATÁRIO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 122

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Título: " O SANTO E A PORCA " - Ariano Suassuna
Classificação: LIVRE c/corte na pág.5

126

NOTA: Obra já examinada por êste Serviço de Censura, recebendo na ocasião chancela livre com algumas modificações no texto. Realizada a comparação do texto atual com o anterior, ficou constatado tratar-se do mesmo trabalho, podendo por êste motivo, receber, para sua liberação, o mesmo critério adotado anteriormente.

Brasília, 12 de agôsto de 1971.

CARLOS ALBERTO MILHOMEM DE SOUSA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 123

À Seção de Censura:

Trata-se de texto liberado anteriormente. A impropriedade foi mantida.

Em 12.8.71

PCTC

De acôrdo.

Em: 12/8/71.

Liberado sem restrição etária, com o corte indicado.

12.8.71

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 124

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 4.131/71

PEÇA * O SANTO E A PORCA *

ORIGINAL DE ARIANO SUASSUNA

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

VÁLIDO ATÉ ____ de ____ de 19____

Brasília, 18 de AGOSTO de 19 76

18 AGOSTO 71

Chefe do S. C. D. P.

GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 125.

Certifico constar do livro nº_____ fôlha nº_____, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada 01 04

- O SANTO E A PORCA -

Original de

Tradução de ARIANO SUASSUNA

Adaptação de

COM CORTES

Produção de XXXXXXXXX GINÁSIO CINECISTA ROBERTO SIMONSEN, RUA CARLOS CHAGAS, 261 de CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

Tendo sido censurada em de 19 e recebido a seguinte classificação: 12 AGOSTO 71

L I V R E :::: NENHUMA RESTRIÇÃO DE IDADE. COM O CORTE DA EXPRESSÃO "MIJAR", ASSINALADA ÀS FÔLHAS 02 (DOIS) DO SCRIPT:::: CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

O PRESENTE CERTIFICADO SÒMENTE TERÁ VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDA - MENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, de de 19

18 AGOSTO 71

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congeneres
CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA
XXXXXXXXXXXXXXXXXX

DPF- Sav. 150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 126

Mem. nº 671 /71- SCDP Em 19 / 8 / 71

De: Chefe da Seção de Censura do SCDP

Ao: Sr. Chefe da TCDP-DPF/ PB

Assunto: Providências (Solicita)

Senhor Chefe:

Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral a - baixo discriminada, podendo ser entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por - êste SCDP esteja de acôrdo com o observado no ensaio, - devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatório a respeito.

Peça: O SANTO E A PORCA
Autor: ARIANO SUASSUNA
Intrp: GINASIO CINEASTA ROBERTO SIMONSEN
Endrç: RUA CARLOS CHAGAS 261
CAMPINA GRANDE-PB

Atenciosamente

Wilson de Queiroz Garcia
Chefe da Seção de Censura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 127

MJ-DPF-SRA/BSB
12 ABR 1000 017444
RECEBIDO POR Antonio

DPF-B
fl. n.º 0

02

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

~~Brasília, DF.~~

Em 10 de abril de 1973

OF. Nº 100/73/GAB/SCDP/DPF/SR/MG

Do Superintendente Regional do DPF em Minas Gerais

Ao Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto Peça Teatral (ENCAMINHA)

Senhor Diretor:-

Para as devidas providencias, estamos encaminhando, em anexo, o "scrpit" da peça teatral "O SANTO E A PORCA" de autoria de Ariano Suassuna e sob a responsabilidade do senhor Miguel Angelo Torres Teixeira, residente nesta Capital.

Atenciosamente,

AMANDO AMARAL -Cel.R/I
Superintendente Regional do DPF/MG

LP/ifs.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 128

~~63~~
~~(2)~~
122

Ilmo. Sr.
Diretor de Divisão de Censura de Diversões
Públicas do D.P.F.
BRASÍLIA DF

O abaixo assinado Miguel Angelo Torres Teixeira, responsável pelo GRUTA - Grupo Teatro Amador, requer desta divisão a censura da peça O SANTO E A PORCA de Ariano Suassuna.

Esta peça deverá ser levada no Teatro do Colégio Santa' Maria entre 25 de abril e 1º de maio, devendo depois percorrer o interior de Minas Gerais, em locais ainda não determinados e por tempo indeterminado.

Nestes termos pede deferimento
Belo Horizonte, 9 de abril de 1973

Miguel Angelo Torres Teixeira

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0674, p 129

04
133

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Belo Horizonte, 09 de abril de 1 973

Ilmo. Sr.
Diretor de Divisão de Censura de Diversões
Públicas do D.P.F.
BRASÍLIA DF

Senhor Diretor.-

Passamos às mãos de V.Sª., três (3) cópias da peça "O SANTO E A PORCA " de autoria de nosso associado sr. Ariano Suassuna, a fim de ser censurada de acordo com o regulamento dessa conceituada Divisão.

Essa peça deverá estreiar em Belo Horizonte nos dias 25 ou 30 de abril do corrente, pelo grupo de teatro GRUTA= GRUPO TEATRO AMADOR e posteriormente, em excursão pelo interior de Minas.

Saudações

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
SECCIONAL DE MINAS GERAIS
GROVER FERREIRA — DIRETOR

m.h.-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0624, p. 130

05
134

S. C. T. C.

TÍTULO: O SANTO E A PORCA

GÊNERO: PEÇA

1) S. ARQUIVO

Documentação: EM ORDEM

Já liberada? : Sim

Cls. Estária anterior: LIVRE - C/C

Praça: BELO HORIZONTE - MG

DF. 13/04/73

Chefe do Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura: Ma Graças

Técnico de Censura:

Técnico de Censura:

Data para Exame: de 18/04/73 a 23/04/73

OBS:

DF. 17/04/73 p/Vand.

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

De acordo com o parecer 233/73 - Hora, sem cortes, condicionado ao censo geral.

Emita-se os certificados com validade até 18.8.76.

18/4/73

E. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-SC/DCDP

4) CHEFE S. C.

Ao Diretor
Visto - Em 18/4/73

5) DIRETOR DA D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em 23/4/1973
Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p. 131

M.J.- DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

06
00
135

Brasília, 18 de abril de 1973

PARECER Nº 2331/73

Senhor Chefe da SCTC:

A peça "O Santo e a Porca" de Ariano Suassuna possui certificado de censura Nº 4131/71, válido até 1976, com a classificação LIVRE. Feita a comparação dos Scripts nada constatei, no atual, que possa alterar a referida faixa etária.

Atenciosamente,

Mª das Graças Sampaio Pinhati
Tec. de cens.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 132

D-7
A-7
126

203/73 - SCTC/SC/DCDP 18 ABRIL 3

SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPF - MINAS GERAIS

" O SANTO E A PORCA "

" ARIANO SUASSUNA "

SUPERINTENDENTE

" TEATRO DO COLÉGIO SANTA MARIA "

FVAN/FNN.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 133

01 12

O SANTO E A PORCA

: ARIANO SUASSUNA

GRUPO TEATRO AMADOR - GRUTA - MG -

18 ABRIL 73

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

REQUERENTE: MIGUEL ÂNGELO TORRES TEIXEIRA

23 ABRIL 73

DEUSDETH BURLAMAQUI -

MH

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 134

0363/73

: O SANTO E A PORCA

: ARIANO SUASSUNA

18 AGOSTO 76

23 ABRIL 73

LIVRE

- ROGÉRIO NUNES -

134

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 135

MJ - DPF - SRA/BSB
4 MAI 11 17 82 023640

009

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BELO HORIZONTE

Em 03 de Maio de 1.973

OF. Nº 120/73/GAB/SCDP/SR/MG

Do:- Superintendente Regional do DPF em MG

Ao:- Ilmo. Sr. Diretor da DCDP/Brasília/DF

Assunto :- Relatório(ENCAMINHA)

Senhor Diretor:-

A fim de dar cumprimento aos têrmos contidos no Memorando de Nº 203/73 - SCTC/SC/DCDP, datado de 18 de Abril de 1.973, vimos, pelo presente, encaminhar às mãos de V.Sa., o Relatório do Técnico de Censura que, na data de 30 de Abril do corrente, compareceu ao Teatro do Colégio Santa Maria, nesta Capital e assistiu à apresentação prévia da peça teatral "O SANTO E A PORCA",- original de Ariano Suassuna e responsabilidade do GRUTA - Grupo.. -Teatro Amador, com Censura Livre.-

Aproveitamos o ensêjo para renovar à V.Sa., os nossos protestos de elevada estima e distinta consideração.

AMANDO AMARAL - Cel. R/1
Superintendente Regional do DPF em MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p.136

DPF

132

M. J. — DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO DPF EM MINAS GERAIS

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

EXAME PRÉVIO DA PEÇA TEATRAL "O SANTO E A PORCA", AUTORIA DE ARIANO SUASSUNA, REALIZADO ÀS 20:30 H, DO DIA 30 DE ABRIL DE 1.973

RELATÓRIO

SENHOR CHEFE DO SCDP

DANDO CUMPRIMENTO À DETERMINAÇÃO EMANADA DE V.SA., COMPARECÍ, ÀS 20:30 H, DO DIA 30 DE ABRIL DE 1.973, AO TEATRO DO COLÉGIO SANTA MARIA, NESTA CAPITAL, A FIM DE ASSISTIR À APRESENTAÇÃO PRÉVIA DA PEÇA TEATRAL "O SANTO E A PORCA", ORIGINAL DE ARIANO SUASSUNA- E RESPONSABILIDADE DO GRUTA- GRUPO TEATRO AMADOR, COM CENSURA LIVRE.

LEVANDO-SE EM CONSIDERAÇÃO NÃO TER CONSTATADO QUAISQUER IRREGULARIDADES DURANTE A REFERIDA ENCENAÇÃO PRÉVIA, É O QUE ME CUMPRE RELATAR.-

BELO HORIZONTE, 03 DE ~~MAIO~~ DE 1.973

Carlos Abílio França Gomes

CARLOS ABÍLIO FRANÇA GOMES- TÉC. DE CENSURA

À CONSIDERAÇÃO DO SENHOR SUPERINTENDENTE REGIONAL

BELO HORIZONTE, 03/MAIO/1.973

=LEOPOLDO PORTELA=
CHEFE DO S.C.D.P./SR/MG

REMETA-SE À DCDP

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto — de 1920. —

Filiada á Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, — de Paris. —

141

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 137

Direitos de Representação Autorização Nº 144090

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: O Santo e a porca

Original de Ariano Suassuna

Música de —

Tradução de —

No Teatro Teatro Bolso Cidade Campos

Emprêsa Ruth Ribeiro Rosário Pela Cia. Grupo Impar

nos dias .....

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de .....% ..... da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ ..... por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Campos, 19 de dezembro de 1973

Orbílio Zastro
(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 138.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama ,comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legìtimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes do sautores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, runiões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo os que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 139

DPF-SRA/BSB

7 DEZ 1973 072506

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
DIVISÃO - DPF/RJ

142

Niterói, RJ.

Em 26 de dezembro de 1973

OF N.º 077/73 - SCDP/DIV/DPF/RJ

Do Diretor da Divisão de Polícia Federal no Est.do Rio de Janeiro

Ao Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas - DPF/RJ.

Assunto Encaminhamento (faz)

Senhor Diretor:

Sirvo-me do presente, para encaminhar a V.Sa., em tres (3) vias, as peças teatrais " O SANTO E A PORCA " ; " A PRÓXIMA VÍTIMA "; " UMA CHUVA DE ROSAS ", respectivamente de autorias de Ariano Suassuna, Marins Rey e Ruth Ribeiro do Rosário, para fins de censuras prévias.

Segue, em anexo, as respectivas autorizações da S.B.A.T.

Na oportunidade, apresento meus protestos de estima e devida consideração.

HUMBERTO MOUTA TEIXEIRA - Bel.

Diretor da DIV/DPF/RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 140

TEATRO

143

TÍTULO O SANTO E A PORCA

1) S. ARQUIVO

Documentação EM ORDEM

Clas. Anterior LIVRE

Praça NITERÓI - RJ

Obs.:

DF. 02/01/74

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura Braz

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de 07/01/74 a 09/01/74

DF. 04/01/74

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

A consideração do Sr. Chefe S.C.

Em 10/01/74

F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-SC/DCDP

4) SERVIÇO DE CENSURA

À SCTC

Devolva-se ao interessado a fim de ser encaminhado novos scripts, seguindo a este SCDP, querendo. Em 11.1.74

5) Diretor da D. C. D. P.

Restitua-se, para o fim indicado no parecer. Em 11/01/74

R... NUNES
Diretor da DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0674, p. 143

144

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Parecer Nº 12265/74

Título: O SANTO E A PORCA - ARIANO SUASSUNA.

Classificação Etária: DEVOLUÇÃO PARA RETIFICAÇÃO.

Espécie: peça teatral Com cortes: ...

Boa Qualidade: ... Livre P/Exportação: ...

Dublado: ... Legendado: ...

Vedada a Exploração Comercial: não

Cenas: ...

Época: ... Gênero: ...

Linguagem: ...

Tema: ...

Personagem: ...

Mensagem: ...

Enredo: ....

1 — Cortes: ...

2 — **Conclusão:** Sugiro a devolução da peça para retificação pois a mesma não tem condições de leitura.

Brasília, 9 de dezembro de 1974

CARLOS ALBERTO BRAZ DE SOUZA

DPF—507

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 142

145

Ofício nº 042/74-SC/DCDP , 11 de janeiro de 1 974

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

: Senhor Diretor da Divisão de Polícia Federal em Niteroi

: "O SANTO E A PORCA"

Senhor Diretor:

Solicito a Vossa Senhoria providencias no sentido de mandar informar à parte interessada, que deverá encaminhar aa esta Divisão de Censura de Diversões Públicas, novos "scripts", legíveis, e, caso queira, o interessado poderá requerer nova censura.

2. Solicito outrossim, restituir as 2ª e 3ª vias do "script" que este acompanha.

Ao ensejo, renovo a Vossa Senhoria meus protestos de estima e distinta consideração.

ROGÉRIO NUNES
Diretor

FVAN/fd

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 143

147

02

NÚCLEO EXPRESSÃO PRODUÇÕES S/C

Rua Minas Bogasian, 137 — Osasco — São Paulo

INSCRIÇÃO C. G. C. 44.318.327/001 MUNICÍPIO 37-52-28-A

21 JAN 1456 003636

REQUERIMENTO

Núcleo Expressão - Produções S/C., com sède em Osasco, à Rua minas Bogasian, nº 137, vem atravès do presente, solicitar a / V.Sa., que se digne censurar a peça teatral "O Santo e a Porca", de autoria de Ariano Suassuna.

N. Têrmos

P. DEFERIMENTOS

Osasco, 18 de Janeiro de 1.974

Rubens Pagiatari

Ilmo. Sr.
Rogèrio Nunes
Chefe do Serviço de Censura
do Departamento de Policia Federal

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 144

148

03

NÚCLEO EXPRESSÃO PRODUÇÕES S/C

Rua Minas Bogasian, 137 — Osasco — São Paulo

INSCRIÇÃO C. G. C. 44.318.327/001 MUNICÍPIO 37-52-28-A

Osasco, 18 de janeiro de 1 974.-

Ilmo. Sr.

Rogério Nunes
Chefe do Serviço de Censura de
Diversões Públicas do
Depart. de Polícia Federal.
Brasília - D.F.

Prezado Senhor

NÚCLEO EXPRESSÃO, grupo de teatro sediado em Osasco, e que está empenhado na popularização da cultura através da arte, considerando que:

a) Seu público é formado principalmente por jovens estudantes, de 10 a 17 anos.

b) Que justamente a este público é preciso mostrar trabalhos de autores brasileiros, e de bom nível.

c) Considerando que Ariano Suassuna é um dos mais importantes dramaturgos contemporâneos brasileiros, e sua peça "O Santo e a Porca" reconhecida inclusive no exterior, como da - mais alta qualidade literária.

d) Considerando que é o tipo de trabalho ideal para ser mostrado a povo, inclusive pela valorização que faz de vários usos e costumes de nossa terra.

Vem por meio da presente, mui respeitosamente, solicitar a V.Sa., que, dentro do que lhe for possível, se digne - considerar o texto em questão livre.

Sem outro particular para o momento, somos

Atenciosamente,
NÚCLEO EXPRESSÃO Produções
Rubens Pignatari

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 145

1179/74

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

São Paulo
~~Rio de Janeiro~~, 17 de Janeiro de 19 74

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S., para fins de CENSURA (3) cópias da peça:

"O SANTO E A PORCA"

DE: Ariano Suassuna

próxima apresentação da Núcleo Expressão S/C

no Teatro Expressão

com estréia marcada para o dia 20 de Março de 1974

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior consideração,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
17 JAN 1974
SUCURSAL SÃO PAULO
Visto:

Djalma Bittencourt
Superintendente

A PRESENTE AUTORIZAÇÃO SERVE APENAS E EXCLUSIVAMENTE PARA EFEITO DE CENSURA DE PEÇA.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 146

150/05

TEATRO

TÍTULO O SANTO E A PORCA

1) S. ARQUIVO

Documentação Em Ordem

Clas. Anterior LIVRE

Praça OSASCO – SP

Obs.:

DF. 22/01/74

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de __/__/__ a __/__/__

DF. __/__/__

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

Concordo com o parecer 12734/74 – Livre – sem cortes, condicionado, todavia, ao ensaio geral.

Emita-se os certificados, observada a validade dos anteriores.

29/01/74

F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-SC/DCDP

4) SERVIÇO DE CENSURA

Sr. Diretor.

conforme o parecer – 12734/74 – Livre.

Em 30-01-74

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 30/01/1974

Rogério Nunes

DPF–538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 146

150/05

TEATRO

TÍTULO O SANTO E A PORCA

1) S. ARQUIVO

Documentação Em Ordem

Clas. Anterior LIVRE

Praça OSASCO – SP

Obs.:

DF. 22/01/74

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de __/__/__ a __/__/__

DF. __/__/__

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

Concordo com o parecer 12734/74 – Livre – sem cortes, condicionado, todavia, ao ensaio geral.

Emita-se os certificados, observada a validade dos anteriores.

29/01/74

vd

F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-SC/DCDP

4) SERVIÇO DE CENSURA

Sr. Diretor.

conforme o parecer – 12734/74 – Livre.

Em 30-01-74

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 30/01/1974

Rogério Nunes

DPF–538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 148

151
66

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

P A R E C E R 12734/74

Ref. O SANTO E A PORCA - Peça Teatral para confronto

Confrontando os textos da Peça O SANTO E A PORCA de autoria de Ariano Suassuna, pude constatar a identidade dos mesmes, razão pela qual sugiro que seja mantida a classificação anterior, ou seja, LIVRE.

Brasília, 28 de janeiro de 1974

Gueiros

geralda de macedo coelho - Téc. Cens.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 149

152

071/74-SCTC/SC/DCDP 29.janeiro 4

SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPF - SÃO PAULO

" O SANTO E A PORCA "

" ARIANO SUASSUNA "

SUPERINTENDENTE:

Teatro Expressão

FVAN/fnn.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 150

: O SANTO E A PORCA

: ARIANO SUASSUNA

: NÚCLEO EXPRESSÃO - PRODUÇÕES S/C - SP -

RUBENS PIGNATARI

28 JANEIRO 74

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

30 JANEIRO 74

DEUSDETH BURLAMAQUI

mhp

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p 151

363/74

: O SANTO E A PORCA

: ARIANO SUASSUNA

10 AGOSTO 76

30 JANEIRO 74

ROGÉRIO NUNES

LIVRE

153

4 me 2.115/74-SCDP/SP

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO

RELATÓRIO Nº ... Série ...

São. Paulo. 4 ..... em ... de Abril .. de 1974

009

Ao Sr. Chefe do SCDP/ DR/SP
De :- Maria Sylvia Barretto Nogueira
Assunto Ensaio de peça.

Exame censório do ensaio geral de peça "O Santo e a Porca" / ..... de Ariano Suassuna .....
Autor :- Ariano Suassuna .....
Tradutor :- Nihil .....
Encenado por :- Nucleo Expressão Produções .....
Local :- Rua Minas Bogasian 137/139 Osasco .....
Data do ensaio : 4 4/ 1974 Horário:- das 21 ... às 22 ... horas

1, TEXTO

1,1 Tema :- Um avarento armazena dinheiro num cofre (A Porca) .....
1.2 Sofreu alterações ? ( ) Sim x) Não
1.3 Sofreu alterações significativas ? ( ) Sim x ( ) Não
1.4 Sofreu cortes ? ( ) Sim x) Não
1.5 Cortes observados ? ( ) Sim x ( ) Não
1.6 Classificação :- .. Livre .....

2. ENCENAÇÃO

2,1		De acordo com as normas censórias	Contrariando as normas censórias
2.1	Cenário :-	x( )	( )
2,2	Iluminação :-	x( )	( )
2,3	Música :-	x( )	( )
2,4	Guarda-roupa :-	x( )	( )
2,5	Projeção de "slides"	x( )	( )
2,6	Expressão corporal :-	x( )	( )

2.7 Restrições .....
Sem restrições .....
.....
.....
.....
.....
.....

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 152

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 153

155

Nº ... Série ...

3. OBSERVAÇÕES

...As letras musicais: "O jantar", "Alucinação" "A Porca" "Musica Final" E "A Terrinha" incorporadas pelo Nucleo Expressão e requeridas por Rubens Bignatari em nada alteraram a impropriedade e a encenação do texto.

....As referidas letras são de Afonso Gentil e a musica é de Valdimir Capela. A liberação das mesmas fins refere-se somente para a peça em aprego.

Segue anexo Relatório minucioso ( ) Sim Não

4. PARECER DO TÉCNICO DE CENSURA

4.1 Opino pela liberação ( )

4.2 Opino pela proibição (x) de acordo com .....

4.3 Opino pela liberação com restrições parciais ( ) de acordo

Maria Sylvia Barretto Nog. Técnico de Cens.
Nº 306..

S.Paulo, 15/4/74

1. De acordo com o parecer censório, remeta-se à Brasilia, através da Superintendencia.

M. Marcilio Nogueira

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 154

Federação de Teatro Amador da Média Sorocabana

(Pela Lei 1694 de 6/5/70 - De Utilidade Publica)

(FETAMES) BOTUCATU - Sp.

MJ DPF SRA/DSP
18 JUN 1974 037190
RECEBIDO POR .....

OF. N.º 11/74

Botucatu, 10 de junho de 1974

Á Censura Federal
Brasilia- D.F.

Octávio Morales Moreno, presidente da FETAMES- Federação de Teatro Amador da Média Sorocabana, com séde em Botucatu, Estado de São Paulo, á rua Amando de Barros, 547 sala 4, vem solicitar de V.S. a CENSURA do texto "O SANTO E A PORCA", a ser encenado pelo grupo Amador da Escola SENAC, desta cidade.

O texto é de autoria de Ariano Suassuna.

Em anexo, enviamos o texto bem como a autorização da SBAT- Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

Sendo o que se nos apresenta no momento, reiteramos os protestos de consideração.

Octávio Morales Moreno
Presidente.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 155

138

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

03

São Paulo
~~Rio de Janeiro,~~ 11 de Junho de 19 74

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S., para fins de CENSURA (3) cópias da peça:
"O SANTO E A PORCA"

DE: Ariano Suassuna

próxima apresentação da ~~Grupo Amador da Escola Senac~~ no Teatro de Botucatu

com estréia marcada para o dia

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior consideração,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
★ 11 JUN 1974 ★
CULTURAL SÃO PAULO
Visto:

Djalma Bittencourt
Superintendente

A PRESENTE AUTORIZAÇÃO SERVE APENAS E EXCLUSIVAMENTE PARA EFEITO DE CENSURA DE PEÇA.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 156

TEATRO

159

64

TÍTULO O SANTO E A PORCA.

1) S. ARQUIVO

Documentação Em Ordem

Clas. Anterior LIVRE

Praça BOTUCATU - SP

Obs.:

DF. 19 / 6 / 74

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de __/__/__ a __/__/__

DF. __/__/__

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. Conforme Parecer Nº 16613/74

Opino:

I/ A Seç. Exp. para emitir os certificados, LIVRE, sem cortes, condicionando todavia ao ensaio geral.

II/ A consideração do Sr. Chefe do Serviço de Censura.

Em 01/07/74

Manoel Guido

Chefe da S.C.T.C.

4) SERVIÇO DE CENSURA

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em, 05 / 7 / 1974

Wilson de Queiroz Garcia

Chefe do S.C.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 152

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

160
65

PARECER Nº 16613/74

TÍTULO: "O Santo e a Porca"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Livre.

Nesta data, procedi ao confronto do texto em referência, com os demais liberados por esta Divisão, nada encontrando que impeça a expedição do Certificado, nas mesmas condições.

Brasília, 25 de junho de 1974

V/Alencarmonteiro-TC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 158

161

477/74-SCTC/SC-DCDP 03.07 4

Superintendente Regional do DPF em São Paulo

- O SANTO E A PORCA -

ARIANO SUASSUNA

Superintendente

em Botucatu/SP.

MFCG/aga

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 159

: O SANTO E A PORCA

: ARIANO SUASSUNA

: FEDERAÇÃO DE TEATRO AMADOR DA MÉDIA SOROCABANA - SP -

OTÁVIO M. MORENO

25 JUNHO 74

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT"DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.:::

05 JULHO 74 WILSON DE QUEIROZ GARCIA

MHF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0624:p 160

363/74

: O SANTO E A PORCA

: ARIANO SUASSUNA

08 JULHO 79

LIVRE

08 JULHO 74

ROGÉRIO NUNES

162

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p.161

19 JUN 0653 037206

164

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO
FUNDAÇÃO MOBRAL

Of. nº 29[illegible]1 /74/GB/SEXEC/CECUT

Em, 17 de junho de 1974

Do: Secretária-Executiva da Fundação MOBRAL

Ao: Diretor da Divisão de Censura e Diversões Públicas

Assunto: Pede liberação para espetáculos do MOBRAL

Senhor Diretor,

Fazendo o subprograma de teatro parte integrante do Programa de Atividades Culturais do MOBRAL, que tem como objetivo básico ampliar o universo cultural de sua clientela específica, vimos pedir a colaboração da Censura Federal no sentido de liberar os textos e os espetáculos que irão, a nível nacional, levar o teatro ao mobralense e à comunidade em geral.

Para maior esclarecimento passamos a informá-lo que:

— os espetáculos serão realizados por grupos amadores contratados pelo MOBRAL/SNT;

— o repertório do grupo é constituído por peças previamente indicadas e/ou aprovadas por uma comissão mista MOBRAL/SNT que as julga visando uma adequação aos objetivos que norteiam a ação do MOBRAL;

— os grupos amadores contratados em todos os Estados da Federação deverão excursionar levando os espetáculos a todos os municípios dos seus Estados.

Considerando que as dificuldades de uma ação isolada dos grupos para obter a liberação da Censura, viria atrasar nossa programação, vimos solicitar que esse órgão facilite ao MOBRAL obter uma liberação a nível nacional.

Aproveitamos a oportunidade para reiterar a V.Sª nossos protestos de consideração.

Maria Terezinha Tourinho Saraiva
Secretária-Executiva

ANEXO: a) Lista de peças aprovadas pelo MOBRAL/SNT;
b) Textos das peças premiadas no Concurso Nacional de Peças Novas - Prêmio MOBRAL de Teatro

Ilmº Sr.
Dr. ROGÉRIO NUNES
Diretor da Divisão de Censura e
Diversões Públicas
BRASÍLIA - DF

MOBRAL/Década do Desenvolvimento CECUT/NQ/dbp.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0624, p 162

165

MJ-DPF-SR/RJ/SR
2 JUN 1974 037834
RECEBIDO POR .....

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Publica Federal pelo Dec. 4.092, de 4-9-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

Rio de Janeiro, 31 de Maio de 1974

Ao S.C.

a) para as peças que já tenham sido liberadas pela DCDP, fornecer certificados especiais, com a observação de que só terão validade para as representações patrocinadas pelo MOBRAL.

b) em relação às que ainda não foram submetidas à censura, solicitar os textos, providenciando

Senhor Representante da
SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS,

O Ministerio da Educação e Cultura, através do MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO (Fundação MOBRAL) está realizando meritória e digna tarefa de alfabetização, valendo-se, tambem, para orgulho de todos nós que milita - mos no teatro, da objetividade da representação teatral, u tilizando-se, em consequencia, de Companhias, Grupos ou in térpretes singulares, que representarão peças teatrais pre viamente escolhidas tendo em vista aqueles objetivos tão e levados.

O motivo da presente é o de solicitar a sua valiosa colaboração no sentido de autorizar toda e qual - quer representação de peça teatral, por Companhias ou Gru- pos credenciados pelo MOBRAL, visando todos os programas , facilitando todo o expediente necessário á realização dos espetáculos, emitindo as respectivas autorizações, SEM CO- BRAR QUALQUER IMPORTANCIA a titulo de direitos autorais ou taxas.

Os espetáculos realizados pelas Companhias e Grupos credenciados pelo MOBRAL serão inteiramente gra - tuitos para o público.

Agradecendo, antecipadamente, pela sua cola boração, subscrevemo-nos com a maior consideração.

Djalma Bittencourt,
Superintendente.

ROGÉRIO NUNES
Diretor da DCDP

À SCTC para cumprir o despacho supra, do Sr. Diretor da DCDP.
Em: 20-6-74.
Wilson Jones

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

4.500 - 1-74

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 163

166

RELAÇÃO DE PEÇAS TEATRAIS APROVADAS

PELA COMISSÃO MISTA NORMAL/S.N.T.

Nada Consta - "Juiz de Paz na Roça ..... Martins Pena

Nada Consta - Um Sertanejo na Corte ..... Martins Pena

Cert. 2632/73 - A Família e a ~~Festa~~ Festa na Roça ..... Martins Pena LIVRE - Val. = 30.05.7

" 5.279/72 - Os Dons ou o Inglês Maquinista ..... Martins Pena 10 anos - " = 08.08.7

" J.103/73 - O Judas em Sábado de Aleluia ..... Martins Pena 10 anos - " = 09.08.7

Nada Consta - O Namorador ou a Noite de São João .... Martins Pena

C/o Chefe do SC - O Noviço ..... Martins Pena

Cert. 2336/70 - O Cigano ..... Martins Pena LIVRE - Val. 31.03.7

" J.390/73 - O Caixeiro da Taverna ..... Martins Pena 14 anos - " 04.05.7

" J.980/73 - Os meirinhos ..... Martins Pena 18 anos - " 28-08.7

" 2.563/74 - Quem casa, quer casa ..... Martins Pena 10 anos - " 10.06.7

" 2.566/74 - Os ciúmes de um Pedestre (ou o terrível capitão mato) ..... Martins Pena 10 anos - " 31.05.7

" J.824/74 - As desgraças de uma criança..... Martins Pena 14 anos - " 17.06.7

Nada Consta - O Usuário ..... Martins Pena

Cert. 461/73 - Acima do Bem Querer ..... J.C. Cavalcanti Borges LIVRE - Val. 23

Nada Consta - Maurício de Nassau ..... Viriato Correa

Nada Consta - Quase Ministro ..... Machado de Assis

Cert. 272/68 - Dama das Camélias ..... Dumas Filho 14 anos - Val. 20.06.69

" 4.869/72 - O Milagre de Anna Sullivan ..... W. Gilson 10 anos - " 04.05.7

" J.594/74 - Onde Canta o Sabiá ..... Gastão Tojeiro 14 anos - " 07.10.7

C/o Censor: Alencar - Morte e Vida Severina ..... J. Cabral de Mello Neto

Cert. 5.282/74 - Uma Consulta ..... Artur Azevedo 10 anos - Val. 09.08.7

" 363/74 - O Santo e a Porca ..... Ariano Suassuna LIVRE - " 18.08.7

Nada Consta - O Macaco de Vizinha ..... J.M. Macedo

Cert. 386/74 - Procura-se Uma Rosa ..... Pedro Bloch 16 anos - Val. 11.05.7

" 4.733/72 - Romance do Pavão Misterioso (LIVRE - Val 12.4.77) (cordel) Folheto - João Martins de Athayde - Propriedade José Bernardo da Silva

Nada Consta - O Sanfoneiro que foi tocar no Inferno.. (cordel) Folheto - Autor: José Costa Leite.

Nada Consta - Valentão do Mundo ..... (cordel) Folheto: Severino Milanês - Propriedade: José Bernardo da Silva.

Nada Consta - Roldão no Leão de Ouro ..... (cordel) Folheto: João Martins de Athayde. Editor Prop. José Bernardo da Silva.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 164

167

CERT. 4.819/72 - O Exemplo de Maria Nocaute ou os Valores do Homem Primitivo (14 anos - Val. 25.04.77). João Augusto - do folheto de Minelvino Silva. "A História do Mau Ladrão" ou " Os Sofrimentos de Maria".

Cert. 4.824/72 - "Antonio mau Santo" (14 anos - Val. 17.04.77) João Augusto - do folheto de Pedro Quaresma e José Martins dos Santos -respectivamente" -"A viúva que amarrou Santo Antonio n'um foguete para se casar a 2a vez" e A moça que pisou - Santo Antonio no pilão para se casar com um boiadeiro.

Cert. 4.820/72 - "A Mulher que se casou 18 vezes"..... (LIVRE - Val. 11.04.77) João Augusto do folheto de Valeriano Félix dos Santos.

Encaminhados para a SCTC em 19.06.74

"A Última Estação" ..... Roberto Gill Camargo

Pesadelo" ..... Alberto Mantovani Abeche

A Pobreza Envergonhada" ..... Walmir Ayala

"Hoje a Banda Não Sai" ..... Severino Marcos de Miranda Tavares.

De como Revisar Um Marido Oscar ..... Oraci Gomba

CECUT/NQ/jbf.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p. 165

: O SANTO E A PORCA

: ARIANO SUASSUNA

TEATRO DE AMADORES DO CABO - TAC - PE -

:JOSÉ ANTÔNIO ALVES

09 OUTUBRO 75

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.:: ::::::

09 OUTUBRO 75

Coriolano de L C Fagundes

CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 166

211/V

353/75

: O SANTO E A PORCA

: ARIANO SUASSUNA

09 OUTUBRO 80

LIVRE

09 OUTUBRO 75

ROGÉRIO NUNES

(009) BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0679, p. 167

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
RADIOGRAMA RECEBIDO

RECEBI NO DIA 03/07/75
AS 9:00 HRS.
Assinatura Legível

MJ-DPF-SRA/BSB
CONTROLE
Nº 2 JUL 23 04 Nº 036911

191

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
RADIOGRAMA RECEBIDO

021340

RECEBIDO POR

DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
SEOP - CMG

INDICAÇÕES DE SERVIÇO
PREÂMBULO: JUIZ DE FORA MG 176 53 01/07 12.00
RECEPÇÃO: C560 HR-VS 022045

RECEBIDO EM 02 JUL 1975 AS
ENCAMINHADO A: DCDP
EM / / AS
RUBRICA:

END.

DCDP BSB

FICHADO
S. A. DCDP

TEXTO E ASSINATURA

171/75 DZM 010775 SOL INFO SE PEÇA TEATRAL INTITULADA SANTO ET A PORCA VG AUTORIA ARIANO SUASSUNA VG REQUERIDA POR HERCULES FERNANDES MEDEIROS PELO GRUPO TEATRAL MATER DEI VG EM 230475 VG ENCONTRA-SE ESSA DCDP PT CASO POSITIVO VG SE APROVADA VG SOL REMETE LA ESTA DZM PT

DPF/DZM

Senhor Diretor
O pedido de censura em questão foi liberado através do Cert. 363/75 de 14/05/75 - LIVRE, e encaminhado com o Ofício 378/75, de 14.05.75. Em 03.07.75.

Ao arquivo verifico em 3.7.75

DPF 18

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 168

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

3ª VIA

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº 182

PREÂMBULO

Espécie: OFICIAL | Número: | Data:

Origem: | Palavras: | Hora:

POSIÇÃO:

ENDEREÇO

DPF/DZM

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 358-DCDP 03 - 07 - 75 — RERA NR 171/75 INFO PEÇA ESTAH LIBERA_
DA LIVRE ET FOI REM SR/MG COM OP NR 378 DE 140575 PT DIR DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor

DPF-84

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 169

MJ-DPF-SRA/BSB
-9 SET 09 06 75 051857
RECEBIDO POR

Natal

Fortaleza, 05 de setembro de 1975

194

ILMO. SR.
DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - DPF
BRASÍLIA - DF

Prezado Senhor:

Pelo presente venho mui respeitosamente, eu José Guaracy Cosmo Rodrigues, natural de Fortaleza-Ce, filho de Milton Rodrigues e de Luiza Cosmo Rodrigues, estudante de Comunicação Social (Curso superior) da Universidade Federal do Ceará, 2º ano, residindo na rua Henrique / Jorge, nº264, bairro Jardim América, carteira de identidade nº 281.827, solicitar de V.S. a gentileza, censurar e posteriormente liberar o texto anexo.

Pedimos a V.S. a gentileza de liberá-lo, o mais rapidamente para efeito de ensaios e principalmente / para a participação no Festival Nacional de Teatro Amador a realisar-se em Fortaleza, sendo a sua fase local iniciada na primeira quinzena de outubro do corrente ano.

Agradecemos pela consideração e atenção dada ao mesmo.

Nestes termos peço deferimento:

José Guaracy Cosmo Rodrigues

JOSÉ GUARACY COSMO RODRIGUES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0674,p 170

TEATRO

TÍTULO O SANTO E A PORCA

1975

1) S. ARQUIVO

Documentação

Clas. Anterior Livre

Praça Fortaleza CE

Obs.: FALTA GUIA 15 BAT

DF. 11/09/75

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de __/__/__ a __/__/__

DF.__/__/__

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

3) S. C. T. C. À Seção de Expedientes, para, de acordo com o parecer 7925-75, expedir certificado com a chancela de livre, sem cortes. Todavia, condicionado ao exame do Ensaio Geral.
2 — Encaminhe-se ao Sr. Chefe do SC
em 23-09-75

Florivaldo de Carvalho Queiroz
Subst. Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres / SC

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 25/ set./ 1975
P/ Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 171

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

196

PARECER Nº 7925 / 75

TÍTULO: O SANTO E A PORCA

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

Espécie: peça teatral- confronto

Confrontando este script remetido a esta Divisão para censura, com outro existente em nossos arquivos, verifiquei a identidade de textos, podendo porisso receber a mesma classificação do anterior: livre.

Brasília, 18 de setembro de 1975

Teresa Cristina dos Reis Marra

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p.172

755/75-SCTC/DCDP

Superintendente Regional do DPF no Ceará

" O SANTO E A PORCA "

"ARIANO SUASSUNA"

Superintendente:

Fortaleza-CE

/fmfn.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 173

: O SANTO E A PORCA

: ARIANO SUASSUNA

JOSÉ G. C. RODRIGUES

23 SETEMBRO 75

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.:::

24 SETEMBRO 75

CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 174

198

363/75

: O SANTO E A PORCA

: ARIANO SUASSUNA

24 SETEMBRO 80

24 SETEMBRO 75

LIVRE

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p.175

MJ-DPF-SRA/BSB
10 SET 10 25 75 052163
RECEBIDO POR:

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Of. nº 561/75 -SCDP-SR/RJ Em 08 / 09 / 1975

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto CENSURA DE PEÇAS

Ref. prot. 36.253/75-SR/RJ

De ordem ao arquivo em 10 09 75

Ruth Nogales
Chefe do SA/DCDP

FICHADO
S. A. DCDP

Peça "O SANTO E A PORCA"

Autor Ariano Suassuna

Guia da SBAT 3 de setembro de 1.975

Senhor Diretor:

Para fins de exame censório, encaminho a essa DCDP, em 3 (tres) vias, o texto da peça acima referenciada e, na oportunidade, renovo a Vossa Senhoria os protestos de / minha estima e elevado apreço.

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do SCDP - SR/RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,P 176

OK

Ilmo. Sr.
CHEFE DO DEPARTAMENTO DE CENSURA FEDERAL

MJ-DPF - SR/RJ
-4 SET 1352 036253
RECEBIDO POR
SRA/FICHADO

201

Eu, Vital Paulino Filho, diretor-responsável pelo "Grupo Espaço " empresariado por "Hamilton Tostes Produções Artísticas" venho por meio desta solicitar a VV.SS. se dignem encaminhar para exame de censura os exemplares anexo da peça "O SANTO E A PORCA" de Ariano Suassuna e cuja direção está sob minha responsabilidade, com estréia prevista para o dia 10 de outubro de 1975 no teatro do Grajaú Tenis Clube.

Nestes termos peço deferimento.

Rio de Janeiro, 4 de setembro de 1975

VITAL PAULINO FILHO

CPF: 260.024.267
Identidade: FP- 26.561.69

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 177

Ao Cadastro
Para verificar
se ha registro.
[illegible], 4/9/75
[illegible]

Do Cadastro:
Informo para os devidos fins, que a peça em tela possui registro neste SCDP, Certs. ESPECIAL 10/07/979, válido até 10/07/79, sendo responsável o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), Livre, Of. 814/974/SC/DCDP; e, Cert. 3.454/71/D.F., Livre, validade 28/01/76, fls. 14v, não acompanha Script nem certificado.
Rio, 04/9/75
[illegible]
Fiscal de Censura.

A Secretaria
Para encaminhar
a Brasília.
[illegible], 05/09/75
[illegible]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 178

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

202

Rio , 3 de Setembro de 1975

Ilmo. Sr.
Diretor do Departamento de Censura Federal
(Departamento de Polícia Federal)
Brasilia D F

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa. para fins de CENSURA, tres copias da peça

O SANTO E A PORCA

Original de Ariano Suassuna

Tradução de

Próxima apresentação de Empresa HAMILTON TOSTES PRODUÇÕES ARTISTICAS

Teatro DO GRAJÁU T.CLUBE Cidade RIO DE JANEIRO

Estado RJ.-

A estréia está prevista para 10 de Outubro de 1975

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração,

Pela SBAT.

2.000 x 2 em bls. 50/50
Janeiro 75

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0674, p 179

TEATRO

203

TÍTULO O SANTO E A PORCA

DE

Ariano Suassuna

1) ~~S. ARQUIVO~~ SCTC

Documentação

Clas. Anterior Livre

Praça Rio de Janeiro - RJ.

Obs.:

DF. 30/09/75

Chefe Seção ~~Arquivo~~

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de __/__/__ a __/__/__

DF.__/__/__

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. A Seção de Expedientes, para, conforme Parecer 8464-75, expedir certificado com a chancela de livre, sem cortes. Todavia, condicionado ao exame de ensaio geral.

2 — Encaminha-se à consideração da Chefia.

Em 09-10-75

Florivaldo de Carvalho Queiroz

Subst. Chefe e Censura de Teatro e Congêneres / SC

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE

na forma do ~~parecer~~ processo anterior

Em, 10 Out 1975

Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 p. 180

SRJ/FICHADO
MJ-DPF-SRA/BSB
DPF-SRA

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

25 SET 11 11 75 055553
RECEBIDO POR:

M.J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM PERNAMBUCO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF.Nº 2996/75-SCDP/SR/PE

Em, 23 de setembro de 1975

FICHADO
S.A. DCDP

De ordem
a secção de Teatro
em 26 09 75

Ruth Nogales
Chefe da SA/DCDP

Senhor Diretor,

Em observância aos dispositivos legais, encaminhamos a V. Sa. 3 (três) vias dos scripts da peça teatral intitulada "O SANTO E A PORCA", autoria de ARIANO SUASSUNA, a fim de serem devidamente censuradas por essa DCDP.

Aproveito a oportunidade para reiterar a V. Sa. protestos de elevada estima e distinta consideração.

Bel. EDYR CARVALHO
Superintendente Regional do DPF/SR/PE

Ilmo. Sr.
Dr. Rogério Nunes
DD. Diretor da DCDP/DPF/BSB
Brasília-DF/

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 (P 181

TEATRO DE AMADORES DO CABO T.A.C.

AV. HISTORIADOR PEREIRA DA COSTA N.º 200

Cabo, 04 de setembro de 1975.

Ofício nº 53/75

Chefe do Departamento de Censura Federal
Brasilia -DF.

Prezado Senhor:

O TEATRO DE AMADORES DO CABO-T.A.C., solicita de V.Sa. a aprovação da peça teatral " O SANTO E A PORCA", do autor / Ariano Suassuna, que será encenada pelos seguintes atores: Eurição(Frederico Menezes de Oliveira) idade 16 anos; Eudoro Vicente(Antônino Menezes de Olivera Jr.) idade 23 anos; Caroba(Maria das Graças de / Oliveira) idade 19 anos; Dodó(Jorge Luiz Dutra) idade 17 anos; Benona(Maria Aparecida Alves) idade 28 anos; Margarida(Marieta Hellena de Mello Bello) idade 16 anos; Pinhão (Valdir Ferreira Soares) idade 19 anos. A adaptação é de José Antônio Alves- Diretor Artístico .

Esperamos ser atendido.

Agradece:

JOSÉ ANTÔNIO ALVES - DIRETOR ARTÍSTICO

Ilmo. Sr.
Chefe do Departamento de Censura Federal
Brasilia -DF.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 182

TEATRO

25

TÍTULO O SANTO E A PORCA
de
Ariano Suassuna

1) S. ARQUIVO

Documentação
Clas. Anterior Livre
Praça Cabo - PE
Obs.: Falta a Sbat.

DF. 30/09/75

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura
Técnico de Censura
Técnico de Censura
Data para Exame de __/__/__ a __/__/__
DF. __/__/__

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. A Seção de Expedientes, para, conforme Parecer 8464-75, expedir certificado com a chancela de livre, sem cortes. Todavia, condicionado ao exame do ensaio geral.
2 — À Chefia.
Em 09-10-75.

Florivaldo de Carvalho Queiroz
Subst. Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres / SC

4) SERVIÇO DE CENSURA

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do ~~parecer~~ processo anterior
Em, 10 / Out / 1975

Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0674,p. 183

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

208

PARECER Nº 4464 / 75

TÍTULO: "O SANTO E A PORCA"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: L I V R E

Peça teatral - autor: Ariano Suassuna

Constatada a identidade de fundo entre os textos apresentados (dois textos), opino pela liberação com classificação etária livre.

Brasília, 07 de outubro de 1975

J. Antonio S. Pedroso

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 184

209

829/75-SCTC/SC/DCDP

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas-SR/RJ

"O S A N T O E A P O R C A"

"ARIANO SUASSUNA"

Chefe:

Rio de Janeiro-RJ

CHF

/fmfn.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 185

210/

Ofício nº 1188/75-SCTC/SC/DCDP , 10 de outubro de 1.975

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas-D.P.F.

: Senhor Superintendente Regional do DPF no Pernumbuco-PE

: " O SANTO E A PORCA "
Ref: Of. nº 2996/75-SCDP/SR/PE
Anexo: 2ª e 3ª vias do "script" e
1ª e 2ª vias do certificado

Senhor Superintendente:

Encaminho a V.Sª. as anexas 1ª e 2ª vias do certificado, bem como as 2ª e 3ª vias do "script" da peça teatral' supracitada, da autoria de Ariano Suassuna, solicitando mandar proceder a entrega ao interessado.

Outrossim, a aprovação de programação da referida peça, ficará condicionada a entrega pelo interessado da guia de SBAT, que deixou de acompanhar seu requerimento quando por ocasião do exame de censura prévia.

Na oportunidade, renovo a Vossa Senhoria meus protestos de elevada estima e consideração.

ROGÉRIO NUNES
Diretor DCDP

/fmfn.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 186

: O SANTO E A PORCA

: ARIANO SUASSUNA

COM CORTES

: TEATRO OPERÁRIO DE NATAL - SESI/RN

26 MAIO 75

L I V R E. CORTE À PÁGINA 05. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.:::::::::::::::::::::::::::

REQUERENTE: LUIZ AMORIM DE SOUZA

28 MAIO 75

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO

mbf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 387

190

363/75

: O SANTO E A PORCA

: ARIANO SUASSUNA

28 MAIO 80

28 MAIO 75

LIVRE

ROGERIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 188

TEATRO

168

TÍTULO _____

1) S. ARQUIVO

Documentação _____

Clas. Anterior _____

Praça _____

Obs.: _____

DF. ____/____/____

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

3) S. C. T. C. Conforme despacho de 25 0674 do Senhor Chefe do Serviço de Censura. A Suç. Expediente para emitir os certificados com faixa etária LIVRE, Sem cortes.

Em 030774

Manoel Simões
Chefe do S.C.T.C.

5) Diretor da D. C. D. P.

Defere-se, de acordo com o despacho inicial do Sr. Diretor da DCDP.

Em 11/7/74.

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DPF—538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 189

E S P E C I A L

: O SANTO E A PORCA

: ARIANO SUASSUNA

10 JULHO 79

10 JULHO 74

LIVRE

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 190

: O SANTO E A PORCA

: ARIANO SUASSUNA

: MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO (MOBRAL)
IDEM

25 JUNHO 74

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE PARA AS APRESENTAÇÕES PATROCINADAS PELO MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO.:::::::::::::::::::::::::::::::::

10 JULHO 74

WILSON DE QUEIROZ GARCIA

MHF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

009

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 191

E S P E C I A L

O SANTO E A PORCA

: ARIANO SUASSUNA

10 JULHO 79

10 JULHO 74

LIVRE

ROGÉRIO NUNES

110

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 (8) 192

37206/74

RECEBI OS DOCUMENTOS REFERENTES AO PROTOCOLO SRA/DSB N.º ____/____
EM, ____ DE ____ DE 197____

- O SANTO E A PORCA -

: ARIANO SUASSUNA

Recebi em 19/08/74
Sonia Castello Branco

: MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO (MOBRAL)

IDEM

25 JUNHO 74 :

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE PARA AS APRESENTAÇÕES PATROCINADAS PELO MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO.

10 JULHO 74

WILSON DE QUEIROZ GARCIA

MHF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 193

172

PREFEITURA MUNICIPAL DE MAUÁ

Mauá, 13 de Fevereiro de 1975.

À
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PUBLICAS.
DO DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL DO EST.DE SÃO PAULO.

O Grupo de Teatro Mauá, GRUTEMA situado à Rua Vitorino Dell'Antonia nº 129 - Municipio de Mauá, - vem requerer a V.S. que proceda a censura do texto "O Santo e a - Porca" de Ariano Suassuna. Para tanto, anéxo segue três vias do referido texto devidamente carimbados pela SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais).

Sem mais,

Atenciosamente

CLOVIS VOLPI

Encaminhe-se
a DCDP - Lig
molde.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 ip 194

SRA/FICHADO

173

MJ-DPF SR/SP 05137

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-5-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

RECEBIDO POR:

SÃO PAULO , 13 de FEVEREIRO de 19 75

Ilmo. Sr.
Diretor do Departamento de Censura Federal
(Departamento de Polícia Federal)
Brasilia D F

De ordem
ao arquivo
em 170275
Ruth Nogales
Chefe do SA/DCDP

FICHADO
S. A. DCDP

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa. para fins de CENSURA, tres copias da peça

O O SANTO E A PORCA

Original de ARIANO SUASSUNA

Tradução de XXXXXXXXXXX

Próxima apresentação de GRTEMA -GRUPO TEATRAL DE MAUA

Teatro DIVERSOS Cidade MAUA E A B C

Estado SÃO PAULO

A estréia está prevista para 16 DE MARÇO DE 1975

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração,

Pela SBAT,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
13 DEZ 1975
SUCURSAL SÃO PAULO
Visto:

2.000 x 2 em bls. 50/50
Janeiro 75

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 ip 195

TEATRO

174

TÍTULO O SANTO E A PORCA

1) S. ARQUIVO

Documentação EM ORDEM

Clas. Anterior LIVRE

Praça SÃO PAULO - SP

Obs.: _____

DF. 18/02/75

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de __/__/__ a __/__/__

DF. __/__/__

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

3) S. C. T. C. Concordo com o parecer nº 1499/75.
1. À Sr. para emitir certificado com a chancela de livre, sem cortes, mas condicionada ao exame do ensaio geral.
2. À consideração do Sr. Chefe do SC.
Em 4/03/75.

Florivaldo de Carvalho Queiroz
Subst. Chefe Seção de Censura do

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 05/03/1975
Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674, p. 196

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

175

PARECER Nº 1499 / 75

TÍTULO: " O SANTO E A PORCA ".

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: L I V R E.

Texto teatral por diversas vezes já analisado censóriamente, sempre recebendo liberação sem restrições. Mereceu inclusive sua escolha e utilização pelo MOBRAL em sua programação de teatro.

O certificado de censura nº 363/74, com a chancela "LIVRE", é válido até 05 de julho de 1979. Procedendo ao confronto, constatamos ser o atual texto idêntico àquele já liberado. Conseqüentemente, de acordo com o art. 10 da Lei 5.536/68, recomendamos LIBERAÇÃO sem restrições.

Brasília, 26 de fevereiro de 1975.

Rony C. Ruas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 192

176
8

050375

170/75-SCTC/SC/DCDP.

Superintendente Regional do DPF em São Paulo-SP.

" O SANTO E A PORCA "

ARIANO SUASSUNA

Superintendente

São Paulo-SP.

MFCG/JEV.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 198

177

363/75

: O SANTO E A PORCA

: ARIANO SUASSUNA

04 MARÇO 80

04 MARÇO 75

LIVRE

ROGERIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p.199

: O SANTO E A PORCA

: ARIANO SUASSUNA

: GRUPO DE TEATRO MAUÁ - GRUTEMA - SP -
CLÓVIS VOLPI

26 FEVEREIRO 75

: L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.::

04 MARÇO 75

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO - SUBST.

MHF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 200

MJ-DPF-SRA/BSB

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

FICHADO
S. A. DCDP

Rio de Janeiro, 5 de Abril de 1975,
Juiz de Fora

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
Brasília, D. F.

De Ordem
Ao Arquivo.
Em, 06.5.75

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S., para fins de CENSURA (3) cópias da peça:

" O SANTO E A PORCA"

DE: ARIANO SUASSUNA

próxima apresentação da PEÇA O SANTO E A PORCA "

2a. Quinzena de Julho 1975. no Teatro FORUM DA CULTURA OU PRO-MUSICA

com estréia marcada para o dia 2a. Quinzena de Julho de 1975.

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior consideração,

Djalma Bittencourt
Superintendente

Sgente Sabt -Juiz de

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 201

179

TEATRO

TÍTULO O SANTO E A PORCA

1) S. ARQUIVO

Documentação EM ORDEM

Clas. Anterior LIVRE

Praça JUIZ DE FORA - MG

Obs.:

DF. 08/05/75

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

3) S. C. T. C. Concordo com o parecer nº 4344-75.
1 - À Seção de Expedientes para emitir certificado c/ a Chancela de livre, sem cortes, todavia, condicionado ao exame do ensaio geral.
2 - À consideração do Sr. Chefe do S.C.
Em 13/5/75.

Aloripaldo de Carvalho Queiroz
Subst. Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres / SC

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 15/05/1975

Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 202

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 363/75

PEÇA: O SANTO E A PORCA

ORIGINAL DE: ARIANO SUASSUNA

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

VÁLIDO ATÉ 14 de MAIO de 19 80

Brasília, 14 de MAIO de 19 75

ROGÉRIO NUNES
Diretor da DCDP

M.J-D.P.F.

CERTIFICADO DA D.C.D.P

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0674,p 203

Certifico constar do livro nº_____ fôlha nº_____, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada: O SANTO E A PORCA

Original de: ARIANO SUASSUNA

Tradução de_____

Adaptação de_____

Produção de:_____

Tendo sido censurada em 12 de MAIO de 19 75 e recebido a seguinte classificação: L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.::

REQUERENTE:

Brasília, 14 de MAIO de 19 75

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO

Chefe do Serviço de Censura

mhf

DPF-Sav. 150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 204

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

180

PARECER Nº 4344/75

TÍTULO: "O SANTO E A PORCA" - Autor: Ariano Suassuna

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: L I V R E - confronto

Feito o confronto entre dois textos da' peça: O santo e a Porca, de Ariano Suassuna, verificamos similitude de forma e conteúdo, entre um e outro.

Face a isto, sugerimos expedição de certificado liberatório nas mesmas condições anteriores, condicionado, no entanto, ao exame do ensaio' geral.

Brasília, 12 de maio de 1975.

Maria Arlete L. Gama

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 205

MJ – DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

No. 378/75 SCTC/SC/DCDP DF, em 15/05 1975

Do Diretor da D.C.D.P.

Ao Sr. Superintendente Regional do DPF em Minas Gearais

Assunto: remessa de "scripts" – faz.

Referência:

O SANTO E A PORCA

(título da peça ou "show")

ARIANO SUASSUNA

(nome do autor)

Senhor Superintendente:

Apraz-me remeter a essa rapartição, com este, os "scripts" do espetáculo acima referenciado, que deverá ser encenado JUIZ DE FORA – MG

2. Peço mandar proceder ao ensaio-geral e providenciar a remessa dos relatórios dos técnicos designados para assistí-lo, por estar a validade do certificado sujeita ao resultado desse ensaio, devendo ficar ciente o interessado, através do setor de censura desse órgão, do que preceitua o artigo 11 e seu parágrafo único da Lei no.5536, de 21 de novembro de 1968.

3. Recomendo a máxima atenção da Fiscalização para o desenrolar do espetáculo, com o fim de dar a esta DCDP meios de impor, se necessário, a medida preconizada para os casos de violação do indicado dispositivo legal.

Atenciosas saudações,

ROGÉRIO NUNES
Diretor da DCDP

MFCG/ecp

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 206

DPF-SRA
Il. n.º 07
Rub.

MJ-DPF-SRA/BSB
-7 MAI 14 08 75 025293
RECEBIDO POR: Antonio

184

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
Departamento de Polícia Federal
Divisão no Rio Grande do Norto

OFÍCIO
Nº 0545/75/SCDP/SR/DPF/RN.

Natal, 05 de maio de 1975.

FICHADO
S. A. DCDP

De Ordem
Ao Arquivo.
Em 08.04.75
Ins. Ev. Adm. Adm.

Senhor Diretor:

Com o presente encaminho a V. Sa., para fins de censura, a peça intitulada "O SANTO E A PORCA" de autoria de Ariano Suassuna, em três vias mimeografadas e acompanhada de requerimento do Superintendente do Serviço Social da Indústria nêste Estado, Luiz Amorim de Souza.

Aproveito o ensejo para reiterar' a V. Sa., protestos de elevada estima e distinta consideração.

HUGO PÓVOA DA SILVA.
Superintendente Regional do DPF/RN.

Ilmo. Sr.
Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas.
BRASÍLIA-DF.

DPF/RN

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p.207

SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA
Criado, Organizado e Dirigido pela Confederação Nacional da Indústria, nos têrmos do decreto lei nº. 9403 de 25-6-1946)
DEPARTAMENTO REGIONAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Av. Rio Branco, 571 Edif. Barão do Rio Branco 8º. andar End. Teleg.: SESINORTE
NATAL - RN

Natal, 24 de abril de 1975

185

Of. nº 122/75-SUP.

Senhor Diretor:

O Serviço Social da Indústria - SESI - Departamento Regional do Rio Grande do Norte, submete a esse Serviço de Censura, em três (03) cópias mimeografadas, o texto "O SANTO E A PORCA", de Ariano Suassuna, que se pretende seja encenada pelo TEATRO OPERÁRIO DE NATAL-Grupo pertencente ao SESI/RN.

Enviamos, em anexo, o Atestado da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais -SBAT.

Aguardando pronunciamento de V.Sª., agradecemos, subscrevemo-nos

atenciosamente,

Luiz Amorim de Souza
Superintendente

Ilmº. Sr.
Dr. Rogério Nunes
MD Diretor de Censura e Diversões Públicas
BRASÍLIA - DF.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 p. 208

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto — de 1928. —

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores. — de Paris. —

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

Direitos de Representação — Autorização Nº 175828

TEATRO OPERARIO DO NATAL / SESI / DR / RN

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: O SANTO E A PORCA

Original de ARIANO SUASSUNA

Música de .....

Tradução de .....

No Teatro ALBERTO MARANHÃO Cidade NATAL

Emprêsa ..... Pela Cia. .....

nos dias (do Mês de maio de 1975)

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de .....% da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ 147,60 por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem coom pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Natal, 24 de abril de 1975

(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 209

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juizo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização ,para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legìtimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições e irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daquêles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 210

TEATRO

TÍTULO O SANTO E A FORCA (187)

1) S. ARQUIVO

Documentação EM ORDEM

Clas. Anterior LIVRE

Praça NATAL - RN

Obs.: RETIDA DESDE 09/5/75, AGUARDANDO RETORNO DO PROCESSO.

DF. 16/05/75

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de __/__/__ a __/__/__

DF. __/__/__

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. Concordo com o parecer número 4734—75.

1— À Seção de Exp. para emitir certificado com a chancela de Livre, sem cortes, mas condicionado ao exame do ensaio geral.

2— À consideração do Sr. Chefe do S.C.

Em 26/05/75.

Florivaldo de Carvalho Queiroz
Subst. Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres / SC

4) SERVIÇO DE CENSURA

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em 30/05/1975

Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 211

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

1882

PARECER Nº 4734/75

TÍTULO: " O SANTO E A PORCA" - de Ariano Suassuna

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

Peça teatral anteriormente já liberada para a faixa etária :LIVRE, com apenas o corte da palavra "mijar" trocando por gritar,na página nº5,como já foi pedido no parecer anterior e não mudado nessa cópia.

Tendo sido feito o confronto, foi achada conforme a anterior,podendo ser liberada com a mesma classificação etária ,ou seja,LIVRE,com apenas a substituição da palavra acima sugerida à paágina nº 5 .

Brasília,26 de maio de 1.975.

Selia Natalha Stolte Rouver

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 212

188

300575

422/75 SCTC/SC/DCDP

Superintendente Regional do DPF no Rio Grande do Norte

O SANTO E A PORCA

ARIANO SUASSUNA

Superintendente:

Natal - RN

MFCG/ecp

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 213

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

212

: O SANTO E A PORCA

: ARIANO SUASSUNA

: HAMILTON TOSTES PRODUÇÕES ARTÍSTICAS - RJ -
VITAL PAULINO FILHO

09 OUTUBRO 75

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.::

09 OUTUBRO 75

Coriolano de L C Fagundes

CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 214

363/75

O SANTO E A PORCA

ARIANO SUASSUNA

09 OUTUBRO 80

LIVRE

09 OUTUBRO 75

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 215

DPF-SRA
fl. n.º
Rub.

MJ-DPF-SRA/BSB

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL 27 OUT 1975 062161

MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA BAHIA

SRA/FICHADO

214

Ofício N.º 3002/SCDP/SR/BA Em, 23 de outubro de 1975

DO: Chefe do SCDP/SR/BA

AO: Sr. DIRETOR DA D.C.D.P. - D.P.F. - BRASÍLIA - DF

Assunto: Encaminhamento (faz)

De ordem
a S. TEATRO
Em 27.10.75
Ruth Nogueira
Chefe do SA/DCDP

FICHADO
S. A. DCDP

Sr. Diretor:

Em anexo, estou encaminhando a V. Sa., para ser submetido a exame censório, a peça teatral, em 3 vias, intitulada " O SANTO E A PORCA ", de autoria de Ariano Suassuna, a requerimento de Waldete Miranda Paixão.

Atenciosamente,

JOSÉ AUGUSTO COSTA
Técnico de Censura
Chefe do SCDP/SR/BA

enl

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 216

MANCO KAPAC COMUNICAÇÕES AUDIO-VISUAIS LTDA.

~~TEATRINHO~~ TEATRO
CHIQUE-CHIQUE C.G.C. 13527742/001
~~PASSEIO PUBLICO~~ - TEL. 5-3081 - SALVADOR - BAHIA

Av, Sete de Setembro, 341-AP.803

215

Ilmº Sr.
DIRETOR DA DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA
DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DEPARTAMENTO
DE POLÍCIA FEDERAL - BRASÍLIA

SRA/FICHADO
MJ-DPF SR/BA

22 OUT 1811 75 12357

RECEBIDO POR

SCDP

Waldete Miranda Paixão, solteira, residente à Av. Sete de Setembro, 341 - Ap 803, Salvador-Bahia, carteira de identidade nº 209.394, expedida pelo SSP/Ba., responsável pela Firma MANCO KAPAC COMUNICAÇÕES AUDIO-VISUAIS LTDA., vem mui respeitosamente requerer a V.Sa. que se digne mandar examinar, com fins de liberação, a peça teatral "O SANTO E A PORCA" de autoria de Ariano Suassuna, a fim de ser encenada nos teatros do Estado da Bahia, no período de 22/11 do corrente ano.

Nestes Termos
P. Deferimento.
Salvador, 22 de outubro de 1975

Waldete Miranda Paixão

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS - BAHIA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 217

MANCO KAPAC COMUNICAÇÕES AUDIO-VISUAIS LTDA.
xxxxxxxxxxxxxx TEATRO

C.G.C. 13527742/001

xxxxxxxxx
Av. Sete de Setembro, 341-AP.803

216

Ilmº Sr.
DIRETOR DA DORETOR DA DIVISÃO DE CENSURA
DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DEPARTAMENTO
DE POLÍCIA FEDERAL - BRASÍLIA

Waldete Miranda Paixão, solteira, residente à Av. Sete de Setembro, 341 - Ap 803, Salvador-Bahia, carteira de identidade nº 209.394, expedida pelo SSP/Ba., responsável pela Firma MANCO KAPAC COMUNICAÇÕES AUDIO-VISUAIS LTDA., vem mui respeitosamente requerer a V.Sa. que se digne mandar examinar, com fins de liberação, a peça teatral "O SANTO E A PORCA" de autoria de Ariano Suassuna, a fim de ser encenada nos teatros do Estado da Bahia, no período de 22/11 do corrente ano.

Nestes Termos
P. Deferimento.
Salvador, 22 de outubro de 1975

Waldete Miranda Paixão

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS - BAHIA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0674, p. 218

TEATRO

TÍTULO O Santo E A Porca de Ariano Suassuna

217

1) [redacted]

Documentação SCTC

Clas. Anterior Livre

Praça Salvador – BA.

Obs.:

DF. 30/10/1975

Chefe Seção [redacted]

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de __/__/__ a __/__/__

DF. __/__/__

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. I- P/encaminhamento à S-Exp. para emitir os certificados conforme Parecer Nº 9201/75

II- À consideração do Senhor Chefe do S.C.

Em 07/1/75

Manoel Guido

Manoel [illegible] Guido
Chefe da Seção de Censura de
Teatro e Congêneres/SC

4) SERVIÇO DE CENSURA

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE

na forma do ~~parecer~~ processo anterior

Em, 10/Nov/1975

P/ Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,P 219

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

218

PARECER Nº 9201 175

TÍTULO: "O SANTO E A PORCA" - de Ariano Suassuna

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

Após o confronto realizado, constatamos identidade dos textos, razão pela qual sugerimos sua liberação de acordo com o critério anterior, condicionada porém ao exame do ensaio geral.

Brasília, 05 de novembro de 1975.

Edite K. Nakashoji
Edite K. Nakashoji

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 220

219

887/75-SCTC/SC/DCDP

Superintendente Regional do DPF na Bahia-SR/BA

" O SANTO E A PORCA"

Ariano Suassuna

Superintendente:

Salvador-BA

MFCG/rs

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 221

220

363/75

: O SANTO E A PORCA

: ARIANO SUASSUNA

07 NOVEMBRO 80

07 NOVEMBRO 75

ROGÉRIO NUNES

LIVRE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 222

: O SANTO E A PORCA

ARIANO SUASSUNA

: MANCO KAPAC COMUNICAÇÕES AUDIO-VISUAIS LTDA - BA -
WALDETE M. PAIXÃO

07 NOVEMBRO 75

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.::

07 NOVEMBRO 75

Coriolano de L C Fagundes
CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 223

009

MJ - DPF/BSB

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
Departamento de Polícia Federal
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO RIO G. DO NORTE

5 JUL 1975 038286
RECEBIDO POR:

221

OFÍCIO
Nº 0816/75/SCDP/SR/RN

Natal, 04 de julho de 1975.

FICHADO
S. A. DCDP

De ordem
Ao Arquivo.
Em 08.7.75

Senhor Diretor:

Com o presente, encaminho a V. Sa., os relatórios referentes a ensaio geral das peças "O Pequeno Polegar e os Prisioneiros da Floresta" de Jesiel Figueiredo, - "O Príncipe Valente" de Jesiel Figueiredo,- "O Santo e a Porca" de Ariano Suassuna e "O Velho da Horta" de Gil Vicente.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V. Sa., protestos de estima e consideração.

HUGO PÓVOA DA SILVA.
Superintendente Regional.

Ilmo. Sr.
Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas.
BRASÍLIA - DF.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0674, p. 224

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
Departamento de Polícia Federal
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO RIO G. DO NORTE

222

R E L A T Ó R I O .

Sr. Superintendente.

No dia 04 de junho do corrente ano, foi procedido o ensaio geral da peça teatral - "O SANTO E PORCA" de Ariano Suassuna, sob a responsabilidade do grupo "TEATRO DE AMADORES UNIDOS" desta capital.

O referido ensaio foi realizado no Teatro Alberto Maranhão e a encenação está conforme o texto original censurado e liberado pela DCDP.

Atenciosamente.

É o relatório.

Natal, 02 de julho de 1975.

José Jesuíno de Araújo.
Chefe do SCDP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 225

0009

223

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM MG

C E N S U R A F E D E R A L

R E L A T Ó R I O

Local e data:

BELO HORIZONTE, 20 DE ABRIL DE 1.975

Do: BEL. MOACIR DE PAULA LIBERATO

Ao: SR. CHEFE DO SCDP/SR/MG

As: RELATÓRIO DE PRÉVIA TEATRAL (APRESENTA)

Exame censório do ensaio-geral do(a) PEÇA TEATRAL INTITULADA " O SANTO E A PORCA"

Autor ARIANO SUASSUNA

Tradutor

Encenado(a) por GRUPO DE TEATRO AMADOR "GRUTA"

Local do ensaio SENAC

Data do ensaio 17/04/75 - Horário: das 20.00 às 22.00 Hs

A - T e x t o

1 - Tema SÓCIO ECONOMICO

	Sim		Não
2 - Sofreu alterações?	( )	-	(X)
3 - Sofreu alterações significativas?	( )	-	(X)
4 - Sofreu cortes?	( )	-	(X)
5 - Cortes observados?	( )	-	( )

6 - Faixa-etária L I V R E

B - E n c e n a ç ã o

	De acordo com as normas censórias	-	Contrariando as normas censórias
1 - Cenário:	(X)	-	( )
2 - Iluminação:	(X)	-	( )
3 - Música:	(X)	-	( )
4 - Guarda-roupa:	(X)	-	( )

- contínua: -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 226

continuação: pgs.2

5 - Projeção de "Slides": ( ) - ( ) 224

6 - Expressão Corporal: (X) - ( )

7 - Restrições: _____

_____

_____

_____

_____

D - O b s e r v a ç õ e s:

_____

_____

_____

_____

	Sim	Não
Segue anexo Relatório minucioso	( ) -	(X)

E - Parecer do Técnico de Censura

1 - Opino pela liberação (X)

2 - Opino pela proibição ( ) de acordo com _____

_____

3 - Opino pela liberação com restrições parciais ( ) de acordo com a seguinte legislação: _____

_____

_____

Moacir de Paula Liberato

Técnico de Censura
MOACIR DE PAULA LIBERATO.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 227

MJ-DPF-SRA/BSB

-5 JUL 1143 76 026452

RECEBIDO POR

226

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Superintendência Regional no Estado de Mato Grosso

Of.nº24/76

Do Sr.Chefe do SCDP/SR/DPF/MT Em 2.07.76

Ao Sr.Diretor da Divisão de Censura deDiversões Públicas

Assunto Peça Teatral (encaminha)

Ao arquivo verif. e prord. 14/7/76

Senhor Diretor:

FICHADO S.A. DCDP

ROGERIO NUNES Diretor do DCDP

Encaminho a V.Sa., a peça teatral intitulada "O SANTO E A PORCA",autoria de Ariano Suassuna, a fim de ser examinada e após liberada, receber o competente certificado censório.

Reitero protestos de elevada estima e consideração.

Pedro da Mota Flores

Chefe do SCDP/SR/DPF/MT

À SCTC, para providencia Em 06/7/76

Afrásio Teixeira Peixoto
Chefe do Serviço de Censura DCDP
SUBSTITUTO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 p. 228

Departamento de Polícia Federal
D R / Mt.
Data 24 / 6 / 1976
Protocolo N.º 0396
Cuiabá - Mt.

Protocolar
2. Encaminhar via
SR/MT.
E, 24.06.76
Diretor.
927

Cuiabá, 09 de junho de 1.976

Ao:

Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas - (DCDP)

Brasilia - DF

Senhor Diretor,

O Grupo Teatral "Molière", através de seu representante legal, que abaixo assina, solicita dessa Divisão a simples liberação para que possamos apresentar a peça: "O SANTO E A PORCA", de autoria de "ARIANO SUASSUNA".

Esperando ser deferido, no menor espaço de tempo, subscre

atenciosamente,

LUIZ ANTONIO DA SILVA CAMPOS
Diretor Geral Grupo Molière

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 229

TEATRO

TÍTULO O Santo e a Porca

Oduvaldo Vianna

228

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior Livre

Praça MT

Obs.:

DF. 13 / 07 / 76 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de LIVRE, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de Censura, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 23 de julho de 1976

p/ Maria Adele L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE - Livre na forma do parecer, processo anterior

Em, 26 / 07 / 1976

Arésio Teixeira Peixoto
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 230

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

229

PARECER Nº 4143 176

TÍTULO: O SANTO E A PORCA
Autor: Ariano Suassuna
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE
Peça Teatral

Procedendo ao confronto de textos da peça teatral acima referenciada observamos perfeita identidade de conteúdo entre ambos.

Propomos sua liberação com a classificação etária anteriormente imposta, ou seja, LIVRE, condicionada ao ensaio geral.

Brasilia, 22 de julho de 1976

Maria José Bezerra de Lima

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 231

650/76-SCTC/SC/DCDP

26/7/76

Superintendente Regional do DPF em Mato Grosso

"O SANTO E A PORCA"

Ariano Suassuna

Superintendente:

Cuiabá-MT

009

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 232

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES RADIOGRAMA RECEBIDO	RECEBI NO DIA 10 / 3 / 76 AS 15:15 HRS. Marilza Assinatura Legível	CONTROLE Nº

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
RADIOGRAMA RECEBIDO 6286

DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
SEOP – CMG
RECEBIDO EM 10 MAR 1976 / / AS 1300
ENCAMINHADO A: DCDP
EM / / AS
RUBRICA:

INDICAÇÕES DE SERVIÇO
PREÂMBULO: MACEIO AL NR 216 35 10 12:30
RECEPÇÃO: C580 WA MS 101345

END.
DCDP BSA

TEXTO E ASSINATURA

NR 009/76 SCDP 100376 PT

INFO ASSISTIDO ENSAIO GERAL DA PEÇA TEATRAL O SANTO E A PORCA DE AUTORIA DE ARIANO SUASSUMA VG CTC 363/75 VG ENTREGUE DOC INTERESSADO VG CLASF ESTA ACD DCDP PT

SR/AL

Junte-se ao prot. em 10.3.76

ERIO NUNES
Diretor do DCDP

DPF-18

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 233

: O SANTO E A PORCA

: ARIANO SUASSUNA

GRUPO TEATRAL MOLIÈRE - MT -

LUIZ ANTONIO DA SILVA CAMPOS

22 JULHO 76

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

26 JULHO 76

ARÉSIO T. PEIXOTO

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 234

363/76

: O SANTO E A PORCA

: ARIANO SUASSUNA

26 JULHO 81

LIVRE

26 JULHO

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 235

MJ-DPF-SRA/BSB
28 JUL 1058 76 029569
RECEBIDO POR:

DPF-SRA
R. nº 91

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

FICHADO

Of. nº 516/76 - SCDP-SR/RJ Em 27/7/1976

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto : encaminhamento (faz)

Ref. prot. nº 29.853/1976 - SR/RJ

Do arquivo fiz e prot. 28/7/76

FICHADO S.A. DCDP

Peça: "O SANTO E A PORCA"

Autor: ARIANO SUASSUNA

RESP. GRUPO VAMOS EM FERNTE QUE ATRÁS VEM GENTE.

Senhor Diretor:

Para cumprimento do que dispõe o sub-item 1.1 da Portaria nº 42/75-DCDP, de 26.11.75, encaminho a Vossa Senhoria um exemplar do texto da peça acima referenciada.

Renovo-lhe, neste ensejo, os protestos de minha consideração e distinguido apreço.

Dacíger de Moraes
Bel. Dacíger de Moraes
Chefe do SCDP-SR/RJ
em exercício

À SCTG
p/ providenciar
Em 29/7/76
Teixeira
Arésio Teixeira Deixoto
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p.236

PRIMEIRO ATO

(O PANO ABRE NA CASA DE EURICO ARÁBE, MAIS CONHECIDO COMO EURICÃO ENGOLE-COBRA)

CAROBA — E foi então que o patrão dele disse: "Pinhão, você sele o cavalo e vá na minha frente procurar Euricão ..."

EURICÃO — Euricão, não. Meu nome é Eurico.

CAROBA — Sim, é isso mesmo. Seu Eudoro Vicente disse: "Pinhão, você sele o cavalo e vá na minha frente procurar Euriques ..."

EURICÃO — Eurico!

CAROBA — "Vá procurar Eurícquio ..."

EURICÃO — Chame Euricão mesmo.

CAROBA — "Vá procurar Euricão Engole-Cobra ..."

EURICÃO — Engole-Cobra é a mãe! Não lhe dei licença de me chamar de Engole-Cobra, não! Só de Euricão!

CAROBA — "Vá na minha frente procurar Euricão para entregar essa carta a ele."

EURICÃO — Onde está a carta? Dê cá! Que quererá Eudoro Vicente comigo?

PINHÃO — Eu acho que é dinheiro empæstado.

EURICÃO — (DEVOLVENDO A CARTA) Hein?

PINHÃO — Toda a vez que ele me manda assim na frente, a cavalo, é para isso.

EURICÃO — E que idéia foi essa de que eu tenho dinheiro? Você andou espalhando isso! Foi você, Caroba miserável, você que não tem compaixão de um pobre como eu! Foi você, só pode ter sido você!

CAROBA — Eu? Eu não!

EURICÃO — Ai, meu Deus, com essa carestia! Ai a crise, ai a carestia! Tudo que se compra é pela hora da morte!

CAROBA — E o que é que o senhor compra? Me diga mesmo, pelo amor de Deus! Só falta matar a gente de fome!

EURICÃO — Ai a crise, ai a carestia! E é tudo querendo me roubar! Mas Santo Antonio me protege!

PINHÃO — O senhor pelo menos leia a carta!

EURICÃO — Eu? Deus me livre de ler essa maldita carta! Essa amaldiçoada! Ai a crise, ai a carestia! Santo Antonio me proteja, meu Deus! Ai a crise, ai a carestia!

(ENTRA MARGARIDA, ATRAIDA PELO RUMOR. VEM ACOMPANHADA DE DODÓ VICENTE, DISFARÇADO COM UMA HORRÍVEL BARBICHA, COM A BOCA TORTA, COM CORCOVA, COXEANDO E VESTIDO DE PRETO.)

MARGARIDA — Papai! Que foi, meu pai? Ouvi o senhor gritar! Está sentindo alguma coisa?

EURICÃO — Ai minha filha, me acuda! Ai, ai! Os ladrões, minha filha, os ladrões!

MARGARIDA — Socorro! Socorro! Pega o ladrão!

EURICÃO — Ai minha filha, não grite assim não! Não grite, se não vão

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 232

pensar que a gente tem o que roubar em casa. E vêm roubar! Santon Antonio, SAnto Antonio! Ai a crise, ai a carestia!

MARGARIDA Mas o que foi que houve?

EURICÃO Ainda não houve nada, mas está para haver! Está para haver, minha filha!

MARGARIDA O que é? Que foi que houve, Caroba? Que foi, Pinhão! Pinhão, você aqui? Ah, já sei o que houve, papai soube de tudo! É melhor então que eu confesse logo.

CAROBA Que a senhora se confesse? Deixe para a sexta-feira, porque a senhora aproveita e comunga! Que coisa, Dona Margarida, só quer viver na igreja!

EURICÃO Ai a crise, ai a carestia!

MARGARIDA Mas afinal de contas, o que foi que houve? Meu pai, eu vou contar ...

DODÓ NÃO!

PINHÃO Não, não, Dona Margarida, quem fala sou eu! O que houve é que meu patrão escreveu uma carta ao senhor seu pai.

MARGARIDA Uma carta? Dizendo o quê?

EURICÃO Você ainda pergunta? Só pode ser para pedir dinheiro emprestado! Aquele usurário! Aquele ladrão!

CAROBA Mas seu Euricão, Seu Eudoro é um homem rico!

EURICÃO E é por isso mesmo que eu estou com medo! Você já viu pobre pedir dinheiro emprestado? Só os ricos é que vivem com essa safadeza! Santo Antônio, Santo Antônio!

MARGARIDA Mas papai já leu a carta?

EURICÃO Não! Nem quero que você leia! Afaste-se, não toque nessa amaldiçoada!

MARGARIDA Então tome.

EURICÃO Não tomo!

MARGARIDA Leia o senhor mesmo!

EURICÃO Não leio!

MARGARIDA Não pode ser coisa ruim, papai!

EURICÃO Só pode ser coisa ruim, minha filha!

CAROBA Mas se for dinheiro emprestado, é só o senhor não emprestar, Seu Euricão!

EURICÃO É mesmo! É mesmo, Caroba! Eu nem me lembrei disso, no meu aperreio!

CAROBA Leia a carta, Seu Euricão!

MARGARIDA É, papai, leia! Que mal faz?

PINHÃO Se for dinheiro emprestado ...

EURICÃO (JOGANDO A CARTA NO CHÃO.) Ai!

MARGARIDA (APANHANDO-A.) Não é nada demais, está vendo? Olhe, veja o senhor mesmo!

EURICÃO Não fala em dinheiro não?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 238

MARGARIDA Não.

EURICÃO Nem pede para eu avalisar alguma letra?

MARGARIDA Não.

EURICÃO Você jura?

MARGARIDA Juro.

EURICÃO Então eu leio. Mas Santo Antônio, veja lá! Não vá ser essa safadeza de me pedir dinheiro emprestado!

MARGARIDA Papai, leia a carta pelo amor de Deus!

EURICÃO Você acha que eu devo ler?

MARGARIDA Acho.

EURICÃO Então eu leio. "Meu caro Eurico: espero que esta vá encontrá-lo como sempre com os seus, gozando paz e prosperidade!" Ai! Margarida!

MARGARIDA Que é, papai?

EURICÃO Você passou o São João na fazenda de Eudoro Vicente.

MARGARIDA É verdade, papai.

EURICÃO Você foi dizer, lá, que eu era rico?

MARGARIDA Eu? E eu ia dizer uma coisa dessa, meu pai? Nós somos tão pobres!

EURICÃO E como é que ele fala em prosperidade, aqui? Isso é dinheiro emprestado, não tem pra onde!

MARGARIDA É um modo de falar, papai, todo mundo diz isso nas cartas!

EURICÃO É?

MARGARIDA É!

EURICÃO Então eu leio. "Gozando paz e prosperidade. Sobretudo espero que esteja passando bem sua encantadora filha Margarida, cuja estada em minha casa ainda não consegui esquecer." Ah, isso aí ele tem que reconhecer, minha filha é um patrimônio que possuo. Hei de casá-la com um homem rico e ela há de amparar a velhice do paizinho dela. Eudoro, com todo o dinheiro que tem, não tem uma filha como a minha!

CAROBA E o senhor, com toda a filha que tem, não tem uma riqueza como a dele!

EURICÃO Como foi?

CAROBA Nada!

EURICÃO "Mando na frente meu criado Pinhão, homem de toda confiança...

PINHÃO Obrigado!

EURICÃO ... para avisá-lo de minha chegada aí." Aí aonde? Eudoro Vicente pensa que, pelo simples fato de ter hospedado minha filha, eu estou obrigado a hospedá-lo? Ele convidou Margarida porque quis, eu não convidei ninguém!

MARGARIDA Mas papai, ele foi tão delicado comigo!

EURICÃO Mas eu não o convidei, esse é que é o fato! Eu não convidei ninguém! E o que é isso aqui? O que é isso aqui?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 239

CAROBA — Que é, Seu Euricão?

EURICÃO — Está vendo? Eu não dizia? Minha filha, você ainda causará minha perdição, minha morte, meu assassinato! Ai a crise, ai a carestia!

MARGARIDA — Que foi, meu pai?

EURICÃO — A carta! A carta amaldiçoada! Bem que eu estava com um pressentimento ruim!

MARGARIDA — Mas o que é que tem a carta? Dê cá, deixe eu ver! Onde é?

EURICÃO — Aí onde diz "de minha chegada aí". Ah carta amaldiçoada! Ai a crise, ai a carestia!

MARGARIDA — "De minha chegada aí, mas quero logo avisá-lo: pretendo privá-lo de seu mais precioso tesouro!"

EURICÃO — Está vendo? Esse ladrão! Esse criminoso! Meteu na cabeça que eu tenho dinheiro escondido e quer roubá-lo. Estão me roubando! Ladrões, só pensam nisso! Mas vou tomar minhas providências! Saiam, saiam imediatamente! Vou trancá-los, entrem aqui imediatamente! Entrem, entrem!

(EMPURRA OS QUATRO NUM QUARTO QUALQUER, QUE TRANCA POR FORA. TRANCA TAMBÉM AS PORTAS E JANELAS COM BARRAS DE MADEIRA E ABRE PELO MEIO UMA GRANDE PORCA DE MADEIRA, VELHA E FEIA, QUE DEVE ESTAR EM CENA, ATIRADA A UM CANTO, COMO SE FOSSE COISA SEM IMPORTÂNCIA. DENTRO DELA, PACOTES E PACOTES DE DINHEIRO. EURICÃO, ENQUANTO ERGUE E DEIXA CAIR AMOROSAMENTE OS PACOTES, VAI FALANDO, ORA CONSIGO MESMO, ORA COM SANTO ANTÔNIO, CUJA IMAGEM TAMBÉM DEVE ESTAR EM CENA.)

EURICÃO — Ladrões, ladrões! Será que me roubaram? É preciso ver, é preciso vigiar! Vivem de olho no meu dinheiro, Santo Antônio! Dinheiro conseguido duramente, dinheiro que juntei com os maiores sacrifícios. Eurico Arábe, Euricão Engole-Cobra! Pois sim! Mas é rico e os que vivem zombando dele não têm a garantia de sua velhice. Ah, está aqui, os ladrões ainda não conseguiram furtar nada. Ah, minha porquinha querida, que seria de mim sem você? Chega dá uma vontade da gente se mijar! Fique aí até outra oportunidade. Se eu pudesse comia você inteirinha! Ai, mas é impossível! Se não, desconfiam!

(ABRE AS PORTAS, NUMA ALEGRIA SATÂNICA)

EURICÃO — Venham! Ra, ra! Então vocês queriam roubar o velho Euricão Arábe, hein? Euricão Engole-Cobra! Pois sim! Mas, se eu não cuido, as cobras é que vão me engolir.

PINHÃO — É por isso que o povo diz que cobra que não anda não engole sapo.

EURICÃO — Acabe com esses ditados! Trabalhei com as cobras, é verdade, vendendo meus remédios por todo o sertão. Mas hoje ... Vocês pensam que sou rico, não é?

MARGARIDA — Mas papai, quem vai pensar uma coisa dessas?

EURICÃO — Vivo cercado de inimigos, de ladrões. E agora, ainda mais esse Eudoro Vicente, querendo roubar o que é meu! Esse ladrão, esse criminoso! Eu não convidei ninguém, ele vem porque quer. E você, Seu Dodó, não diz nada? O senhor ouve essa desgraça, vê que estão querendo me depenar, me explorar, e fica calado?

DODÓ — O senhor vá ao hotel de Dadá e reserve quarto para o fazendeiro.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 p 240

Quando ele chegar, paga a conta!

EURICÃO É mesmo! Dodó Boca-da-Noite! Que talento, que gênio! É a única pessoa que sabe me compreender! Se você não fosse tão pobre e tão feio, minha filha bem que poderia ... Eu vou, sua idéia é boa. Mas cuidado, todo cuidado é pouco. Você fica aqui, de olho. Não deixa entrar ninguém. Margarida, minha filha, você jura que fica aqui?

MARGARIDA Juro.

EURICÃO Jura que não deixa ninguém entrar até que eu volte?

MARGARIDA Juro.

EURICÃO Você também jura, Dodó Boca-da-Noite?

DODÓ Juro.

EURICÃO Você vigia minha filha e ela vigia você. Vou reservar o quarto para Eudoro. E se ele chegar na minha ausência, vão logo esclarecendo tudo. Eu não convidei ninguém e não tenho dinheiro nenhum. E que Santo Antônio me proteja dos ladrões! (SAI)

(IMEDIATAMENTE MARGARIDA ABRAÇA DODÓ)

MARGARIDA Meu amor, o que é que sepode fazer para evitar isso? Espere, tire essa barba horrível, não consigo me convencer de que é você! Estamos perdidos, vão descobrir tudo.

DODÓ A que horas meu pai chega, Pinhão?

PINHÃO Chega já. Pelo menos foi o que ele disse na carta, mas falar é fôlego.

MARGARIDA Que terá havido, Dodó, meu amor? Que foi que deu em seu pai de repente? Terá desconfiado de que você está aqui?

DODÓ Ele estava zangado, Pinhão?

PINHÃO Não, pelo contrário, estava até alegre.

DODÓ Falou alguma coisa a meu respeito? A respeito de eu ter ou não ter ido para o Recife estudar?

PINHÃO Não. Ele não tem a menor idéia de que o senhor está aqui.

MARGARIDA O melhor é a gente confessar tudo, querido. Não aguento mais essa agonia. A todo instante penso que meu pai vai reconhecer você.

DODÓ Não está vendo que é impossível, meu bem? Quando seu pai me viu pela última vez, eu era um menino. E com essa corcova, essa roupa, essa barba ... Não é possível de jeito nenhum!

MARGARIDA Mas o seu? Ele vai chegar e vai reconhecê-lo. Não seria melhor dizer tudo?

DODÓ Mas dizer tudo como, meu bem? Não tenho um tostão meu, meu pai é contra a idéia de eu me casar sem estudar, seu pai só deixa você casar com um homem rico ... O que é que eu posso fazer contra este inferno?

MARGARIDA Talvez se seu pai soubesse que a noiva sou eu, permitisse o casamento e lhe desse terra para você trabalhar. Ele gostou tanto de mim quando estive lá!

DODÓ E eu mais ainda, tanto assim que abandonei meu estudo e vim me meter nesse armazém por sua causa.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 241

MARGARIDA Mas com a chegada de seu pai, tudo se complica! Ele vai descobrir!

DODÓ Talvez você tenha razão, é melhor confessar. Quando ele chegar, descobrimos tudo e ficamos de joelhos diante dos dois, pedindo consentimento para nos casar.

CAROBA O senhor quer um conselho?

DODÓ Quero, Caroba, estou completamente cego.

CAROBA Então não descubra nada!

MARGARIDA Por quê? Você fala de um jeito tão misterioso!

CAROBA É porque estou maldando um negócio mais misterioso ainda. Vou dizer uma coisa curta e certa aos dois: não descubram a história não, porque o pai do senhor vem é para pedir Dona Margarida em casamento.

DODÓ O quê? Você está doida, mulher?

CAROBA Estou nada, homem! Seu pai não é viúvo?

DODÓ É.

CAROBA A senhora não passou um tempo lá?

MARGARIDA Passei.

CAROBA Ele não simpatizou com a senhora?

MARGARIDA Simpatizou.

CAROBA Ele não disse, na carta, que vinha roubar o tesouro mais precioso de Seu Euricão?

PINHÃO Disse.

CAROBA Então o que é que vocês querem mais? É casamento no duro!

DODÓ É possível?

CAROBA Por que não, Seu Dodó? É proibido casar?

MARGARIDA Mas assim, sem um aviso, sem uma proposta!

CAROBA Dona Margarida, essas coisas só se usam na primeira vez, na segunda, vai direto! Casamento de viúvo é feito depressa e sem muita conversa!

MARGARIDA Você acha que é possível?

DODÓ Ouvi papai falar em casamento mais de uma vez, para sondar minha opinião.

MARGARIDA E se for, o que é que a gente faz, meu Deus?

CAROBA É deixar as coisas como estão. Se o senhor tiver habilidade, pode ser que seu pai não o reconheça, pelo menos hoje. Quando ele chegar, já é quase noite. Com a corcova, a perna curta, a barbicha e a boca torta, o senhor bem que pode passar por outro. Então a gente vê o que faz, examina tudo, vê se é casamento mesmo e pode então partir daí para resolver tudo.

DODÓ Como?

CAROBA Eu sei lá, na hora se vê.

MARGARIDA (A DODÓ) Você acha que está bem assim?

CAROBA Pode ser que não esteja, mas é o jeito.

DODÓ Está bem, Caroba, vou seguir seu conselho. E se tudo se resolver a contento, eu saberei mostrar minha gratidão.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p.242

PINHÃO Como?

DODÓ Eu descobrirei um modo.

PINHÃO Seguro morreu de velho.

CAROBA O senhor não tem uma terrinha que seu padrinho lhe deu?

DODÓ Tenho, mas é uma terrinha pequena, não dá para nada.

CAROBA Para o senhor, para mim vale muito. A coisa que eu mais desejo na vida é casar com Pinhão e ter uma terrinha para trabalhar nela com ele. Se a história se resolver e eu conseguir fazer seu casamento, o senhor passa a escritura dessa terra para nós dois?

DODÓ Passo.

CAROBA Prometido?

DODÓ Hometido.

PINHÃO Quem vive de promessa é santo.

CAROBA Mas aí é pegar ou largar.

PINHÃO Pois eu pego! Vou arranjar umas promissórias aí pela rua. O senhor assina uma no valor da terra. Quando passar a escritura, eu devolvo a que o senhor assinou, está bem?

DODÓ Está, homem desconfiado!

PINHÃO O velho dobrou na esquina.

CAROBA Saiam, deixem eu enfrentar Seu Euricão. É preciso preparar o terreno. Cuidado, lá vem ele! Pinhão, fique, preciso de sua ajuda!

(DODÓ PÕE OS DISFARCES E SAI ATRÀS DE MARGARIDA. ENTRRA EURICÃO)

EURICÃO Ladrões, só vejo ladrões! Mas Santo Antônio me protege. Caroba, você sozinha aqui? Que é isso? Onde estão os outros? Onde está Dodó Boca-da-Noite?

CAROBA Para falar com franqueza, não prestei atenção. Deve ter saído.

EURICÃO Que conversa é essa? Você andou remexendo no que é meu?

CAROBA Que interesse eu tinha em remexer nessa troçaria? Só se fosse para ficar com asma, nesse mofo.

EURICÃO Deixe ver os bolsos.

CAROBA Veja.

EURICÃO Sacuda o vestido.

CAROBA (OBEDECENDO) Está quente hoje, hein, Seu Euricão?

EURICÃO Vire-se de costas.

CAROBA Pois não.

EURICÃO Deixe de manejos e abra as mãos.

CAROBA Aui estão.

EURICÃO Não terá escondido nada embaixo da saia?

CAROBA Epa, vá pra lá! Que molecagem é essa?

EURICÃO Idiota, eu sou um velho. Minha intenção é outra.

CAROBA Sei lá, isso é você quem diz!

PINHÃO É melhor voce se garantir, Caroba.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 243

CAROBA, QUE TEM SE APROXIMADO DA PORCA, COLOCA A MÃO DESCUIDADAMENTE EM SEU DORSO.

EURICÃO (ATERRADO) Saia daí!

CAROBA Que foi?

EURICÃO Uma aranha, aí!

CAROBA Ai! (ESCONDE-SE ATRÁS DA PORCA, ABRAÇANDO-SE COM ELA.)

CAROBA Ai, tenho horror a aranha!

EURICÃO Saia daí!

CAROBA O que é?

EURICÃO Um lacrau enorme! Saia, saia! Olhe o lacrau, Caroba!

CAROBA Ai! Aonde, Seu Euricão?

EURICÃO Aí na porca!

PINHÃO Aonde, que eu não estou vendo?

EURICÃO Desapareceu, deve ter fugido!

CAROBA É capaz de estar embaixo da porca.

ABAIXA-SE E PROCURA CUIDADOSAMENTE, BATENDO NA PORCA COM OS NÓS DOS DEDOS.

EURICÃO Caroba! Olhe a caranguejeira!

CAROBA Ai! Esta casa está cheia de bichos, Seu Euricão!

PINHÃO Sabe por que é isso, Seu Euricão? São essas velharias que o senhor guarda aqui. Só essa porca já tem mais de suzentos anos.

CAROBA Por que o senhor não joga isso fora? Outro dia eu e Dona Margarida quisemos fazer uma surpresa ao senhor. A gente ia jogar fora essa porca velha e cmprar uma nova para lhe dar.

EURICÃO (ARRIANDO NUMA CADEIRA) Ai, ai! Miseráveis, miseráveis, assassinas, bandidas! Logo minha porquinha que herdei de meu avô! Toque nela e quem vai embora é você, está ouvindo, assassina? Sou louco por essa porca! Ai Santo Antônio, querem me roubar, me assassinar, e ainda por cima comprar uma nova que deve custar uma fortuna! Ladrões, ladrões! Ai a crise, ai a carestia! Santo Antônio, Santo Antônio!

CAROBA Está certo, Seu Euricão, está certo! Diabo duma agonia danada! Deixe a porca de lado, ninguém toca mais nela! Que é que vale uma porca? O negócio agora é evitar a facada que o tal do Eudoro vem lhe dar.

EURICÃO A facada?

CAROBA E então? O senhor vai ve se não é! Pinhão me contou como ele faz. Chega cheio de delicadezas. A essa hora, já se informou de sua devoção por Santo Antônio! Ele chega e faz que é devoto do mesmo santo. Elogia o senhor, elogia sua filha, pergunta como vão os negócios, todo amável, e vai amolando a faca. (À MEDIDA QUE FALA, VAI EVOCANDO A CENA IMAGINÁRIA COM GESTOS SIGNIFICATIVOS E CORTANTES.)

CAROBA Deve ser uma faca enorme, assim desse tamanho. Ele vai atolá-la até o cabo em sua barriga. Agrada o senhor, ajeita, e, quando menos o senhor esperar, xuiu! (DÁ A FACADA COMA MÃO NA BARRIGA DE EURICÃO, QUE CAI DESFALECIDO NUMA CADEIRA.)

EURICÃO Ai! Quanto você calcula que vai ser a facada, Caroba?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 244

CAROBA Homem, pelo tamanho da faca, calculo aí nuns vinte contos.

EURICÃO Ai! Caroba! Tenha compaixão de um pobre velho.

CAROBA Mas é claro que tenho, Seu Euricão! Já pensei em tudo e vou defendê-lo contra esse urubu.

EURICÃO Você vai, Caroba? Como?

CAROBA O meio é contra-atacar com as mesmas armas. O senhor lhe oferece jantar, dá-lhe vinho, cerveja, e quando ele estiver bem entusiasmado para dar o golpe, o senhor dá nele primeiro.

EURICÃO Como?

CAROBA Pedindo vinte contos emprestados.

EURICÃO Ra, ra! Ra, ra! Grande idéia, Caroba, idéia genial! Mas como é que se paga o jantar?

PINHÃO O senhor tira dos vinte contos!

EURICÃO Ladrão, miserável! Já quer gastar meus vinte contos que eu arranquei daquele criminoso com tanto trabalho! Quer me matar de fome, bandida? Quer gastar meu dinheiro?

CAROBA Mas, Seu Euricão, o dinheiro não é dele?

EURICÃO Ai, é mesmo! E se ele não emprestar, Caroba?

CAROBA Ah, ele empresta! Vou dar um jeito nisso. O senhor me dá uma comissão?

EURICÃO Se você arranjar os vinte contos? Dou.

CAROBA Quanto?

EURICÃO Eu lhe dou metade daquele jerimum que o cego me deu ontem.

CAROBA É pouco! Eu quero é dinheiro, Seu Euricão!

EURICÃO Ai, ai! Ainda não tenho os vinte contos e já querem me roubar! Não dou, não dou de jeito nenhum.

CAROBA Então, estou fora do negócio.

EURICÃO Não! Preciso de você, Caroba, não me abandone!

CAROBA Então me dê minha comissão.

EURICÃO Quanto é que você quer?

CAROBA Quinhentos.

EURICÃO Dou cinquenta.

CAROBA Estou fora!

EURICÃO Cem.

CAROBA Estou fora!

EURICÃO Cento e cinquenta.

CAROBA Estou fora!

EURICÃO Duzentos.

CAROBA Estou fora!

EURICÃO E eu também! Estou fora, porque daí não passo de jeito nenhum! Estou fora!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 245

CAROBA — Então eu entro! Fica pelo duzentos. Vou encomendar o jantar no hotel de Dadá.

EURICÃO — E como é que ele vai pagar, se sou eu que encomendo?

CAROBA — O senhor tira dos vinte contos.

EURICÃO — E se ele não empresta?

CAROBA — Aí, pelo menos a gente ganha o jantar.

EURICÃO — E com que é que se paga o jantar? Com meu dinheiro?

CAROBA — O jantar não vai ser pago com os vinte contos, Seu Euricão?

EURICÃO — Ai, é mesmo. Assim, eu quero!

CAROBA — Então vá, Pinhão. Vá e encomende o jantar que hoje aqui se come de noite e se come bem. Vá, Pinhão.

PINHÃO — Meu patrão!

CAROBA — Seu patrão?

PINHÃO — Sim, chegou. Dona Benona Arábe está recebendo meu patrão aí fora, na calçada, perto do cemitério da igreja.

CAROBA — Saia por aqui, então. É preciso que ele pense que você está do lado dele. Se não ele desconfia, fica de sobreaviso e não empresta os vinte contos, não é, Seu Euricão?

EURICÃO — É, Pinhão, meu filho, saia por ali. Nessas coisas, a surpresa é tudo. Vá e volte para nos ajudar, que a luta com esse criminoso vai ser grande.

(PINHÃO SAI AO MESMO TEMPO QUE BENONA ENTRA.)

BENONA — Eurico, Eudoro Vicente está lá fora e quer falar com você.

EURICÃO — Benona, minha irmã, eu sei que ele está lá fora, mas não quero falar com ele.

BENONA — Mas Eurico, nós lhe devemos certas atenções.

EURICÃO — Você, que foi noiva dele. Eu, não!

BENONA — Isso são coisas passadas.

EURICÃO — Passadas para você, mas o prejuízo foi meu. Esperava que Eudoro, com todo aquele dinheiro, se tornasse meu cunhado. Era uma boca a menos e um patrimônio a mais. E o peste me traiu. Agora, parece que ouviu dizer que eu tenho um tesouro. E vem louco atrás dele, sedento, atacado de verdadeira hidrofobia. Vive farejando ouro, como um carrocho da molest'a, como um urubu, atrás do sangue dos outros. Mas ele está muito enganado. Santo Antônio há de proteger minha pobreza e minha devoção.

CAROBA — Mas enquanto Santo Antônio não se vira, vamos ajudá-lo um pouco, Seu Euricão, saia por um momento.

EURICÃO — Você se encarrega de preparar tudo?

CAROBA — É claro.

EURICÃO — Então eu saio. Traga o cachorro, Benona, traga o urubu. Se Deus quiser e Santo Antônio me ajudar, o golpe vai se virar por cima dele. Eu fico ali, assim que o terreno estiver preparado, me chame. (SAI)

CAROBA — Dona Benona, espere um instante. Quero lhe dizer um negócio, em caráter confidencial.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 246

BENONA Que é, Caroba?

CAROBA Pinhão está desconfiado de que Seu Eudoro vem pedir a senhora em casamento.

BENONA Caroba!

CAROBA É verãade, Dona Benona! A senhora não foi noiva dele?

BENONA Fui, mas briguei por uma besteira e ele se casou com outra.

CAROBA Mas o fato é que está viúvo e arrependido! Ele mandou dizer a Seu Euricão que vinha privá-lo de seu tesouro e Pinhão acha que só pode ser a senhora.

BENONA É possível?

CAROBA A senhora mesmo vai ver, daqui a pouco. Mas parece que ele está meio envergonhado, depois de tanto tempo. É natural, mas é preciso ajudá-lo.

BENONA (FACEIRA) Ele está acanhado porque quer, porque eu nunca o esqueci.

CAROBA Foi nada?!

BENONA E então?

CAROBA Pois eu vou ajudar Seu Eudoro a sair do acanhamento. A senhora me deixe só com ele que eu vou me certificar. Se for verdade, pode deixar que eu puxo a conversa na frente de Seu Euricão e a senhora noiva.

BENONA Ai, Caroba, estou tão confusa! Foi tudo tão de repente! E assim, de surpresa, sem me dizer nada! Mas eudoro sempre foi meio doidinho!

CAROBA É casamento na certa! A senhora saia e deixe tudo comigo!

BENONA Pois está certo. Fique, fale com ele e que Santo Antonio nos proteja.

(ENTRA EUDORO VICENTE. BENONA LANÇA-LHE UM OLHAR PROVOCANTE E TERNO.)

BENONA Eudoro, meu irmão vem já. Com licença, malvado! (SAI.)

EUDORO Que foi que houve aqui, meu Deus, para Benona me olhar assim? Que coisa esquisita!

CAROBA Ah e o senhor ainda não soube de nada não?

EUDORO Não, o que foi que houve?

CAROBA O que houve, Seu Eudoro, foi que o povo daqui está desconfiado de que o senhor veio noivar.

EUDORO E por que estão pensando isso?

CAROBA O senhor mandou dizer na carta que ia roubar o tesouro de Seu Euricão e todo mundo está pensando que isso quer dizer "casar com Dona Margarida".

EUDORO Pois estão pensando certo, Caroba. Desde que Dodó saiu de casa para estudar, estou me sentindo muito só. Simpatizer com a filha de Euricão e resolvi pedi-la, apesar da diferença de idade.

CAROBA O senhor está parecendo meio encabulado de pedir.

EUDORO É verdade, Caroba. Não sei como vou começar. Minha idade não permite mais certas coisas que agradam às moças, de modo que ...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 247

CAROBA — Então deixe comigo. Seu Euricão é louco pela filha. Não gosta nem de falar em casamento para ela, com medo de perdê-la. Mas, ao mesmo tempo, quer casá-la, pois considera a moça uma espécie de patrimônio. O senhor agrade o velho, seja delicado, diga que ele vai bem de saúde e de negócios, fale em Santo Antônio, que é a devoção dele, e deixe o resto comigo. Depois que eu puxar o assunto, depois que tudo estiver encaminhado, aí o senhor faz o pedido, está bem?

EUDORO — Está ótimo, Caroba. Para animá-la eu ... (REMEXE NO BOLSO.)

CAROBA — Nada disso, a única coisa que me interessa nisso é a estima que sempre lhe tive. Mas já que o senhor insiste ...

EUDORO — Pois tome e puxe o assunto. Creio que Euricão não criará dificuldade. Gosta da filha, mas gosta ainda mais de dinheiro e, sabendo que tenho algum ... Mas o que é isso?

CAROBA — Não é uma das velharias de Seu Euricão? Herdou essa porca ainda do tempo do avô e não há quem faça ele jogá-la fora.

EUDORO — Do tempo do avô, é? Interessante, muito interessante! Gosto muito de antiguidades!

CAROBA — Então eu vou chamá-lo. Seu Euricão! Seu Euricão! Seu Euricão Engole-Cobra!

EURICÃO — (ENTRANDO) Engole-Cobra é a mãe. Bom dia, Eudoro Vicente.

EUDORO — Bom dia, Eurico Arábe. Santo Antônio o guarde. Santo Antônio o proteja a você e a toda a sua família.

EURICÃO — (À PARTE, A CAROBA) Se não for dinheiro emprestado, eu estufe! Que Santo Antônio também o proteja, Eudoro Vicente.

EUDORO — Então sempre em saúde e prosperidade, hein?

EURICÃO — É dinheiro não tem pra onde! Prosperidade, eu? Você sim, pode dizer que vai bem com todas aquelas fazendas!

EUDORO — Que é que adianta a terra, Eurico? Vem a seca e morre tudo. A felicidade é que tenho amigos e são eles que me valem nas horas de aperto.

EURICÃO — É dinheiro emprestado, não tem pra onde! Você gosta de contar desgraça, mas é para esconder a fortuna. Eu é que só tenho, para contar, miséria. Os ricos, como você, contam dinheiro, Eudoro, os pobres, como eu, desgraça.

EUDORO — Que nada, isso é modéstia! E quanto à crise, se puder fazer alguma coisa para ajudá-lo...

EURICÃO — Isso parece promessa, mas é para preparar o pedido. Está faminto, sedento por dinheiro emprestado.

EUDORO — Que tal lhe parece minha família?

EURICÃO — Boa.

EUDORO — E meu caráter?

EURICÃO — Bom.

EUDORO — E meus atos?

EURICÃO — Nem maus, nem desonestos.

EUDORO — Qual é a opinião que você tem de mim?

EURICÃO — Sempre o considerei um cidadão honrado.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 248

EUDORO — Pois eu também acho você um cidadão sem defeitos.

EURICÃO — Se não for dinheiro emprestado, eu me dane! O que é que você quer?

CAROBA — Seu Euricão, o senhor sabe perfeitamente que Seu Eudoro gostou de uma pessoa de sua família.

EURICÃO — Sei, mas pensei que isso já tivesse passado.

CAROBA — Ora passado, agora foi que começou! A simpatia que essa pessoa inspirou a Seu Eudoro só fez aumentar com a separação. Pois bem, Seu Eudoro veio pedi-la em casamento.

EURICÃO — Está dada, pode se considerar noivo. Mas eu preciso de vinte contos emprestados para fazer a festa do casamento.

EUDORO — Mas eu ainda não sei se ela aceita!

EURICÃO — A responsabilidade é minha, pode se considerar noivo! Não está vendo que eu não vou perder uma oportunidade dessa? Você está noivo, Eudoro, e eu preciso de vinte contos, esse é que é o fato.

EUDORO — Então mande chamar Margarida.

EURICÃO — Margarida? Pra quê?

CAROBA — Seu Eudoro quer vê-la depois de tanto tempo, é perfeitamente natural, Seu Euricão. Ele já viu Dona Benona, agora quer ver Dona Margarida!

EURICÃO — Ah, sim. Mas quero logo lhe dizer, Eudoro, que ela esteve lá foi a convite seu. Eu não convidei ninguém, você vai para o hotel de Dadá!

EUDORO — Está bem, mas posso ver Margarida?

EURICÃO — Pode, por que não?

EUDORO — Diziam que você era tão cheio de coisas com ela!

EURICÃO — Ah, sou. Mas confio em você, por causa de sua idade e porque agora você é noivo. Você promete ir para o hotel?

EUDORO — Prometo, homem cuidadoso! Não fica bem eu, noivo, hospedado em casa da noiva, não é?

EURICÃO — Ah, é, nessas coisas eu sou inflexível! Basta dizer que mantenho um guarda, pago com meu dinheiro, só para tomar conta de Margarida. Tem ordem de não deixá-la um só instante.

EUDORO — Um guarda? Um homem?

EURICÃO — Sim, mas é tão feio que não há perigo. Margarida tem ódio dele. Mas eu gosto, porque ele é prudente e econômico, chega a me dar lições. Chama-se Dodó.

EUDORO — Meu filho tem esse mesmo apelido de Dodó!

CAROBA — Mas seu filho é coxo?

EUDORO — Você já morou em minha terra e sabe que não.

CAROBA — É corcunda?

EUDORO — Não.

CAROBA — Tem uma barbicha?

EUDORO — Não.

CAROBA — Veste sempre preto?

EUDORO — Não.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 06.74.p 249

CAROBA — É amarrado?

EUDORO — Não.

CAROBA — Tem a boca torta?

EUDORO — Não.

EURICÃO — Então não é esse não, porque Dodó Boca-da-Noite tem tudo isso e mais alguma coisa. Vou chamar os dois aqui. Margarida! Dodó Boca-da-Noite!

(ENTRA MARGARIDA.)

EUDORO — Oi, você não disse que ela é sempre vigiada?

EURICÃO — Margarida, você quer me desmoralizar? Sustente o pudor, Margarida! Olhe o recato, Margarida! Onde está Dodó?

MARGARIDA — Seu Dodó sentiu-se mal e ficou no armazém, papai.

EURICÃO — Sentiu-se mal o quê? Empregado meu tem lá licença de se sentir mal! Dodó, Dodó! Dodó Boca-da-Noite!

(DODO ENTRA, EXAGERANDO A CORCOVA, O ANDAR E SEMPRE DE COSTAS, PARA NÃO SER RECONHECIDO.)

EURICÃO — Cumpra com sua obrigação, está ouvindo?

DODÓ — Estou.

EURICÃO — É um bom servidor, gosto muito dele! Venha cá, conhecer meu amigo, Dodó.

DODÓ — Ai!

EURICÃO — Que foi?

MARGARIDA — Eu não disse que ele estava doente?

DODÓ — Seu Eurico, um copo dágua, Seu Eurico!

EUDORO — Tome, moço.

DODÓ — (DANDO-LHE AS COSTAS) Não! Já passou, estou bonzinho!

CAROBA — Seu Euricão mandou chamar a senhora, Dona Margarida, porque Seu Eudoro Vicente fez o pedido de casamento.

EURICÃO — E já que ele vai entrar na família, minha filha ...

MARGARIDA — É verdade?

EUDORO — É, Margarida. Ainda não tive tempo de ir ao hotel, mudar de roupa, mas quero logo pedir uma entregista a você para conversarmos.

EURICÃO — Ah não, entrevista não. A entrevista é essa!

EUDORO — Mas Eurico ...

MARGARIDA — Não precisa nem o senhor falar, meu pai. Prefiro ir para um convento.

EURICÃO — Está vendo o que é recato, Eudoro? Aí, Margarida! Sustente o pudor, Margarida, sustente o recato! Trata-se de Eudoro, é uma pessoa séria, de mais idade e além do mais vai entrar na família. Mas recato é recato! Entrevista, sozinha, com ninguém!

EUDORO — Mas Eurico...

MARGARIDA — Já disse que prefiro ir para um convento. E vá marcar entrevista com gente de sua idade, está ouvindo? E saia daqui com seu casamento! Saia daqui porque eu...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 250

(CAROBA PÕE O DEDO NOS LÁBIOS E FAZ-LHE SINAL PARA QUE ELA SAIA; MARGARIDA SE INTERROMPE BRUSCAMENTE E COMEÇA A CHORAR, SAINDO ARREBATADAMENTE DA SALA, ACOMPANHADA SEMPRE PELO FIEL DODÓ.)

EUDORO — Mas Eurico...

CAROBA — Coitada, foi pegada de surpresa pela notícia, é muito pegada com a família, principalmente com Dona Benona, e está commedo de perdê-la.

EURICÃO — É isso mesmo. Não se ofenda, Eudoro, vou acalmá-la. Uma conversa comigo e em dois tempos ela vai ser a primeira a apoiar a idéia. (SAI)

EUDORO — A apoiar que idéia? A da entrevista?

CAROBA — Não, a do casamento.

EUDORO — Bem que eu não queria fazer isso, assim de repente! Agora a moça está nervosa!

CAROBA — Isso passa, deixe comigo! Ela faz isso porque está na frente do pai. Mas quando ela falar com o senhor a sós, há de ver que ela quer o casamento.

EUDORO — Mas o fato é que não vou poder falar com ela a sós.

CAROBA — Ah, isso não. Vai, e quem vai arranjar a entrevista sou eu.

EUDORO — Você? Como? Onde?

CAROBA — Aqui e de noite, depois que o velho estiver dormindo. Ele dorme cedo, de modo que depois do jantar...

EUDORO — E se alguém acordar?

CAROBA — É fácil disfarçar. Dona Margarida levanta-se às vezes à noite, para rezar escondido pela mãe.

EUDORO — Escondido, por quê?

CAROBA — Seu Euricão não gosta disso. A mulher abandonou-o e, depois que ela morreu, ele mandou buscar o corpo e enterrou aí. Mas não gosta nem que se fale dela. De modo que, se Dona Benona acordar, diz-se que foi isso. Dona Benona é a mais perigosa, tem mania de recato. É a conselho dela que seu Euricão fica tão rigoroso com a filha.

EUDORO — Benona sempre foi assim, creio mesmo que foi por causa disso que ela... Mas enfim, você arranja a entrevista?

CAROBA — Arranjo. Depois do jantar, quando todo mundo estiver deitado, eu destranco essa porta. Aí o senhor volta e pode falar com Dona Margarida, aqui.

EUDORO — Mas será que ela aceita?

CAROBA — Aceita, a paixão dela pelo senhor é grande, vai vencer de uma vez só o pudor e o recato.

EUDORO — Está bem, mas cale a boca. O homem vem aí.

(ENTRA EURICÃO.)

EURICÃO — A moça se trancou e não houve jeito. É o recato, coitada. Mas você compreende isso, não é?

EUDORO — É.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 251

EURICÃO Então adeus, Eudoro Vicente, não quero retê-lo mais, você deve estar com fome e o hotel...

CAROBA Patrão!

EURICÃO Hein?

CAROBA E o jantar?

EURICÃO Cale a boca, miserável!

CAROBA O senhor não prometeu um jantar? É para celebrar o noivado.

EUDORO Um jantar? Ah, aceito, pois não. Venho jantar e depois vou dormir no hotel.

EURICÃO Está bem, está bem. Essa você me paga, Caroba! E a respeito dos vinte contos?

EUDORO No jantar nós falaremos.

EURICÃO Ótimo, ótimo. Essa parte está ótima.

EUDORO Então, até já! E preparem o espírito da noiva! (SAI.)

[illegible]ROBA Seu Euricão, espero que o senhor não se esqueça de minha comissão.

EURICÃO Que comissão?

CAROBA A que o senhor prometeu, se eu arranjasse os vinte contos.

EURICÃO E quem disse que você me arranjou vinte contos? Aliás, ninguém me arranjou vinte contos. Eudoro Vicente prometeu, mas ainda não arranjou nada, vai arranjar!

CAROBA Mas quem planejou tudo fui eu!

EURICÃO Mente, velhaca! Você tinha planejado tudo para o jantar e, se eu tivesse esperado, talvez a essa hora estivesse esfaqueado. Quem pressentiu o perigo fui eu, quem pediu o dinheiro fui eu e quem arranjou o dinheiro fui eu! Você não tem direito à comissão de qualidade nenhuma!

CAROBA Mas Seu Euricão...

[illegible]RICÃO Adeus, Caroba, já basta o prejuízo do jantar.

CAROBA Mas Seu Euricão...

EURICÃO Dê o fora, Caroba.

(CAROBA SAI DE MÁ VONTADE. EURICÃO VAI ATÉ A PORCA E ALISA-A CARINHOSAMENTE.)

EURICÃO Ai minha porquinha do coração, a luta é grande contra os ladrões. Mas arranjei sempre mais vinte contos para seu buchinho.

(ENTRA EUDORO.)

EUDORO Eurico...

EURICÃO (DANDO UMSALTO) Santo Antônio me proteja! Que negócio é esse de sair da casa dos outros e voltar nos mesmos pés? Você está me vigiando?

EUDORO Não, Eurico, desculpe.

EURICÃO Você notou alguma coisa?

EUDORO Alguma coisa de quê?

EURICÃO Você pensa que sou idiota, para dizer? Notou ou não notou?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 .IP 252

eudoro Não notei nada!

EURICÃO E que veio fazer aui, entrando de emboscada, como um assassino? Como um ladrão?

EUDORO Afinal, o que é isso? Que é que você quer dizer? Voltei porque vim lhe oferecer preço por essa porca que você guarda aí.

EURICÃO Preço por minha porca? Ai! Socorro! Ladrão! Pega o ladrão!

EUDORO Que é isso, homem?

EURICÃO Ai a crise, ai a carestia! Ai Santo Antônio! Veja o que querem fazer comigo!

EUDORO Mas afinal de contas...

EURICÃO Ai minha porquinha que herdei de meu avô e esse criminoso quer tomar! Ai minha porquinha! (CAI DESFALECIDO NUMA CADEIRA.)

EUDORO Está bem, homem de Deus, se não quer vender, não venda! Precisa essa agonia? Diabo duma esquisitice danada! Vá ser esquisito assim no inferno!

(VAI SAINDO, QUANDO ENCONTRA BENONA)

BENONA Dodó!

EUDORO (FORMAL) Minha senhora!

BENONA Que minha senhora que nada, malandro! Já soube de tudo e vim lhe dizer que concordo de todo coração!' Está tudo esquecido.

EUDORO Fico muito contente com isso, Benona.

BENONA E eu ainda mais, Dodó. Olhe como estou! Desde que você apareceu que meu coração começou a bater. Você acha que eu devo lhe dar um beijo?

EUDORO Mas Benona, você acha que ficaria próprio?

BENONA Deixe de preconceitos, homem! Agora estou diferente, a vida me ensinou a ser menos tola! Não quer? Bem, então fica pra mais tarde. Vou me vestir para o jantar. Mas não deixo você sair sem lhe dar um beliscão no espinhaço de jeito nenhum, quero me lembrar dos velhos tempos. Chegue aqui esse espinhacinho, safado!

EUDORO Benona!

BENONA Ai meu Deu, quanta timidez, como é lindo isso! Esse Dodó sempre foi doidinho! Não tem isso não, lá vai beliscão!

EUDORO (CORRENDO) Benona! Diabo de povo mais esquisito! Benona! Ai! (SAI CORRENDO, COM BENONA ATRÁS.)

EURICÃO Ai minha porquinha adorada, ai minha porquinha do coração! Querem roubá-la, querem levar meu sangue, minha carne, meu pão de cada dia, a segurança de minha velhice, a tranquilidade de minhas noites, a depositária de meu amor! Mas parece que Santo Antônio me abandonou por causa da porca. Que santo mais ciumento, é "ou ele ou nada"! É assim? Pois eu fico com a porca. Fui seu devoto a vida inteira: minha mulher me deixou, a porca veio para seu lugar. E nunca nem ela nem você me deram a sensação que a porca dá. Ah, minha bela, ah, minha amada! Aqui você fica muito a vista de todos, todo mundo deseja sua beleza e sua bondade. É melhor levá-la para um lugar escondido. A mala do porão, é lá! Aí você ficará em segurança e eu poderei dormir de novo.

(ENTRA NUM SOCAVÃO SOB A ESCADA, SOBRAÇANDO A GRANDE PORCA DE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 253

MADEIRA E VOLTA SEM ELA.)

EURICÃO Agora, sim. E você, Santo Antônio, deve se contentar agora com minha pobreza e minha devoção. Eu não o esqueci. Não deixe que esses urubus descubram meu dinheiro! Faça isso, meu santo, e a banda de jerimum que eu ia dar a Caroba será sua. Menos as sementes, viu? As sementes eu quero para fazer xarope e vender no armazem. Ganha-se pouco, mas sempre é alguma coisa para se enfrentar a crise e a carestia! (PERSIGNA-SE E SAI.)

FIM DO PRIMEIRO ATO

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

S E G U N D O   A T O

(MESMA SALA. ENTRAM CAROBA, MARGARIDA e DODÓ.)

CAROBA Mas que jeito eu podia dar? Ele queria a entrevista, eu estava precisando agradá-lo para ele confiar em mim, o jeito foi marcar!

DODÓ Que jeito que nada! O que há é que voce se acostumou a agradar meu pai e ficou contra mim!

CAROBA Deixe de ser ingrato, Seu Dodó. Eu estou tentando arranjar seu casamento e o senhor vem dizer isso!

MARGARIDA É, meu amor, que mal faz? Eu vou, e, se achar um modo de afastar seu pai sem mágoa, afasto.

DODÓ E ainda por cima, o perigo que você nos fez correr! Imagine se Margarida não visse o gesto que você fez! Era capaz de deitar tudo a perder.

CAROBA Que é que eu podia fazer? Era preciso que seu pai acreditasse que a noiva era ela. Agora, que já está tudo encaminhado, o senhor fica aí dando jeito a tudo. Eu queria ver era na hora, inventar tudo isso de repente, noivar seu pai com Dona Benona, quando ele pensava que era com Dona Margarida, noivar Dona Benona no pedido da sobrinha, fazer Seu Euricão acreditar que o candidato a genro queria ser cunhado... O senhor acha pouco?

MARGARIDA É, meu bem, Caroba já fez demais! Por que você não concorda com essa tolice de entrevista?

DODÓ Não concordo porque não gosto de ver você metida nisso!

MARGARIDA Mas meu bem, trata-se de seu pai!

DODÓ Não tenho nada com isso, agora é candidato a se casar com você.

CAROBA A entrevista é quem vai resolver tudo, seu Dodó!

DODÓ Resolver tudo o quê? Ela vai é complicar tudo, isso sim! Na hora, papai pode entender a história de repente e a gente está desgraçado. Porque, se Seu Euricão descobrir que papai quer casar é com Margarida, desfaz o noivado de Dona Benona na mesma hora e faz o que meu pai quer! Seu Euricão faz qualquer acordo, contanto que não perca o dinheiro de meu pai!

MARGARIDA Não, isso também não é direito não, meu bem! Você zombar da pobreza de meu pai? Ele é pobre mas não vê nada no mundo além de mim!

DODÓ (DUVIDOSO.) Eu sei!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 254.

MARGARIDA Você é quem parece de repente cheio de dureza para com ele! Você não já sabia como ele era? Por que, então, esses modos, de repente? Parece é que você quer me deixar de lado e está procurando um pretexto!

DODÓ E você? Parece estar ansiosa por essa entrevista! Pois vá! Vá, siga os conselhos de Caroba e, quando estiver de volta, jogue fora a aliança que lhe dei. Não quero casar com uma moça que marca entrevista com outro! (SAI, MARGARIDA CHORA.)

CAROBA Não chore não, Dona Margarida. Quando Seu Dodó chegar à conclusão de que tudo está bem, acaba com essa besteira.

MARGARIDA Eu sei lá, eu sei lá, Caroba! Que complicação, meu Deus! E essa trapalhada de entrevista... Não vou, Caroba, não vou de jeito nenhum. Afinal de contas, quem marcou a entrevista?

CAROBA Eu!

MARGARIDA Pois vá você, está ouvindo? Você foi quem marcou, você é quem vai.

CAROBA Mas Dona Margarida, eu quero lhe explicar que...

MARGARIDA Vai! Vai e não adianta discutir!

CAROBA Mas Dona Margarida, eu...

MARGARIDA Eu lhe dou um vestido meu e você vai em meu lugar! Você é mais ou menos de meu tipo: com meu vestido, de noite, no escuro, pode passar por mim, perfeitamente!

CAROBA Tem que ser um vestido que Seu Eudora conheça, senão não dá certo!

MARGARIDA Eu lhe dou este, antes da hora!

CAROBA Sim, Dona Margarida, mas...

MARGARIDA Não damito discussão! É isso e é isso mesmo. Prepare-se, porque na hora eu lhe dou o vestido e você vai à entrevista! (VAI SAINDO)

CAROBA Mas é claro que vou à entrevista, se meu plano era esse!

MARGARIDA TEM SAÍDO. PINHÃO, QUE VEM ENTRANDO, OUVE A FRASE.

PINHÃO Que história é essa, Caroba? É a entrevista que o patrão marcou com Dona Margarida?

CAROBA É, eu vou no lugar dela!

PINHÃO Eu não quero você com o patrão aqui, de jeito nenhum! Aquilo é um viúvo sonso dos seiscentos diabos!

CAROBA Espere lá, Pinhão, você não entendeu nada!

PINHÃO Não entendi, nem quero entender, está ouvindo? Você foi ao hotel falar com ele?

CAROBA Fui, e então? Precisava esclarecer certas coisas e fui!

PINHÃO E por que não me disse que ia?

CAROBA Ainda mais essa!

PINHÃO Você foi para falar sobre a entrevista?

CAROBA Fui!

PINHÃO E vai a essa entrevista com ele, de noite?

CAROBA Vou!

PINHÃO Vai como?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 255.

CAROBA — Vou do jeito que entender!

PINHÃO — Pois quero lhe dizer logo que é essa entrevista ou eu, está ouvindo? Trate de escolher!

CAROBA — Já escolhi!

PINHÃO — Quem ganhou?

CAROBA — A entrevista! Você quer mandar em mim, é, Pinhão? Que desconfiança é essa, se nunca lhe dei motivo? Vou e é quer você queira, quer não!

PINHÃO — Pois adeus, Caroba. Quem gosta de formente é o trem. (SAI. CAROBA CHORA, MAS LOGO ENXUGA AS LÁGRIMAS.)

CAROBA — Essa é boa, ninguém deixa eu falar e haja todo mundo contra mim!

(ENTRA BENONA.)

BENONA — Caroba, estava precisando falar com você. Que é isso? Que é que você tem?

CAROBA — Cada um sabe de si e de suas agonias, Dona Benona!

BENONA — É verdade, Caroba. Eu mesma, tão contente que estava e começo a ficar inquieta.

CAROBA — Inquieta? Por quê?

BENONA — É Eudoro, Caroba! Abhei Eudoro tão esquisito para uma pessoa que veio reatar um noivado interrompido!

CAROBA — É o tempo que passou, Dona Benona!

BENONA — Você acha?

CAROBA — Não tenha dúvida, ele continua nomesmo entusiasmo! Chegou até a pedir que eu arranjasse uma entrevista dele com a senhora!

BENONA — Uma entrevista? Quando?

CAROBA — À noite, quando o povo estiver dormindo.

BENONA — Eurico vai estranhar.

CAROBA — Para estranhar, ele vai ter que saber, e Seu Euricão não vai saber de nada.

BENONA — E se alguém acordar?

CAROBA — A senhora vem disfarçada. Veste um vestido de Dona Margarida. Se alguém acordar, a senhora faz que é ela que veio rezar, e ninguém desconfia. De noite, é fácil.

BENONA — E como é que eu vou arranjar o vestido de Margarida?

CAROBA — Pode deixar que disso eu me encarrego. Depois do jantar, deixo a porta destrancada e Seu Eudoro vem. Quando tudo estiver preparado, canto como gia, entrego o vestido e a senhora fala com ele.

BENONA — Foi Eudoro quem pediu isso?

CAROBA — Foi.

BENONA — Então eu vou.

CAROBA — Mas não vá falar com ele sobre isso, antes, não! Alguém pode ouvir e vai tudo dágua abaixo.

BENONA — Não tenha cuidado, ninguém vai entender nada! Pinhão encomendou o jantar?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 256

CAROBA — Encomendou, já chegaram alguns dos pratos.

BENONA — Então vamos ajeitar tudo, porque o noivo chega já.

(SAEM. PINHÃO E DODÓ ENTRAM, VINDOS DE LADOS OPOSTOS, AMBOS ARREPENDIDOS.)

DODÓ — Margarida... Pinhão! Que há?

PINHÃO — Nada, Seu Dodó. Fui eu que peguei uma briga com Caroba e vinha fazer as pazes.

DODÓ — Eu também peguei uma com Margarida e vinha para isso mesmo, Pinhão!

PINHÃO — Terá sido um negócio de uma entrevista, Seu Dodó?

DODÓ — Foi, Pinhão.

PINHÃO — Eu fiquei danado porque Caroba disse que ia no lugar de Dona Margarida.

dODÓ — Como, se Margarida me disse, aqui, que ia à entrevista?

PINHÃO — Pois então já vi que seu pai marcou entrevista foi com as duas, Seu Dodó.

DODÓ — Você o que acha dessa entrevista, Pinhão?

PINHÃO — Seu Dodó, de sua noiva quem sabe é o senhor, mas a minha, eu não quero que vá de jeito nenhum!

DODÓ — Aí há alguma coisa, Pinhão. Todas duas deram de repente para querer ir à entrevista. Que será?

PINHÃO — Eu sei lá, Seu Dodó!

DODÓ — Não custa nada esclarecer, não é? Vamos fazer o seguinte: quando Caroba abrir a porta, a gente vem antes e se esconde aqui. Assim, assiste-se à entrevista e pode-se saber, afinal de contas, o que é isso. Está certo?

PINHÃO — Está, Seu Dodó.

DODÓ — E o jantar? Você arranjou tudo?

PINHÃO — Arranjei, os pratos começaram a chegar.

DODÓ — Chegaram uns homens aí fora.

PINHÃO — São os dois empregados do hotel, certamente vêm com a porca. Arranjei uma porca assada para nós.

dodó — Então, pelo menos, hoje se tira a barriga da miséria! Estou aqui há dois meses, é a segunda vez que vou comer de noite. Vá receber a porca.

PINHÃO — (GRITANDO PARA FORA, ENQUANTO SAI.) É a porca? Levem lá por trás, nossa alegria hoje é essa porca. É a porca? (SAI.)

(EURICÃO CRUZA A CENA, TRANSTORNADO.)

EURICÃO — Ai, a porca! Pega, pega o ladrão!

(SAI NO ENCALÇO DE PINHÃO. OUVEM-SE GRITOS, SOM DE PANCADAS, IMPRECAÇÕES. PINHÃO ENTRA CORRENDO, COM EURICÃO ATRÁS AMEAÇADOR. EURICÃO VAI INVESTIR SOBRE PINHÃO, QUE PUXA UMA FACA.)

EURICÃO — Pega, pega o ladrão! Assassino, ladrão!

DODÓ — O que é isso, Seu Eurico? Que é isso, Pinhão? Guarde essa faca imediatamente.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 p. 257

EURICÃO Não, deixe ele assim, quero mesmo que a polícia veja! Pega, pega o ladrão! Vou denunciá-lo à polícia!

PINHÃO Por quê?

EURICÃO Porque você anda com uma faca.

PINHÃO Aqui todo mundo anda!

EURICÃO Mas você me ameaçou.

PINHÃO Ameacei para não apanhar, Seu Dodó é testemunha.

EURICÃO Dodó não é testemunha de coisa nenhuma, que o patrão dele sou eu!

PINHÃO Por que o senhor deu em mim?

EURICÃO Ainda pergunta? Quer mais?

PINHÃO Venha!

EURICÃO (AVANÇANDO PARA PINHÃO, QUE RECUA.) Que é que você veio fazer em minha casa sem minha ordem?

PINHÃO (Mesmo tom, MESMO RITMO, COM EURICÃO RECUANDO.) Vim trazer o jantar que o senhor encomendou.

EURICÃO (IDEM.) E é de sua conta que se coma ou não se coma em minha casa? Você é meu pai?

PINHÃO (IDEM.) O que eu quero saber, é se é para trazer o jantar ou não.

EURICÃO (IDEM.) E eu, o que quero saber, é se minha casa se salvará.

PINHÃO (IDEM.) E eu, o que quero é me salvar com minha porca.

EURICÃO Com a porca? Ai, ai, minha porca! Ai minha porca, pelo amor de Deus! Santo Antonio, Santo Antônio! Saiam, saiam daqui imediatamente. Entrem aí que eu vou trancar vocês dois, seus ladrões! Seus criminosos! Entrem já. (VAI TRANCÁ-LOS NO PORÃO, MAS DE REPENTE, ATERRORIZADO, LEMBRA-SE DE QUE A PORCA ESTÁ LÁ.)

EURICÃO Não, não entra ninguém! Fiquem de costas, todos dois. Tapem os olhos com as mãos. Já! Se tirarem as mãos, denuncio vocês dois ao Delegado como ladrões de cavalo. Fiquem aí. Não se virem. Olhe a denúncia, boto todos dois na cadeia. Você se virou, Dodó?

DODÓ Não, Seu Euricão.

EURICÃO E você, ladrão?

PINHÃO Sou eu, é?

EURICÃO Quem mais havia de ser? Você se virou?

PINHÃO Eu não!

EURICÃO Fiquem como estavam, não se virem.

(ENTRA DE NOVO NO QUARTO E VOLTA RAPIDAMENTE, ALIVIADO.)

EURICÃO Está bem, podem se virar. Que foi que houve aqui?

DODÓ Nada!

EURICÃO Ouvi esse tal de Pinhão gritar.

PINHÃO E eu gritei mesmo, Seu Euricão.

EURICÃO O que foi que você gritou?

PINHÃO Gritei pela porca!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p.256

EURICÃO — Está vendo, ladrão? É um ladrão, um criminoso, um bandido que quer sugar meu sangue. O que é que você quer com minha porca?

PINHÃO — Quero comer, Seu Euricão!

EURICÃO — Comer?

PINHÃO — Sim, comer, a porca que Seu Dadá mandou para o jantar e que chegou agora!

EURICÃO — A porca? O jantar (ENTENDENDO E DISFARÇANDO). Ah, sim, naturalmente, a porca. Assada ou cozida, Pinhão?

PINHÃO — Eu sei lá!

EURICÃO — Está bem, o certo é que é preciso cuidado! Todo cuidado é pouco, Santo Antônio, todo cuidado é pouco! E antes que me enganem, é melhor eu me certificar. Saiam. Se não existir essa porca mesmo, vou fazer a denúncia e o Delegado Cabo Rangel prende você como ladrão de cavalo. (SAI.)

(PINHÃO, DESCONFIADO, VAI ATÉ A PORTA E FICA OLHANDO O QUARTO, PENSATIVO.)

PINHÃO — O senhor entendeu alguma coisa, Seu Dodó?

DODÓ — Isso é um louco! Você não imagina até onde vai a avareza dele. Desde que estou aqui, só se comeu à noite uma vez. E ele exige que a gente pague a refeição, porque acha que mais de uma refeição por dia é luxo!

PINHÃO — E quem não tem para pagar, como Caroba?

DODÓ — De quem não paga, ele desconta o preço no ordenado.

PINHÃO — Aí é que quero saber como! Ela me disse que desde que chegou aqui ainda não recebeu um tostão!

DODÓ — O golpe dele é esse! Deu oprimeiro jantar, cobrou o preço. Caroba não pôde pagar porque não tinha recebido o ordenado. Agora, quando Caroba cobra o ordenado, ele diz que elaprimeiro pague o jantar. Como Caroba não tem o dinheiro, não paga. Assim, por conta do jantar que ele dá cada mês, economiza o salário dos empregados.

PINHÃO — Que ladrão!

DODÓ — Não é ladrão, não, Pinhão, é louco.

PINHÃO — Seu Dodó, eu só acredito que uma pessoa é doida quando ela começa a rasgar dinheiro. Com fama de doido, Zé Sabido enriqueceu.

DODÓ — A felicidade nossa é que deixei um rapaz no Recife recebendo a mesada que meu pai me manda e ele remete o dinheiro pelo correio. É assim que vamos passando, eu e Caroba. Mas já estou ficando cansado de ter que suportar a loucura desse arábe, esses fingimentos, essas mentiras, estes disfarces... Sabe de uma coisa, Pinhão? Não estou mais disposto a suportar isso e vou descobrir tudo!

PINHÃO — Seu Dodó!

(DODÓ TIRA OS DISFARCES E SE ENDIREITA. ENTRAM CAROBA E MARGARIDA, CONDUZINDO EUDORO VICENTE.)

CAROBA — Venha por aqui, Seu Eudoro.

(PINHÃO ACENA PARA CAROBA, MOSTRANDO DODÓ SEM OS DISFARCES, MAS ELA NÃO ENTENDE E DÁ-LHE AS COSTAS, ZANGADA. DODÓ VOLTA-SE PARA ELA, COM EUDORO NO LIMIAR.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 259

DODÓ — Margarida...

CAROBA — Ai! Um ladrão!

DODÓ — UM LADRÃO?

CAROBA — (AGARRANDO-SE COM ELE.) Um ladrão, Seu Eudoro! Ai, o ladrão! (EMPURRA EUDORO, SAINDO DE CENA COM ELE.)

DODÓ — Pega! Pega o ladrão!

PINHÃO — (AVISANDO.) Seu Dodó! Seu Dodó!

(SAI CORRENDO ATRÁS DE DODÓ, ESTE SEM O DISFARCE. PINHÃO E MARGARIDA DÃO A VOLTA À CASA E REGRESSAM À CENA, CADA QUAL POR UM LADO.

PINHÃO — Onde estão eles?

MARGARIDA — Não sei. Ave Maria, Pinhão, veja se pega Dodó e avisa a ele!

PINHÃO — E a senhora, veja se leva Seu Eudoro para a outra sala!

MARGARIDA — Está bem, vá por lá que eu vou por cá.

(SAEM. APARECEM DODÓ E EUDORO, CADA UM POR UM LADO, COM JEITO DE QUEM PROCURA. OS DOIS CAMINHAM UM PARA O OUTRO E VÃO SE ENCONTRAR, MAS NA HORA EXATA, CADA UM VIRA O ROSTO PARA O LADO OPOSTO E POR UM TRIZ NÃO SE VÊEM; VÃO AO LIMIAR DA CENA, TENDO SE CRUZADO, E PARAM AMBOS.)

EUDORO — Escondeu-se! Será que está por aqui?

DODÓ — Não vi nada, é melhor voltar! (OS DOIS SE VOLTAM, DÃO-SE UM ENCONTRÃO E UM GRITO DE SUSTO.)

EUDORO — Ai, o ladrão!

DODÓ — Ai! (EUDORO AGARRA DODÓ PELO PESCOÇO, POR TRÁS, E ESTE COBRE O ROSTO COM AS MÃOS.)

EUDORO — Caroba! Pinhão! Agarrei! Peguei o ladrão!

(OS DOIS ACORREM, COM MARGARIDA. CAROBA IMEDIATAMENTE DÁ UM SALTO, ESCANCHA-SE NO LOMBO DE EUDORO, E PINHÃO AGARRA-O. BENONA - QUE OUVIU OS GRITOS E ENTROU - AGARRA-SE COM EUDORO.)

PINHÃO — Ah, ladrão safado!

MARGARIDA — Ah, bandido! Bote a barba, Dodó!

PINHÃO — Ladrão da peste!

MARGARIDA — Ah, ladrão safado!

CAROBA — (AOS SOPAPOS COM EUDORO.) Ladrão, ladrão safado!

BENONA — Que é isso, Caroba? Que é isso?

EUDORO — Espere aí, sou eu, Caroba!

CAROBA — Eu o quê, safado! Roubando a casa do meu patrão! (DÁ-LHE UMAS TAPAS NA CARA.)

BENONA — Caroba, você está doida?

CAROBA — É o ladrão, Dona Benona! Ah, ladrão safado! (DODÓ PÕE OS DISFARCES)

EUDORO — Caroba! Sou eu, Caroba!

DODÓ — Esperem, sou eu! Que ladrão, que nada!

PINHÃO — Era o senhor, Seu Dodó?

CAROBA — Espere, é o senhor, Seu Eudoro?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 260

EUDORO — Claro que sou eu, criatura! Você está doida? Que confusão é essa?

CAROBA — É Seu Dodó Boca-da-Noite com essa cara de fantasma, assombrando a gente!" Fui entrando, pensei que era um ladrão!

EUDORO — Pois trate de olhar em quem dá, está ouvindo? Está me achando com cara de ladrão?

BENONA — Ladrão pode não ser, mas é um atrevidinho, um bandido!

EUDORO — Eu?

BENONA — Sim, depois de certas coisas que ouvi, estou considerando você um ladrãozinho bem perigoso.

EUDORO — Eu, Benona?

BENONA — Sim, você, atrevido! Seu atrevidinho, seu moleque audacioso!

EUDORO — Minha senhora...

BENONA — Minha senhora o quê, malandro! Planeja suas histórias e depois vem comfingimento! Mas eu concordei de todo coração e quero que você saiba que a noiva estará presente.

EUDORO — (INOCENTE.) Estará presente onde?

BENONA — Olhe a inocência dele! Que fingido, que malandro!

EUDORO — Malandro, eu? Por quê?

BENONA — Ora por quê! Marca suas entrevistas, vem com suas audácias e depois ainda se admira quando a gente o chama de malandro!

EUDORO — Ai e você sabe?

CAROBA — Sabe, Seu Eudoro, ela sabe de tudo, mas felizmente fez uma exceção e está inteiramente de acordo, eu consegui convencê-la, não foi, Dona Benona?

BENONA — Foi, ora se foi!

CAROBA — Vamos saindo para o jantar?

EUDORO — Mas tinham me dito que você era tão severa!

BENONA — Com os outros, com você nunca mais! Quero recuperar...

MARGARIDA — Pega o ladrão!

PINHÃO — Pega! Pega o ladrão!

BENONA — Ai, socorro, Eudoro!! (ABRAÇA-SE COM ELE.)

EUDORO — Não vejo ladrão nenhum, que negócio é esse? Vocês estão loucos? Quem foi que gritou?

MARGARIDA — Eu, mas não estava gritando por ladrão nenhum! Estava somente me lembrando de ainda agora! Foi tão engraçado!

CAROBA — Eu vinha entrando, vi Seu Dodó e de repente gritei "Pega o ladrão!" Foi tão engraçado!

(EUDORO PERMANECE DE CARA ENFARRUSCADA DIANTE DE TODOS OS OUTROS, QUE VÃO DESFILANDO DIANTE DELE E REPETINDO A FRASE, PARA DESANUVIÁ-LO.)

PINHÃO — Foi! Caroba vinha entrando, viu Seu Dodó e gritou "Pega o ladrão!" Foi tão engraçado!

DODÓ — Eu vinha entrando, Caroba me viu e gritou "Pega o ladrão!" Foi tão engraçado!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 261

BENONA — Que coisa! Caroba vinha entrando, avistou Dodó e gritou "Pega o ladrão!" Foi tão engraçado! (SOMENTE ENTÃO EUDORO RI.)

CAROBA — "Pega o ladrão!" Foi tão engraçado! Vamos? Ai, meu Deus, eu hoje estufo de tanto rir! (SAI EMPURRANDO TODO MUNDO E TODO MUNDO RINDO. PINHÃO PORÉM FICA PENSATIVO, OLHANDO TODA A SALA.)

VOZ DE EURICÃO — Ai, ai, meu Deus! Pega, pega o ladrão! Estão me roubando!

(PINHÃO SE ESCONDE E EURICÃO ENTRA, ATERRORIZADO.)

EURICÃO — Ai, gritaram "Pega o ladrão!" Quem foi? Onde está? Pega, pega! Santo Antônio, Santo Antônio, que diabo de proteção é essa? Ouvi gritar "Pega o ladrão!" Ai, a porca, ai meu sangue, ai minha vida, ai minha porquinha do coração! Levaram, roubaram! Ai, não, está lá, graças a Deus! Que terá havido, minha Nossa Senhora? Terão desconfiado porque tirei a porca do lugar? Deve ter sido isso, desconfiaram e começaram a rondar para furtá-la! É melhor deixá-la aqui mesmo, à vista de todos, assim ninguém lhe dará importância! Ou não? Que é que eu faço, santo Antônio? Deixo a porca lá, ou trago-a para aqui, sob sua proteção? Desde que ela saiu daqui que começaram as ameaças! É melhor trazê-la. Com a capa, porque alguém pode aparecer. Santo Antônio, faça com que não apareça ninguém! Não deixe ninguém entrar aqui. Vou buscar minha porquinha, mas não quero ninguém aqui.

(ENTRA NO SOCAVÃO E VOLTA COM A PORCA. EUDORO VICENTE ENTRA E RURICÃO IMEDIATAMENTE COBRE A PORCA COM A CAPA, QUE COLOCOU NOS OMBROS PARA A EVENTUALIDADE.)

EURICÃO — Santo Antônio, que safadeza é essa? Isso é [illegible] coisa que se faça?

(EUDORO SE APROXIMA DE EURICÃO E COMEÇA A OLHÁ-LO, EXAMINANDO-O COM UM MISTO DE CURIOSIDADE, DESGOSTO E COMPAIXÃO. CHEGA MESMO A TOCAR NA ROUPA DE EURICÃO PARA INSPECIONÁ-LA. EURICÃO, DESCONFIADO, VAI SE AFASTANDO DELE, AOS ARRANÇÕES, MAS SEM QUERER SAIR PARA NÃO DESPERTAR SUSPEITAS.

EUDORO — Euricão, não repare eu dizer isso, mas você podia ter se vestido melhor para o jantar.

EURICÃO — A aparência depende da fortuna e a fortuna depende do que se tem. Eu não tenho nada. Os ricos, como você, é que têm essas obrigações. Os pobres, como eu, não!

EUDORO — Nada, não há quem me convença de que você é tão pobre como vive dizendo! Vá ver que com essa cara e com essa modéstia, tem, no mínimo, uma botija escondida.

EURICÃO — Ai!

EUDORO — Que é?

EURICÃO — Ora o que é? Você vem com suas insinuações e depois se admira!

EUDORO — Mas foi uma brincadeira, Eurico!

EURICÃO — Não gosto dessa qualidade de brincadeira!

EUDORO — Está bem, desculpe. Afinal de contas, eu vou entrar na família e posso me permitir certas intimidades!

EURICÃO — Por falar nisso, você pode me emprestar logo os vinte contos de que lhe falei! Preciso deles para fazer a festa, porque sozinho não vou poder enfrentar essa despesa!

EUDORO — Está bem, no jantar, trataremos disso.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 262

EURICÃO No jantar, não! No jantar a gente começa a comer, a beber, o coração afraca, a vontade se abranda, o tempo vai passando, daqui a pouco a oportunidade tem passado! Você quer casar ou não quer?

EUDORO Quero!

EURICÃO Com festa ou sem festa?

EUDORO Bem, alguns amigos daqui, a gente tem de convidar!

EURICÃO Então passe os vinte contos. Agora! Já!

EUDORO E quem lhe disse que eu tenho os vinte contos aqui?

EURICÃO Você pode me dar um vale e eu vou receber o dinheiro no armazém que compra seu algodão!

EUDORO Mas Eurico...

EURICÃO Tem papel e caneta aí! Faça o vale!

EUDORO Eu... Está bem, vou fazer. Está aí.

EURICÃO Obrigado, obrigado, obrigado! Agora sinto-me seguro! Grande coisa é o dinheiro!

EUDORO É verdade. Que é isso?

EURICÃO Isso o quê?

EUDORO Você está com alguma coisa embaixo da capa?

EURICÃO Saia daí!

EUDORO Meu Deus, que homem mais esquisito!

EURICÃO Você não tem nada que me cutucar, atrás do que eu carrego!

EUDORO E eu sabia lá que era segredo?

EURICÃO Segredo o quê? Quem vive escondendo o que tem são os ricos, como você. O que eu trago aqui é somente uma cervejinha para o jantar.

EUDORO Ah, Eurico, que delicadeza a sua! Uma cervejinha agora, depois dessa caminhada! Está gelada?

EURICÃO Ai! Vá pra lá!

EUDORO Que é isso, homem? Quero somente ver a cerveja!

EURICÃO Vá pra lá, vá pra lá, pelo amor de Deus! Tenho horror a mostrar a cerveja que vou beber!

EUDORO Por que, homem de Deus?

EURICÃO Porque não gosto, pronto! É uma esquisitice minha! Não gosto de mostrar cerveja! É proibido ter esquisitice, é?

EUDORO Não!

EURICÃO Então, pronto, vá esperar o jantar na sala!

EUDORO Está bem. Que homem mais esquisito, minha Nossa Senhora! (SAI)

EURICÃO Foi-se, com todos os diabos! Pronto, a porca fica aqui, agora! Aqui, Santo Antônio, servindo de suporte à sua imagem. Fica sob sua proteção, meu santo, estou arrependido de tudo o aue disse! Ai, meu Deus, o santo ou a porca? Os dois! Não há necessidade de escolher, fico com os dios! Ouvi dizer que você, Santo Antônio,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 263.

era cabo do exército brasileiro: fique aí como cabo-de-dia, guardando o que é meu. Vou lhe confiar o que não confiaria mais nem a minha mãe. mas veja como corresponde a esta confiança! Está aí, confiei em você: retribua agora essa confiança, dando-me toda a sua proteção. (SAI. PINHÃO SAI DO ESCONDERIJO.)

PINHÃO — Ah, Santo Antônio, não dê mais proteção a ele do que a mim! O que é que há aqui? É essa porca que ele defende com tanta raiva? Por que esse cuidado todo? Quero apurar tudo isso direitinho, Santo ANTônio, porque essa peste não pode ter esse amor todo por uma porca só porque ela pertenceu ao avô dele! Esclareça tudo, Santo Antônio! Esclareça que eu... (VENDO EURICÃO, QUE SE APROXIMA CUIDADOSAMENTE)... Se o senhor me esclarecer... Ai, esclareça, meu Santo Antônio, esclareça um pobre pecador, um órfão que não tem ninguém por ele! Quero aproveitar e rezar pela segurança e pela salvação de todas as pessoas que me protegem e protegem Caroba! Seu Eudoro Vicente, aquele santo, Seu Euricão Arábe, aquele outro santo, a irmã de Seu Euricão, aquela santa, a filha de Seu Euricão, aquela santinha...

EURICÃO — Pra fora! Pra fora daqui, conversador! Que devoção foi essa que lhe deu de repente? Você pensa que me engana, mas eu sei quem você é! E agora você me paga! (AGARRA-O PELO PESCOÇO)

PINHÃO — Mas afinal,que diabo é isso? A todo instante é pancada, esbregue, bofete, o diabo! Que é que diabo o senhor tem?

EURICÃO — O que é que tenho, é? E o que é que você tem com isso, seu ladrão?

PINHÃO — Mas ladrão por quê? O que foi que eu roubei?

EURICÃO — Bote já aí, ponha já aí!

pinhão — O senhor pensa que eu sou alguma galinha? O que é que eu posso botar, o que é que eu posso pôr, o que é que o senhor quer?

EURICÃO — (IRÔNICO) Você não sabe!

PINHÃO — Como é que eu posso saber, se não tirei nada?

EURICÃO — Você não tirou porque não pode. Mas tenho certeza de que você tem. Que é isso? ESta com as mãos para trás? Mostre a mão direita!

PINHÃO — Veja.

EURICÃO — Agora, a esquerda.

PINHÃO — Veja.

EURICÃO — Mostrou a primeira?

PINHÃO — Mostrei.

EURICÃO — E a segunda?

PINHÃO — Mostrei.

EURICÃO — Mostre a terceira.

PINHÃO — O senhor está é doido!

EURICÃO — Estou mesmo, porque o que eu devia era ter lhe dado um tiro! E é o que hei de fazer se você não confessar!

PINHÃO — Mas confessar o quê?

EURICÃO — Que fou que você tirou daqui?

PINHÃO — Santo Antônio me cegue se eu tirei alguma coisa!

EURICÃO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 264

AURICÃO Sacuda o paletó.

PINHÃO À vontade.

EURICÃO É capaz de estar no fundo das calças.

PINHÃO Quer ver?

EURICÃO É, você está rindo para eu pensar que você é de confiança, cheio de boas intenções. Mas eu conheço suas manhas. Mostre outra vez a mão direita.

PINHÃO Tome.

EURICÃO Agora a esquerda.

PINHÃO Veja logo as duas.

EURICÃO Agora me dê aquilo.

PINHÃO Aquilo o quê?

EURICÃO Ra, ra! Você gosta de brincar, mas tenho certeza de que você tem.

PINHÃO Eu tenho? Tenho o quê?

EURICÃO Ah, isso é o que eu não digo. Queria saber, hein? Está bem, saia. Afinal de contas, já o revistei todo. Fora daqui! E que Santo Antônio lhe cegue os olhos e lhe dê paralisia nos dois braços e nas duas pernas dum vez.

PINHÃO É muita bondade sua!

EURICÃO Fora, fora daqui! (FAZ QUE SAI POR UM LADO, PINHÃO FAZ O MESMO PELO OUTRO LADO E OS DOIS VOLTAM AO MESMO TEMPO.)

EURICÃO (CRUZANDO OS BRAÇOS.) Vai ou não?

PINHÃO (DANDO MEIA-VOLTA RÁPIDA E SAINDO.) Vou! (MESMO MOVIMENTO ANTERIOR DE AMBOS.)

EURICÃO Não quero mais vê-lo!

(SAEM, SENDO QUE PINHÃO NA CARREIRA. ELE DÁ UMA VOLTA POR FORA DA CENA; SUBENTENDE-SE QUE ELE RODEOU A CASA; ENTÃO, PULA UMA JANELA, NOVAMENTE PARA DENTRO DE CENA, E ESCONDE-SE. EURICÃO VOLTA POR ONDE SAIU.)

EURICÃO Ah, agora estou só. Estará escondido? O quarto está vazio. E aqui? Ninguém. Agora, nós, Santo Antônio! Isso é coisa que se faça? Pensei que podia confiar em sua proteção mas ela me traiu! Você, que dizem ser o santo mais achador! É isso, Santo Antônio é achador e está ajudando a achar minha porca! Eu devia ter me pegado era com um santo perdedor! Agora não deixo mais meu dinheiro aqui de jeito nenhum. O cemitério da igreja! É aqui perto e é lugar seguro. Entre o túmulo de minha mulher e o muro, há um socavão; é lá que guardarei meu tesouro. Prefiro a companhia dos mortos à dos vivos, e ali minha porca ficará em segurança. Com medo dos mortos, os vivos não irão lá e os mortos, ah, os mortos não desejam mais nada, não têm mais nenhum sonho a realizar, nenhuma desgraça a remediar. Ao cemitério! Escondo a porca no socavão e à noite, quando todos estiverem dormindo, cavo a terra e hei de enterrá-la o mais fundo que puder. E você, Santo Antônio, fique-se aí com sua proteção e seu poder de encontrar. Lá, meu ouro, meu sangue, estará em segurança: o mundo dos mortos é mais tranquilo, e, digam o que disserem os idiotas, lá é o lugar em que se perde tudo e não se acha nada!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 265

(PEGA A PORCA, COLOCA-A SOB A CAPA E QUANDO VAI SAINDO, ENCONTRA CAROBA QUE VEM ENTRANDO. EURICÃO IMEDIATAMENTE VOLTA-SE DE COSTAS.)

EURICÃO — Não é possível, assim também é demais, meu Deus!

CAROBA — Ah, está aí, hein, Seu Euricão? Procurei-o por toda parte. O jantar demorou, mas agora vai sair. O senhor deve estar com fome, hein? Coitado, chega estar de barriga vazia! (BATE COM A MÃO NA BARRICA DELE, QUE VAI SE LIVRANDO PARA EVITAR QUE DESCUBRA A PORCA)

EURICÃO — Isso é que é um azar da peste!

CAROBA — Mas não se incomode não, essa barriga hoje se enche, mais ainda!

EURICÃO — Ai! Vá pra lá! Diabo de mulher enxerida!

CAROBA — Que é isso, Seu Euricão? Parece até que o senhor andou engolindo cobra!

EURICÃO — Engole-Cobra é a mãe! Vá pra lá!

CAROBA — Calma, calma! Que é que há por aqui? De capa, todo misterioso, antes do jantar? Para onde é que se bota?

EURICÃO — Para a casa da mãe!

CAROBA — Ra, ra! Que é que o senhor está escondendo aí nesse bucho?

EURICÃO — Ai, ai, ladrona, assassina! Ai! (SAI NA CARREIRA.)

CAROBA — Está doido, o diabo do velho! (PINHÃO SAI DO QUARTO.)

PINHÃO — Doido, é? E você que intimidade com ele é essa? Estava disposto a lhe pedir desculpas, mas agora mantenho o que disse. Que diabo de intimidade com o velho é essa?

CAROBA — Mas Pinhão, um velho daquele!

PINHÃO — É! É um velho mas não gosto de mulher que bate no bucho dos outros não! Boa romaria faz quem em sua casa fica em paz!

CAROBA — Não me venha com ditado, agora!

PINHÃO — É, não me venha com ditado, mas seguro morreu de velho e desconfiado ainda está vivo. Vivo e de testa limpa!

CAROBA — Você quer saber do que mais, Pinhão? Vá se danar! Eu comecei a lhe dar muito valor, você ficou convencido demais. Dê o fora! Eu também ia lhe explicar tudo sobre a entrevista, mas se você vem com essa desconfiança de minuto em minuto, pode se danar! Dou-lhe somente uma explicação: brinco com o velho Euricão porque gosto dele, está ouvindo? Com toda a avareza, com toda a ruindade e as manias, é um doshomens mais sofredores que conheço. Nada na vida dele deu certo, casou-se, a mulher o deixou e toda a esperança dele agora é essa filha que nós lhe vamos tirar. Por isso e muitas coisas mais, tenho pena do velho Euricão, de quem ninguém gosta! Queria lhe dizer isso. Mas não para me justificar, pode ir para o inferno, com sua mania de mandar e sua desconfiança!

PINHÃO — Mas Caroba...

CAROBA — Vá se danar, Pinhão.

PINHÃO — Está bem, depois não se arrependa. Você não sabe o que está perdendo, principalmate agora.

CAROBA — Por que principalmente agora?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 266

PINHÃO — Por causa de tudo o que eu agora sei, dos lugares, dos planos, dos sonhos e dos desejos desse velho com quem você está estragando sua compaixão.

CAROBA — Que é que você quer dizer?

PINHÃO — Nada.

CAROBA — Que é que você sabe?

PINHÃO — Nada.

CAROBA — Ai, Pinhão, me diga!

PINHÃO — Não posso, estou sem tempo e sem vontade.

CAROBA — O que é que você vai fazer, Pinhão?

PINHÃO — Vou me danar, Caroba. Adeus! (SAI CAROBA.) Pois sim! Disse o velho que o sangue dele está em segurança e o mundo dos mortos é um mundo tranquilo! Mas não há sangue que não se possa derramar e há mortos que ressuscitam! Ao cemitério! Desta vez eu enriqueço, nem que seja às custas de minha caveira! (SAI.)

FIM DO SEGUNDO ATO

T E R C E I R O A T O

(MESMA SALA. ENTRAM CAROBA E MARGARIDA. CAROBA APONTA A MARGARIDA UM LUGAR QUALQUER ONDE ELA DEVE SE ESCONDER. MARGARIDA ASSENTE COM A CABEÇA E SE ESCONDE. ENTÃO CAROBA JOGA UM PACOTE QUE DEVERÁ CONTER O VESTIDO, DE QUE DEPOIS ELA VIRÁ A PRECISAR, ATRÁS DE UM MÓVEL QUALQUER. UM BARULHO DE FIM DE JANTAR E VOZES QUE SE APROXIMAM. CAROBA SE ESCONDE NO MESMO LUGAR COM MARGARIDA. ENTRAM EURICÃO, BENONA E EUDORO.)

EURICÃO — Meu caro Eudoro, espero que o jantar lhe tenha agradado.

EUDORO — Muito, Eurico, muito. Se não fosse pelo jantar, a companhia...

BENONA — Sempre delicado!

EURICÃO — Infelizmente tenho que me recolher. Não tome isso como uma desatenção, é um velho hábito.

EUDORO — Desatenção nenhuma, Eurico, eu também durmo cedo. E, mesmo, Benona está aqui.

EURICÃO — Ah, é assim, hein? Você tem razão, ela fará as honras da casa muito melhor do que eu. Mas vocês não demorem muito tempo aqui.

BENONA — Não seja tão severo, Eurico.

EURICÃO — Todo cuidado é pouco, todo cuidado é pouco!

EUDORO — Mas sendo eu noivo...

EURICÃO — Mesmo assim, Eudoro, mesmo assim! Até amanhã! Euricão Arábe dorme hoje tranquilo, finalmente livre da tirania desse santo sem confiança, que ia causando minha perdição.

BENONA — Não diga isso, meu irmão!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 267

EURICÃO Digo, minha irmã, digo porque é verdade! Eu vou esperá-la, venha arrumar meus lençóis, como sempre fez desde que minha mulher ... desde que comecei a precisar de Santo Antônio. Não demore muito, eu a chamarei. Boa noite, Eudoro.

EUDORO Boa noite, Eurico. (SAI EURICÃO.)

EUDORO O que foi que ele quis dizer? Quando disse que começou a precisar de Santo Antônio?

BENONA Foi quando a mulher dele nos deixou. Você ainda se lembra dela?

EUDORO Quando comecei a frequentar sua casa ela já tinha fugido.

BENONA É verdade, foi no começo do nosso namoro.

EUDORO Para que falar mais nisso? Você mesma não disse que tudo estava enterrado?

BENONA É verdade, mas com o que aconteceu hoje...

EUDORO Muitas voltas o mundo dá!

BENONA Mas é por isso mesmo que não me incomodo de tocar nessas coisas. Em outras circunstâncias, era um assunto muito doloroso para mim. Mas agora...

EUDORO É talvez você tenha razão. É melhor do que ficar com essa história pendendo eternamente entre nós. Se as circunstâncias tivessem sido outras...

BENONA Reconheço que a maior parte da culpa foi minha. Mas eu era tão moça, tão sem conhecimento das coisas, Eudoro! Você se lembra da noite que passei em sua fazenda com Eurico?

EUDORO Como havia de não me lembrar? Foi desde aquele dia que você me deixou. Por que foi aquilo, Benona? Eu nunca pude me conformar com aquele silêncio, de repente, sem uma explicação!

BENONA Eu era muito moça, Eudoro. Eurico não me deixava sair para lugar nenhum, eu não conhecia o mundo, não conhecia você direito, nada! Bem, naquela noite em sua casa... Você sabe o que foi, fiquei com medo de você.

EUDORO Mas Benona, foi só por causa daquilo? E você, por tão pouco, estragar nosso casamento! Se eu soubesse, teria vindo e falado de tal maneira, que você me perdoaria e teria talvez casado comigo.

BENONA Ah, Eudoro, é verdade?

EUDORO E você não me dar uma explicação, me deixar no engano de que era algum empecilho de sua parte, mesmo!

VOZ DE EURICÃO - Benona!

BENONA É Eurico, tenho que ir. Até mais tarde, Eudoro.

EUDORO Até amanhã, Benona.

BENONA Até amanhã? É verdade, você tem razão, é mais prudente dizer assim.

VOZ DE EURICÃO - Benona! Benona!

BENONA Já vou! Até amanhã, então, fingido! (SAI.)

(GAROBA SAI DO ESCONDERIJO, PELAS COSTAS DE EUDORO, E FALA DE UMA PORTA, COMO SE TIVESSE ENTRADO POR ELA.)

GAROBA Seu Eudoro!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 268

EUDORO Caroba! Eu já vou! Está combinado? Margarida sabe de tudo?

CAROBA Sabe e está de acordo.

VOZ DE EURICÃO - Caroba, tranque as portas, a rua está cheia de ladrões!

CAROBA Está certo, Seu Euricão, vou trancar tudo. Vou trancar as portas e depois destrancar uma, é por essa que o senhor volta.

EUDORO Você esperará também?

CAROBA Eu? Por que eu? Quem vai esperá-lo é gente muito melhor do que eu. Por aqui, Seu Eudoro. Volte e não tenha cuidado, que tudo vai dar mais certo do que o senhor imagina!

(SAI EUDORO, MARGARIDA SAI DO ESCONDERIJO.)

MARGARIDA Por que você não aproveitou a deixa da desistência, mulher?

CAROBA Mas logo agora que tudo vai dar certo?

MARGARIDA Não suporto mais essas agonias de jeito nenhum. Que jantar mais angustiado! De vez em quando Tia Benona dizia uma frase perigosa, papai outra... Eu via a hora de se descobrir tudo. Será que esta história vai dar certo, Caroba?

CAROBA O casamento de Seu Eudoro com Dona Benona dando, o resto vem na esteira, o seu com Seu Dodó, e até o meu com o moleque do Pinhão.

MARGARIDA Você gosta muito dele, não, Caroba?

CAROBA Gosto, Dona Margarida! Agora, porque, não sei, porque aquilo é safado que fede! Mas hoje ele vai me pagar o novo e o velho. A senhora trouxe o vestido?

MARGARIDA Trouxe, tome. Tome e assuma a responsabilidade. Se essa confusão toda acabar meu casamento, você me paga! Eu no vingo de você!

CAROBA Danou-se, Dona Margarida!

MARGARIDA Depois não diga que não avisei, está ouvindo? Passe bem, Caroba. Espero que tudo dê certo, tanto no meu interesse, como no seu.

CAROBA Espere, Dona Margarida! É melhor eu trancá-la. Não tenho confiança em homem nenhum neste mundo e muito menos em Seu Eudoro. A senhora não viu o que ia acontecendo com Dona Benona? Embora que eu tranquei a porta.

MARGARIDA Está bem.

(ENTRA NO QUARTO E CAROBA TRANCA A PORTA, GUARDANDO A CHAVE.)

CAROBA O negócio começa a complicar. Mas, meu Deus, a confusão vai ser a maior do mundo. O vestido, aqui. (ESCONDE O VESTIDO QUE RECEBEU DE MARGARIDA.) Falta alguma coisa, meu Deus? Ah, sim, a vítima! Dona Benona! Croto, croto, croto! Dona Benona!

(ENTRA BENONA.)

BENONA Caroba! Ouvi o sinal! Então?

CAROBA Está tudo combinado. E Seu Euricão?

BENONA Dormindo como uma pedra.

CAROBA Dona Margarida também já se deitou.

BENONA Você conseguiu o vestido dela?

CAROBA Ainda não, estava esperando exatamente que todo mundo adormecesse.

BENONA Qual foi a combinação com Eudoro?

CAROBA A senhora fica em seu quarto. Eu vou escutar na porta de Seu Euricão, depois na de Dona Margarida. Se eles estiverem agarrados no sono, eu tiro o vestido de Dona Margarida e vou entregá-lo à senhora. Aí destranco a porta de entrada e fico esperando Seu Eudoro. Quando ele vier, canto como gia, chamo a senhora e desapareço.

BENONA Mas não desapareça para muito longe não, está ouvindo, Caroba?

CAROBA Estou, Dona Benona, eu fico por perto. Se precisar, grite, que eu venho. Entre, se embeleze, trate Seu Eudoro com carinho e deixe o resto que eu garanto.

BENONA Então eu vou. E que Santo Antônio nos proteja, Caroba!

CAROBA Amém, Dona Benona.

(SAI BENONA.)

CAROBA Amém, Dona Benona, porque bem precisadas andamos disso. O que eu não sei é se Santo Antonio vai querer se meter numa história dessa!

(ENTRA ATRÁS DE ALGUM MÓVEL, OU BIOMBO, E VESTE O VESTIDO DE MARGARIDA, SE POSSÍVEL POR CIMA DO SEU, PARA TORNAR POSSÍVEIS MUDANÇAS RÁPIDAS. ELA ABAIXA AS LUZES, AJEITA O CABELO, TUDO ISSO ENQUANTO VAI FALANDO E MUDANDO A ROUPA.)

CAROBA Será que vai, meu santo? Acho que vai dar bem. Com a luz assim, com o cabelo ajeitado, estou uma Dona Margarida bem apreciável. E agora, meu Deus? (DESTRANCA A PORTA E ESCUTA NO QUARTO DO VELHO.) Até já, Santo Antônio, e veja lá o que pode fazer por nós. Não estou metendo o senhor em molecagem não! Assim que Seu Eudoro entrar no quarto de Dona Benona, eu dou o alarma e ele se compromete, a simples entrada no quarto basta. De modo que leve isso em conta e trate de me ajudar. (SAI.)

(ENTRA PINHÃO, COM UM GRANDE SACO DE ESTOPA, VELHO E SUJO, NO QUAL CARREGA A PORCA.)

PINHÃO Ô lírio, ô lírio, ô lírio,
ô lírio como é?
Bom almoço, bom jantar,
boa ceia e bom café,
da roseira eu quero o galho,
do craveiro eu quero o pé.

Agora, é assim, Santo Antonio, meu velho, "bom almoço, bom jantar, boa ceia e bom café". Mas ali onde diz "da roseira eu quero o galho, do craveiro eu quero o pé", agora é assim: "da moreninha eu quero as tranças, quero [illegible], [illegible]". Sou o homem mais rico do mundo, Santo Antônio, trate de me ajudar de hoje em diante. Não há como um dia atrás do outro e uma noite no meio. O velho Engole-Cobra, de tanto engolir cobra, terminou colhendo um [illegible]. Ra, ra! Plantou o roçadinho dele, mas quem arrancou o milho foi Pinhão.

VOZ DO DODÓ – (FORA.) Pinhão, é você?

PINHÃO (TRANCANDO RAPIDAMENTE A PORTA.) Cale lá, Seu Dodó! Deve ser Seu Dodó! Seu Dodó, o quê? Deve ser Dodó, Dodó Boca-da-Noite! Agora é assim! Espere lá, Dodó Boca-da-Noite! É melhor guardar o saco! (BEIJA A PORCA E ESCONDE-A NO SOCAVÃO.)

DODÓ (FORA.) Pinhão!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 270

PINHÃO — Já vou, já vou, Dodó! Por causa de pressa, morreu zé apressado. Você não perde por esperar. (DESTRANCA A PORTA. ENTRA DODÓ.)

DODÓ — Então?

PINHÃO — Então o quê?

DODÓ — Vai tudo bem, Pinhão?

PINHÃO — Vai tudo ótimo, Dodó.

DODÓ — Margarida apareceu?

PINHÃO — Ai e ela agora deu para aparecer feito alma, foi?

DODÓ — Deixe de brincadeira, viu? Cadê Margarida? Onde esta Caroba?

PINHÃO — Eu vou lá perder meu tempo com o que essas mulheres andam fazendo!

DODÓ — O que é que você está dizendo, Pinhão?

PINHÃO — Isso que você está ouvindo, Dodó!

DODÓ — Você bebeu?

PINHÃO — Não, mas comi!

DODÓ — Comeu o quê?

PINHÃO — Porca!

DODÓ — Deve ter lhe feito mal, Pinhão!

PINHÃO — Pelo contrário, fez um bem danado, Dodó!

DODÓ — Você pode me dizer o que foi que meteu na cabeça?

PINHÃO — E você pode me dizer o que é que tem a ver com isso?

DODÓ — Você vai... Chi, ouvi um barulho! Esconda-se é o velho! (TRANCA A PORTA DE ENTRADA.)

(ENTRA EURICÃO, DE CAMISÃO, COM UM CANDEEIRO E UMA PÁ.)

EURICÃO — Ai, terá sido pesadelo? Acordei com os fantasmas puxando meu pé, meu santo! Mas é preciso ir de qualquer modo, tenho que enterrar a porca. (SAI.)

(VOLTAM DODÓ E PINHÃO.)

DODÓ — Entendeu alguma coisa?

PINHÃO — Eu não lhe disse que esse velho era maluco?

DODÓ — Sair a essas horas, de camisão, para o cemitério, atrás de uma porca! Que diabo de porca será essa?

PINHÃO — Alguma porca que fugiu daí do quintal.

DODÓ — E o velho Eurição tem lá nada para fugir, homem?

PINHÃO — Então é capaz dele estar dormindo ainda. Além de todas as qualidades ruins que possui, esse peste ainda deve ser sonâmbulo!

DODÓ — Pinhão, sinceramente, estou certo de que você tem alguma coisa! Você está doente!

PINHÃO — Agora sou em quem digo: Cuidado! Vem gente aí e parece que é sua noiva. Ou melhor, sua madrasta. Candidata a madrasta, noiva de seu pai!

DODÓ — Esconda-se, idiota! (ESCONDEM-SE.)

(ENTRA CAROBA, VESTIDA DE MARGARIDA.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 271

CAROBA Tudo pronto. Agora, só falta o noivo.

DODÓ O noivo está aqui.

CAROBA Seu Eudoro?

DODÓ Não, sou eu, Margarida! Sou eu, que vim me certificar de sua traição!

CAROBA (TRANCANDO A PORTA.) Mas Seu Dodó...

DODÓ Não me chame assim, pelo amor de Deus!

CAROBA O senhor não sabe de nadaee veio foi atrapalhar tudo!

DODÓ Tudo está esclarecido.

VOZ DE EUDORO - (FORA.) Margarida!

CAROBA Meu Deus, é seu pai. Que é que eu faço agora, meu Deus? Com esta eu não contava! Entre aqui neste quarto, é o jeito.

DODÓ Nunca! Vou ficar e contar tudo a meu pai!

CAROBA Homem, quer saber do que mais? Entre e não converse mais não! (EMPURRA DODÓ NO QUARTO DE MARGARIDA E TRANCA A PORTA. ENQUANTO FALA, TIRA O VESTIDO DE MARGARIDA.) Santo Antônio, o senhor vai me desculpar, mas foi um imprevisto! No quarto de Dona Benona é que eu não podia empurrá-lo. Mas eu destranco já a porta!

VOZ DE EUDORO - Margarida!

CAROBA Já vou, espere um pouco! Diabo de homem mais apressado! (BATE NO QUARTO DE BENONA, CANTANDO COMO GIA.)

CAROBA Tia Benona! Tia Benona! Crote, crote, crote, Tia Benona!

BENONA (SAINDO.) Ave Maria, estive em tempo de me acabar de medo!

CAROBA Não perca tempo, que o homem está aí!

BENONA Meu Deus!

CAROBA Tome o vestido! Me dê o seu! Logo, mulher!

VOZ DE EUDORO - Margarida!

CAROBA Já vou! Isto, agora, fique aí e espere. Me dê a chave do quarto.

BENONA Pra quê?

CAROBA Não discuta mais, mulher de Deus! Vou abrir!

BENONA Está bem, mas não saia daí! (ENTRA NO QUARTO E CAROBA TRANCA-A, VESTINDO RAPIDAMENTE O VESTIDO DELA.)

CAROBA Nossa Senhora, eu hoje estufo de tanto mudar de vestido!

VOZ DE EUDORO - (IMPACIENTE.) Como é, Margarida?

CAROBA Espere, homem, espere! (DESTRANCA A PORTA, COM O VESTIDO DE BENONA.)

EUDORO Eu... Benona é você?

CAROBA (IMITANDO A VOZ E OS GESTOS DE BENONA.) Sou, Eudoro.

EUDORO Margarida...

CAROBA Margarida está dormindo. Dorme o sono profundo de sua juventude, Eudoro. E eu vim esperá-lo, como fiz tantas vezes, no tempo em que ainda nos amávamos!

EUDORO Mas Benona, isso não fica bem!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 272

CAROBA — Não fica bem, por quê? Você está esquecido de tudo o que aconteceu?

EUDORO — Você mesma disse que tudo aquilo estava morto e enterrado.

CAROBA — Você acha, Eudoro? Então um amor como aquele pode morrer? Você pensa que eu não vi como estava preocupado quando saiu daqui? Eu também saí com o coração sangrando, Eudoro.

EUDORO — Mas Benona... Mesmo que estivéssemos sentindo isso, agora seria tarde. Estou noivo de sua sobrinha. Por que você não me disse tudo? Agora, Margarida...

CAROBA — Deixe lá Margarida, homem de Deus! Você não vê o ridículo em que vai cair? Ela podia ser filha sua, podia ser sua nora!

EUDORO — Pensei nisso, Benona, mas você não sabe como eu me sentia solitário! Agora, estou noivo!

CAROBA — Que noivo que nada! Para mim, o que existe é nosso amor! Entre neste quarto!

EUDORO — Benona!

CAROBA — Que Benona que nada, entre e deixe de conversa!

EUDORO — Mas Benona, podem falar de nós!

CAROBA — Falar o quê? Que é que você está pensando? Que eu vou tentar contra você o que você tentou contra mim, é? Eu sou uma mulher séria, Eudoro, incapaz de atentar contra os viúvos honestos!

EUDORO — Você é incomparável, Benona, como você nunca existirá outra!

CAROBA — Então entre. Entre e tudo se explicará! (DÁ UMA PANCADA NELE, COM O PRÓPRIO TRASEIRO, EMPURRANDO-O.)

(EUDORO ENTRA, CAROBA FECHA A PORTA.)

CAROBA — Pronto, agora é chamar o velho. Do jeito que as coisas estão, ele terá que fazer os dois casamentos. E vamos logo, Santo Antônio, antes que seja tarde e aconteça alguma coisa, senão eu estou complicada com Nosso Senhor! (SAI. PINHÃO SAI DO ESCONDERIJO.)

PINHÃO — Que confusão mais danada é essa, meu santo? Dona Margarida e Dona Benona a trancar homens nos quartos! Aqui há alguma coisa. Vou tirar as chaves e ver se me aproveito da situação! Epa, vem gente! (ESCONDE-SE.)

(ENTRA CAROBA, AINDA COM O VESTIDO DE BENONA.)

CAROBA — Onde diabo o velho se meteu? Vou abrir! Ai meu Deus, onde estão as chaves? Que é que faço, meu Santo Antônio? O jeito é gritar que tem incêndio! O povo corre e o velho vai ter que fazer os casamentos! Vou gritar, é o jeito! Ou é melhor tocar fogo nas cortinas? (PINHÃO SAI DO ESCONDERIJO.)

PINHÃO — Dona Benona, eu...

CAROBA — Você o que, safado! Que é que está fazendo em minha casa, espionando, de noite?

PINHÃO — Alto lá, veja como fala! Pensa que eu não ouvi sua conversa aqui com Seu Eudoro não, é? Então a senhora se vira quando o povo dorme, hein?

CAROBA — O que, moleque?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p.273

PINHÃO — É isso mesmo, Dona Benona! Mas não precisa se zangar não, eu sou de toda confiança! Pode confiar em mim, por esta boca ninguém saberá de nada! Acho perfeitamente natural que a senhora, que é livre e independente, queira se divertir um pouco! E se Dona Benona não reparasse, eu até lhe dizia uma coisa!

CAROBA — Não reparo não, Pinhão, pode dizer!

PINHÃO — A senhora pode já ter passado a primeira mocidade, mas eu lhe digo uma coisa, Dona Benona, é nesse tempo que eu acho as mulheres mais bonitas! E a senhora pode não ser mais muito moça, mas é enxuta que faz gosto!

CAROBA — (À PARTE.) Ah, safado!

PINHÃO — A senhora não estava procurando as chaves?

CAROBA — Estava!

PINHÃO — Eu tirei todas duas! Pelo que a senhora disse, elas são muito importantes. Assim, a gente podia fazer um acordo. Eu lhe dava as chaves e... A senhora não repare não, mas já que estamos aqui e Seu Eudoro dormiu no ponto, a gente bem que podia entrar num acordo e fazer um amorzinho, para passar o tempo!

CAROBA — Você está muito enganado! Eu estava deixando você falar, para ver até onde ia seu atrevimento! Mas vou gritar! Vou gritar e você vai se arrepender da graça!

PINHÃO — Ai, a porca! Não grite não, Dona Benona! Não grite não, que eu retiro o que disse! Tome as chaves, Dona Benona!

CAROBA — As chaves? Ah, não, agora quem não quer as chaves sou eu! Vou chamar o Delegado! Vou gritar!

PINHÃO — Pelo amor de Deus, não grite não, Dona Benona!

CAROBA — Então venha para cá! Quero lhe dar uma surra por seu atrevimento!

PINHÃO — Mas Dona Benona, a senhora me interpretou mal!

CAROBA — Vou gritar!

PINHÃO — Ai não, eu vou!

CAROBA — Ajoelhe-se! Isto! Agora, tome! Tome, tome e tome! Tome, para deixar de ser safado! Um sujeito como você, que devia dar graças a Deus por ter uma noiva como Caroba, com essas molecagens para as senhoras de respeito! Tome, safado!

PINHÃO — Ai, ai, ai! Ai, Dona Benona!

CAROBA — Vou parar! Mas vou por causa de Caroba, está ouvindo? Aquilo é uma santa, gosto tanto dela!

PINHÃO — Eu também, Dona Benona!

CAROBA — Devia gostar mais, safado! Você devia beijar os pés de Caroba todo dia, porque aquilo é uma santa! Agora fique aí. Eu vou chamá-la.

PINHÃO — Mas Dona Benona, o que é que a senhora vai dizer a Caroba?

CAROBA — Não tenha medo, sua sujeira fica em segredo! Você acha que eu iria magoar aquela moça maravilhosa que gosta de você não sei mesmo porquê? Fique aí. Se não eu descubro tudo!

PINHÃO — Pode ficar descansada, eu daqui não saio.

CAROBA — Pois então eu vou chamar Caroba, aquela santa! (COM PINHÃO DE COSTAS, ENTRA ATRÁS DO BIOMBO, JÁ TIRANDO O VESTIDO.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 274

PINHÃO (SÓ.) Ah, arábe miserável! Em que diabo fui me meter, meu Deus? Ia perdendo a porca, por causa da mulher! Mas ela bem que valia a pena, sabe? Pode não ser mais muito moça, mas que está enxuta, isso está!

CAROBA (CHEGANDO PARA PERTO.) Muito bem, senhor meu noivo!

PINHÃO Quem é? É Caroba?

CAROBA E quem mais havia de ser, canalha? Peste, miserável, traidor! Olhe o cinismo dele! Moleque, canalha! Ouvi tudo, bandido! Eu estava aqui e vi tudo, sua molecagem com Dona Benona Arábe, seus enxerimentos, sua traição! E se ao menos tivesse coragem! Mas não, levou uma surra da arábe na minha frente! Essa você me paga!

PINHÃO Mas Caroba, eu...

CAROBA Cale a boca, bem caladinha, está ouvindo? Porque agora você vai levar umas tapas!

PINHÃO Eu? Mas Caroba!

CAROBA Vai e sou eu que dou!

PINHÃO Mas eu não já levei a surra de Dona Benona?

CAROBA Aquela foi a dela, agora se prepare que lá vai a minha! (DÁ-LHE ALGUMMAS TAPAS.)

PINHÃO Ai, Caroba, ai Carobinha, ai Carobinha do meu coração! (CONSEGUE BEIJÁ-LA POR ENTRE AS TAPAS, ABRAÇA-A, CAROBA VAI DIMINUINDO AS TAPAS, RETRIBUI O BEIJO, DEPOIS O ABRAÇO.)

CAROBA Safado!

PINHÃO Beleza!

CAROBA Pinhão!

PINHÃO Caroba! Agora, podemos casar! Vamos casar amanhã e você vai ser a mulher mais rica daqui!

CAROBA Mentiroso! Ai, as chaves! (DESTRANCA OS DOIS QUARTOS E ENTRA, ABRAÇADA COM PINHÃO, NUM TERCEIRO QUARTO. DODÓ E MARGARIDA SAEM DO QUARTO.)

MARGARIDA Está vendo? Está aberta! Graças a Deus! Você está zangado comigo, meu amor?

DODÓ Não, pelo contrário, você estava certa e eu fui quem perdi a cabeça.

MARGARIDA E não vai me desprezar porque eu o repeli?

DODÓ Pelo contrário, cada vez aprendo a respeitá-la mais. Eu é que devo pedir perdão a você por ter me descontrolado.

MARGARIDA Cuidado, vem alguém. Entre no quarto, ninguém deve vê-lo.

(DODÓ ENTRA NO QUARTO. ENTRA PINHÃO, QUE TIRA A PORCA DO SOCAVÃO E VOLTA COM ELA PARA O QUARTO. MARGARIDA VÊ QUANDO ELE PASSA. ENTRA NO PORÃO E MARGARIDA SE ESCONDE. PINHÃO VOLTA E ENTRA NO QUARTO EM QUE ESTAVA COM CAROBA, DE SACO ÀS COSTAS. VOLTA DODÓ.)

DODÓ Quem era?

MARGARIDA Era Pinhão, carregando um troço nas costas. Que é que ele terá vindo fazer aqui a essas horas?

DODÓ Veio comigo, vigiar Caroba. Eu e ele, com ciume, combinamos vir, quando Caroba destrancasse a porta!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 275

VOZ DE EURICÃO - (FORA.) Ai, ai!

DODÓ Quem é? Veja na janela!

MARGARIDA É papai! Meu Deus, ele viu tudo!

DODÓ Por que você diz isso?

MARGARIDA Está com a cabeça encostada na janela de meu quarto, chorando! Certamente viu você no meu quarto! Meu Deus, estou perdida!

DODÓ Acalme-se, meu amor! Entre aqui, comigo. Vamos ver se é possível apurar o que ele viu. Depois a gente sai, fala com ele e explica tudo! (MARGARIDA E DODÓ SE ESCONDEM. ENTRA EURICÃO.)

EURICÃO Ai, ai! Estou perdido, estou morto, fui assassinado! Para onde correr? Para onde não correr? Pega, pega! Mas pegar a quem? Não vejo nada, estou cego. Não sei mais para onde vou, não sei mais onde estou, não sei mais quem sou! Ah, dia infeliz, dia funesto, dia desgraçado! Que fazer agora da vida, tendo perdido aquilo que eu guardava com tanto cuidado? Roubei-me a mim próprio, furtei a minha alma! Agora outros gozam com ela, para meu desgosto e prejuízo! Não, é demais para mim! (CAI DESFALECIDO, CHORANDO. ENTRAM DODÓ E MARGARIDA.)

DODÓ Seu Eurico!

EURICÃO Quem me fx fala?

DODÓ Um desgraçado!

EURICÃO Pois está falando com outro! Eu me tornei desgraçado por causa de um acidente funesto.

DODÓ Console-se.

EURICÃO Consolar-me? Como?

DODÓ A culpa foi minha, fui eu que causei sua desgraça e vim confessar tudo!

EURICÃO O quê? Quem é? Dodó? Que é que você está me dizendo?

DODÓ A verdade!

EURICÃO Você! Foi você, cachorro, canalha, cobra que eu guardava em minha casa para me assassinar! Que mal tinha eu lhe feito para você me tratar assim?

DODÓ Foi ao mesmo tempo um acaso e uma necessidade, Seu Euricão!

EURICÃO Acaso e necessidade! Isso pode lá justificar um ato como esse, assassino?

DODÓ Agi mal, confesso, minha falta é grave mas vim exatamente pedir que me perdoe.

EURICÃO Como é que você teve coragem de tocar naquilo que não lhe pertencia?

DODÓ Espere aí! Apesar das circunstâncias serem um tanto esquisitas, o que aconteceu foi coisa sem importância! O que eu toquei nela, foi muito pouco!

EURICÃO O que, canalha? Tanto assim que você tocasse em meu tesouro, seria um crime inominável! Com que direito você foi tocar naquilo que era meu?

DODÓ A culpa foi das circunstâncias. E eu não já vim pedir desculpas?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 276

EURICÃO Não gosto desses criminosos que prejudicam os outros e depois vêm pedir desculpas! Você sabia que ela não era sua, não devia ter tocado nela!

DODÓ Mas eu não já disse que o que aconteceu foi coisa tola?

EURICÃO Coisa tola o quê? Você não veio confessar? E depois, de repente, começa a se desdizer, dizendo que não tocou nela! Como é, tocou ou não tocou?

DODÓ Bem, tocar, toquei, mas não foi nada que pudesse ofendê-la. Mas já que o senhor considera essa tolice um crime, por que não aceita os fatos e não me dá de vez esse tesouro?

EURICÃO Como é, assassino? Você quer ficar com meu tesouro? Contra minha vontade?

DODÓ Eu não estou lhe pedindo? A coisa que eu mais desejo no mundo é ficar com ela!

EURICÃO Você? Ficar com ela?

DODÓ Sim.

EURICÃO Ah, não, você tem que devolver!

DODÓ Devolver? Eu já não disse que não tirei nada? Devolver o quê?

EURICÃO Aquilo que me pertencia e que você tirou!

DODÓ Que eu tirei? De onde? Afinal, o que é que você quer?

EURICÃO (IRÔNICO, AMARGO.) Você não sabe?

DODÓ Você não diz!

EURICÃO O que eu quero é minha porca que você confessou ter roubado!

MARGARIDA Ai, meu Deus, por que o senhor me insulta?

DODÓ Isso é coisa que o senhor diga? Porca por quê? Sua filha é a mais pura das moças, portou-se com toda a prudência e o senhor a trata com essa grosseria!

EURICÃO Minha filha? Que é que minha filha tem a ver com isso? Que é que você está fazendo aqui, Margarida?

MARGARIDA Mas papai, eu não...

DODÓ Não é ela que o senhor está reclamando?

EURICÃO Olhe a inocência do ladrão! O que eu quero é minha porca, cheia de dinheiro, que você confessou ter roubado!

DODÓ Uma porca?

MARGARIDA A porca?

DODÓ Cheia de dinheiro? Que diabo de confusão é essa? Eu seria lá capaz de roubar ninguém! Que é que o senhor está pensando?

EURICÃO Ah, então nega!

DODÓ Claro que nego! Nunca imaginei que o senhor guardasse dinheiro dentro de porca nenhuma!

EURICÃO (SÚPLICE.) Me dê minha porquinha que você tirou do cemitério da igreja! Você a roubou, mas eu não o denunciarei e lhe dou a metade dodinheiro que ela tem dentro! A metade não, seria uma injustiça, afinal de contas, quem juntou o dinheiro fui eu, não é? Um terço é muito, você leva um quarto e me devolve o meio, como comissão

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 277

por eu ter tido o trabalho. Faça o que quiser, mas me dê minha porquinha!

DODÓ — Como é que eu posso lhe dar a porca se não sei onde está?

EURICÃO — Está bem, quem gosta de você é a polícia. Vou gritar! Acordem! Acordem! Acordem todos! Pega, pega o ladrão!

(CAROBA E PINHÃO SAEM DO QUARTO.)

PINHÃO — Que é isso?

CAROBA — Que é isso, Seu Euricão?

EURICÃO — Foi esse ladrão, foi esse ladrão que entrou na minha casa para me roubar!

DODÓ — Mas para roubá-lo como, se não sei nem notícia de sua porca!

EURICÃO — Não sabe o quê, safado! Você mesmo não disse que tinha sido a causa de minha desgraça?

CAROBA — Um momento, Seu Euricão, eu sei o que foi que le quis dizer.

EURICÃO — Que foi?

CAROBA — Ele disse que foi a causa de sua desgraça porque comprometeu sua filha para o resto da vida. Esse tal de Seu Dodó entrou aqui, nas caladas da noite, iludiu Dona Margarida não sei de que jeito, e trancou-se com ela aí nesse quarto. Eu vi tudo!

EURICÃO — Ai! É verdade?

MARGARIDA — É, papai, mas...

EURICÃO — Era isso que você estava confessando?

DODÓ — Era.

EURICÃO — Ainda mais essa! Por cima de queda, coice! Canalha, safado, por que você não disse logo? Por que deixou que eu confessasse meu segredo?

DODÓ — A culpa foi sua, era eu falando da filha e o senhor pensando na porca!

EURICÃO — Ai, a porca! Juntei dinheiro a vida inteira, para a velhice, e agora perco, num dia só, a porca e a filha!

CAROBA — E vá logo se preparando para perder a irmã também, porque a situação de Dona Benona é muito difícil!

EURICÃO — Benona? Que há?

CAROBA — Seu Eudoro resolveu matar saudades e está aí, trancado nesse quarto com ela. Eu vou sair desta casa, porque para falar com franqueza, nunca pensei em ver tanto escândalo num dia só!

EURICÃO — Não é possível! Eudoro e Benona aqui!

(ENTRAM EUDORO E BENONA.)

EUDORO — É verdade, Eurico. E se você não se ofendesse, eu queria lhe pedir a mão de Benona em casamento.

EURICÃO — E você não já pediu?

EUDORO — Não!

EURICÃO — Quer me levar ao ridículo, é, Eudoro? Faz uma coisa dessa, compromete minha irmã e ainda vem com pilhérias, logo agora que ela foi roubada!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 278

BENONA — Quem, eu?

EURICÃO — Não, a porca! Ai, a porca!

EUDORO — Mas Eurico, eu...

CAROBA — Um momento, um momento, quem fala sou eu. O senhor já se explicou com Dona Benona, não foi?

EUDORO — Foi.

CAROBA — A senhora também já entendeu tudo, não foi?

BENONA — Já!

CAROBA — Entendeu o noivado, a confusão, laralá, laralá, tudo?

BENONA — O noivado, a confusão, laralá, laralá, tudo!

CAROBA — Então, viva! O senhor consente no casamento de Seu Eudoro com Dona Benona, não é, Seu Euricão?

EURICÃO — Consinto, não! Exijo! Agora, ou ele casa, ou morre! Ai Santo Antônio, ela está perdida!

BENONA — Eu?

EURICÃO — A porca! Mas vocês dois agora casam, e tem que ser já!

CAROBA — Pois então, eles casam amanhã. O senhor ganhou um grande cunhado, Seu Euricão!

EURICÃO — Mas perdi a porca! Ai, a porca! Ai, a porca! E ainda por cima o que aconteceu com meu patrimônio!

PINHÃO — Seu patrimônio? Qual? A porca?

EURICÃO — Não, Margarida! Benona está garantida, mas essa aí me arranjou um genro corcunda e de boca torta, um miserável que não tem nem onde cair morto! Mas ele me paga! Mato esse miserável, quebro-lhe a cara! Tome, safado, tome! Que é isso? A barba!

EUDORO — Dodó! Você aqui?

DODÓ — Sou eu, meu pai. Peço-lhe que me perdoe, mas deixei o estudo. Não havia outro jeito, eu estava apaixonado por Margarida, o senhor não queria que eu me casasse. Por outro lado, Seu Euricão só queria casá-la com um homem rico. O jeito foi esse.

EUDORO — Você deixou de estudar?

DODÓ — Deixei. Ajudado por Caroba, entrei aqui, disfarçado, como empregado de Seu Euricão. Ganhei a confiança dele, fingindo que era avarento, e fui ficando até que Margarida correspondeu a meu amor e jurou casar comigo. E agora, tenho que casar, papai, porque apesar de não ter acontecido nada de mais entre nós, ninguém vai acreditar nisso.

EUDORO — Mas esse casamento assim, meu filho!

MARGARIDA — Esse casamento assim o quê? É igual ao do senhor com Tia Benona!

EUDORO — Você precisa terminar seu estudo!

DODÓ — Meu pai, eu só gosto no mundo de criar boi. É a única coisa que me dá gosto. Deixe eu me casar! Se eu não casar amanhã, todo mundo vai saber a história e Margarida fica comprometida!

EUDORO — Mas ninguém vai saber de nada, meu filho! Nenhum de nós vai espalhar essa história, que eu sei!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p 279

CAROBA Quem não vai espalhar? O senhor está muito enganado, eu vou espalhar tudinho! Vi tudo, assisti tudo e não estou pronta para sofrer essas humilhações, não! Casa em que eu trabalho, tem que ser casa de respeito, nessas coisas eu sou dura!

EUDORO Mas Caroba...

CAROBA Vou começar e é agora! Meu povo...

EUDORO Você tem razão, é melhor que ele case. Você fica trabalhando comigo na fazenda e eu faço uma casa para você.

DODÓ Meu pai, o senhor concorda!

EUDORO Concordo. Pensando bem, vejo que tudo terminou pelo melhor, eu com Benona, você com Margarida.

EURICÃO Isso é o que você diz, mas o fato é que elaestá perdida.

MARGARIDA Eu, meu pai?

EURICÃO A porca! Ora bolas, não já disse que é a porca? Você está aí, sua tia está aí, quando eu digo ela, só pode ser a minha porquinha! Serei cego, por acaso? Estou vendo vocês, mas agora pergunto: e minha porquinha, onde é que está?

MARGARIDA Espere, meu pai, eu sei quem é que tem sua porca.

EURICÃO Você? Sabe? Ave Maria, valha-me Deus! Quem é? Quem é? Quem é o ladrão, o assassino que roubou minha porquinha?

MARGARIDA É Pinhão, papai!

PINHÃO Eu?

EURICÃO Ah, bandido, criminoso, assassino! Agora você me paga! Onde está minha porquinha? (AGARRA PINHÃO PELO PESCOÇO.)

PINHÃO Seu Euricão, eu...

EURICÃO Diz ou não diz?

PINHÃO Eu não sei nem que porca é essa!

EURICÃO Então vou apertá-lo até sua alma sair pelo fiofó! Diz ou não diz?

CAROBA Mas afinal de contas, o que é isso? Pinhão roubou uma porca, foi?

MARGARIDA Foi.

CAROBA Pois se o barulho todo é esse, a gente paga a porca!

EURICÃO E aquilo é porca que se pague, danada?

DODÓ Era aquela porca velha de madeira, Caroba! Estava cheia de dinheiro!

(EURICÃO AGARRA PINHÃO DE NOVO.)

PINHÃO Um momento, me solte! Vá pra lá! Eu confesso que furtei essa porca, mas o senhor não ganha nada mandando me entregar à polícia. Eu morro e não digo onde ela está! Todo mundo fala em furto, em roubo, e só se lembra da porca! Está bem, eu furtei a porca! Sou católico, li o catecismo e sei que isso não se faz! Mas onde está o salário de todos estes anos em que trabalhamos, eu, meu pai, meu avô, todos na terra de sua família, Seu Eudoro? Onde está o salário da família de Caroba, na mesma terra, Seu Eudoro? Não resta nada! Onde está o salário de Caroba durante o tempo em que ela trabalhou aqui, Seu Euricão? Seu Euricão Engole-Cobra!

EURICÃO Engole-Cobra é a mãe!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 280

PINHÃO — Nós não temos nada! A coisa que a gente mais deseja na vida, eu e ela, é casar! Até agora, não pudemos. Onde está a minha porca? ninguém diz nada! Pois bem, proponho um acordo a todos. Seu Eudoro não emprestou vinte contos a Seu Euricão? Eu entrego a porca por esses vinte contos.

EURICÃO — Não dou, os vinte contos são meus!

PINHÃO — Então pode chamar a polícia, porque eu não entrego a porca de jeito nenhum. Ela tem cem vezes isso. Com os vinte contos posso comprar uma terrinha. Junto com a do padrinho de Seu Dodó, caso e vou fazer minha vidinha com Caroba.

MARGARIDA — Ceda, papai! Nós devemos tanto a Caroba! Deixe pelos vinte contos! Já que não tem outro jeito e a porca vale mais...

EURICÃO — Está bem, vocês querem assistir à minha morte, a meu assassinato! Pois assistam! O vale está aqui; Agora vá buscar minha porquinha, pelo amor de Deus.

PINHÃO — Não precisa ir buscar, ela está aqui.

EURICÃO — Aqui?

PINHÃO — Claro, era o último lugar do mundo de que vocês desconfiariam! Está aqui perto, no quarto, atrás de uma mala velha! (ENTRA NO QUARTO)

DODÓ — E eu que pensava que Pinhão era idiota!

CAROBA — Idiota por quê?

DODÓ — Porque ele só vivia dizendo ditados.

CAROBA — Pois aprenda a conhecer com quem vive, se não o senhor está desgraçado. Uma pessoa capaz de me enrolar como ele, pode lá ser idiota, Seu Dodó?

(VOLTA PINHÃO COM O SACO.)

EURICÃO — Ah, Santo Antônio poderoso! Até que enfim você se compadeceu de se velhinho, de seu devoto de todos os momentos e de todas as horas! Pensei que estava obrigado a escolher entre o santo e a porca! Mas Santo Antônio não podia me exigir esse absurdo! Ai minha porquinha, que alegria apertá-la de novo contra o meu coração! Que alegria beijá-la! Ó minha esperança, ó minha vida! Agora que a encontrei não a largarei um só instante! Afastem-se, saiam de perto de mim! Agora é assim, minha porca e eu!

(AFASTAM-SE TODOS. A CENA DEVE DAR IDÉIA DA SOLIDÃO DE EURICÃO, SOLIDÃO QUE VAI CRESCENDO ATÉ O FIM.)

EUDORO — Mas espere...

EURICÃO — Afaste-se! Saia de junto de mim!

EUDORO — Eurico, você guardou esse dinheiro muito tempo, não foi?

EURICÃO — Guardei, toda a minha vida! Quase toda a minha vida! Desde que minha mulher me deixou! Agora posso falar nisso, pois tudo perdeu a importância diante da porca!

EUDORO — Eurico, o dinheiro não é tudo neste mundo. Você tem sua filha, tem a todos nós que agora somos sua família. Deixe de depositar toda a a sua vida nesse dinheiro! Não dê tanta importância ao que não vale nada! Porque...

EURICÃO — Por que o quê? Que é que você quer dizer? Diga, termine!

EUDORO — Será melhor dizer mesmo, Eurico?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 281

EURICÃO Dizer o quê? Diga logo, é melhor do que me esconder alguma coisa grave. Que é?

EUDORO Esse dinheiro está todo recolhido, Eurico! Tudo o que você tem aí não vale nem um tostão!

EURICÃO Nossa Senhora, Santo Antônio! Você jura pelos ossos de sua mãe como é verdade?

EUDORO Juro.

EURICÃO Está bem, eu acredito. Foi uma cilada de Santo Antônio, para eu ficar novamente com ele. Vou então ficar sozinho, novamente. E já que tem de ser assim, quero ficar aqui. Trancarei a porta e não a abrirei mais para ninguém. Porque não quero mais ficar num mundo em que mm acontecem estas coisas impossíveis de prever.

EUDORO Eurico, o mundo não se acabou por causa disso. Você perdeu seu dinheiro, mas ganhou uma experiência e uma família! Acabe com essa idéia de se enterrar vivo!

EURICÃO Você pensa que está melhor do que eu? A única diferença entre mim e você, Eudoro, é que sua porca ainda está diante de seus olhos. Não, eu estou farto!

MARGARIDA Seu Eudoro tem razão, papai, o mundo não se acabou. Tudo pode recomeçar, o senhor vende esta casa e vai morar conosco.

EURICÃO Você não está entendendo nada! E como ficaria eu? Você casa com Dodó, Benona com Eudoro, Caroba com Pinhão. Não vê que eu fico só? No meio disso tudo, com quem casaria eu?

CAROBA Com a porca. E, se ela não serve mais, com Santo Antônio!

EURICÃO Estão ouvindo? É a voz da sabedoria, da justiça popular. Tomem seus destinos, eu quero ficar só. Aqui hei de ficar até tomar uma decisão. Mas agora sei novamente que posso morrer, estou novamente colocado diante da morte e de todos os absurdos, nesta terra a que cheguei como estrangeira e como estrangeiro vou deixar. Mas minha condição não é pior nem melhor do que a de vocês. Se isso aconteceu comigo, pode acontecer com todos, e se aconteceu uma vez pode acontecer a qualquer instante. Um golpe do acaso abriu meus olhos, vocês continuam cegos! Agora vão, quero ficar só!

EUDORO Adeus, Eurico.

BENONA Adeus Eurico.

EURICÃO Adeus, escravos!

MARGARIDA Adeus, meu pai.

EURICÃO Adeus, escravos. Saiam, Saiam todos, escravos!

CAROBA Adeus, Seu Euricão.

EURICÃO Adeus, escravos!

(SAEM TODOS, MENOS EURICÃO.)

EURICÃO Bem e agora começa a pergunta. Que sentido tem toda essa conjuração que se abate sobre nós? Será que tudo isso tem sentido? Será que tudo tem sentido? Que quer dizer isso, Santo Antônio? Será que só você tem a resposta? Que diabo quer dizer tudo isso, Santo Antônio?

P A N O

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 (18) 282

TEATRO

TÍTULO O Santo e a Porca

Oduvaldo Vasconcelos

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior LIVRE

Praça Rio de Janeiro - RJ

Obs.:

DF. 05 / 08 / 76 /

Resp. pela elaboração do Processo

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

Em de de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Brasília – DF de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 283

09/08/76

736/76-SCTC/SC/DCDP

:: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

: Sr. Superintendente Regional do DPF no Rio de Janeiro-SR/RJ

Informação (faz)

Ref. Of. nº 516/76-SCDP-SR/RJ

Senhor Superintendente:

De acordo com a Portaria nº 042/75-DCDP, de 26.11.75 e em atenção ao ofício em referência, informo a V. Sa. que a peça teatral intitulada "O SANTO E A PORCA" de Ariano Suassuna, acha-se registrada nesta Divisão de Censura sob nº / 363, com a classificação etária Livre.

Na oportunidade, renovo a V.Sa. protestos de estima e consideração.

ROGÉRIO NUNES
Diretor/DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 284

FEMITE

Festival Missioneiro de Teatro Estudantil

RUA BARÃO DE SANTO ÂNGELO, 832 - FONE 2320 - SANTO ÂNGELO

SEC/DAC - 3.ª CRE - SETUR - PREFEITURA MUNICIPAL/DETURE

22 - 23 - 24 - 25/09/76

Ilmo. Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas do Departamento da Polícia Federal.

Brasília - DF

URGENTE

Ao arquivo verif. e provid. em 9.9.76

Divisão de Censura de D.P.

ROGÉRIO NUNES
Diretor da DCDP

CRENOLBE MÁRIO BASSO SIMON, brasileiro, casado, professor, residente e domiciliado em Santo Ângelo - RS, exercendo suas funções na Assessoria Especial da 3a. Coordenadoria Regional de Educação com sede à rua Barão de Santo Ângelo, 832, em Santo Ângelo - RS e, designado a responder pela Assessoria Técnica do 1º FESTIVAL MISSIONEIRO DE TEATRO ESTUDANTIL, vem, mui respeitosamente solicitar a V.Sa. que se digne examinar e liberar a peça O SANTO E A PORCA, de autoria de ARIANO SUASSUNA, em ..... atos, do gênero de drama e com estas particularidades Não há.

À SCTL, para as providências. E 10/9/76

Nestes termos,
pede deferimento.

Santo Ângelo, 13 de julho de 1976.

Assessor Técnico do FEMITE

Cristiano de Loyola Cabral Fagundes
Chefe do Serviço de Censura - D.C.D.P.

P.S. Precisamos demais da liberação desta peça para que o Festival alcance pleno êxito. Confiamos nos senhores, que a liberem justamente com tempo, até 22 deste mês. Descumpem-nos. Somos grupos estudantis e queremos colaborar com vossa função.

PELO TEATRO, A RECONQUISTA DA CULTURA DOS POVOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 285

TEATRO

TÍTULO O SANTO E A PORCA

ARIANO SUASSUNA

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior LIVRE

Praça STº ÂNGELO - RS

Obs.:

DF. / 15 / 09 / 76

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados com a classificação: impróprio para menores de livre, 2em cortes e com os dados constantes do requerimento de censs., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 15 de setembro de 1976

Maria Alice R. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: livre

Brasília-DF, 15 / 09 / 76

Coriolano de Loyola Cabral Fagundes
Chefe do Serviço de Censura - D.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 286

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 5113 / 76

TÍTULO: "O SANTO E A PORCA" - autor: Ariano Suassuna

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: L I V R E

Procedendo ao confronto dos dois textos da peça: O Santo e a Porca, de Ariano Suassuna, verifiquei perfeita identidade de forma e conteúdo. Pelo que proponho sua liberação nas mesmas condições anteriores.

Brasília, 15.setembro.1976

Maria Arlete L. Gama

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 287

880/76-SCTC/SC/DCDP

15-8-76

Superintendente Regional do DPF no Rio Grande do Sul

" O SANTO E A PORCA"

Ariano Suassuna

Superintendente:

Stº Ângelo-RS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674. p 288

363/76

: O SANTO E A PORCA

: ARIANO SUASSUNA

LIVRE

15 SETEMBRO 81

15 SETEMBRO 76

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 289

O SANTO E A PORCA

ARIANO SUASSUNA

: FESTIVAL MISSIONEIRO DE TEATRO ESTUDANTIL -

15 - SETEMBRO - 76

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

15 SETEMBRO 76

CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

mhf

09

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 290

MJ-DPF-SR/BSB
-7 OUT 1127 76 038426
RECEBIDO POR:
ARQ. FICHADO

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF. Nº 193/76-SCDP/SR/RS

Porto Alegre, 05/10/1976

De ordem ao arquivo em 08/10/76
Nogales

FI S.A. DCDP

Senhor Diretor.

Pelo presente, encaminho a V. Sª o relatório anexo, relativo a peça "O SANTO E A PORCA" em atenção ao seu ofício nº 880/76-SCTC/SC/DCDP de 15 de setembro de 1976.

Na oportunidade, reafirmo a V. Sª meus protestos de elevada estima e distinta consideração.

João Bispo da Hora
Chefe do SCDP/SR/RS

A Sua Senhoria o Senhor
Diretor da DCDP

BRASÍLIA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 291

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

R E L A T Ó R I O nº070/76/SCC

Visto. Em 05.10.76
JOAQ BISPO DA HORA
Téc. Cens. Matr. 2.324.403
Chefe do SCDP/SR/DPF/RS

Senhor Chefe da SCDP/SR/RS

Cumprindo determinação de V.Sa., compareci no dia 24 do mês p.p.ao Centro Evangélico da cidade de Sto Ângelo neste estado, a fim de proceder ao exame do ensaio geral,/ da peça teatral "O SANTO E A PORCA",de Ariano Suassuna.

Certificado de Censura nº 363/76,Censura Livre.

A Peça retrata a figura de um personagem usurário chamado Euricão, apegado ao dinheiro guardado num cofre em formato de uma porca e colocado junto a imagem de S.Antônio. Por fim outro personagem, Eudoro tenta convencê-lo de que/ a perda de seu cofre não deveria desanimá-lo tanto, pois / êle tinha outros valores,tais como sua família e os amigos.

A mensagem é de conteúdo moral e educativo.

O desempenho dos artistas esteve bom, assim como/ a marcação e o ponto.

O ensaio transcorreu normalmente, com os atores / devidamente caracterizados e conforme o texto original.

Assim sendo, opino pela liberação da peça,de acordo com o certificado expedido pela DCDP/Brasília.

Era o que me cumpria relatar nesta oportunidade.

Porto Alegre, 05 de Outubro de 1976.

HUMBERTO LUIZ DE SOUZA
Técnico de Censura
Mat. 2.018:156

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 292

MJ - DPF - SRA/BSB
16 NOV 0852 042893
RECEBIDO POR

Oficio Nº 1/76

Areia, 11 de Novembro de 1976.

Do: Diretor do TEATRO UNIVERSITÁRIO DE AREIA E FUNDAÇÃO JOSÉ AMÉRICO
Ao: Ilmº Snr. Diretor do Departamento de Censura e Diversões Publicas
Assunto: Pede Autorização.

Prezado Senhor:

Estamos encaminhando a V.S., o texto da peça " O Santo e a Porca" de Ariano Suassuna, para os devidos processos de censura.

Este trabalho vem atender ao Programa de Bolsas Artes, acordo UFPb-MEC, executado pela Coordenação de Extensão desta Universidade, tendo apresentação marcada no final deste mês.

Solicitamos de V.S., a máxima brevidade possivel para que o nosso trabalho seja coroado de êxito e possamos difundir melhor a nossa cultura.

Certo da vossa consideração.

atenciosamente

DIRETOR DO TUA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 293

TEATRO

TÍTULO O SANTO E A PORCA

A SUASSUNA

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior LIVRE

Praça AREIA - PB

Obs.:

DF. / / /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de livre, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de Censura, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 24 de nov. de 1976

Maria Arlete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: LIVRE

Brasília-DF, 25/11/76

Coriolano de Loyola Cabral Fagundes
Chefe do Serviço de Censura - D.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 294

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 6482 / 76

TÍTULO: "O SANTO E A PORCA" - de Ariano Suassuna

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

Peça teatral já liberada irrestritamente.

O texto ora examinado, a título de confronto, não apresenta divergência com o original, o que possibilita sua liberação de acordo com o critério anterior, condicionada ao exame prévio do ensaio geral.

Brasília, 23/novembro/1976.

Edite K. Nakashoji

DPF-742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 295

1277/76-SCTC/SC/DCDP

26-11-76

Superintendente Regional do DPF na Paraiba

" O SANTO E A PORCA"

A. Suassuna

Superintendente:

Areia-PB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 296

363/76

: O SANTO E A PORCA

: ARIANO SUASSUNA

05 JULHO 79

25 NOVEMBRO 76

LIVRE

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 297

: O SANTO E A PORCA

: ARIANO SUASSUNA

TUA - PB

24 NOVEMBRO 76

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

LIVRE

25 NOVEMBRO 76

Coriolano de Loiola C. Fagundes

CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

mbf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 298

MJ-DPF-SRA/BSB
12 JAN 1101 001589
DPF-SRA fl. n.º Rub.
RECEBIDO POR:
SRA/FICHADO

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SANTA CATARINA
SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Of.nº 048/SCDP/77 Florianópolis, 11 de Janeiro de 1.977

FICHADO
S. A. DCDP

Senhor Diretor

Estamos remetendo, em anexo ao presente, 03 (tres) cópias da peça teatral de Ariano Suassuna intitulada " O SANTO E A PORCA " para o competente exame dessa Divisão.

Na oportunidade, renovamos nossos protestos da mais elevada estima e distinta consideração.

Nei de Oliveira
Chefe da SCDP/SC

ILMO SR
DR ROGÉRIO NUNES
DD Diretor da DCDP/DPF
BRASILIA - DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 299

ILMO. SR.
DELEGADO DO DEPTº. DE POLÍCIA FEDERAL
BRASÍLIA - DF.-

O ABAIXO ASSINADO, FERNANDO LUIZ ANDRADE, PRESIDENTE DO GRUPO GALPÃO, VEM MUI RESPEITOSAMENTE SOLICITAR Á V.Sa., A LIBERAÇÃO DA PEÇA: " O SANTO E A PORCA ", DE AUTORIA DE ARIANO SUASSUNA.

EM ANEXO, TRES (3), CÓPIAS DO REFERIDO TESTO E AUTORIZAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS Nº... 201233.-

NESTES TERMOS
PEDE DEFERIMENTO

FLORIANÓPOLIS (SC), 11 DE JANEIRO DE 1977.

FERNANDO LUIZ ANDRADE
PRES.GRUPO GALPÃO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 300

TEATRO

TÍTULO O santo e a Porca

Ariano Suassuna

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior LIVRE

Praça Florianópolis - SC

Obs.:

DF. 17 / 01 / 77 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: ~~impróprio para menores~~ de livre, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de censura, condicionada ao exame e ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 03 de fevereiro de 1977

Maria Arlete R. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 04/fev./1977

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p.301

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 342 / 77

TÍTULO: "O SANTO E A PORCA" - autor: ARIANO SUASSUNA

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: L I V R E

Procedendo ao confronto do texto para teatro, de Ariano Suassuna: "O Santo e a Porca", com outro já liberado sem restrições, verificamos perfeita identidade entre eles. Pelo que propomos seja mantida a classificação do exame anterior.

Brasília, 03 de feveriro de 1977

Maria Arlete L. Gama

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 302

199/77-SCTC/SC/DCDP 02/02 7

Superintendente Regional do DPF em Santa Catarina

O SANTO E A PORCA

Ariano Suassuna

Superintendente:

FLORIANÓPOLIS-SC

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 303

363/77

: O SANTO E A PORCA

: ARIANO SUASSUNA

LIVRE

05 JULHO 79

04 FEVEREIRO 77

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 304

: O SANTO E A PORCA

ARIANO SUASSUNA

GRUPO GALPÃO - SC

FERNANDO LUIZ ANDRADE

03 FEVEREIRO 77

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVI - DAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

04 FEVEREIRO 77

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p 305

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sède: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

AUTORIZAÇÃO PARA REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL Série 4/74-GB Nº 1691

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: O Santo e a Porca x.x.x.x.x.x.x.x.
x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.

Original de Ariano Suassuna x.x.x.x.x.x.x. .x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.

Música de x.x.x.x.x.x. .x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x...

Tradução de x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x. .x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x..

No Teatro Para ser Censurado Cidade DF

Emprêsa x.x.x.x.x.x.x.x.x.x. Pela Cia. x.x.x.x.x.x.x.x.

nos dias x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de x.x.% x.x. .x.x.x

da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de Cr$ x.x.x.x.x.x.

por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Emprêsa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota percentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Emprêsa a incluir nos bordereau de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Emprêsa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Brasilia, DF 27 de Abril de 1977

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes.— A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

[signature]
(pela SBAT)

100 Blocos 50x50 - 0001 a 5.000 - 5/74

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 p. 306

MJ-DPF-SR/BSB
16 MAI 09 22 015998
RECEBIDO POR:

Brasília, 16 de maio de 1977

Senhor Diretor:

Vimos através deste, solicitar de V.Sa., seja censurada a peça teatral: O SANTO E A PORCA deAriano Suassuna, informamos ainda que a referida peça está sendo ensaiada por este Grupo.

Esperando contar com a sua prestimosa atenção, despeço-me mui

Atenciosamente.

Amaury Cannuto
Diretor

AO:
Dr. Rogério Nunes
DD.Diretor da Divisão de Censura e Diversões Públicas do DPF
NESTA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 307

MJ-DPF-SRA/BSB
16 MAI 09 22 77 015998
RECEBIDO POR

Brasília, 16 de maio de 1977

Senhor Diretor:

Vimos através deste, solicitar de V.Sa., seja censurada a peça teatral: O SANTO E A PORCA deAriano Suaseuna, informamos ainda que a referida peça está sendo ensaiada por este Grupo.

Esperando contar com a sua prestimosa atenção, despeço-me mui

Atenciosamente.

Amaury Connuto
Diretor

AO:
Dr. Rogério Nunes
DD.Diretor da Divisão de Censura e Diversões Públicas do DPF
NESTA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0674, p. 308

TEATRO

TÍTULO O SANTO E A PORCA

1) S. ARQUIVO

Documentação

Clas. Anterior LIVRE

Praça Brasília, DF

Obs.:

DF. 17/05/77

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de __/__/__ a __/__/__

DF. __/__/__

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

À S. C. [illegible] dois certificados, com a classificação ~~para menores de~~ livre, sem cortes e com os dados do requerimento de censura condicionado ao exame do [illegible]

Brasília, 19 de maio de 1977

[illegible] L. Gama

Cl. SCTC-SC/DCDP

4) SERVIÇO DE CENSURA

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: Livre, sem cortes.

Brasília DF, 20/maio/1977

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

Chefe da Serviço de Censura - DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 309

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 2019 / 77

TÍTULO: " O SANTO E A PORCA " Autor: Ariano Suassuna

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE (confronto)

Espécie: Peça de Teatro

Procedendo-se oa confronto entre os textos já liberados e o texto enviado para exame, constatamos a perfeita identidade de conteúdo e diálogos, podendo o texto atual receber a chancela LIVRE, já que a peça foi por' diversas vezes liberada sem restrições censórias.

Brasília, 19 de maio de 1977

Maria Lucia Ferreira de Holanda

Maria Lucia Ferreira de Holanda

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 310

363/77

O SANTO E A PORCA

ARIANO SUASSUNA

05 JULHO 79

20 MAIO 77

LIVRE

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 311

+ O SANTO E A PORCA +

ARIANO SUASSUNA

AMAURY CANNUTO - DF.

19 MAIO 77

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

20 MAIO 77

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

FMFN/

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 312

DPF-SRA
R. n.º 5
Rub

MJ-DPF-SRA/BSB

12 AGO 1047 025417

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

RECEBIDO POR:

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO - SCDP

FICHADO
S. A. DCDP

Vitória, ES., Em, 10/08/1.977

Of. nº 545/77-SCDP/SR/DPF/ES
Do: Superintendente Regional do DPF/ES
Ao: Sr. Diretor da DCDP/DPF
Assunto: Peça Teatral (Encaminha)

SRA

De Ordem
Ao Arquivo.
Em 12-8-77.

Senhor Diretor:

Com o presente passo as mãos de V. Sa., os textos da peça teatral intitulada "O SANTO E A PORCA", de autoria de ARIANO SUASSUNA, solicitando mandar proceder o competente exame censório de acordo com a legislação em vigor.

Na oportunidade renovamos a V. Sa., os protestos de consideração e apreço.

p/ Cel. NILTON DOS SANTOS BRITTO
SUP. REG. do DPF/ES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 p. 313

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESPÍRITO SANTO

DPF-SRA

-9 NOV 1359 09773

RECEBIDO POR:

Ilmo. Sr. Chefe da Seção de Censura de Diversões Públicas da Divisão de Polícia Federal do Estado do Espírito Santo.

ROGÉRIO RIBEIRO COIMBRA, solteiro, funcionário desta FUNDAÇÃO, Chefe da Seção de Promoções, portador da Cédula de Identidade nº 120.956, expedida pelo Departamento de Polícia Técnica - Secretaria de Segurança Pública do Estado do Espírito Santo, em data de 10 de novembro de 1975 e CPF nº 159.629.977, vem, mui respeitosamente, requerer a V. Sª, conforme determinação em Lei, as providências de praxe em relação ao ofício anexo, que encaminha o script da peça o teatral intitulada "O SANTO E A PORCA" DO autor Ariano Suassuna.

ao Ilustríssimo Senhor Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas de Brasilia - D. F.

Nestes Termos

P. Deferimento

Vitória, 9 de agosto de 1977

Fundação Cultural do Espírito Santo

ROGÉRIO RIBEIRO COIMBRA
CHEFE DE SEÇÃO - S. E. P.

RC/pcu :

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 314

TEATRO

TÍTULO O SANTO E A PORCA

Aziz Suassuna

1) ~~S.C.T.C.~~ Arquivo

Clas. Anterior LIVRE

Praça VITÓRIA - ES

Obs.:

DF. 18/08/771

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados com a classificação: impróprio para menores de livre, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de cens., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 25 de agosto de 1977.

Maria Arlete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: Livre

Brasília-DF, 1º/set/1977

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 315

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 3553 / 77

TÍTULO: O SANTO E A PORCA = PEÇA TEATRAL DE ARIANO SUASSUNA

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

OBS: CENAS CONDICIONADAS AO EXAME DO ENSAIO GERAL

Texto examinado várias vezes, recebendo certificados liberatórios como LIVRE, sendo que o de nº 363/76 tem validade até 26/07/81.

Feito o confronto, constatamos que o "script" visto, confere com os já liberados anteriormente, podendo assim, receber o mesmo critério classificador - LIVRE.

BRASÍLIA, DF, 24/08/77

ENI MARTINS FRANÇA BORGES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 IP 316

1158/77-SCTC/SC/DCDP 25/08 7

Superintendente Regional do DPF no Espirito Santo

" O SANTO E A PORCA"

Ariano Suassuna

Superintendente:

VITÓRIA-ES

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 317

0363

O SANTO E A PORCA

ARIANO SUASSUNA

26 JUNHO 81

31 AGOSTO 77

LIVRE

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 318

O SANTO E A PORCA

ARIANO SUASSUNA

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESPÍRITO SANTO-ESPÍRITO SANTO

ROGÉRIO RIBEIRO COIMBRA-

25 AGOSTO 77

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

31 AGOSTO 77

VLS

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 319

30 JUN 09 11 78 017298

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ/DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S.PAULO

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF.

Nº 171/78-SCDP/SR/SP Em, 29 de junho de 1978.

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75-DCDP, estamos remetendo a V.S., uma via do texto das peças teatrais "CRISTIFICAÇÃO DO UNIVERSO" de Roberto Malvezzi; "AS PERIPÉCIAS DO TECO" de Zito Peres e outro; "UM ELEFANTINHO INCOMODA MUITA GENTE" de Oscar V.Pfuhl; "LSD" de Pedro Bloch; "A BOMBA" de Alexandrino de Souto; "ONDE CANTA O SABIÁ" de Gastão Tojeiro; "TRIBOBÓ CITY" de Maria Clara Machado; "O CAIXEIRO DA TAVERNA" de Martins Pena; "IRMÃOS DAS ALMAS" de Martins Pena; "TRÊS PERALTAS NA PRAÇA" de Josè Velluzi; "O SANTO E A PORCA" de A.Suassuna; "O ASSASSINATO" de Paulo Roberto; "OS SALTIMBANCOS" de Chico Buarque de Holanda; "REQUIÉM POR UM HERÓI" de Elcio Bueno; "SERAFIM" de Sérgio Pizoli; "OS FUZIS DA SRA. CARRAR" de B.Brecht; "CHAPÉU DE SEBO" de Francisco Pereira Silva; "EM NOME DO PAI, DO FILHO E DO ESPIRITO SANTO" de Paulo Pontes e Alfredo Zemma; "OS CEGOS" de Michel Gheldérode; "CAIXA DE CIMENTO" de Carlos Henrique Escobar.

Outrossim, informamos que os demais itens serão cumpridos neste SCDP/SR/SP.

Na oportunidade, renovamos a V.S., protestos de estima e consideração.

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.
DR. ROGÉRIO NUNES
DD. Diretor da DCDP
BRASILIA/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 320

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

São Paulo . 21 de Junho, de 1978

Ilmo. Sr.
Diretor do Departamento de Censura Federal
(Departamento de Polícia Federal)
Brasilia DF

of. 171/78

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa. para fins de CENSURA, três cópias da peça
"O SANTO E A PORCA"

Original de ARIANO SUASSUNA
Tradução de
Próxima apresentação de ARTEMONTAGEM DE TEATRO
Teatro DIVERSOS Cidade JABOTICABAL
Estado
A estréia está prevista para 2ª QUINZENA DE JULHO DE 1978

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.

De acordo c/ a Port 42/78:
a) remeter um texto à DCDP;
b) proceder as demais itens
no SCDP/SP. Em 23/6/78
[signature]
cf SCDP/SP/SP

Pela SBAT,
[signature]

40 blocos 50x2
Setembro 76

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0674, p. 321

TEATRO

TÍTULO O SANTO E A PORCA

1) ARQUIVO

Clas. Anterior LIVRE —

Praça SÃO PAULO - SP

Obs.:

DF. 25/07/78/

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de livre, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de Censura, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 11 de agosto de 1978

Maria Arlete R. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação:

Brasília-DF, 24/08/78

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 322

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 3124 / 78

TÍTULO: " O SANTO E A PORCA" ARIANO SUASSUNA

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

Efetuado o confronto dos textos em epígrafe, verifiquei identidade entre os mesmos, podendo ser expedido novo certificado sem restrições, condicionada a encenação ao ensaio geral.

Brasília, 23 de agosto de 1978.

Odila Geralda Valadares

ODILA GERALDA VALADARES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 323

BRASÍLIA, 25 de agosto de 1978

1319/78 /

EM SÃO PAULO

171/78- SCDP/SR/SP

" O SANTO E A PORCA", de Ariano Suassuna.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0624, p. 324

363/78

* O SANTO E A PORCA *

ARIANO SUASSUNA

26 JULHO 81

28 AGOSTO 78

LIVRE

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 325

* O SANTO E A PORCA *

ARIANO SUASSUNA

S.P.

28. AGOSTO 78

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO DEVIDAMENTE ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

28 AGOSTO 78

RBS

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 326

RS

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

"O SANTO E A PORCA"

"ARIANO SUASSUNA"

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p.327

M.J. - DPF - DCDP - BSB
22 SET 1980 011552
RECEBIDO POR
DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF. Nº 209/80 -SCDP/SR/RS P.Alegre, 17 de setembro de 1980.

Senhor Diretor:

Conforme determina a Portaria nº 017/78-DCDP, de 13/07/78, estamos anexando a este, para o fim previsto na letra "d" da mesma portaria, os documentos a seguir:

1 - uma via do "script" da peça teatral intitulada "O SANTO E A PORCA", de autoria de Ariano Suassuna

2 - relatórios da comissão técnica;

3 - relatórios do ensaio geral;

4 - uma via do Certificado de Censura provisório.

Na oportunidade, renovamos a V.Sa. os nossos protestos de consideração e apreço.

João Bispo da Hora
Chefe do SCDP/SR/RS

A Sua Senhoria o Senhor
Diretor da DCDP
BRASÍLIA - DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 328

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RELATÓRIO Nº 142/80/SCC

Visto.
Em 18.08.80

JOÃO BISPO DA HORA
Agente Cens. Matr. 1.324.463
Chefe do SCDP/SR/DPF/RS

Senhor Chefe

Cumprindo determinação de V.Sa., examinei o texto da peça teatral "O SANTO E A PORCA" de Ariano Suassuna.

A peça se desenvolve na casa de Euricão Árabe, velho, avarento e devoto de Santo Antônio, cuja única razão de existir é uma velha porca de madeira onde guarda seu dinheiro.

A obra apresenta os personagens -Euricão, Margarida, Benona, Pinhão, Caroba e Dodó - vivendo numa casa, onde cada um procura através da astúcia, avareza e da mentira atingir seus objetivos. Euricão vive agarrado a uma porca de madeira cheia de dinheiro, que lhe é mais importante que a própria filha Margarida. Esta ama Dodó -filho do fazendeiro Eudoro Vicente. Este, ignorando o relacionamento de seu filho com Margarida, deseja casar com a moça. Benona -irmã de Euricão- é ex-noiva de Eudoro e não o esqueceu. Caroba e Pinhão, casal de empregados de Euricão desejam casar-se. Dodó - filho de Eudoro - vive disfarçado na casa, pois seu pai acredita que esteja estudando no Recife. Pinhão rouba a porca de Euricão. Caroba, através de várias manobras consegue a reconciliação de Eudoro com Benona, o noivado de Margarida com Dodó e o seu com Pinhão. Euricão, após reaver o dinheiro, descobre a perda de seu valor.

A peça mostra até que ponto chega o apego às coisas materiais pelo ser humano, cuja avareza leva-o a beira da loucura. Aborda a escravidão de um homem pelo dinheiro que o faz desconfiar e odiar os que lhe rodeiam, tornando-o um solitário dentro de sua própria casa.

A peça apresenta uma mensagem positiva ao mostrar que o dinheiro, a riqueza não é tudo na vida e que existem valores mais importantes dentro do homem.

Pelo exposto e de acordo com a Legislação Vigente, opinamos pela liberação da obra com Censura Livre. Submetemos esta liberaçaõ ao exame de Ensaio Geral que poderá modificá-la.

É o relatório.

Porto Alegre, 15 de agosto de 1980.

Valdir Farias Franco - Técnico de Censura.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 329

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RELATÓRIO Nº 141-SCC/80

Visto.
18.08.80

Senhor Chefe:

Cumprindo determinação de V.Sa. examinei o texto da peça teatral, "O SANTO E A PORCA" de Ariano Suassuna.

JOÃO BISPO DA HORA
Cel. Cmt. Mat. 2.324.463
Chefe do SCC/SR/DPF/RS

Resumo: A trama se desenvolve numa fazenda e a família se relaciona em têrmos de interesse, astúcia e avareza. O / personagem principal é Euricão, que representa o avarento, apegado ao dinheiro que guarda numa porca de madeira. Vive desconfiado de todos e é devoto de Sto Antônio para protejer seu cofre.

Os outros personagens são ao todo seis: Eudoro, Benona, Pinhão, Caroba, Dodó e Margarida, (filha de Euricão). Por fim a trama evolue para uma recuperação dos defeitos com os casamentos dos empregados Pinhão e Caroba, e mais ainda os outros casamentos de Dodó, (filho de Eudoro, fazendeiro) com Margarida, e a reconciliação entre Benona e Eudoro.

Parecer: Considerando que o final apresenta uma mensagem de repúdio ao comportamento de avareza e considerando -/ ainda o aspecto de comédia que a obra apresenta, opino pela liberação do script em apreço com Censura Livre.

Porto Alegre, 15 de Agosto de 1980.

HUMBERTO LUIZ DE SOUZA
Técnico de Censura
Mat. 2.0[illegible]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 33D

R E L A T Ó R I O

Visto.
Em 12.09.80

JOÃO BISPO DA HORA
Téc. Cens. Matr. 2.324.463
Chefe do SCDP/SR/DPF/RS

Peça :"O SANTO E A PORCA"
Autor :Ariano Suassura
Grupo :Artístico e Municipal de Três de Maio
Censura :LIVRE - RD nº 136/SCDP/SR/RS de 190880

Aos vinte e oito dias do mes de agosto de 1980, às 09 horas nas dependências do Auditório da Biblioteca Pública Municipal, realizamos o ensaio geral da peça acima enunciada, integrante do V FEMITE (Festival Missioneiro de Teatro Estudantil), em realização nesta cidade de Santo Ângelo.

A PEÇA -

Com a duração de aproximadamente duas horas e trinta minutos, é dividida em tres atos. Trata-se de uma comédia dramática levada ao palco por sete personagens, mostrando a vida de um pai que tem em sua filha e sua porca(cofre), seu patrimônio e Santo Ântonio seu santo protetor. Em sua casa vivem ainda dois criados e sua irmã. Ao redor do chefe da casa cria-se uma trama amorosa à qual, devido ao apego a porca, local onde guarda seu tesouro, não se apercebe. No decorrer da peça a porca é roubada, deixando Euricão atônito, ainda mais abstraído da realidade que o cerca. As situações cômicas surgem com a mistura de procura da porca e trama amorosa. A peça alerta a gente a conhecer e a se preocupar com as pessoas com quem se vive, a praticar a justiça, dar valor ao que realmente tem valor.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 331

CENÁRIO E ILUMINAÇÃO -
O palco representa a sala de uma casa, tendo ao fundo um altar onde foi colocado uma imagem de Sto. Antonio e a porca feita de madeira. Além disso temos duas poltronas e uma mesinha. A iluminação é normal, havendo poucas variações de acordo com a cena apresentada.

COREOGRAFIA E GUARDA-ROUPA -
De acordo com a peça. O figurino é simples já que a peça desenrola se num ambiente simples. Caracteriza perfeitamente os personagens.

CONCLUSÃO -
Mesmo tratando-se de uma comédia, o tema abordado e as situações cômicas, talvez pela ineficiência dos atores, não prende a atenção das crianças. Junta-se a este fato a longa duração da peça e o desenrolar um tanto monótono não mantem a platéia infantil atenta. A trama amorosa que ocupa maior parte da peça, é própria para o adolescente ou adulto. Mesmo tendo uma mensagem positiva, escapa a compreensão da criança, porisso mesmo sugiro que seja alterada a classificação etária para IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 14 ANOS.

Santo Ângelo, 28 de agosto de 1980.

Jorge Antonio Franza
Técnico de Censura Mat. 2324490
CHEFE SCDP/DPF/SA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 332

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 181/80/RS

PEÇA "O SANTO E A PORCA"

ORIGINAL DE ARIANO SUASSUNA

APROVADO PELO SCDP/SR/RS
CLASSIFICAÇÃO ~~PELA D.C.D.P.~~

VÁLIDO ATÉ 17 de NOVEMBRO de 19 80

CENSURA FEDERAL/RS
IMPRÓPRIO PARA MENORES
DE 14 ANOS

Porto Alegre, ~~Brasília,~~ 17 de SETEMBRO de 19 80

João Bispo da Hora
Chefe do SCDP/SR/RS
~~Diretor da DCDP~~

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p.333

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada "O SANTO E A PORCA"

Original de ARIANO SUASSUNA

Tradução de

Adaptação de

Produção de GRUPO ARTÍSTICO MUNICIPAL DE TRÊS DE MAIO/RS

Requerida por RICARDO MONTES DE JESUS

Tendo sido censurada em 17 de SETEMBRO de 1980 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP/SR/RS.

P.Alegre, 17 de SETEMBRO de 1980

Brasília, ~~xxxx~~ de de 19

RENATO RODRIGUES DE FARIA
Téc. Censura Matr. 2.415.816
Chefe da SCC/SCDP/SR/DPF/RS

Chefe do Serviço de Censura

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674. p. 334

TEATRO

TÍTULO "O SANTO E A PORCA"

"ARIANO SUASSUNA"

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior LIVRE

Praça PORTO ALEGRE / RS

Obs.: OBS. NÃO CONSTA PEDIDO DE INFO.

DF. / 29 / 09 / 80

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Senhor Chefe do SC

A presente peça foi liberada desde 1968 sem qualquer restrição etária. Examinada agora no SCDP/SR/RS, recebeu impropriedade para menores de 14 anos, com a justificativa de que fugiria ao interesse dos menores dessa faixa.

À sua consideração

Brasília – DF 02 de 10 de 1.980

Hellé Prudente Carvalhedo
Matr. 2 415 791

P.S. Consta Certificado em vigor

4) SERVIÇO DE CENSURA

O argumento exarado no relatório do ensaio geral não justifica, a nosso ver, a alteração da classificação etária. Desde 68 que a peça vem recebendo a chancela LIVRE e, salvo melhor juízo, seria um contra-senso a majoração.

À consideração superior

Em 3 de 10 de 1.980

Raymundo Custódio de Oliveira
Chefe do Serviço de Censura-DCDP
Substituto

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

Face as razões alegadas liberar para maiores de 14 (quatorze) anos.

Em 06 10 80

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
MAT. 2.095.858

Em tempo: Mantem a peça LIVRE, face as reiteradas solicitações e exames anteriores

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
MAT. 2.095.858

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 335

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

363

"O SANTO E A PORCA"

ARIANO SUASSUNA

27 OUTUBRO 85

27 OUTUBRO 80

LIVRE

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 336

O SANTO E A PORCA

ARIANO SUASSUNA

GRUPO ARTISTICO MUNICIPAL DE TRÊS DE MAIO/RS

RICARDO MONTES DE JESUS

17 SETEMBRO 80

LIVRE. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

27 OUTUBRO 80

ELIEL JOSÉ DE SOUSA -Resp.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 337

Of.nº 4.301/80-DCDP

27 de outubro de 1980

RS

Of.nº 209/80-SCDP/SR/RS

"O SANTO E A PORCA", de Ariano Suassuna.

Aproveito a oportunidade para renovar a V.Sa. protestos de estima e consideração.

ELIEL JOSÉ DE SOUSA
Chefe do SC/DCDP/Resp.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 338

M6

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

"O SANTO E A PORCA"

"ARIANO SUASSUNA"

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 339

MJ - DPF - DCDP - BSB
9 JUN 1467 81 007293
RECEBIDO POR

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

B. Hte. 16/06/81

Ofício Nº 77/81 SCDP/SR/MG

Assunto: Peças Teatrais (Encaminha)

Senhor Diretor,

Em anexo encaminhamos a V. Sª. para que seja providenciado o competente Certificado definitivo, as peças teatrais: O SANTO E A PORCA, de autoria de Ariano Suassuna e PRENSA, de autoria de Reginauro Silva, juntamente com os respectivos Certificados provisórios, requerimentos dos interessados, pareceres dos Técnicos de censura e da primeira, também o relatório do ensaio geral.

Quanto à segunda, esclarecemos, que o relatório não foi anexado, pois por se tratar de grupo.do interior, não foi possível o deslocamento de Técnico de Censura para presenciar a sua efetuação.

Na oportunidade, renovamos nossa manifestação de estima e consideração.

CHEFE DO SCDP/SR/MG

ILMO. SR.
DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
BRASÍLIA DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 340

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

ELISIO AURELIO DOLABELA TAXEIRA
Requerente

BRAS., ADVOGADO
Nacionalidade, Profissão

Carteira de Identidade 33.388 OAB-M.G.
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à AV. AFONSO PENA, 1537

, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a (s) PEÇA TEATRAL abaixo relacionada (s),
Espécie

de autoria de: ARIANO SUASSUNA

O SANTO E A PORCA
Título (s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

B. Horizonte 14 de maio 81
Local e Data

Requerente

Anexos:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 ip 341

1 – **EMPRESA OU GRUPO** (Se houver)

Nome: FUNDAÇÃO CLÓVIS SALGADO CGC: _____

Sede: AV. AFONSO PENA, 1537 - PALÁCIO DAS ARTES

_____ CEP: _____

Diretor ou Responsável: _____

2 – **DADOS DO AUTOR**

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

_____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

_____ Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

_____ CEP: _____

3 – **PARCERIA**

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

_____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

_____ Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

_____ CEP: _____

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

_____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

_____ Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

_____ CEP: _____

Declaro que a matéria a ser examinada **nunca foi submetida à apreciação** dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: Belo Horizonte 14 de maio 1981

Ass.: _____

DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 342

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL/MG

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL S.C.D.P. SR • MG

CENSURA FEDERAL

D E C L A R A Ç Ã O

DECLARO, PARA FINS DE PROVA A QUEM INTERESSAR POSSA, QUE OS "SCRIPTS" DA PEÇA TEATRAL: " O SANTO E A PORCA " _____, DE AUTORIA DE ARIANO SUASSUNA _____, TRADUZIDA POR XXXXXXX _____, SOLICITADO PELO (A) FUNDAÇÃO CLÓVIS SALGADO _____, FOI SUBMETIDO A EXAME PELA CENSURA FEDERAL EM MINAS GERAIS, FICANDO COM RESTRIÇÃO ETÁRIA: LIVRE (COND: ENSAIO GERAL) E VALIDADE ATÉ 16/08/81, TENDO A PRESENTE DECLARAÇÃO VALOR IDÊNTICO AO CERTIFICADO CENSÓRIO, QUE SERÁ EXPEDIDO, OPORTUNAMENTE.

BHE-MG 16 / 06 19 81 .

Jacíper de Morais
CHEFE DO SCDP/SR/MG

OBS. O presente Certificado só terá validade, quando acompanhado do texto devidamente carimbado.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 343

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM MINAS GERAIS
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 102/81 / SR/MG

TÍTULO: "O SANTO E A PORCA"

AUTOR: ARIANO SUASSUNA

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE (CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL)

Cumprindo determinação dessa chefia procedi ao exame comparativo da peça em epígrafe, constatando que não há diferenças consubstanciais. Algumas palavras são modificadas, termos atualizados, expressões suprimidas e outras acrescentadas mas, sem modificar a estrutura do texto e nem a essência da peça.

Feitas essas colocações sugiro a liberação em caráter livre, condicionado ao exame do ensaio geral.

Belo Horizonte, 19 de maio de 1981

MIRTES SPITALE DE QUEIROZ
Tec de Censura 2.416.893

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 344

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

RELATÓRIO Nº : 45/81-SR/MG

DO : Tec.de Censura MIRTES SPITALE DE QUEIROZ

AO : CHEFE DO SCDP

ASSUNTO : Exame de ensaio geral

TÍTULO : O SANTO E A PORCA"

AUTOR : ARIANO SUASSUNA

CLASSIFICAÇÃO : livre

Cumprindo determinação dessa chefia compareci ao teatro Marília,a fim de proceder ao exame do ensaio geral da peça em epígrafe.

O cenário é constituído de um pedestal onde se encontra a imagem de Santo Antônio,quatro bancos de palha e pano de fundo negro.Os personagens vestem-se de acordo com a moda dos anos trinta.

A estória se desenrola em torno do coronal Euricão,um homem sofina que guarda todo seu dinheiro dentro de uma porquinha de madeira,desde que sua espôsa morrera.

Pretendendo casar sua filha com um herdeiro que trouxesse um bom dote,Euricão acaba realizando seu sonho.Sua filha casa-se com o herdeiro de uma grande fazenda,sua irmã reencontra-se com o pai do noivo, seu antigo namorado.Somente Euricão termina só e pobre,mas reconhecendo e admitindo para si novos valores.Seu neto chega e com ele a garantia de uma velhice feliz,com paz e muito amor ao seu redor.

Sugiro sua liberação sem restrições

Belo-Horizonte,10 de junho de 1981

Mirtes Spitale de Queiroz

MIRTES SPITALE DE QUEIROZ
TEC DE CENSURA 2.416.893

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 345

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RELATÓRIO Nº 44/81
Assunto: Ensaio Geral
Título : O SANTO E A PORCA
Autor : Ariano Suassuna
Classificação: LIVRE

Senhor Chefe,

Em cumprimento à Ordem de Missão nº 83/81 deste Serviço, compareci às 17:00 horas do dia 09.06.81, ao Teatro Marília, a fim de proceder ao exame do ensaio geral da peça em epígrafe.

O santo é Santo Antonio e a porca é de madeira, onde o avarento Euricão esconde suas economias. Euricão é estrangeiro, um árabe, tendo durante toda a sua vida hesitado ' entre o santo e a porca, inclinando-se mais a esta, simbolo ' da idolatria do dinheiro, da segurança, do poder, do mundo.

Ao santo, Euricão recorre para defender sua porca, ou dinheiro, dos ladrões, pois sua perda seria muito grave, no caso particular dele.

E o ídolo termina por traí-lo, quando, despertado por Eudoro, certifica-se de que o dinheiro há muito tempo ' guardado estava recolhido, perdera o valor. E é dessa traição' que Euricão subitamente se apercebe, é essa visão perturbadora que lhe aponta os homens como escravos das preocupações, da cegueira voluntária e involuntária, as distrações e divertimentos, a covardia, tudo enfim, que nos ajuda a ir"levando a vida" enquanto a morte não chega.

A peça é apresentada num cenário único, sóbrio, tendo no centro do palco o santo colocado sobre um pequeno altar, com algumas cadeiras espalhadas à sua volta, o que exige_

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0624.p 346

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

continua

dos atores uma movimentação constante, como que para preenchimento dos espaços vazios, pois na verdade, o texto complementa o cenário.

Enfim, a peça em seu todo satisfaz plenamente o contido nas normas censórias, o que, sugiro sua liberação sem restrições.

Belo Horizonte, 10 de junho de 1981

Antonio José de Freitas Duarte
Mat. 2.416.820

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 347

TEATRO

TÍTULO "O SANTO E A PORCA"

AUTOR DA PEÇA: "ARIANO SUASSUNA"

1) ARQUIVO

Clas. Anterior LIVRE

Praça BELO HORIZONTE / MG

Obs.:

DF. / 22 / 06 / 81

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento [illegible] com a classificação: Impróprio [illegible] menores de LIVRE anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensaio.

Obs.: consta Cert. Provisório - SR/MG

Brasília - 22 de 06 de 1981

Abelle Prudente Carvalhedo
Matr. 2 415 791

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR e o parecer

Classificação: livre

Brasília-DF, 23 / 6 / 81

Arésio Teixeira Peixoto
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 348

363

"O SANTO E A PORCA"

ARIANO SUASSUNA

23 JUNHO 86

LIVRE

23 JUNHO 81

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p.349

O SANTO E A PORCA

ARIANO SUASSUNA

ELISIO AURELIO DOLABELA TEIXEIRA - BELO HORIZONTE/MG

16 JUNHO 81

LIVRE, CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

23 JUNHO 81

ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 350

23 JUNHO 81

1.623/81-DCDP

MG

Of.nºs 73-74-77-78/81-SCDP/SR/MG

1 - "A ESCADA DO SUCESSO", de Neusa Aparecida Cazagrande
2 - "PALHAÇOS NO PARQUE", de Welt Peixoto de Souza Filho
3 - "O SANTO E A PORCA", de Ariano Suassuna
4 - "COBRA NORATO", de Raul Bopp

Aproveito a oportunidade para renovar a V.Sa. protestos de estima e consideração.

ARÊSIO TEIXEIRA PEIXOTO
Chefe do SC/DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 351

MJ - DPF - DCDP - BSB
4 SET 1657 008951

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OFÍCIO nº 5541/82-SCDP Curitiba, EM 13 de Setembro de 1.982

DO Chefe do SCDP/SR/PR

ENDEREÇO SR/DPF/PR

AO Ilma Sra Diretora da DCDP/DPF

ASSUNTO CERTIFICADOS DEFINITIVOS (solicita)

Senhora Diretora

Para expedição do competente certificado definitivo, estamos encaminhando os Processos referentes às pe-/ças teatrais assim intituladas: "O SANTO E A PORCA", de Ariano Suassuna, liberada com a classificação LIVRE para o Grupo XERA-/VANTE desta Capital a requerimento de Francisco Carlos dos San-/tos Garcêz; " CANTO À LIBERDADE, O AMOR E A ESPERANÇA ", de vá-/rios autores e compilação de Danilo Avelleda, liberada com res-/trição a menores de 14 anospara a CENA Prod.& Prom. Artísticas / SC Ltda., desta Capital, a requerimento do autor da compilação.

Na oportunidade, renovamos nossos protes tos da mais elevada estima e distinta consideração.

TC Benedito Zumas Filho
Chefe do SCDP/SR/PR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 352

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

FRANCISCO CARLOS DOS SANTOS GARCÊZ
Requerente

BRASILEIRO, ESTUDANTE
Nacionalidade, Profissão

Carteira de Identidade 3.107.049 INST. IDENTIF. DO PR.
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à RUA - ALFERES POLI, 620

CURITIBA - PR., vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a (s) TEXTO DE PEÇA TEATRAL abaixo relacionada (s),
Espécie

de autoria de: ARIANO SUASSUNA

Título (s) O SANTO E A PORCA.

Nestes termos,

Pede deferimento.

CURITIBA 8 DE AGÔSTO DE 82.
Local e Data

Requerente

Anexos:

FEDERAÇÃO INDEP... DE TEATRO AMADOR DO PARANÁ
SUB-SEDE DE CURITIBA

PRESIDENTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 353

1 – **EMPRESA OU GRUPO** (Se houver)

Nome: GRUPO XERAVANTE (Uberaba) CGC:

Sede: Colégio Rio Branco

Uberaba - CURITIBA CEP:

Diretor ou Responsável: CARLOS HAMILTON ODORDEIRO

2 – **DADOS DO AUTOR**

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

3 – **PARCERIA**

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: Curitiba, 09 agosto 1982

Ass.:

DPF-1085

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 354

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

EVENTUAIS

Cr$ 300,00

PEDIDO Nº 12/82

PEDIDO FEITO POR: FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA

Importância correspondente à taxa de expediente relativo informações sobre a peça
ao pedido de ~~tradução da peça~~:

O SANTO E A PORCA

Original de Ariano Suassuna

Curitiba 21 de Maio de 19 82
~~Rio de Janeiro~~,

Pela SBAT:

Nilza Kurta.

Observações:

O pagamento da taxa de EVENTUAIS destina-se aos gastos de expediente interno, inclusive o de correspondência comum com a entidade a que pertença o autor, até a cobertura desta importância. Todas as despesas excedentes serão debitadas ao interessado.

1- Consulta à DCDP RJ nº 3276 em 100882
2- Resp DCDP nº 0683 130882
LIVRE - 271080

1.º VIA ASSOCIADO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p.355

03194

PRIMEIRO ATO

ARIANO SUASSUNA

O pano abre na casa de EURICO ARÃBE, mais conhecido como EURICÃO ENGOLE-COBRA.

CAROBA. – E foi então que o patrão dele disse: "Pinhão, você sele o cavalo e vá na minha frente procurar Euricão..."

EURICÃO – Euricão, não. Meu nome é Eurico.

CAROBA. – Sim, é isso mesmo. Seu Eudoro Vicente disse: "Pinhão, você sele o cavalo e vá na minha frente procurar Euriques..."

EURICÃO. – Eurico!

CAROBA. – "Vá procurar Euríquio..."

EURICÃO. – Chame Euricão mesmo.

CAROBA. – "Vá procurar Euricão Engole-Cobra..."

EURICÃO. – Engole-Cobra é a mãe! Não lhe dei licença de me chamar de Engole-Cobra, não! Só de Euricão!

CAROBA – "Vá na minha frente procurar Euricão para entregar essa carta a ele."

EURICÃO. – Onde está a carta? Dê cá! Que quererá Eudoro Vicente comigo?

PINHÃO. – Eu acho que é dinheiro emprestado.

EURICÃO. – (Devolvendo a carta) Hein?

PINHÃO. – Toda vez que ele me manda assim na frente, a cavalo, é para isso.

EURICÃO. – E que idéia foi essa de que eu tenho dinheiro? Você andou espalhando isso! Foi você, Caroba miserável, você que não tem compaixão de um pobre como eu! Foi você, só pode ter sido você!

CAROBA. – Eu? Eu não!

EURICÃO. – Ai, meu Deus, com essa carestia! Ai a crise, ai a carestia! Tudo que se compra é pela hora da morte!

CAROBA. – E o que é que o Senhor compra? Me diga mesmo, pelo amor de Deus! Só falta matar a gente de fome!

EURICÃO. – Ai a crise, ai a carestia! E é tudo querendo me roubar! Mas Santo Antônio me protege!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 356

PINHÃO. – O senhor pelo menos leia a carta!

EURICÃO. – Eu? Deus me livre de ler essa maldita! Essa amaldiçoada! Ai a crise, ai a carestia! Santo Antônio me proteja, meu Deus! Ai a crise, ai a carestia!

Entra MARGARIDA atraida pelo rumor. Vem acompanhada de DODÓ VICENTE, disfarçado com uma horrivel barbicha, com a boca torta, com corcova, coxeando e vestido de preto.

MARGARIDA. – Papai! Que foi, meu pai? Ouvi o senhor gritar! Está sentindo alguma coisa?

EURICÃO. – Ai minha filha, me acuda! Ai, ai! Os ladrões, minha filha, os ladrões!

MARGARIDA. – Socorro! Socorro! Pega o ladrão!

EURICÃO. – Ai minha filha, não grite assim não! Não grite, se não vão pensar que a gente tem o que roubar em casa. E vêm roubar! Santo Antônio, Santo Antônio! Ai a crise, ai a carestia!

MARGARIDA. – Mas o que foi que houve?

EURICÃO. – Ainda não houve nada, mas está para haver! Está para haver, minha filha!

MARGARIDA. – O que é? Que foi que houve, Caroba? Que foi, Pinhão! Pinhão, você aqui? Ah, já sei o que houve, papai soube de tudo! É melhor então que eu confesse logo.

CAROBA. – Que a senhor se confesse? Deixe para a sexta-feira, porque a senhora aproveita e comunga! Que coisa, Dona Margarida só quer viver na igreja!

EURICÃO. – Ai a crise, ai a carestia!

MARGARIDA. – Mas afinal de contas, o que foi que houve? Meu pai, eu vou contar...

DODÓ. – Não!

PINHÃO. – Não, não, Dona Margarida, quem fala sou eu! O que houve é que meu patrão escreveu uma carta ao senhor seu pai.

MARGARIDA. – Uma carta? Dizendo o quê?

EURICÃO. – Você ainda pergunta? Só pode ser para pedir dinheiro emprestado! Aquele usurário! Aquele ladrão!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 357

CAROBA. – Mas Seu Euricão, Seu Eudoro é um homem rico!

EURICÃO. – E é por isso mesmo que eu estou com medo. Você já viu pobre pedir dinheiro emprestado? Só os ricos é que vivem com esssa safadeza! Santo Antônio, Santo Antonio!

MARGARIDA. – Mas papai já leu a carta?

EURICÃO. – Não! Nem quero ler! Nem quero que você leia! Afaste-se, não toque nessa amaldiçoada!

MARGARIDA. – Então tome.

EURICÃO. – Não tomo!

MARGARIDA. – Leia o senhor mesmo!

EURICÃO. – Não leio!

MARGARIDA. – Não pode ser coisa ruim, papai!

EURICÃO. – Só pode ser coisa ruim, minha filha!

CAROBA. – Mas se for dinheiro emprestado, é só o senhor não emprestar, Seu Euricão!

EURICÃO. – É mesmo! É mesmo, Caroba! Eu nem me lembrei disso, no meu aperreio!

CAROBA. – Leia a carta, Seu Euricão!

MARGARIDA. – É, papai, leia! Que mal faz?

PINHÃO. – Se for dinheiro emprestado...

EURICÃO. – (Jogando a carta no chão) Ai!

MARGARIDA. – (Apanhando-a.) Não é nada demais, está vendo? Olhe, veja o senhor mesmo!

EURICÃO. – Não fala em dinheiro não?

MARGARIDA. – Não.

EURICÃO. – Nem pede para eu avalisar alguma letra?

MARGARIDA. – Não.

EURICÃO. – Você jura?

MARGARIDA. – Juro.

EURICÃO. – Então eu leio. Mas Santo Antônio, veja lá! Não vá ser essa safadeza de me pedir dinheiro emprestado!

MARGARIDA. – Papai, leia a carta pelo amor de Deus!

EURICÃO. – Você acha que eu devo ler?

MARGARIDA. – Acho.

EURICÃO. – Então eu leio. Meu caro Eurico: espéro que esta vá en

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0624, p. 358.

contrá-lo como sempre com os seus, gozando paz e prosperidade! Ai! Margarida!

MARGARIDA. – Que é, papai?

EURICÃO. – Você passou o São João na fazenda de Eudoro Vicente.

MARGARIDA. – É verdade, papai.

EURICÃO. – Você foi dizer, lá, que eu era rico?

MARGARIDA. – Eu? E eu ia dizer uma coisa dessa, meu pai? Nós somos tão pobres!

EURICÃO. – E como é que ele fala em prosperidade, aqui? Isso é dinheiro emprestado, não tem pra onde!

MARGARIDA. – É um modo de falar, papai, todo mundo diz isso nas cartas!

EURICÃO. – É?

MARGARIDA. – É!

EURICÃO. – Então eu leio. Gozando paz e prosperidade. Sobretudo, espero que esteja passando bem sua encantadora filha Margarida, cuja estada em minha casa ainda não consegui esquecer. Ah, isso aí ele tem que reconhecer, minha filha é um patrimônio que possuo. Hei de casá-la com um homem rico e ela há de amparar a velhice do paizinho dela. Eudoro, com todo o dinheiro que tem, não tem uma filha como a minha!

CAROBA. – E o senhor, com toda a filha que tem, não tem uma riqueza como a dele!

EURICÃO. – Como foi?

CAROBA. – Nada!

EURICÃO. – Mando na frente meu criado Pinhão, homem de toda confiança...

PINHÃO. – Obrigado!

EURICÃO. – ... para avisá-lo de minha chegada aí. Aí aonde? Eudoro Vicente pensa que, pelo simples fato de ter hospedado minha filha, eu estou obrigado a hospedá-lo? Ele convidou Margarida porque quis, eu não convidei ninguem!

MARGARIDA. – Mas papai, ele foi tão delicado comigo!

EURICÃO. – Mas eu não o convidei, esse é que é o fato! Eu não convidei ninguém! E o que é isso aqui? O que é isso aqui?

CAROBA. – Que é, Seu Euricão?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0624, p. 359

EURICÃO. — Está vendo? Eu não dizia? Minha filha, você ainda causará minha perdição, minha morte, meu assassinato! Ai a crise, ai a carestia!

MARGARIDA. — Que foi, meu pai?

EURICÃO. — A carta! A carta amaldiçoada! Bem que eu estava com um presentimento ruim!

MARGARIDA. — Mas o que é que tem a carta? Dê cá, deixe eu ver! Onde é?

EURICÃO. — Aí onde diz "de minha chegada aí". Ah carta amaldiçoada! Ai a crise, ai a carestia!

MARGARIDA. — De minha chegada aí, mas quero logo avisá-lo: pretendo privá-lo de seu mais precioso tesouro!

EURICÃO. — Está vendo? Esse ladrão! Esse criminoso! Meteu na cabeça que eu tenho dinheiro escondido e quer roubá-lo. Estão me roubando! Ladrões, só pensam nisso! Mas vou tomar minhas providências! Saiam, saiam imediatamente! Vou trancá-los, entrem aqui imediatamente! Entrem, entrem!

Empurra os quatro num quarto qualquer, que tranca por fora. Tranca também as portas e janelas com barras de madeira e abre pelo meio uma grande porca de madeira, velha e feia, que deve estar em cena, atirada a um canto, como se fosse coisa sem importância. Dentro dela, pacotes de dinheiro. Euricão, enquanto ergue e deixa cair amorosamente os pacotes, vai falando, ora consigo mesmo, ora com Santo Antonio, cuja imagem também deve estar em cena.

EURICÃO. — Ladrões, ladrões! Será que me roubaram? É preciso ver, é preciso vigiar! Vivem de olho no meu dinheiro, Santo Antônio! Dinheiro conseguido durante, dinheiro que juntei com os maiores sacrifícios. Eurico Arábe. Euricão Engole-Cobra! Pois sim! Mas é rico e os que vivem zombando dele não têm a garantia de sua velhice. Ah, está aqui, os ladrões ainda não conseguiram furtar nada. Ah, minha porquinha querida, que seria de mim sem você? Chega dá uma vontade da gente se mijar! Fique aí até outra oportunidade. Se eu pudesse, comia você inteirinha! Ai, mas é impossivel! Se não, desconfiam!

EURICÃO. — Venham! Ra, ra! Então vocês queriam roubar o velho Eu

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 360

rição Arábe, hein? Euricão Engole-Cobra! Pois sim! Mas, se eu não cuido, as cobras é que vão me engolir.

PINHÃO. — É por isso que o povo diz que cobra que não anda não engole sapo.

EURICÃO. — Acabe com esses ditados! Trabalhei com as cobras, é verdade, vendendo meus remédios por todo o sertão. Mas hoje... Vocês pensam que sou rico, não é?

MARGARIDA. — Mas papai, quem vai pensar uma coisa dessas?

EURICÃO. — Vivo cercado de inimigos, de ladrões. E agora, ainda mais esse Eudoro Vicente, querendo roubar o que é meu! Esse ladrão, esse criminoso! Eu não convidei ninguém, ele vem porque quer. E você, Seu Dodó, não diz nada? O senhor ouve essa desgraça, vê que estão querendo me depenar, me explorar, e fica calado?

DODÓ. — O senhor vá ao hotel de Dadá e reserve quarto para o fazendeiro. Quando ele chegar, paga a conta!

EURICÃO. — É mesmo! Dodó Boca-da-Noite! Que talento, que gênio! É a única pessoa que sabe me compreender! Se você não fosse tão pobre e tão feio, minha filha bem que poderia... Eu vou, sua idéia é boa. Mas cuidado, todo cuidado é pouco. Você fica aqui, de olho. Não deixa entrar ninguém. Margarida, minha filha, você jura que fica aqui?

MARGARIDA. — Juro.

EURICÃO. — Jura que não deixa ninguém entrar até aque eu volte?

MARGARIDA. — Juro.

EURICÃO. — Você também jura, Dodó Boca-da-Noite?

DODÓ. — Juro.

EURICÃO. — Você vigia minha filha e ela vigia você! Vou reservar o quarto para Eudoro. E se ele chegar na minha ausência, vão logo esclarecendo tudo. Eu não convidei ninguém e não tenho dinheiro nenhum. E que Santo Antonio me proteja dos ladrões! (Sai.)

MARGARIDA. — Meu amor, o que é que se pode fazer para evitar isso? Espere, tire essa barba horrível, não consigo me convencer de que é você! Estamos perdidos, vão descobrir tudo.

DODÓ. — A que horas meu pai chega, Pinhão?

PINHÃO. — Chega já. Pelo menos foi o que ele disse na carta, mas falar é fôlego.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 361

MARGARIDA – Que terá havido, Dodó, meu amor? Que foi que deu em seu pai derepente? Terá desconfiado de que você está aqui?

DODÓ. – Ele estava zangado, Pinhão?

PINHÃO. – Não, pelo contrário, estava até alegre.

DODÓ. – Falou alguma coisa a meu respeito? A respeito de eu ter ou não ter ido para o Recife estudar?

PINHÃO. – Não. Ele não tem a menor idéia de que o senhor está aqui.

MARGARIDA. – O melhor é a gente confessar tudo, querido. Não aguento mais essa agonia. A todo instante penso que meu pai vai reconhecer você.

DODÓ. – Não está vendo que é impossível, meu bem? Quando seu pai me viu pela última vez, eu era um menino. E com esta corcova, essa roupa, essa barba... Não é possível de jeito nenhum!

MARGARIDA. – Mas o seu? Ele vai chegar e vai reconhecê-lo. Não seria melhor dizer tudo?

DODÓ. – Mas dizer tudo como, meu bem? Não tenho um tostão meu, meu pai é contra a idéia de eu me casar sem estudar, seu pai só deixa você casar com um homem rico... O que é que eu posso fazer contra este inferno?

MARGARIDA. – Talvez se seu pai soubesse que a noiva sou eu, permitisse o casamento e lhe desse terra para você trabalhar. Ele gostou tanto de mim quando estive lá!

DODÓ. – E eu mais ainda, tanto assim que abandonei meu estudo e vim me meter nesse armazém por sua causa.

MARGARIDA. – Mas com a chegada de seu pai, tudo se complica! Ele vai descobrir!

DODÓ. – Talvez você tenha razão, é melhor confessar. Quando ele chegar, descobrimos tudo e ficamos de joelhos diante dos dois, pedindo consentimento para nos casar.

CAROBA. – O senhor quer um conselho?

DODÓ. – Quero, Caroba, estou completamente cego.

CAROBA. – Então não descubra nada!

MARGARIDA. – Por quê? Você fala de um jeito tão misterioso!

CAROBA. – É porque estou maldando um negócio mais misterioso ainda. Vou dizer uma coisa curta e certa aos dois: não descubram a história não, porque o pai do senhor vem é para pedir Dona Margarida em casamento.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0624, p. 362

DODÔ. – O quê? Você está doisa, mulher?

CAROBA. – Estou nada, homem! Seu pai não é viúvo?

DODÔ. – É.

CAROBA. – A senhora não passou um tempo lá?

MARGARIDA. – Passei.

CAROBA. – Ele não simpatizou com a senhora?

MARGARIDA. – Simpatizou.

CAROBA. – Ele não disse, na carta, que vinha roubar o tesouro mais precioso de Seu Euricão?

PINHÃO. – Disse.

CAROBA. – Então o que é que vocês querem mais? É casamento no duro!

DODÔ. – É possível?

CAROBA. – Por que não, Seu Dodô? é proibido casar?

MARGARIDA. – Mas assim, sem um aviso, sem uma proposta!

CAROBA. – Dona Margarida, essas coisas só se usam na primeira vez, na segunda, vai direto! Casamento de viúvo é feito de pressa e sem muita conversa!

MARGARIDA. – Você acha que é possível?

DODÔ. – Ouvi papai falar em casamento mais de uma vez, para sondar minha opinião.

MARGARIDA. – E se for, o que é que a gente faz, meu Deus?

CAROBA. – É deixar as coisas como estão. Se o senhor tiver habilidade, pode ser que seu pai não o reconheça, pelo menos hoje. Quando ele chegar, já é quase noite. Com a corcova, a perna curta, a barbicha e a boca torta, o senhor bem que pode passar por outro. Então a gente vê o que faz, examina tudo, vê se é casamento mesmo e pode então partir daí para resolver tudo.

DODÔ. – Como?

CAROBA. – Eu sei lá, na hora se vê.

MARGARIDA. – (A DODÔ) Você acha que está bem assim?

CAROBA. – Pode ser que não esteja, mas é o jeito.

DODÔ. – Está bem, Caroba, vou seguir seu conselho. E se resolver a contento, eu saberei mostrar minha gratidão.

PINHÃO. – Como?

DODÔ. – Eu descobrirei um modo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 363

PINHÃO. — Seguro morreu de velho.

CAROBA. — O senhor não tem uma terrinha que seu padrinho lhe deu?

DODÓ. — Tenho, mas é uma terrinha pequena, não dá para nada.

CAROBA. — Para o senhor, para mim vale muito. A coisa que eu mais desejo na vida é casar com Pinhão e ter uma terrinha para trabalhar nela com ele. Se a história se resolver e eu conseguir fazer seu casamento, o senhor passa a escritura dessa terra para nós dois?

DODÓ. — Passo.

CAROBA. — Prometido?

DODÓ. — Prometido.

PINHÃO. — Quem vive de promessa é santo.

CAROBA. — Mas aí é pegar ou largar.

PINHÃO. — Pois eu pego! Vou arranjar umas promissórias aí pela rua. O senhor assina uma no valor da terra. Quando passar a escritura, eu devolvo a que o senhor assinou, está bem?

DODÓ. — Está, homem desconfiado!

PINHÃO. — O velho dobrou na esquina.

CAROBA. — Saiam, deixem eu enfrentar Seu Euricão. É preciso preparar o terreno. Cuidado, lá vem ele! Pinhão, fique, preciso de sua ajuda!

DODÓ põe os disfarces e sai atrás de MARGARIDA. Entra EURICÃO.

EURICÃO. — Ladrões, só vejo ladrões! Mas Santo Antônio me protege. Caroba, você sozinha aqui? Que é isso? Onde estão os outros? Onde está Dodó Boca-da-Noite?

CAROBA. — Para falar com franqueza, não prestei atenção. Deve ter saído.

EURICÃO. — Que conversa é essa? Você andou remexendo no que é meu?

CAROBA. — Que interesse eu tinha em remexer nessa troçaria? Só se fosse para ficar com asma, nesse mofo.

EURICÃO. — Deixe ver os bolsos.

CAROBA. — Veja.

EURICÃO. — Sacudo o vestido.

CAROBA. — (Obedecendo.) Está quente hoje, hein,, Seu Euricão?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 364

EURICÃO. – Vire-se de costas.

CAROBA. – Pois não.

EURICÃO. – Deixe de maneios e abra as mãos.

CAROBA. – Aqui estão.

EURICÃO. – Não terá escondido nada embaixo da saia?

CAROBA. – Epa, vá pra lá! Que molecagem é essa?

EURICÃO. – Idiota, eu sou um velho, Minha intenção é outra.

CAROBA. – Sei lá, isso é você quem diz!

PINHÃO. – É melhor você se garantir, Caroba.

CAROBA, que tem se aproximado da porca, coloca a mão descuidadamente em seu dorso.

EURICÃO. – (Aterrado.) Saia daí!

CAROBA. – Que foi?

EURICÃO. – Uma aranha, aí!

CAROBA. – Ai! (Esconde-se atrás da porca, abraçando-se com ela.)

CAROBA. – Ai, tenho horror a aranha!

EURICÃO. – Saia daí!

CAROBA. – O que é?

EURICÃO. – Um lacrau enorme! Saia, saia! Olhe o lacrau, Caroba!

CAROBA. – Ai! Aonde, Seu Euricão?

EURICÃO. – Aí na porca!

PINHÃO. – Aonde, que eu não estou vendo?

EURICÃO. – Desapareceu, deve ter fugido!

CAROBA. – É capaz de estar embaixo da porca.

Abaixa-se e procura cuidadosamente, batendo na porca com os nós dos dedos.

EURICÃO. – Caroba! Olhe a caranguejeira!

CAROBA. – Ai! Esta casa está cheia de bichos, Seu Euricão!

PINHÃO. – Sabe por que é isso, Seu Euricão? São essas velharias que o senhor guarda aqui. Só essa porca já tem mais de duzentos anos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 365

CAROBA. — Por que o senhor não joga isso fora? Outro dia eu e Dona Margarida quisemos fazer uma surpresa ao senhor. A gente ia jogar fora essa porca velha e comprar uma nova para lhe dar.

EURICÃO. — (Arriando numa cadeira.) Ai, ai! Miseráveis, miseráveis, assassinas, bandidas! Logo minha porquinha que herdei de meu avô! Toque nela e quem vai embora é você, está ouvindo, assassina? Sou louco por essa porca! Ai Santo Antônio, querem me roubar, me assassinar, e ainda por cima comprar uma porca nova que deve custar uma fortuna! Ladrões, ladrões! Ai a crise, ai a carestia! Santo Antônio, Santo Antônio!

CAROBA. — Está certo, Seu Euricão, está certo! Diabo duma agonia danada! Deixe a porca de lado, ninguém toca mais nela! Que é que vale uma porca? O negócio agora é evitar a facada que o tal do Eudoro vem lhe dar.

EURICÃO. — A facada?

CAROBA. — E então? O senhor vai ver se não é! Pinhão me contou como ele faz. Chega cheio de delicadezas. A essa hora, já se informou de sua devoção por Santo Antônio. Ele chega e faz que é devoto do mesmo santo. Elogia o senhor, elogia sua filha, pergunta como vão os negócios, todo amável, e vai amolando a faca. (À medida que fala, vai evocando a cena imaginária com gestos significativos e cortantes.)

CAROBA. — Deve ser uma faca enorme, assim desse tamanho. Ele vai atolá-la até o cabo em sua barriga. Agrada o senhor, ajeita, e, quando menos o senhor esperar, xuiu! (Dá a facada com a mão na barriga de Euricão, que cai desfalecido numa cadeira.)

EURICÃO. — Ai! Quanto você calcula que vai ser a facada, Caroba?

CAROBA. — Homem, pelo tamanho da faca, calculo aí nuns vinte contos.

EURICÃO. — Ai! Caroba! Tenha compaixão de um pobre velho.

CAROBA. — Mas é claro que tenho, Seu Euricão! Já pensei em tudo e vou defendê-lo contra esse urubu.

EURICÃO. — Você vai, Caroba? Como?

CAROBA. — O meio é contra-atacar com as mesmas armas. O senhor lhe oferece jantar, dá-lhe vinho, cerveja, e quando ele estiver bem entusiasmado para dar o golpe, o senhor dá nele primeiro.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 366

EURICÃO. — Como?

CAROBA. — Pedindo vinte contos emprestados.

EURICÃO. — Ra, ra! Ra, ra! Ra, ra! Grande idéia, Caroba, idéia genial! Mas como é que se paga o jantar?

PINHÃO. — O senhor tira dos vinte contos!

EURICÃO. — Ladrão, miserável! Já quer gastar meus vinte contos que eu arranquei daquele criminoso com tanto trabalho! Quer me matar de fome, bandida? Quer gastar meu dinheiro?

CAROBA. — Mas Seu Euricão, o dinheiro não é dele?

EURICÃO. — Ai, é mesmo! E se ele não emprestar, Caroba?

CAROBA. — Ah, ele empresta! Vou dar um jeito nisso. O senhor me dá uma comissão?

EURICÃO. — Se você arranjar os vinte contos? Dou.

CAROBA. — Quanto?

EURICÃO. — Eu lhe dou metade daquele jerimum que o cego me deu ontem.

CAROBA. — É pouco! Eu quero é dinheiro, Seu Euricão!

EURICÃO. — Ai, ai! Ainda não tenho os vinte contos e já querem me roubar! Não dou, não dou de jeito nenhum.

CAROBA. — Então, estou fora do negócio.

EURICÃO — Não! Preciso de você, Caroba, não me abandone!

CAROBA. — Então me dê minha comissão.

EURICÃO. — Quanto é que você quer?

CAROBA. — Quinhentos.

EURICÃO. — Dou cinquenta.

CAROBA. — Estou fora!

EURICÃO. — Cem.

CAROBA. — Estou fora!

EURICÃO. — Cento e cinquenta.

CAROBA. — Estou fora!

EURICÃO. — Duzentos.

CAROBA. — Estou fora!

EURICÃO. — E eu também! Estou fora, porque daí não passo de jeito nenhum! Estou fora!

CAROBA. — Então eu entro! Fica pelos duzentos. Vou encomendar o jantar no hotel de Dadá.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0624, p 367

EURICÃO. — E como é que ele vai pagar, se sou eu que encomendo?

CAROBA. — O senhor tira dos vinte contos.

EURICÃO. — E se ele não empresta?

CAROBA. — Ai, pelo menos a gente ganha o jantar.

EURICÃO. — E com que é que se paga o jantar? Com meu dinheiro?

CAROBA. — O jantar não vai ser pago com os vinte contos, Seu Euricão?

EURICÃO. — Ai, é mesmo. Assim, eu quero!

CAROBA. — Então vá, Pinhão. Vá e encomende o jantar que hoje aqui se come de noite e se come bem. Vá, Pinhão.

PINHÃO. — Meu patrão!

CAROBA. — Seu patrão?

PINHÃO. — Sim, chegou. Dona Benona Arábe está recebendo meu patrão aí fora, na calçada, perto do cemitério da igreja.

CAROBA. — Saia por aqui, então. é preciso que ele pense que você está do lado dele. Se não ele desconfia, fica de sobreaviso e não empresta os vinte contos, não é, Seu Euricão?

EURICÃO. — É, Pinhão, meu filho, saia por ali. Nessas coisas, a surpresa é tudo. Vá e volte para nos ajudar, que a luta com esse criminoso vai ser grande.

PINHÃO sai ao mesmo tempo que BENONA entra.

BENONA. — Eurico, Eudoro Vicente está lá fora e quer falar com você.

EURICÃO. — Benona, minha irmã, eu sei que ele está lá fora, mas não quero falar com ele.

BENONA. — Mas Eurico, nós lhe devemos certas atenções.

EURICÃO. — Você, que foi noiva dele. Eu, não!

BENONA. — Isso são coisas passadas.

EURICÃO. — Passadas para você, mas o prejuízo foi meu. Esperava que Eudoro, com todo aquele dinheiro, se tornasse meu cunhado. Era uma boca a menos e um patrimônio a mais. E o peste me traiu. Agora, parece que ouviu dizer que eu tenho um tesouro. E vem louco atrás dele, sedento,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 ip 368.

atacado de verdadeira hidrofobia. Vive farejando ouro como um cachorro da molest'a, como um urubu, atrás d sangue dos outros. Mas ele está muito enganado. Santo Antônio há de proteger minha pobreza e minha devoção.

CAROBA. — Mas enquanto Santo Antônio não se vira, vamos ajudá-l um pouco. Seu Euricão, saia por um momento.

EURICÃO. — Você se encarrega de preparar tudo?

CAROBA. — É claro.

EURICÃO. — Então eu saio. Traga o cachorro, Benona, traga o urubu Se Deus quiser e Santo Antônio me ajudar, o golpe va se virar por cima dele. Eu fico ali, assim que o terr no estiver preparado, me chame. (Sai.)

CAROBA. — Dona Benona, espere um instante. Quero lhe dizer n gócio, em caráter confidencial.

BENONA. — Que é, Caroba?

CAROBA. — Pinhão está desconfiado de que Seu Eudoro vem pedir senhora em casamento.

BENONA. — Caroba!

CAROBA. — É verdade, Dona Benona! A senhora não foi noiva dele?

BENONA. — Fui, mas briguei por uma besteira e ele se casou com o tra.

CAROBA. — Mas o fato é que está viúvo e arrependido! Ele mandd dizer a Seu Euricão que vinha privá-lo de seu tesouro Pinhão acha que só pode ser a senhora.

BENONA. — É possível?

CAROBA. — A senhora mesmo vai ver, daqui a pouco. Mas parece qu ele está meio envergonhado, depois de tanto tempo. É n tural, mas é preciso ajudá-lo.

BENONA. — (Faceira.) Ele está acanhado porque quer, porque eu nu ca o esqueci.

CAROBA. — Foi nada?!

BENONA. — E então?

CAROBA. — Pois eu vou ajudar Seu Eudoro a sair do acanhamento. senhora me deixe só com ele que eu vou me certificar. Se for verdade, pode deixar que eu puxo a conversa n frente de Seu Euricão e a senhora noiva.

BENONÁ. — Ai, Caroba, estou tão confusa! Foi tudo tão de repente E assim, de surpresa, sem me dizer nada! Mas Eudoro se

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 369

pre foi meio doidinho!

CAROBA. — É casamento na certa! A senhora saia e deixe tudo comigo!

BENONA. — Pois está certo. Fique, fale com ele e que Santo Antônio nos proteja.

Entra EUDORO VICENTE, BENONA lança-lhe um olhar provocante e terno.

BENONA. — Eudoro, meu irmão vem já. Com licença malvado! (Sai.)

EUDORO. — Que foi que houve aqui, meu Deus, para Benona me olhar assim? Que coisa esquisita!

CAROBA. — Ah e o senhor ainda não soube de nada não?

EUDORO. — Não, o que foi que houve?

CAROBA. — O que houve, Seu Eudoro, foi que o povo daqui está desconfiado de que o senhor veio noivar.

EUDORO. — E por que estão pensando isso?

CAROBA. — O senhor mandou dizer na carta que ia roubar o tesouro de Seu Euricão e todo mundo está pensando que isso quer dizer "casar com Dona Margarida".

EUDORO. — Pois estão pensando certo, Caroba. Desde que Dodó saiu de casa para estudar, estou me sentindo muito só. Simpatizei com a filha de Euricão e resolvi pedi-la, apesar da diferença de idade.

CAROBA. — O senhor está parecendo meio encabulado de pedir.

EUDORO. — É verdade, Caroba. Não sei como vou começar. Minha idade não permite mais certas coisas que agradam às moças, de modo que...

CAROBA. — Então deixe comigo. Seu Euricão é louco pela filha. Não gosta nem de falar em casamento para ela, com medo de perdê-la. Mas, ao mesmo tempo, quer casá-la, pois considera a moça uma espécie de patrimônio. O senhor agrade o velho, seja delicado, diga que ele vai bem de saúde e de negócios, fale em Santo Antônio, que é a devoção dele, e deixe o resto comigo. Depois que eu puxar o assunto, depois que tudo estiver encaminhado, aí o senhor faz o pedido, está bem?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0624, p 370

EUDORO. — Está ótimo. Caroba. Para animá-la eu... (Remexe no bolso.)

CAROBA. — Nada disso, a única coisa que me interessa nisso é a estima que sempre lhe tive. Mas já que o senhor insiste...

EUDORO. — Pois tome e puxe o assunto. Creio que Euricão não criará dificuldade. Gosta da filha, mas gosta ainda mais de dinheiro e, sabendo que tenho algum... Mas o que é isso?

CAROBA. — Não é uma das velharias de Seu Euricão? Herdou essa porca ainda do tempo do avô e não há quem faça ele jogá-la fora.

EUDORO. — Do tempo do avô, é? Interessante, muito interessante! Gosto muito de antiguidades!

CAROBA. — Então eu vou chamá-lo. Seu Euricão! Seu Euricão! Seu Euricão Engole-Cobra!

EURICÃO. — (Entrando.) Engole-Cobra é a mãe. Bom dia, Eudoro Vicente.

EUDORO. — Bom dia, Eurico Arábe. Santo Antônio o guarde, Santo Antônio o proteja a você e a toda a sua familia.

EURICÃO. — (À parte, a Caroba.) Se não for dinheiro emprestado, eu estufe! Que Santo Antônio também o proteja, Eudoro Vicente.

EUDORO. — Então sempre em saúde e prosperidade, hein?

EURICÃO. — É dinheiro, não tem pra onde! Prosperidade, eu? Você sim, pode dizer que vai bem com todas aquelas fazendas!

EUDORO. — Que é que adianta a terra Eurico? Vem a seca e morre tudo. A felicidade é que tenho amigos e são eles que me valem nas horas de aperto.

EURICÃO. — É dinheiro emprestado, não tem pra onde! Você gosta de contar desgraça, mas é para esconder a fortuna. Eu é que só tenho, para contar, miséria. Os ricos, como você, contam dinheiro, Eudoro, os pobres, como eu, desgraça.

EUDORO. — Que nada, isso é modéstia! E quando à crise, se puder fazer alguma coisa para ajudá-lo...

EURICÃO. — Isso parece promessa, mas é para preparar o pedido. Está faminto, sedento por dinheiro emprestado.

EUDORO. — Que tal lhe parece minha família?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 371

EURICÃO. – Boa.

EUDORO. – E meu caráter?

EURICÃO. – Bom.

EUDORO. – E meus atos?

EURICÃO. – Nem maus nem desonestos.

EUDODO. – Qual é a opinião que você tem de mim?

EURICÃO. – Sempre o considerei um cidadão honrado.

EUDORO. – Pois eu também acho você um cidadão sem defeitos.

EURICÃO. – Se não for dinheiro emprestado, eu me dane! O que é que você quer?

CAROBA. – Seu Euricão, o senhor sabe perfeitamente que Seu Eudoro gostou de uma pessoa de sua família.

EURICÃO. – Sei, mas pensei que isso já tivesse passado.

CAROBA. – Ora passado, agora foi que começou! A simpatia que essa pessoa inspirou a Seu Eudoro só fez aumentar com a separação. Pois bem, Seu Eudoro veio pedi-la em casamento.

EURICÃO. – Está dada, pode se considerar noivo. Mas eu preciso de vinte contos emprestados para fazer a festa do casamento.

EUDORO. – Mas eu ainda não sei se ela aceita!

EURICÃO. – A responsabilidade é minha, pode se considerar noivo! Não está vendo que eu não vou perder uma oportunidade dessa? Você está noivo, Eudoro, e eu preciso de vinte contos, esse é que é o fato.

EUDORO. – Então mande chamar Margarida.

EURICÃO. – Margarida? Pra quê?

CAROBA. – Seu Eudoro quer vê-la depois de tanto tempo, é perfeitamente natural, Seu Euricão. Ele já viu Dona Benona, agora quer ver Dona Margarida!

EURICÃO. – Ah, sim. Mas quero logo lhe dizer, Eudoro, que ela esteve lá foi a convite seu. Eu não convidei ninguém você vai para o hotel de Dadá!

EUDORO. – Está bem, mas posso ver Margarida?

EURICÃO. – Pode, por que não?

EUDORO. – Diziam que você era tão cheio de coisas com ela!

EURICÃO. – Ah, sou. Mas confio em você, por causa de sua idade e porque agora você é noivo. Você promete ir para o hotel?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 372.

EUDORO. — Prometo, homem cuidadoso! Não fica bem eu, noivo hospedado em casa da noiva, não é?

EURICÃO. — Ah, é, nessas coisas eu sou inflexível! Basta dizer que mantenho um guarda, pago com meu dinheiro, só para tomar conta de Margarida. Tem ordem de não deixá-la um só instante.

EUDORO. — Um guarda? Um homem?

EURICÃO. — Sim, mas é tão feio que não há perigo. Margarida tem ódio dele. Mas eu gosto, porque ele é prudente e econômico, chega a me dar lições. Chama-se Dodó.

EUDORO. — Meu filho tem esse mesmo apelido de Dodó!

CAROBA. — Mas seu filho é coxo?

EUDORO. — Você já morou em minha terra e sabe que não.

CAROBA. — É corcunda?

EUDORO. — Não.

CAROBA. — Tem uma barbicha?

EUDORO. — Não.

CAROBA. — Veste sempre preto?

EUDORO. — Não.

CAROBA. — É amarrado?

EUDORO. — Não.

CAROBA. — Tem a boca torta?

EUDORO. — Não.

EURICÃO. — Então não é esse não, porque Dodó Boca-da-Noite tem tudo isso e mais alguma coisa. Vou chamar os dois aqui. Margarida! Dodó Boca-da-Noite!

Entra MARGARIDA

EUDORO. — Oi, você não disse que ela é sempre vigiada?

EURICÃO. — Margarida, você quer me desmoralizar? Sustente o pudor, Margarida! Olhe o recato, Margarida! Onde está Dodó?

MARGARIDA. — Seu Dodó sentiu-se mal e ficou no armazém, papai.

EURICÃO. — Sentiu-se mal o quê? Empregado meu tem lá licença de se sentir mal! Dodó, Dodó! Dodó Boca-da-Noite!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 373

DODÓ entra, exagerando a corcova, o andar e sempre de costas, para não ser reconhecido.

EURICÃO. — Cumpra com sua obrigação, está ouvindo?

DODÓ. — Estou.

EURICÃO. — É um bom servidor, gosto muito dele! Venha cá, conhecer meu amigo, Dodó.

DODÓ. — Ai!

EURICÃO. — Que foi?

MARGARIDA. — Eu não disse que ele estava doente?

DODÓ. — Seu Eurico, um copo dágua, Seu Eurico!

EUDORO. — Tome, moço.

DODÓ. — (Dando-lhe as costas.) Não! Já passou, estou bonzinho!

CAROBA. — Seu Euricão mandou chamar a senhora, Dona Margarida, porque Seu Eudoro Vicente fez o pedido de casamento.

EURICÃO. — E já que ele vai entrar na família, minha filha...

MARGARIDA. — É verdade?

EUDORO. — É, Margarida. Ainda não tive tempo de ir ao hotel, mudar de roupa, mas quero logo pedir uma entrevista a você para conversarmos.

EURICÃO. — Ah não, entrevista não. A entrevista é essa!

EUDORO. — Mas Eurico...

MARGARIDA. — Não precisa nem o senhor falar, meu pai. Prefiro ir para um convento.

EURICÃO. — Está vendo o que é recato. Eudoro? Ai, Margarida, Sustente o pudor, Margarida, sustente o recato! Trata-se de Eudoro, é uma pessoa séria, de mais idade e além do mais vai entrar na família. Mas recato é recato! Entrevista, sozinha, com ninguém!

EUDORO. — Mas Eurico...

MARGARIDA. — Já disse que prefiro ir para um convento. E vá marcar entrevista com gente de sua idade, está ouvindo? E saia daqui com seu casamento! Saia daqui porque eu...

CAROBA põe o dedo nos lábios e faz-lhe sinal para que ela saia. MARGARIDA se interrompe bruscamente e começa a chorar, saindo arrebatadamente da sala, acompanhada sempre pelo fiel DODÓ.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 374.

EUDORO. — Mas Eurico...

CAROBA. — Coitada, foi pegada de surpresa pela noticia, é muito pegada com a família principalmente com Dona Benona, e está com medo de perdê-la.

EURICÃO. — É isso mesmo. Não se ofende, Eudoro, vou acalmá-la. Uma conversa comigo e em dois tempos ela vai ser a primeira a apoiar a idéia. (Sai.)

EUDORO. — A apoiar que idéia? A da entrevista?

CAROBA. — Não, a do casamento.

EUDORO. — Bem que eu não queria fazer isso, assim de repente! Agora a moça está nervosa!

CAROBA. — Isso passa, deixe comigo! Ela faz isso porque está na frente do pai. Mas quando ela falar com o senhor a sós, há de ver que ela quer o casamento.

EUDORO. — Mas o fato é que não vou poder falar com ela a sós.

CAROBA. — Ah, isso não. Vai, e quem vai arranjar a entrevista sou eu.

EUDORO. — Você? Como? Onde?

CAROBA. — Aqui e de noite, depois que o velho estiver dormindo. Ele dorme cedo, de modo que depois do jantar...

EUDORO. — E se alguém acordar?

CAROBA. — É fácil disfarçar. Dona Margarida levanta-se às vezes à noite, para rezar escondido pela mãe.

EUDORO. — Escondido por quê?

CAROBA. — Seu Euricão não gosta disso. A mulher abandonou-o e, depois que ela morreu, ele mandou buscar o corpo e enterrou aí. Mas não gosta nem que se fale dela. De modo que, se Dona Benona acordar, diz-se que foi isso. Dona Benona é a mais perigosa, tem mania de recato. É a conselho dela que Seu Euricão fica tão rigoroso com a filha.

EUDORO. — Benona sempre foi assim, creio mesmo que foi por causa disso que ela... Mas enfim, você arranja a entrevista?

CAROBA. — Arranjo. Depois do jantar, quando todo mundo estiver deitado, eu destranco essa porta. Aí o senhor volta e pode falar com Dona Margarida, aqui.

EUDORO. — Mas será que ela aceita?

CAROBA. — Aceita, a paixão dela pelo senhor é grande, vai vencer de uma vez só o pudor e o recato.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 p. 375

EUDORO. — Está bem, mas cale a boca. O homem vem aí.

Entra EURICÃO

EURICÃO. — A moça se trancou e não houve jeito. É o recato, recato, coitada. Mas você compreende isso, não é?

EUDORO. — É.

EURICÃO. — Então adeus, Eudoro Vicente, não quero retê-lo mais, você deve estar com fome e o hotel...

CAROBA. — Patrão!

EURICÃO. — Hein?

CAROBA. — E o jantar?

EURICÃO. — Cale a boca, miserável!

CAROBA. — O senhor não prometeu um jantar? É para celebrar o noivado.

EUDORO. — Um jantar? Ah, aceito, pois não. Venho jantar e depois vou dormir no hotel.

EURICÃO. — Está bem, está bem. Essa você me paga, Caroba! E a respeito dos vinte contos?

EUDORO. — No jantar nós falaremos.

EURICÃO. — Ótimo, ótimo. Essa parte está ótima.

EUDORO. — Então, até já! E preparem o espírito da noiva! (Sai.)

CAROBA. — Seu Euricão, espero que o senhor não se esqueça de minha comissão.

EURICÃO. — Que comissão?

CAROBA. — A que o senhor prometeu, se eu arranjasse os vinte contos.

EURICÃO. — E quem disse que você me arranjou vinte contos? Aliás, ninguém me arranjou vinte contos. Eudoro Vicente prometeu, mas ainda não arranjou nada, vai arranjar!

CAROBA. — Mas quem planejou tudo fui eu!

EURICÃO. — Mente, velhaca! Você tinha planejado tudo para o jantar e, se eu tivesse esperado, talvez a essa hora estivesse esfaqueado. Quem pressentiu o perigo fui eu, quem pediu o dinheiro fui eu e quem arranjou o dinheiro fui eu! Você não tem direito à comissão de qualidade nenhuma!

CAROBA. — Mas Seu Euricão...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 376

EURICÃO. – Adeus, Caroba, já basta o prejuízo do jantar.

CAROBA. – Mas Seu Euricão...

EURICÃO. – Dê o fora, Caroba.

CAROBA sai de má vontade. EURICÃO vai até a porca e alisa-a carinhosamente.

EURICÃO. – Ai minha porquinha do coração, a luta é grande contra os ladrões. Mas arranjei sempre mais vinte contos para seu buchinho.

Entra EUDORO.

EUDORO. – Eurico...

EURICÃO. – (Dando um salto.) Santo Antônio me proteja! Que negócio é esse de sair da casa dos outros e voltar nos mesmos pés? Você está me vigiando?

EUDORO. – Não, Eurico, desculpe.

EURICÃO. – Você notou alguma coisa?

EUDORO. – Alguma coisa de quê?

EURICÃO. – Você pensa que sou idiota, para dizer? Notou ou não notou?

EUDORO. – Não notei nada!

EURICÃO. – E que veio fazer aqui, entrando de emboscada, como um assasino? Como um ladrão?

EUDORO. – Afinal, o que é isso? Que é que você quer dizer? Voltei porque vim lhe oferecer preço por essa porca que você guarda aí.

EURICÃO. – Preço por minha porca? Ai! Socorro! Ladrão! Pega o ladrão!

EUDORO. – Que é isso, homem?

EURICÃO. – Ai a crise, ai a carestia! Ai Santo Antônio! Veja o que querem fazer comigo!

EUDORO. – Mas afinal de contas...

EURICÃO. – Ai minha porquinha que herdei de meu avô e esse criminoso quer tomar! Ai minha porquinha! (Cai desfalecido numa cadeira.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 p. 372

EUDORO. — Está bem, homem de Deus, se não quer vender, não venda! Precisa essa agonia? Diabo duma esquisitice danada! Vá ser esquisito assim no inferno!

Vai saindo, quando encontra BENONA.

BENONA. — Dodó!

EUDORO. — (Formal.) Minha senhora!

BENONA. — Que minha senhora que nada, malandro! Já soube de tudo e vim lhe dizer que concordo de todo coração! Está tudo esquecido.

EUDORO. — Fico muito contente com isso, Benona.

BENONA. — E eu mais ainda, Dodó. Olhe como estou! Desde que você apareceu que meu coração começou a bater. Você acha que eu devo lhe dar um beijo?

EUDORO. — Mas Benona, você acha que ficaria próprio?

BENONA. — Deixe de preconceitos, homem! Agora estou diferente, a vida me ensinou a ser menos tola! Não quer? Bem, então fica mais tarde. Vou me vestir para o jantar. Mas não deixo você sair sem lhe dar um beliscão no espinhaço de jeito nenhum, quero me lembrar dos velhos tempos. Chegue aqui esse espinhacinho, safado!

EUDORO. — Benona!

BENONA. — Ai meu Deus, quanta timidez, como é lindo isso! Esse Dodó sempre foi doidinho! Não tem isso não, lá vai belisção!

EUDORO. — (Correndo.) Benona! Diabo de povo mais esquisito! Benona! Ai! (Sai correndo, com BENONA atrás.)

EURICÃO. — Ai minha porquinha adorada, ai minha porquinha do coração! Querem roubá-la, querem levar meu sangue, minha carne, meu pão de cada dia, a segurança de minha velhice, a tranquilidade de minhas noites, a depositária de meu amor! Mas parece que Santo Antônio me abandonou por causa da porca. Que santo mais ciumento, é "ou ele ou nada"! É assim? Pois eu fico com a porca. Fui seu devoto a vida inteira: minha mulher me deixou, a porca veio para seu lugar. E nunca nem ela nem você me deram a sensação que a porca dá. Ah, minha bela, ah, minha amada! Aqui você fica muito à vista de todos, todo mundo deseja sua beleza e sua bondade. É melhor levá-la para um

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0624 (p. 378)

lugar escondido. A mala do porão, é lá! Aí você ficará em segurança e eu poderei dormir de novo.

Entra num socavão sob a escada, sobraçando a grande porca de madeira e volta sem ela.

EURICÃO. — Agora, sim. E você, Santo Antônio, deve se contentar agora com minha pobreza e minha devoção. Eu não o esqueci. Não deixe que esses urubus descubram meu dinheiro! Faça isso, meu santo, e a banda de jerimum que eu ia dar a Caroba será sua. Menos as sementes, viu? As sementes eu quero para fazer xarope e vender no armázem. Ganha-se pouco, mas sempre é alguma coisa para se enfrentar a crise e a carestia! (Persigna-se e sai.)

FIM

DO PRIMEIRO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p.379

SEGUNDO ATO

Mesma sala. Entram CAROBA, MARGARIDA e DODÔ.

CAROBA. — Mas que jeito eu podia dar? Ele queria a entrevista, eu estava precisando agradá-lo para ele confiar em mim, o jeito foi marcar!

DODÔ. — Que jeito que nada! O que há é que você se acostumou a agradar meu pai e ficou contra mim!

CAROBA. — Deixe de ser ingrato, Seu Dodô. Eu estou tentando arranjar seu casamento e o senhor vem dizer isso!

MARGARIDA. — É, meu amor, que mal faz? Eu vou, e, se achar um modo de afastar seu pai sem mágoa, afasto.

DODÔ. — E ainda por cima, o perigo que você nos fez correr! Imagine se Margarida não visse o gesto que você fez! Era capaz de deitar tudo a perder.

CAROBA. — Que é que eu podia fazer? Era preciso que seu pai acreditasse que a noiva era ela. Agora, que já está tudo encaminhado, o senhor fica aí dando jeito a tudo. Eu queria ver era na hora, inventar tudo isso de repente, noivar seu pai com Dona Benona, quando ele pensava que era com Dona Margarida, noivar Dona Benona no pedido da Sobrinha, fazer Seu Euricão acreditar que o candidato a genro queria ser cunhado... O senhor acha pouco?

MARGARIDA. — É, meu bem, Caroba fez demais! Por que você não concorda com essa tolice de entrevista?

DODÔ. — Não concordo porque não gosto de ver você metida nisso!

MARGARIDA. — Mas meu bem, trata-se de seu pai!

DODÔ. — Não tenho nada com isso, agora é candidato a se casar com você.

CAROBA. — A entrevista é quem vai resolver tudo, Seu Dodô!

DODÔ. — Resolver tudo o quê? Ela vai é complicar tudo, isso sim! Na hora, papai pode entender a história de repente e a gente está desgraçado. Porque, se Seu Euricão descobrir que papai quer casar é com Margarida, desfaz o noivado de Dona Benona na mesma hora e faz o que meu pai quer!.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 p. 380

Seu Euricão faz qualquer acordo, contanto que não perca o dinheiro de meu pai!

MARGARIDA. – Não, isso também não é direito não, meu bem! Você, zombar da pobreza de meu pai? Ele é pobre mas não vê nada no mundo além de mim!

DODÓ. – (Duvidoso.) Eu sei!

MARGARIDA. – Você é quem parece de repente cheio de dureza para com ele! Você não já sabia como ele era? Por que então esses modos, de repente? Parece é que você quer me deixar de lado e está procurando um pretexto!

DODÓ. – E você? Parece estar ansiosa por essa entrevista! Pois vá! Vá, siga os conselhos de Caroba e, quando estiver de volta, joque fora a aliança que lhe dei. Não quero casar com uma moça que marca entrevista com outro! (Sai, MARGARIDA chora.)

CAROBA. – Não chore não, Dona Margarida. Quando Seu Dodó chegar à conclusão de que tudo está bem, acaba com essa besteira.

MARGARIDA. – Eu sei lá, eu sei lá, Caroba! Que complicação, meu Deus! E essa trapalhada de entrevista... Não vou, Caroba, não vou de jeito nenhum. Afinal de contas, quem marcou a entrevista?

CAROBA. – Eu!

MARGARIDA. – Pois vá você, está ouvindo? Você foi quem marcou, você é quem vai.

CAROBA. – Mas Dona Margarida, eu quero lhe explicar que...

MARGARIDA. – Vai! Vai e não adianta discutir!

CAROBA. – Mas Dona Margarida, eu...

MARGARIDA. – Eu lhe dou um vestido meu e você vai em meu lugar! Você é mais ou menos de meu tipo: com meu vestido, de noite, no escuro, pode passar por mim, perfeitamente!

CAROBA. – Tem que ser um vestido que Seu Eudoro conheça, senão não dá certo!

MARGARIDA. – Eu lhe dou este, antes da hora!

CAROBA. – Sim, Dona Margarida, mas...

MARGARIDA. – Não admito discussão! É isso e é isso mesmo. Prepare-se, porque na hora eu lhe dou o vestido e você vai a entrevista! (Vai saindo.)

CAROBA. – Mas é claro que vou à entrevista, se meu plano todo era esse!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 381

MARGARIDA tem saído. Pinhão, que vem entrando, ouve a frase.

PINHÃO. – Que história é essa, Caroba? É a entrevista que o patrão marcou com Dona Margarida?

CAROBA. – É, eu vou no lugar dela!

PINHÃO. – Eu não quero você com o patrão aqui, de jeito nenhum! Aquilo é um viúvo sonso dos seiscentos diabos!

CAROBA. – Espere lá, Pinhão, você não entendeu nada!

PINHÃO. – Não entendi, nem quero entender, está ouvindo? Você foi ao hotel falar com ele?

CAROBA. – Fui, e então? Precisava esclarecer certas coisas e fui!

PINHÃO. – E por que não me disse que ia?

CAROBA. – Ainda mais essa!

PINHÃO. – Você foi para falar sobre a entrevista?

CAROBA. – Fui!

PINHÃO. – E vai a essa entrevista com ele, de noite?

CAROBA. – Vou!

PINHÃO. – Vai como?

CAROBA. – Vou do jeito que entender!

PINHÃO. – Pois quero lhe dizer logo que é essa entrevista ou eu, está ouvindo? Trate de escolher!

CAROBA. – Já escolhi!

PINHÃO. – Quem ganhou?

CAROBA. – A entrevista! Você quer mandar em mim, é, Pinhão? Que desconfiança é essa, se nunca lhe dei motivo? Vou e é quer você queira, quer não!

PINHÃO. – Pois adeus, Caroba. Quem gosta de dormente é o trem.... (Sai. Caroba chora, mas logo enxuga as lágrimas.)

CAROBA. – Essa é boa, ninguém deixa eu falar e haja todo mundo contra mim!

BENONA. – Caroba, estava precisando falar com você. Que é que você tem?

CAROBA. – Cada um sabe de si e de suas agonias, Dona Benona!

BENONA. – É verdade, Caroba. Eu mesma, tão contente que estava e começo a ficar inquieta.

CAROBA. – Inquieta? Por quê?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 382

BENONA. – É Eudoro, Caroba! Achei Eudoro tão esquisito para uma pessoa que veio reatar um noivado interrompido!

CAROBA. – É o tempo que passou, Dona Benona!

BENONA. – Você acha?

CAROBA. – Não tenha dúvida, ele continua no mesmo entusiasmo! Chegou até a pedir que eu arranjasse uma entrevista dele com a senhora!

BENONA. – Uma entrevista? Quando?

CAROBA. – À noite, quando o povo estiver dormindo.

BENONA. – Eurico vai estranhar.

CAROBA. – Para estranhar, ele vai ter que saber, e Seu Euricão não vai saber de nada.

BENONA. – E se alguém acordar?

CAROBA. – A senhora vem disfarçada. Veste um vestido de Dona Margarida. Se alguém acordar, a senhora faz que é ela, que veio rezar, e ninguém desconfia. De noite, é fácil.

BENONA. – E como é que eu vou arranjar o vestido de Margarida?

CAROBA. – Pode deixar que disso eu me encarrego. Depois do jantar, deixo a porta destrancada e Seu Eudoro vem. Quando tudo estiver preparado, canto como gia, entrego o vestido e a senhora fala com ele.

BENONA. – Foi Eudoro quem pediu isso?

CAROBA. – Foi.

BENONA. – Então eu vou.

CAROBA. – Mas não vá falar com ele sobre isso, antes, não! Alguém pode ouvir e vai tudo dágua abaixo.

BENONA. – Não tenha cuidado, ninguém vai entender nada! Pinhão encomendou o jantar?

CAROBA. – Encomendou, já chegaram alguns dos pratos.

BENONA. – Então vamos ajeitar tudo, porque o noivo chega já.

Saem. PINHÃO e DODÔ entram, vindos de lados opostos, ambos arrependidos.

DODÔ. – Margarida... Pinhão! Que há?

PINHÃO. – Nada, Seu Dodô. Fui eu que peguei uma briga com Caroba e vinha fazer as pazes.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p. 383

DODÓ. — Eu também peguei uma com Margarida e vinha para isso mesmo, Pinhão!

PINHÃO. — Terá sido um negócio de uma entrevista, Seu Dodó?

DODÓ. — Foi, Pinhão.

PINHÃO. — Eu fiquei danado porque Caroba disse que ia no lugar de Dona Margarida.

DODÓ. — Como, se Margarida me disse, aqui, que ia à entrevista?

PINHÃO. — Pois então já vi que seu pai marcou entrevista foi com as duas, Seu Dodó.

DODÓ. — Você o que acha dessa entrevista, Pinhão?

PINHÃO. — Seu Dodó, de sua noiva quem sabe é o senhor, mas a minha, eu não quero que vá de jeito nenhum!

DODÓ. — Aí há alguma coisa, Pinhão. Todas duas deram de repente para querer ir à entrevista. Que será?

PINHÃO. — Eu sei lá, Seu Dodó!

DODÓ. — Não custa nada esclarecer, não é? Vamos fazer o seguinte: quando Caroba abrir a porta, a gente vem antes e se esconde aqui. Assim, assiste-se à entrevista e pode-se saber, afinal de contas, o que é isso. Está certo?

PINHÃO. — Está, Seu Dodó.

DODÓ. — E o jantar? Você arranjou tudo?

PINHÃO. — Arranjei, os pratos começaram a chegar.

DODÓ. — Chegaram uns homens aí fora.

PINHÃO. — São os dois empregados do hotel, certamente vêm com a porca. Arranjei uma porca assada para nós.

DODÓ. — Então, pelo menos, hoje se tira a barriga da miséria! Estou aqui há dois meses, é a segunda vez que vou comer de noite. Vá receber a porca.

PINHÃO. — (Gritando para fora, enquanto sai.) É a porca? Levem lá por trás, nossa alegria hoje é essa porca. É a porca? (Sai. EURICÃO cruza a cena, transtornado.)

EURICÃO. — Ai, a porca! Pega, pega, o ladrão!

Sai no encalço de PINHÃO. Ouvem-se gritos, som de pancadas, imprecações. PINHÃO entra correndo, com EURICÃO atrás ameaçador. EURICÃO vai investir sobre PINHÃO, que puxa uma faca.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 384

EURICÃO. — Pega, pega o ladrão! Assassino, ladrão!

DODÓ. — O que é isso, Seu Eurico? Que é isso, Pinhão? Guarde essa faca imediatamente.

EURICÃO. — Não, deixe ele assim, quero mesmo que a policia veja! Pega, pega o ladrão! Vou denunciá-lo à policia!

PINHÃO. — Por quê?

EURICÃO. — Porque você anda com uma faca.

PINHÃO. — Aqui todo mundo anda!

EURICÃO. — Mas você me ameaçou.

PINHÃO. — Ameacei para não apanhar, Seu Dodó é testemunha.

EURICÃO. — Dodó não é testemunha de coisa nenhuma, que o patrão dele sou eu!

PINHÃO. — Por que o senhor deu em mim?

EURICÃO. — Ainda pergunta? Quer mais?

PINHÃO. — Venha!

EURICÃO. — (Avançando para PINHÃO, que recua.) Que é que você veio fazer em minha casa sem minha ordem?

PINHÃO. — (Mesmo tom, mesmo ritmo, com EURICÃO recuando.) Vim trazer o jantar que o senhor encomendou.

EURICÃO. — (Idem.) E é de sua conta que se coma ou não se coma em minha casa? Você é meu pai?

PINHÃO. — (Idem.) O que eu quero saber, é se é para trazer o jantar ou não.

EURICÃO. — (Idem.) E eu, o que quero saber, é se minha casa se salvará.

PINHÃO. — (Idem.) E eu, o que quero é me salvar com minha porca.

EURICÃO. — Com a porca? Ai, ai, minha porca! Ai minha porca, pelo amor de Deus! Santo Antônio, Santo Antônio! Saiam, saiam daqui imediatamente. Entrem aí que eu vou trancar vocês dois, seus ladrões! Seus criminosos! Entrem já. (Vai trancá-los no porão, mas de repente, aterrorizado, lembra-se de que a porca está lá.)

EURICÃO. — Não, não entra ninguém! Fiquem de costas, todos dois. Tapem os olhos com as mãos. Já! Se tirarem as mãos, denuncio vocês dois ao Delegado como ladrões de cavalo. Fiquem aí. Não se virem. Olhe a denúncia, boto todos dois na cadeia. Você se virou, Dodó?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 385

DODÔ. – Não, Seu Eurico.

EURICÃO. – E você, ladrão?

PINHÃO. – Sou eu, é?

EURICÃO. – Quem mais havia de ser? Você se virou?

PINHÃO. – Eu não!

EURICÃO. – Fiquem como estavam, não se virem.

Entra de novo no quarto e volta rapidamente, aliviado.

EURICÃO. – Está bem, podem se virar. Que foi que houve aqui?

DODÔ. – Nada!

EURICÃO. – Ouvi esse tal de Pinhão gritar.

PINHÃO. – E eu gritei mesmo, Seu Euricão.

EURICÃO. – O que foi que você gritou?

PINHÃO. – Gritei pela porca!

EURICÃO. – Está vendo, ladrão? É um ladrão, um criminoso, um bandido que quer sugar meu sangue. O que é que você quer com minha porca?

PINHÃO. – Quero comer, Seu Euricão!

EURICÃO. – Comer?

PINHÃO. – Sim, comer, a porca que Seu Dadá mandou para o jantar e que chegou agora!

EURICÃO. – A porca? O jantar (Entendendo e disfarçando). Ah, sim, naturalmente, a porca! Assada ou cozida, Pinhão?

PINHÃO. – Eu sei lá!

EURICÃO. – Está bem, o certo é que é preciso cuidado! Todo cuidado é pouco, Santo Antônio, todo cuidado é pouco! E antes que me enganem, é melhor eu me certificar. Saiam. Se não existir essa porca mesmo, vou fazer a denúncia e o Delegado Cabo Rangel prende você como ladrão de cavalo. (Sai.)

PINHÃO, desconfiado, vai até à porta e fica olhando o quarto, pensativo.

PINHÃO. – O senhor entendeu alguma coisa, Seu Dodô?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 p 386

DODÓ. — Isso é um louco! Você não imagina até onde vai a avareza dele. Desde que estou aqui, só se comeu à noite uma vez. E ele exige que a gente pague a refeição, porque acha que mais de uma refeição por dia é luxo!

PINHÃO. — E quem não tem para pagar, como Caroba?

DODÓ. — De quem não paga, ele desconta o preço no ordenado.

PINHÃO. — Aí é que quero saber como! Ela me disse que desde que chegou aqui não recebeu um tostão!

DODÓ. — O golpe dele é esse! Deu o primeiro jantar, cobrou o preço. Caroba não pôde pagar porque não tinha recebido o ordenado. Agora, quando Caroba cobra o ordenado, ele diz que ela primeiro pague o jantar. Como Caroba não tem o dinheiro, não paga. Assim, por conta do jantar que ele dá cada mês, economiza o salário dos empregados.

PINHÃO. — Que ladrão!

DODÓ. — Não é ladrão não, Pinhão, é louco.

PINHÃO. — Seu Dodó, eu só acredito que uma pessoa é doida quando ela começa a rasgar dinheiro. Com fama de doido, Zé Sabido enriqueceu.

DODÓ. — A felicidade nossa é que deixei um rapaz no Recife recebendo a mesada que meu pai me manda e ele remete o dinheiro pelo correio. É assim que vamos passando eu e Caroba. Mas já estou ficando cansado de ter que suportar a loucura desse arábe, esses fingimentos, essas fingimentos, essas mentiras, estes disfarces... Sabe de uma coisa, Pinhão? Não estou mais disposto a suportar isso e vou descobrir tudo!

PINHÃO. — Seu Dodó!

DODÓ tira os disfarces e se endireita. Estram CAROBA e MARGARIDA, conduzindo EUDORO VICENTE.

CAROBA. — Venha por aqui, Seu Eudoro.

PINHÃO acena para CAROBA, mostrando DODÓ sem os disfarces, mas ela não entende e dá-lhe as costas, zangada. DODÓ volta-se para ela, com EUDORO no limiar.

DODÓ. — Margarida...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 387

CAROBA. – Ai! Um ladrão!

DODÓ. – Um ladrão?

EUDORO. – Um ladrão?

CAROBA. – (Agarrando-se com ele.) Um ladrão, Seu Eudoro! Ai, o ladrão! (Empurra EUDORO, saindo de cena com ele.)

DODÓ. – Pega! Pega o ladrão!

PINHÃO. – (Avisando.) Seu Dodó! Seu Dodó!

Sai correndo atrás de DODÓ, este sem o disfarce. PINHÃO e MARGARIDA dão a volta à casa e regressam à cena, cada qual por um lado.

PINHÃO. – Onde estão eles?

MARGARIDA. – Não sei. Ave Maria, Pinhão, veja se pega Dodó e avisa a ele!

PINHÃO. – E a senhora, veja se leva Seu Eudoro para a outra sala!

MARGARIDA. – Está bem, vá por lá que eu vou por cá.

Saem. Aparecem DODÓ e EUDORO, cada um por um lado, com jeito de quem procura. Os dois caminham um para o outro e vão se encontrar, mas na hora exata, cada um vira o rosto para o lado oposto e por um triz não se vêem. Vão ao limiar da cena, tendo se cruzado, e param ambos.

EUDORO. – Escondeu-se! Será que está por aqui?

DODÓ. – Não vi nada, é melhor voltar! (Os dois se voltam, dão-se um encontrão e um grito de susto.)

EUDORO. – Ai, o ladrão!

DODÓ. – Ai! (Eudoro agarra Dodó pelo pescoço, por trás, e este cobre o rosto com as mãos.)

EUDORO. – Caroba! PINHÃO! Agarrei! Peguei o ladrão!

Os dois acorrem, com MARGARIDA. CAROBA imediatamente dá um salto, escancha-se no lombo de EUDORO, e PINHÃO agarra-o. BENONA – que ouviu os gritos e entrou – agarra-se com EUDORO.

PINHÃO. – Ah, ladrão safado!

MARGARIDA. – Ah, bandido! Bote a barba, Dodó!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 388

PINHÃO. — Ladrão da peste!

MARGARIDA. — Ah, ladrão safado!

CAROBA. — (Aos sopapos com Eudoro.) Ladrão, ladrão safado!

BENONA. — Que é isso, Caroba? Que é isso?

EUDORO. — Espere ai, sou eu, Caroba!

CAROBA. — Eu o quê, safado! Roubando a casa do meu patrão! (Dá-lhe umas tapas na cara.)

BENONA. — Caroba, você está doida?

CAROBA. — É o ladrão, Dona Benona! Ah, ladrão safado! (DODÓ põe os disfarces.)

EUDORO. — Caroba! Sou eu, Caroba!

DODÓ. — Esperem, sou eu! Que ladrão, que nada!

PINHÃO. — Era o senhor, Seu Dodó?

CAROBA. — Espere, é o senhor, Seu Eudoro?

EUDORO. — Claro que sou eu criatura! Você está doida? Que confusão é essa?

CAROBA. — É Seu Dodó Boca-da-Noite com essa cara de fantasma, assombrando a gente! Fui entrando, pensei que era um ladrão!

EUDORO. — Pois trate de olhar em quem dá, está ouvindo? Está me achando com cara de ladrão?

BENONA. — Ladrão pode não ser, mas é um atrevidinho, um bandido!

EUDORO. — Eu?

BENONA. — Sim, depois de certas coisas que ouvi, estou considerando você um ladrãozinho bem perigoso.

EUDORO. — Eu, Benona?

BENONA. — Sim, você, atrevido! Seu atrevidinho, seu moleque audacioso!

EUDORO. — Minha senhora...

BENONA. — Minha senhora o quê, malandro! Planeja suas histórias e depois vem com fingimento! Mas eu concordei de todo coração e quero que você saiba que a noiva estará presente.

EUDORO. — (Inocente.) Estará presente onde?

BENONA. — Olhe a inocência dele! Que fingido, que malandro!

EUDORO. — Malandro, eu? Por quê?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p. 389

BENONA. — Ora por quê! Marca suas entrevistas, vem com suas audácias e depois ainda se admira quando a gente o chama de malandro!

EUDORO. — Ai e você sabe?

CAROBA. — Sabe, Seu Eudoro, ela sabe de tudo, mas felizmente fez uma exceção e está inteiramente de acordo, eu consegui convencê-la, não foi, Dona Benona?

BENONA. — Foi, ora se foi!

CAROBA. — Vamos saindo para o jantar?

EUDORO. — Mas tinham me dito que você era tão severa!

BENONA. — Com os outros, com você nunca mais! Quero recuperar...

MARGARIDA. — Pega o ladrão!

PINHÃO. — Pega! Pega o ladrão!

BENONA. — Ai, socorro, Eudoro!! (Abraça-se com ele.) Vocês estão loucos? Quem foi que gritou?

MARGARIDA. — Eu, mas não estava gritando por ladrão nenhum! Estava somente me lembrando de ainda agora! Foi tão engraçado!

CAROBA. — Eu vinha entrando, vi Seu Dodó e de repente gritei "Pega o ladrão!" Foi tão engraçado!

EUDORO permanece de cara enfarruscada diante de todos os outros, que vão desfilando diante dele e repetindo a frase, para desanuviá-lo.

PINHÃO. — Foi! Caroba vinha entrando, viu Seu Dodó e gritou "Pega o ladrão!" Foi tão engraçado!

DODÓ. — Eu vinha entrando, Caroba me viu e gritou "Pega o ladrão!" Foi tão engraçado!

BENONA. — Que coisa! Caroba vinha entrando, avistou Dodó e gritou "Pega o ladrão!" Foi tão engraçado! (Somente então Eudoro ri.)

CAROBA. — "Pega o ladrão!" Foi tão engraçado! Vamos? Ai, meu Deus, eu hoje estufo de tanto rir! (Sai empurrando todo mundo e todo mundo rindo. PINHÃO porém fica pensativo, olhando toda a sala.)

Z DE EURICÃO. — Ai, ai, meu Deus! Pega, pega o ladrão! Estão me roubando!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 p 390

PINHÃO se esconde e EURICÃO entra, aterrorizado.

EURICÃO. – Ai, gritaram "Pega o ladrão!" Quem foi? Onde está? Pega, pega! Santo Antônio, Santo Antônio, que diabo de proteção é essa? Ouvi gritar "Pega o ladrão!" Ai, a porca, ai meu sangue, ai minha vida, ai minha porquinha do coração! Levaram, roubaram! Ai, não, está lá, graças a Deus! Que terá havido, minha Nossa Senhora? Terão desconfiado porque tirei a porca do lugar? Deve ter sido isso, desconfiaram e começaram a rondar para furtá-la! É melhor deixá-la aqui mesmo, à vista de todos, assim ninguém lhe dará importância! Ou não? Que é que eu faço, Santo Antônio? Deixo a porca lá, ou trago-a para aqui, sob sua proteção? Desde que ela saiu daqui que começaram as ameaças! É melhor trazê-la. Com a capa, porque alguém pode aparecer. Santo Antônio, faça com que não apareça ninguém! Não deixe ninguém entrar aqui. Vou buscar minha porquinha, mas não quero ninguém aqui.

Entra no socavão e volta com a porca. EUDORO VICENTE entra e EURICÃO imediatamente cobre a porca com a capa, que colocou nos ombros para a eventualidade.

EURICÃO. – Santo Antônio, que safadeza é essa? Isso é coisa que se faça?

EUDORO se aproxima de EURICÃO e começa a olhá-lo, examinando-o com um misto de curiosidade, desgosto e compaixão. Chega mesmo a tocar na roupa de EURICÃO, para inspecioná-la. EURICÃO, desconfiado, vai se afastando dele, aos arrancões, mas sem querer sair para não despertar suspeitas.

EUDORO. – Euricão, não repare eu dizer isso, mas você podia ter se vestido melhor para o jantar.

EURICÃO – A aparência depende da fortuna e a fortuna depende do que se tem. Eu não tenho nada. Os ricos, como você é que têm essas obrigações. Os pobres, como eu, não!

EUDORO. – Nada, não há quem me convença de que você é tão pobre ' como vive dizendo! Vá ver que com essa cara e com essa modéstia, tem, no mínimo, uma botija escondida.

EURICÃO. – Ai!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 391

EUDORO. – Que é?

EURICÃO. – Ora o que é? Você vem com suas insinuações e depois se admira!

EUDORO. – Mas foi uma brincadeira, Eurico!

EURICÃO. – Não gosto dessa qualidade de brincadeira!

EUDORO. – Está bem, desculpe. Afinal de contas, eu vou entrar na família e posso me permitir certas intimidades!

EURICÃO. – Por falar nisso, você pode me emprestar logo os vinte contos de que lhe falei! Preciso deles para fazer a festa, porque sozinho não vou poder enfrentar essa despesa!

EUDORO. – Está bem, no jantar, trataremos disso.

EURICÃO. – No jantar, não! No jantar a gente começa a comer, a beber, o coração afraca, a vontade se abranda, o tempo vai passando, daqui a pouco a oportunidade tem passado! Você quer casar ou não quer?

EUDORO. – Quero!

EURICÃO. – Com festa ou sem festa?

EUDORO. – Bem, alguns amigos daqui, a gente tem de convidar!

EURICÃO. – Então passe os vinte contos. Agora! Já!

EUDORO. – E quem lhe disse que eu tenho os vinte contos aqui?

EURICÃO. – Você pode me dar um vale e eu vou receber o dinheiro no armazem que compra seu algodão!

EUDORO. – Mas Eurico...

EURICÃO. – Tem papel e caneta aí! Faça o vale!

EUDORO. – Eu... Está bem, vou fazer. Está aí.

EURICÃO. – Obrigado, obrigado, obrigado! Agora sinto-me seguro! Grande coisa é o dinheiro!

EUDORO. – É verdade. Que é isso?

EURICÃO. – Isso o quê?

EUDORO. – Você está com alguma coisa embaixo da capa?

EURICÃO. – Saia daí!

EUDORO. – Meu Deus, que homem mais esquísito!

EURICÃO. – Você não tem nada que me cutucar, atrás do que eu carrego!

EUDORO. – E eu sabia lá que era segredo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 392

EURICÃO. – Segredo o quê? Quem vive escondendo o que tem são os ricos, como você. O que eu trago aqui é somente uma cervejinha para o jantar.

EUDORO. – Ah, Eurico, que delicadeza a sua! Uma cervejinha agora, depois dessa caminhada! Está gelada?

EURICÃO. – Ai! Vá pra lá!

EUDORO. – Que é isso, homem? Quero somente ver a cerveja!

EURICÃO. – Vá pra lá, vá pra lá, pelo amor de Deus! Tenho horror a mostrar a cerveja que vou beber!

EUDORO. – Por que, homem de Deus?

EURICÃO. – Porque não gosto, pronto! É uma esquisitice minha! Não gosto de mostrar cerveja! É proibido ter esquisitice, é?

EUDORO. – Não!

EURICÃO. – Então, pronto, vá esperar o jantar na sala!

EUDORO. – Está bem. Que homem mais esquisito, minha Nossa Senhora! (Sai.)

EURICÃO. – Foi-se, com todos os diabos! Pronto, a porca fica aqui, agora! Aqui, Santo Antônio, servindo de suporte à sua imagem. Fica sob sua proteção, meu santo, estou arrependido de tudo o que disse! Ai, meu Deus o santo ou a porca? Os dois! Não há necessidade de escolher, fico com os dois! Ouvi dizer que você. Santo Antônio, era cabo do exército brasileiro: fique aí como cabo-de-dia, guardando o que é meu. Vou lhe confiar o que não confiaria mais nem a minha mãe. Mas veja como corresponde a esta confiança! Está aí, confiei em você: retribua agora essa confiança, dando-me toda a sua proteção. (Sai PINHÃO sai do esconderijo.)

PINHÃO. – Ah, Santo Antônio, não dê mais proteção a ele do que a mim! O que é que há aqui? É essa porca que ele defende com tanta raiva? Por que esse cuidado todo? Quero apurar tudo isso direitinho, Santo Antônio, porque essa peste não pode ter esse amor todo por uma porca só porque ela pertenceu ao avô dele! Esclareça tudo, Santo Antônio! Esclareça que eu... (Vendo Euricão, que se aproxima cuidadosamente)... Se o senhor me esclarecer... Ai, esclareça, meu Santo Antônio, esclareça um pobre pecador, um órfão que não tem ninguém por ele! Quero apro

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 393

veitar e rezar pela segurança e pela salvação de todas as pessoas que me protegem e protegem Caroba! Seu Eudoro Vicente, aquele santo, Seu Euricão Arábe, aquele outro santo, a irmã de Seu Euricão, aquela santa, a filha de Seu Euricão, aquela santinha...

EURICÃO. – Pra fora! Pra fora daqui, conversador! Que devoção foi essa que lhe deu de repente? Você pensa que me engana, mas eu sei quem você é! E agora você me paga! (Agarra-o pelo pescoço.)

PINHÃO. – Mas afinal, que diabo é isso? A todo instante é pancada, esbreque, bofete, o diabo! Que é que diabo o senhor tem?

EURICÃO. – O que é que tenho, é? E o que é que você tem com isso, seu ladrão?

PINHÃO. – Mas ladrão por quê? O que foi que eu roubei?

EURICÃO. – Bote já aí, ponha já aí!

PINHÃO. – O senhor pensa que eu sou alguma galinha? O que é que eu posso botar, o que é que eu posso pôr, o que é que o senhor quer?

EURICÃO. – (Irônico.) Você não sabe!

PINHÃO. – Como é que eu posso saber, se não tirei nada?

EURICÃO. – Você não tirou porque não pôde. Mas tenho certeza de que você tem. Que é isso? Está com as mãos para trás? Mostre a mão direita!

PINHÃO. – Veja.

EURICÃO. – Agora, a esquerda.

PINHÃO. – Veja.

EURICÃO. – Mostrou a primeira?

PINHÃO. – Mostrei.

EURICÃO. – E a segunda?

PINHÃO. – Mostrei.

EURICÃO. – Mostre a terceira.

PINHÃO. – O senhor está é doido!

EURICÃO. – Estou mesmo, porque o que eu devia era ter lhe dado um tiro! E é o que hei de fazer se você não confessar!

PINHÃO. – Mas confessar o quê?

EURICÃO. – Que foi que você tirou daqui?

PINHÃO. – Santo Antônio me cegue se eu tirei alguma coisa!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 394

mais achador! É isso, Santo Antônio é achador e está a judando a achar minha porca! Eu devia ter me pegado era com um santo perdedor! Agora não deixo mais meu dinheiro aqui de jeito nenhum. O cemitério da igreja! É aqui perto e é lugar seguro. Entre o túmulo de minha mulher e e o muro, há um socavão: é lá que guardarei meu tesouro. Prefiro a companhia dos mortos à dos vivos, e ali minha porca ficará em segurança. Com medo dos mortos, os vivos não irão lá e os mortos, ah, os mortos não desejam mais nada, não têm mais nenhum sonho a realizar, nenhuma desgraça a remediar. Ao cemitério! Escondo a porca no socavão e à noite, quando todos estiverem dormindo, cavo a terra e hei de enterrá-la o mais fundo quepuder. E você, Santo Antônio, fique-se aí com sua proteção e seu poder de encontrar. Lá, meu ouro, meu sangue, estará em segurança: o mundo dos mortos é mais tranquilo, e, digam o que disserem os idiotas, lá é o lugar em que se perde tudo e não se acha nada!

Pega a porca, coloca-a sob a capa e quando vai saindo, encontra CAROBA que vem entrando. EURICÃO imediatamente volta-se de costas.

EURICÃO. – Não é possível, assim também é demais, meu Deus!

CAROBA. – Ah, está aí, hein, Seu Euricão? Procurei-o por toda parte. O jantar demorou, mas agora vai sair. O senhor deve estar com fome, hein? Coitado, chega está de barriga vazia! (Bate com a mão na barriga dele, que vai se livrando para evitar que ela descubra a porca.)

EURICÃO. – Isso é que é um azar da peste!

CAROBA. – Mas não se incomode não, essa barriga hoje se enche, mais ainda!

EURICÃO. – Ai! Vá pra lá! Diabo de mulher enxerida!

CAROBA. – Que é isso, Seu Euricão? Parece até que o senhor andou engolindo cobra!

EURICÃO. – Engole-Cobra é a mãe! Vá pra lá!

CAROBA. – Calma, calma! Que é que há por aqui? De capa, todo misterioso, antes do jantar? Para onde é que se bota?

EURICÃO. – Para a casa da mãe!

CAROBA. – Ra, ra! Que é que o senhor está escondendo aí nesse bucho?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 395

EURICÃO. — Ai, ai, ladrona, assassina! Ai! (Sai na carreira.)

CAROBA. — Está doido, o diabo do velho! (PINHÃO sai do quarto.)

PINHÃO. — Doido, é? E você que intimidade com ele é essa? Estava disposto a lhe pedir desculpas, mas agora mantenho o que disse. Que diabo de intimidade com o velho é essa?

CAROBA. — Mas Pinhão, um velho daquele!

PINHÃO. — É! É um velho mas não gosto de mulher que bate no bucho dos outros não! Boa romaria faz quem em sua casa fica em paz!

CAROBA. — Não me venha com ditado, agora!

PINHÃO. — É, não me venha com ditado, mas seguro morreu de velho e desconfiado ainda está vivo. Vivo e de testa limpa!

CAROBA — Você quer saber do que mais, Pinhão? Vá se danar! Eu comecei a lhe dar muito valor, você ficou convencido demais. Dê o fora! Eu também ia lhe explicar tudo sobre a entrevista, mas se você vem com essa desconfiança de minuto em minuto, pode se danar! Dou-lhe somente uma explicação: brinco com o velho Euricão porque gosto dele, está ouvindo? Com toda a avareza, com toda a ruindade e as manias, é um dos homens mais sofredores que conheço. Nada na vida dele deu certo, casou-se, a mulher o deixou e toda a esperança dele agora é essa filha que nós lhe vamos tirar. Por isso e muitas coisas mais, tenho pena do velho Euricão, de quem ninguém gosta! Queria lhe dizer isso. Mas não para me justificar, pode ir para o inferno, com sua mania de mandar e sua desconfiança!

PINHÃO. — Mas Caroba...

CAROBA. — Vá se danar, Pinhão.

PINHÃO. — Está bem, depois não se arrependa. Você não sabe o que está perdendo, principalmente agora.

CAROBA. — Por que principalmente agora?

PINHÃO. — Por causa de tudo o que eu agora sei, dos lugares, dos planos, dos senhos e dos desejos desse velho com quem você está estragando sua compaixão.

CAROBA. — Que é que você quer dizer?

PINHÃO. — Nada.

CAROBA. — Que é que você sabe?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 396

PINHÃO. – Nada.

CAROBA. – Ai, Pinhão, me diga!

PINHÃO. – Não posso, estou sem tempo e sem vontade.

CAROBA. – O que é que você vai fazer, Pinhão?

PINHÃO. – Vou me danar, Caroba. Adeus! (Sai CAROBA.) Pois sim! Disse o velho que o sangue dele está em segurança e o mundo dos mortos é um mundo tranquilo! Mas não há sangue que não se possa derramar e há mortos que ressuscitam! Ao cemitério! Desta vez eu enriqueço, nem que seja às custas de minha caveira! (Sai.)

FIM

DO SEGUNDO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 397

TERCEIRO ATO

Mesma sala. Entram CAROBA e MARGARIDA. CAROBA aponta a MARGARIDA um lugar qualquer onde ela deve se esconder. MARGARIDA assente com a cabeça e se esconde. Então CAROBA joga um pacote que deverá conter o vestido, de que depois ela virá a precisar, atrás de um móvel qualquer. Um barulho de fim de jantar e vozes que se aproximam. CAROBA se esconde no mesmo lugar com MARGARIDA. Entram EURICÃO, BENONA e EUDORO.

EURICÃO. – Meu caro Eudoro, espero que o jantar lhe tenha agradado.

EUDORO. – Muito, Eurico, muito. Se não fosse pelo jantar, a companhia...

BENONA. – Sempre delicado!

EURICÃO. – Infelizmente tenho que me recolher. Não tome isso como uma desatenção, é um velho hábito.

EUDORO. – Desatenção nenhuma, Eurico, eu também durmo cedo. E, mesmo, Benona está aqui.

EURICÃO. – Ah, é assim, hein? Você tem razão, ela fará as honras da casa muito melhor do que eu. Mas vocês não demorem muito tempo aqui.

BENONA. – Não seja tão severo, Eurico.

EURICÃO. – Todo cuidado é pouco, todo cuidado é pouco!

EUDORO. – Mas sendo eu noivo...

EURICÃO. – Mesmo assim, Eudoro, mesmo assim! Até amanhã! Eurição Arábe dorme hoje tranquilo, finalmente livre da tirania desse santo sem confiança, que ia causando minha perdição.

BENONA. – Não diga isso, meu irmão!

EURICÃO. – Digo, minha irmã, digo porque é verdade! Eu vou esperá-la, venha arrumar meus lençóis, como sempre fez desde que minha mulher... desde que comecei a precisar de Santo Antônio. Não demore muito, eu a chamarei. Boa noite, Eudoro.

EUDORO. – Boa noite, Eurico. (Sai EURICÃO.)

EUDORO. – O que foi que ele quis dizer? Quando disse que começou a precisar de Santo Antônio?

BENONA. – Foi quando a mulher dele nos deixou. Você ainda se lembra dela?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 398

EUDORO. — Quando comecei a frequentar sua casa ela já tinha fugido.

BENONA. — É verdade, foi no começo do nosso namoro.

EUDORO. — Para que falar mais nisso? Você mesma não disse que tudo estava enterrado?

BENONA. — É verdade, mas com o que aconteceu hoje...

EUDORO. — Muitas voltas o mundo dá!

BENONA. — Mas é por isso mesmo que não me incomodo de tocar nessas coisas. Em outras circunstâncias, era um assunto muito doloroso para mim. Mas agora...

EUDORO. — É, talvez você tenha razão. É melhor do que ficar com essa história pendendo eternamente entre nós. Se as circunstâncias tivessem sido outras...

BENONA. — Reconheço que a maior parte da culpa foi minha. Mas eu era tão moça, tão sem conhecimento das coisas, Eudoro! Você se lembra da noite que passei em sua fazenda com Eurico?

EUDORO. — Como havia de não me lembrar? Foi desde aquele dia que você me deixou. Por que foi aquilo, Benona? Eu nunca pude me conformar com aquele silêncio, de repente, sem uma explicação!

BENONA. — Eu era muito moça, Eudoro. Eurico não me deixava sair para lugar nenhum, eu não conhecia o mundo, não conheci a você direito, nada! Bem, naquela noite em sua casa... Você sabe o que foi, fiquei com medo de você.

EUDORO. — Mas Benona, foi só por causa daquilo? E você, por tão pouco, estragar nosso casamento! Se eu soubesse, teria vindo e falado de tal maneira, que você me perdoaria e teria talvez casado comigo.

BENONA. — Ah, Eudoro, é verdade?

EUDORO. — E você não me dar uma explicação, me deixar no engano de que era algum empecilho de sua parte, mesmo!

VOZ DE EURICÃO. — Benona!

BENONA. — É Eurico, tenho que ir. Até mais tarde, Eudoro.

EUDORO. — Até amanhã, Benona.

BENONA. — Até amanhã? É verdade, você tem razão, é mais prudente dizer assim.

VOZ DE EURICÃO. — Benona! Benona!

BENONA. — Já vou! Até amanhã, então, fingido! (Sai.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 399

CAROBA sai do esconderijo, pelas costas de EUDORO, e fala de uma porta, como se tivesse entrado por ela.

CAROBA. — Seu Eudoro!

EUDORO. — Caroba! Eu já vou! Está combinado? Margarida sabe de tudo?

CAROBA. — Sabe e está de acordo.

DE EURICÃO. — Caroba, tranque as portas, a rua está cheia de ladrões!

CAROBA. — Está certo, Seu Euricão, vou trancar tudo. Vou trancar as portas e depois destrancar uma, é por essa que o senhor volta.

EUDORO. — Você esperará também?

CAROBA. — Eu? Por que eu? Quem vai esperá-lo é gente muito melhor do que eu. Por aqui, Seu Eudoro. Volte e não tenha cuidado, que tudo vai dar mais certo do que o senhor imagina!

Sai EUDORO, MARGARIDA sai do esconderijo.

MARGARIDA. — Por que você não aproveitou a deixa da desistência, mulher?

CAROBA. — Mas logo agora que tudo vai dar certo?

MARGARIDA. — Não suporto mais essas agonias de jeito nenhum. Que jantar mais angustiado! De vez em quando Tia Benona dizia uma frase perigosa, papai outra... Eu via a hora de se descobrir tudo. Será que esta história vai dar certo, Caroba?

CAROBA. — O casamento de Seu Eudoro com Dona Benona dando, o resto vem na esteira, o seu com Seu Dodó, e até o meu com o moleque do Pinhão.

MARGARIDA. — Você gosta muito dele, não, Caroba?

CAROBA. — Gosto, Dona Margarida! Agora, porque, não sei, porque aquilo é safado que fede! Mas hoje ele vai me pagar o novo e o velho. A senhora trouxe o vestido?

MARGARIDA. — Trouxe, tome. Tome e assuma a responsabilidade. Se essa confusão toda acabar meu casamento, você me paga! Eu me vingo de você!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 400

CAROBA. - Danou-se, Dona Margarida!

MARGARIDA.- Depois não diga que não avisei, está ouvindo? Passe bem, Caroba. Espero que tudo dê certo, tanto no meu interesse como no seu.

CAROBA. - Espere, Dona Margarida! É melhor eu trancá-la. Não tenho confiança em homem nenhum nesse mundo e muito menos em Seu Eudoro. A senhora não viu o que ia acontecendo com Dona Benona? Entre que eu trancarei a porta.

Margarida.- Está bem.

Entra no quarto e CAROBA tranca a porta, guardando a chave.

CAROBA. - O negócio começa a caminhar. Mas, meu Deus, a confusão vai ser a maior do mundo. O vestido, aqui. (Esconde o vestido que recebeu de Margarida.) Falta alguma coisa, meu Deus? ah, sim, a vítima! Dona Benona! Crote, crote, crote, Dona Benona!

Entra BENONA.

BENONA. - Caroba! Ouviu o sinal! Então?

CAROBA. - Está tudo combinado. E Seu Euricão?

BENONA. - Dormindo como uma pedra.

CAROBA. - Dona Margarida também já se deitou.

BENONA. - Você conseguiu o vestido dela?

CAROBA. - Ainda não, estava esperando exatamente que todo mundo adormecesse.

BENONA. - Qual foi a combinação com Eudoro?

CAROBA. - A senhora fica em seu quarto. Eu vou escutar na porta de Seu Euricão, depois na de Dona Margarida. Se eles estiverem agarrados no sono, eu tiro o vestido de Dona Margarida e vou entregá-lo à senhora. Aí destranco a porta de entrada e fico esperando Seu Eudoro. Quando ele vier, canto como gia, chamo a senhora e desapareço.

BENONA. - Mas não desapareça para muito longe não, está ouvindo, Caroba?

CAROBA. - Estou, Dona Benona, eu fico por perto. Se precisar, gri

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 401

te, que eu venho. Entre, se embeleze, trate Seu Eudoro com carinho e deixe o resto que eu garanto.

BENONA. - Então eu vou. E que Santo Antônio nos proteja, Caroba!

CAROBA. - Amém, Dona Benona.

Sai BENONA.

CAROBA. - Amém, Dona Benona, porque precisadas andamos disso. O que eu não sei é se o Santo Antônio vai querer se meter numa história dessa!

Entra atrás de algum móvel, ou biombo, e veste o vestido de MARGARIDA, se possível por cima do seu, para tornar possíveis mudanças rápidas. Ela abaixa as luzes, ajeita o cabelo, tudo isso enquanto vai falando e mudando a roupa.

CAROBA. - Será que vai, meu Santo? Acho que vai dar bem. Com a luz assim, com o cabelo ajeitado, estou uma Dona Margarida bem apreciável. E agora, meu Deus? (Destranca a porta e escuta no quarto do velho.) Até já, Santo Antônio, e veja lá o que pode fazer por nós. Não estou metendo o senhor em molecagem não! Assim que Seu Eudoro entrar no quarto de Dona Benona, eu dou o alarma e ele se compromete, a simples entrada no quarto basta. De modo que leve isso em conta e trate de me ajudar. (Sai)

Entra PINHÃO, com um grande saco de estopa, velho e sujo, no qual carrega a porca.

PINHÃO. - O lírio, ô lírio, ô lírio,
ô lírio como é?
Bom almoço, boa janta,
boa roseira eu quero o galho,
do craveiro eu quero o pé.

Agora, é assim, Santo Antônio, meu velho, "bom almoço, boa janta, boa ceia e bom café". Mas ali onde diz "da roseira eu quero o galho, do craveiro eu quero o pé", agora é assim: "da porquinha eu quero as tripas, quero pá, cabeça e pé". Sou o homem mais rico do mundo, Santo Antônio, trate de me agradar de hoje em diante. Não há

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p.402

como um dia atrás do outro e uma noite no meio. O velho Engole-Cobra, de tanto engolir cobra, terminou achando uma que o engolisse. Ra, ra! Plantou o roçadinho dele, mas quem arrancou o milho foi Pinhão.

VOZ DO DODÔ.- (Fora.) Pinhão, é você?

PINHÃO. - (Trancando rapidamente a porta.) Calma lá, Seu Dodô! Deve ser Seu Dodô! Seu Dodô o quê? Deve ser Dodô, Dodó Boca-da-Noite! Agora é assim! Espere lá, Dodó Boca-da-Noite! É melhor guardar o saco! (Beija a porca e esconde-a no socavão.)

DODÔ. - (Fora.) Pinhão!

PINHÃO. - Já vou, já vou, Dodô! Por causa de pressa, morreu zé apressado. Você não perde por esperar. (Destranca a porta. Entra DODÔ.)

DODÔ. - Então?

PINHÃO. - Então o quê?

DODÔ. - Vai tudo bem, Pinhão?

PINHÃO. - Vai tudo ótimo, Dodô.

DODÔ. - Margarida apareceu?

PINHÃO. - Ai e ela agora deu para aparecer, feito alma, foi?

DODÔ. - Deixe de brincadeira, viu? Cadê Margarida? Onde está Caroba?

PINHÃO. - Eu vou lá perder meu tempo com o que essas mulheres andam fazendo!

DODÔ. - O que é que você está dizendo, Pinhão?

PINHÃO. - Isso que você está ouvindo, Dodô!

DODÔ. - Você bebeu?

PINHÃO. - Não, mas comi!

DODÔ. - Comeu o quê?

PINHÃO. - Porca!

DODÔ. - Deve ter lhe feito mal, Pinhão!

PINHÃO. - Pelo contrário, fez um bem danado, Dodô!

DODÔ. - Você pode me dizer o que foi que meteu na cabeça?

PINHÃO. - E você pode me dizer o que é que tem a ver com isso?

DODÔ. - Você vai.. Chi, ouvi um barulho! Esconda-se, é o velho! (Tranca a porta de entrada.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 403

Entra EURICÃO, de camisão, com um candeeiro e uma pá.

EURICÃO. — Ai, terá sido pesadelo? Acordei com os fantasmas puxando meu pé, meu santo! Mas é preciso ir de qualquer modo, tenho que enterra a porca. (Sai.)

Voltam DODÕ e PINHÃO

DODÕ. — Entendeu alguma coisa?

PINHÃO. — Eu não lhe disse que esse velho era maluco?

DODÕ. — Sair a essas horas, de camisão, para o cemitério, atrás de uma porca! Que diabo de porca será essa?

PINHAO. — Alguma porca que fugiu daí do quintal.

DODÕ. — E o velho Euricão tem lá nada para fugir, homem?

PINHÃO. — Então é capaz dele estar dormindo ainda. Além de todas as qualidades ruins que possui, esse peste ainda deve ser sonâmbulo!

DODÕ. — Pinhão, sinceramente, estou certo de que você tem alguma coisa! Você está doente!

PINHÃO. — Agora sou eu quem digo: Cuidado! Vem gente aí e parece que é sua noiva. Ou melhor, sua madrasta. Candidata a madrasta, noiva de seu pai!

DODÕ. — Esconda-se, idiota! (Escondem-se.)

Entra CAROBA, vestida de MARGARIDA.

CAROBA. — Tudo pronto. Agora, só falta o noivo.

DODÕ. — O noivo está aqui.

CAROBA. — Seu Eudoro?

DODÕ. — Não, sou eu, Margarida! Sou eu, que vim me certificar de sua traição!

CAROBA. — (Trancando a porta.) Mas Seu Dodõ...

DODÕ. — Não me chame assim, pelo amor de Deus!

CAROBA. - O senhor não sabe de nada e veio foi atrapalhar tudo!

DODÕ. - Tudo está esclarecido.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 404

VOZ DE EUDORO. – (Fora.) Margarida!

CAROBA. – Meu Deus, é seu pai. Que é que eu faço agora, meu Deus? Com esta eu não contava! Entre aqui neste quarto, é o jeito.

DODÔ. – Nunca! Vou ficar e contar tudo a meu pai!

CAROBA. – Homem, quer saber do que mais? Entre e não converse mais não! (Empurra DODÔ no quarto de MARGARIDA e tranca a porta. Enquanto fala, tira o vestido de MARGARIDA.)

CAROBA. – Santo Antônio, o senhor vai me desculpar, mas foi um imprevisto! No quarto da Dona Benona é que eu não podia empurrá-lo. Mas eu destranco já a porta!

VOZ DE EUDORO. – Margarida!

CAROBA. – Já vou, espere um pouco! Diabo de homem mais apressado! (Bate no quarto de BENONA, cantando como o galo.)

CAROBA. – Tia Benona! Tia Benona! Crote, crote, Tia Benona!

BENONA. – (Saindo.) Ave Maria, estive em tempo de me acabar de medo!

CAROBA. – Não perca tempo, que o homem está aí!

BENONA. – Meu Deus!

CAROBA. – Tome o vestido! Me dê o seu! Logo, mulher!

VOZ DE EUDORO. – Margarida!

CAROBA. – Já vou! Isto, agora, fique aí e espere. Me dê a chave do quarto.

BENONA. – Pra quê?

CAROBA. – Não discuta mais, mulher de Deus! Vou abrir!

BENONA. – Está bem, mas não saia daí! (Entra no quarto e CAROBA tranca-a, vestindo rapidamente o vestido dela.)

CAROBA. – Nossa Senhora, eu hoje estufo de tanto mudar vestido!

VOZ DE EUDORO. – (Impaciente.) Como é, Margarida?

CAROBA. – Espere, homem, espere! (Destranca a porta, com o vestido de BENONA.)

EUDORO. – Eu... Benona, é você?

CAROBA. – (Imitando a voz e os gestos de BENONA.) Sou, Eudoro.

EUDORO – Margarida..

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0624, p. 405

CAROBA. – Margarida está dormindo. Dorme o sono profundo de sua juventude. Eudoro. E eu vim esperá-lo, como fiz tantas vezes, no tempo em que ainda nos amávamos!

EUDORO. – Mas Benona, isso não fica bem!

CAROBA. – Não fica bem, por quê? Você está esquecido de tudo o que aconteceu?

EUDORO. – Você mesma disse que tudo aquilo estava morto e enterrado.

CAROBA. – Você acha, Eudoro? Então um amor como aquele pode morrer? Você pensa que eu não vi como estava preocupado quando saiu daqui? Eu também saí com o coração sangrando, Eudoro.

EUDORO. – Mas Benona... Mesmo que estivéssemos sentindo isso, agora seria tarde. Estou noivo de sua sobrinha. Por que você não me disse tudo? Agora, Margarida...

CAROBA. – Deixe lá Margarida, homem de Deus! Você não vê o ridículo em que vai cair? Ela podia ser filha sua, podia ser sua nora!

EUDORO. – Pensei nisso, Benona, mas você não sabe como eu me sentia solitário! Agora, estou noivo!

CAROBA. – Que noivo que nada! Para mim, o que existe é nosso amor! Entre neste quarto!

EUDORO. – Benona!

CAROBA. – Que Benona que nada, entre e deixe de conversa!

EUDORO. – Mas Benona, podem falar de nós!

CAROBA. – Falar o quê? Que é que você está pensando? Que eu vou tentar contra você o que você tentou contra mim, é? Eu sou uma mulher séria, Eudoro, incapaz de atentar contra os viúvos honestos!

EUDORO. – Você é incomparável, Benona, como você nunca existirá outra!

CAROBA. – Então entre e tudo se explicará! (Dá uma pancada nele, com o próprio traseiro, empurrando-o.)

EUDORO entra, CAROBA fecha a porta.

CAROBA. – Pronto, agora, agora é chamar o velho. Do jeito que as coisas estão, ele terá que fazer os dois casamentos E

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 406

vamos logo, Santo Antônio, antes que seja tarde e aconteça alguma coisa, senão eu estou complicada com Nosso Senhor! (Sai. PINHÃO sai do esconderijo.)

PINHÃO. — Que confusão mais danada é essa, meu santo? Dona Margarida e Dona Benona a trancar homens nos quartos! Aqui há alguma coisa. Vou tirar as chaves e ver se me aproveito da situação! Epa, vem gente! (Esconde-se.)

Entra CAROBA ainda com o vestido de BENONA.

CAROBA. — Onde diabo o velho se meteu? Vou abrir! Ai meu Deus, onde estão as chaves? Que é que faço, meu Santo Antônio? O jeito é gritar que tem incêndio! O povo corre e o velho vai ter que fazer os casamentos! Vou gritar, é o jeito! Ou é melhor tocar fogo nas cortinas? (PINHÃO sai do esconderijo.)

PINHÃO. — Dona Benona, eu...

CAROBA. — Você o que, safado! Que é que está fazendo em minha casa, espionando, de noite?

PINHÃO. — Alto lá, veja como fala! Pensa que eu não ouvi sua conversa aqui com Seu Eudoro não, é? Então a senhora se vira quando o povo dorme, hein?

CAROBA. — O que, moleque?

PINHÃO. — É isso mesmo, Dona Benona! Mas não precisa se zangar não, eu sou de toda confiança! Pode confiar em mim, por esta boca ninguém saberá de nada! Acho perfeitamente natural que a senhora, que é livre e independente, queira se divertir um pouco! E se Dona Benona não reparasse,eu até lhe dizia uma coisa!

CAROBA. — Não reparo não, Pinhão, pode dizer!

PINHÃO. — A senhora pode já ter passado a primeira mocidade, mas eu lhe digo uma coisa, Dona Benona, é nesse tempo que eu acho as mulheres mais bonitas! E a senhora pode não ser mais muito moça, mas é enxuta que faz gosto!

CAROBA. — (À parte.) Ah, safado!

PINHÃO. — A senhora não estava procurando as chaves?

CAROBA. — Estava!

PINHÃO. — Eu tirei todas duas! Pelo que a senhora disse, elas são

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p.402

muito importantes. Assim, a gente podia fazer um acordo. Eu lhe dava as chaves e... A senhora não repare não, mas já que estamos aqui e Seu Eudoro dormiu no ponto, a gente bem que podia entrar num acordo e fazer um amorzinho, para passar o tempo!

CAROBA. – Você está muito enganado! Eu estava deixando você falar, para ver até onde ia seu atrevimento! Mas vou gritar! Vou gritar e você vai se arrepender da graça!

PINHÃO. – Ai, a porca! Não grite não, Dona Benona! Não grite não, que eu retiro o que disse! Tome as chaves, Dona Benona!

CAROBA. – As chaves? Ah, não, agora quem não quer as chaves sou eu! Vou chamar o Delegado! Vou gritar!

PINHÃO. – Pelo amor de Deus, não grite não, Dona Benona!

CAROBA. – Então venha para cá! Quero lhe dar uma surra por seu atrevimento!

PINHÃO. – Mas Dona Benona, a senhora me interpretou mal!

CAROBA. – Vou gritar!

PINHÃO. – Ai não, eu vou!

CAROBA. – Ajoelhe-se! Isto! Agora, tome! Tome, tome, e tome! Tome, para deixar de ser safado! Um sujeito como você, que devia dar graças a Deus por ter uma noiva como Caroba, com essas molecagens para as senhoras de respeito! Tome, safado!

PINHÃO. – Ai, ai, ai! Ai, Dona Benona!

CAROBA. – Vou parar! Mas vou por causa de Caroba, está ouvindo? Aquilo é uma santa, gosto tanto dela!

PINHÃO. – Eu também, Dona Benona!

CAROBA. – Devia gostar mais, safado! Você devia beijar os pés de Caroba todo dia, porque aquilo é uma santa! Agora, ...

PINHÃO. – Mas Dona Benona, o que é que a senhora vai dizer a Caroba?

CAROBA. – Não tenha medo, sua sujeira fica em segredo! Você acha que eu iria magoar aquela moça maravilhosa que gosta de você não sei mesmo por quê? Fique aí. Se não eu descubro tudo!

PINHÃO. – Pode ficar descansada, eu daqui não saio.

CAROBA. – Pois então eu vou chamar Caroba, aquela santa! (Com PINHÃO de costas, entra atrás do biombo, já tirando o vestido.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 p 408

PINHÃO — (Só) Ah, arábe miserável! Em que diabo fui me meter, meu Deus? Ia perdendo a porca, por causa da mulher! Mas ela bem que valia a pena, sabe? Pode não ser mais muito moça, mas que está enxuta, isso está!

CAROBA - (Chegando para perto.) Muito bem, senhor meu noivo!

PINHÃO - Quem é? É Caroba?

CAROBA - E quem mais havia de ser, canalha? Peste, miserável, traidor! Olhe o cinismo dele! Moleque, canalha! Ouvi tudo, bandido! Eu estava aqui e vi tudo, sua molecagem com Dona Benona Arábe, seus enxerimentos, sua traição ! E se ao menos tivesse coragem! Mas não, levou uma surra da arábe na minha frente! Essa você me paga!

PINHÃO - Mas Caroba, eu...

CAROBA - Cale a boca, bem caladinha, está ouvindo? porque agora você vai levar umas tapas!

PINHÃO - Eu? Mas Caroba!

CAROBA - Vai e sou eu que dou!

PINHÃO - Mas eu não já levei a surra de Dona Benona?

CAROBA - Aquela foi a dela, agora se prepare que lá vai a minha! (Dá-lhe algumas tapas.)

PINHÃO - Ai, Caroba, ai Carobinha, ai Carobinha do meu coração ! (Consegue beijá-la por entre as tapas, abraça-a, Caroba vai diminuindo as tapas, retribui o beijo, depois o abraço.)

CAROBA - Safado!

PINHÃO - Beleza!

CAROBA - Pinhão!

PINHÃO - Caroba! Agora podemos casar! Vamos casar amanhã e você vai ser a mulher mais rica daqui!

CAROBA - Mentiroso! Ai, as chaves! (Destranca os dois quartos e entra, abraçada com PINHÃO, num terceiro quarto. DODÓ e MARGARIDA saem do quarto.)

MARGARIDA - Está vendo? Está aberta! Graças a Deus! Você está zangada comigo, meu amor?

DODÓ - Não, pelo contrário, você estava certa e eu fui quem perdi a cabeça.

MARGARIDA - E não vai me desprezar porque eu o repelí?

DODÓ - Pelo contrário, cada vez aprendo a respeitá-la mais. Eu

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 409

é que devo pedir perdão a você por ter me descontrolado.

MARGARIDA. – Cuidado, vem alguém. Entre no quarto, ninguém deve vê-lo.

DODÓ entra no quarto. Entra PINHÃO, que tira a porca do socavão e volta com ela para o quarto. MARGARIDA vê quando ele passa. Entra no porão e MARGARIDA se esconde. PINHÃO volta e entra no quarto em que estava com CAROBA, de saco às costas. Volta DODÓ.

DODÓ. – Quem era?

MARGARIDA. – Era Pinhão, carregando um troço nas costas. Que é que ele terá vindo fazer aqui a essas horas?

DODÓ. – Veio comigo, vigiar Caroba. Eu e ele, com ciúme, combinamos vir, quando Caroba destrancasse a porta!

VOZ DE EURICÃO. – (Fora.) Ai, ai!

DODÓ. – Quem é? Veja na janela!

MARGARIDA. – É papai! Meu Deus, ele viu tudo!

DODÓ. – Por que você diz isso?

MARGARIDA. – Está com a cabeça encostada na janela de meu quarto, chorando! Certamente viu você no meu quarto! Meu Deus, estou perdida!

DODÓ. – Acalme-se, meu amor! Entre aqui comigo. Vamos ver se é possível apurar o que ele viu. Depois a gente sai, fala com ele e explica tudo! (MARGARIDA e DODÓ se escondem. Entra EURICÃO.)

EURICÃO. – Ai, ai! Estou perdido, estou morto, fui assassinado! Para onde correr? Para onde não correr? Pega, pega! Mas pegar a quem? Não vejo nada, estou cego. Não sei mais para onde vou, não sei mais onde estou, não sei mais quem sou! Ah, dia infeliz, dia funesto, dia desgraçado! Que fazer agora da vida, tendo perdido aquilo que eu guardava com tanto cuidado? Roubei-me a mim próprio, furtei a minha alma! Agora outros gozam com ela, para meu desgosto e prejuízo! Não, é demais para mim! (Cai desfalecido, chorando. Entram DODÓ e MARGARIDA.)

DODÓ. – Seu Eurico!

EURICÃO. – Quem me fala?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 410

DODÓ. – Um desgraçado!

EURICÃO. – Pois está falando com outro! Eu me tornei desgraçado por causa de um acidente funesto.

DODÓ. – Console-se.

EURICÃO. – Consolar-me? Como?

DODÓ. – A culpa foi minha, fui eu que causei sua desgraça e vim confessar tudo!

EURICÃO. – O quê? Quem é? Dodó? Que é que você está me dizendo?

DODÓ. – A verdade!

EURICÃO. – Você! Foi você, cachorro, canalha, cobra que eu guardava em minha casa para me assassinar! Que mal tinha eu lhe feito para você me tratar assim?

DODÓ. – Foi ao mesmo tempo um acaso e uma necessidade, Seu Euricão!

EURICÃO. – Acaso e necessidade! Isso pode lá justificar um ato como esse, assassino?

DODÓ. – Agi mal, confesso, minha falta é grave mas vim exatamente pedir que me perdoe.

EURICÃO. – Como é que você teve coragem de tocar naquilo que não lhe pertencia?

DODÓ. – Espere aí! Apesar das circunstâncias serem um tanto esquisitas, o que aconteceu foi coisa sem importância! O que eu toquei nela, foi muito pouco!

EURICÃO. – O que, canalha? Tanto assim que você tocasse em meu tesouro, seria um crime inominável! Com que direito você foi tocar naquilo que era meu?

DODÓ. – A culpa foi das circunstâncias. E eu não já vim pedir desculpas?

EURICÃO. – Não gosto desses criminosos que prejudicam os outros e depois vêm pedir desculpas! Você sabia que ela não era sua, não devia ter tocado nela!

DODÓ. – Mas eu não já disse que o que aconteceu foi coisa tola?

EURICÃO. – Coisa tola o quê? Você não veio confessar? E depois, de repente, começa a se desdizer, dizendo que não tocou nela! Como é, tocou ou não tocou?

DODÓ. – Bem, tocar, toquei, mas não foi nada que pudesse ofendê-la. Mas já que o senhor considera essa tolice um crime, por que não aceita os fatos e não me dá de vez esse tesouro?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 411

EURICÃO. – Como é, assassino? Você quer ficar com meu tesouro? Contra minha vontade?

DODÕ. – Eu não estou lhe pedindo? A coisa que eu mais desejo no mundo é ficar com ela!

EURICÃO. – Você? Ficar com ela?

DODÕ. – Sim.

EURICÃO. – Ah, não, você tem que devolver!

DODÕ. – Devolver? Eu não já disse que não tirei nada? Devolver o quê?

EURICÃO. – Aquilo que me pertencia o que você tirou!

DODÕ. – Que eu tirei? De onde? Afinal, o que é que você quer?

EURICÃO. – (Irônico, amargo.) Você não sabe?

DODÕ. – Você não diz!

EURICÃO. – O que eu quero é minha porca que você confessou ter roubado!

MARGARIDA. – Ai, meu Deus, por que o senhor me insulta?

DODÕ. – Isso é coisa que o senhor diga? Porca por quê? Sua filha é a mais pura das moças, portou-se com toda a prudência e o senhor a trata com essa grosseria!

URICÃO. – Minha filha? Que é que minha filha tem a ver com isso? Que é que você está fazendo aqui, Margarida?

MARGARIDA. – Mas papai, eu não...

DODÕ. – Não é ela que o senhor está reclamando?

EURICÃO. – Olhe a inocência do ladrão! O que eu quero é minha porca, cheia de dinheiro, que você confessou ter roubado!

DODÕ. – Uma porca?

MARGARIDA. – A porca?

DODÕ. – Cheia de dinheiro? Que diabo de confusão é essa? Eu seria lá capaz de roubar ninguém! Que é que o senhor está pensando?

EURICÃO. – Ah, então nega!

DODÕ. – Claro que nego! Nunca imaginei que o senhor guardasse dinheiro dentro de porca nenhuma!

URICÃO. – (Súplice.) Me dê minha porquinha que você tirou do cemitério da igreja! Você a roubou, mas eu não o denunciarei e lhe dou a metade do dinheiro que ela tem dentro! A metade não, seria uma injustiça, afinal de contas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 412

quem juntou o dinheiro fui eu, não é? Um terço é muito, você leva um quarto e me devolve o meio, como comissão por eu ter tido o trabalho. Faça o que quiser, mas me dê minha porquinha!

DODÓ. – Como é que eu posso lhe dar a porca se não sei onde está?

EURICÃO. – Está bem, quem gosta de você é a policia. Vou gritar! Acordem! Acordem! Acordem todos! Pega, pega o ladrão!

CAROBA e PINHÃO saem do quarto.

PINHÃO. – Que é isso?

CAROBA. – Que é isso, Seu Euricão?

EURICÃO. – Foi esse ladrão, foi esse ladrão que entrou na minha casa para me roubar!

DODÓ. – Mas para roubá-lo como, se não sei nem notícia de sua porca!

EURICÃO. – Não sabe o quê, safado! Você mesmo não disse que tinha sido a causa de minha desgraça?

CAROBA. – Um momento, Seu Euricão, eu sei o que foi que ele quis dizer.

EURICÃO. – Que foi?

CAROBA. – Ele disse que foi a causa de sua desgraça porque comprometeu sua filha para o resto da vida. Esse tal de Seu Dodó entrou aqui, nas caladas da noite, iludiu Dona Margarida não sei de que jeito, e trancou-se com ela aí nesse quarto. Eu vi tudo!

EURICÃO. – Ai! É verdade?

MARGARIDA. – É, papi, mas...

EURICÃO. – Era isso que você estava confessando?

DODÓ. – Era.

EURICÃO. – Ainda mais essa! Por cima de queda, coice! Canalha, safado, por que você não disse logo? Por que deixou que eu confessasse meu segredo?

DODÓ. – A culpa foi sua, era eu falando da filha e o senhor pensando na porca!

EURICÃO. – Ai, a porca! Juntei dinheiro a vida inteira, para a ve

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 413

lhice, e agora perco, num dia só, a porca e a filha!

CAROBA. – E vá logo se preparando para perder a irmã também por que a situação de Dona Benona é muito dificil!

EURICÃO. – Benona? Que há?

CAROBA. Seu Eudoro resolveu matar saudades e está aí, trancado nesse quarto, com ela. Eu vou sair desta casa, porque para falar com franqueza, nunca pensei em ver tanto escândalo num dia só!

EURICÃO. – Não é possível! Eudoro e Benona aqui!

Entram EUDORO e BENONA.

EUDORO. – É verdade, Eurico. E se você não se ofendesse, eu queria lhe pedir a mão de Benona em casamento.

EURICÃO. – E você não já pediu?

EUDORO. – Não!

EURICÃO. – Quer me levar ao ridículo, é, Eudoro? Faz uma coisa dessa, compromete minha irmã e ainda vem com pilhérias, logo agora que ela foi roubada!

BENONA. – Quem, eu?

EURICÃO. – Não, a porca! Ai, a porca!

EUDORO. – Mas Eurico, eu...

CAROBA. – Um momento, um momento, quem fala sou eu. O senhor já se explicou com Dona Benona, não foi?

EUDORO. – Foi.

CAROBA. – A senhora também já entendeu tudo, não foi?

BENONA. – Já!

CAROBA. – Entendeu o noivado, a confusão, laralá, laralá, tudo?

BENONA. – O noivado, a confusão, laralá, laralá, tudo!

CAROBA. – Então, viva! O senhor consente no casamento de Seu Eudoro com Dona Benona, não é, Seu Euricão?

EURICÃO. – Consinto, não! Exijo! Agora, ou ele casa, ou morre! Ai Santo Antônio, ela está perdida!

BENONA. – Eu?

EURICÃO. – A porca! Mas vocês dois agora casam, e tem que ser já!

CAROBA. – Pois então, eles casam amanhã. O senhor ganhou um grande cunhado, Seu Euricão!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 454

EURICÃO. – Mas perdi a porca! Ai, a porca! Ai, a porca! E ainda por cima o que aconteceu com meu patrimônio!

PINHÃO. – Seu patrimônio? Qual? A porca?

EURICÃO. – Não, Margarida! Benona está garantida, mas essa aí me arranjou um genro corcunda e de boca torta, um miserável que não tem nem onde cair morto! Mas ele me paga! Mato esse miserável, quebro-lhe a cara! Tome, safado, tome! Que é isso? A barba!

EUDORO. – Dodó! Você aqui?

DODÓ. – Sou eu, meu pai. Peço-lhe que me perdoe, mas deixei o estudo. Não havia outro jeito, eu estava apaixonado por Margarida, o senhor não queria que eu me casasse. Por outro lado, Seu Euricão só queria casá-la com um homem rico. O jeito foi esse.

EUDORO. – Você deixou de estudar?

DODÓ. – Deixei. Ajudado por Caroba, entrei aqui, disfarçado como empregado de Seu Euricão. Ganhei a confiança dele, fingindo que era avarento, e fui ficando até que Margarida correspondeu a meu amor e jurou casar comigo. E agora, tenho que casar, papai, porque apesar de não ter acontecido nada de mais entre nós, ninguém vai acreditar nisso.

EUDORO. – Mas esse casamento assim, meu filho!

MARGARIDA. – Esse casamento assim o quê? É igual ao do senhor com Tia Benona!

EUDORO. – Você precisa terminar seu estudo!

DODÓ. – Meu pai, eu só gosto no mundo de criar boi. É a única coisa que me dá gosto. Deixe eu me casar! Se eu não casar amanhã, todo mundo vai saber a história e Margarida fica comprometida!

EUDORO. – Mas ninguém vai saber de nada, meu filho! Nenhum de nós vai espalhar essa história, que eu sei!

CAROBA. – Quem não vai espalhar? O senhor está muito enganado, eu vou espalhar tudinho! Vi tudo, assisti tudo e não estou pronta para sofrer essas humilhações, não! Casa em que eu trabalho, tem que ser casa de respeito, nessas coisas eu sou dura!

EUDORO. – Mas Caroba...

CAROBA. – Vou começar e é agora! Meu povo...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 415

EUDORO. — Você tem razão, é melhor que ele case. Você fica trabalhando comigo na fazenda e eu faço uma casa para você.

DODÓ. — Meu pai, o senhor concorda!

EUDORO. — Concordo. Pensando bem, vejo que tudo terminou pelo melhor, eu com Benona, você com Margarida.

EURICÃO. — Isso é o que você diz, mas o fato é que ela está perdida.

MARGARIDA. — Eu, meu pai?

EURICÃO. — A porca! Ora bolas, não já disse que é a porca? Você está aí, sua tia está aí, quando eu digo ela, só pode ser a minha porquinha! Serei cego, por acaso? Estou vendo vocês, mas agora pergunto: e minha porquinha, onde é que está?

MARGARIDA. — Espere, meu pai, eu sei quem é que tem sua porca.

EURICÃO. — Você? Sabe? Ave Maria, valha-me Deus! Quem é? Quem é? Quem é o ladrão, o assassino que roubou minha porquinha?

MARGARIDA. — É Pinhão, papai!

PINHÃO. — Eu?

EURICÃO. — Ah, bandido, criminoso, assassino! Agora você me paga! Onde está minha porquinha? (Agarra PINHÃO pelo pescoço.)

PINHÃO. — Seu Euricão, eu...

EURICÃO. — Diz ou não diz?

PINHÃO. — Eu não sei nem que porca é essa!

EURICÃO. — Então vou apertá-lo até sua alma sair pelo fiofó! Diz ou não diz?

CAROBA. — Mas afinal de contas, o que é isso? Pinhão roubou uma porca, foi?

MARGARIDA. — Foi.

CAROBA. — Pois se o barulho todo é esse, a gente paga a porca!

EURICÃO. — E aquilo é porca que se pague, danada?

DODÓ. — Era aquela porca velha de madeira, Caroba! Estava cheia de dinheiro!

EURICÃO agarra PINHÃO de novo.

PINHÃO. — Um momento, me solte! Vá pra lá! Eu confesso que furtei

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 416

essa porca, mas o senhor não ganha nada mandando me entregar à polícia. Eu morro e não digo onde ela está! Todo mundo fala em furto, em roubo, e só se lembra da porca! Está bem, eu furtei a porca! Sou católico, li o catecismo e sei que isso não se faz! Mas onde está o salário de todos estes anos em que trabalhamos, eu, meu pai, meu avô, todos na terra de sua família, Seu Eudoro? Onde está o salário da família de Caroba, na mesma terra, Seu Eudoro? Não resta nada! Onde está o salário de Caroba durante o tempo em que ela trabalhou aqui, Seu Euricão? Seu Euricão Engole-Cobra?

EURICÃO. – Engole-Cobra é a mãe!

PINHÃO. – Nós não temos nada! A coisa que a gente mais deseja na vida, eu e ela, é casar! Até agora, não pudemos. Onde está a minha porca? Ninguém diz nada! Pois bem, proponho um acordo a todos. Seu Eudoro não emprestou vinte contos a Seu Euricão? Eu entrego a porca por esses vinte contos.

EURICÃO. – Não dou, os vinte contos são meus!

PINHÃO. – Então pode chamar a polícia, porque eu não entrego a porca de jeito nenhum. Ela tem cem vezes isso. Com os vinte contos posso comprar uma terrinha. Junto com a do padrinho de Seu Dodó, caso e vou fazer minha vidinha com Caroba.

MARGARIDA. – Ceda, papai! Nós devemos tanto a Caroba! Deixe pelos vinte contos! Já que não tem outro jeito e a porca vale mais...

EURICÃO. – Está bem, vocês querem assistir à minha morte, a meu assassinato! Pois assistam! O vale está aqui. Agora vá buscar minha porquinha, pelo amor de Deus.

PINHÃO. – Não precisa ir buscar, ela está aqui.

EURICÃO. – Aqui?

PINHÃO. – Claro, era o último lugar do mundo de que vocês desconfiariam! Está aqui perto, no quarto, atrás de uma mala velha! (Entra no quarto.)

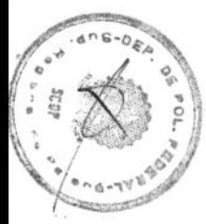
DODÓ. – E eu que pensava que Pinhão era idiota!

CAROBA. – Idiota por quê?

DODÓ. – Porque ele só vivia dizendo ditados.

CAROBA. – Pois aprenda a conhecer com quem vive, se não o senhor

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 417



está desgraçado. Uma pessoa capaz de me enrolar como ele, pode lá ser idiota, Seu Dodó?

Volta PINHÃO com o saco.

EURICÃO. — Ah, Santo Antônio poderoso! Até que enfim você se compadeceu de seu velhinho, de seu devoto de todos os momentos e de todas as horas! Pensei que estava obrigado a escolher entre o santo e a porca! Mas Santo Antônio não podia me exigir esse absurdo! Ai minha porquinha, que alegria apertá-la de novo contra o meu coração! Que alegria beijá-la! Ó minha esperança, ó minha vida! Agora que a encontrei não a largarei um só instante! Afastem-se, saiam de perto de mim! Agora é assim, minha porca e eu!

Afastam-se todos. A cena deve dar idéia da solidão de EURICÃO, solidão que vai crescendo até o fim.

EUDORO. — Mas espere...

EURICÃO. — Afaste-se! Saia de junto de mim!

EUDORO. — Eurico, você guardou esse dinheiro muito tempo, não foi?

EURICÃO. — Guardei toda a minha vida! Quase toda a minha vida! Desde que minha mulher me deixou! Agora, posso falar nisso, pois tudo perdeu a importância diante da porca!

EUDORO. — Eurico, o dinheiro não é tudo neste mundo. Você tem sua filha, tem a todos nós que agora somos sua família. Deixe de depositar toda a sua vida nesse dinheiro! Não dê tanta importância ao que não vale nada! Porque...

EURICÃO. — Por que o quê? Que é que você quer dizer? Diga, termine!

EUDORO. — Será melhor dizer mesmo, Eurico?

EURICÃO. — Dizer o quê? Diga logo, é melhor do que me esconder alguma coisa grave. Que é?

EUDORO. — Esse dinheiro está todo recolhido, Eurico! Tudo o que você tem aí não vale nem um tostão!

EURICÃO. — Nossa Senhora, Santo Antônio! Você jura pelos ossos de sua mãe como é verdade?

EUDORO. — Juro.

EURICÃO. — Está bem, eu acredito. Foi uma cilada de Santo Antônio,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 498

para eu ficar novamente com ele. Vou então ficar sozinho, novamente. E já que tem de ser assim quero ficar aqui. Trancarei a porta e não a abrirei mais para ninguém. Porque não quero mais ficar num mundo em que acontecem estas coisas impossíveis de prever.

EUDORO. — Eurico o mundo não se acabou por causa disso. Você perdeu seu dinheiro, mas ganhou uma experiência e uma família! Acabe com essa idéia de se enterrar vivo!

EURICÃO. — Você pensa que está melhor do que eu? A única diferença entre mim e você, Eudoro, é que sua porca ainda está diante de seus olhos. Não, eu estou farto!

MARGARIDA. — Seu Eudoro tem razão, papai, o mundo não se acabou. Tudo pode recomeçar, o senhor vende esta casa e vai morar conosco.

EURICÃO. — Você não está entendendo nada! E como ficaria eu? Você casa com Dodó, Benona com Eudoro, Caroba com Pinhão. Não vê que eu fico só? No meio disso tudo, com quem casaria eu?

CAROBA. — Com a porca. E, se ela não serve mais, com Santo Antônio!

~~EURICÃO~~. — Estão ouvindo? É a voz da sabedoria, da justiça popular. Tomem seus destinos, eu quero ficar só. Aqui hei de ficar até tomar uma decisão. Mas agora sei novamente que posso morrer, estou novamente colocado diante da morte e de todos os absurdos, nesta terra a que cheguei como estrangeiro e como estrangeiro vou deixar. Mas minha condição não é pior nem melhor do que a de vocês. Se isso aconteceu comigo, pode acontecer com todos, e se aconteceu uma vez pode acontecer a qualquer instante. Um golpe do acaso abriu meus olhos, vocês continuam cegos! Agora vão, quero ficar só!

SANTO ANTÔNIO

EUDORO. — Adeus, Eurico.

BENONA. — Adeus, Eurico.

EURICÃO. — Adeus, escravos!

MARGARIDA. — Adeus, meu pai.

EURICÃO. — Adeus, escravos. Saiam. Saiam todos, escravos!

CAROBA. — Adeus, Seu Euricão.

EURICÃO. — Adeus, escravos!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p. 419

BRG-DEP. DE POL. FEDERAL-Rodovia do Paraná

Saem todos, menos EURICÃO.

EURICÃO. — Bem e agora começa a pergunta. Que sentido tem toda essa conjuração que se abate sobre nós? Será que tudo isso tem sentido? Será que tudo tem sentido? Que quer dizer isso, Santo Antônio? Será que só você tem a resposta? Que diabo quer dizer tudo isso, Santo Antônio?

SANTO ANTÔNIO

P A N O

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 420

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

- MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Curitiba, 10 de setembro de 1 982

TC Lilian Filus
Ao Sr. Chefe do SCDP/SR/PR
Assunto: Parecer nº 306/82 (encaminha)

Ensaio geral de peça teatral

TÍTULO: "O Santo e a Porca"
AUTOR: Ariano Suassuna
PRODUÇÃO: Grupo "Xeravante" - Curitiba
ESTRÉIA: 07 09 82 - 21,00 horas - Teatro de Bolso
PARECER: pela liberação com a classificação LIVRE

Comparecemos no dia 03 próximo passado, às 20,00 horas, na sede da FITAP, a fim de procedermos ao ensaio geral da citada peça.

Trata-se de uma comédia fundamentada no desencontro de três casais e nos equívocos que uma porca de madeira, usada como cofre, provoca, já que seu proprietário é um avarento incorrigível. Tendo a sensata Caroba como sustentáculo, a trama tem um final feliz, com o acerto dos casais e a descoberta, pelo avarento, de que a sua atitude não valeu a pena.

Da encenação, concluímos:

1 - o texto foi obedecido, não havendo expressão corporal, marcação, falas ou passagens inconvenientes, já que a troca de vestidos, feita no palco, consiste em sua colocação por cima do que a atriz já está usando. Também não foram apresentados letreiros ou slides.

2 - o cenário continha apenas um sofá, uma cadeira e uma porca, em porcelana que, pelo pequeno tamanho, enfatizava a comicidade pretendida. A imagem de Santo Antônio não nos foi apresentada. Segundo informação verbal do Grupo Teatral, a imagem seria em madeira, idêntica às comercializadas normalmente, tendo por cima uma batina branca e laranja. Como acessórios apareceram: vela, faca, chaves e vale de 20 contos.

3 - quanto ao guarda-roupa, dentro das imposições censórias, estava assim constituído:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p. 421

- Margarida - vestido, de chita, estampado, com alças, rasgado na parte inferior para sugerir pobreza; fitas rosa nas "marias chiquinha"; sandálias hawayanas; rouge e batom lembrando caipira.
- DODÓ - calça preta e paletó, abotoado errado devido o disfarce da corcunda; barba negra;
- Coreba - vestido estampado de alças, avental e chinelo;
- Pinhão e Euricão - roupa comum e chapéu, sendo que Euricão usa uma jaqueta que, virada pelo avesso"serve" de pijama, já que além de pobre, o homem é pão-duro;
- Eudoro - roupa comum, botas, chapéu e cinturão; é barrigudo, para lembrar homem abastado;
- Benona - usa vestido vermelho e também calças compridas, botas e chapéu de couro. Sua pintura também lembra caipira.

4 - a peça não contém música, nem efeitos de sonoplastia. Os ruídos de passos são feitos por um ator, nos bastidores.

5 - quanto à iluminação, não apresentada, segundo informação verbal do Grupo Teatral, será composta da gradação total e parcial, a fim de que seja possível a confusão entre as pessoas.

Do exposto, ratificamos a classificação LIVRE estabelecida por nosso parecer de nº 248/82, de 170882.

É o nosso parecer.

Lilian Filus
Técnico de Censura.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674.p.422

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Parecer nº 246/82-SCDP/SR/PR
xxxxx

16 de agostode 1982.

TC Francisco Surek

SR/DPF/PR

Ilmº. Sr. Chefe do SCDP/SR/PR

Parecer de análise de texto teatral (apresenta)

Título da peça: "O SANTO E A PORCA".
Autor: Ariano Suassuna.
Requerente: Francisco Carlos dos Santos Garcêz.
Produção: Grupo Xeravante (Curitiba - PR)
Classificação etária: LIVRE.

A referida peça aborda o comportamento do velho avarento Euricão que, durante toda a vida, acumulou dinheiro dentro de uma porca de madeira, deixando-a sob a proteção de Santo Antônio. Considerando a necrópole um lugar mais seguro, Euricão enterra ali a porca que é desenterrada e roubada por Pinhão, seu empregado. Para resgatar a porca, Euricão paga os vinte contos exigidos por Pinhão em virtude de nunca ter recebido seu salário de empregado. A transação é infeliz. O dinheiro contido na porca não vale um tostão porque não se encontra mais em circulação. O cunhado de Euricão aconselha-o a valorizar menos o dinheiro do que a nova família que ganhou com a realização do casamento da filha e da irmã.

O ridículo do apego às coisas materiais é a tônica da peça. A mensagem é positiva porque estimula, além da justiça, a dedicação à prática da generosidade.

A insinuação de que Dodó desvirginou a namorada, a filha de Euricão, para casar-se e esquivar-se dos estudos constitui mensagem nefanda. Não se deve atingir o bem através de meios desconsos.

O público alvo é o ávido por entretenimento. A linguagem é adequada e a grau de persuasão, insignificante.

O texto examinado é o de 66 páginas.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 423

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Opinamos pela liberação da referida peça com a classificação etária Livre, devido à ingenuidade da peça e para coincidir tal classificação com a informada no radiograma nº 683/82-DCDP.

Ten Francisco Surek.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p.424

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Curitiba, 17 de agosto de 1 982

Do TC Lilian Filus
Ao Sr. Chefe do SCDP/SR/PR
Assunto: Parecer nº 248/82 (encaminha)

Análise de texto teatral

TÍTULO: "O Santo e a Porca"
AUTOR: Ariano Suassuna
REQUERENTE: Francisco Carlos dos Santos Garcêz - Grupo "Xeravante" - Curitiba
PARECER: pela liberação com a classificação LIVRE

O texto é uma comédia de costumes, desenvolvida a partir de desencontros e equívocos.

Eurico Árabe ou Euricão Engole-Cobra é um homem avarento, a ponto de nada mais ter feito na vida do que acumular dinheiro numa porca de madeira.

Sua filha Margarida apaixonara-se por Dodó, rapaz que deixa os estudos para empregar-se, bastante disfarçado, como protetor da moça. É filho de Eudoro Vicente, viúvo muito rico que, por ironia do destino, está prestes a chegar na casa de Euricão para pedir a mão da jovem, no que certamente será atendido.

Caroba, empregada da casa, resolve tomar partido da situação. Apaixonada por Pinhão, à medida que a história se desenrola, vai se comprometendo a ajudar todos os que precisam de auxílio, em troca de alguma recompensa e "encaminhando" os fatos como deseja, embora alguns imprevistos a levem a mudar suas idéias iniciais. Usando como pretexto a entrevista com Margarida, solicitada por Eudoro, trama enviar Benona, solteirona que fora sua noiva.

A partir daí, várias situações cômicas acontecem, sendo a tônica a troca de pares (acobertados pela escuridão noturna e pelo uso das roupas de outras pessoas), o ciúme dos pretendentes, o desespero de Euricão (que sempre relaciona a palavra porca ao seu cofre, além de se sentir um eterno alvo de ladrões e dividido entre a "porca" que lhe dá segurança e a proteção do "Santo", de quem, às vezes,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 425

desconfia.

A história chega ao auge quando Caroba, oportunamente, prende Eudoro no quarto de Benona e Dodó no de Margarida, objetivando o comprometimento dos casais.

Nessa altura, Pinhaõ, que seguira Euricão, apossara-se do cofre que estava escondido no cemitério. Seu comportamento levantara suspeitas e Margarida acaba por acusá-lo. O cofre é devolvido em troca dos 20 contos que Euricão "descolara" de Eudoro. Com essa soma mais a terrinha que Dodó prometera, Caroba e Pinhão podem se casar.

Euricão sente-se um intruso entre os três casais e, atordoado, prefere viver só, angustiado, já que o dinheiro acumulado entrara em desuso, oque é encarado como uma cilada do Santo.

A mensagem da peça é positiva: mostra a difícil vida de um avarento, as mesquinharias a que pode chegar, além de considerar o próximo e a família como fatores mais necessários ao ser humano.

A peça contém 03 senões que não chegam a comprometer o seu conteúdo:

1 - a apropriação indébita, temporária, da "porca" foi justificada com a exploração, por gerações, dos familiares dos empregados;
2 - Pinhaõ se insinua para Benona - no entanto, além da comicidade, por ser curta, a cena se perde no contexto, bem como
3 - o termo "mijar", da pg. 06.

O público alvo pode ser o das mais diversas faixas etárias: a linguagem é formal e acessível; o objetivo maior da peça é o entretenimento e, quanto aos prejuízos da avareza, o seu grau de persuasão é forte, pois a aflição de Euricão é bastante enfatizada pelo autor.

Do exposto e considerando que a peça contém certificado permanente, ratificamos a classificação LIVRE já estabelecida pela DCDP.

Cumpre-nos informar que o texto não contém a página 41.

É o nosso parecer.

Lilian Filus

Técnico de Censura.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. D674,P 426

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

XXXXX PARECER Nº 243/82-SCDP 16 de agosto de 1982

T.C. Regina Maria Abil Russ

Chefe do SCDP

Exame de texto teatral (encaminha)
Título:- "O SANTO E A PORCA"
Autor:- Ariano Suassuna
Requerente:- Francisco Carlos dos Santos Garcez
Produção:- Grupo "XERAVANTE" - Curitiba/PR
CLASSIFICAÇÃO:- LIVRE (RATIFICAÇÃO)

O texto é uma comédia regionalista, focalizando uma complicada trama casamenteira entre os membros de duas famílias:- a do Sr. Euricão e a do fazendeiro Eudoro.

Euricão é um homem avaro, que vive com sua filha Margarida, a irmã Benona e a serviçal Caroba. Sua única alegria na vida é guardar dinheiro dentro de uma "porca", visando aumentar a fortuna, e, em nome dessa economia, vive parcamente. A filha está apaixonada pelo filho do Sr. Eudoro, o jovem Dodó Vicente, e conseguiu faze-lo entrar na casa com um disfarce, tornando-o seu guarda-costas oficial.

O fazendeiro Eudoro, crê que seu filho estuda na capital e, para livrar-se da solidão de viúvo, decide pedir a mão de Margarida a Euricão. É aí que começa toda a ' confusão da história, pois Caroba, para proteger os dois namorados, põe mãos à obra para resolver o impasse. "Como é que Eudoro irá noivar com Margarida, se a moça gosta de seu filho? E se o velho fazendeiro já havia sido noivo da solteirona Benoha, por que deseja agora sua jovem sobrinha?" E, com argúcia, a ' criada confunde as situações, de modo a ajudar o casal.

Quando o Sr. Eudoro faz o pedido de casamento, Caroba dá um jeito para que Euricão pense estar dando a mão

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0624 p. 427

de sua irmã Benona. Esta, por sua vez, é informada da troca, e fica feliz, pois sempre amou o fazendeiro, desde os tempos da ' mocidade. Por fim, a criada arma uma cilada aos casais:- reúne em quarto da casa o jovem Dodó e Margarida, e em outro, o Sr. ' Eudoro e Benona. Depois, faz crer aos homens que o casamento é agora fato necessário e obrigatório, para que a reputação das mulheres não fique abalada.

Tudo deu certo, o velho Eudoro, preso no aposento com Benona conclui que sempre a amou, e também acaba concordando com o casamento do filho com Margarida, apesar de saber que foi enganado. A criada Caroba casar-se-á com Pinhão, empregado de Eudoro, que confessa ter roubado a "porca" de Euricão para enriquecer, e procede a devolução do objeto.

De todos, só Euricão fica sózinho, após descobrir que todo o dinheiro guardado durante anos a fio estava em desuso e fora recolhido pelo governo. Termina em desespero, expulsa os outros de sua casa e maldiz Santo Antonio por não te-lo avisado a tempo de não perder sua fortuna.

A peça:- não traz o texto constante da pág. 41; - apresenta algumas expressões vulgares e trocadilhos, próprios do linguajar do interior; - prevê muita ação devido às múltiplas trapalhadas necessárias ao desfecho justo; - tem um final feliz, com o casamento dos dois casais; - mostra que a avareza é um mal; -apresenta uma cena de conquista amorosa, mas que tem a atenuante de ser cômica; - traz a figura de Santo Antonio como eterno protetor de bens materiais, ao estilo próprio dos interioranos; - mostra os empregados ávidos por recompensas para seus "arranjos"; - seu grau de persuasão é inexistente, já que trata de tema alheio à realidade atual, ingênuo e absolutamente fictício; e destina-se a qualquer tipo de público para mero entretenimento.

Considerando o exposto, opinamos pela ratificação da classificação LIVRE, já estabelecida pela DCDP/DPF;.

É o Parecer.

Regina Russ

TC-Regina Maria Abil Russ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p.428

0.074/82-SCDP/SR/PR + PROVISORIO +

" O SANTO E A PORCA "

Ariano Suassuna

17 Outubro 82

Curitiba, xxxxxxx 17 Agôsto 82

LIVRE

TC Benedito Zumas Filho
Chefe do SCDP/SR/PR
XXXXXXXXXXXXXXXXXX

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 429

" O SANTO E A PORCA "

Ariano Suassuna
xxxx.....xxxxx
....xxxxxx.....
Grupo XERAVANTE - Curitiba/PR
Francisco Carlos dos Santos Garcez

17 Agôsto 82

LIVRE. Condicionado ao exame de Ensaio Geral. Este Certificado somente terá validade quando acompanhado do texto devidamente carimbado e rubricado pelo SCDP/SR/PR. xxxxxxxxxxxxxxxxxx

Curitiba xxxxxx 17 Agôsto 82

TC Francisco Surek
xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx
Chefe do SCC/SCDP/SR/PR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 430

TEATRO

TÍTULO O Santo e a Porca

Autor: Ariano Suassuna

1) ARQUIVO

Clas. Anterior Livre

Praça SCDP/SR/PR

Obs.:

DF. 16/09/82/

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de [illegible] e com a classificação: impróprio [illegible] LIVRE anos, se [illegible] do ensaio geral.

Obs.: cert. provisório - SR/PR

Brasília, 17 de 09 de 1982

Brasília – DF

Hellé Prudente Carvalhedo
Matr. 2.415.791

de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de P.I. para o qual os censores propõem a classificação etária de Livre

Brasília-DF, 17 de 09 de 1982

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em 17/09/1982

Solange M. T. Hernandes
Diretora da DCDP

Solange M. T. Hernandes
Diretora da DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 431

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 363

PEÇA " O SANTO E A PORCA "

ORIGINAL DE ARIANO SUASSUNA

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

VÁLIDO ATÉ 17 de SETEMBRO de 19 87

Brasília, 17 de SETEMBRO de 19 82

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 432

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada O SANTO E A PORCA

Original de ARIANO SUASSUNA

Tradução de

Adaptação de

Produção de GRUPO XERAVANTE

Requerida por FRANCISCO CARLOS DOS SANTOS GARCEZ - CURITIBA/PR -

Tendo sido censurada em 17 de AGOSTO de 19 82 e recebido a seguinte classificação: LIVRE. CONDIDIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÕ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 17 de SETEMBRO de 19 82

NEI DE OLIVEIRA

Chefe do Serviço de Censura

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0634.p.433

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OFÍCIO
Nº 2244/82-SE/DCDP Brasília,1º de out de 1982

Do: Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Ao: Sr. Chefe do Serviço de Censura da SR/PARANÁ
Assunto:

Senhor Chefe:

De acordo com a Portaria nº 017/78-DCDP, de 13 de julho de 1978, e em atenção ao(s) ofício(s) em referencia, encaminho a V. Sa. as 1a. e 2a. vias do(s) certificado(s) de censura da(s) peça(s) teatral(is): "MOMENTO MÁGICO" de Marcos Ferreira Silva; "O SANTO E A PORCA" de Ariano Suassuna; "UM GOSTO DE MEL" de Shelagh Delaney; "O GATO MALHADO E A ANDRORINHA SINHÁ - UMA HISTÓRIA DE AMOR", Jorge Amado; "ANTONIO MEU SANTO", de João Augusto; "MUMU, A VACA METAFÍSICA" de Marcílio Morais ; "CANTO À LIBERDADE, O AMOR E A ESPERANÇA", de Danilo Avelleda ; "FLORESTA ENCANTADA" de Neiva Camargo da Silva; "O GRANDE CIRCO PADU" de Laerte Alabarssi Ortega; "DE CABO A RABO", de Maurício Távora e "MORTE E VIDA SEVERINA" de João Cabral de Melo Neto.

Atenciosamente,

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP

DPF-258

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 434

MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
CÓDIGO - 06202
-5 ABR 1984 002377

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL DCEN/DPF

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO DISTRITO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Brasília-DF, 03 de abril de 1.984

OFÍCIO Nº 00484 /84-SCDP/SR/DPF/DF.

Senhora Diretora.

Encaminho a Vossa Senhoria, para confronto, a peça teatral intitulada " O SANTO E A PORCA " de autoria de Ariano Suassuna. Em anexo segue textos e requerimento do interessado.

Respeitosamente.

N. Fernandes Rosa
Chefe do SCDP/SR/DPF/DF.

Ilma. Sra.
Dra. Solange Maria Teixeira Hernandes
D.D. Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Departamento de Polícia Federal.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0674,p 435

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Elizeu das Neves Rocha
Requerente

brasil., Funcionário Público
Nacionalidade, Profissão

Carteira de Identidade 254 070 - DPF-DF
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Quadra 8 - conj. B - casa 32 - Sobradinho - DF - Fone 591 2658, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a (s) Texto Teatral abaixo relacionada (s),
Espécie

de autoria de: Ariano Suassuna

Título (s) "O Santo e a Porca"

Nestes termos,

Pede deferimento

Brasília, 29 de março de 1984
Local e Data

Elizeu das Neves Rocha
Requerente

Anexos: 3 cópias do referido texto.

Tel - 591-2658.

(RD 388/DCDP/SA
30/03/84
CLASS LIVRE
CERT. 363)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 p. 436

1 – **EMPRESA OU GRUPO** (Se houver)

Nome: Grupo de Teatro Martins Penna CGC: 00506923/301-10

Sede: Quadra 8 - Conj. B - casa 32 - Sobradinho

CEP: 73000

Diretor ou Responsável: Elizeu das Neves Rocha

2 – **DADOS DO AUTOR**

Nome: Ariano Vilar Suassuna

Pseudônimo: Ariano Suassuna Filiação:

Nacionalidade: brasileiro Naturalidade: Paraíba

Data do Nasc.: 1927 Identificação:

Estado Civil:

Profissão: Escritor, Dramaturgo

Endereço: Recife - Pernambuco

CEP:

3 – **PARCERIA**

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: Brasília 29/03/84

Ass.: Elizeu das Neves Rocha

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0674,p 437

O S A N T O E A P O R C A

COMÉDIA EM TRÊS ATOS DE

A R I A N O S U A S S U N A

DIREÇÃO: MURILO ECKHARDT.

00506923/0001-10
GRUPO DE TEATRO MARTINS PENNA
EGAS W-5 Sul Qda. 908 Elefante Branco
C E P 70.390
BRASILIA — DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674.p.438

PRIMEIRO ATO

O PANO ABRE NA CASA DE EURICO ARÁBE, MAIS CONHECIDO COMO EURICÃO ENGOLE-COBRA.

CAROBA - E foi então que o patrão dele disse: "pinhão, você sele o cavalo e vá na minha frente procurar Euricão...."

EURICÃO- Euricão, não. Meu nome é Eurico.

CAROBA - Sim, é isso mesmo. Seu Eudoro Vicente disse: "Pinhão, você sele o cavalo e vá na minha frente procurar Euriques..."

EURICÃO- Eurico!

CAROBA - "Vá na minha frente procurar Euriquio..."

EURICÃO- Chame Euricão mesmo.

CAROBA - "Vá procurar Euricão Engole-Cobra..."

EURICÃO- Engole -Cobra é a mãe! não lhe dei licença de me chamar de Engole cobra, não! Só de Euricão!

CAROBA - "Vá na minha frente procurar Euricão para entregar essa carta a ele."

EURICÃO- Onde está a carta? Dê cá! Que quererá Eudoro Vicente comigo?

PINHÃO - Eu acho que é dinheiro emprestado.

EURICÃO- (DEVOLVENDO A CARTA.) Heim?

PINHÃO - Toda vez que ele me manda assim na frente, a cavalo, é pra isso.

EURICÃO- E que idéia foi essa de que eu tenho dinheiro? voce andou espalhando isso! foi você, Caroba miserável, você que não tem compaixão de um pobre como eu!. foi você, só pode ter sido você!

CAROBA - Eu? Eu não!

EURICÃO- Ai, meu Deus, com essa carestia! Ai a crise, Ai a carestia! Tudo que se compra é pela hora da morte!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 p 439

CAROBA - E o que é que o senhor compra? me diga mesmo, pelo amor de Deus! Só falta matar a gente de fome!

EURICÃO - Ai a crise, ai a carestia! E é tudo querendo me roubar. Mas Santo Antonio me protege!

PINHÃO - O Senhor pelo menos leia a carta!

EURICÃO - Eu! Deus me livre de ler essa maldita! essa amaldiçoada, ai a crise! ai a carestia! Santo Antonio me proteja, meu Deus, ai a crise, ai a carestia!

ENTRA MARGARIDA ATRAIDA PELO RUMOR. VEM ACOMPANHADA DE DODÔ VICENTE, DISFARÇADO COM HORRÍVEL BARBICHA, COM A BOCA TORTA COM CORCOVA, COXEANDO E VESTIDO DE PRETO.

MARGARIDA -Papai! que foi, meu pai? Ouvi o senhor gritar, está sentindo alguma coisa?

EURICÃO - Ai minha filha, me acuda, ai, ai, os ladrões, minha filha, os ladrões!

MARGARIDA -Socorro! Socorro! pega o ladrão!

EURICÃO - Ai minha filha, não grite assim não! Não grite! se não vão pensar que a gente tem o que roubar em casa. E Vêm roubar! Santo Antonio! Santo Antonio! Ai a crise ai a carestia!

MARGARIDA -Mas o que foi que houve?

EURICÃO - Ainda não houve nada, mas está para haver! está para haver, minha filha!

MARGARIDA -O que é? Que foi que houve, Caroba? que foi, Pinhão? Pinhão, você aqui? Ah, já sei o que houve, papai soube de tudo! è melhor então que eu confesse logo.

CAROBA - Que a senhora se confesse? Deixe para a sexta-feira, porque a senhora aproveita e comunga! Que coisa! Dona Margarida só quer viver na igreja!

EURICÃO - Ai a crise, ai a carestia!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0624,p 440

MARGARIDA -Mas afinal de contas, o que foi que houve? Meu pai, eu vou contar....

DODÔ - Não!

PINHÃO - Não, Não, Dona Margarida, quem fala sou eu! O que houve é que meu patrão escreveu uma carta ao senhor seu pai.

MARGARIDA- Uma carta? Dizendo o que?

EURICÃO - Você ainda pergunta? Só pode ser para pedir dinheiro emprestado! Aquele usurário! Aquele ladrão!

CAROBA - Mas seu Euricão, Seu Eudoro é um homem rico!

EURICÃO - E é por isso mesmo que eu estou com medo. você já viu pobre pedir dinheiro emprestado? Só os ricos é que vivem com essa safadeza! Santo Antonio, Santo Antonio!

MARGARIDA- Mas papai já leu a carta?

EURICÃO - Não! Nem quero ler! Nem quero que você leia! Afaste-se, não toque nessa amaldiçoada!

MARGARIDA- Então tome.

EURICÃO - Não tomo!

MARGARIDA- Leia o senhor mesmo!

EURICÃO - Não Leio!

MARGARIDA- Não pode ser coisa ruim, papai!

EURICÃO - Só pode ser coisa ruim, minha filha!

CAROBA - Mas se fôr dinheiro emprestado, é só o senhor não emprestar, Seu Euricão!

EURICÃO - É mesmo! É mesmo, caroba! Eu nem me lembrei disso, no meu aperreio!

CAROBA - Leia a Carta, Seu Euricão!

MARGARIDA- É papai, leia! Que mal faz?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 441

PINHÃO - Se for dinheiro emprestado.....

EURICÃO - (JOGANDO A CARTA NO CHÃO.) Ai!

MARGARIDA- (APANHANDO-a.) Não é nada demais, está vendo? Olhe, veja o senhor mesmo!

EURICÃO - Não fala em dinheiro não?

MARGARIDA- Não.

EURICÃO - Nem pede pra eu avalisar alguma letra?

MARGARIDA- Não.

EURICÃO - Você jura?

MARGARIDA- Juro.

EURICÃO - Então eu leio. Mas Santo Antonio, veja lá! Não vá ser essa safadeza de me pedir dinheiro emprestado!

MARGARIDA- Papai, leia a carta pelo amor de Deus!

EURICÃO - Você acha que eu devo ler?

MARGARIDA- Acho.

EURICÃO - Então eu leio. Meu caro Eurico: espero que esta vá encontrá-lo como sempre com os seus, gozando paz e prosperidade!Ai! Margarida!

MARGARIDA- Que é, papai?

EURICÃO - Você passou o São João na Fazenda de Eudoro Vicente.

MARGARIDA- É verdade, papai.

EURICÃO - Você foi dizer, lá, que eu era rico?

MARGARIDA- Eu? E eu ia dizer uma coisa dessa, meu pai? nós somos tão pobres!

EURICÃO - E como é que ele fala em prosperidade, aqui? Isso é dinheiro emprestado, não tem pra onde!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,1p 442

MARGARIDA- É um modo de falar, papai, todo mundo diz isso nas cartas!

EURICÃO - É?

MARGARIDA- É.

EURICÃO - Então eu leio. Gozando paz e prosperidade. Sobretudo. espero que esteja passando bem sua encantadora filha Margarida,cuja estada em minha casa ainda não consegui esquecer. Ah,isso ai ele tem que reconhecer, minha filha é um patrimônio que possuo. Hei de casá-la com um homem rico e ela há de amparar a velhice do paizinho dela. Eudoro, com todo o dinheiro que tem, não tem uma filha como a minha!

CAROBA - E o senhor, com toda a filha que tem, não tem uma riqueza como a dele!

EURICÃO - Como foi?

CAROBA - Nada!

EURICÃO - Mando na frente meu criado Pinhão, homem de toda confiança....

PINHÃO - Obrigado!

EURICÃO - ...para avisá-lo de minha chegada ai. Aí aonde? Eudoro Vicente pensa que, pelo simples fato de ter hospedado minha filha eu estou obrigado a hospedá-lo? ele convidou Margarida porque quis, eu não convidei ninguém!

MARGARIDA- Mas papai, ele foi tão delicado comigo!

EURICÃO - Mas eu não o convidei, esse é que é o fato! Eu não convidei ninguém! E o que é isso aqui? O que é isso aqui?

CAROBA - Que é, Seu Euricão?

EURICÃO - Está vendo? Eu não dizia? Minha filha, voce ainda causará minha perdição, minha morte, meu assassinato! Ai a crise, ai a carestia!

MARGARIDA- Que foi, meu pai?

EURICÃO - A carta! A carta amaldiçoada! bem que eu estava com um pressentimento ruim!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 443

MARGARIDA- Mas o que é que tem a carta? Dê cá, deixe eu ver! Onde é?

EURICÃO - Aí onde diz "de minha chegada aí". Ah carta amaldiçoada! Ai a crise, ai a carestia!

MARGARIDA- De minha chegada ai, mas quero logo avisá-lo: pretendo privá-lo de seu mais precioso tesouro!

EURICÃO - Está vendo? Esse ladrão! Esse criminoso! Meteu na cabeça que eu tenho dinheiro escondido e quer roubá-lo. Estão me roubando! Ladrões, só pensam nisso! Mas vou tomar minhas providências! Saiam, saiam imediatamente! Vou trancá-los entrem aqui imediatamente! Entrem, entrem!

EMPURRA OS QUATRO NUM QUARTO QUALQUER, QUE TRANCA POR FORA. TRANCA TAMBÉM AS PORTAS E JANELAS COM BARRAS DE MADEIRA E ABRE PELO MEIO UMA GRANDE PORCA DE MADEIRA, VELHA E FEIA, QUE DEVE ESTAR EM CENA, ATIRADA A UM CANTO, COMO SE FOSSE UMA COISA SEM IMPORTÂNCIA. DENTRO DELA, PACOTES E PACOTES DE DINHEIRO. EURICÃO, ENQUANTO ERGUE E DEIXA CAIR AMOROSAMENTE OS PACOTES, VAI FALANDO, ORA CONSIGO MESMO, ORA COM SANTO ANTONIO, CUJA IMAGEM TAMBÉM DEVE ESTAR EM CENA.

EURICÃO - Ladrões, ladrões! Será que me roubaram? È preciso ver, é preciso vigiar! Vivem de olho no meu dinheiro, Santo Antonio! Dinheiro conseguido duramente, dinheiro que juntei com os maiores sacrifícios. Eurico Arábe, Euricão Engole-Cobra! Pois sim! Mas é rico e os que vivem zombando dele não têm a garantia de sua velhice. Ah, está aqui, os ladrões ainda não conseguiram furtar nada. Ah, minha porquinha querida, que seria de mim sem você? Chega dá uma vontade da gente se mijar! Fique aí até outra oportunidade. Se eu pudesse, comia você inteirinha! ai, mas é impossível! Se não, desconfiam!

(ABRE AS PORTAS, NUMA ALEGRIA SATÂNICA.)

EURICÃO - Venham! Ra, ra! Então vocês queriam roubar o velho Euricão Arábe, heim? Euricão Engole-Cobra! Pois sim! Mas, se eu não cuido, as cobras é que vão me engolir.

PINHÃO - É por isso que o povo diz que cobra que não anda não engole sapo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 444

EURICÃO - Acabe com esses ditados! Trabalhei com as cobras, é verdade, vendendo meus remédios por todo o sertão. Mas hoje.... Vocês pensam que sou rico, não é?

MARGARIDA- Mas papai, que vai pensar uma coisa dessas?

EURICÃO - Vivo cercado de inimigos, de ladrões. E agora, ainda mais esse Eudoro Vicente, querendo me roubar o que é meu! Esse ladrão, esse criminosos! Eu não convidei ninguém, ele vem por que quer. E voce, Seu Dodó, não diz nada? O senhor ouve essa desgraça, vê que estão querendo me depenar, me explorar e fica calado?

DODÓ - O senhor vá ao hotel de Dadá e reserve quarto para o fazendeiro. Quando ele chegar, para a conta!

EURICÃO - É mesmo! Dodó Boca-da-Noite! Que talento, que gênio! É a unica pessoa que sabe me compreender! Se você não fosse tão pobre e tão feio, minha filha bem que poderia... Eu vou, sua idéia é boa. Mas cuidado, todo cuidado é pouco. Voce fica aqui, de olho. Não deixa ninguém entrar. Margarida, minha filha, voce jura que fica aqui?

MARGARIDA- Juro.

EURICÃO - Jura que não deixa ninguém entrar até que eu volte?

MARGARIDA- Juro.

EURICÃO - Você também jura, Dodó Boca-da Noite?

DODÓ - Juro

EURICÃO - Você vigia minha filha e ela vigia você! Vou reservar o quarto para o Eudoro. E se ele chegar na minha ausencia, vão logo esclarecendo tudo. Eu não convidei ninguém e não tenho dinheiro nenhum. E que Santo Antonio me proteja dos ladrões! (SAI)

IMEDIATAMENTE MARGARIDA ABRAÇA DODÓ.

MARGARIDA- Meu amor, o que é que se pode fazer para evitar isso? Espere, tire essa barba horrível, não consigo me convencer de que é você! Estamos perdidos, vão descobrir tudo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0624,p.445.. DFANBSB NS.CPR.TE..

DODÓ - A que horas meu pai chega, Pinhão?

PINHÃO - Chega já. Pelo menos foi o que ele disse na carta, mas falar é fôlego.

MARGARIDA- Que terá havido, Dodó, meu amor? Que foi que deu em seu pai ' de repente? Terá desconfiado de que você está aqui?

DODÓ - Ele estava zangado, Pinhão?

PINHÃO - Não, pelo contrário, estava até alegre.

DODÓ - Falou alguma coisa a meu respeito? A respeito de eu ter ou não ter ido para o Recife estudar?

PINHÃO - Não. Ele não tem a menor idéia de que o senhor está aqui.

MARGARIDA- O melhor é a gente confessar tudo, querido. Não aguento mais essa agonia. A todo instante penso que meu pai vai reconhecer voce.

DODÓ - Não está vendo que é impossível, meu bem? Quando seu pai me viu pela última vez, eu era um menino. E com esta corcova, ' essa roupa, essa barba... Não é possível de jeito nenhum!

MARGARIDA- Mas o seu? Ele vai chegar e vai reconhecê-lo. Não seria melhor dizer tudo?

DODÓ - Mas dizer tudo como, meu bem? Não tenho um tostão meu, meu pai é contra a idéia de eu me casar sem estudar, seu pai só deixa você casar com um homem rico... O que eu posso fazer ' contra este inferno?

MARGARIDA- Talvez se seu pai soubesse que a noiva sou eu, permitisse o casamento e lhe desse terra para você trabalhar. Ele gostou tanto de mim quando estive lá!

DODÓ - E eu mais ainda, tanto assim que abandonei meu estudo e vim me meter nesse armazém por sua causa.

MARGARIDA- Mas com a chegada de seu pai, tudo se complica! Ele vai descobrir.

DODÓ - Talvez você tenha razão, é melhor confessar. Quando ele chegar, descobrimos tudo e ficamos de joelhos diante dos dois, pedindo consentimento para nos casar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0674, p. 446

CAROBA - O senhor quer um conselho?

DODÓ - Quero, Caroba, estou completamente cego.

CAROBA - Então não descubra nada!

MARGARIDA- Por que? Você fala de um jeito tão misterioso!

CAROBA - É porque estou maldando um negócio mais misterioso ainda. Vou dizer uma coisa curta e certa aos dois: Não descubram a história não, porque o pai do senhor vem é para pedir Dona Margarida em casamento.

DODÓ - O que? Você está doida, mulher?

CAROBA - Estou nada, homem! Seu pai não é viúvo?

DODÓ - É

CAROBA - A senhora não passou um tempo lá?

MARGARIDA -Passei.

CAROBA - Ele não simpatizou com a senhora?

MARGARIDA- Simpatizou.

CAROBA - Ele não disse na carta, que vinha roubar o tesouro mais precioso de seu Euricão?

PINHÃO - Disse

CAROBA - Então o que é que vocês querem mais? É casamento no duro!

DODÓ - É possível?

CAROBA - Por que não? Seu Dodó? É proibido casar?

MARGARIDA- Mas assim, sem um aviso, sem uma proposta!

CAROBA - Dona Margarida, essas coisas só se usam na primeira vez, na segunda, vai direto! Casamento de viúvo é feito depressa e sem muita conversa!

MARGARIDA- Você acha que é possível?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p.447

DODÓ - Ouvi papai falar em casamento mais de uma vez, para sondar minha opinião.

MARGARIDA- E se for, o que é que a gente faz, meu Deus?

CAROBA - É deixar as coisas como estão. Se o senhor tiver habilidade, pode ser que seu pai não o reconheça, pelo menos hoje. Quando ele chegar, já é quase noite. Com a corcova, a perna curta, a barbicha e a boca torta, o senhor bem que pode passar por outro. Então a gente vê o que faz, examina tudo, vê se é casamento mesmo e pode então partir daí para resolver tudo.

DODÓ - Como?

CAROBA - Eu sei lá. Na hora se vê.

MARGARIDA- (A DODÓ) Você acha que está bem assim?

CAROBA - Pode ser que não esteja, mas é o jeito.

DODÓ - Esta bem, Caroba, vou seguir seu conselho. E se tudo se resolver a contento, eu saberei mostrar minha gratidão.

PINHÃO - Como?

DODÓ - Eu descobrirei um modo.

PINHÃO - Seguro morreu de velho.

CAROBA - O senhor não tem uma terrinha que seu padrinho lhe deu?

DODÓ - Tenho, mas é uma terrinha pequena, não dá para nada.

CAROBA - Para o senhor, para mim vale muito. A coisa que eu mais desejo na vida é casar com Pinhão e ter uma terrinha para trabalhar nela com ele. Se a história se resolver e eu conseguir fazer seu casamento. o senhor passa a escritura dessa terra para nós dois?

DODÓ - Passo.

CAROBA - Prometido?

DODÓ - Prometido.

PINHÃO - Quem vive de promessa é santo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 448

CAROBA - Mas aí é pegar ou largar.

PINHÃO - Pois eu pego! vou arranjar umas promissórias aí pela rua. O senhor assina uma no valor da terra. Quando passar a escritura, eu devolvo a que o senhor assinou, está bem?

DODÓ - Está, homem desconfiado!

PINHÃO - O velho dobrou na esquina.

CAROBA - Saiam, deixem eu enfrentar Seu Euricão. É preciso preparar o terreno. Cuidado, lá vem ele! Pinhão, fique, preciso de sua ajuda!

DODÓ PÕE OS DISFARCES E SAI ATRÁS DE MARGARIDA. ENTRA EURICÃO.

EURICÃO - Ladrões. só vejo ladrões! Mas Santo ntonio me protege.Caroba, você sózinha aqui? que é isso? Onde estão os outros? Onde está Dodó-Boca-da Noite?

CAROBA - Para falar com franqueza, não prestei atenção. Deve ter saído.

EURICÃO - Que conversa é essa? Você andou remexendo no que é meu?

CAROBA - Que interesse eu tinha em remexer nessa troçaria? Só se fosse para ficar com asma, nesse mofo.

EURICÃO - Deixe ver os bolsos.

CAROBA - Veja.

EURICÃO - Sacuda o vestido.

CAROBA - (OBEDECENDO) Está quente hoje, heim, Seu Euricão?

EURICÃO - Vire-se de costas.

CAROBA - Pois Não.

EURICÃO - Deixe de manejos e abra as maõs.

CAROBA - Aqui estão.

EURICÃO - Não terá escondido nada embaixo da saia?

CAROBA - Epa, vá prá lá! Que molecagem é essa?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p.449

EURICÃO - Idiota, eu sou um velho. Minha intenção é outra.

CAROBA - Sei lá, isso é você quem diz!

PINHÃO - È melhor você se garantir, Caroba.

CAROBA, QUE TEM SE APROXIMADO DA PORCA, COLOCA A MÃO DESCUIDADAMENTE EM SEU DORSO.

EURICÃO - (ATERRADO) Saia daí!

CAROBA - Que foi?

EURICÃO - Uma aranha, aí!

CAROBA - Ai! (ESCONDE-SE ATRÁS DA PORCA, ABRAÇANDO-SE COM ELA)

CAROBA - Ai, tenho horror a aranha!

EURICÃO - Saia daí!

CAROBA - O que é?

EURICÃO - Um Lacrau enorme! Saia, saia! Olhe o lacrau, Caroba!

CAROBA - Ai! Aonde, seu Euricão?

EURICÃO - Aí na porca!

PINHÃO - Aonde, que eu não estou vendo?

EURICÃO - Desapareceu, deve ter fugido!

CAROBA - É capaz de estar embaixo da porca.

ABAIXA-SE E PROCURA CUIDADOSAMENTE, BATENDO NA PORCA COM OS NÓS DOS DEDOS.

EURICÃO - Caroba! Olhe a caranguejeira!

CAROBA - Ai! Esta casa está cheia de bichos, seu Euricão!

PINHÃO - Sabe por que é isso, Seu Euricão? São essas velharias que o senhor guarda aqui. Só essa porca já tem mais de duzentos anos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p.450

CARÓBA - Por que o senhor não joga isso fora? Outro dia eu e Dona Margarida quisemos fazer uma surpresa ao senhor. A gente ia jogar ' fora essa porca velha e comprar uma nova para lhe dar.

EURICÃO -(ARRIANDO NUMA CADEIRA) Ai, ai! Miseráveis, miseráveis, assassinas, bandidas! Logo minha porquinha que herdei de meu avô! Toque nela e quem vai embora é você, está ouvindo, assassina? Sou louco por essa porca! Ai Santo Antônio, querem me roubar, me assassinar, e ainda por cima comprar uma porca nova que deve custar uma fortuna! Ladrões, ladrões! Ai a crise, ai a carestia! Santo Antônio, Santo Antônio!

CAROBA - Está certo, Seu Euricão, está certo! Diabo duma agonia danada! Deixe a porca de lado, ninguém toca mais nela! Que é que vale uma porca? O negócio agora é evitar a facada que o tal do Eudoro vem lhe dar.

EURICÃO- A facada?

CAROBA - E então? O senhor vai ver se não é! Pinhão me contou como ele faz. Chega cheio de delicadezas. A essa hora, já se informou' de sua devoção por Santo Antonio. Ele chega e faz que é devoto do mesmo Santo. Elogia o senhor, elogia sua filha, pergunta como vão os negócios, todo amável, e vai amolando a faca. (A MEDIDA QUE FALA, VAI EVOCANDO A CENA IMAGINÁRIA COM GESTOS SIGNIFICATIVOS E CORTANTES).

CAROBA - Deve ser uma faca enorme, assim desse tamanho. Ele vai atolá-la até o cabo em sua barriga. Agrada o senhor, ajeita,e, quando menos o senhor esperar, xuiu!(DÁ A FACADA COM A MÃO NA BARRIGA DE EURICÃO, QUE CAI DESFALECIDO NUMA CADEIRA.)

EURICÃO- Ai! Quanto você calcula que vai ser a facada, Caroba?

CAROBA - Homem, pelo tamanho da faca, calculo aí nums vinte contos.

EURICÃO- Ai! Caroba!' Tenha compaixão de um pobre velho.

CAROBA - Más é claro que tenho, Seu Euricão! já pensei em tudo e vou defendê-lo contra esse urubu.

EURICÃO- Você Vai, Caroba? Como?

CAROBA - O meio é contra-atacar com as mesmas armas. O senhor lhe oferece jantar, dá-lhe vinho, cerveja, e quando ele estiver bem entusiasmado para dar o golpe., o senhor dá nele primeiro.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p.451

EURICÃO - Como?

CAROBA - Pedindo vinte contos emprestados.

EURICÃO - Ra, ra! Ra, ra! Grande idéia, Caroba, idéia genial! mas como é que se paga o jantar?

PINHÃO - O senhor tira dos vinte contos!

EURICÃO - Ladrão, miserável! já quer gastar meus vinte contos que eu arranquei daquele criminoso com tanto trabalho! Quer me matar de fome, bandida? Quer gastar meu dinheiro?

CAROBA - Mas Seu Euricão, o dinheiro não é dele?

EURICÃO - Ai, é mesmo! E se ele não emprestar, Caroba?

CAROBA - Ah, ele empresta! Vou dar um jeito nisso. O senhor me dá uma comissão?

EURICÃO - Se você arranjar os vinte contos? Dou.

CAROBA - Quanto?

EURICÃO - Eu lhe dou metade daquele jerimum que o cego me deu ontem.

CAROBA - É pouco! Eu quero é dinheiro, Seu Euricão!

EURICÃO - Ai, ai! Ainda não tenho os vinte contos e já querem me roubar! Não dou, não dou de jeito nenhum.

CAROBA - Então, estou fora do negócio.

EURICÃO - Não! Preciso de você, Caroba, não me abandone!

CAROBA - Então me dê minha comissão.

EURICÃO - Quanto é que você quer?

CAROBA - Quinhentos.

EURICÃO- Dou cinquenta.

CAROBA - Estou fora!

EURICÃO - Cem

CAROBA - Estou fora

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 452

EURICÃO - Cento e cinquenta.

CAROBA - Estou fora!

EURICÃO - Duzentos.

CAROBA - Estou fora!

EURICÃO - E eu também! Estou fora, porque daí não passo de jeito nenhum! Estou fora!

CAROBA - Então eu entro! Fica pelos duzentos. Vou encomendar o jantar no hotel de Dadá.

EURICÃO - E como é que ele vai pagar, se sou eu que encomendo?

CAROBA - O senhor tira dos vinte contos.

EURICÃO - E se ele não empresta?

CAROBA - Aí, pelo menos a gente ganha o jantar.

EURICÃO - E com que é que se paga o jantar? Com meu dinheiro?

CAROBA - O jantar não vai ser pago com os vinte contos, Seu Euricão?

EURICÃO - Ai, é mesmo. Assim, eu quero!

CAROBA - Então vá, Pinhão. Vá e encomende o jantar que hoje aqui se come de noite e se come bem. Vá, Pinhão.

PINHÃO - Meu Patrão!

CAROBA - Seu Patrão?

PINHÃO - Sim, chegou. Dona Benona Arábe está recebendo meu patrão aí fora, na calçada, perto do cemitério da igreja.

CAROBA - Saia por aqui, então. É preciso que ele pense que você está do lado dele. Se não ele desconfia, fica de sobreaviso e não empresta os vinte contos, não é, Seu Euricão?

EURICÃO - É, Pinhão, meu filho, saia por ali. Nessas coisas, a surpresa é tudo. Vá e volte para nos ajudar, que a luta com esse criminoso vai ser grande.

PINHÃO SAI AO MESMO TEMPO QUE BENONA ENTRA.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p.453

BENONA - Eurico, Eudoro Vicente está lá fora e quer falar com você.

EURICÃO - Benona, minha irmã, eu sei que ele está lá fora, mas eu não quero falar com ele.

BENONA - Mas Eurico, nós lhe devemos certas atenções.

EURICÃO - Você, que foi noiva dele. Eu, não!

BENONA - Isso são coisas passadas.

EURICÃO - Passadas para você, mas o prejuízo foi meu. Esperava que Eudoro, com todo aquele dinheiro, se tornasse meu cunhado. Era uma boca a menos e um patrimônio a mais. E o peste me traiu. Agora, parece que ouviu dizer que eu tenho tesouro. E vem louco atrás dele, sedento, atacado de verdadeira hidrofobia. Vive farejando ouro, como um cachorro da moléstia, como um urubu, atrás do sangue dos outros. Mas ele está muito enganado. Santo Antonio há de proteger minha pobreza e minha devoção.

CAROBA - Mas enquanto Santo Antonio não se vira, vamos ajudá-lo um pouco. Seu Euricão, saia por um momento.

EURICÃO - Você se encarrega de preparar tudo?

CAROBA - É claro.

EURICÃO - Então eu saio. Traga o cachorro, Benona, traga o urubu. Se Deus quiser e Santo Antonio me ajudar, o golpe vai se virar por cima dele. Eu fico ali, assim que o terreno estiver preparado, me chame. (SAI).

CAROBA - Dona Benona, espere um instante. Quero lhe dizer um negócio, em caráter confidencial.

BENONA - Que é, Caroba?

CAROBA - Pinhão está desconfiado de que Seu Eudoro vem pedir a senhora em casamento.

BENONA - Caroba!

CAROBA - É verdade, Dona Benona! A senhora não foi noiva dele?

BENONA - Fui, mas briguei por uma besteira e ele se casou com outra.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p.454

CAROBA - Mas o fato é que está viúvo e arrependido! Ele mandou dizer a Seu Euricão que vinha privá-lo de seu tesouro e Pinhão / acha que só pode ser a senhora.

BENONA - É possível?

CAROBA - A senhora mesmo vai ver, daqui a pouco. Mas parece que ele está meio envergonhado, depois de tanto tempo. É natural, / más é preciso ajudá-lo.

BENONA - (FACEIRA) Ele está acanhado porque quer, porque eu nunca o esqueci.

CAROBA - Foi nada?!

BENONA - E então?

CAROBA - Pois eu vou ajudar Seu Eudoro a sair do acanhamento. A senhora me deixe só com ele que eu vou me certificar. Se for verdade, pode deixar que eu puxo a conversa na frente de seu Euricão e a senhora noiva.

BENONA - Ai, Caroba, estou tão confusa! Foi tudo tão de repente! E assim, de surpresa, sem me dizer nada! Mas Eudoro sempre / foi meio doidinho!

CAROBA - É casamento na certa! A senhora saia e deixe tudo comigo!

BENONA - Pois está certo. Fique, fale com ele e que Santo Antonio nos proteja.

ENTRA EUDORO VICENTE. BENONA LANÇA-LHE UM OLHAR PROVOCANTE E TERNO.

BENONA - Eudoro, meu irmão vem já. Com licença, malvado! (SAI)

EUDORO - Que foi que houve aqui, meu Deus, para Benona me olhar assim? Que coisa esquisita!

CAROBA - Ah e o senhor ainda não soube de nada não?

EUDORO - Não, o que foi que houve?

CAROBA - O que houve, Seu Eudoro, foi que o povo daqui está desconfiado de que o senhor veio noivar.

EUDORO - E por que estão pensando isso?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0624,p 455

CAROBA - O senhor mandou dizer na carta que ia roubar o tesouro de Seu Euricão e todo mundo está pensando que isso quer dizer/ "casar com Dona Margarida"

EUDORO - Pois estão pensando certo, Caroba. Desde que Dodó saiu de casa para estudar, estou me sentindo muito só. Simpatizei ' com a filha de Euricão e resolvi pedi-la, apesar da diferença de idade.

CAROBA - O senhor está parecendo meio encabulado de pedir.

EUDORO - É verdade, Caroba. Não sei como vou começar. Minha idade não permite mais certas coisas que agradam às moças, de modo que...

CAROBA - Então deixe comigo. Seu Euricão é louco pela filha. Não gosta nem de falar em casamento para ela, com medo de perdê-la. Mas, ao mesmo tempo, quer casá-la, pois considera a moça uma espécie de patrimônio. O senhor agrade o velho, seja delicado, diga que ele vai bem de saude e de negócios, fale em Santo Antonio, que é a devoção dele, e deixe o resto comigo. Depois que eu puxar o assunto, depois que tudo estivar encaminhado, ai o senhor faz o pedido, está bem?

EUDORO - Está ótimo, Caroba. Para animá-la eu..... (REMEXE NO BOLSO)

CAROBA - Nada disso, a única coisa que me interessa nisso é a estima que sempre lhe tive. Mas já que o senhor insiste....

EUDORO - Pois tome e puxe o assunto. Creio que Euricão não criará dificuldade. Gosta da filha, mas gosta ainda mais de dinheiro e, sabendo que tenho algum... Mas o que é isso?

CAROBA - Não é uma das velharias de Seu Euricão? Herdou essa porca / ainda do tempo do avô e não há quem faça ele jogá-la fora.

EUDORO - Do tempo do avô, é? Interessante, muito interessante! gosto muito de antiguidades!

CAROBA - Então eu vou chamá-lo. Seu Euricão! Seu Euricão! Seu Euricão Engole-Cobra!

EURICÃO - (ENTRANDO.) Engole-Cobra é a mãe. Bom dia, Eudoro Vicente.

EUDORO - Bom dia, Eurico Arábe. Santo Antonio o guarde, Santo Antonio o proteja a você e a toda a sua família.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 p. 456

EURICÃO - (À PARTE, A CAROBA) Se não for dinheiro emprestado, eu estu fe! Que Santo Antonio também o proteja, Eudoro Vicente.

EUDORO - Então sempre em saúde e prosperidade, heim?

EURICÃO - É dinheiro. não tem pra onde! Prosperidade, eu? Você sim, pode dizer que vai bem com todas aquelas fazendas!

EUDORO - Que é que adinnta a terra, Eurico? Vem a seca e morre tudo. A felicidade é que tenho amigos e são eles que me valem nas horas de aperto.

EURICÃO - É dinheiro emprestado, não tem pra onde! Voce gosta de con tar desgraça, mas é para esconder a fortuna. Eu é que só tenho, para contar, miséria. Os ricos, como você, contam di nheiro, Eudoro, os pobres, como eu, desgraça.

EUDORO - Que nada, isso é modéstia! E quanto à crise, se puder fazer alguma coisa para ajudá-lo...

EURICÃO - Isso parece promessa, mas é para preparar o pedido. Está fa minto, sedento por dinheiro emprestado.

EUDORO - Que tal lhe parece minha família?

EURICÃO - Boa.

EUDORO - E meu caráter?

EURICÃO - Bom.

EUDORO - E meus atos?

EURICÃO - Nem maus nem desonestos.

EUDORO - Qual é a opinião que você tem de mim?

EURICÃO - Sempre o considerei um cidadão honrado.

EUDORO - Pois eu também acho você um cidadão sem defeitos.

EURICÃO - Se não for dinheiro emprestado, eu me dane! O que é que você quer?

CAROBA - Seu Euricão, o senhor sabe perfeitamente que seu Eudoro gos tou de uma pessoa de sua família.

EURICÃO - Sei, mas pensei que isso já tivesse passado.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p.457

CAROBA - Ora passado, agora foi que começou! A simpatia que essa pessoa inspirou a Seu Eudoro só fez aumentar com a separação. Pois bem, Seu Eudoro veio pedi-la em casamento.

EURICÃO - Está dada, pode se considerar noivo. Mas eu preciso de vinte contos emprestados para fazer a festa do casamento.

EUDORO - Mas eu ainda não sei se ela aceita!

EURICÃO - A responsabilidade é minha, pode se considerar noivo! Não está vendo que eu não vou perder uma oportunidade dessa? Você está noivo, Eudoro, e eu preciso de vinte contos, esse é que é o fato.

EUDORO - Então mande chamar Margarida.

EURICÃO - Margarida? Pra que?

CAROBA - Seu Eudoro quer vê-la depois de tanto tempo, é perfeitamente natural, Seu Eurícão. Ele já viu Dona Benona, agora quer ver Dona Margarida!

EURICÃO - Ah, sim. Mas quero logo lhe dizer, Eudoro, que ela esteve lá foi a convite seu. Eu não convidei ninguém, Você vai para o hotel da Dadá!

EUDORO - Está bem, mas posso ver Margarida?

EURICÃO - Pode, por que não?

EUDORO - Diziam que você era tão cheio de coisas com ela!

EURICÃO - Ah, sou. Mas confio em você, por causa de sua idade e porque agora você é noivo. Você promete ir para o hotel?

EUDORO - Prometo, homem cuidadoso! Não fica bem eu, noivo, hospedado em casa da noiva, não é?

EURICÃO - Ah, é, nessas coisas eu sou inflexível! basta dizer que mantenho um guarda, pago com meu dinheiro, só para tomar conta de Margarida. Tem ordem de não deixá-la um só instante.

EUDORO - Um guarda? Um homem?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 458

EURICÃO - Sim, mas é tão feio que não há perigo. Margarida tem ódio dele. Mas eu gosto, porque ele é prudente e econômico, chega a me dar lições. Chama-se Dodó.

EUDORO - Meu filho tem esse mesmo apelido de Dodó!

CAROBA - Mas seu filho é coxo?

EUDORO - Você já morou em minha terra e sabe que não.

CAROBA - É corcunda?

EUDORO - Não.

CAROBA - Tem uma barbicha?

EUDORO - Não.

CAROBA - Veste sempre de preto?

EUDORO - Não.

CAROBA - É amarrado?

EUDORO - Não.

CAROBA - Tem a boca torta?

EUDORO - Não.

EURICÃO - Então não é esse não, porque Dodó Boca-da-Noite tem tudo isso e mais alguma coisa. Vou chamar os dois aqui. Margarida! Dodó Boca-da-Noite!

ENTRA MARGARIDA

EUDORO - Oi, você não disse que ela é sempre vigiada?

EURICÃO - Margarida, você quer me desmoralizar? sustente o pudor, Margarida! Olhe o recato, Margarida! Onde está Dodó?

MARGARIDA- Seu Dodó sentiu-se mal e ficou no armazém, papai.

EURICÃO - Sentiu-se mal o que? Empregado meu tem lá licença de se sentir mal? Dodó! Dodó! Dodó Boca-da-Noite!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p.459

DODÓ ENTRA, EXAGERANDO A CORCOVA, O ANDAR E SEMPRE DE COSTAS PARA NÃO SER RECONHECIDO.

EURICÃO - Cumpra com sua obrigação, está ouvindo?

DODÓ - Estou.

EURICÃO - É um bom servidor, gosto muito dele! Venha cá, conhecer meu amigo, Dodó.

DODÓ - Ai!

EURICÃO - Que foi?

MARGARIDA- Eu não disse que ele estava doente?

DODÓ - Seu Eurico, um copo dágua, Seu Eurico!

EUDORO - Tome, moço.

DODÓ - (DANDO-LHE AS COSTAS) Não! já passou, estou bonzinho!

CAROBA - Seu Euricão mandou chamar a senhora, Dona Margarida, porque Seu Eudoro Vicente fez o pedido de casamento.

EURICÃO - E já que ele vai entrar na família, minha filha...

MARGARIDA- É verdade?

EUDORO - É, Margarida. Ainda não tive tempo de ir ao hotel, mudar de roupa, mas quero logo pedir uma entrevista a você para conversarmos.

EURICÃO - Ah não, entrevista não. A entrevista é essa!

EUDORO - Mas Eurico...

MARGARIDA- Não precisa nem o senhor falar, meu pai. Prefiro ir para um Convento.

EURICÃO - Está vendo o que é recato, udoro? Ai, Margarida! sustente o pudor, Margarida, sustente o recato! Trata-se de Eudoro, é uma pessoa séria, de mais idade e além do mais vai entrar na família. Mas recato é recato! Entrevista, sozinha, com ninguém!

EUDORO - Mas Eurico...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p.460

MARGARIDA- Já disse que prefiro ir para um convento. E vá marcar entrevista com gente de sua idade, está ouvindo? E saia daqui / com seu casamento! Saia daqui porque eu...

CAROBA PÕE OS DEDOS NOS LÁBIOS E FAZ-LHE SINAL PARA QUE ELA SAIA. MARGARIDA SE INTERROMPE BRUSCAMENTE E COMEÇA A CHORAR SAINDO ARREBATADAMENTE DA SALA, ACOMPANHADA SEMPRE PELO FIEL DODÔ.

EUDORO - Mas Eurico...

CAROBA - Coitada, foi pegada de surpresa pela notícia, é muito pegada com a família, principalmente com Dona Benona, e está / com medo de perdê-la.

EURICÃO - É isso mesmo. Não se ofenda, Eudoro, vou acalmá-la. Uma conversa comigo e em dois tempos ela vai ser a primeira a apoiar a idéia. (SAI).

EUDORO - A apoiar que idéia? A da entrevista?

CAROBA - Não, a do casamento.

EUDORO - Bem que eu não queria fazer isso, assim de repente! agora a moça está nervosa!

CAROBA - Isso passa, deixe comigo! Ela faz isso porque está na frente do pai. Mas quando ela falar com o senhor a sós, há de ver que ela quer o casamento.

EUDORO - Mas o fato é que não vou poder falar com ela a sós.

CAROBA - Ah, isso não. Vai, e quem vai arranjar a entrevista sou eu.

EUDORO - Você? Como? Onde?

CAROBA - Aqui e de noite, depois que o velho estiver dormindo. Ele dorme cedo, de modo que depois do jantar...

EUDORO - E se alguém acordar?

CAROBA - É fácil disfarçar. Dona Margarida levanta-se às vezes á noite, para rezar escondido pela mãe.

EUDORO - Escondido por quê?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p.461

CAROBA - Seu Euricão não gosta disso. A mulher abandonou-o e, depois que ela morreu, ele mandou buscar o corpo e enterrou aí. Mas não gosta nem que se fale dela. De modo que, se Dona Benona acordar, diz-se que foi isso. Dona Benona é a mais perigosa. Tem mania de recato. É a conselho dela que Seu Euricão fica tão rigoroso com a filha.

EUDORO - Benona sempre foi assim, creio mesmo que foi por causa disso que ela...Mas enfim, você arranja a entrevista?

CAROBA - Arranjo. Depois do jantar, quando todo mundo estiver deitado, eu destranco esta porta. Aí o senhor volta e pode falar com Dona Margarida, aqui.

EUDORO - Mas será que ela aceita?

CAROBA - Aceita, a paixão dela pelo senhor é grande, vai vencer de uma só vez o pudor e o recato.

EUDORO - Está bem, mas cale a boca. O homem vem aí.

ENTRA EURICÃO

EURICÃO - A moça se trancou e não houve jeito. É o recato, coitada. Mas você compreende isso, não é?

EUDORO - É.

EURICÃO - Então Adeus, Eudoro Vicente, não quero retê-lo mais, você deve estar com fome e o hotel...

CAROBA - Patrão!

EURICÃO - Heim?

CAROBA - E o jantar?

EURICÃO - Cale a boca, miserável!

CAROBA - O senhor não prometeu um jantar? É para celebrar o noivado.

EUDORO - Um jantar? Ah, aceito, pois não. Venho jantar e depois vou dormir no hotel.

EURICÃO- Está bem, está bem. Essa você me paga, Caroba! E a respeito dos vinte contos?

EUDORO - No jantar nós falaremos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p. 462

EURICÃO - Ótimo, ótimo. Essa parte está ótima.

EUDORO - Então, até já! E preparem o espírito da noiva! (SAI)

CAROBA - Seu Eurição, espero que o senhor não se esqueça de minha comissão.

EURICÃO - Que comissão?

CAROBA - A que o senhor prometeu, se eu arranjasse os vinte contos.

EURICÃO - E quem disse que você me arranjou vinte contos? aliás, ninguém me arranjou nada. vai arranjar!

CAROBA - Mas quem planejou tudo fui eu!

EURICÃO - Mente, velhaca! Você tinha planejado tudo para o jantar e, se eu tivesse esperado, talvez a essa hora estivesse esfaqueado. Quem pressentiu o perigo fui eu, quem pediu o dinheiro fui eu e quem arranjou o dinheiro fui eu! você não tem direito à comissão de qualidade nenhuma!

CAROBA - Mas Seu Eurição...

EURICÃO - Adeus, Caroba, já basta o prejuízo do jantar.

CAROBA - Mas Seu Eurição...

EURICÃO - Dê o fora, Caroba.

CAROBA SAI DE MÁ VONTADE. EURICÃO VAI ATÉ A PORCA E ALISA-A CARINHOSAMENTE.

EURICÃO - Ai minha porquinha do coração, a luta é grande contra os ladrões. Mas arranjei sempre mais vinte contos para seu buchinho.

ENTRA EUDORO

EUDORO - Eurico...

EURICÃO - (DANDO UM SALTO) Santo Antonio me proteja! Que negócio é esse de sair da casa dos outros e voltar nos mesmos pés? Você está me vigiando?

EUDORO - Não, Eurico, desculpe.

EURICÃO - Você notou alguma coisa?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 463

EUDORO - Alguma coisa de quê?

EURICÃO - Você pensa que sou idiota, para dizer? Notou ou não notou?

EUDORO - Não notei nada!

EURICÃO - E que veio fazer aqui, entrando de emboscada, como um assassino? como um ladrão?

EUDORO - Afinal, o que é isso? Que é que você quer dizer? voltei porque vim lhe oferecer preço por essa porca que você guarda ai.

EURICÃO - Preço por minha porca? Ai! Socorro! Ladrão! pega o ladrão!

EUDORO - Que é isso homem?

EURICÃO - Ai a crise, ai a carestia! Ai Santo Antonio! veja o que querem fazer comigo!

EUDORO - Mas afinal de contas...

EURICÃO - Ai minha porquinha que herdei de meu avô e esse criminoso quer tomar! Ai minha porquinha! (CAI DESFALECIDO NUMA CADEIRA).

EUDORO - Está bem, homem de Deus, se não quer vender, não venda! Precisa essa agonia? Diabo duma esquisitice danada! Vá ser esquisito assim no inferno!

VAI SAINDO, QUANDO ENCONTRA BENONA

BENONA - Dodó!

EUDORO - (FORMAL) Minha senhora!

BENONA - Que minha senhora que nada, malandro! já soube de tudo e vim lhe dizer que concordo de todo o coração! Está tudo esquecido.

EUDORO - Fico muito contente com isso, Benona.

BENONA - E eu mais ainda, Dodó. Olhe como estou! Desde que você apareceu que meu coração começou a bater. Você acha que eu devo lhe dar um beijo?

EUDORO - Mas Benona, você acha que ficaria próprio?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 464

BENONA - Deixe de preconceitos, homem! Agora estou diferente, a vida me ensinou a ser menos tola! Não quer? Bem, então fica mais tarde. Vou me vestir para o jantar. Mas não deixo você sair sem lhe dar um beliscão no espinhaço de jeito nenhum, quero me lembrar dos velhos tempos. Chegue aqui esse espinhacinho, safado!

EUDORO - Benona!

BENONA - Ai meu Deus, quanta timidez, como é lindo isso! Esse Dodó sempre foi doidinho! Não tem isso não, lá vai beliscão!

EUDORO - (CORRENDO) Benona! Diabo de povo mais esquisito! Benona! Ai! (SAI CORRENDO, COM BENONA ATRÁS).

EURICÃO - Ai minha porquinha adorada, ai minha porquinha do coração! Querem roubá-la, querem levar meu sangue, minha carne, meu pão de cada dia, a segurança de minha velhice, a tranquilidade de minhas noites, a depositária de meu amor! Mas parece que Santo Antonio me abandonou por causa da porca. Que Santo mais ciumento, é "ou ele ou nada"! É assim? Pois eu fico com a porca. Fui seu devoto a vida inteira: minha mulher me deixou, a porca veio para seu lugar. E nunca nem ela nem você me deram a sensação que a porca dá. Ah, minha bela, ah, minha amada! Aqui você fica muito à vista de todos, todo mundo deseja sua beleza e sua bondade. É melhor levá-la para um lugar escondido. A mala do porão, é lá! Aí você ficará em segurança e eu poderei dormir de novo.

ENTRA NUM SOCAVÃO SOB A ESCADA, SOBRAÇANDO A GRANDE PORCA DE MADEIRA E VOLTA SEM ELA.

EURICÃO - Agora, sim. E você, Santo Antonio, deve se contentar agora com minha pobreza e minha devoção. Eu não o esqueci. Não deixe que esses urubus descubram meu dinheiro! Faça isso, meu santo, e a banda de jerimum que eu ia dar a Caroba será sua. Menos as sementes, viu? As sementes eu quero para fazer xarope e vender no armazém. Ganha-se pouco, mas sempre é alguma coisa para se enfrentar a crise e a carestia! (PERSIGNA-SE E SAI.).

F I M D O P R I M E I R O A T O.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 465

SEGUNDO ATO

MESMA SALA. ENTRAM CAROBA, MARGARIDA e DODÓ

CAROBA - Mas que jeito eu podia dar? Ele queria a entrevista, eu estava precisando agradá-lo para ele confiar em mim, o jeito foi marcar!

DODÓ - Que jeito que nada! O que há é que você se acostumou a agradar meu pai e ficou contra mim!

CAROBA - Deixe de ser ingrato, Seu Dodó. Eu estou tentando arranjar o seu casamento e o senhor vem dizer isso!

MARGARIDA- É, meu amor, que mal faz? Eu vou, e, se achar um modo de afastar seu pai sem mágoa, afasto.

DODÓ - E ainda por cima, o perigo que você nos fez correr! Imagine se Margarida não visse o gesto que você fez! Era capaz de deitar tudo a perder.

CAROBA - Que é que eu podia fazer? Era preciso que Seu pai acreditasse que a noiva era ela. Agora, que já está tudo encaminhado, o senhor fica aí dando jeito a tudo. Eu queria ver era na hora, inventar tudo isso de repente, noivar seu pai com Dona Benona, quando ele pensava que era com Dona Margarida, noivar Dona Benona no pedido da sobrinha, fazer Seu Eurição acreditar que o candidato a genro queria ser cunhado...O senhor acha pouco?

MARGARIDA- É, meu bem, Caroba já fez demais! Por que você não concorda com essa tolice de entrevista?

DODÓ - Não concordo porque não gosto de ver você metida nisso!

MARGARIDA- Mas meu bem, trata-se de seu pai!

DODÓ - Não tenho nada com isso, agora é candidato a se casar com você.

CAROBA - A entrevista é quem vai resolver tudo, Seu Dodó!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0624, p. 466

DODÓ - Resolver tudo o quê? Ela vai é complicar tudo, isso sim! Na hora, papai pode entender a história de repente e a gente está desgraçado. Porque, se Seu Euricão descobrir que papai quer casar é com Margarida, desfaz o noivado de Dona Benona na mesma hora e faz o que meu pai quer! Seu Euricão faz qualquer acordo, contanto que não perca o dinheiro de meu pai!

MARGARIDA- Não, isso também não é direito não, meu bem! você zombar da pobreza de meu pai? Ele é pobre mas não vê nada no mundo além de mim!

DODÓ - (DUVIDOSO) Eu sei!

MARGARIDA- Você é quem parece de repente cheio de dureza para com ele! Você não já sabia como ele era? Por que, então, esses modos, de repente? Parece é que você quer me deixar de lado e está procurando um pretexto!

DODÓ - E você? Parece estar ansiosa por essa entrevista! Pois vá! Vá, siga os conselhos de Caroba e, quando estiver de volta, jogue fora a aliança que lhe dei. Não quero casar com uma moça que marca entrevista com outro! (SAI, MARGARIDA CHORA)

CAROBA - Não chore não, Dona Margarida. Quando Seu Dodó chegar à conclusão de que tudo está bem, acaba com essa besteira.

MARGARIDA- Eu sei lá, eu sei lá, Caroba! Que complicação, meu Deus! E essa trapalhada de entrevista... Não vou, Caroba, não vou de jeito nenhum. Afinal de contas, quem marcou a entrevista?

CAROBA - Eu!

MARGARIDA- Pois vá você, está ouvindo? Você foi quem marcou, você é quem vai.

CAROBA - Mas Dona Margarida, eu quero lhe explicar que...

MARGARIDA- Vai! Vai e não adianta discutir!

CAROBA - Mas Dona Margarida, eu...

MARGARIDA- Eu lhe dou um vestido meu e você vai em meu lugar! Você é mais ou menos de meu tipo: com meu vestido, de noite, no escuro, pode passar por mim, perfeitamente!

CAROBA - Tem que ser um vestido que Seu Eudoro conheça, senão não dá certo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 467

MARGARIDA- Eu lhe dou este, antes da hora!

CAROBA - Sim, Dona Margarida, mas...

MARGARIDA- Não admito discussão! É isso e é isso mesmo. Prepare-se,porque na hora eu lhe dou o vestido e você vai à entrevista! (VAI SAINDO)

CAROBA - Mas é claro que vou à entrevista, se meu plano todo era esse!

MARGARIDA TEM SAÍDO. PINHÃO, QUE VEM ENTRANDO, OUVE A FRASE.

PINHÃO - Que história é essa, Caroba? É a entrevista que o patrão / marcou com Dona Margarida?

CAROBA - É, eu vou no lugar dela!

PINHÃO - Eu não quero você com o patrão aqui, de jeito nenhum!Aquilo é um viúvo senso dos seiscentos diabos!

CAROBA - Espere lá, Pinhão, você não entendeu nada!

PINHÃO - Não entendi, nem quero entender, está ouvindo? Você foi ao hotel falar com ele?

CAROBA - Fui, e então?Precisava esclarecer certas coisas e fui!

PINHÃO - E por que não me disse que ia?

CAROBA - Ainda mais essa!

PINHÃO - Você foi para falar sobre a entrevista?

CAROBA - Fui!

PINHÃO - E vai a'essa entrevista com ele, de noite?

CAROBA - Vou!

PINHÃO - Vai como?

CAROBA - Vou do jeito que entender!

PINHÃO - Pois quero lhe dizer logo que é essa entrevista ou eu, está ouvindo? Trate de escolher!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 468

CAROBA - Já escolhi!

PINHÃO - Quem ganhou?

CAROBA - A entrevista! Você quer mandar em mim, é, Pinhão? Que desconfiança é essa, se nunca lhe dei motivo? Vou e é quer você queira, quer não!

PINHÃO - Pois adeus, Caroba. Quem gosta de dormente é o trem.

(SAI. CAROBA CHORA, MAS LOGO ENXUGA AS LÁGRIMAS.)

CAROBA - Essa é boa, ninguém deixa eu falar e haja todo mundo contra mim!
ENTRA BENONA

BENONA - Caroba, estava precisando falar com você. Que é isso? Que é que você tem?

CAROBA - Cada um sabe de si e de suas agonias, Dona Benona!

BENONA - É verdade, Caroba. Eu mesma, tão contente que estava e começo a ficar inquieta.

CAROBA - Inquieta? Por que?

BENONA - É Eudoro, Caroba! Achei Eudoro tão esquisito para uma pessoa que veio reatar um noivado interrompido!

CAROBA - É o tempo que passou, Dona Benona!

BENONA - Você acha?

CAROBA - Não tenha dúvida, ele continua no mesmo entusiasmo! chegou até a pedir que eu arranjasse uma entrevista dele com a senhora!

BENONA - Uma entrevista? Quando?

CAROBA - À noite, quando o povo estiver dormindo.

BENONA - Durico vai estranhar.

CAROBA - Para estranhar, ele vai ter que saber, e Seu Durição não vai saber de nada.

BENONA - E se alguém acordar?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p. 469

CAROBA - A senhora vem disfarçada. Veste um vestido de Dona Margarida. Se alguém acordar, a senhora faz que é ela, que veio rezar, e ninguém desconfia. De noite, é fácil.

BENONA - E como é que vou arranjar o vestido de Margarida?

CAROBA - Pode deixar que disso eu me encarrego. Depois do jantar, deixo a porta destrancada e Seu Eudoro vem. Quando tudo estiver preparado, canto como gia, entrego o vestido e a senhora fala com ele.

BENONA - Foi Eudoro quem pediu isso?

CAROBA - Foi.

BENONA - Então eú vou.

CAROBA - Mas não vá falar com ele sobre isso, antes, não! Alguém pode ouvir e vai tudo dágua abaixo.

BENONA - Não tenha cuidado, ninguém vai entender nada! Pinhão encomendou o jantar?

CAROBA - Encomendou, já chegaram alguns pratos.

BENONA - Então vamos ajeitar tudo, porque o noivo chega já.

SAEM. PINHÃO E DODÓ ENTRAM, VINDOS DE LADOS OPOSTOS, AMBOS ARREPENDIDOS.

DODÓ - Margarida... Pinhão! Que há?

PINHÃO - Nada, Seu Dodó. Fui eu que peguei uma briga com Caroba e vinha fazer as pazes.

DODÓ - Eu também peguei uma briga com Margarida e vinha para isso mesmo, Pinhão!

PINHÃO - Terá sido um negócio de uma entrevista, Seu Dodó?

DODÓ - Foi, Pinhão.

PINHÃO - Eu fiquei danado porque Caroba disse que ia no lugar de dona Margarida.

DODÓ - Como, se Margarida me disse, aqui, que ia à entrevista?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 470

PINHÃO - Pois então já vi que seu pai marcou entrevista foi com as duas, Seu Dodó.

DODÓ - Você o que acha dessa entrevista, Pinhão?

PINHÃO - Seu Dodó, de sua noiva quem sabe é o senhor, mas a minha, eu não quero que vá de jeito nenhum!

DODÓ - Aí há alguma coisa, Pinhão. Todas duas deram de repente para querer ir à entrevista. Que será?

PINHÃO - Eu sei lá, Seu Dodó!

DODÓ - Não custa nada esclarecer, não é? Vamos fazer o seguinte: quando Caroba abrir a porta, a gente vem antes e se esconde aqui. Assim, assiste-se à entrevista e pode-se saber, afinal de contas, o que é isso. Está certo?

PINHÃO - Está, Seu Dodó.

DODÓ - E o jantar? Você arranjou tudo?

PINHÃO - Arranjei, os pratos começaram a chegar.

DODÓ - Chegaram uns homens aí fora.

PINHÃO - São os dois empregados do hotel, certamente vêm com a porca. Arranjei uma porca assada para nós.

DODÓ - Então, pelo menos, hoje se tira a barriga da miséria! Estou aqui há dois meses, é a segunda vez que vou comer de noite. Vá receber a porca.

PINHÃO - (GRITANDO PARA FORA, ENQUANTO SAI.) É a porca? Levem lá por trás, nossa alegria hoje é essa porca. É a porca? SAI, EURICÃO CRUZA A CENA, TRANSTORNADO.)

EURICÃO - Ai, a porca! Pega, pega, o ladrão!

SAI NO ENCALÇO DE PINHÃO. OUVEM-SE GRITOS, POR DE TRÁS DAS IMPRECAÇÕES. PINHÃO ENTRA CORRENDO, COM EURICÃO ATRÁS AMEAÇADOR. EURICÃO VAI INVESTIR SOBRE PINHÃO, QUE PUXA UMA FACA.

EURICÃO - Pega, pega ladrão! Assassino, ladrão!

DODÓ - O que é isso, Seu Eurico? Que é isso, Pinhão? Guarde essa fa[illegible] imediatamente.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p. 471

EURICÃO - Não,deixe ele assim, quero mesmo que a policia veja! Pega, paga o ladrão! Vou deninciá-lo á polícia!

PINHÃO - Por que?

EURICÃO - Porque você anda com uma faca.

PINHÃO - Aqui todo mundo anda!

EURICÃO - Mas você me ameaçou.

PINHÃO - Ameacei para não apanhar, Seu Dodó é testemunha.

EURICÃO - Dodó não é testemunha de coisa nenhuma, que o patrão dele é sou eu!

PINHÃO - Por que o senhor deu em mim?

EURICÃO - Ainda pergunta? Quer mais?

PINHÃO - Venha!

EURICÃO - (AVANÇANDO PARA PINHÃO, QUE RECUA.) Que é que você veio fazer em minha casa sem minha ordem?

PINHÃO - (MESMO TOM, MESMO RITMO, COM EURICÃO RECUANDO.) Vim trazer o jantar que o senhor encomendou.

EURICÃO - (IDEM) E é de sua conta que se coma ou não se coma em minha casa? Você é meu pai?

PINHÃO - (IDEM) O que eu quero saber, é se é para trazer o jantar ou não.

EURICÃO - (IDEM) E eu, o que quero saber, é se minha casa se salvará.

PINHÃO - (IDEM) E eu o quero é me salvar com minha porca

EURICÃO - Com a porca? Ai, ai, minha porca! Ai minha porca, pelo amor de Deus! Santo Antônio, Santo Antonio! Saiam, saiam daqui imediatamente. Entrem aí que eu vou trancar vocês dois, seus ladrões! Seus criminosos! Entrem já.(VAI TRANCÁ-LOS NO PORÃO MAS DE REPENTE, ATERRORIZADO, LEMBRA-SE DE QUE A PORCA ESTÁ LÁ.)

EURICÃO - Não, não entra ninguém! Fiquem de costas, todos dois. Tapem os olhos com as mãos. Já! Se tirarem as mãos, denuncio vocês dois ao Delega como ladrões de cavalo. Fiquem aí. Não se virem. Olhe a denúncia, boto todos dois na cadeia.Você se virou, Dodó?

DODÓ Não, seu Eurico.

EURICÃO E você ladrão?

PINHÃO Sou eu, é?

EURICÃO Quem mais havia de ser? Você se virou?

PINHÃO Eu não!

EURICÃO Fiquem como estavam, não se virem.

ENTRA DE NOVO NO QUARTO E VOLTA RAPIDAMENTE, ALIVIADO.

EURICÃO Está bem, podem se virar. Que foi que houve aqui?

DODÓ Nada!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 472

EURICÃO Ouvi esse tão de Pinhão gritar.

PINHÃO E eu gritei mesmo, seu Euricão.

EURICÃO O que foi que você gritou?

PINHÃO Gritei pela porca!

EURICÃO Está vendo,ladrão? É um ladrão, um criminoso, um bandido que quer sugar meu sangue.O que é que você quer com minha porca?

PINHÃO Quero comer, seu Euricão!

EURICÃO Comer?

PINHÃO Sim, comer, a porca que seu Dodõ mandou para o jantar e que chegou agora!

EURICÃO A porca? O jantar (ENTENDENDO E DISFARÇANDO). Ah, sim, naturalmente, a porca! Assada ou cozida, Pinhão?

PINHÃO Eu sei lá!

EURICÃO Está bem, o certo é que é preciso cuidado! Todo cuidado é pouco, Santo Antonio, todo cuidado é pouco! E antes que me enganem, é melhor eu me certificar. Saiam. Se não existir essa porca mesmo, vou fazer a denúncia e o Delegado Cabo Rangel prende você com ladrão de cavalo. (SAI).

PINHÃO, DESCONFIADO, VAI ATÉ À PORTA E FICA OLHANDO O QUARTO, PENSATIVO.

PINHÃO O senhor entendeu alguma coisa, seu Dodõ?

DODÕ Isso é um louco! Você não imagina até onde vai a avareza dele. Desde que estou aqui, só se comeu à noite uma vez. E ele exige que a gente pague a refeição, porque acha que mais de uma refeição por dia é luxo'.

PINHÃO E quem não tem para pagar, como caroba?

DODÕ De quem não paga,ele desconta o preço no ordenado.

PINHÃO Aí é que quero saber como! Ela me disse que desde que chego aqui ainda não recebeu um tostão!

DODÕ O golpe dele é esse! Deu o primeiro jantar, cobrou o preço, Caroba não pôde pagar porque não tinha recebido o ordenado Agora, quando Caroba cobra o ordenado, ele diz que ela primeiro pague o jantar.Como Caroba não tem dinheiro, não paga Assim, por conta do jantar que ele dá cada mês, economiza o salário dos empregados.

PINHÃO Que ladrão!

DODÕ Não é ladrão não, Pinhão é louco.

PINHÃO Seu Dodõ, eu só acredito que uma pessoa é doida quando ela começa a rasgar dinheiro. Com fama de doido, Zé Sabido enriqueceu.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p.473

DODÕ A felicidade nossa é que deixei um rapaz no Recife recebendo a mesada que meu pai me manda e ele remete o dinheiro pelo correiro. É assim que vamos passando,eu e Caroba. Mas já estou ficando cansado de ter que suportar a loucura desse arábe, esses fingimentos, essas mentiras, estes disfarces...Sabe de uma coisa, Pinhão? Não estou mais disposto à suportar isso e vou descobrir tudo!

PINHÃO Seu Dodõ!

DODÕ TIRA OS DISFARCES E SE ENDIREITA. ENTRAM CAROBA E MARGARIDA, CONDUZINDO EUDORO VICENTE.

CAROBA Venha por aqui, Seu Eudoro.

PINHÃO ACENA PARA CAROBA, MOSTRANDO DODÕ SEM OS DISFARCE MAS ELA NÃO ENTENDE E DÁ-LHE AS COSTAS, ZANGADA. DODÕ VOLTA SE PARA ELA, COM EURODO NO LIMIAR.

DODÕ Margarida...

CAROBA Aí! Um ladrão!

DODÕ Um ladrão?

EUDORO Um ladrão?

CAROBA (AGARRANDO-SE COM ELE) Um ladrão, seu Eudoro! Ai, o ladrão! (EMPURRA EUDORO, SAINDO DE CENA COM ELE.)

DODÕ Pega! Pega ladrão!

PINHÃO (AVISANDO.) Seu Dodõ! Seu Dodõ!

SAI CORRENDO ATRÁS DE DODÕ, ESTE SEM DISFARCE. PINHÃO E MARGARIDA DÃO A VOLTA À CASA E REGRESSAM À CENA, CADA QUAL POR UM LADO.

PINHÃO Onde estão eles?

MARGARIDA Não sei. Ave Maria, Pinhão, veja se pega Dodõ e avise a el

PINHÃO E a senhora. veja se leva seu Eudoro para a outra sala!

MARGARIDA Está bem, vá por lá que eu vou por cá.

SAEM. APARECEM DODÕ E EUDORO, CADA UM POR UM LADO, COM JEITO DE QUEM PROCURA. OS DOIS CAMINHAM UM PARA O OUTRO E VÃO SE ENCONTRAR, MAS NA HORA EXATA, CADA UM VIRA O ROSTO PARA O LADO OPOSTO E POR UM TRIZ NÃO SE VÊEM:

EUDORO Escondeu-se! Será que está por aqui?

DODÕ Não vi nada, é melhor voltar! (OS DOIS SE VOLTAM, DÃO-SE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p.474

UM ENCONTRÃO E UM GRITO DE SUSTO.)

EUDORO Ai, o ladrão!

DODÕ Ai! (EUDORO AGARRA DODÕ PELO PESCOÇO, POR TRÁS,E ESTE COBRE O ROSTO COM AS MÃOS.)

EUDORO Caroba! Pinhão! Agarrei o ladrão!

OS DOIS ACORREM, COM MARGARIDA. CAROBA IMADIATAMENTE DÁ UM SALTO, ESCONCHA-SE NO LOMBO DE EUDORO, E PINHÃO AGARRA-O. BENONA - QUE OUVIU OS GRITOS E ENTROU - AGARRA-SE COM EUDORO.

PINHÃO Ah, ladrão safado!

MARGARIDA-Ah, bandido! Bote a barba, Dodõ!

PINHÃO Ladrão da peste!

MARGARIDA-Ah,ladrão safado!

CAROBA (AOS SOPAPOS COM EUDORO.) Ladrão, ladrão safado!

BENOBA Que é isso, Caroba? Que é isso?

EUDORO Espere aí, sou eu Caroba!

CAROBA Eu o que, safado! Roubando a casa do meu patrão!(DÁ-LHE UMAS TAPAS NA CARA.)

BENONA Caroba você está doida?

CAROBA É o ladrão, Dona Benona! Ah, ladrão safado! (DODÕ POE OS DISFARCES.)

EUDORO Caroba! sou eu Caroba!

DODÕ Esperem, sou eu! Que ladrão, que nada!

PINHÃO Era o senhor, seu Dodõ?

CAROBA Espere, é o senhor, seu Eudoro?

EUDORO Claro que sou eu, criatura! Você está doida? Que confusão é essa?

CAROBA É seu Dodõ Boca-da-Noite com essa cara de fantasma, asssombrando a gente! Fui entrando, pensei que era um ladrão!

EUDORO Pois trate de olhar em quem dá, está ouvendo? Está me achando com cara de ladrão?

BENONA Ladrão pode não ser, mas é um atervidinho, um bandido!

EUDORO Eu?

BENONA Sim, depois de certas coisas que ouvi, estou considerando você um ladrãozinho bem perigoso.

EUDORO Eu, Benona?

BENONA Sim, você, atrevido! Seu atrevidinho, seu loleque audacioso

EUDORO Minha senhora...

BENONA Minha senhora o que, malandro! Planeja suas histórias e depois vem com fingimento! Mas eu concordei de todo coração e quero que você saiba que a noiva estará presente.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p.475

EUDORO (INOCENTE) Estará presente onde?

BENONA Olhe a inocência dele! Que fingido,que malandro!

EUDORO Malandro, eu? Por que?

BENONA Ora por que! Marca suas entrevistas, vem com suas audácias e depois ainda se admira quando a gente o chama de malandro!

EUDORO Ai e você sabe?

CAROBA Sabe, seu Eudoro, ela sabe de tudo, mas felizmente fez exceção e está inteiramente de acordo, eu consegui convencê-la, não foi, Dona Benona?

BENONA Foi, ora se foi!

CAROBA Vamos saindo para o jantar?

EUDORO Mas tinham me dito que você era tão severa!

BENONA Com os outros, com você nunca mais! Quero recuperar...

MARGARIDA-Pega o ladrão!

PINHÃO Pega! Pega o ladrão!

BENONA Não vejo ladrão nenhum, que negócio é esse? Vocês estão loucos? Quem foi que gritou?

MARGARIDA-Eu, mas não estava gritando por ladrão nenhum! Estava somente me lembrando de ainda agora! Foi tão engraçado!

CAROBA Eu vinha entrando, vi seu Dodô e de repente gritei"PEGA O LADRÃO." Foi tão engraçado!

EUDORO PERMANECE DE CARA ENFARRUSCADA DIANTE DE TODOS OS OUTROS, QUE VÃO DESFILANDO DIANTE E REPETINDO A FRASE, PARA DESANUVIÁ-LO.

PINHÃO Foi! Caroba vinha entrando, viu seu Dodô e gritou " PEGA LADRÃO!" Foi tão engraçado!

DODÔ Eu vinha entrando, Caroba me viu e gritou " PEGA O LADRÃO!" Foi tão engraçado!

BENONA Que coisa! Caroba vinha entrando, avistou Dodô e gritou "PEGA O LADRÃO!" Foi tão engraçado! (SOMENTE ENTÃO EUDORO RI.)

CAROBA " PEGA O LADRÃO!" Foi tão engraçado! Vamos? Ai, meu Deus,eu hoje estufo de tanto rir! (SAI EMPURRANDO TODO MUNDO E TODO MUNDO RINDO. PINHÃO PORÉM FICA PENSATIVO, OLHANDO TODA A SALA.)

VOZ DE EURICÃO-Ai, ai, meu Deus! Pega, pega o ladrão! Então me roubando.

PINHÃO SE ESCONDE E EURICÃO ENTRA, ATERRORIZADO.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 476

EURICÃO — Ai, gritaram "PEGA O LADRÃO!" Quem foi? Onde está? Pega, Pega! Santo Antonio, Santo Antonio, que diabo de proteção é / essa? ouvi gritar "PAGA O LADRÃO!" Ai, a porca, ai meu sangue, ai minha vida, ai minha porquinha do coração! Levaram, roubaram! Ai, não está lá, graças a Deus! Que terá havido, minha nossa senhora? Terão desconfiado porque tirei a porca do lugar? Deve ter sido isso, desconfiaram e começaram a rondar para furtá-la! É melhor deixá-la aqui mesmo, à vista de todos, assim ninguém lhe dará importância! Ou não? Que é que eu faço, Santo Antonio? Deixo a porca lá, ou trago-a para aqui, sob sua proteção? Desde que ela saiu daqui que começaram as ameaças! É melhor trazê-la. Com a capa, porque alguém pode aparecer. Santo Antonio, faça com que não apareça ninguém! Não deixe ninguém entrar aqui. Vou buscar minha porquinha, mas não quero ninguém aqui.

ENTRA NO SOCAVÃO E VOLTA COM A PORCA. EUDORO VICENTE ENTRE EURICÃO IMEDIATAMENTE COBRE A PORCA COM A CAPA, QUE COLOCOU NOS OMBROS PARA A EVENTUALIDADE.

EURICÃO — Santo Antonio, que safadeza é essa? Isso é coisa que se faç

EUDORO SE APROXIMA DE EURICÃO E COMEÇA A OLHÁ-LO, EXAMINADO-O COM UM MISTO DE CURIOSIDADE, DESGOSTO E COMPAIXÃO. CHEGA MESMO A TOCAR NA ROUPA DE EURICÃO PARA INSPECCIONÁ-LA. EURICÃO, DESCONFIADO, VAI SE AFASTANDO DELE, AOS ARRANCÕES MAS SEM QUERER SAIR PARA NÃO DESPERTAR SUSPEITAS.

EUDORO — Euricão, não repare eu dizer isso, mas você podia ter se vestido melhor para o jantar.

EURICÃO — A aparência depende da fortuna e a fortuna depende do que s tem. Eu não tenho nada. os ricos, como você, é que têm essa obrigações. Os pobres, como eu, não!

EUDORO — Nada, não há quem me convença de que você é tão pobre como vive dizendo! Vá ver que com essa cara e com essa modéstia, tem, no mínimo, uma botija escondida.

EURICÃO — Ai!

EUDORO — Que é?

EURICÃO — Ora o que é? Você vem com suas insinuações e depois se admira!

EUDORO — Mas foi um brincadeira, Eurico!

EURICÃO — Não gosto dessa qualidade de brincadeira!

EUDORO — Está bem, desculpe. Afinal de contas, eu vou entrar na fami

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 477

lia e posso me permitir certas intimidades!

EURICÃO Por falar nisso, você pode me emprestar logo os vinte contos de que lhe falei! Preciso deles para fazer a festa, porque sozinho não vou poder enfrentar essa despesa!

EUDORO Está bem, no jantar, trateremos disso.

EURICÃO No jantar, não! No jantar a gente começa a comer a beber, o coração afraca, a vontade se abranda, o tempo vai passando, daqui a pouco a oportunidade tem passado! Você quer casar ou não quer?

EUDORO Quero!

EURICÃO Com festa ou sem festa?

EUDORO Bem, alguns amigos daqui, a gente tem de convidar!

EURICÃO Então passe os vinte contos. Agora! Já!

EUDORO E quem lhe disse que eu tenho os vinte contos aqui?

EURICÃO Você pode me dar um vale e eu vou receber o dinheiro no armazém que compra seu algodão!

EUDORO Mas Eurico...

EURICÃO Tem papel e caneta aí! Faça o vale!

EUDORO Eu...Está bem, vou fazer.Está aí.

EURICÃO Obeigado, obrigado, obrigado! Agora sinto-me seguro! Grande coisa é o dinheiro!

EUDORO É verdade.Que é isso?

EURICÃO Isso o quê?

EUDORO Você está com alguma coisa embaixo da capa?

EURICÃO Saia daí!

EUDORO Meu Deus, que homem mais esquisito!

EURICÃO Você não tem nada que me cutucar, atrás do que eu carrego!

EUDORO E eu sabia lá que era segredo?

EURICÃO Segredo o que? Quem vive escondendo o que tem são os ricos, como você. O que eu trago aqui é somente uma cervajinha para o jantar.

EUDORO Ah, Eurico. que delicadeza a sua! Uma cervejinha agora, depois dessa caminhada! Está gelada?

EURICÃO Ai! Vá pra lá!

EUDORO Que é isso, homem? Quero somente ver a cerveja!

EURICÃO Vá pra lá, vá pra lá, pelo amor de Deus! Tenho horror a mostrar a cerveja que vou beber!

EUDORO Por que, homem de Deus?

EURICÃO Porque não gosto, pronto! É uma esquisitice minha! Não gosto de mostrar cerveja! É proibido ter esquisitice,é?

EUDORO Não!

EUIRCÃO Então, pronto, vá esperar o jantar na sala!

EUDORO Está bem. Que homem mais esquisito, minha Nossa Senhora!(Sa

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 478

EURICÃO Foi-se, com todos os diabos! Pronto, a porca fica aqui, agora! Aqui, Santo Antonio servindo de suporte à sua imagem. Fica sob sua proteção, meu santo, estou arrependido de tudo o que disse! Ai, meu Deus, o santo ou a porca? Os dois! Não há necessidade de escolher, fico com os dois! Ouvi dizer que você, Santo Antonio, era cabo do exército brasileiro: fique aí como cabo-de-dia, guardando o que é meu. Vou lhe confiar o que não confiaria mais nem a minha mãe. Mas veja como corresponde a esta confiança! Está aí, confiei em você: retribua agora essa confiança, dando-me toda a sua proteção.(SAI.PINHÃO SAI DO ESCONDERIJO.)

PINHÃO Ah, Santo Antonio, não dê mais proteção a ele do que a mim! O que é que há aqui? É essa porca que ele defende com tanta raiva? Por que esse cuidado todo? Quero apurar tudo isso direitinho, Santo Antonio, porque essa peste não pode ter esse amor todo por uma porca só porque ela pertenceu ao avô dele! Esclareça tudo, Santo Antonio! Esclareça que eu...(VENDO EURICÃO, QUE SE APROXIMA CUIDADOSAMENTE)...Se o senhor me esclarecer... Ai, esclareça, meu Santo Antonio, esclareça um pobre pecador, um órfão que não tem ninguém por ele! Quero aproveitar e rezar pela segurança e pela salvação de todas as pessoas que me protegem e protegem Caroba! Seu Eudoro Vicente, aquele santo, seu Euricão Arabe, aquele outro santo, a irmã de seu Euricão, aquela santa, a filha de seu Euricão, aquela santinha...

EURICÃO Pra fora! Pra fora daqui, conversador! que devoção foi essa que lhe deu de repente? Você pensa que me engana, mas eu sei quem você é! E agora você me paga!(AGARRA-O PELO PESCOÇO.)

PINHÃO Mas afinal, que diabo é isso? A todo instante é pancada, esbregue, bofete, o diabo! Que é que diabo o senhor tem?

EURICÃO O que é que tenho, é? E o que é que você tem com isso, seu ladrão?

PINHÃO Mas ladrão por que? O que foi que eu roubei?

EURICÃO Bote já aí, ponha já aí!

PINHÃO O senhor pensa que eu sou alguma galinha? O que é que eu posso botar, o que é que eu posso pôr, o que é que o senhor quer?

EURICÃO (IRÔNICO.) Você não sabe!

PINHÃO Como é que eu posso saber, se não tirei nada?

EURICÃO Você não tirou porque não pôde. Mas tenho certeza de que você tem. Que é isso? Está com as mãos para trás? Mostre a mão direita!

PINHÃO Veja.

EURICÃO Agora, a esquerda.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 479

PINHÃO — Veja.

EURICÃO — Mostre a primeira?

PINHÃO — Mostrei.

EURICÃO — E a segunda?

PINHÃO — Mostrei.

EURICÃO — Mostre a terceira.

PINHÃO — O senhor está é doido!

EURICÃO — Estou mesmo, porque o que eu devia era ter lhe dado um tiro! E é o que hei de fazer se você não confessar!

PINHÃO — Mas confessar o que?

EURICÃO — Que foi que você tirou daqui?

PINHÃO — Santo Antonio me cegue se eu tirei alguma coisa!

EURICÃO — Sacuda o paletó.

PINHÃO — À vontade.

EURICÃO — É capaz de estar no fundo das calças.

PINHÃO — Quer ver?

EURICÃO — É, você está rindo para eu pensar que você é de confiança, cheio de boas intenções. Mas eu conheço suas manhas. Mostre outra vez a mão direita.

PINHÃO — Tome.

EURICÃO — Agora a esquerda.

PINHÃO — Veja logo as duas.

EURICÃO — Agora me dê aquilo.

PINHÃO — Aquilo o quê?

EURICÃO — Ra, ra! Você gosta de brincar, mas tenho certeza de que você tem.

PINHÃO — Eu tenho? Tenho o quê?

EURICÃO — Ah, isso é o que eu não digo. Queria saber, hein? Está bem, saia. Afinal de contas, já o revistei todo. Fora daqui! E que Santo Antonio lhe cegue os olhos e lhe dê paralisia nos dois braços e nas duas pernas duma vez.

PINHÃO — É muita bondade sua!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p.480

EURICÃO Fora, fora daqui! (FAZ QUE SAI POR UM LADO, PINHÃO FAZ O MESMO PELO OUTRO LADO E OS DOIS VOLTAM AO MESMO TEMPO.)

EURICÃO (CRUZANDO OS BRAÇOS.) Vai ou não?

PINHÃO (DANDO MEIA-VOLTA RÃPIDA E SAINDO.) Vou! (MESMO MOVIMENTO ANTERIOR DE AMBOS.)

EURICÃO Não quero mais vê-lo!

SAEM, SENDO QUE PINHÃO NA CARREIRA. ELE DÃ UMA VOLTA POR FORA DA CENA; SUBENTENDE-SE QUE ELE RODEOU A CASA; ENTÃO, PULA UMA JANELA, NOVAMENTE PARA DENTRO DE CENA, E ESCONDE-SE. EURICÃO VOLTA POR ONDE SAIU.

EURICÃO Ah, agora estou sõ.Estarã escondido? O quarto estã vazio. E aqui? Ninguẽm. Agora, nõs, Santo Antonio! Isso ẽ coisa que se faça? Pensei que podia confiar em sua proteção mas ela me traiu! Vocẽ, que dizem ser o santo mais achador! Ẽ isso, Santo Antonio ẽ achador e estã ajudando a achar minha porca! Eu devia ter me pegado era com um santo perdedor!Agora não deixo mais meu dinheiro aqui de jeito nenhum.O cemitẽrio da igreja! Ẽ aqui perto e ẽ lugar seguro. Entre o tũmulo de minha mulher e o muro, hã um socavão: ẽ lã que guardarei o meu tesouro. Prefiro a companhia dos mortos ã dos vivos, e ali minha porca ficarã em segurança. Com medo dos mortos, os vivos não irão lã e os mortos, ah, os mortos não desejam mais nada, não têm mais nenhum sonho a realizar, nenhuma desgraça a remediar. Ao cemitẽrio! Escondo a porca no socavão e ã noite, quando todos estiverem dormindo, cavo a terra e hei de enterrã-la o mais fundo que puder. E vocẽ, Santo Antonio, fique-se aĩ com sua proteção e seu poder de encontrar. Lã, meu ouro. meu sangue, estarã em segurança: o mundo dos mortos ẽ mais tranquilo, e, digam o que disserem os idiotas, lã ẽ o lugar em que se perde tudo e não se acha nada!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p.48]

PEGA A PORCA COLOCA-A SOB A CAPA E QUANDO VAI SAINDO, ENCONTRA CAROBA QUE VEM ENTRANDO. EURICÃO IMEDIATAMENTE VOLTA-SE DE COSTAS.

EURICÃO Não é possível, assim também é demais, meu Deus!

CAROBA O jantar demorou, mas agora vai sair. O senhor deve estar com fome, hein? Coitado, Chega está de barriga vazia! (BATE COM A MÃO NA BARRIGA DELE, QUE VAI SE LIVRANDO PARA EVITAR QUE ELA DESCUBRA A PORCA.)

EURICÃO Isso é que é um azar da peste!

CAROBA Mas não se incomode não, essa barriga hoje se enche, mais ainda!

EURICÃO Ai! Vá pra lá! Diabo de mulher enxerida!

CAROBA Que é isso,seu Euricão? Parece até que o senhor andou engolindo cobra!

EURICÃO Engole-cobra é a mãe! Vá pra lá!

CAROBA Calma, calma! Que é que há por aqui? De capa todo misterioso, antes do jantar? Para onde é que se bota?

EURICÃO Para a casa da mãe!

CAROBA Ra, ra! Que é que o senhor está escondendo aí nesse bucho?

EURICÃO Ai, ai, ladrona, assasina! Ai! (SAI NA CARREIRA.)

CAROBA Está doido, o doido do velho! (PINHÃO SAI DO QUARTO.)

PINHÃO Doido, é? E você que intimidade com ele é essa? Estava disposto a lhe pedir desculpas, mas agora mantenho o que disse. Que diabo de initmidade com o velho é essa?

CAROBA Mas pinhão, um velho daquele!

PINHÃO É! É um velho mas não gosto de mulher que bate no bucho dos outros não! Boa romaria faz quem em sua casa fica em paz!

CAROBA Não me venha com ditado, agora!

PINHÃO É, não me venha com ditado, mas seguro morreu de velho e desconfiado ainda está vivo. Vivo e de testa limpa!

CAROBA Você quer saber do mais, Pinhão? Vá se danar! Eu comecei a lhe

dar muito valor, você ficou convencido demais. Dê o fora! Eu também ia lhe explicar tudo sobre a entrevista, mas se você vem com essa desconfiança de minuto em minuto, pode se danar! Dou-lhe somente uma explicação:brinco com o velho Eucicão porque gosto dele, está ouvindo? Com toda a avareza, com toda a ruindade e as manias, é um dos homens mais sofredores que conheço. Nada na vida dele deu certo, casou-se, a mulher o deixou e toda a esperença dele agora é essa filha que nós lhe vamos tirar. Por isso e muitas coisas mais, tenho pena do velho Eurição, de quem ninguém gosta! Queria lhe dizer isso. Mas não para me justificar, pode ir para o inferno, com sua mania de mandar e sua desconfiança!

PINHÃO Mas Caroba...

CAROBA Vá se danar, Pinhão.

PINHÃO Está bem, depois não se arrependa. Você não sabe o que está perdendo, principalmente agora.

CAROBA Por que principalmente agora?

PINHÃO Por causa de tudo que agora sei, dos lugares, dos planos, dos sonhos e dos desejos desse velho com quem você está estragando sua compaixão.

CAROBA Que é que você quer dizer?

PINHÃO Nada.

CAROBA Que é que você sabe?

PINHÃO Nada.

CAROBA Ai, Pinhão, me diga!

PINHÃO Não posso, estou sem tempo e sem vontade.

CAROBA O que é que você vai fazer, Pinhão?

PINHÃO Vou me danar, Caroba. Adeus! (SAI CAROBA.)Pois sim! Disse o velho que o sangue dele está em segurança e o mundo dos mortos é um mundo tranquilo! Mas não há sangue que não se possa derramar e há mortos que ressuscitam! Ao cimitério! Desta vez eu enriqueço, nem que seja às custas de minha caveira! (SAI.)

FIM DO 2º ATO.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 482

MESMA SALA. ENTRAM CAROBA E MARGARIDA. CAROBA APONTA A MARGARIDA UM LUGAR QUALQUER ONDE ELA DEVE SE ESCONDER. MARGARIDA ASSENTE COM A CABEÇA E SE ESCONDE. ENTÃO CAROBA JOGA UM PACOTE QUE DEVERÁ CONTER O VESTIDO, DE QUE DEPOIS ELA VIRÁ A PRECISAR, ATRÁS DE UM MÓVEL QUALQUER. UM BARULHO DE FIM DE JANTAR E VOZES QUE SE APROXIMAM. CAROBA SE ESCONDE NO MESMO LUGAR COM MARGARIDA. ENTRAM EURICÃO, BENONA E EUDORO.

EURICÃO Meu caro Eudoro, Espero que o jantar lhe tenha agradado.

EUDORO Muito, Eurico, muito. Se não fosse pelo jantar, a cpmpanhia...

BENONA Sempre delicado!

EURICÃO Infelizmente tenho que me recolher. Não tome isso como uma desatenção, é um velho hábito.

EUDORO Desatença nenhuma, Eurico, eu também durmo cedo. E, mesmo, Benona está aqui.

EURICÃO Ah, é assim, hein? Você tem razão, ela fará as honras da casa muito melhor do que eu. Mas vocês não demorem muito tmepo aqui.

BENONA Não seja tão severo, Eurico.

EURICÃO Todo cuidado é pouco, todo cuidado é pouco!

EUDORO Mas sendo eu noivo...

EURICÃO Mesmo assim, Eudoro, mesmo assim! Até amanhã! Euricão Arábe dorme hoje tranquilo, finalmente livre da tirania desse santo sem confiança, que ia cousando minha perdição.

BENONA Não diga isso, meu irmão!

EURICÃO Digo, minha irmã, digo porque é verdade! Eu vou esperá-la, venha arrumar meus lençóis, como sempre fez desde que minha mulher... desde que comecei a precisar de Santo Antonio. Não demore muito; eu a chamarei. Boa noite, Eudoro.

EUDORO Boa noite, Eurico. (SAI EURICÃO.)

EUDORO O que foi que ele quis dizer? quando disse que começou a precisar de Santo Antonio?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 483

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 484

BENONA Foi quando a mulher dele nos deixou. Você ainda se lembra dela?

EUDORO Quando comecei a frequentar a sua casa ela já tinha fugido.

BENONA É verdade, foi no começo do nosso namoro.

EUDORO Para que falar mais nisso? Você mesmo não disse que tudo estava enterrado?

BENONA É verdade, mas com o que aconteceu hoje...

EUDORO Muitas voltas o mundo dá!

BENONA Mas é por isso mesmo que não me incomodo de tocar nessas coisas. Em outras circunstâncias, era um asssunto muito doloroso para mim. Mas agora...

EUDORO É talvez você tenha razão. É melhor do que ficar com essa historia pendendo eternamente entre nós. Se as circunstâncias tivessem sido outras...

BENONA Reconheço que a maior parte da culpa foi minha. Mas eu era tão moça, tão sem conhecimento das coisas, Eudoro! Você se lembra da noite que passei em sua fazenda com Eurico?

EUDORO Como havia de não me lembrar? Foi desde aquele dia que você me deixou. Por que foi aquilo, Benona? Eu nunca pude me conformar com aquele silêncio, de repente, sem uma explicação!

BENONA Eu era muito moça, Eudoro. Eurico não me deixava sair para lugar nenhum, eu não conhecia o mundo, não conhecia você direito, nada! Bem, naquela noite em sua casa... Você sabe o que foi, fi que com medo de você.

EUDORO Mas Benona, foi só por causa daquilo? E você, por tão pouco, estragar nosso casamento! Se eu soubesse, teria vindo e falado de tal maneira, que você me perdoaria e teria talvez casado comigo.

BENONA Ah, Eudoro, é verdade?

EUDORO E você não me dar uma explicação, me deixar no engano de que era algum empecilho de sua parte, mesmo!

VOZ DE EURICÃO Benona!

BENONA É Eurico, tenho que ir. Até mais tarde, Eudoro.

EUDORO Até amanhã, Benona.

BENONA Até amanhã? É verdade, você tem razão, é mais prudente dizer

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 485

assim.

VOZ DE EURICÃO - Benona! Benona!

BENONA Já vou! Até amanhã, então, fingido! (SAI.)

CAROBA SAI DO ESCONDERIJO, PELAS COSTAS DE EUDORO, E FALA DE UMA PORTA, COMO SE TIVESSE ENTRADO POR ELA.

CAROBA Seu Eudoro!

EUDORO Caroba! Eu já vou! Está cpmbinado? Margarida sabe de tudo?

CAROBA Sabe e está de acordo.

VOZ DE EURICÃO - Caroba, tranque as portas, a rua está cheia de ladrões!

CAROBA Está certo, seu Euricão, vou trancar tudo. Vou trancar as portas e depois destrancar uma, é por essa que o senhor volta.

EUDORO Você esperará também?

CAROBA Eu? Por que eu? Quem vai esperá-lo é gente muito melhor do que eu. Por aqui, seu Eudoro. Volte e não tenha cuidado, que tudo vai dar mais certo do que o senhor imagina!

SAI EUDORO, MARGARIDA SAI DO ESCONDERIJO.

MARGARIDA Por que você não aproveitou a deixa da desistência, mulher?

CAROBA Mas logo agora que tudo vai dar certo?

MARGARIDA Não suporto mais essas agonias de jeito nenhum. Que jantar mais angustiantiado! De vez em quando Tia Benona dizia uma frase perigosa, papai outra... Eu via a hora de descobrir tudo. Será que esta história vai dar certo, Caroba?

CAROBA O casamento de seu Eudoro com Dona Benona dando, o resto vem na esteira, o seu Dodó, e até o meu com o moleque do Pinhão.

MARGARIDA Você gosta muito dele, não, Caroba?

CAROBA Gosto, Dona Margarida! Agora, porque, não sei, porque aquilo é safado que fede! Mas hoje ele vai me pagar o novo e o velho. A senhora trouxe o vestido?

MARGARIDA Trouxe, tome. Tome e assuma a responsabilidade. Se essa confusão toda acabar meu casamento, você me paga! Eu me vingo de você!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p.486

CAROBA Danou-se, Dona Margarida!

MARGARIDA Depois não diga que não avisei, está ouvindo? Passe bem, Caroba. Espero que tudo dê certo, tento no meu interesse como no seu.

CAROBA Espere, Dona Margarida! É melhor eu trancá-la. Não tenho confiança em homem nenhum nesse mundo e muito menos em seu Eudoro.A senhora não viu o que ia acontecendo com Dona Benona? Entre que eu trancarei a porta.

MARGARIDA Está Bem.

ENTRA NO QUARTO E CAROBA TRANCA A PORTA, GUARDANDO A CHAVE.

CAROBA O negocio começa a caminhar. Mas, meu Deus, a confusão vai ser a maior do mundo. O vestido, aqui. (ESCONDE O VESTIDO QUE RECEBE DE MARGARIDA.) Falta alguma coisa, meu Deus? Ah, sim, a vítima! Dona Benona! Crote, crote, crote! Dona Benona!

ENTRA BENONA.

BENONA Caroba! Ouvi o sinal! Então?

CAROBA Está tudo combinado. E seu Euricão?

BENONA Dormindo como uma pedra.

CAROBA Dona Margarida também já se deitou.

BENONA Você conseguiu o vestido dela?

CAROBA Ainda não, estava esperando exatamente que todo mundo adormecesse.

BENONA Qual foi a combinação com Eudoro?

CAROBA A senhora fica em seu quarto. Eu vou escutar na porta de seu Euricão, depois na de Dona Margarida. Se eles estiverem agarrados no sono, eu tiro o vestido de Dona Margarida e vou entregá-lo á senhora. Aí destranco a porta de entrada e fico esperando seu Eudoro. Quando ele vier, canto como gia, chamo a senhora e desapareço.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 487

BENONA Mas não desapareça para muito longe não, está ouvindo, Caroba?

CAROBA Estou, Dona Benona, eu fico por perto. Se precisar, grite,que eu venho. Entre, se embeleze, trate seu Eudoro com carinho e deixe o resto que eu garanto.

BENONA Então eu vou. É que Santo Antonio nos proteja, Caroba!

CAROBA Amém, Dona Benona.

SAI BENONA.

CAROBA Amém, Dona Benona, porque bem precisadas andaamos disso.O que eu não sei é se Santo Antonio vai querer se meter numa história dessa!

ENTRA ATRÁS DE ALGUM MÓVEL, OU BIOMBO, E VESTE O VESTIDO DE MARGARIDA, SE POSSIVEL POR CIMA DO SEU, PARA TORNAR POSSÍVEIS MUDANÇAS RÁPIDAS. ELA ABAIXA AS LUZES, AJEITA O CABELO, TUDO ISSO ENQUENTO VAI FALANDO E MUDANDO A ROUPA.

CAROBA Será que vai, meu santo? Acho que vai dar bem. Com a luz assim, com o cabelo ajeitado, estou uma Dona Margarida bem apreciável. E agora, meu Deus? (DESTRANCA A PORTA E ESCUTA NO QUARTO DO VELHO.) Até já, Santo Antonio, e veja lá o que pode fazer por nós. Não estou metendo o senhor em molecagem não! Assim que seu Eudoro entrar no quarto de Dona Benona, eu dou o alarme e ele se compremete, a simples entrada no quarto basta. De modo que leve isso em conta e trate de me ajudar.(SAI.)

ENTRA PINHÃO, COM UM GRANDE SACO DE ESTOPA, VELHO E SUJO, NO QUAL CARREGA A PORCA.

PINHÃO Ô lírio, ô lírio, ô lírio,
ô lírio como é?
Bom almoço, boa janta,
boa ceia e bom café,
da roseira eu quero o galho,
do craveiro eu quero o pé.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p.488

Agora, é assim, Santo Antonio, meu velho, "bom almoço, boa janta, boa ceia e bom café". Mas ali onde diz "da roseira eu quero o galho, do craveiro eu quero o pé", agora é assim:"da porquinha eu quero as tripas, quero pá, cabeça e pé". Sou homem mais rico do mundo, Santo Antonio, trate de me agradar de hoje em diante. Não há como um dia atrás do outro e uma no meio. O velho Engole-Cobra, de tanto engolir cobra, terminou achando uma que o engolisse. Ra, ra! Plantou o roçadinho dele, mas quem arrancou o milho foi Pinhão.

VOZ DO DODÓ (FORA.) Pinhão, é você?

PINHÃO (TRANCANDO RAPIDAMENTE A PORTA.) Calma lá, seu Dodó! Deve ser aeu Dodó! Seu Dodó o que? Deve ser Dodó, Dodó Boca-da-Noite! Agora é assim! Espere lá, Dodó Boca-da-Noite! É melhor guardar o saco! (BEIJA A PORCA E ESCONDE-A NO SOCAVÃO.)

DODÓ (FORA.) Pinhão!

PINHÃO Já vou, já vou, Dodó! Por causa de pressa, morreu zé apressado. Você não perde por esperar. (DESTRANCA A PORTA. ENTRA DODÓ.)

DODÓ Então?

PINHÃO Então o que?

DODÓ Vai tudo bem, Pinhão?

PINHÃO Vai tudo ótimo, Dodó.

DODÓ Margarida apareceu?

PINHÃO Ai e ela agora deu para aparecer, feito alma, foi?

DODÓ Deixe de brincadeira, viu? Cadê Margarida? Onde está Caroba?

PINHÃO Eu vou lá perder o meu tempo com o que essas mulheres andam fazendo!

DODÓ O que é que você está dizendo, Pinhão?

PINHÃO Isso que você está ouvendo, Dodó!

DODÓ Você bebeu?

PINHÃO Não, mas comi!

DODÓ Comeu o que?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0624,p.489

PINHÃO Porca!

DODÕ Deve ter lhe feito mal, Pinhão!

PINHÃO Pelo contrário, fez um bem danado, Dodõ!

DODÕ Você pode me dizer o que foi que meteu na cabeça?

PINHÃO E você pode me dizer o que é que tem a ver com isso?

DODÕ Você vai...Chi, ouvi um barulho! Esconda-se; é o velho! (TRANCA A PORTA DE ENTRADA.)

ENTRA EURICÃO, DE CAMISÃO, COM UM CANDEEIRO E UMA PÁ.

EURICÃO Ai, terá sido pesadelo? Acordei com os fantasmas puxando meu pé, meu santo! Mas é preciso ir de qualquer modo, tenho que enterrar a porca. (SAI.)

VOLTA DODÕ E PINHÃO.

DODÕ Entendeu alguma coisa?

PINHÃO Eu não lhe disse que esse velho era maluco?

DODÕ Sair a essas horas, de camisão, para o cemitério, atrás de uma porca! Que diabo de porca será essa?

PINHÃO Alguma porca que fugiu daí do quintal.

DODÕ E o velho Euricão tem lá nada para fugir, homem?

PINHÃO Então é capaz dele estar dormindo ainda. Além de todas as qualidades ruins que possui, esse peste ainda deve ser sonambulo!

DODÕ Pinhão, sinceramente, estou certo de que você tem alguma coisa! Você está doente!

PINHÃO Agora sou eu quem digo: Cuidado! Vem gente aí e parece que é sua noiva. Ou melhor, sua madrasta. Candidata a madrasta, noiva de seu pai!

DODÕ Esconda-se, idiota! (ESCONDEM-SE.)

ENTRA CAROBA, VESTIDA DE MARGARIDA.

CAROBA Tudo pronto. Agora, só falta o noivo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 490

DODÕ O noivo está aqui.

CAROBA Seu Eudoro?

DODÕ Não, sou eu, Margarida! Sou eu, que vim me certificar de sua traição!

CAROBA (TRANCANDO A PORTA.) Mas seu Dodõ...

DODÕ Não me chame assim, pelo amor de Deus!

CAROBA O senhor não sabe de nada e veio foi atrapalhar tudo!

DODÕ Tudo está esclarecido.

VOZ DE EUDORO - (FORA.) Margarida!

CAROBA Meu Deus, é seu pai. Que é que eu faço agora, meu Deus? Com esta eu não contava! Entre aqui neste quarto, é o jeito.

DODÕ Nunca! Vou ficar e contar tudo a meu pai!

CAROBA Homem quer saber do que mais? Entre então converse mais não! (EMPURRA DODÕ NO QUARTO DE MARGARIDA E TRANCA A PORTA. ENQUANTO FALA, TIRA O VESTIDO DE MARGARIDA.)

CAROBA Santo Antonio, o senhor vai me desculpar, mas foi um imprevisto! No quarto de Dona Benona é que eu não podia empurrá-lo. Mas eu destranco já a porta!

VOZ DE EUDORO - Margarida!

CAROBA Já vou, espere um pouco! Diabo de homem mais apressado! (BATE NO QUARTO DE BENONA, CANTANDO COMO GIA.)

CAROBA Tia Benona! Tia Benona! Crote, crote, crote, Tia Benona!

BENONA (SAINDO.) Ave Maria, estive em tempo de me acabar de medo!

CAROBA Não perca tempo, que o homem está aí

BENONA Meu Deus!

CAROBA Tome o vestido! Me dê o seu! Logo, mulher!

VOZ DE EUDORO - Margarida!

CAROBA Já vou! Isto, agora, fique aí e espere. Me dê a cahve do quarto.

BENONA Pra quê?

CAROBA Não discuta mais, mulher de Deus! Vou abrir!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p. 491

BENONA — Está bem, mas não saia daí! (ENTRA NO QUARTO E CAROBA TRANCA-A, VESTINDO RAPIDAMENTE O VESTIDO DELA.)

CAROBA — Nossa Senhora, eu hoje estufo de tanto mudar vestido!

VOZ DE EUDORO - (IMPACIENTE.) Como é, Margarida?

CAROBA — Espere, homem, espere! (DESTRANCA A PORTA, COM O VESTIDO DE BENONA.)

EUDORO — Eu... Benona, é você?

CAROBA — (IMITANDO A VOZ E OS GESTOS DE BENONA.) Sou, Eudoro.

EUDORO — Margarida...

CAROBA — Margarida está dormindo. Dorme e sono profundo de sua juventude, Eudoro. E eu vim esperá-lo, como fiz tantas vezes, no tempo em que ainda nos amávamos!

EUDORO — Mas Benona, isso não fica bem!

CAROBA — Não fica bem, por que? Você está esquecido de tudo o que aconteceu?

EUDORO — Você mesma disse que tudo aquilo estava morto e enterrado.

CAROBA — Você acha, Eudoro? Então um amor como aquele pode morrer? Você pensa que eu não vi como estava preocupado quando saiu daqui? Eu também saí com o coração sangrando, Eudoro.

EUDORO — Mas Benona... Mesmo que estivessemos sentindo isso, agora seria tarde. Estou noivo de sua sobrinha. Por que você não me disse tudo? Agora, Margarida...

CAROBA — Deixe lá Margarida, homem de Deus! Você não vê o ridículo em que vai cair? Ela podia ser filha sua, podia ser sua nora!

EUDORO — Pensei nisso, Benona, mas você não sabe como eu me sentia solitário! Agora, estou noivo!

CAROBA — Que noivo que nada! Para mim, o que existe é nosso amor! Entre neste quarto'.

EUDORO — Benona!

CAROBA — Que Benona que nada, entre e deixe de conversa!

EUDORO — Mas Benona, podem falar de nós!

CAROBA — Falar o que? Que é que você está pensando? Que eu vou tantar contra você o que você tentou contra mim, é? Eu sou uma mu

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 492

lher séria, Eudoro, incapaz de atentar contra os viúvos honestos!

EUDORO Você é incomparável, Benona, como você nunca existirá outra!

CAROBA Então entre, Entre e tudo se explicará! (DÁ UMA PANCADA NELE, COM O PRÓPRIO TRASEIRO, EMPURRANDO-O.)

EUDORO ENTRA, CAROBA FECHA A PORTA.

CAROBA Pronto agora é chamar o velho. Do jeito que as coisas estão, ele terá que fazer os dois casamentos. E vamos logo, Santo Antonio, antes que seja tarde e aconteça alguma coisa, senão eu estou complicada com Nosso Senhor! (SAI. PINHÃO SAI DO ESCONDERIJO.)

PINHÃO Que Confusão mais danada é essa, meu santo? Dona Margarida e Dona Benona a trancar homens nos quartos! Aqui há alguma coisa. Vou tirar as chaves e ver se me aproveito da situação! Epa, vem gente! (ESCONDE-SE.)

ENTRA CAROBA AINDA COM O VESTIDO DE BENONA.

CAROBA Onde diabo o velho se meteu? Vou abrir! Ai meu Deus, onde estão as chaves? Que é que faço, meu Santo Antonio? O jeito é gritar que tem incêndio! O povo corre e o velho vai ter que fazer os casamentos! Vou gritar, é o jeito! Ou é melhor tocar fogo nas cortinas! (PINHÃO SAI DO ESCONDERIJO.)

PINHÃO Dona Benona, eu...

CAROBA Você o que safado! Que é que está fazendo em minha casa, espionando, de noite?

PINHÃO Alto lá, veja como fala! Pensa que eu não ouvi sua conversa aqui com seu Eudoro não, é? Então a senhora se vira quando povo dorme, hein?

CAROBA O que, moleque?

PINHÃO É isso mesmo, Dona Benona! Mas não precisa se zangar não, eu

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p.493

sou de toda confiança! Pode confiar em mim, por esta boca ninguém saberá de nada! Acho perfeitamente natural que a senhora, que é livre e independente, queira se divertir um pouco! E se Dona Benona não reparasse, eu até lhe dizia uma coisa!

CAROBA — Não reparo não, Pinhão, pode dizer!

PINHÃO — A senhora já pode ter passado a primeira mocidade, mas eu lhe digo uma coisa, Dona Benona, é nesse tempo que eu acho as mulheres mais bonitas! E a senhora pode não ser mais muito moça mas é enxuta que faz gosto!

CAROBA — (À PARTE.) Ah, safado!

PINHÃO — A senhora não estava procurando as chaves?

CAROBA — Estava!

PINHÃO — Eu tirei todas duas! Pelo que a senhora disse, elas são muito importantes. Assim, a gente podia fazer um acordo. Eu lhe dava as chaves e... A senhora não repare não, mas já que estamos aqui e seu Eudoro dormiu no ponto, a gente bem que podia entrar num acordo e fazer um amorzinho, para passar o tempo!

CAROBA — Você está muito enganado! Eu estava deixando você falar, para ver até onde ia seu atrevimento! Mas vou gritar! Vou gritar e você vai se arrepender da graça!

PINHÃO — Ai, a porca! Não grite não, Dona Benona! Não grite não, que eu retiro o que disse! Tome as chaves, Dona Benona!

CAROBA — As chaves? Ah, não, agora quem não quer as chaves sou eu! Vou chamar o Delegado! Vou gritar!

PINHÃO — Pelo amor de Deus, não grite não, Dona Benona!

CAROBA — Então venha para cá! Quero lhe dar uma surra por seu atrevimento!

PINHÃO — Mas Dona Benona, a senhora me interpretou mal!

CAROBA — Vou gritar!

PINHÃO — Ai não, eu vou!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 494

CAROBA Ajoelhe-se! Isto! Agora, tome! tome, tome, e tome! Tome, para deixar de ser safado! Um sujeito como você, que devia dar graças a Deus por ter uma noiva como Caroba, com essas molecagens para as senhoras de respeito! Tome, safado!

PINHÃO Ai, ai, ai! Ai, Dona Benona!

CAROBA Vou parar! Mas vou por causa de Caroba, está ouvindo? Aquilo é uma santa, gosto tanto dela!

PINHÃO Eu também, Dona Benona!

CAROBA Devia gostar mais, safado! Você devia beijar os pés de Caroba todo dia, porque aquilo é uma santa! Agora, fique aí. Eu vou chamá-la.

PINHÃO Mas Dona Benona, o que é que a senhora vai dizer a Caroba?

CAROBA Não tenha medo, sua sujeira fica em segredo! Você acha que eu iria magoar aquela moça maravilhosa que gosta de você não sei mes-o por que? Fique aí. Se não eu descubro tudo!

PINHÃO Pode ficar descançada, eu daqui não saio.

CAROBA Pois então eu vou chamar Caroba, aquela santa! (COM PINHÃO DE COSTAS, ENTRA ATRÁS DO BIOMBO, JÁ TIRANDO O VESTIDO.)

PINHÃO (SÕ.) Ah, arábe miserável! Em que diabo fui me meter, meu Deus? Ia perdendo a porca, por causa da mulher! Mas ela bem que valia a pena, sabe? Pode não ser mais muito moça, mas que está enxuta, isso está!

CAROBA (CHEGANDO PARA PERTO.) Muito bem, senhor meu noivo!

PINHÃO Quem é? É Caroba?

CAROBA E quem mais havia de ser, canalha? Peste, miserável, traidor! Olhe o cinismo dele! Moleque, canalha! Ouvi tudo, bandido! Eu estava aqui e vi tudo, sua molecagem com Dona Benona Arábe, seus enxerimentos; traição! E se ao menos tivesse coragem! Mas não, levou uma surra da arábe na minha frente! Essa você me paga!

PINHÃO Mas Caroba, eu...

CAROBA Cale a boca, bem caladinha, está ouvindo? Porque agora você

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 495

vai levar umas tapas!

PINHÃO — Eu? Mas Caroba!

CAROBA — Vai e sou eu que dou!

PINHÃO — Mas eu não já levei a surra de Dona Benona?

CAROBA — Aquela foi a dela, agora se prepare que lá vai a minha!

(DÁ-LHE ALGUMAS TAPAS.)

PINHÃO — Ai, Caroba, ai carobinha, ai carobinha do meu coração! (CONSEGUE BEIJÁ-LA POR ENTRE AS TAPAS, ABRAÇA-A, CAROBA VAI DINUINDO AS TAPAS, RETRIBUI DEPOIS O ABRAÇO.)

CAROBA — Safado!

PINHÃO — Beleza!

CAROBA — Pinhão!

PINHÃO — Caroba! Agora, podemos casar! Vamos casar amanhã e você vai ser a mulher mais rica daqui!

CAROBA — Mentiroso! Ai, as chaves! (DESTRANCA OS DOIS QUARTOS E ENTRA ABRAÇADA COM PINHÃO, NUM TERCEIRO QUARTO. DODÕ E MARGARIDA SAEM DO QUARTO.)

MARGARIDA — Está vendo? Está aberta! Graças a Deus! Você está zangado comigo, meu amor?

DODÕ — Não, pelo contrário, você estava certa e eu fui quem perdi a cabeça.

MARGARIDA — E não vai me desprezar porque eu o repeli?

DODÕ — Pelo contrário, cada vez aprendo a respeitá-la mais. Eu é que devo pedir perdão a você por ter me descontrolado.

MARGARIDA — Cuidado, vem alguém. Entre no quarto, ninguém deve vê-lo.

DODÕ ENTRA NO QUARTO. ENTRA PINHÃO, QUE TIRA A PORCA DO SOCAVÃO E VOLTA COM ELA PARA O QUARTO. MARGARIDA VÊ QUANDO ELE PASSA. ENTRA NO PORÃO E MARGARIDA SE ESCONDE. PINHÃO VOLTA E ENTRA NO QUARTO EM QUE ESTAVA COM CAROBA, DE SACO ÀS COSTAS. VOLTA DODÕ.

DODÕ — Quem era?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 496

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº 160947

PREÂMBULO

Espécie:. OFICIAL | Número..... | Data:. 160947

Origem..... | Palavras..... | Hora:. 0853

ENDEREÇO

SCDP/SR/BHE/MG

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 531/DCDP de 15 - 09 - 87 —— RERA NR 098-099 ET 100 DE 110987 SCDP/MG VG INFO PEÇAS "O SANTO ET A PORCA" LIB QUATORZE ANOS CERT VAL 250390 J.I. CENAS RELATIVAMENTE EROTICAS PTVG "O DESPERTAR DA PRIMAVERA" LIB QUATORZE ANOS CERT VAL 280192 J.I. CONFLITOS EXISTENCIAIS PTVG "A AURORA DE MINHA VIDA" LIB QUATORZE ANOS CERT VAL 090490 J.I. TEMATICA RELATIVAMENTE COMPLEXA PTVG "FIM DE FESTA" AUT SAMUEL BECKETT LIB DEZOITO ANOS CERT VENC 170676 J.I. NADA CONSTA PT DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor. Vera Helena Samon Domingos
Chefe do SC - DCDP
Substituto

DPF—84

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 497

MARGARIDA Era Pinhão, carregando um troço nas costas. Que é que ele terá vindo fazer aqui a essas horas?

DODÕ Veio Comigo, vigiar Caroba. Eu e ele, com ciúme, combinamos vir, quando Caroba destrancesse a porta!

VOZ DO EURICÃO - (FORA.) Ai, Ai!

DODÕ Quem é? Veja na janela!

MARGARIDA É papai! Meu Deus, ele viu tudo!

DODÕ Por que você diz isso?

MARGARIDA Está com a cabeça encostada na janela de meu quarto, chorando! Certamente viu você no meu quarto! Meu Deus, estou perdida!

DODÕ Acalme-se, meu amor! Entre aqui comigo. Vamos ver se é possível apurar o que ele viu. Depois a gente sai, fala com ele e explica tudo! (MARGARIDA E DODÕ SE ESCONDEM. ENTRA EURICÃO.)

EURICÃO Ai, ai! Estou perdido, estou morto, fui assassinado! Para onde correr? Para onde não correr? Pega, pega! Mas pegar a quem? Não vejo nada, estou cego. Não sei mais para onde vou, não sei mais, onde estou, não sei mais quem sou! Ah, dia infeliz, dia funesto, dia desgraçado! Que fazer agora da vida, tendo perdido aquilo que eu guardava com tanto cuidado? Roubei-me a mim próprio, furtei a minha alma! Agora outros gozam com ela, para meu desgosto e prejuízo! Não é demais para mim! (CAI DESFALECIDO, CHORANDO. ENTRAM DODÕ E MARGARIDA.)

DODÕ Seu Eurico!

EURICÃÓ Quem me fala?

DODÕ Um Desgraçado!

EURICÃO Pois está falando com outro! Eu me tornei desgraçado por causa de um acidente funesto.

DODÕ Console-se.

EURICÃO Consolar-me? Como?

DODÕ A culpa foi minha, fui eu que causei sua desgraça e vim confessar tudo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p-498

EURICÃO O que? Quem é? Dodô? Que é que você está me dizendo?

DODÔ A verdade!

EURICÃO Você! Foi você, cachorro, canalha, cobra que eu guardava em minha casa para me assassinar! Que mal tinha eu lhe feito para você me tratar assim?

DODÔ Foi ao mesmo tempo um acaso e uma necessidade, Seu Eurição!

EURICÃO Acaso e necessidade! Isso pode lá justificar um ato como esse, assassino?

DODÔ Agi mal, confesso, minha falta é grave mas vim exatamente pedir que me perdoe.

EURICÃO Como é que você teve coragem de tocar naquilo que não lhe pertencia?

DODÔ Espere aí! Apesar das circunstâncias serem um tanto esquisitas, o que aconteceu foi coisa sem importância! O que eu toquei nela, foi muito pouco!

EURICÃO O que, canalha? Tanto assim que você tocasse em meu tesouro, seria um crime inominável! Com que direito você foi tocar naquilo que era meu?

DODÔ A culpa foi das circunstâncias. E eu não já vim pedir desculpas?

EURICÃO Não gosto desses criminosos que prejudicam os outros e depois vêm pedir desculpas! Você sabia que ela não era sua, não devia ter tocado nela!

DODÔ Mas eu não já disse que o que aconteceu foi coisa tola?

EUIRCÃO Coisa tolo o que? Você não veio confessar? E depois, de repente, começa a se desdizer, dizendo que não tocou nela! Como é, tocou ou não tocou?

DODÔ Bem, tocar, toquei, mas não foi nada que pudesse ofendê-lo. Mas já que o senhor considera essa tolice um crime, por que não aceita os fatos e não me dá de vez esse tesouro?

EURICÃO Como é, assassino? Você quer ficar com meu tesouro? Contra minha vontade?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 499

DODÕ Eu não estou lhe pedindo? A coisa que eu mais desejo no mundo é ficar com ela!

EURICÃO Você? Ficar com ela?

DODÕ Sim.

EURICÃO Ah, não, você tem que devolver!

DODÕ Devolver? Eu não já disse que não tirei nada?Devolver o que?

EURICÃO Aquilo que me pertencia e que você tirou!

DODÕ Que eu tirei? De onde? Afinal, o que é que você quer?

EURICÃO (IRÔNICO, AMARGO.) Você não sabe?

DODÕ Você não diz!

EURICÃO O que eu quero é minha porca que você confessou ter roubado!

MARGARIDA Ai, meu Deus, por que o senhor me insulta?

DODÕ Isso é coisa que o senhor diga? Porca por que? Sua filha é a mais pura das moças, protou-se com toda a prudência e o senhor a trata com essa grosseria!

EURICÃO Minha filha? Que é que minha filha tem a ver com isso? Que é que você está fazendo aqui, Margarida?

MARGARIDA Mas papai, eu não...

DODÕ Não é ela que o senhor está reclamando?

EURICÃO Olhe a inocência do ladrão! O que eu quero é minha porca, cheia de dinheiro, que você confessou ter roubado!

DODÕ Uma porca?

MARGARIDA A porca?

DODÕ Cheia de dinheiro? Que diabo de confusão é essa? Eu seria lá capaz de roubar ninguém! Que é que o senhor está pensando?

EURICÃO Ah, então naga!

DODÕ Claro que nego! Nunca imaginei que o senhor guardasse dinheiro dentro de porca nenhuma!

EURICÃO (Súplice.) Me dê minha porquinha que você tirou do cemitério da igreja! Você a roubou, mas eu não o denunciarei e lhe dou a metade do dinheiro que ela tem dentro! A metade

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p. 500

não, seria uma injustiça, afinal de contas, quem juntou o dinheiro fui eu, não é? Um terço é muito, você leva um quarto e me devolve o meio, como comissão por eu ter tido o trabalho. Faça o que quiser, mas me dê minha porquinha!

DODÓ — Como é que eu posso lhe dar a porca se não sei onde está?

EURICÃO — Está bem, quem gosta de você é a polícia. Vou gritar! Acordem! Acordem! Acordem todos! Pega, pega o ladrão!

CAROBA E PINHÃO SAEM DO QUARTO.

PINHÃO — Que é isso?

CAROBA — Que é isso, seu Euricão?

EURICÃO — Foi esse ladrão, foi esse ladrão que entrou na minha casa para me roubar!

DODÓ — Mas para roubá-lo como, se -ão sei nem notícia de sua porca!

EURICÃO — Não sabe o quê, safado? Você mesmo não disse que tinha sido a causa de minha desgraça?

CAROBA — Um momento, seu Euricão, eu sei o que foi que ele quis dizer.

EURICÃO — Que foi?

CAROBA — Ele disse que foi a cousa de sua desgraça porque comprometeu sua filha para o resto da vida. Esse tal de seu Dodó entrou aqui, nas caladas da noite, iludiu Dona Margarida não sei de que jeito, e trancou-se com ela aí nesse quarto. Eu vi tudo!

EURICÃO — Ai! É verdade?

MARGARIDA — É, papai, mas...

EURICÃO — Era isso que você estava confessando?

DODÓ — Era.

EURICÃO — Ainda mais essa! Por cima de queda, coice! Canalha, safado, por que você não disse logo? Por que deixou que eu confes-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 501

sasse meu segredo?

DODÕ A culpa foi sua, era eu falando da filha e o senhor pensando na porca!

EURICÃO Ai, a porca! Juntei dinheiro a vida inteira, para a velhice, e agora perco, num dia sõ, aporca e a filha!

CAROBA E vã logo se preparando para perder a irmã também porque a situação de dona Benona é muito difícil!

EURICÃO Benona? Que há?

CAROBA Seu Eudoro resolveu matar saudades e está aí, trancado nesse quarto, com ela Eu vou sair desta casa, porque para falar com franqueza, nunca pensei em ver tento escândalo num dia sõ!

EURICÃO Não é possível! Eudoro e Benona aqui!

ENTRAM EUDORO E BENONA.

EUDORO É verdade, Eurico, E se você não se ofendesse, eu queria lhe pedir a mão de Benona em casamento.

EURICÃO E você já pediu?

EUDORO Não!

EURICÃO Quer me levar ao ridículo, é, Eudoro? Faz uma coisa dessa, compromete minha irmã e ainda vem com pilhérias, logo agora que ela foi roubada!

BENONA Quem, eu?

EURICÃO Não, a porca! Ai, a porca!

EUDORO Mas Eurico, eu...

CAROBA Um momento, um momento, quem fala sou eu. O senhor já se explicou com Dona Benona, não foi?

EUDORO Foi.

CAROBA A senhora também já entendeu tudo, não foi?

BENONA Já!

CAROBA Entendeu o noivado, a confusão, laralá, laralá, tudo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p.502

BENONA — O noivado, a confusão, laralá, laralá, tudo!

CAROBA — Então, viva! O senhor consente no casamento de seu Eudoro com dona Benona, não é, seu Euricão?

EURICÃO — Consinto, não! Exijo! Agora, ou ele casa, ou morre! Ai Santo Antonio, ela está perdida!

BENONA — Eu?

EURICÃO — A porca! Mas vocês dois agora casam, e tem que ser já!

CAROBA — Pois então, eles casam amanhã. O senhor ganhou um grande cunhado, seu Euricão!

EURICÃO — Mas perdi a porca! Ai, a porca! Ai, a porca! E ainda por cima o que aconteceu com meu patrimônio!

PINHÃO — Seu patrimônio? Qual? A porca?

EURICÃO — Não Margarida! Benona está garantida, mas essa aí me arranjou um genro corcunda e de boca torta, um miserável que não tem nem onde cair morto! Mas ele me paga! Mato esse miserável, quebro-lhe a cara! Tome, safado, tome! Que é isso? A barba!

EUDORO — Dodô! Você aqui?

DODÔ — Sou eu, meu pai. Peço-lhe que me perdoe, mas deixei o estudo. Não havia outro jeito, eu estava apaixonado por Margarida, o senhor não queria que eu me casasse. Por outro lado, seu Euricão só queria com um homem rico. O jeito foi esse.

EUDORO — Você deixou de estudar?

DODÔ — Deixei. Ajudado por Caroba, entrei aqui, disfarçado, como empregado de seu Euricão. Ganhei a confiança dele, fingindo que era avarento, e fui ficando até que Margarida correspondeu a meu amor e jurou casar comigo. E agora, tenho que casar, papai, porque apesar de não ter acontecido nada de mais entre nós, ninguém vai acreditar nisso.

EUDORO — Mas esse casamento assim, meu filho!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 503

MARGARIDA — Esse casamento assim o que? É igual ao do senhor com Tia Benona!

DODÕ — Meu pai, eu só gosto no mundo de criar boi. É a única coisa que me dá gosto. Deixe eu me casar! Se eu não casar amanhã, todo mundo vai saber a história e Margarida fica compremetida!

EUDORO — Mas ninguém vai saber de nada, meu filho! Nenhum de nós vai espalhar essa história, que eu sei!

CAROBA — Quem não vai espalhar? O senhor está muito enganado, eu vou espalhar tudinho! Vi tudo, assisti tudo e não estou pronta para sofrer essas humilhações, não! Casa em que trabalho, tem que ser casa de respeito, nessas coisa eu sou dura!

EUSORO — Mas Caroba...

CAROBA — Vou começar e é agora! Meu povo...

EUDORO — Você tem razão, é melhor que ele casa. Você fica trabalhando comigo na fazenda e eu faço uma casa para você.

DODÕ — Meu pai, o senhor concorda!

EUDORO — Concordo. Pensando bem, vejo que tudo terminou pelo melhor, eu com Benona, você com Margarida.

EURICÃO — Isso é o que você diz, mas o fato é que ela está perdida.

MARGARIDA — Eu, meu pai?

EURICÃO — A porca! Ora bolas, não já disse que é a porca? Você está aí, sua tia está aí, quando eu digo ela, só pode ser a minha porquinha! Serei cego, por acaso? Estou vendo vocês, mas agora pergunto: e minha porquinha, onde é que está?

MARGARIDA — Espere, meu pai, eu sei quem é que tem sua porca.

EURICÃO — Você? Sabe? Ave Maria, valha-me Deus! Quem é? Quem é? Quem é o ladrão, o assassino que roubou minha porquinha?

MARGARIDA — É Pinhão, papai!

PINHÃO — Eu?

EURICÃO — Ah, bandido, criminoso, assassino! Agora você me paga! Onde está minha porquinha? (AGARRA PINHÃO PELO PESCOÇO.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p.504

PINHÃO Seu Euricão, eu...

EURICÃO Diz ou não diz?

PINHÃO Eu não sei nem que porca é essa!

EURICÃO Então vou apertá-lo até sua alma sair pelo fiofó! Diz ou não diz?

CAROBA Mas afinal de contas, o que é isso? Pinhão roubou uma porca, foi?

MARGARIDA Foi.

CAROBA Pois se o barulho todo é esse, a gente paga a porca!

EURICÃO E aquilo é porca que se pague, danada?

DODÓ Era aquela porca velha de madeira, Caroba! Estava cheia de dinheiro!

EURICÃO AGARRA PINHÃO DE NOVO.

PINHÃO Um momento. me solte! Vá pra lá! Eu confesso que furtei essa porca, mas o senhor não ganha nada mandando me entregar à polícia. Eu morro e não digo onde ela está! Todo mundo fala em furto, em roubo, e só se lembra da porca! Está bem, eu furtei a porca! Sou católico, li o catecismo e sei que isso não se faz! Mas onde está o salário de todos estes anos em que trabalhamos, eu, meu pai, meu avô, todos na terra de sua familia, seu Eudoro? Onde está o salário da familia de Caroba, na mesma terra, seu Eudoro? Não resta nada! Onde está o salário de Caroba durante o tempo wm que ela trabalhou aqui. Seu Euricão? Seu Euricão Engole-Cobra?

EURICÃO Engole-Cobra é a mãe!

PINHÃO Nós não temos nada! A coisa que a gente mais deseja na vida, eu e ela, é casar! Até agora, não pudemos. Onde está a minha porca? Ninguém diz nada! Pois bem, proponho um acordo a todos. Seu Eudoro não emprestou vinte contos a seu Euricão? Eu entrego a porca por esses vinte contos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p.505

EURICÃO Não dou, os vinte contos são meus!

PINHÃO Então pode chamar a polícia, porque eu não entrego a porca de jeito nenhum. Ela tem cem vezes isso. Com os vinte contos posso comprar uma terrinha. Junto com a do padrinho de seu Dodõ, caso e vou fazer minha vidinha com Caroba.

MARGARIDA Ceda, papai! Nós devemos tanto a Caroba! Deixe pelos vinte contos! Já que não tem outro jeito e a porca vale mais...

EURICÃO Está bem, vpcês querem assistir á minha morte, a meu assassinato! Pois assistam! O vale está aqui. Agora vá buscar minha porquinha, pelo amor de Deus.

PINHÃO Não precisa ir buscar, ela está aqui.

EURICÃO Aqui?

PINHÃO Claro, era o último lugar do mundo de que vocês desconfiariam! Está aqui perto, no quarto, atrás de uma mala velha! (ENTRA NO QUARTO.)

DODÕ E eu que pensava que Pinhão era idiota!

CAROBA Idiota por que?

DODÕ Porque ele só vivia dizendo ditados.

CAROBA Pois aprenda a conhecer com quem vive, se não o senhor está desgraçado. Uma pessoa capaz de me enrolar como ele, pode lá ser idiota, seu Dodõ?

VOLTA PINHÃO COM O SACO.

EURICÃO Ah, Santo Antonio poderoso! Até que enfim você se compadeceu de seu velhinho, de seu devoto de todos os momentos e de todas as horas! Pensei que estava obrigado a escolher entre o santo e a porca! Mas Santo Antonio não podia me exigir esse absurdo! Ai minha porquinha, que alegria apertá-la de novo cantra o meu coração! Que alegria beijá-la! Õ minha esperança, ó minha vida! Agora que a encontrei não a largarei um só instante! Afastem-se, saiam de perto de mim! Agora é assim, minha porca e eu!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 506

AFASTAM-SE TODOS. A CENA DEVE DAR IDÉIA DA SOLIDÃO DE EURICÃO, SOLIDÃO QUE VAI CRESCENDO ATÉ O FIM.

EUDORO Mas espere...

EURICÃO Afaste-se! Saia de junto de mim!

EUDORO Eurico, você guardou esse dinheiro muito tempo, não foi?

EURICÃO Guardei, roda a minha vida! Quase toda a vida! Desde que minha mulher me deixou! Agora, posso falar nisso, pois tudo perdeu a importância diante da porca!

EUDORO Eurico, o dinheiro não é tudo neste mundo. Você tem sua filha, tem a todos nós que agora somos sua família. Deixe de depositar toda a sua vida nesse dinheiro! Não dê tanta importância ao que não vale nada! Porque...

EURICÃO Por que o que? Que é que você quer dizer? Diga, termine!

EUDORO Será melhor dizer mesmo, Eurico?

EURICÃO Dizer o que? Diga logo, é melhor do que me esconder alguma coisa grave. Que é?

EUDORO Esse dinheiro está todo recolhido, Eurico! Tudo o que você tem aí não vale nem um tostão!

EURICÃO Nossa Senhora, Santo Antonio! Você jura pelos ossos de sua mãe como é verdade?

EUDORO Juro.

EURICÃO Está bem, eu acredito. Foi uma cilada de Santo Antonio, para eu ficar novamente com ele. Vou então ficar sozinho, novamente. E já que tem de ser assim, quero ficar aqui. Trancarei a porta e não a abrirei mais para ninguém. Porque não quero mais ficar num mundo em que acontecem estas coisas impossíveis de prever.

EUDORO Eurico, o mundo não se acabou por causa disso. Você perdeu seu dinheiro, mas ganhou experiência e uma família! Acabe com essa idéia de se enterrar vivo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p.507

EURICÃO Você pensa que está melhor do que eu? A única diferença entre mim e você, Eudoro, é que sua porca ainda está diante de seus olhos. Não, eu estou farto!

MARGARIDA Seu Eudoro tem razão, papai, o mundo não se acabou. Tudo pode recomeçar, o senhor vende esta casa e vai morar conosco.

EURICÃO Você não está entendendo nada! E como ficaria eu? Você casa com Dodó, Benona com Eudoro, Caroba com Pinhão. Não vê que eu fico só? No meio disso tudo, com quem casaria eu?

CAROBA Com a porca. E, se ela não serve mais, com Santo Antonio!

EURICÃO Estão ouvindo? É a voz da sabedoria, da justiça popular. Tomem seus destinos, eu quero ficar só. Aqui hei de ficar até tomar uma decisão. Mas agora sei novamente que posso morrer, estou navamente colocado diante da morte e de todos os absurdos, nesta terra a que cheguei como estrageiro e como estrangeiro vou deixar. Mas minha condição não é pior nem melhor do que a de vocês. Se isso aconteceu comigo, pode acontecer com todos, e se aconteceu uma vez pode acontecer a qualquer instante. Um golpe do acaso abriu meus olhos, vocês continuam cegos! Agora vão, quero ficar só!

EUDORO Adeus, Eurico.

BENONA Adeus, Eurico.

EURICÃO Adeus, escravos!

MARGARIDA Adeus, meu pai.

EURICÃO Adeus, escravos. Saiam. Saiam todos, escravos!

CAROBA Adeus, seu Euricão.

EURICÃO Adeus, escravos!

SAEM TODOS, MENOS EURICÃO

EURICÃO Bem e agora começa a pergunta. Que sentido ten toda essa conjuração que se abate sobre nós? Será que tudo isso tem

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 508

sentido? Será que tudo tem sentido? Que quer dizer isso, Santo Antonio? Será que só você tem a resposta? Que diabo quer dizer tudo isso, Santo Antonio?

PANO

FIM.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 509

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº_____ / _____

TÍTULO: " O SANTO E A PORCA"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

PEÇA TEATRAL

Procedemos ao confronto dos textos teatrais "O SANTO E A PORCA" de autoria de Ariano Suassuna e constatamos que os mesmos são idênticos, razaõ pela qual, sugerimos sua liberação com a mesma chancela anteriormente atribuída, ou seja, livre.

Brasília, 11 de abril de 1983.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 510

TEATRO

TÍTULO " O SANTO E A PORCA".

AUTOR: ARIANO SUASSUNA.

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior LIVRE.

Praça SR/DF

Obs.: C O N F R O N T O:

DF. 06 / 04 / 84 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de LIVRE anos, 5a cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.: conforto

Brasília-DF, 13 de 04 de 1984

Hellé Prudente Carvalhedo
Matr. 2446791

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de para o qual os censores propõem a classificação etária de LIVRE.

Brasília-DF, 16 de 04 de 1984

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 16/04/1984

Solange M. T. Hernandes
Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 (p. 511

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº	EMISSÃO	VALIDADE
0363	16 ABRIL DE 1984	16 ABRIL DE 1989

TÍTULO: O SANTO E A PORCA

AUTOR (ES): ARIANO SUASSUNA

CLASSIFICAÇÃO: LIVRE

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE:

Solange M. F. Hernandes
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
DIRETORA DA DCDP
ASSINATURA

TÍTULO: O SANTO E A PORCA
ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL
CERTIFICADO Nº 0363

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: ELIZEU DAS NEVES ROCHA - BRASÍLIA/DF.

DECISÃO: LIVRE. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

NEI DE OLIVEIRA
CHEFE DO SC - DCDP
ASSINATURA

BSB 16 DE ABRIL DE 19 84.

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 512

614/84-SE/DCDP 18 abril 84

Chefe do SCDP/SR/DF

O SANTO E A PORCA

ARIANO SUASSUNA

Chefe:

Brasília/DF.

Solange M. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 513

M.J. - DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
CÓDIGO - 08202
18 003476

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DCDP/BSB

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S.PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF.
Nº4.186/84- SCDP/SR/SP Em 14 de Maio de 19 84

Senhor Diretor

De acordo com a Portaria nº 017/78-DCDP, estamos encaminhando a V.S. uma via do texto e relatórios de leitura e de ensaio geral da (s) peça (s) teatral (is):

01 - FILME TRISTE de Vladimei Cappela

02 - O MEU GURI de Walter Cunha

03 - UMA AVENTURA A CAMINHO DO GUARUJÁ de Carlos Mecene e Minho Morais

04 - CLICK -TALVEZ ABRINDO MAIS A BOCA ou DRAMA VISÃO CONTA A HISTÓRIA de Osvaldo Dragan

05 - O SANTO E A PORCA de Ariano Suassuna

06 - A LENDA DO VALE DA LUA de João Neves

Na oportunidade, renovamos a V.S., protestos de estima e consideração.

Maria Inês Rolim Gauchioli

MARIA INÊS ROLIM GAUCHIOLI
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.
DRa. SOLANGE MARIA T. HERNANDES
DD. Diretor da DCDP
BRASILIA/DF

Prot. 07970

10/04/84

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 p. 534

ILMO. SENHOR CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DEPART. DE POLÍCIA FEDERAL EM SÃO PAULO

Espedito Hilton Leonel, RG nº 3.658.410, brasileiro, residente à rua Conselheiro Ramalho, 533, cj. 101, Bela Vista, São Paulo, representando o ARTE VIVA DE TEATRO PROM. ART. LTDA., com sede a rua Conselheiro Ramalho, 533, cj. 101, São Paulo, cujo texto se encontra anexo a este em três vias, vem mui respeitosamente requerer a V.Sa. se digne mandar proceder à leitura e exame censório do Ensaio Geral, em data e hora a serem designadas por essa Chefia.

Para tanto, presta as seguintes informações:

Nome da Peça: O SANTO E A PORCA
Autor: ARIANO SUASSUNA
Produtor: ARTE VIVA DE TEATRO PROM. ART. LTDA.
Grupo: PROFISSIONAL
Local: SÃO PAULO
Telegone: 283-5388

Termos em que,
P. Deferimento.

São Paulo, 09 de abril de 1984

Espedito H. L.

ARTE VIVA DE TEATRO PROM. ART. LTDA.
Espedito Hilton Leonel
RG. 3.658.410

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p. 515

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p-516

Doação
11/04/84

LIVRARIAS SICILIANO

O SANTO E A PORCA

•

O CASAMENTO SUSPEITOSO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0624. p. 517

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0649 ip 518

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA
apresenta de

ARIANO SUASSUNA

O SANTO E A PORCA

Prêmio da Associação Paulista de Críticos Teatrais

•

O CASAMENTO SUSPEITOSO

Prêmio Vânia Souto de Carvalho

Estampas de
ZÉLIA SUASSUNA

COLEÇÃO AGARANÁ VOLUME Nº 105

5ª edição

RIO DE JANEIRO/1982

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674. p. 519

Copyright © 1974 by Ariano Suassuna

Todos os direitos desta edição reservados à
LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA S.A.
Rua Marquês de Olinda, 12
Rio de Janeiro — República Federativa do Brasil
Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Capa de
EUGENIO HIRSCH
baseada em estampa de
ZÉLIA SUASSUNA

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Suassuna, Ariano, 1927-
S933s O santo e a porca e O casamento suspeitoso. 5. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio 1982.
(Sagarana, v. n. 105).

1. Teatro brasileiro. I. Título II. Título: O casamento suspeitoso. III. Série.

73-0390

CDD - 869.92
CDU - 869.0(81)-2

BR DFANBSB [redacted].CPR.TEA.PTE. 0674, p. 520

SUMÁRIO

NOTA BIOBIBLIOGRÁFICA VI
LIVROS PUBLICADOS IX

O SANTO E A PORCA

NOTA DO AUTOR 3
PRIMEIRO ATO 8
SEGUNDO ATO 35
TERCEIRO ATO 57

O CASAMENTO SUSPEITOSO

NOTA DO AUTOR 85
PRIMEIRO ATO 88
SEGUNDO ATO 110
TERCEIRO ATO 128

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0624, p. 521

NOTA BIOBIBLIOGRÁFICA

JOSÉ LAURENIO DE MELO

NASCIDO A 16 DE JUNHO DE 1927 na cidade de Nossa Senhora das Neves, então capital da Paraíba, ARIANO Vilar SUASSUNA é filho de João Urbano Pessoa de Vasconcelos Suassuna e Rita de Cássia Dantas Vilar Suassuna. Contava pouco mais de três anos de idade quando seu pai, que governara o Estado no período de 1924 a 1928, foi assassinado no Rio de Janeiro em conseqüência da cruenta luta política que se desencadeou na Paraíba às vésperas da Revolução de 1930. Nesse mesmo ano, D. Rita Vilar Suassuna, que se vira obrigada pela falta de segurança reinante em seu Estado a mudar-se para Pernambuco, transferiu-se com os nove filhos do casal para o sertão paraibano, indo instalar-se na fazenda Acahuan, de propriedade da família, e depois na vila de Taperoá, onde Ariano Suassuna fez os estudos primários.

A infância passada no sertão familiarizou o futuro escritor e dramaturgo com os temas e as formas de expressão artística que viriam mais tarde constituir seu universo ficcional ou, como ele próprio o denomina, seu «mundo mítico». Não só as estórias e casos narrados e cantados em prosa e verso foram aproveitados como suporte na plasmação de suas peças, poemas e romances. Também as próprias formas da narrativa oral e da poesia sertaneja foram assimiladas e reelaboradas por Suassuna. Suas primeiras produções — publicadas nos suplementos literários dos jornais do Recife, quando o autor fazia os estudos pré-universitários no Colégio Osvaldo Cruz — singularizavam-se pelo domínio dos ritmos e metros cristalizados na poética popular nordestina, toda ela baseada num corpo de regras e cânones codificados e manejados com segurança pelos poetas sertanejos no ardor de um desafio, na composição de um «romance» ou no improviso de uma glosa. Datam dessa época poemas como a gesta dos «Guabirabas» e «A morte do touro Mão-de-Pau».

Em 1946, ao ingressar na Faculdade de Direito do Recife, Ariano Suassuna ligou-se ao grupo de jovens escritores e artistas que, tendo à frente Hermilo Borba Filho, Joel Pontes, Gastão de Holanda e Aloísio Magalhães, acabavam de fundar o Teatro do Estudante de Pernambuco. As atividades desse grupo iriam desenvolver-se em três direções: levar o teatro ao povo, representando em praças públicas, teatros suburbanos, centros operários, pátios de igrejas etc.; instaurar entre os componentes do conjunto uma consciência da problemática teatral, através não só do estudo das obras capitais da dramaturgia universal mas também da observação e pesquisa dos elementos

BR DFANBSB NS CPR.TEA.PTE. 0674, p. 522

constitutivos das várias modalidades de espetáculos populares da região; e finalmente estimular a criação de uma literatura dramática de raízes fincadas na realidade brasileira, particularmente nordestina. No TEP, que em seis anos de existência montou, ao lado de originais brasileiros, peças de Sófocles, Shakespeare, Ibsen, Tchecov, Lorca, entre outros, encontrou Suassuna o terreno que lhe permitiu descobrir-se a si mesmo como dramaturgo, aproveitar suas potencialidades criadoras e exercitar sua vocação. Escreveu sua primeira peça em 1947, *Uma mulher vestida de sol*, que obteve o primeiro lugar em concurso de âmbito nacional promovido pelo TEP (Prêmio Nicolau Carlos Magno). No ano seguinte, especialmente para a inauguração da Barraca (nome que o TEP, em homenagem a Lorca, deu a seu palco itinerante), escreveu *Cantam as harpas de Sião*, que foi totalmente refundida muitos anos depois com o título de *O desertor de Princesa*. A esses dois ensaios iniciais seguiu-se *Os homens de barro* (1949), em que as inquietações espirituais exacerbaram os processos expressionistas empregados na primeira versão de *Cantam as harpas de Sião*. As mesmas inquietações estiveram presentes em duas outras peças, *Auto de João da Cruz* (Prêmio Martins Pena, 1950) e *O arco desolado* (menção honrosa no concurso do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954). No plano artístico caracteriza esse período a preocupação de conciliar a influência dos clássicos ibéricos, sobretudo Lope de Vega, Calderón de la Barca e Gil Vicente, com os temas e formas hauridos no romanceiro popular nordestino.

O ano de 1955 assinala o início de uma nova etapa na produção de Suassuna. Instado pelos seus amigos de O Gráfico Amador a darlhes um texto para publicar, Suassuna escreveu o *Auto da Compadecida*, que por ultrapassar as possibilidades editoriais de um prelo manual não foi editado. Encenado dois anos depois pelo Teatro Adolescente do Recife no Festival de Teatros Amadores do Brasil realizado no Rio, o auto conquistou a medalha de ouro da Associação Brasileira de Críticos Teatrais (1957). Sucesso permanente de público e de crítica, o *Auto da Compadecida* inaugurou uma vertente até então inexplorada na literatura dramática brasileira. Está hoje incorporado ao repertório internacional, traduzido e representado em espanhol, francês, inglês, alemão, polonês, tcheco, holandês, finlandês e hebraico. Vieram em seguida *O casamento suspeitoso* (1957), *O santo e a porca* (1957) e a *Farsa da boa preguiça* (1960). Interrompendo aí o seu trabalho para o palco, dedicou-se desde então a escrever uma trilogia de romances, cujo volume inicial, *A Pedra do Reino*, editado por esta Casa em 1971, já anda na quarta edição e foi laureado com o Prêmio Nacional de Ficção conferido em 1972 pelo Instituto Nacional do Livro.

Os elementos que haviam marcado o começo da carreira literária de Suassuna foram ao longo dos anos passando por um processo natural de depuração e amadurecimento e acabaram por definir os rumos de sua obra. O compromisso entre a reelaboração do material de origem popular e o refinamento dos meios de que dispõe um escritor culto, no pleno domínio dos recursos de seu ofício, é responsável pelo difícil equilíbrio alcançado por Suassuna nos pontos culmi-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.P 523

nantes de seu teatro. E isto é o que lhe garante a comunicação com as platéias do mundo inteiro, comunicação direta, imediata, cujos veículos são a simplicidade dos entrechos, o diálogo incisivo, a comicidade irresistível das situações, a concepção do jogo cênico e do texto como abertura para um teatro antiilusionista, e uma visão religiosa da vida que o seu ideário pessoal embebe de humanismo cristão e de esperança.

Formado em Direito e Filosofia, Ariano Suassuna é casado com Zélia Suassuna (cujos desenhos ilustram este volume) e pai de seis filhos. É professor na Universidade Federal de Pernambuco, foi Diretor do Departamento de Extensão Cultural da mesma Universidade e membro do Conselho Federal de Cultura de 1967 a 1973. Assumiu em 1975 a Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal do Recife. Autor de numerosos ensaios sobre pintura, gravura e escultura, é fundador e figura central de um movimento artístico por ele batizado de Armorial, que congrega poetas, pintores, gravadores, escultores e músicos, tendo já se projetado nacionalmente através dos concertos da Orquestra de Câmara Armorial.

Do homem, ou melhor, do personagem Ariano, traçou seu amigo Hermilo Borba Filho um perfil que não nos furtamos a reproduzir aqui: «Magro e alto, de uma coerência extremada, radical em suas opiniões, é preciso vê-lo numa discussão com amigos (com inimigos basta que se leiam os seus artigos): zombeteiro, argumentador desnorteante, irreverente. Vive, com a maior convicção, o preceito de Unamuno de que o artista espalha contradições. É capaz de destruir o argumento mais sério com uma piada ou sair-se com um problema metafísico dos mais angustiantes numa conversa ligeira. Tem horror aos aparelhos modernos — enceradeira, vitrola, televisão, rádio, telefone — considerando-os coisas do demônio. Gostaria de crer em Deus como as crianças crêem, mas crê com angústia, fervor e perguntas. Não vai a reuniões oficiais, jantares, coquetéis, espetáculos, mas amanhece o dia num bate-papo ou ouvindo repentistas. Tem pavor de avião e se martiriza com uma alergia que lhe dá comichões no nariz. Seu caráter é ouro de lei, e, embora o negue, esforça-se para amar os inimigos como manda o Evangelho. Pode, pessoalmente, atacar um amigo, mas defende-o de público até com armas na mão. A arte e a religião são por ele encaradas de maneira fundamental.»

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 524

OBRAS DO AUTOR

É de tororó (em colaboração com Capiba e Ascenso Ferreira). Rio de Janeiro, Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1950.

Ode. Recife, O Gráfico Amador, 1955.

Auto da Compadecida. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1957; 18ª edição, Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1982.

O casamento suspeitoso. Recife, Editora Igarassu, 1961.

Uma mulher vestida de sol. Recife, Imprensa Universitária, 1964.

O santo e a porca. Recife, Imprensa Universitária, 1964.

A pena e a lei. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora/INL, 1971; 2ª ed., 1975.

Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1971; 4ª edição, Rio de Janeiro Livraria José Olympio Editora, 1976 (Prêmio Nacional de Ficção do INL/MEC, 1972).

Farsa da boa preguiça. Estampas de Zélia Suassuna. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1973; 2ª ed. 1979.

O santo e a porca - O casamento suspeitoso. Estampas de Zélia Suassuna. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1973; 5ª edição, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1982.

Seleta em prosa e verso (contendo 4 peças inéditas). Organização, estudo e notas do Prof. Silviano Santiago. Estampas de Zélia Suassuna. Rio de Janeiro/Brasília, Livraria José Olympio Editora/INL-MEC, 1975.

História d'o Rei Degolado nas catingas do Sertão – Livro I – romance. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1977.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.P 525

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 526

O SANTO E A PORCA

Imitação Nordestina de Plauto

A peça *O Santo e a Porca* foi montada pela primeira vez no Rio de Janeiro, no Teatro Dulcina, em 1958, pelo «Teatro Cacilda Becker», sob direção de Ziembinski, sendo os papéis criados pelos seguintes atores:

CAROBA *Cleyde Yaconis*	EURICÃO ARÁBE *Ziembinski*	PINHÃO *Rubens Teixeira*
MARGARIDA *Cacilda Becker*	DODÓ *Fredi Kleemann*	BENONA *Kleber Macedo*
	EUDORO VICENTE *Jorge Chaia*	

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 p 527

Ao maior poeta do Brasil, Carlos Drummond de Andrade, que acolheu esta peça, quando de sua estréia, com tão generosas palavras, com toda admiração e estima do autor.

Despojado como um pária,
na nudez seca de Jó,
liberto da indumentária,
como está só!
(«Homem tirando a roupa»)

Pedras de sangue e choro
maculam a vertente.
Em que invisível foro
rege um juiz ausente?
(«Colônia»)

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

BR DFANBSB NG.CPR.TEA.PTE. 0674.p 528

SERÁ QUE UMA OBRA DE ARTE *precisa mesmo de explicações do autor para enfrentar o público? Será que a visão que o autor tem de sua obra não é a mais deformada de todas? Não sei, mas acredito que é muito difícil, sem traição a ela, explicar ou ordenar os múltiplos aspectos e sentidos que tem — ou pelo menos deve ter — uma peça de teatro. O fato é que a peça é um tumulto, e as opiniões que se formam em torno dela é outro; o que, de certa forma, nos autoriza a procurar, na medida do possível, um sentido para aquilo que talvez nenhum sentido claro possua.*

Com isso, não quero dizer que, ao escrever a peça, tenha conseguido fazer tudo o que pretendi ao imaginá-la. E quem o consegue? A obra que se apresenta ao público, qualquer que seja ela, é o resultado de duas derrotas: a primeira, porque o artista jamais conseguirá se equiparar à mobilidade, à vida, à riqueza, à contínua invenção da realidade; a segunda, porque depois de inventar sua obra — que não é senão uma tentativa de resposta domada, clarificada e ordenada ao que o mundo contém de feroz, de disperso e selvagem — nunca consegue ele imprimir na obra tudo o que desejou e entreviu no momento da criação.

Mal saído dessas duas derrotas, o artista entrega a obra ao público e à crítica. E ei-lo diante de algo misterioso, terrível e perturbador, porque absolutamente imprevisível. Às vezes, a obra é aceita pelo público e recusada pela crítica, às vezes acontece o contrário, às vezes ambos se juntam, a favor ou contra. Às vezes, depois de um julgamento que parecia definitivo, ambos se arrependem.

Na maioria dos casos, porém — e isso é, para mim, o mais incompreensível — tanto o público como a crítica se divi-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 p. 529

dem. Uma vez, um amigo me mandou um recorte de jornal com o resultado de uma estatística dessas que certas organizações costumam fazer com inquéritos, junto ao público, na saída dos espetáculos. O resultado foi, para mim, algo surpreendente e terrificante. Eu nunca vira nenhuma delas; aceitaria de bom grado que as opiniões fossem unânimes, contra ou a favor. Mas nada disso acontecia. A peça considerada melhor pela estatística apresentava o seguinte resultado: 58 pessoas tinham dito que ela era ótima, *34 que era* boa, *3 que era simplesmente* regular *e 5 que era decididamente* ruim. *Da peça considerada estatisticamente pior, o resultado era o seguinte: 18 pessoas tinham-na considerado* má, *31* regular, *33* boa *e 18* ótima.

Meu Deus, que misterioso critério de julgamento levou aquelas 5 pessoas a considerarem mau um espetáculo que outras 58 diziam ser ótimo e outras 34 diziam ser bom? E que outra imprevisível escala de apreciação levou, no segundo caso, aquelas 18 pessoas a acharem ótima uma peça que outras 18 achavam decididamente má?

É para nos desanimar, é mesmo para tirar conclusões pouco democráticas, no domínio da arte. Mas assim vai o mundo, e, ao que parece, pior do que o escuro em que nos debatemos é a mania de ser dono da luz. Assim, confessando que talvez esteja ainda mais no escuro do que os outros sobre o que faço, tento aqui a ordenação — ou uma das ordenações possíveis — para o mundo tumultuoso que inventei, não sei bem por que nem para quê.

Para isso, gostaria de esclarecer que, em certo sentido — e somente assim, porque, no fundo, isto é uma simples história — O Santo e a Porca *apresenta a traição que a vida, de uma forma ou de outra, termina fazendo a todos nós. A vida é traição, uma traição contínua. Traição nossa a Deus e aos seres que mais amamos. Traição dos acontecimentos a nós, dentro do absurdo de nossa condição, pois, de um ponto de vista meramente humano, a morte, por exemplo, não só não tem sentido, como retira toda e qualquer possibilidade de sentido à vida.*

É desta traição que Euricão Arábe subitamente se apercebe, é esta visão perturbadora e terrível que lhe aponta os homens como escravos — como escravos fundamentais e não

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 530

só do ponto de vista social, como um crítico entendeu que eu apontava — isto é, como eles próprios se veriam a cada instante, não fossem as preocupações, a cegueira voluntária e involuntária, as distrações e divertimentos, a covardia, tudo enfim que nos ajuda a "ir levando a vida" enquanto a morte não chega e que faz desta aventura — que se fosse sem Deus era sem sentido — um aglomerado suportável de cotidiano.

Para indicar isso, aproveitei, entre outras coisas, a circunstância de ser Euricão Engole-Cobra um estrangeiro, um "arábe", como se diz, no sertão, dos sírios, árabes e turcos enraizados, e insinuei, através disso, nossa própria condição de desterrados: "Não temos, aqui, cidade permanente" (Hebreus 13, 14). Detesto os símbolos: quando Euricão fala nisso, não está simbolizando nada nem ninguém, o que prejudicaria, a meu ver, sua vida de personagem de teatro; está aludindo a uma circunstância real, pelo que me permiti essa exceção que, não prejudicando a vida e a verdade do personagem Euricão, pôde servir para dar à perda da porca o sentido do absurdo de toda a vida. Porque a perda da porca é muito grave no caso particular dele. Euricão sacrificou toda a existência a ela — ao mundo, portanto, à segurança, à vida tranqüila, feliz e rotineira — furtando a sua própria alma, como ele mesmo diz repetindo seu modelo Euclião, personagem de Plauto; e o ídolo termina por trai-lo, deixando-o solitário e abandonado diante da morte. Como afinal acontece a todos nós, quando perdemos nossa casa, nossa fábrica, nosso automóvel, nosso nariz — como aconteceu ao personagem de Gógol — nossa amante ou nossas pernas.

Isto, quanto à porca. Ela apresenta a vida como um impasse, cuja única saída é Deus. "Se Deus não existe, tudo é permitido", dizia Ivan Karamázov, isto é, o mundo moral ficaria inteiramente destituído de sentido. É claro que não sou nenhum Dostoiévski nem estou, nem de longe, comparando as duas obras, mas sim comentando uma semelhança de situações; pois o que Euricão descobre, de repente, esmagado, é que, se Deus não existe, tudo é absurdo. E, com esta descoberta, volta-se novamente para a única saída existente em seu impasse, a humilde crença de sua mocidade, o caminho do santo, Deus, que ele seguira num primeiro impulso, mas do qual fora desviado aos poucos, inteiramente, pela idolatria do dinheiro, da segurança, do poder, do mundo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0674, p.33

Mas, se possível, olhem esta peça — assim como o conjunto de meu trabalho de escritor, dentro do qual ela, como todas as outras, deve ser entendida — antes de tudo como uma história, contada por uma pessoa, mas que mantém um contacto profundo e amoroso com a vida. Considero-me um realista, mas sou realista não à maneira naturalista — que falseia a vida — mas à maneira de nossa maravilhosa literatura popular, que transfigura a vida com a imaginação, para ser fiel à vida. Não tem sentido, portanto, dadas as características de meu teatro, dizer, como disseram alguns críticos ilustres, que é inverossímil que um avarento ignorasse uma operação bancária e perdesse, assim, seu tesouro. Em primeiro lugar, mesmo que isso fosse impossível na vida, não o seria em meu teatro, onde um cangaceiro se deixa enganar por uma flauta e um conto-do-vigário — no caso, o Padre Cícero — e onde os anjos se vestem de judeus e os diabos de frades ou de vaqueiros; e em segundo lugar, mesmo na vida, o caso é tão possível que aconteceu; foi em Taperoá, com uma pessoa avarenta, por sinal pertencente à minha família. Na agência do Banco do Brasil, em Campina Grande, onde ela foi trocar seu dinheiro, avisada por um tio meu, juntou gente, para ver aquelas notas, guardadas durante tanto tempo que ninguém as conhecia mais.

O que eu procuro atingir, portanto, é, senão a verdade do mundo, a verdade de meu mundo, afinal inapreensível em sua totalidade, mas mesmo assim, ou por isso mesmo, tentador e belo, com seu sol luminoso e selvagem, tão selvagem que não podemos vê-lo. Procuro me aproximar dele com as histórias, os mitos, os personagens, as cabras, as pedras, o planalto seco e frio de minha região parda, pedregosa e empoeirada. Esta visão ardente — grosseira e harmoniosa, ao mesmo tempo — é o cerne para onde se dirige meu trabalho de escritor. Admito, a exemplo do que acontece com o público e com a arte popular de minha região — o mamulengo, o romanceiro — a mentira geral do teatro para que isso me possibilite comunicar aos outros, na medida de minhas forças, a substância deste mundo. Nunca o teatro conseguirá reproduzir a vida, que se reinventa a cada instante. Assim, sem exageros que acabem a ilusão consentida do público, é melhor não apelar para as muletas do verismo nem esconder as traves da arqui-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 532

tetura teatral — sejam as do autor, as do encenador ou as dos atores, pois todos nós temos as nossas; assim o público, vendo que não pretendemos enganá-lo, que não queremos competir com a vida, aceita nossos andaimes de papel, madeira e cola e pode, graças a essa generosidade, participar de nossa maravilhosa realidade transfigurada. A vida e o mundo são os motivos, que aparecem transfigurados, no teatro. Meu teatro procura se aproximar da parte do mundo que me foi dada; um mundo de sol e de poeira, como o que conheci em minha infância, com atores ambulantes ou bonecos de mamulengo representando gente comum e às vezes representando atores, com cangaceiros, santos, poderosos, assassinos, ladrões, palhaços, prostitutas, juízes, avarentos, luxuriosos, medíocres, homens e mulheres de bem — enfim, um mundo de que não estejam ausentes — senão no teatro, que não é disso, mas na poesia ou na novela — nem mesmo os seres da vida mais humilde, as pastagens, o gado, as pedras, todo este conjunto de que o sertão está povoado.

Isto é o que venho procurando fazer. Sei que é um plano ambicioso, mas não posso estar pensando nisso, nem em se venho ou não conseguindo pô-lo em prática: terminaria ficando desesperado.

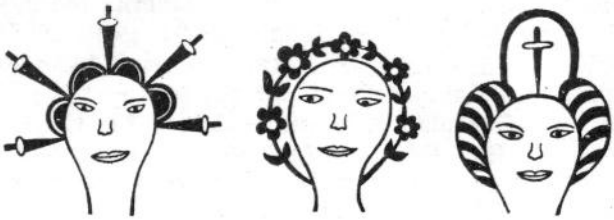
Assim, tendo dito o que quis fazer, entrego a peça aos leitores: que eles a julguem novamente, como já aconteceu com o público que a viu no palco. E se o que disse aqui contribuiu para um maior entendimento entre nós, dou-me por satisfeito.

A.S.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.P 533

PRIMEIRO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 p. 534



O pano abre na casa de EURICO ARÁBE, *mais conhecido como* EURICÃO ENGOLE-COBRA.

CAROBA. — E foi então que o patrão dele disse: "Pinhão, você sele o cavalo e vá na minha frente procurar Euricão..."

EURICÃO. — Euricão, não. Meu nome é Eurico.

CAROBA. — Sim, é isso mesmo. Seu Eudoro Vicente disse: "Pinhão, você sele o cavalo e vá na minha frente procurar Euriques..."

EURICÃO. — Eurico!

CAROBA. — "Vá procurar Euríquio..."

EURICÃO. — Chame Euricão mesmo.

CAROBA. — "Vá procurar Euricão Engole-Cobra..."

EURICÃO. — Engole-Cobra é a mãe! Não lhe dei licença de me chamar de Engole-Cobra, não! Só de Euricão!

CAROBA. — "Vá na minha frente procurar Euricão para entregar essa carta a ele."

EURICÃO. — Onde está a carta? Dê cá! Que quererá Eudoro Vicente comigo?

PINHÃO. — Eu acho que é dinheiro emprestado.

EURICÃO. — *(Devolvendo a carta.)* Hein?

PINHÃO. — Toda vez que ele me manda assim na frente, a cavalo, é para isso.

EURICÃO. — E que idéia foi essa de que eu tenho dinheiro? Você andou espalhando isso! Foi você, Caroba miserável, você que não tem compaixão de um pobre como eu! Foi você, só pode ter sido você!

CAROBA. — Eu? Eu não!

EURICÃO. — Ai, meu Deus, com essa carestia! Ai a crise, ai a carestia! Tudo que se compra é pela hora da morte!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0674.p 535

CAROBA. — E o que é que o senhor compra? Me diga mesmo, pelo amor de Deus! Só falta matar a gente de fome!

EURICÃO. — Ai a crise, ai a carestia! E é tudo querendo me roubar! Mas Santo Antônio me protege!

PINHÃO. — O senhor pelo menos leia a carta!

EURICÃO. — Eu? Deus me livre de ler essa maldita! Essa amaldiçoada! Ai a crise, ai a carestia! Santo Antônio me proteja, meu Deus! Ai a crise, ai a carestia!

Entra MARGARIDA *atraída pelo rumor. Vem acompanhada de* DODÓ VICENTE, *disfarçado com uma horrível barbicha, com a boca torta, com corcova, coxeando e vestido de preto.*

MARGARIDA. — Papai! Que foi, meu pai? Ouvi o senhor gritar! Está sentindo alguma coisa?

EURICÃO. — Ai minha filha, me acuda! Ai, ai! Os ladrões, minha filha, os ladrões!

MARGARIDA. — Socorro! Socorro! Pega o ladrão!

EURICÃO. — Ai minha filha, não grite assim não! Não grite, se não vão pensar que a gente tem o que roubar em casa. E vêm roubar! Santo Antônio, Santo Antônio! Ai a crise, ai a carestia!

MARGARIDA. — Mas o que foi que houve?

EURICÃO. — Ainda não houve nada, mas está para haver! Está para haver, minha filha!

MARGARIDA. — O que é? Que foi que houve, Caroba? Que foi, Pinhão! Pinhão, você aqui? Ah, já sei o que houve, papai soube de tudo! É melhor então que eu confesse logo.

CAROBA. — Que a senhora se confesse? Deixe para a sexta-feira, porque a senhora aproveita e comunga! Que coisa, Dona Margarida só quer viver na igreja!

EURICÃO. — Ai a crise, ai a carestia!

MARGARIDA. — Mas afinal de contas, o que foi que houve? Meu pai, eu vou contar...

DODÓ. — Não!

PINHÃO. — Não, não, Dona Margarida, quem fala sou eu! O que houve é que meu patrão escreveu uma carta ao senhor seu pai.

MARGARIDA. — Uma carta? Dizendo o quê?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0614, p. 536

EURICÃO. — Você ainda pergunta? Só pode ser para pedir dinheiro emprestado! Aquele usurário! Aquele ladrão!

CAROBA. — Mas Seu Euricão, Seu Eudoro é um homem rico!

EURICÃO. — E é por isso mesmo que eu estou com medo. Você já viu pobre pedir dinheiro emprestado? Só os ricos é que vivem com essa safadeza! Santo Antônio, Santo Antônio!

MARGARIDA. — Mas papai já leu a carta?

EURICÃO. — Não! Nem quero ler! Nem quero que você leia! Afaste-se, não toque nessa amaldiçoada!

MARGARIDA. — Então tome.

EURICÃO. — Não tomo!

MARGARIDA. — Leia o senhor mesmo!

EURICÃO. — Não leio!

MARGARIDA. — Não pode ser coisa ruim, papai!

EURICÃO. — Só pode ser coisa ruim, minha filha!

CAROBA. — Mas se for dinheiro emprestado, é só o senhor não emprestar, Seu Euricão!

EURICÃO. — É mesmo! É mesmo, Caroba! Eu nem me lembrei disso, no meu aperreio!

CAROBA. — Leia a carta, Seu Euricão!

MARGARIDA. — É, papai, leia! Que mal faz?

PINHÃO. — Se for dinheiro emprestado...

EURICÃO. — *(Jogando a carta no chão.)* Ai!

MARGARIDA. — *(Apanhando-a.)* Não é nada demais, está vendo? Olhe, veja o senhor mesmo!

EURICÃO. — Não fala em dinheiro não?

MARGARIDA. — Não.

EURICÃO. — Nem pede para eu avalisar alguma letra?

MARGARIDA. — Não.

EURICÃO. — Você jura?

MARGARIDA. — Juro.

EURICÃO. — Então eu leio. Mas Santo Antônio, veja lá! Não vá ser essa safadeza de me pedir dinheiro emprestado!

MARGARIDA. — Papai, leia a carta pelo amor de Deus!

EURICÃO. — Você acha que eu devo ler?

MARGARIDA. — Acho.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0674,p 537

EURICÃO. — Então eu leio. *Meu caro Eurico: espero que esta vá encontrá-lo como sempre com os seus, gozando paz e prosperidade!* Ai! Margarida!

MARGARIDA. — Que é, papai?

EURICÃO. — Você passou o São João na fazenda de Eudoro Vicente.

MARGARIDA. — É verdade, papai.

EURICÃO. — Você foi dizer, lá, que eu era rico?

MARGARIDA. — Eu? E eu ia dizer uma coisa dessa, meu pai? Nós somos tão pobres!

EURICÃO. — E como é que ele fala em prosperidade, aqui? Isso é dinheiro emprestado, não tem pra onde!

MARGARIDA. — É um modo de falar, papai, todo mundo diz isso nas cartas!

EURICÃO. — É?

MARGARIDA. — É!

EURICÃO. — Então eu leio. *Gozando paz e prosperidade. Sobretudo, espero que esteja passando bem sua encantadora filha Margarida, cuja estada em minha casa ainda não consegui esquecer.* Ah, isso aí ele tem que reconhecer, minha filha é um patrimônio que possuo. Hei de casá-la com um homem rico e ela há de amparar a velhice do paizinho dela. Eudoro, com todo o dinheiro que tem, não tem uma filha como a minha!

CAROBA. — E o senhor, com toda a filha que tem, não tem uma riqueza como a dele!

EURICÃO. — Como foi?

CAROBA. — Nada!

EURICÃO. — *Mando na frente meu criado Pinhão, homem de toda confiança...*

PINHÃO. — Obrigado!

EURICÃO. — ... *para avisá-lo de minha chegada aí.* Aí aonde? Eudoro Vicente pensa que, pelo simples fato de ter hospedado minha filha, eu estou obrigado a hospedá-lo? Ele convidou Margarida porque quis, eu não convidei ninguém!

MARGARIDA. — Mas papai, ele foi tão delicado comigo!

EURICÃO. — Mas eu não o convidei, esse é que é o fato! Eu não convidei ninguém! E o que é isso aqui? O que é isso aqui?

CAROBA. — Que é, Seu Euricão?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p.538

EURICÃO. — Está vendo? Eu não dizia? Minha filha, você ainda causará minha perdição, minha morte, meu assassinato! Ai a crise, ai a carestia!

MARGARIDA. — Que foi, meu pai?

EURICÃO. — A carta! A carta amaldiçoada! Bem que eu estava com um pressentimento ruim!

MARGARIDA. — Mas o que é que tem a carta? Dê cá, deixe eu ver! Onde é?

EURICÃO. — Aí onde diz "de minha chegada aí". Ah carta amaldiçoada! Ai a crise, ai a carestia!

MARGARIDA. — *De minha chegada aí, mas quero logo avisá-lo: pretendo privá-lo de seu mais precioso tesouro!*

EURICÃO. — Está vendo? Esse ladrão! Esse criminoso! Meteu na cabeça que eu tenho dinheiro escondido e quer roubá-lo. Estão me roubando! Ladrões, só pensam nisso! Mas vou tomar minhas providências! Saiam, saiam imediatamente! Vou trancá-los, entrem aqui imediatamente! Entrem, entrem!

Empurra os quatro num quarto qualquer, que tranca por fora. Tranca também as portas e janelas com barras de madeira e abre pelo meio uma grande porca de madeira, velha e feia, que deve estar em cena, atirada a um canto, como se fosse coisa sem importância. Dentro dela, pacotes e pacotes de dinheiro. Euricão, enquanto ergue e deixa cair amorosamente os pacotes, vai falando, ora consigo mesmo, ora com Santo Antônio, cuja imagem também deve estar em cena.

EURICÃO. — Ladrões, ladrões! Será que me roubaram? É preciso ver, é preciso vigiar! Vivem de olho no meu dinheiro, Santo Antônio! Dinheiro conseguido duramente, dinheiro que juntei com os maiores sacrifícios. Eurico Arábe, Euricão Engole-Cobra! Pois sim! Mas é rico e os que vivem zombando dele não têm a garantia de sua velhice. Ah, está aqui, os ladrões ainda não conseguiram furtar nada. Ah, minha porquinha querida, que seria de mim sem você? Chega dá uma vontade da gente se mijar! Fique aí até outra oportunidade. Se eu pudesse, comia você inteirinha! Ai, mas é impossível! Se não, desconfiam!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,P 539

(Abre as portas, numa alegria satânica.)

EURICÃO. — Venham! Ra, ra! Então vocês queriam roubar o velho Euricão Arábe, hein? Euricão Engole-Cobra! Pois sim! Mas, se eu não cuido, as cobras é que vão me engolir.

PINHÃO. — É por isso que o povo diz que cobra que não anda não engole sapo.

EURICÃO. — Acabe com esses ditados! Trabalhei com as cobras, é verdade, vendendo meus remédios por todo o sertão. Mas hoje... Vocês pensam que sou rico, não é?

MARGARIDA. — Mas papai, quem vai pensar uma coisa dessas?

EURICÃO. — Vivo cercado de inimigos, de ladrões. E agora, ainda mais esse Eudoro Vicente, querendo roubar o que é meu! Esse ladrão, esse criminoso! Eu não convidei ninguém, ele vem porque quer. E você, Seu Dodó, não diz nada? O senhor ouve essa desgraça, vê que estão querendo me depenar, me explorar, e fica calado?

DODÓ. — O senhor vá ao hotel de Dadá e reserve quarto para o fazendeiro. Quando ele chegar, paga a conta!

EURICÃO. — É mesmo! Dodó Boca-da-Noite! Que talento, que gênio! É a única pessoa que sabe me compreender! Se você não fosse tão pobre e tão feio, minha filha bem que poderia... Eu vou, sua idéia é boa. Mas cuidado, todo cuidado é pouco. Você fica aqui, de olho. Não deixa entrar ninguém. Margarida, minha filha, você jura que fica aqui?

MARGARIDA. — Juro.

EURICÃO. — Jura que não deixa ninguém entrar até aque eu volte?

MARGARIDA. — Juro.

EURICÃO. — Você também jura, Dodó Boca-da-Noite?

DODÓ. — Juro.

EURICÃO. — Você vigia minha filha e ela vigia você! Vou reservar o quarto para Eudoro. E se ele chegar na minha ausência, vão logo esclarecendo tudo. Eu não convidei ninguém e não tenho dinheiro nenhum. E que Santo Antônio me proteja dos ladrões! (Sai.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674, p. 540

Imediatamente MARGARIDA *abraça* DODÓ.

MARGARIDA. — Meu amor, o que é que se pode fazer para evitar isso? Espere, tire essa barba horrível, não consigo me convencer de que é você! Estamos perdidos, vão descobrir tudo.

DODÓ. — A que horas meu pai chega, Pinhão?

PINHÃO. — Chega já. Pelo menos foi o que ele disse na carta, mas falar é fôlego.

MARGARIDA. — Que terá havido, Dodó, meu amor? Que foi que deu em seu pai de repente? Terá desconfiado de que você está aqui?

DODÓ. — Ele estava zangado, Pinhão?

PINHÃO. — Não, pelo contrário, estava até alegre.

DODÓ. — Falou alguma coisa a meu respeito? A respeito de eu ter ou não ter ido para o Recife estudar?

PINHÃO. — Não. Ele não tem a menor idéia de que o senhor está aqui.

MARGARIDA. — O melhor é a gente confessar tudo, querido. Não agüento mais essa agonia. A todo instante penso que meu pai vai reconhecer você.

DODÓ. — Não está vendo que é impossível, meu bem? Quando seu pai me viu pela última vez, eu era um menino. E com esta corcova, essa roupa, essa barba... Não é possível de jeito nenhum!

MARGARIDA. — Mas o seu? Ele vai chegar e vai reconhecê-lo. Não seria melhor dizer tudo?

DODÓ. — Mas dizer tudo como, meu bem? Não tenho um tostão meu, meu pai é contra a idéia de eu me casar sem estudar, seu pai só deixa você casar com um homem rico... O que é que eu posso fazer contra este inferno?

MARGARIDA. — Talvez se seu pai soubesse que a noiva sou eu, permitisse o casamento e lhe desse terra para você trabalhar. Ele gostou tanto de mim quando estive lá!

DODÓ. — E eu mais ainda, tanto assim que abandonei meu estudo e vim me meter nesse armazém por sua causa.

MARGARIDA. — Mas com a chegada de seu pai, tudo se complica! Ele vai descobrir!

DODÓ. — Talvez você tenha razão, é melhor confessar. Quando ele chegar, descobrimos tudo e ficamos de joelhos diante dos dois, pedindo consentimento para nos casar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p.543

CAROBA. — O senhor quer um conselho?

DODÓ. — Quero, Caroba, estou completamente cego.

CAROBA. — Então não descubra nada!

MARGARIDA. — Por quê? Você fala de um jeito tão misterioso!

CAROBA. — É porque estou maldando um negócio mais misterioso ainda. Vou dizer uma coisa curta e certa aos dois: não descubram a história não, porque o pai do senhor vem é para pedir Dona Margarida em casamento.

DODÓ. — O quê? Você está doida, mulher?

CAROBA. — Estou nada, homem! Seu pai não é viúvo?

DODÓ. — É.

CAROBA. — A senhora não passou um tempo lá?

MARGARIDA. — Passei.

CAROBA. — Ele não simpatizou com a senhora?

MARGARIDA. — Simpatizou.

CAROBA. — Ele não disse, na carta, que vinha roubar o tesouro mais precioso de Seu Euricão?

PINHÃO. — Disse.

CAROBA. — Então o que é que vocês querem mais? É casamento no duro!

DODÓ. — É possível?

CAROBA. — Por que não, Seu Dodó? É proibido casar?

MARGARIDA. — Mas assim, sem um aviso, sem uma proposta!

CAROBA. — Dona Margarida, essas coisas só se usam na primeira vez, na segunda, vai direto! Casamento de viúvo é feito depressa e sem muita conversa!

MARGARIDA. — Você acha que é possível?

DODÓ. — Ouvi papai falar em casamento mais de uma vez, para sondar minha opinião.

MARGARIDA. — E se for, o que é que a gente faz, meu Deus?

CAROBA. — É deixar as coisas como estão. Se o senhor tiver habilidade, pode ser que seu pai não o reconheça, pelo menos hoje. Quando ele chegar, já é quase noite. Com a corcova, a perna curta, a barbicha e a boca torta, o senhor bem que pode passar por outro. Então a gente vê o que faz, examina tudo, vê se é casamento mesmo e pode então partir daí para resolver tudo.

DODÓ. — Como?

CAROBA. — Eu sei lá, na hora se vê.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0679,p.542

MARGARIDA. — (A DODÓ) Você acha que está bem assim?

CAROBA. — Pode ser que não esteja, mas é o jeito.

DODÓ. — Está bem, Caroba, vou seguir seu conselho. E se tudo se resolver a contento, eu saberei mostrar minha gratidão.

PINHÃO. — Como?

DODÓ. — Eu descobrirei um modo.

PINHÃO. — Seguro morreu de velho.

CAROBA. — O senhor não tem uma terrinha que seu padrinho lhe deu?

DODÓ. — Tenho, mas é uma terrinha pequena, não dá para nada.

CAROBA. — Para o senhor, para mim vale muito. A coisa que eu mais desejo na vida é casar com Pinhão e ter uma terrinha para trabalhar nela com ele. Se a história se resolver e eu conseguir fazer seu casamento, o senhor passa a escritura dessa terra para nós dois?

DODÓ. — Passo.

CAROBA. — Prometido?

DODÓ. — Prometido.

PINHÃO. — Quem vive de promessa é santo.

CAROBA. — Mas aí é pegar ou largar.

PINHÃO. — Pois eu pego! Vou arranjar umas promissórias aí pela rua. O senhor assina uma no valor da terra. Quando passar a escritura, eu devolvo a que o senhor assinou, está bem?

DODÓ. — Está, homem desconfiado!

PINHÃO. — O velho dobrou na esquina.

CAROBA. — Saiam, deixem eu enfrentar Seu Euricão. É preciso preparar o terreno. Cuidado, lá vem ele! Pinhão, fique, preciso de sua ajuda!

DODÓ *põe os disfarces e sai atrás de* MARGARIDA. *Entra* EURICÃO.

EURICÃO. — Ladrões, só vejo ladrões! Mas Santo Antônio me protege. Caroba, você sozinha aqui? Que é isso? Onde estão os outros? Onde está Dodó Boca-da-Noite?

CAROBA. — Para falar com franqueza, não prestei atenção. Deve ter saído.

EURICÃO. — Que conversa é essa? Você andou remexendo no que é meu?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0679,p.593

CAROBA. — Que interesse eu tinha em remexer nessa troçaria? Só se fosse para ficar com asma, nesse mofo.
EURICÃO. — Deixe ver os bolsos.
CAROBA. — Veja.
EURICÃO. — Sacuda o vestido.
CAROBA. — *(Obedecendo.)* Está quente hoje, hein, Seu Euricão?
EURICÃO. — Vire-se de costas.
CAROBA. — Pois não.
EURICÃO. — Deixe de manejos e abra as mãos.
CAROBA. — Aqui estão.
EURICÃO. — Não terá escondido nada embaixo da saia?
CAROBA. — Epa, vá pra lá! Que molecagem é essa?
EURICÃO. — Idiota, eu sou um velho. Minha intenção é outra.
CAROBA. — Sei lá, isso é você quem diz!
PINHÃO. — É melhor você se garantir, Caroba.

CAROBA, *que tem se aproximado da porca, coloca a mão descuidadamente em seu dorso.*

EURICÃO. — *(Aterrado.)* Saia daí!
CAROBA. — Que foi?
EURICÃO. — Uma aranha, aí!
CAROBA. — Ai! *(Esconde-se atrás da porca, abraçando-se com ela.)*
CAROBA. — Ai, tenho horror a aranha!
EURICÃO. — Saia daí!
CAROBA. — O que é?
EURICÃO. — Um lacrau enorme! Saia, saia! Olhe o lacrau, Caroba!
CAROBA. — Ai! Aonde, Seu Euricão?
EURICÃO. — Aí na porca!
PINHÃO. — Aonde, que eu não estou vendo?
EURICÃO. — Desapareceu, deve ter fugido!
CAROBA. — É capaz de estar embaixo da porca.

Abaixa-se e procura cuidadosamente, batendo na porca com os nós dos dedos.

BR DFANBSB ... 0674, p. 544

EURICÃO. — Caroba! Olhe a caranguejeira!

CAROBA. — Ai! Esta casa está cheia de bichos, Seu Euricão!

PINHÃO. — Sabe por que é isso, Seu Euricão? São essas velharias que o senhor guarda aqui. Só essa porca já tem mais de duzentos anos.

CAROBA. — Por que o senhor não joga isso fora? Outro dia eu e Dona Margarida quisemos fazer uma surpresa ao senhor. A gente ia jogar fora essa porca velha e comprar uma nova para lhe dar.

EURICÃO. — *(Arriando numa cadeira.)* Ai, ai! Miseráveis, miseráveis, assassinas, bandidas! Logo minha porquinha que herdei de meu avô! Toque nela e quem vai embora é você, está ouvindo, assassina? Sou louco por essa porca! Ai Santo Antônio, querem me roubar, me assassinar, e ainda por cima comprar uma porca nova que deve custar uma fortuna! Ladrões, ladrões! Ai a crise, ai a carestia! Santo Antônio, Santo Antônio!

CAROBA. — Está certo, Seu Euricão, está certo! Diabo duma agonia danada! Deixe a porca de lado, ninguém toca mais nela! Que é que vale uma porca? O negócio agora é evitar a facada que o tal do Eudoro vem lhe dar.

EURICÃO. — A facada?

CAROBA. — E então? O senhor vai ver se não é! Pinhão me contou como ele faz. Chega cheio de delicadezas. A essa hora, já se informou de sua devoção por Santo Antônio. Ele chega e faz que é devoto do mesmo santo. Elogia o senhor, elogia sua filha, pergunta como vão os negócios, todo amável, e vai amolando a faca. *(À medida que fala, vai evocando a cena imaginária com gestos significativos e cortantes.)*

CAROBA. — Deve ser uma faca enorme, assim desse tamanho. Ele vai atolá-la até o cabo em sua barriga. Agrada o senhor, ajeita, e, quando menos o senhor esperar, xuiu! *(Dá a facada com a mão na barriga de Euricão, que cai desfalecido numa cadeira.)*

EURICÃO. — Ai! Quanto você calcula que vai ser a facada, Caroba?

CAROBA. — Homem, pelo tamanho da faca, calculo aí nuns vinte contos.

EURICÃO. — Ai! Caroba! Tenha compaixão de um pobre velho.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674, p. 546

CAROBA. — Mas é claro que tenho, Seu Euricão! Já pensei em tudo e vou defendê-lo contra esse urubu.

EURICÃO. — Você vai, Caroba? Como?

CAROBA. — O meio é contra-atacar com as mesmas armas. O senhor lhe oferece jantar, dá-lhe vinho, cerveja, e quando ele estiver bem entusiasmado para dar o golpe, o senhor dá nele primeiro.

EURICÃO. — Como?

CAROBA. — Pedindo vinte contos emprestados.

EURICÃO. — Ra, ra! Ra, ra! Grande idéia, Caroba, idéia genial! Mas como é que se paga o jantar?

PINHÃO. — O senhor tira dos vinte contos!

EURICÃO. — Ladrão, miserável! Já quer gastar meus vinte contos que eu arranquei daquele criminoso com tanto trabalho! Quer me matar de fome, bandida? Quer gastar meu dinheiro?

CAROBA. — Mas Seu Euricão, o dinheiro não é dele?

EURICÃO. — Ai, é mesmo! E se ele não emprestar, Caroba?

CAROBA. — Ah, ele empresta! Vou dar um jeito nisso. O senhor me dá uma comissão?

EURICÃO. — Se você arranjar os vinte contos? Dou.

CAROBA. — Quanto?

EURICÃO. — Eu lhe dou metade daquele jerimum que o cego me deu ontem.

CAROBA. — É pouco! Eu quero é dinheiro, Seu Euricão!

EURICÃO. — Ai, ai! Ainda não tenho os vinte contos e já querem me roubar! Não dou, não dou de jeito nenhum.

CAROBA. — Então, estou fora do negócio.

EURICÃO. — Não! Preciso de você, Caroba, não me abandone!

CAROBA. — Então me dê minha comissão.

EURICÃO. — Quanto é que você quer?

CAROBA. — Quinhentos.

EURICÃO. — Dou cinqüenta.

CAROBA. — Estou fora!

EURICÃO. — Cem.

CAROBA. — Estou fora!

EURICÃO. — Cento e cinqüenta.

CAROBA. — Estou fora!

EURICÃO. — Duzentos.

CAROBA. — Estou fora!

EURICÃO. — E eu também! Estou fora, porque daí não passo de jeito nenhum! Estou fora!

CAROBA. — Então eu entro! Fica pelos duzentos. Vou encomendar o jantar no hotel de Dadá.

EURICÃO. — E como é que ele vai pagar, se sou eu que encomendo?

CAROBA. — O senhor tira dos vinte contos.

EURICÃO. — E se ele não empresta?

CAROBA. — Aí, pelo menos a gente ganha o jantar.

EURICÃO. — E com que é que se paga o jantar? Com meu dinheiro?

CAROBA. — O jantar não vai ser pago com os vinte contos, Seu Euricão?

EURICÃO. — Ai, é mesmo. Assim, eu quero!

CAROBA. — Então vá, Pinhão. Vá e encomende o jantar que hoje aqui se come de noite e se come bem. Vá, Pinhão.

PINHÃO. — Meu patrão!

CAROBA. — Seu patrão?

PINHÃO. — Sim, chegou. Dona Benona Arábe está recebendo meu patrão aí fora, na calçada, perto do cemitério da igreja.

CAROBA. — Saia por aqui, então. É preciso que ele pense que você está do lado dele. Se não ele desconfia, fica de sobreaviso e não empresta os vinte contos, não é, Seu Euricão?

EURICÃO. — É, Pinhão, meu filho, saia por ali. Nessas coisas, a surpresa é tudo. Vá e volte para nos ajudar, que a luta com esse criminoso vai ser grande.

PINHÃO *sai ao mesmo tempo que* BENONA *entra.*

BENONA. — Eurico, Eudoro Vicente está lá fora e quer falar com você.

EURICÃO. — Benona, minha irmã, eu sei que ele está lá fora, mas não quero falar com ele.

BENONA. — Mas Eurico, nós lhe devemos certas atenções.

EURICÃO. — Você, que foi noiva dele. Eu, não!

BENONA. — Isso são coisas passadas.

EURICÃO. — Passadas para você, mas o prejuízo foi meu. Esperava que Eudoro, com todo aquele dinheiro, se tornasse

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 548

meu cunhado. Era uma boca a menos e um patrimônio a mais. E o peste me traiu. Agora, parece que ouviu dizer que eu tenho um tesouro. E vem louco atrás dele, sedento, atacado de verdadeira hidrofobia. Vive farejando ouro, como um cachorro da molest'a, como um urubu, atrás do sangue dos outros. Mas ele está muito enganado. Santo Antônio há de proteger minha pobreza e minha devoção.

CAROBA. — Mas enquanto Santo Antônio não se vira, vamos ajudá-lo um pouco. Seu Euricão, saia por um momento.

EURICÃO. — Você se encarrega de preparar tudo?

CAROBA. — É claro.

EURICÃO. — Então eu saio. Traga o cachorro, Benona, traga o urubu. Se Deus quiser e Santo Antônio me ajudar, o golpe vai se virar por cima dele. Eu fico ali, assim que o terreno estiver preparado, me chame. *(Sai.)*

CAROBA. — Dona Benona, espere um instante. Quero lhe dizer um negócio, em caráter confidencial.

BENONA. — Que é, Caroba?

CAROBA. — Pinhão está desconfiado de que Seu Eudoro vem pedir a senhora em casamento.

BENONA. — Caroba!

CAROBA. — É verdade, Dona Benona! A senhora não foi noiva dele?

BENONA. — Fui, mas briguei por uma besteira e ele se casou com outra.

CAROBA. — Mas o fato é que está viúvo e arrependido! Ele mandou dizer a Seu Euricão que vinha privá-lo de seu tesouro e Pinhão acha que só pode ser a senhora.

BENONA. — É possível?

CAROBA. — A senhora mesmo vai ver, daqui a pouco. Mas parece que ele está meio envergonhado, depois de tanto tempo. É natural, mas é preciso ajudá-lo.

BENONA. — *(Faceira.)* Ele está acanhado porque quer, porque eu nunca o esqueci.

CAROBA. — Foi nada?!

BENONA. — E então?

CAROBA. — Pois eu vou ajudar Seu Eudoro a sair do acanhamento. A senhora me deixe só com ele que eu vou me

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p.549

certificar. Se for verdade, pode deixar que eu puxo a conversa na frente de Seu Euricão e a senhora noiva.

BENONA. — Ai, Caroba, estou tão confusa! Foi tudo tão de repente! E assim, de surpresa, sem me dizer nada! Mas Eudoro sempre foi meio doidinho!

CAROBA. — É casamento na certa! A senhora saia e deixe tudo comigo!

BENONA. — Pois está certo. Fique, fale com ele e que Santo Antônio nos proteja.

Entra EUDORO VICENTE. BENONA *lança-lhe um olhar provocante e terno.*

BENONA. — Eudoro, meu irmão vem já. Com licença, malvado! *(Sai.)*

EUDORO. — Que foi que houve aqui, meu Deus, para Benona me olhar assim? Que coisa esquisita!

CAROBA. — Ah e o senhor ainda não soube de nada não?

EUDORO. — Não, o que foi que houve?

CAROBA. — O que houve, Seu Eudoro, foi que o povo daqui está desconfiado de que o senhor veio noivar

EUDORO. — E por que estão pensando isso?

CAROBA. — O senhor mandou dizer na carta que ia roubar o tesouro de Seu Euricão e todo mundo está pensando que isso quer dizer "casar com Dona Margarida"

EUDORO. — Pois estão pensando certo, Caroba. Desde que Dodó saiu de casa para estudar, estou me sentindo muito só. Simpatizei com a filha de Euricão e resolvi pedi-la, apesar da diferença de idade.

CAROBA. — O senhor está parecendo meio encabulado de pedir.

EUDORO. — É verdade, Caroba. Não sei como vou começar. Minha idade não permite mais certas coisas que agradam às moças, de modo que...

CAROBA. — Então deixe comigo. Seu Euricão é louco pela filha. Não gosta nem de falar em casamento para ela, com medo de perdê-la. Mas, ao mesmo tempo, quer casá-la, pois considera a moça uma espécie de patrimônio. O senhor agrade

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 550

o velho, seja delicado, diga que ele vai bem de saúde e de negócios, fale em Santo Antônio, que é a devoção dele, e deixe o resto comigo. Depois que eu puxar o assunto, depois que tudo estiver encaminhado, aí o senhor faz o pedido, está bem?

EUDORO. — Está ótimo, Caroba. Para animá-la eu... *(Remexe no bolso.)*

CAROBA. — Nada disso, a única coisa que me interessa nisso é a estima que sempre lhe tive. Mas já que o senhor insiste...

EUDORO. — Pois tome e puxe o assunto. Creio que Euricão não criará dificuldade. Gosta da filha, mas gosta ainda mais de dinheiro e, sabendo que tenho algum... Mas o que é isso?

CAROBA. — Não é uma das velharias de Seu Euricão? Herdou essa porca ainda do tempo do avô e não há quem faça ele jogá-la fora.

EUDORO. — Do tempo do avô, é? Interessante, muito interessante! Gosto muito de antiguidades!

CAROBA. — Então eu vou chamá-lo. Seu Euricão! Seu Euricão! Seu Euricão Engole-Cobra!

EURICÃO. — *(Entrando.)* Engole-Cobra é a mãe. Bom dia, Eudoro Vicente.

EUDORO. — Bom dia, Eurico Arábe. Santo Antônio o guarde, Santo Antônio o proteja a você e a toda a sua família.

EURICÃO. — *(À parte, a Caroba.)* Se não for dinheiro emprestado, eu estufe! Que Santo Antônio também o proteja, Eudoro Vicente.

EUDORO. — Então sempre em saúde e prosperidade, hein?

EURICÃO. — É dinheiro, não tem pra onde! Prosperidade, eu? Você sim, pode dizer que vai bem com todas aquelas fazendas!

EUDORO. — Que é que adianta a terra, Eurico? Vem a seca e morre tudo. A felicidade é que tenho amigos e são eles que me valem nas horas de aperto.

EURICÃO. — É dinheiro emprestado, não tem pra onde! Você gosta de contar desgraça, mas é para esconder a fortuna. Eu é que só tenho, para contar, miséria. Os ricos, como você, contam dinheiro, Eudoro, os pobres, como eu, desgraça.

EUDORO. — Que nada, isso é modéstia! E quanto à crise, se puder fazer alguma coisa para ajudá-lo...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 55]

EURICÃO. — Isso parece promessa, mas é para preparar o pedido. Está faminto, sedento por dinheiro emprestado.

EUDORO. — Que tal lhe parece minha família?

EURICÃO. — Boa.

EUDORO. — E meu caráter?

EURICÃO. — Bom.

EUDORO. — E meus atos?

EURICÃO. — Nem maus nem desonestos.

EUDORO. — Qual é a opinião que você tem de mim?

EURICÃO. — Sempre o considerei um cidadão honrado.

EUDORO. — Pois eu também acho você um cidadão sem defeitos.

EURICÃO. — Se não for dinheiro emprestado, eu me dane! O que é que você quer?

CAROBA. — Seu Euricão, o senhor sabe perfeitamente que Seu Eudoro gostou de uma pessoa de sua família.

EURICÃO. — Sei, mas pensei que isso já tivesse passado.

CAROBA. — Ora passado, agora foi que começou! A simpatia que essa pessoa inspirou a Seu Eudoro só fez aumentar com a separação. Pois bem, Seu Eudoro veio pedi-la em casamento.

EURICÃO. — Está dada, pode se considerar noivo. Mas eu preciso de vinte contos emprestados para fazer a festa do casamento.

EUDORO. — Mas eu ainda não sei se ela aceita!

EURICÃO. — A responsabilidade é minha, pode se considerar noivo! Não está vendo que eu não vou perder uma oportunidade dessa? Você está noivo, Eudoro, e eu preciso de vinte contos, esse é que é o fato.

EUDORO. — Então mande chamar Margarida.

EURICÃO. — Margarida? Pra quê?

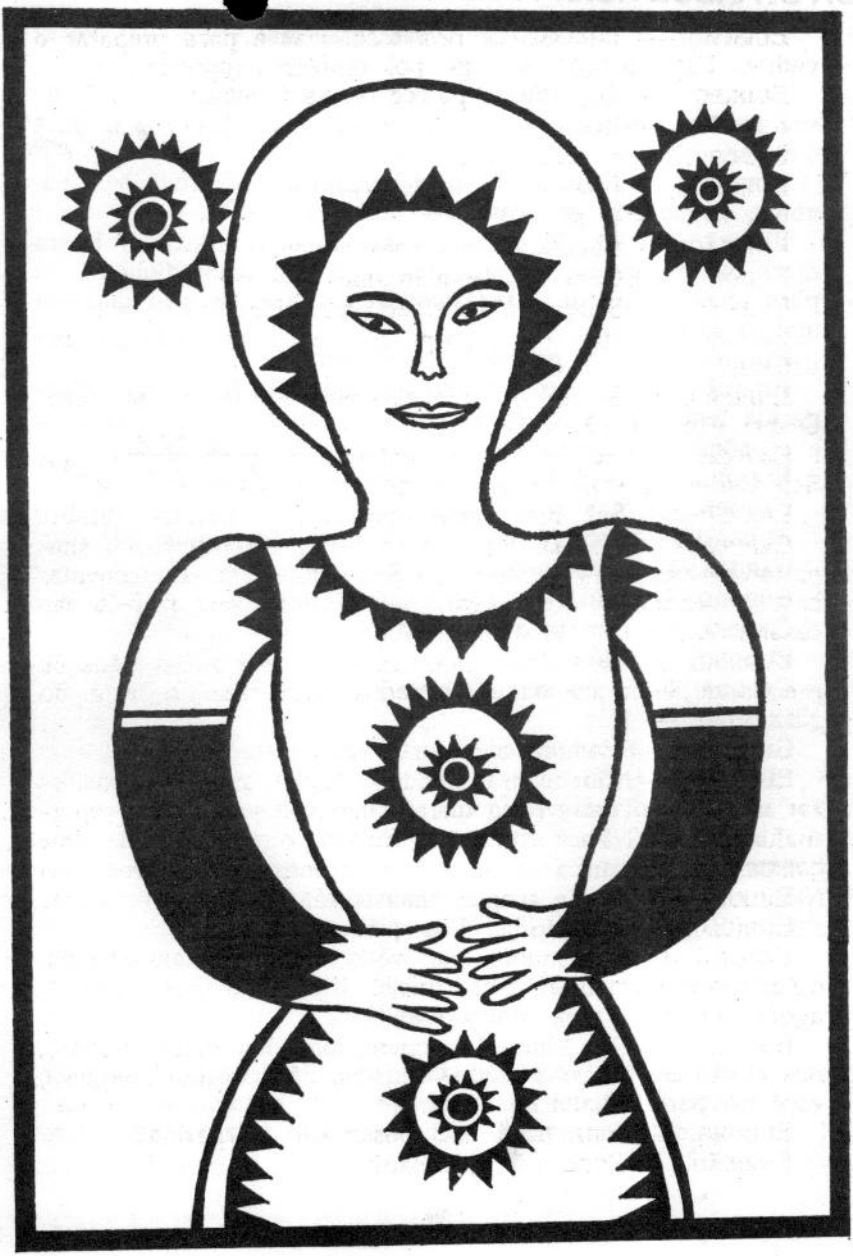
CAROBA. — Seu Eudoro quer vê-la depois de tanto tempo, é perfeitamente natural, Seu Euricão. Ele já viu Dona Benona, agora quer ver Dona Margarida!

EURICÃO. — Ah, sim. Mas quero logo lhe dizer, Eudoro, que ela esteve lá foi a convite seu. Eu não convidei ninguém, você vai para o hotel de Dadá!

EUDORO. — Está bem, mas posso ver Margarida?

EURICÃO. — Pode, por que não?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0644, p 552



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 P. 553

EUDORO. — Diziam que você era tão cheio de coisas com ela!

EURICÃO. — Ah, sou. Mas confio em você, por causa de sua idade e porque agora você é noivo. Você promete ir para o hotel?

EUDORO. — Prometo, homem cuidadoso! Não fica bem eu, noivo, hospedado em casa da noiva, não é?

EURICÃO. — Ah, é, nessas coisas eu sou inflexível! Basta dizer que mantenho um guarda, pago com meu dinheiro, só para tomar conta de Margarida. Tem ordem de não deixá-la um só instante.

EUDORO. — Um guarda? Um homem?

EURICÃO. — Sim, mas é tão feio que não há perigo. Margarida tem ódio dele. Mas eu gosto, porque ele é prudente e econômico, chega a me dar lições. Chama-se Dodó.

EUDORO. — Meu filho tem esse mesmo apelido de Dodó!

CAROBA. — Mas seu filho é coxo?

EUDORO. — Você já morou em minha terra e sabe que não.

CAROBA. — É corcunda?

EUDORO. — Não.

CAROBA. — Tem uma barbicha?

EUDORO. — Não.

CAROBA. — Veste sempre preto?

EUDORO. — Não.

CAROBA. — É amarrado?

EUDORO. — Não.

CAROBA. — Tem a boca torta?

EUDORO. — Não.

EURICÃO. — Então não é esse não, porque Dodó Boca-da-Noite tem tudo isso e mais alguma coisa. Vou chamar os dois aqui. Margarida! Dodó Boca-da-Noite!

Entra MARGARIDA

EUDORO. — Oi, você não disse que ela é sempre vigiada?

EURICÃO. — Margarida, você quer me desmoralizar? Sustente o pudor, Margarida! Olhe o recato, Margarida! Onde está Dodó?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 554

MARGARIDA. — Seu Dodó sentiu-se mal e ficou no armazém, papai.

EURICÃO. — Sentiu-se mal o quê? Empregado meu tem lá licença de se sentir mal! Dodó, Dodó! Dodó Boca-da-Noite!

DODÓ *entra, exagerando a corcova, o andar e sempre de costas, para não ser reconhecido.*

EURICÃO. — Cumpra com sua obrigação, está ouvindo?

DODÓ. — Estou.

EURICÃO. — É um bom servidor, gosto muito dele! Venha cá, conhecer meu amigo, Dodó.

DODÓ. — Ai!

EURICÃO. — Que foi?

MARGARIDA. — Eu não disse que ele estava doente?

DODÓ. — Seu Eurico, um copo dágua, Seu Eurico!

EUDORO. — Tome, moço.

DODÓ. — *(Dando-lhe as costas.)* Não! Já passou, estou bonzinho!

CAROBA. — Seu Euricão mandou chamar a senhora, Dona Margarida, porque Seu Eudoro Vicente fez o pedido de casamento.

EURICÃO. — E já que ele vai entrar na família, minha filha...

MARGARIDA. — É verdade?

EUDORO. — É, Margarida. Ainda não tive tempo de ir ao hotel, mudar de roupa, mas quero logo pedir uma entrevista a você para conversarmos.

EURICÃO. — Ah não, entrevista não. A entrevista é essa!

EUDORO. — Mas Eurico...

MARGARIDA. — Não precisa nem o senhor falar, meu pai. Prefiro ir para um convento.

EURICÃO. — Está vendo o que é recato, Eudoro? Aí, Margarida! Sustente o pudor, Margarida, sustente o recato! Trata-se de Eudoro, é uma pessoa séria, de mais idade e além do mais vai entrar na família. Mas recato é recato! Entrevista, sozinha, com ninguém!

EUDORO. — Mas Eurico...

MARGARIDA. — Já disse que prefiro ir para um convento.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.P 555

E vá marcar entrevista com gente de sua idade, está ouvindo? E saia daqui com seu casamento! Saia daqui porque eu...

CAROBA põe o dedo nos lábios e faz-lhe sinal para que ela saia. MARGARIDA se interrompe bruscamente e começa a chorar, saindo arrebatadamente da sala, acompanhada sempre pelo fiel DODÓ.

EUDORO. — Mas Eurico...

CAROBA. — Coitada, foi pegada de surpresa pela notícia, é muito pegada com a família, principalmente com Dona Benona, e está com medo de perdê-la.

EURICÃO. — É isso mesmo. Não se ofenda, Eudoro, vou acalmá-la. Uma conversa comigo e em dois tempos ela vai ser a primeira a apoiar a idéia. *(Sai.)*

EUDORO. — A apoiar que idéia? A da entrevista?

CAROBA. — Não, a do casamento.

EUDORO. — Bem que eu não queria fazer isso, assim de repente! Agora a moça está nervosa!

CAROBA. — Isso passa, deixe comigo! Ela faz isso porque está na frente do pai. Mas quando ela falar com o senhor a sós, há de ver que ela quer o casamento.

EUDORO. — Mas o fato é que não vou poder falar com ela a sós.

CAROBA. — Ah, isso não. Vai, e quem vai arranjar a entrevista sou eu.

EUDORO. — Você? Como? Onde?

CAROBA. — Aqui e de noite, depois que o velho estiver dormindo. Ele dorme cedo, de modo que depois do jantar...

EUDORO. — E se alguém acordar?

CAROBA. — É fácil disfarçar. Dona Margarida levanta-se às vezes à noite, para rezar escondido pela mãe.

EUDORO. — Escondido por quê?

CAROBA. — Seu Euricão não gosta disso. A mulher abandonou-o e, depois que ela morreu, ele mandou buscar o corpo e enterrou aí. Mas não gosta nem que se fale dela. De modo que, se Dona Benona acordar, diz-se que foi isso. Dona Benona é a mais perigosa, tem mania de recato. É a conselho dela que Seu Euricão fica tão rigoroso com a filha.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 556

EUDORO. — Benona sempre foi assim, creio mesmo que foi por causa disso que ela... Mas enfim, você arranja a entrevista?

CAROBA. — Arranjo. Depois do jantar, quando todo mundo estiver deitado, eu destranco essa porta. Aí o senhor volta e pode falar com Dona Margarida, aqui.

EUDORO. — Mas será que ela aceita?

CAROBA. — Aceita, a paixão dela pelo senhor é grande, vai vencer de uma vez só o pudor e o recato.

EUDORO. — Está bem, mas cale a boca. O homem vem aí.

Entra EURICÃO

EURICÃO. — A moça se trancou e não houve jeito. É o recato, coitada. Mas você compreende isso, não é?

EUDORO. — É.

EURICÃO. — Então adeus, Eudoro Vicente, não quero retê-lo mais, você deve estar com fome e o hotel...

CAROBA. — Patrão!

EURICÃO. — Hein?

CAROBA. — E o jantar?

EURICÃO. — Cale a boca, miserável!

CAROBA. — O senhor não prometeu um jantar? É para celebrar o noivado.

EUDORO. — Um jantar? Ah, aceito, pois não. Venho jantar e depois vou dormir no hotel.

EURICÃO. — Está bem, está bem. Essa você me paga, Caroba! E a respeito dos vinte contos?

EUDORO. — No jantar nós falaremos.

EURICÃO. — Ótimo, ótimo. Essa parte está ótima.

EUDORO. — Então, até já! E preparem o espírito da noiva! *(Sai.)*

CAROBA. — Seu Euricão, espero que o senhor não se esqueça de minha comissão.

EURICÃO. — Que comissão?

CAROBA. — A que o senhor prometeu, se eu arranjasse os vinte contos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0679, p 557

EURICÃO. — E quem disse que você me arranjou vinte contos? Aliás, ninguém me arranjou vinte contos. Eudoro Vicente prometeu, mas ainda não arranjou nada, vai arranjar!

CAROBA. — Mas quem planejou tudo fui eu!

EURICÃO. — Mente, velhaca! Você tinha planejado tudo para o jantar e, se eu tivesse esperado, talvez a essa hora estivesse esfaqueado. Quem pressentiu o perigo fui eu, quem pediu o dinheiro fui eu e quem arranjou o dinheiro fui eu! Você não tem direito à comissão de qualidade nenhuma!

CAROBA. — Mas Seu Euricão...

EURICÃO. — Adeus, Caroba, já basta o prejuízo do jantar.

CAROBA. — Mas Seu Euricão...

EURICÃO. — Dê o fora, Caroba.

CAROBA *sai de má vontade.* EURICÃO *vai até a porca e alisa-a carinhosamente.*

EURICÃO. — Ai minha porquinha do coração, a luta é grande contra os ladrões. Mas arranjei sempre mais vinte contos para seu buchinho.

Entra EUDORO.

EUDORO. — Eurico...

EURICÃO. — *(Dando um salto.)* Santo Antônio me proteja! Que negócio é esse de sair da casa dos outros e voltar nos mesmos pés? Você está me vigiando?

EUDORO. — Não, Eurico, desculpe.

EURICÃO. — Você notou alguma coisa?

EUDORO. — Alguma coisa de quê?

EURICÃO. — Você pensa que sou idiota, para dizer? Notou ou não notou?

EUDORO. — Não notei nada!

EURICÃO. — E que veio fazer aqui, entrando de emboscada, como um assassino? Como um ladrão?

EUDORO. — Afinal, o que é isso? Que é que você quer dizer? Voltei porque vim lhe oferecer preço por essa porca que você guarda aí.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 558

EURICÃO. — Preço por minha porca? Ai! Socorro! Ladrão! Pega o ladrão!

EUDORO. — Que é isso, homem?

EURICÃO. — Ai a crise, ai a carestia! Ai Santo Antônio! Veja o que querem fazer comigo!

EUDORO. — Mas afinal de contas...

EURICÃO. — Ai minha porquinha que herdei de meu avô e esse criminoso quer tomar! Ai minha porquinha! *(Cai desfalecido numa cadeira.)*

EUDORO. — Está bem, homem de Deus, se não quer vender, não venda! Precisa essa agonia? Diabo duma esquisitice danada! Vá ser esquisito assim no inferno!

Vai saindo, quando encontra BENONA.

BENONA. — Dodó!

EUDORO. — *(Formal.)* Minha senhora!

BENONA. — Que minha senhora que nada, malandro! Já soube de tudo e vim lhe dizer que concordo de todo coração! Está tudo esquecido.

EUDORO. — Fico muito contente com isso, Benona.

BENONA. — E eu mais ainda, Dodó. Olhe como estou! Desde que você apareceu que meu coração começou a bater. Você acha que eu devo lhe dar um beijo?

EUDORO. — Mas Benona, você acha que ficaria próprio?

BENONA. — Deixe de preconceitos, homem! Agora estou diferente, a vida me ensinou a ser menos tola! Não quer? Bem, então fica mais tarde. Vou me vestir para o jantar. Mas não deixo você sair sem lhe dar um beliscão no espinhaço de jeito nenhum, quero me lembrar dos velhos tempos. Chegue aqui esse espinhacinho, safado!

EUDORO. — Benona!

BENONA. — Ai meu Deus, quanta timidez, como é lindo isso! Esse Dodó sempre foi doidinho! Não tem isso não, lá vai beliscão!

EUDORO. — *(Correndo.)* Benona! Diabo de povo mais esquisito! Benona! Ai! *(Sai correndo, com* BENONA *atrás.)*

EURICÃO. — Ai minha porquinha adorada, ai minha porquinha do coração! Querem roubá-la, querem levar meu san-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, P 559

gue, minha carne, meu pão de cada dia, a segurança de minha velhice, a tranqüilidade de minhas noites, a depositária de meu amor! Mas parece que Santo Antônio me abandonou por causa da porca. Que santo mais ciumento, é «ou ele ou nada»! É assim? Pois eu fico com a porca. Fui seu devoto a vida inteira: minha mulher me deixou, a porca veio para seu lugar. E nunca nem ela nem você me deram a sensação que a porca dá. Ah, minha bela, ah, minha amada! Aqui você fica muito à vista de todos, todo mundo deseja sua beleza e sua bondade. É melhor levá-la para um lugar escondido. A mala do porão, é lá! Aí você ficará em segurança e eu poderei dormir de novo.

Entra num socavão sob a escada, sobraçando a grande porca de madeira e volta sem ela.

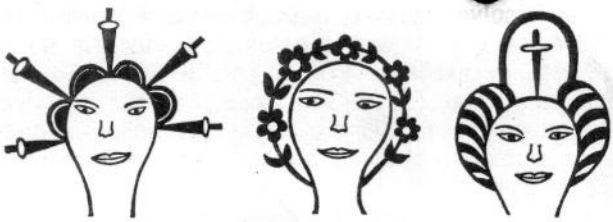
EURICÃO. — Agora, sim. E você, Santo Antônio, deve se contentar agora com minha pobreza e minha devoção. Eu não o esqueci. Não deixe que esses urubus descubram meu dinheiro! Faça isso, meu santo, e a banda de jerimum que eu ia dar a Caroba será sua. Menos as sementes, viu? As sementes eu quero para fazer xarope e vender no armazém. Ganha-se pouco, mas sempre é alguma coisa para se enfrentar a crise e a carestia! *(Persigna-se e sai.)*

FIM
DO PRIMEIRO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 560

SEGUNDO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0679,P 561



Mesma sala. Entram CAROBA, MARGARIDA *e* DODÓ.

CAROBA. — Mas que jeito eu podia dar? Ele queria a entrevista, eu estava precisando agradá-lo para ele confiar em mim, o jeito foi marcar!

DODÓ. — Que jeito que nada! O que há é que você se acostumou a agradar meu pai e ficou contra mim!

CAROBA. — Deixe de ser ingrato, Seu Dodó. Eu estou tentando arranjar seu casamento e o senhor vem dizer isso!

MARGARIDA. — É, meu amor, que mal faz? Eu vou, e, se achar um modo de afastar seu pai sem mágoa, afasto.

DODÓ. — E ainda por cima, o perigo que você nos fez correr! Imagine se Margarida não visse o gesto que você fez! Era capaz de deitar tudo a perder.

CAROBA. — Que é que eu podia fazer? Era preciso que seu pai acreditasse que a noiva era ela. Agora, que já está tudo encaminhado, o senhor fica aí dando jeito a tudo. Eu queria ver era na hora, inventar tudo isso de repente, noivar seu pai com Dona Benona, quando ele pensava que era com Dona Margarida, noivar Dona Benona no pedido da sobrinha, fazer Seu Euricão acreditar que o candidato a genro queria ser cunhado... O senhor acha pouco?

MARGARIDA. — É, meu bem, Caroba já fez demais! Por que você não concorda com essa tolice de entrevista?

DODÓ. — Não concordo porque não gosto de ver você metida nisso!

MARGARIDA. — Mas meu bem, trata-se de seu pai!

DODÓ. — Não tenho nada com isso, agora é candidato a se casar com você.

CAROBA. — A entrevista é quem vai resolver tudo, Seu Dodó!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674, p 562

DODÓ. — Resolver tudo o quê? Ela vai é complicar tudo, isso sim! Na hora, papai pode entender a história de repente e a gente está desgraçado. Porque, se Seu Euricão descobrir que papai quer casar é com Margarida, desfaz o noivado de Dona Benona na mesma hora e faz o que meu pai quer! Seu Euricão faz qualquer acordo, contanto que não perca o dinheiro de meu pai!

MARGARIDA. — Não, isso também não é direito não, meu bem! Você, zombar da pobreza de meu pai? Ele é pobre mas não vê nada no mundo além de mim!

DODÓ. — *(Duvidoso.)* Eu sei!

MARGARIDA. — Você é quem parece de repente cheio de dureza para com ele! Você não já sabia como ele era? Por que, então, esses modos, de repente? Parece é que você quer me deixar de lado e está procurando um pretexto!

DODÓ. — E você? Parece estar ansiosa por essa entrevista! Pois vá! Vá, siga os conselhos de Caroba e, quando estiver de volta, jogue fora a aliança que lhe dei. Não quero casar com uma moça que marca entrevista com outro! *(Sai,* MARGARIDA *chora.)*

CAROBA. — Não chore não, Dona Margarida. Quando Seu Dodó chegar à conclusão de que tudo está bem, acaba com essa besteira.

MARGARIDA. — Eu sei lá, eu sei lá, Caroba! Que complicação, meu Deus! E essa trapalhada de entrevista... Não vou, Caroba, não vou de jeito nenhum. Afinal de contas, quem marcou a entrevista?

CAROBA. — Eu!

MARGARIDA. — Pois vá você, está ouvindo? Você foi quem marcou, você é quem vai.

CAROBA. — Mas Dona Margarida, eu quero lhe explicar que...

MARGARIDA. — Vai! Vai e não adianta discutir!

CAROBA. — Mas Dona Margarida, eu...

MARGARIDA. — Eu lhe dou um vestido meu e você vai em meu lugar! Você é mais ou menos de meu tipo: com meu vestido, de noite, no escuro, pode passar por mim, perfeitamente!

CAROBA. — Tem que ser um vestido que Seu Eudoro conheça, senão não dá certo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,8:563

MARGARIDA. — Eu lhe dou este, antes da hora!

CAROBA. — Sim, Dona Margarida, mas...

MARGARIDA. — Não admito discussão! É isso e é isso mesmo. Prepare-se, porque na hora eu lhe dou o vestido e você vai à entrevista! *(Vai saindo.)*

CAROBA. — Mas é claro que vou à entrevista, se meu plano todo era esse!

MARGARIDA *tem saído. Pinhão, que vem entrando, ouve a frase.*

PINHÃO. — Que história é essa, Caroba? É a entrevista que o patrão marcou com Dona Margarida?

CAROBA. — É, eu vou no lugar dela!

PINHÃO. — Eu não quero você com o patrão aqui, de jeito nenhum! Aquilo é um viúvo sonso dos seiscentos diabos!

CAROBA. — Espere lá, Pinhão, você não entendeu nada!

PINHÃO. — Não entendi, nem quero entender, está ouvindo? Você foi ao hotel falar com ele?

CAROBA. — Fui, e então? Precisava esclarecer certas coisas e fui!

PINHÃO. — E por que não me disse que ia?

CAROBA. — Ainda mais essa!

PINHÃO. — Você foi para falar sobre a entrevista?

CAROBA. — Fui!

PINHÃO. — E vai a essa entrevista com ele, de noite?

CAROBA. — Vou!

PINHÃO. — Vai como?

CAROBA. — Vou do jeito que entender!

PINHÃO. — Pois quero lhe dizer logo que é essa entrevista ou eu, está ouvindo? Trate de escolher!

CAROBA. — Já escolhi!

PINHÃO. — Quem ganhou?

CAROBA. — A entrevista! Você quer mandar em mim, é, Pinhão? Que desconfiança é essa, se nunca lhe dei motivo? Vou e é quer você queira, quer não!

PINHÃO. — Pois adeus, Caroba. Quem gosta de dormente é o trem. *(Sai. Caroba chora, mas logo enxuga as lágrimas.)*

CAROBA. — Essa é boa, ninguém deixa eu falar e haja todo mundo contra mim!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 564

Entra BENONA.

BENONA. — Caroba, estava precisando falar com você. Que é isso? Que é que você tem?

CAROBA. — Cada um sabe de si e de suas agonias, Dona Benona!

BENONA. — É verdade, Caroba. Eu mesma, tão contente que estava e começo a ficar inquieta.

CAROBA. — Inquieta? Por quê?

BENONA. — É Eudoro, Caroba! Achei Eudoro tão esquisito para uma pessoa que veio reatar um noivado interrompido!

CAROBA. — É o tempo que passou, Dona Benona!

BENONA. — Você acha?

CAROBA. — Não tenha dúvida, ele continua no mesmo entusiasmo! Chegou até a pedir que eu arranjasse uma entrevista dele com a senhora!

BENONA. — Uma entrevista? Quando?

CAROBA. — À noite, quando o povo estiver dormindo.

BENONA. — Eurico vai estranhar.

CAROBA. — Para estranhar, ele vai ter que saber, e Seu Euricão não vai saber de nada.

BENONA. — E se alguém acordar?

CAROBA. — A senhora vem disfarçada. Veste um vestido de Dona Margarida. Se alguém acordar, a senhora faz que é ela, que veio rezar, e ninguém desconfia. De noite, é fácil.

BENONA. — E como é que eu vou arranjar o vestido de Margarida?

CAROBA. — Pode deixar que disso eu me encarrego. Depois do jantar, deixo a porta destrancada e Seu Eudoro vem. Quando tudo estiver preparado, canto como gia, entrego o vestido e a senhora fala com ele.

BENONA. — Foi Eudoro quem pediu isso?

CAROBA. — Foi.

BENONA. — Então eu vou.

CAROBA. — Mas não vá falar com ele sobre isso, antes, não! Alguém pode ouvir e vai tudo dágua abaixo.

BENONA. — Não tenha cuidado, ninguém vai entender nada! Pinhão encomendou o jantar?

CAROBA. — Encomendou, já chegaram alguns dos pratos.

BENONA. — Então vamos ajeitar tudo, porque o noivo chega já.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, P 565

Saem. PINHÃO *e* DODÓ *entram, vindos de lados opostos, ambos arrependidos.*

DODÓ. — Margarida... Pinhão! Que há?

PINHÃO. — Nada, Seu Dodó. Fui eu que peguei uma briga com Caroba e vinha fazer as pazes.

DODÓ. — Eu também peguei uma com Margarida e vinha para isso mesmo, Pinhão!

PINHÃO. — Terá sido um negócio de uma entrevista, Seu Dodó?

DODÓ. — Foi, Pinhão.

PINHÃO. — Eu fiquei danado porque Caroba disse que ia no lugar de Dona Margarida.

DODÓ. — Como, se Margarida me disse, aqui, que ia à entrevista?

PINHÃO. — Pois então já vi que seu pai marcou entrevista foi com as duas, Seu Dodó.

DODÓ. — Você o que acha dessa entrevista, Pinhão?

PINHÃO. — Seu Dodó, de sua noiva quem sabe é o senhor, mas a minha, eu não quero que vá de jeito nenhum!

DODÓ. — Aí há alguma coisa, Pinhão. Todas duas deram de repente para querer ir à entrevista. Que será?

PINHÃO. — Eu sei lá, Seu Dodó!

DODÓ. — Não custa nada esclarecer, não é? Vamos fazer o seguinte: quando Caroba abrir a porta, a gente vem antes e se esconde aqui. Assim, assiste-se à entrevista e pode-se saber, afinal de contas, o que é isso. Está certo?

PINHÃO. — Está, Seu Dodó.

DODÓ. — E o jantar? Você arranjou tudo?

PINHÃO. — Arranjei, os pratos começaram a chegar.

DODÓ. — Chegaram uns homens aí fora.

PINHÃO. — São os dois empregados do hotel, certamente vêm com a porca. Arranjei uma porca assada para nós.

DODÓ. — Então, pelo menos, hoje se tira a barriga da miséria! Estou aqui há dois meses, é a segunda vez que vou comer de noite. Vá receber a porca.

PINHÃO. — *(Gritando para fora, enquanto sai.)* É a porca? Levem lá por trás, nossa alegria hoje é essa porca. É a porca? *(Sai.* EURICÃO *cruza a cena, transtornado.)*

EURICÃO. — Ai, a porca! Pega, pega, o ladrão!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674.p 566

Sai no encalço de PINHÃO. *Ouvem-se gritos, som de pancadas, imprecações.* PINHÃO *entra correndo, com* EURICÃO *atrás ameaçador.* EURICÃO *vai investir sobre* PINHÃO, *que puxa uma faca.*

EURICÃO. — Pega, pega o ladrão! Assassino, ladrão!

DODÓ. — O que é isso, Seu Eurico? Que é isso, Pinhão? Guarde essa faca imediatamente.

EURICÃO. — Não, deixe ele assim, quero mesmo que a polícia veja! Pega, pega o ladrão! Vou denunciá-lo à polícia!

PINHÃO. — Por quê?

EURICÃO. — Porque você anda com uma faca.

PINHÃO. — Aqui todo mundo anda!

EURICÃO. — Mas você me ameaçou.

PINHÃO. — Ameacei para não apanhar, Seu Dodó é testemunha.

EURICÃO. — Dodó não é testemunha de coisa nenhuma, que o patrão dele sou eu!

PINHÃO. — Por que o senhor deu em mim?

EURICÃO. — Ainda pergunta? Quer mais?

PINHÃO. — Venha!

EURICÃO. — *(Avançando para* PINHÃO, *que recua.)* Que é que você veio fazer em minha casa sem minha ordem?

PINHÃO. — *(Mesmo tom, mesmo ritmo, com* EURICÃO *recuando.)* Vim trazer o jantar que o senhor encomendou.

EURICÃO. — *(Idem.)* E é de sua conta que se coma ou não se coma em minha casa? Você é meu pai?

PINHÃO — *(Idem.)* O que eu quero saber, é se é para trazer o jantar ou não.

EURICÃO. — *(Idem.)* E eu, o que quero saber, é se minha casa se salvará.

PINHÃO. — *(Idem.)* E eu, o que quero é me salvar com minha porca.

EURICÃO. — Com a porca? Ai, ai, minha porca! Ai minha porca, pelo amor de Deus! Santo Antônio, Santo Antônio! Saiam, saiam daqui imediatamente. Entrem aí que eu vou trancar vocês dois, seus ladrões! Seus criminosos! Entrem já. *(Vai trancá-los no porão, mas de repente, aterrorizado, lembra-se de que a porca está lá.)*

EURICÃO. — Não, não entra ninguém! Fiquem de costas, todos dois. Tapem os olhos com as mãos. Já! Se tirarem as

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,P 567

mãos, denuncio vocês dois ao Delegado como ladrões de cavalo. Fiquem aí. Não se virem. Olhe a denúncia, boto todos dois na cadeia. Você se virou, Dodó?

DODÓ. — Não, Seu Eurico.

EURICÃO. — E você, ladrão?

PINHÃO. — Sou eu, é?

EURICÃO. — Quem mais havia de ser? Você se virou?

PINHÃO. — Eu não!

EURICÃO. — Fiquem como estavam, não se virem.

Entra de novo no quarto e volta rapidamente, aliviado.

EURICÃO. — Está bem, podem se virar. Que foi que houve aqui?

DODÓ. — Nada!

EURICÃO. — Ouvi esse tal de Pinhão gritar.

PINHÃO. — E eu gritei mesmo, Seu Euricão.

EURICÃO. — O que foi que você gritou?

PINHÃO. — Gritei pela porca!

EURICÃO. — Está vendo, ladrão? É um ladrão, um criminoso, um bandido que quer sugar meu sangue. O que é que você quer com minha porca?

PINHÃO. — Quero comer, Seu Euricão!

EURICÃO. — Comer?

PINHÃO. — Sim, comer, a porca que Seu Dadá mandou para o jantar e que chegou agora!

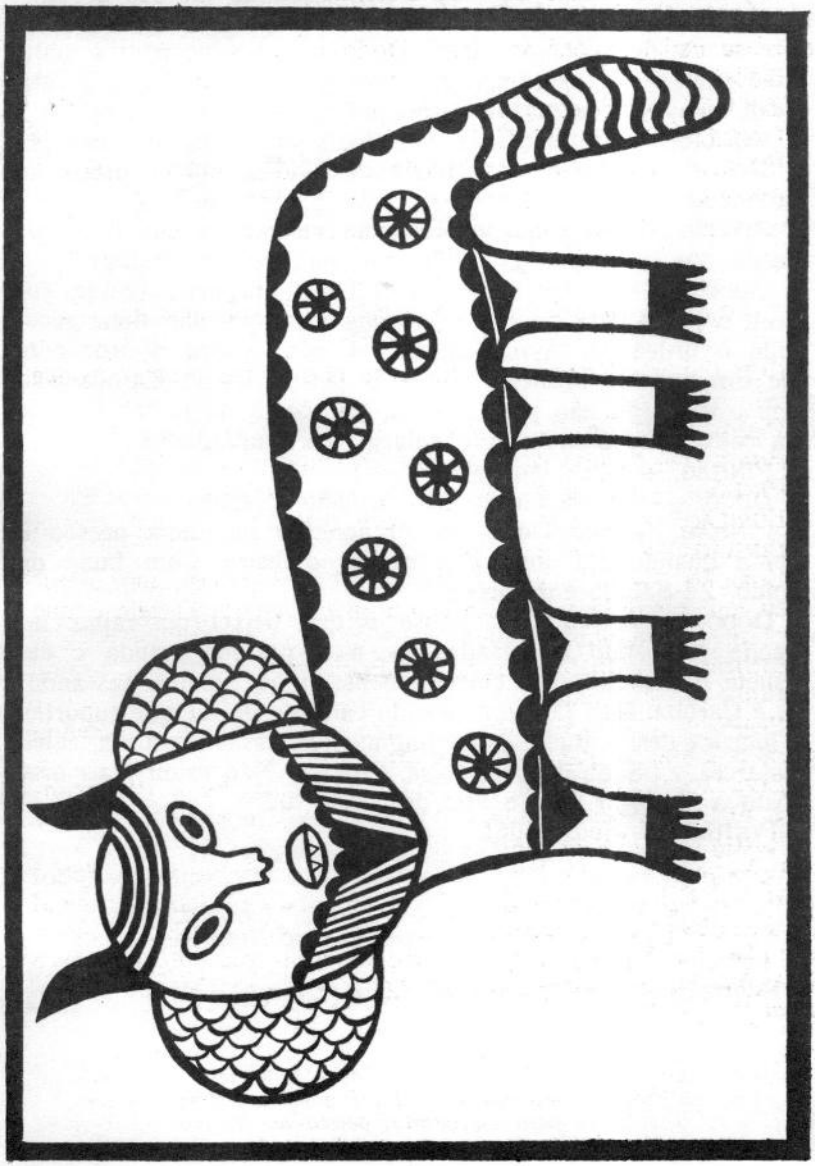
EURICÃO. — A porca? O jantar *(Entendendo e disfarçando)*. Ah, sim, naturalmente, a porca! Assada ou cozida, Pinhão?

PINHÃO. — Eu sei lá!

EURICÃO. — Está bem, o certo é que é preciso cuidado! Todo cuidado é pouco, Santo Antônio, todo cuidado é pouco! E antes que me enganem, é melhor eu me certificar. Saiam. Se não existir essa porca mesmo, vou fazer a denúncia e o Delegado Cabo Rangel prende você como ladrão de cavalo. *(Sai.)*

PINHÃO, *desconfiado, vai até à porta e fica olhando o quarto, pensativo.*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 568



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,P. 569

PINHÃO. — O senhor entendeu alguma coisa, Seu Dodó?

DODÓ. — Isso é um louco! Você não imagina até onde vai a avareza dele. Desde que estou aqui, só se comeu à noite uma vez. E ele exige que a gente pague a refeição, porque acha que mais de uma refeição por dia é luxo!

PINHÃO. — E quem não tem para pagar, como Caroba?

DODÓ. — De quem não paga, ele desconta o preço no ordenado.

PINHÃO. — Aí é que quero saber como! Ela me disse que desde que chegou aqui ainda não recebeu um tostão!

DODÓ. — O golpe dele é esse! Deu o primeiro jantar, cobrou o preço. Caroba não pôde pagar porque não tinha recebido o ordenado. Agora, quando Caroba cobra o ordenado, ele diz que ela primeiro pague o jantar. Como Caroba não tem o dinheiro, não paga. Assim, por conta do jantar que ele dá cada mês, economiza o salário dos empregados.

PINHÃO. — Que ladrão!

DODÓ. — Não é ladrão não, Pinhão, é louco.

PINHÃO. — Seu Dodó, eu só acredito que uma pessoa é doida quando ela começa a rasgar dinheiro. Com fama de doido, Zé Sabido enriqueceu.

DODÓ. — A felicidade nossa é que deixei um rapaz no Recife recebendo a mesada que meu pai me manda e ele remete o dinheiro pelo correio. É assim que vamos passando, eu e Caroba. Mas já estou ficando cansado de ter que suportar a loucura desse arábe, esses fingimentos, essas mentiras, estes disfarces... Sabe de uma coisa, Pinhão? Não estou mais disposto a suportar isso e vou descobrir tudo!

PINHÃO. — Seu Dodó!

DODÓ *tira os disfarces e se endireita. Entram* CAROBA *e* MARGARIDA, *conduzindo* EUDORO VICENTE.

CAROBA. — Venha por aqui, Seu Eudoro.

PINHÃO *acena para* CAROBA, *mostrando* DODÓ *sem os disfarces, mas ela não entende e dá-lhe as costas, zangada.* DODÓ *volta-se para ela, com* EUDORO *no limiar.*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 570

DODÓ. — Margarida...

CAROBA. — Ai! Um ladrão!

DODÓ. — Um ladrão?

EUDORO. — Um ladrão?

CAROBA. — *(Agarrando-se com ele.)* Um ladrão, Seu Eudoro! Ai, o ladrão! *(Empurra* EUDORO, *saindo de cena com ele.)*

DODÓ. — Pega! Pega o ladrão!

PINHÃO. — *(Avisando.)* Seu Dodó! Seu Dodó!

Sai correndo atrás de DODÓ, *este sem o disfarce.* PINHÃO *e* MARGARIDA *dão a volta à casa e regressam à cena, cada qual por um lado.*

PINHÃO. — Onde estão eles?

MARGARIDA. — Não sei. Ave Maria, Pinhão, veja se pega Dodó e avisa a ele!

PINHÃO. — E a senhora. veja se leva Seu Eudoro para a outra sala!

MARGARIDA. — Está bem, vá por lá que eu vou por cá.

Saem. Aparecem DODÓ *e* EUDORO, *cada um por um lado, com jeito de quem procura. Os dois caminham um para o outro e vão se encontrar, mas na hora exata, cada um vira o rosto para o lado oposto e por um triz não se vêem. Vão ao limiar da cena, tendo se cruzado, e param ambos.*

EUDORO. — Escondeu-se! Será que está por aqui?

DODÓ. — Não vi nada, é melhor voltar! *(Os dois se voltam, dão-se um encontrão e um grito de susto.)*

EUDORO. — Ai, o ladrão!

DODÓ. — Ai! *(Eudoro agarra Dodó pelo pescoço, por trás, e este cobre o rosto com as mãos.)*

EUDORO. — Caroba! Pinhão! Agarrei! Peguei o ladrão!

Os dois acorrem, com MARGARIDA. CAROBA *imediatamente dá um salto, escancha-se no lombo de* EUDORO, *e* PINHÃO *agarra-o.* BENONA — *que ouviu os gritos e entrou — agarra-se com* EUDORO.

PINHÃO. — Ah, ladrão safado!

MARGARIDA. — Ah, bandido! Bote a barba, Dodó!

PINHÃO. — Ladrão da peste!

MARGARIDA. — Ah, ladrão safado!

CAROBA. — *(Aos sopapos com Eudoro.)* Ladrão, ladrão safado!

BENONA. — Que é isso, Caroba? Que é isso?

EUDORO. — Espere aí, sou eu, Caroba!

CAROBA. — Eu o quê, safado! Roubando a casa do meu patrão! *(Dá-lhe umas tapas na cara.)*

BENONA. — Caroba, você está doida?

CAROBA. — É o ladrão, Dona Benona! Ah, ladrão safado! *(*DODÓ *põe os disfarces.)*

EUDORO. — Caroba! Sou eu, Caroba!

DODÓ. — Esperem, sou eu! Que ladrão, que nada!

PINHÃO. — Era o senhor, Seu Dodó?

CAROBA. — Espere, é o senhor, Seu Eudoro?

EUDORO. — Claro que sou eu, criatura! Você está doida? Que confusão é essa?

CAROBA. — É Seu Dodó Boca-da-Noite com essa cara de fantasma, assombrando a gente! Fui entrando, pensei que era um ladrão!

EUDORO. — Pois trate de olhar em quem dá, está ouvindo? Está me achando com cara de ladrão?

BENONA. — Ladrão pode não ser, mas é um atrevidinho, um bandido!

EUDORO. — Eu?

BENONA. — Sim, depois de certas coisas que ouvi, estou considerando você um ladrãozinho bem perigoso.

EUDORO. — Eu, Benona?

BENONA. — Sim, você, atrevido! Seu atrevidinho, seu moleque audacioso!

EUDORO. — Minha senhora...

BENONA. — Minha senhora o quê, malandro! Planeja suas histórias e depois vem com fingimento! Mas eu concordei de todo coração e quero que você saiba que a noiva estará presente.

EUDORO. — *(Inocente.)* Estará presente onde?

BENONA. — Olhe a inocência dele! Que fingido, que malandro!

BR DFANBSB NS CPR.TEA.PTE. 0674.p 572

EUDORO. — Malandro, eu? Por quê?

BENONA. — Ora por quê! Marca suas entrevistas, vem com suas audácias e depois ainda se admira quando a gente o chama de malandro!

EUDORO. — Ai e você sabe?

CAROBA. — Sabe, Seu Eudoro, ela sabe de tudo, mas felizmente fez uma exceção e está inteiramente de acordo, eu consegui convencê-la, não foi, Dona Benona?

BENONA. — Foi, ora se foi!

CAROBA. — Vamos saindo para o jantar?

EUDORO. — Mas tinham me dito que você era tão severa!

BENONA. — Com os outros, com você nunca mais! Quero recuperar...

MARGARIDA. — Pega o ladrão!

PINHÃO. — Pega! Pega o ladrão!

BENONA. — Ai, socorro, Eudoro!! *(Abraça-se com ele.)*

EUDORO. — Não vejo ladrão nenhum, que negócio é esse? Vocês estão loucos? Quem foi que gritou?

MARGARIDA. — Eu, mas não estava gritando por ladrão nenhum! Estava somente me lembrando de ainda agora! Foi tão engraçado!

CAROBA. — Eu vinha entrando, vi Seu Dodó e de repente gritei «Pega o ladrão!» Foi tão engraçado!

EUDORO *permanece de cara enfarruscada diante de todos os outros, que vão desfilando diante dele e repetindo a frase, para desanuviá-lo.*

PINHÃO. — Foi! Caroba vinha entrando, viu Seu Dodó e gritou «Pega o ladrão!» Foi tão engraçado!

DODÓ. — Eu vinha entrando, Caroba me viu e gritou «Pega o ladrão!» Foi tão engraçado!

BENONA. — Que coisa! Caroba vinha entrando, avistou Dodó e gritou «Pega o ladrão!» Foi tão engraçado! *(Somente então Eudoro ri.)*

CAROBA. — «Pega o ladrão!» Foi tão engraçado! Vamos? Ai, meu Deus, eu hoje estufo de tanto rir! *(Sai empurrando todo mundo e todo mundo rindo.* PINHÃO *porém fica pensativo, olhando toda a sala.)*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0674.p.573

VOZ DE EURICÃO. — Ai, ai, meu Deus! Pega, pega o ladrão! Estão me roubando!

PINHÃO *se esconde e* EURICÃO *entra, aterrorizado.*

EURICÃO. — Ai, gritaram «Pega o ladrão!» Quem foi? Onde está? Pega, pega! Santo Antônio, Santo Antônio, que diabo de proteção é essa? Ouvi gritar «Pega o ladrão!» Ai, a porca, ai meu sangue, ai minha vida, ai minha porquinha do coração! Levaram, roubaram! Ai, não, está lá, graças a Deus! Que terá havido, minha Nossa Senhora? Terão desconfiado porque tirei a porca do lugar? Deve ter sido isso, desconfiaram e começaram a rondar para furtá-la! É melhor deixá-la aqui mesmo, à vista de todos, assim ninguém lhe dará importância! Ou não? Que é que eu faço, Santo Antônio? Deixo a porca lá, ou trago-a para aqui, sob sua proteção? Desde que ela saiu daqui que começaram as ameaças! É melhor trazê-la. Com a capa, porque alguém pode aparecer. Santo Antônio, faça com que não apareça ninguém! Não deixe ninguém entrar aqui. Vou buscar minha porquinha, mas não quero ninguém aqui.

Entra no socavão e volta com a porca. EUDORO VICENTE *entra e* EURICÃO *imediatamente cobre a porca com a capa, que colocou nos ombros para a eventualidade.*

EURICÃO. — Santo Antônio, que safadeza é essa? Isso é coisa que se faça?

EUDORO *se aproxima de* EURICÃO *e começa a olhá-lo, examinando-o com um misto de curiosidade, desgosto e compaixão. Chega mesmo a tocar na roupa de* EURICÃO *para inspecioná-la.* EURICÃO, *desconfiado, vai se afastando dele, aos arrancões, mas sem querer sair para não despertar suspeitas.*

EUDORO. — Euricão, não repare eu dizer isso, mas você podia ter se vestido melhor para o jantar.

EURICÃO. — A aparência depende da fortuna e a fortuna depende do que se tem. Eu não tenho nada. Os ricos, como

BR DFANBSB NS CPR.TEA.PTE. 0674, p 574

você, é que têm essas obrigações. Os pobres, como eu, não!

EUDORO. — Nada, não há quem me convença de que você é tão pobre como vive dizendo! Vá ver que com essa cara e com essa modéstia, tem, no mínimo, uma botija escondida.

EURICÃO. — Ai!

EUDORO. — Que é?

EURICÃO. — Ora o que é? Você vem com suas insinuações e depois se admira!

EUDORO. — Mas foi uma brincadeira, Eurico!

EURICÃO. — Não gosto dessa qualidade de brincadeira!

EUDORO. — Está bem, desculpe. Afinal de contas, eu vou entrar na família e posso me permitir certas intimidades!

EURIÇÃO. — Por falar nisso, você pode me emprestar logo os vinte contos de que lhe falei! Preciso deles para fazer a festa, porque sozinho não vou poder enfrentar essa despesa!

EUDORO. — Está bem, no jantar, trataremos disso.

EURICÃO. — No jantar, não! No jantar a gente começa a comer, a beber, o coração afraca, a vontade se abranda, o tempo vai passando, daqui a pouco a oportunidade tem passado! Você quer casar ou não quer?

EUDORO. — Quero!

EURICÃO. — Com festa ou sem festa?

EUDORO. — Bem, alguns amigos daqui, a gente tem de convidar!

EURICÃO. — Então passe os vinte contos. Agora! Já!

EUDORO. — E quem lhe disse que eu tenho os vinte contos aqui?

EURICÃO. — Você pode me dar um vale e eu vou receber o dinheiro no armazém que compra seu algodão!

EUDORO. — Mas Eurico...

EURICÃO. — Tem papel e caneta aí! Faça o vale!

EUDORO. — Eu... Está bem, vou fazer. Está aí.

EURICÃO. — Obrigado, obrigado, obrigado! Agora sinto-me seguro! Grande coisa é o dinheiro!

EUDORO. — É verdade. Que é isso?

EURICÃO. — Isso o quê?

EUDORO. — Você está com alguma coisa embaixo da capa?

EURICÃO. — Saia daí!

EUDORO. — Meu Deus, que homem mais esquisito!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p. 575

EURICÃO. — Você não tem nada que me cutucar, atrás do que eu carrego!

EUDORO. — E eu sabia lá que era segredo?

EURICÃO. — Segredo o quê? Quem vive escondendo o que tem são os ricos, como você. O que eu trago aqui é somente uma cervejinha para o jantar.

EUDORO. — Ah, Eurico, que delicadeza a sua! Uma cervejinha agora, depois dessa caminhada! Está gelada?

EURICÃO. — Ai! Vá pra lá!

EUDORO. — Que é isso, homem? Quero somente ver a cerveja!

EURICÃO. — Vá pra lá, vá pra lá, pelo amor de Deus! Tenho horror a mostrar a cerveja que vou beber!

EUDORO. — Por que, homem de Deus?

EURICÃO. — Porque não gosto, pronto! É uma esquisitice minha! Não gosto de mostrar cerveja! É proibido ter esquisitice, é?

EUDORO. — Não!

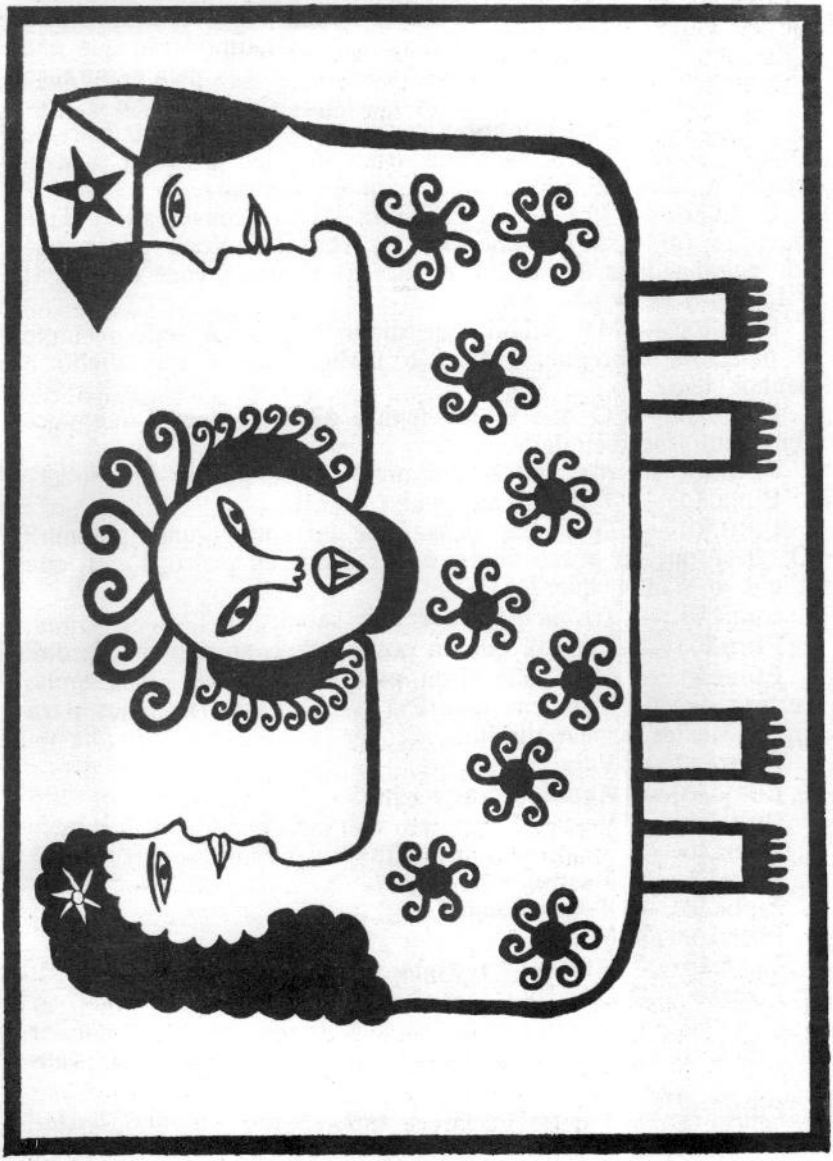
EURICÃO. — Então, pronto, vá esperar o jantar na sala!

EUDORO. — Está bem. Que homem mais esquisito, minha Nossa Senhora! *(Sai.)*

EURICÃO. — Foi-se, com todos os diabos! Pronto, a porca fica aqui, agora! Aqui, Santo Antônio, servindo de suporte à sua imagem. Fica sob sua proteção, meu santo, estou arrependido de tudo o que disse! Ai, meu Deus, o santo ou a porca? Os dois! Não há necessidade de escolher, fico com os dois! Ouvi dizer que você, Santo Antônio, era cabo do exército brasileiro: fique aí como cabo-de-dia, guardando o que é meu. Vou lhe confiar o que não confiaria mais nem a minha mãe. Mas veja como corresponde a esta confiança! Está aí, confiei em você: retribua agora essa confiança, dando-me toda a sua proteção. *(Sai.* PINHÃO *sai do esconderijo.)*

PINHÃO. — Ah, Santo Antônio, não dê mais proteção a ele do que a mim! O que é que há aqui? É essa porca que ele defende com tanta raiva? Por que esse cuidado todo? Quero apurar tudo isso direitinho, Santo Antônio, porque essa peste não pode ter esse amor todo por uma porca só porque ela pertenceu ao avô dele! Esclareça tudo, Santo Antônio! Escla-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 576



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 577

reça que eu... *(Vendo Euricão, que se aproxima cuidadosamente)*... Se o senhor me esclarecer... Ai, esclareça, meu Santo Antônio, esclareça um pobre pecador, um órfão que não tem ninguém por ele! Quero aproveitar e rezar pela segurança e pela salvação de todas as pessoas que me protegem e protegem Caroba! Seu Eudoro Vicente, aquele santo, Seu Euricão Arábe, aquele outro santo, a irmã de Seu Euricão, aquela santa, a filha de Seu Euricão, aquela santinha...

EURICÃO. — Pra fora! Pra fora daqui, conversador! Que devoção foi essa que lhe deu de repente? Você pensa que me engana, mas eu sei quem você é! E agora você me paga! *(Agarra-o pelo pescoço.)*

PINHÃO. — Mas afinal, que diabo é isso? A todo instante é pancada, esbregue, bofete, o diabo! Que é que diabo o senhor tem?

EURICÃO. — O que é que tenho, é? E o que é que você tem com isso, seu ladrão?

PINHÃO. — Mas ladrão por quê? O que foi que eu roubei?

EURICÃO. — Bote já aí, ponha já aí!

PINHÃO. — O senhor pensa que eu sou alguma galinha? O que é que eu posso botar, o que é que eu posso pôr, o que é que o senhor quer?

EURICÃO. — *(Irônico.)* Você não sabe!

PINHÃO. — Como é que eu posso saber, se não tirei nada?

EURICÃO. — Você não tirou porque não pôde. Mas tenho certeza de que você tem. Que é isso? Está com as mãos para trás? Mostre a mão direita!

PINHÃO. — Veja.

EURICÃO. — Agora, a esquerda.

PINHÃO. — Veja.

EURICÃO. — Mostrou a primeira?

PINHÃO. — Mostrei.

EURICÃO. — E a segunda?

PINHÃO. — Mostrei.

EURICÃO. — Mostre a terceira.

PINHÃO. — O senhor está é doido!

EURICÃO. — Estou mesmo, porque o que eu devia era ter lhe dado um tiro! E é o que hei de fazer se você não confessar!

PINHÃO. — Mas confessar o quê?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p 578

EURICÃO. — Que foi que você tirou daqui?

PINHÃO. — Santo Antônio me cegue se eu tirei alguma coisa!

EURICÃO. — Sacuda o paletó.

PINHÃO. — À vontade.

EURICÃO. — É capaz de estar no fundo das calças.

PINHÃO. — Quer ver?

EURICÃO. — É, você está rindo para eu pensar que você é de confiança, cheio de boas intenções. Mas eu conheço suas manhas. Mostre outra vez a mão direita.

PINHÃO. — Tome.

EURICÃO. — Agora a esquerda.

PINHÃO. — Veja logo as duas.

EURICÃO. — Agora me dê aquilo.

PINHÃO. — Aquilo o quê?

EURICÃO. — Ra, ra! Você gosta de brincar, mas tenho certeza de que você tem.

PINHÃO. — Eu tenho? Tenho o quê?

EURICÃO. — Ah, isso é o que eu não digo. Queria saber, hein? Está bem, saia. Afinal de contas, já o revistei todo. Fora daqui! E que Santo Antônio lhe cegue os olhos e lhe dê paralisia nos dois braços e nas duas pernas duma vez.

PINHÃO. — É muita bondade sua!

EURICÃO. — Fora, fora daqui! *(Faz que sai por um lado,* PINHÃO *faz o mesmo pelo outro lado e os dois voltam ao mesmo tempo.)*

EURICÃO. — *(Cruzando os braços.)* Vai ou não?

PINHÃO. — *(Dando meia-volta rápida e saindo.)* Vou! *(Mesmo movimento anterior de ambos.)*

EURICÃO. — Não quero mais vê-lo!

Saem, sendo que PINHÃO *na carreira. Ele dá uma volta por fora da cena; subentende-se que ele rodeou a casa; então, pula uma janela, novamente para dentro de cena, e esconde-se.* EURICÃO *volta por onde saiu.*

EURICÃO. — Ah, agora estou só. Estará escondido? O quarto está vazio. E aqui? Ninguém. Agora, nós, Santo Antônio! Isso é coisa que se faça? Pensei que podia confiar em sua proteção mas ela me traiu! Você, que dizem ser o santo mais achador!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674 f. 579

É isso, Santo Antônio é achador e está ajudando a achar minha porca! Eu devia ter me pegado era com um santo perdedor! Agora não deixo mais meu dinheiro aqui de jeito nenhum. O cemitério da igreja! É aqui perto e é lugar seguro. Entre o túmulo de minha mulher e o muro, há um socavão: é lá que guardarei meu tesouro. Prefiro a companhia dos mortos à dos vivos, e ali minha porca ficará em segurança. Com medo dos mortos, os vivos não irão lá e os mortos, ah, os mortos não desejam mais nada, não têm mais nenhum sonho a realizar, nenhuma desgraça a remediar. Ao cemitério! Escondo a porca no socavão e à noite, quando todos estiverem dormindo, cavo a terra e hei de enterrá-la o mais fundo que puder. E você, Santo Antônio, fique-se aí com sua proteção e seu poder de encontrar. Lá, meu ouro, meu sangue, estará em segurança: o mundo dos mortos é mais tranqüilo, e, digam o que disserem os idiotas, lá é o lugar em que se perde tudo e não se acha nada!

Pega a porca, coloca-a sob a capa e quando vai saindo, encontra CAROBA *que vem entrando.* EURICÃO *imediatamente volta-se de costas.*

EURICÃO. — Não é possível, assim também é demais, meu Deus!

CAROBA. — Ah, está aí, hein, Seu Euricão? Procurei-o por toda parte. O jantar demorou, mas agora vai sair. O senhor deve estar com fome, hein? Coitado, chega está de barriga vazia! *(Bate com a mão na barriga dele, que vai se livrando para evitar que ela descubra a porca.)*

EURICÃO. — Isso é que é um azar da peste!

CAROBA. — Mas não se incomode não, essa barriga hoje se enche, mais ainda!

EURICÃO. — Ai! Vá pra lá! Diabo de mulher enxerida!

CAROBA. — Que é isso, Seu Euricão? Parece até que o senhor andou engolindo cobra!

EURICÃO. — Engole-Cobra é a mãe! Vá pra lá!

CAROBA. — Calma, calma! Que é que há por aqui? De capa, todo misterioso, antes do jantar? Para onde é que se bota?

EURICÃO. — Para a casa da mãe!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0679,p 580

CAROBA. — Ra, ra! Que é que o senhor está escondendo aí nesse bucho?

EURICÃO. — Ai, ai, ladrona, assassina! Ai! *(Sai na carreira.)*

CAROBA. — Está doido, o diabo do velho! (PINHÃO *sai do quarto.*)

PINHÃO. — Doido, é? E você que intimidade com ele é essa? Estava disposto a lhe pedir desculpas, mas agora mantenho o que disse. Que diabo de intimidade com o velho é essa?

CAROBA. — Mas Pinhão, um velho daquele!

PINHÃO. — É! É um velho mas não gosto de mulher que bate no bucho dos outros não! Boa romaria faz quem em sua casa fica em paz!

CAROBA. — Não me venha com ditado, agora!

PINHÃO. — É, não me venha com ditado, mas seguro morreu de velho e desconfiado ainda está vivo. Vivo e de testa limpa!

CAROBA. — Você quer saber do que mais, Pinhão? Vá se danar! Eu comecei a lhe dar muito valor, você ficou convencido demais. Dê o fora! Eu também ia lhe explicar tudo sobre a entrevista, mas se você vem com essa desconfiança de minuto em minuto, pode se danar! Dou-lhe somente uma explicação: brinco com o velho Euricão porque gosto dele, está ouvindo? Com toda a avareza, com toda a ruindade e as manias, é um dos homens mais sofredores que conheço. Nada na vida dele deu certo, casou-se, a mulher o deixou e toda a esperança dele agora é essa filha que nós lhe vamos tirar. Por isso e muitas coisas mais, tenho pena do velho Euricão, de quem ninguém gosta! Queria lhe dizer isso. Mas não para me justificar, pode ir para o inferno, com sua mania de mandar e sua desconfiança!

PINHÃO. — Mas Caroba...

CAROBA. — Vá se danar, Pinhão.

PINHÃO. — Está bem, depois não se arrependa. Você não sabe o que está perdendo, principalmente agora.

CAROBA. — Por que principalmente agora?

PINHÃO. — Por causa de tudo o que eu agora sei, dos lugares, dos planos, dos sonhos e dos desejos desse velho com quem você está estragando sua compaixão.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, f. 581

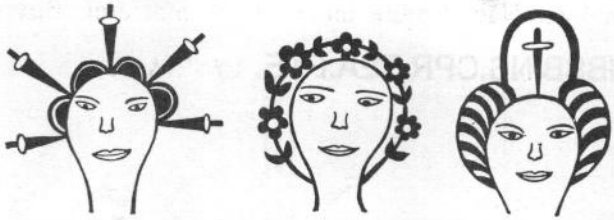
CAROBA. — Que é que você quer dizer?
PINHÃO. — Nada.
CAROBA. — Que é que você sabe?
PINHÃO. — Nada.
CAROBA. — Ai, Pinhão, me diga!
PINHÃO. — Não posso, estou sem tempo e sem vontade.
CAROBA. — O que é que você vai fazer, Pinhão?
PINHÃO. — Vou me danar, Caroba. Adeus! (*Sai* CAROBA.) Pois sim! Disse o velho que o sangue dele está em segurança e o mundo dos mortos é um mundo tranqüilo! Mas não há sangue que não se possa derramar e há mortos que ressuscitam! Ao cemitério! Desta vez eu enriqueço, nem que seja às custas de minha caveira! *(Sai.)*

FIM
DO SEGUNDO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p. 582

TERCEIRO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 IP 583



Mesma sala. Entram CAROBA *e* MARGARIDA. CAROBA *aponta a* MARGARIDA *um lugar qualquer onde ela deve se esconder.* MARGARIDA *assente com a cabeça e se esconde. Então* CAROBA *joga um pacote que deverá conter o vestido, de que depois ela virá a precisar, atrás de um móvel qualquer. Um barulho de fim de jantar e vozes que se aproximam.* CAROBA *se esconde no mesmo lugar com* MARGARIDA. *Entram* EURICÃO, BENONA *e* EUDORO.

EURICÃO. — Meu caro Eudoro, espero que o jantar lhe tenha agradado.

EUDORO. — Muito, Eurico, muito. Se não fosse pelo jantar, a companhia...

BENONA. — Sempre delicado!

EURICÃO. — Infelizmente tenho que me recolher. Não tome isso como uma desatenção, é um velho hábito.

EUDORO. — Desatenção nenhuma, Eurico, eu também durmo cedo. E, mesmo, Benona está aqui.

EURICÃO. — Ah, é assim, hein? Você tem razão, ela fará as honras da casa muito melhor do que eu. Mas vocês não demorem muito tempo aqui.

BENONA. — Não seja tão severo, Eurico.

EURICÃO. — Todo cuidado é pouco, todo cuidado é pouco!

EUDORO. — Mas sendo eu noivo...

EURICÃO. — Mesmo assim, Eudoro, mesmo assim! Até amanhã! Euricão Arábe dorme hoje tranqüilo, finalmente livre da tirania desse santo sem confiança, que ia causando minha perdição.

BENONA. — Não diga isso, meu irmão!

EURICÃO. — Digo, minha irmã, digo porque é verdade! Eu vou esperá-la, venha arrumar meus lençóis, como sempre fez desde que minha mulher... desde que comecei a precisar de

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674 ip 584

Santo Antônio. Não demore muito, eu a chamarei. Boa noite, Eudoro.

EUDORO. — Boa noite, Eurico. (*Sai* EURICÃO.)

EUDORO. — O que foi que ele quis dizer? Quando disse que começou a precisar de Santo Antônio?

BENONA. — Foi quando a mulher dele nos deixou. Você ainda se lembra dela?

EUDORO. — Quando comecei a freqüentar sua casa ela já tinha fugido.

BENONA. — É verdade, foi no começo do nosso namoro.

EUDORO. — Para que falar mais nisso? Você mesma não disse que tudo estava enterrado?

BENONA. — É verdade, mas com o que aconteceu hoje...

EUDORO. — Muitas voltas o mundo dá!

BENONA. — Mas é por isso mesmo que não me incomodo de tocar nessas coisas. Em outras circunstâncias, era um assunto muito doloroso para mim. Mas agora...

EUDORO. — É, talvez você tenha razão. É melhor do que ficar com essa história pendendo eternamente entre nós. Se as circunstâncias tivessem sido outras...

BENONA. — Reconheço que a maior parte da culpa foi minha. Mas eu era tão moça, tão sem conhecimento das coisas, Eudoro! Você se lembra da noite que passei em sua fazenda com Eurico?

EUDORO. — Como havia de não me lembrar? Foi desde aquele dia que você me deixou. Por que foi aquilo, Benona? Eu nunca pude me conformar com aquele silêncio, de repente, sem uma explicação!

BENONA. — Eu era muito moça, Eudoro. Eurico não me deixava sair para lugar nenhum, eu não conhecia o mundo, não conhecia você direito, nada! Bem, naquela noite em sua casa... Você sabe o que foi, fiquei com medo de você.

EUDORO. — Mas Benona, foi só por causa daquilo? E você, por tão pouco, estragar nosso casamento! Se eu soubesse, teria vindo e falado de tal maneira, que você me perdoaria e teria talvez casado comigo.

BENONA. — Ah, Eudoro, é verdade?

EUDORO. — E você não me dar uma explicação, me deixar no engano de que era algum empecilho de sua parte, mesmo!

VOZ DE EURICÃO. — Benona!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0674 p. 585

BENONA. — É Eurico, tenho que ir. Até mais tarde, Eudoro.

EUDORO. — Até amanhã, Benona.

BENONA. — Até amanhã? É verdade, você tem razão, é mais prudente dizer assim.

VOZ DE EURICÃO. — Benona! Benona!

BENONA. — Já vou! Até amanhã, então, fingido! *(Sai.)*

CAROBA *sai do esconderijo, pelas costas de* EUDORO, *e fala de uma porta, como se tivesse entrado por ela.*

CAROBA. — Seu Eudoro!

EUDORO. — Caroba! Eu já vou! Está combinado? Margarida sabe de tudo?

CAROBA. — Sabe e está de acordo.

VOZ DE EURICÃO. — Caroba, tranque as portas, a rua está cheia de ladrões!

CAROBA. — Está certo, Seu Euricão, vou trancar tudo. Vou trancar as portas e depois destrancar uma, é por essa que o senhor volta.

EUDORO. — Você esperará também?

CAROBA. — Eu? Por que eu? Quem vai esperá-lo é gente muito melhor do que eu. Por aqui, Seu Eudoro. Volte e não tenha cuidado, que tudo vai dar mais certo do que o senhor imagina!

Sai EUDORO, MARGARIDA *sai do esconderijo.*

MARGARIDA. — Por que você não aproveitou a deixa da desistência, mulher?

CAROBA. — Mas logo agora que tudo vai dar certo?

MARGARIDA. — Não suporto mais essas agonias de jeito nenhum. Que jantar mais angustiado! De vez em quando Tia Benona dizia uma frase perigosa, papai outra... Eu via a hora de se descobrir tudo. Será que esta história vai dar certo, Caroba?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 586

CAROBA. — O casamento de Seu Eudoro com Dona Benona dando, o resto vem na esteira, o seu com Seu Dodó, e até o meu com o moleque do Pinhão.

MARGARIDA. — Você gosta muito dele, não, Caroba?

CAROBA. — Gosto, Dona Margarida! Agora, porque, não sei, porque aquilo é safado que fede! Mas hoje ele vai me pagar o novo e o velho. A senhora trouxe o vestido?

MARGARIDA. — Trouxe, tome. Tome e assuma a responsabilidade. Se essa confusão toda acabar meu casamento, você me paga! Eu me vingo de você!

CAROBA. — Danou-se, Dona Margarida!

MARGARIDA. — Depois não diga que não avisei, está ouvindo? Passe bem, Caroba. Espero que tudo dê certo, tanto no meu interesse como no seu.

CAROBA. — Espere, Dona Margarida! É melhor eu trancá-la. Não tenho confiança em homem nenhum nesse mundo e muito menos em Seu Eudoro. A senhora não viu o que ia acontecendo com Dona Benona? Entre que eu trancarei a porta.

MARGARIDA. — Está bem.

Entra no quarto e CAROBA *tranca a porta, guardando a chave.*

CAROBA. — O negócio começa a caminhar. Mas, meu Deus, a confusão vai ser a maior do mundo. O vestido, aqui. *(Esconde o vestido que recebeu de Margarida.)* Falta alguma coisa, meu Deus? Ah, sim, a vítima! Dona Benona! Crote, crote, crote! Dona Benona!

Entra BENONA.

BENONA. — Caroba! Ouvi o sinal! Então?

CAROBA. — Está tudo combinado. E Seu Euricão?

BENONA. — Dormindo como uma pedra.

CAROBA. — Dona Margarida também já se deitou.

BENONA. — Você conseguiu o vestido dela?

CAROBA. — Ainda não, estava esperando exatamente que todo mundo adormecesse.

BENONA. — Qual foi a combinação com Eudoro?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 587

CAROBA. — A senhora fica em seu quarto. Eu vou escutar na porta de Seu Euricão, depois na de Dona Margarida. Se eles estiverem agarrados no sono, eu tiro o vestido de Dona Margarida e vou entregá-lo à senhora. Aí destranco a porta de entrada e fico esperando Seu Eudoro. Quando ele vier, canto como gia, chamo a senhora e desapareço.

BENONA. — Mas não desapareça para muito longe não, está ouvindo, Caroba?

CAROBA. — Estou, Dona Benona, eu fico por perto. Se precisar, grite, que eu venho. Entre, se embeleze, trate Seu Eudoro com carinho e deixe o resto que eu garanto.

BENONA. — Então eu vou. E que Santo Antônio nos proteja, Caroba!

CAROBA. — Amém, Dona Benona.

Sai BENONA.

CAROBA. — Amém, Dona Benona, porque bem precisadas andamos disso. O que eu não sei é se Santo Antônio vai querer se meter numa história dessa!

Entra atrás de algum móvel, ou biombo, e veste o vestido de MARGARIDA, *se possível por cima do seu, para tornar possíveis mudanças rápidas. Ela abaixa as luzes, ajeita o cabelo, tudo isso enquanto vai falando e mudando a roupa.*

CAROBA. — Será que vai, meu santo? Acho que vai dar bem. Com a luz assim, com o cabelo ajeitado, estou uma Dona Margarida bem apreciável. E agora, meu Deus? *(Destranca a porta e escuta no quarto do velho.)* Até já, Santo Antônio, e veja lá o que pode fazer por nós. Não estou metendo o senhor em molecagem não! Assim que Seu Eudoro entrar no quarto de Dona Benona, eu dou o alarma e ele se compromete, a simples entrada no quarto basta. De modo que leve isso em conta e trate de me ajudar. *(Sai.)*

Entra PINHÃO, *com um grande saco de estopa, velho e sujo, no qual carrega a porca.*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 588

PINHÃO. — Ô lírio, ô lírio, ô lírio,
ô lírio como é?
Bom almoço, boa janta,
boa ceia e bom café,
da roseira eu quero o galho,
do craveiro eu quero o pé.

Agora, é assim, Santo Antônio, meu velho, "bom almoço, boa janta, boa ceia e bom café". Mas ali onde diz "da roseira eu quero o galho, do craveiro eu quero o pé", agora é assim: "da porquinha eu quero as tripas, quero pá, cabeça e pé". Sou o homem mais rico do mundo, Santo Antônio, trate de me agradar de hoje em diante. Não há como um dia atrás do outro e uma noite no meio. O velho Engole-Cobra, de tanto engolir cobra, terminou achando uma que o engolisse. Ra, ra! Plantou o roçadinho dele, mas quem arrancou o milho foi Pinhão.

VOZ DO DODÓ. — *(Fora.)* Pinhão, é você?

PINHÃO. — *(Trancando rapidamente a porta.)* Calma lá, Seu Dodó! Deve ser Seu Dodó! Seu Dodó o quê? Deve ser Dodó, Dodó Boca-da-Noite! Agora é assim! Espere lá, Dodó Boca-da-Noite! É melhor guardar o saco! *(Beija a porca e esconde-a no socavão.)*

DODÓ. — *(Fora.)* Pinhão!

PINHÃO. — Já vou, já vou, Dodó! Por causa de pressa, morreu zé apressado. Você não perde por esperar. *(Destranca a porta. Entra* DODÓ.*)*

DODÓ. — Então?

PINHÃO. — Então o quê?

DODÓ. — Vai tudo bem, Pinhão?

PINHÃO. — Vai tudo ótimo, Dodó.

DODÓ. — Margarida apareceu?

PINHÃO. — Ai e ela agora deu para aparecer, feito alma, foi?

DODÓ. — Deixe de brincadeira, viu? Cadê Margarida? Onde está Caroba?

PINHÃO. — Eu vou lá perder meu tempo com o que essas mulheres andam fazendo!

DODÓ. — O que é que você está dizendo, Pinhão?

PINHÃO. — Isso que você está ouvindo, Dodó!

DODÓ. — Você bebeu?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,P 589

PINHÃO. — Não, mas comi!

DODÓ. — Comeu o quê?

PINHÃO. — Porca!

DODÓ. — Deve ter lhe feito mal, Pinhão!

PINHÃO. — Pelo contrário, fez um bem danado, Dodó!

DODÓ. — Você pode me dizer o que foi que meteu na cabeça?

PINHÃO. — E você pode me dizer o que é que tem a ver com isso?

DODÓ. — Você vai... Chi, ouvi um barulho! Esconda-se, é o velho! *(Tranca a porta de entrada.)*

Entra EURICÃO, *de camisão, com um candeeiro e uma pá.*

EURICÃO. — Ai, terá sido pesadelo? Acordei com os fantasmas puxando meu pé, meu santo! Mas é preciso ir de qualquer modo, tenho que enterrar a porca. *(Sai.)*

Voltam DODÓ *e* PINHÃO.

DODÓ. — Entendeu alguma coisa?

PINHÃO. — Eu não lhe disse que esse velho era maluco?

DODÓ. — Sair a essas horas, de camisão, para o cemitério, atrás de uma porca! Que diabo de porca será essa?

PINHÃO. — Alguma porca que fugiu daí do quintal.

DODÓ. — E o velho Euricão tem lá nada para fugir, homem?

PINHÃO. — Então é capaz dele estar dormindo ainda. Além de todas as qualidades ruins que possui, esse peste ainda deve ser sonâmbulo!

DODÓ. — Pinhão, sinceramente, estou certo de que você tem alguma coisa! Você está doente!

PINHÃO. — Agora sou eu quem digo: Cuidado! Vem gente aí e parece que é sua noiva. Ou melhor, sua madrasta. Candidata a madrasta, noiva de seu pai!

DODÓ. — Esconda-se, idiota! *(Escondem-se.)*

Entra CAROBA, *vestida de* MARGARIDA.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 06 FL 19 590

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.8.591

CAROBA. — Tudo pronto. Agora, só falta o noivo.

DODÓ. — O noivo está aqui.

CAROBA. — Seu Eudoro?

DODÓ. — Não, sou eu, Margarida! Sou eu, que vim me certificar de sua traição!

CAROBA. — *(Trancando a porta.)* Mas Seu Dodó...

DODÓ. — Não me chame assim, pelo amor de Deus!

CAROBA. — O senhor não sabe de nada e veio foi atrapalhar tudo!

DODÓ. — Tudo está esclarecido.

VOZ DE EUDORO. — *(Fora.)* Margarida!

CAROBA. — Meu Deus, é seu pai. Que é que eu faço agora, meu Deus? Com esta eu não contava! Entre aqui neste quarto, é o jeito.

DODÓ. — Nunca! Vou ficar e contar tudo a meu pai!

CAROBA. — Homem, quer saber do que mais? Entre e não converse mais não! *(Empurra* DODÓ *no quarto de* MARGARIDA *e tranca a porta. Enquanto fala, tira o vestido de* MARGARIDA.*)*

CAROBA. — Santo Antônio, o senhor vai me desculpar, mas foi um imprevisto! No quarto de Dona Benona é que eu não podia empurrá-lo. Mas eu destranco já a porta!

VOZ DE EUDORO. — Margarida!

CAROBA. — Já vou, espere um pouco! Diabo de homem mais apressado! (*Bate no quarto de* BENONA, *cantando como gia.*)

CAROBA. — Tia Benona! Tia Benona! Crote, crote, crote, Tia Benona!

BENONA. — *(Saindo.)* Ave Maria, estive em tempo de me acabar de medo!

CAROBA. — Não perca tempo, que o homem está aí!

BENONA. — Meu Deus!

CAROBA. — Tome o vestido! Me dê o seu! Logo, mulher!

VOZ DE EUDORO. — Margarida!

CAROBA. — Já vou! Isto, agora, fique aí e espere. Me dê a chave do quarto.

BENONA. — Pra quê?

CAROBA. — Não discuta mais, mulher de Deus! Vou abrir!

BENONA. — Está bem, mas não saia daí! *(Entra no quarto e* CAROBA *tranca-a, vestindo rapidamente o vestido dela.)*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 592

CAROBA. — Nossa Senhora, eu hoje estufo de tanto mudar vestido!

VOZ DE EUDORO. — *(Impaciente.)* Como é, Margarida?

CAROBA. — Espere, homem, espere! *(Destranca a porta, com o vestido de* BENONA.*)*

EUDORO. — Eu... Benona, é você?

CAROBA. — *(Imitando a voz e os gestos de* BENONA.*)* Sou, Eudoro.

EUDORO. — Margarida...

CAROBA. — Margarida está dormindo. Dorme o sono profundo de sua juventude, Eudoro. E eu vim esperá-lo, como fiz tantas vezes, no tempo em que ainda nos amávamos!

EUDORO. — Mas Benona, isso não fica bem!

CAROBA. — Não fica bem, por quê? Você está esquecido de tudo o que aconteceu?

EUDORO. — Você mesma disse que tudo aquilo estava morto e enterrado.

CAROBA. — Você acha, Eudoro? Então um amor como aquele pode morrer? Você pensa que eu não vi como estava preocupado quando saiu daqui? Eu também saí com o coração sangrando, Eudoro.

EUDORO. — Mas Benona... Mesmo que estivéssemos sentindo isso, agora seria tarde. Estou noivo de sua sobrinha. Por que você não me disse tudo? Agora, Margarida...

CAROBA. — Deixe lá Margarida, homem de Deus! Você não vê o ridículo em que vai cair? Ela podia ser filha sua, podia ser sua nora!

EUDORO. — Pensei nisso, Benona, mas você não sabe como eu me sentia solitário! Agora, estou noivo!

CAROBA. — Que noivo que nada! Para mim, o que existe é nosso amor! Entre neste quarto!

EUDORO. — Benona!

CAROBA. — Que Benona que nada, entre e deixe de conversa!

EUDORO. — Mas Benona, podem falar de nós!

CAROBA. — Falar o quê? Que é que você está pensando? Que eu vou tentar contra você o que você tentou contra mim, é? Eu sou uma mulher séria, Eudoro, incapaz de atentar contra os viúvos honestos!

EUDORO. — Você é incomparável, Benona, como você nunca existirá outra!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, P. 593

CAROBA. — Então entre. Entre e tudo se explicará! *(Dá uma pancada nele, com o próprio traseiro, empurrando-o.)*

EUDORO *entra,* CAROBA *fecha a porta.*

CAROBA. — Pronto, agora é chamar o velho. Do jeito que as coisas estão, ele terá que fazer os dois casamentos. E vamos logo, Santo Antônio, antes que seja tarde e aconteça alguma coisa, senão eu estou complicada com Nosso Senhor! *(Sai.* PINHÃO *sai do esconderijo.)*

PINHÃO. — Que confusão mais danada é essa, meu santo? Dona Margarida e Dona Benona a trancar homens nos quartos! Aqui há alguma coisa. Vou tirar as chaves e ver se me aproveito da situação! Epa, vem gente! *(Esconde-se.)*

Entra CAROBA *ainda com o vestido de* BENONA.

CAROBA. — Onde diabo o velho se meteu? Vou abrir! Ai meu Deus, onde estão as chaves? Que é que faço, meu Santo Antônio? O jeito é gritar que tem incêndio! O povo corre e o velho vai ter que fazer os casamentos! Vou gritar, é o jeito! Ou é melhor tocar fogo nas cortinas? (PINHÃO *sai do esconderijo.*)

PINHÃO. — Dona Benona, eu...

CAROBA. — Você o que, safado! Que é que está fazendo em minha casa, espionando, de noite?

PINHÃO. — Alto lá, veja como fala! Pensa que eu não ouvi sua conversa aqui com Seu Eudoro não, é? Então a senhora se vira quando o povo dorme, hein?

CAROBA. — O que, moleque?

PINHÃO. — É isso mesmo, Dona Benona! Mas não precisa se zangar não, eu sou de toda confiança! Pode confiar em mim, por esta boca ninguém saberá de nada! Acho perfeitamente natural que a senhora, que é livre e independente, queira se divertir um pouco! E se Dona Benona não reparasse, eu até lhe dizia uma coisa!

CAROBA. — Não reparo não, Pinhão, pode dizer!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0679, p 594

PINHÃO. — A senhora pode já ter passado a primeira mocidade, mas eu lhe digo uma coisa, Dona Benona, é nesse tempo que eu acho as mulheres mais bonitas! E a senhora pode não ser mais muito moça, mas é enxuta que faz gosto!

CAROBA. — *(À parte.)* Ah, safado!

PINHÃO. — A senhora não estava procurando as chaves?

CAROBA. — Estava!

PINHÃO. — Eu tirei todas duas! Pelo que a senhora disse, elas são muito importantes. Assim, a gente podia fazer um acordo. Eu lhe dava as chaves e... A senhora não repare não, mas já que estamos aqui e Seu Eudoro dormiu no ponto, a gente bem que podia entrar num acordo e fazer um amorzinho, para passar o tempo!

CAROBA. — Você está muito enganado! Eu estava deixando você falar, para ver até onde ia seu atrevimento! Mas vou gritar! Vou gritar e você vai se arrepender da graça!

PINHÃO. — Ai, a porca! Não grite não, Dona Benona! Não grite não, que eu retiro o que disse! Tome as chaves, Dona Benona!

CAROBA. — As chaves? Ah, não, agora quem não quer as chaves sou eu! Vou chamar o Delegado! Vou gritar!

PINHÃO. — Pelo amor de Deus, não grite não, Dona Benona!

CAROBA. — Então venha para cá! Quero lhe dar uma surra por seu atrevimento!

PINHÃO. — Mas Dona Benona, a senhora me interpretou mal!

CAROBA. — Vou gritar!

PINHÃO. — Ai não, eu vou!

CAROBA. — Ajoelhe-se! Isto! Agora, tome! Tome, tome, e tome! Tome, para deixar de ser safado! Um sujeito como você, que devia dar graçar a Deus por ter uma noiva como Caroba, com essas molecagens para as senhoras de respeito! Tome, safado!

PINHÃO. — Ai, ai, ai! Ai, Dona Benona!

CAROBA. — Vou parar! Mas vou por causa de Caroba, está ouvindo? Aquilo é uma santa, gosto tanto dela!

PINHÃO. — Eu também, Dona Benona!

CAROBA. — Devia gostar mais, safado! Você devia beijar os pés de Caroba todo dia, porque aquilo é uma santa! Agora, fique aí. Eu vou chamá-la.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0679 p. 595

PINHÃO. — Mas Dona Benona, o que é que a senhora vai dizer a Caroba?

CAROBA. — Não tenha medo, sua sujeira fica em segredo! Você acha que eu iria magoar aquela moça maravilhosa que gosta de você não sei mesmo por quê? Fique aí. Se não eu descubro tudo!

PINHÃO. — Pode ficar descansada, eu daqui não saio.

CAROBA. — Pois então eu vou chamar Caroba, aquela santa! *(Com* PINHÃO *de costas, entra atrás do biombo, já tirando o vestido.)*

PINHÃO. — *(Só.)* Ah, arábe miserável! Em que diabo fui me meter, meu Deus? Ia perdendo a porca, por causa da mulher! Mas ela bem que valia a pena, sabe? Pode não ser mais muito moça, mas que está enxuta, isso está!

CAROBA. — *(Chegando para perto.)* Muito bem, senhor meu noivo!

PINHÃO. — Quem é? É Caroba?

CAROBA. — E quem mais havia de ser, canalha? Peste, miserável, traidor! Olhe o cinismo dele! Moleque, canalha! Ouvi tudo, bandido! Eu estava aqui e vi tudo, sua molecagem com Dona Benona Arábe, seus enxerimentos, sua traição! E se ao menos tivesse coragem! Mas não, levou uma surra da arábe na minha frente! Essa você me paga!

PINHÃO. — Mas Caroba, eu...

CAROBA. — Cale a boca, bem caladinha, está ouvindo? Porque agora você vai levar umas tapas!

PINHÃO. — Eu? Mas Caroba!

CAROBA. — Vai e sou eu que dou!

PINHÃO. — Mas eu não já levei a surra de Dona Benona?

CAROBA. — Aquela foi a dela, agora se prepare que lá vai a minha! *(Dá-lhe algumas tapas.)*

PINHÃO. — Ai, Caroba, ai Carobinha, ai Carobinha do meu coração! *(Consegue beijá-la por entre as tapas, abraça-a,* CAROBA *vai diminuindo as tapas, retribui o beijo, depois o abraço.)*

CAROBA. — Safado!

PINHÃO. — Beleza!

CAROBA. — Pinhão!

PINHÃO. — Caroba! Agora, podemos casar! Vamos casar amanhã e você vai ser a mulher mais rica daqui!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0679, p. 596

CAROBA. — Mentiroso! Ai, as chaves! *(Destranca os dois quartos e entra, abraçada com* PINHÃO, *num terceiro quarto.* DODÓ *e* MARGARIDA *saem do quarto.)*

MARGARIDA. — Está vendo? Está aberta! Graças a Deus! Você está zangado comigo, meu amor?

DODÓ. — Não, pelo contrário, você estava certa e eu fui quem perdi a cabeça.

MARGARIDA. — E não vai me desprezar porque eu o repeli?

DODÓ. — Pelo contrário, cada vez aprendo a respeitá-la mais. Eu é que devo pedir perdão a você por ter me descontrolado.

MARGARIDA. — Cuidado, vem alguém. Entre no quarto, ninguém deve vê-lo.

DODÓ entra no quarto. Entra PINHÃO, *que tira a porca do socavão e volta com ela para o quarto.* MARGARIDA *vê quando ele passa. Entra no porão e* MARGARIDA *se esconde.* PINHÃO *volta e entra no quarto em que estava com* CAROBA, *de saco às costas. Volta* DODÓ.

DODÓ. — Quem era?

MARGARIDA. — Era Pinhão, carregando um troço nas costas. Que é que ele terá vindo fazer aqui a essas horas?

DODÓ. — Veio comigo, vigiar Caroba. Eu e ele, com ciúme, combinamos vir, quando Caroba destrancasse a porta!

VOZ DE EURICÃO. — *(Fora.)* Ai, ai!

DODÓ. — Quem é? Veja na janela!

MARGARIDA. — É papai! Meu Deus, ele viu tudo!

DODÓ. — Por que você diz isso?

MARGARIDA. — Está com a cabeça encostada na janela de meu quarto, chorando! Certamente viu você no meu quarto! Meu Deus, estou perdida!

DODÓ. — Acalme-se, meu amor! Entre aqui comigo. Vamos ver se é possível apurar o que ele viu. Depois a gente sai, fala com ele e explica tudo! (MARGARIDA *e* DODÓ *se escondem. Entra* EURICÃO.)

EURICÃO. — Ai, ai! Estou perdido, estou morto, fui assassinado! Para onde correr? Para onde não correr? Pega, pega! Mas pegar a quem? Não vejo nada, estou cego. Não sei mais para onde vou, não sei mais onde estou, não sei mais quem

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.P 597

sou! Ah, dia infeliz, dia funesto, dia desgraçado! Que fazer agora da vida, tendo perdido aquilo que eu guardava com tanto cuidado? Roubei-me a mim próprio, furtei a minha alma! Agora outros gozam com ela, para meu desgosto e prejuízo! Não, é demais para mim! *(Cai desfalecido, chorando. Entram* DODÓ *e* MARGARIDA.*)*

DODÓ. — Seu Eurico!

EURICÃO. — Quem me fala?

DODÓ. — Um desgraçado!

EURICÃO. — Pois está falando com outro! Eu me tornei desgraçado por causa de um acidente funesto.

DODÓ. — Console-se.

EURICÃO. — Consolar-me? Como?

DODÓ. — A culpa foi minha, fui eu que causei sua desgraça e vim confessar tudo!

EURICÃO. — O quê? Quem é? Dodó? Que é que você está me dizendo?

DODÓ. — A verdade!

EURICÃO. — Você! Foi você, cachorro, canalha, cobra que eu guardava em minha casa para me assassinar! Que mal tinha eu lhe feito para você me tratar assim?

DODÓ. — Foi ao mesmo tempo um acaso e uma necessidade, Seu Euricão!

EURICÃO. — Acaso e necessidade! Isso pode lá justificar um ato como esse, assassino?

DODÓ. — Agi mal, confesso, minha falta é grave mas vim exatamente pedir que me perdoe.

EURICÃO. — Como é que você teve coragem de tocar naquilo que não lhe pertencia?

DODÓ. — Espere aí! Apesar das circunstâncias serem um tanto esquisitas, o que aconteceu foi coisa sem importância! O que eu toquei nela, foi muito pouco!

EURICÃO. — O que, canalha? Tanto assim que você tocasse em meu tesouro, seria um crime inominável! Com que direito você foi tocar naquilo que era meu?

DODÓ. — A culpa foi das circunstâncias. E eu não já vim pedir desculpas?

EURICÃO. — Não gosto desses criminosos que prejudicam os outros e depois vêm pedir desculpas! Você sabia que ela não era sua, não devia ter tocado nela!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 598

DODÓ. — Mas eu não já disse que o que aconteceu foi coisa tola?

EURICÃO. — Coisa tola o quê? Você não veio confessar? E depois, de repente, começa a se desdizer, dizendo que não tocou nela! Como é, tocou ou não tocou?

DODÓ. — Bem, tocar, toquei, mas não foi nada que pudesse ofendê-la. Mas já que o senhor considera essa tolice um crime, por que não aceita os fatos e não me dá de vez esse tesouro?

EURICÃO. — Como é, assassino? Você quer ficar com meu tesouro? Contra minha vontade?

DODÓ. — Eu não estou lhe pedindo? A coisa que eu mais desejo no mundo é ficar com ela!

EURICÃO. — Você? Ficar com ela?

DODÓ. — Sim.

EURICÃO. — Ah, não, você tem que devolver!

DODÓ. — Devolver? Eu não já disse que não tirei nada? Devolver o quê?

EURICÃO. — Aquilo que me pertencia e que você tirou!

DODÓ. — Que eu tirei? De onde? Afinal, o que é que você quer?

EURICÃO. — *(Irônico, amargo.)* Você não sabe?

DODÓ. — Você não diz!

EURICÃO. — O que eu quero é minha porca que você confessou ter roubado!

MARGARIDA. — Ai, meu Deus, por que o senhor me insulta?

DODÓ. — Isso é coisa que o senhor diga? Porca por quê? Sua filha é a mais pura das moças, portou-se com toda a prudência e o senhor a trata com essa grosseria!

EURICÃO. — Minha filha? Que é que minha filha tem a ver com isso? Que é que você está fazendo aqui, Margarida?

MARGARIDA. — Mas papai, eu não...

DODÓ. — Não é ela que o senhor está reclamando?

EURICÃO. — Olhe a inocência do ladrão! O que eu quero é minha porca, cheia de dinheiro, que você confessou ter roubado!

DODÓ. — Uma porca?

MARGARIDA. — A porca?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 p. 599

DODÓ. — Cheia de dinheiro? Que diabo de confusão é essa? Eu seria lá capaz de roubar ninguém! Que é que o senhor está pensando?

EURICÃO. — Ah, então nega!

DODÓ. — Claro que nego! Nunca imaginei que o senhor guardasse dinheiro dentro de porca nenhuma!

EURICÃO. — *(Súplice.)* Me dê minha porquinha que você tirou do cemitério da igreja! Você a roubou, mas eu não o denunciarei e lhe dou a metade do dinheiro que ela tem dentro! A metade não, seria uma injustiça, afinal de contas, quem juntou o dinheiro fui eu, não é? Um terço é muito, você leva um quarto e me devolve o meio, como comissão por eu ter tido o trabalho. Faça o que quiser, mas me dê minha porquinha!

DODÓ. — Como é que eu posso lhe dar a porca se não sei onde está?

EURICÃO. — Está bem, quem gosta de você é a polícia. Vou gritar! Acordem! Acordem! Acordem todos! Pega, pega o ladrão!

CAROBA *e* PINHÃO *saem do quarto.*

PINHÃO. — Que é isso?

CAROBA. — Que é isso, Seu Euricão?

EURICÃO. — Foi esse ladrão, foi esse ladrão que entrou na minha casa para me roubar!

DODÓ. — Mas para roubá-lo como, se não sei nem notícia de sua porca!

EURICÃO. — Não sabe o quê, safado! Você mesmo não disse que tinha sido a causa de minha desgraça?

CAROBA. — Um momento, Seu Euricão, eu sei o que foi que ele quis dizer.

EURICÃO. — Que foi?

CAROBA. — Ele disse que foi a causa de sua desgraça porque comprometeu sua filha para o resto da vida. Esse tal de Seu Dodó entrou aqui, nas caladas da noite, iludiu Dona Margarida não sei de que jeito, e trancou-se com ela aí nesse quarto. Eu vi tudo!

EURICÃO. — Ai! É verdade?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 600

MARGARIDA. — É, papai, mas...

EURICÃO. — Era isso que você estava confessando?

DODÓ. — Era.

EURICÃO. — Ainda mais essa! Por cima de queda, coice! Canalha, safado, por que você não disse logo? Por que deixou que eu confessasse meu segredo?

DODÓ. — A culpa foi sua, era eu falando da filha e o senhor pensando na porca!

EURICÃO. — Ai, a porca! Juntei dinheiro a vida inteira, para a velhice, e agora perco, num dia só, a porca e a filha!

CAROBA. — E vá logo se preparando para perder a irmã também porque a situação de Dona Benona é muito difícil!

EURICÃO. — Benona? Que há?

CAROBA. — Seu Eudoro resolveu matar saudades e está aí, trancado nesse quarto, com ela. Eu vou sair desta casa, porque para falar com franqueza, nunca pensei em ver tanto escândalo num dia só!

EURICÃO. — Não é possível! Eudoro e Benona aqui!

Entram EUDORO *e* BENONA.

ÉUDORO. — É verdade, Eurico. E se você não se ofendesse, eu queria lhe pedir a mão de Benona em casamento.

EURICÃO. — E você não já pediu?

EUDORO. — Não!

EURICÃO. — Quer me levar ao ridículo, é, Eudoro? Faz uma coisa dessa, compromete minha irmã e ainda vem com pilhérias, logo agora que ela foi roubada!

BENONA. — Quem, eu?

EURICÃO. — Não, a porca! Ai, a porca!

EUDORO. — Mas Eurico, eu...

CAROBA. — Um momento, um momento, quem fala sou eu. O senhor já se explicou com Dona Benona, não foi?

EUDORO. — Foi.

CAROBA. — A senhora também já entendeu tudo, não foi?

BENONA. — Já!

CAROBA. — Entendeu o noivado, a confusão, laralá, laralá, tudo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 601

BENONA. — O noivado, a confusão, laralá, laralá, tudo!

CAROBA. — Então, viva! O senhor consente no casamento de Seu Eudoro com Dona Benona, não é, Seu Euricão?

EURICÃO. — Consinto, não! Exijo! Agora, ou ele casa, ou morre! Ai Santo Antônio, ela está perdida!

BENONA. — Eu?

EURICÃO. — A porca! Mas vocês dois agora casam, e tem que ser já!

CAROBA. — Pois então, eles casam amanhã. O senhor ganhou um grande cunhado, Seu Euricão!

EURICÃO. — Mas perdi a porca! Ai, a porca! Ai, a porca! E ainda por cima o que aconteceu com meu patrimônio!

PINHÃO. — Seu patrimônio? Qual? A porca?

EURICÃO. — Não, Margarida! Benona está garantida, mas essa aí me arranjou um genro corcunda e de boca torta, um miserável que não tem nem onde cair morto! Mas ele me paga! Mato esse miserável, quebro-lhe a cara! Tome, safado, tome! Que é isso? A barba!

EUDORO. — Dodó! Você aqui?

DODÓ. — Sou eu, meu pai. Peço-lhe que me perdoe, mas deixei o estudo. Não havia outro jeito, eu estava apaixonado por Margarida, o senhor não queria que eu me casasse. Por outro lado, Seu Euricão só queria casá-la com um homem rico. O jeito foi esse.

EUDORO. — Você deixou de estudar?

DODÓ. — Deixei. Ajudado por Caroba, entrei aqui, disfarçado, como empregado de Seu Euricão. Ganhei a confiança dele, fingindo que era avarento, e fui ficando até que Margarida correspondeu a meu amor e jurou casar comigo. E agora, tenho que casar, papai, porque apesar de não ter acontecido nada de mais entre nós, ninguém vai acreditar nisso.

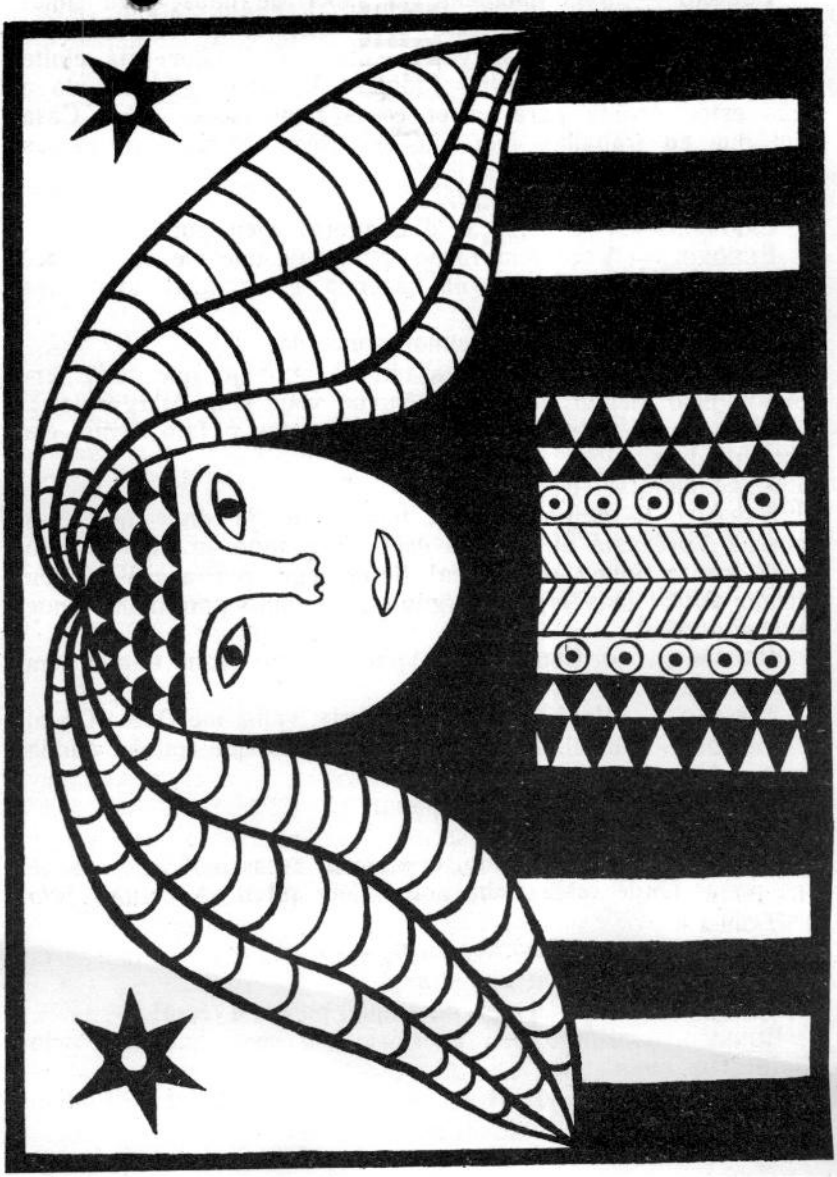
EUDORO. — Mas esse casamento assim, meu filho!

MARGARIDA. — Esse casamento assim o quê? É igual ao do senhor com Tia Benona!

EUDORO. — Você precisa terminar seu estudo!

DODÓ. — Meu pai, eu só gosto no mundo de criar boi. É a única coisa que me dá gosto. Deixe eu me casar! Se eu não casar amanhã, todo mundo vai saber a história e Margarida fica comprometida!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 602



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674.p.603

EUDORO. — Mas ninguém vai saber de nada, meu filho! Nenhum de nós vai espalhar essa história, que eu sei!

CAROBA. — Quem não vai espalhar? O senhor está muito enganado, eu vou espalhar tudinho! Vi tudo, assisti tudo e não estou pronta para sofrer essas humilhações, não! Casa em que eu trabalho, tem que ser casa de respeito, nessas coisas eu sou dura!

EUDORO. — Mas Caroba...

CAROBA. — Vou começar e é agora! Meu povo...

EUDORO. — Você tem razão, é melhor que ele case. Você fica trabalhando comigo na fazenda e eu faço uma casa para você.

DODÓ. — Meu pai, o senhor concorda!

EUDORO. — Concordo. Pensando bem, vejo que tudo terminou pelo melhor, eu com Benona, você com Margarida.

EURICÃO. — Isso é o que você diz, mas o fato é que ela está perdida.

MARGARIDA. — Eu, meu pai?

EURICÃO. — A porca! Ora bolas, não já disse que é a porca? Você está aí, sua tia está aí, quando eu digo *ela*, só pode ser a minha porquinha! Serei cego, por acaso? Estou vendo vocês, mas agora pergunto: e minha porquinha, onde é que está?

MARGARIDA. — Espere, meu pai, eu sei quem é que tem sua porca.

EURICÃO. — Você? Sabe? Ave Maria, valha-me Deus! Quem é? Quem é? Quem é o ladrão, o assassino que roubou minha porquinha?

MARGARIDA. — É Pinhão, papai!

PINHÃO. — Eu?

EURICÃO. — Ah, bandido, criminoso, assassino! Agora você me paga! Onde está minha porquinha? *(Agarra* PINHÃO *pelo pescoço.)*

PINHÃO. — Seu Euricão, eu...

EURICÃO. — Diz ou não diz?

PINHÃO. — Eu não sei nem que porca é essa!

EURICÃO. — Então vou apertá-lo até sua alma sair pelo fiofó! Diz ou não diz?

CAROBA. — Mas afinal de contas, o que é isso? Pinhão roubou uma porca, foi?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 604

MARGARIDA. — Foi.

CAROBA. — Pois se o barulho todo é esse, a gente paga a porca!

EURICÃO. — E aquilo é porca que se pague, danada?

DODÓ. — Era aquela porca velha de madeira, Caroba! Estava cheia de dinheiro!

EURICÃO *agarra* PINHÃO *de novo.*

PINHÃO. — Um momento, me solte! Vá pra lá! Eu confesso que furtei essa porca, mas o senhor não ganha nada mandando me entregar à polícia. Eu morro e não digo onde ela está! Todo mundo fala em furto, em roubo, e só se lembra da porca! Está bem, eu furtei a porca! Sou católico, li o catecismo e sei que isso não se faz! Mas onde está o salário de todos estes anos em que trabalhamos, eu, meu pai, meu avô, todos na terra de sua família, Seu Eudoro? Onde está o salário da família de Caroba, na mesma terra, Seu Eudoro? Não resta nada! Onde está o salário de Caroba durante o tempo em que ela trabalhou aqui, Seu Euricão? Seu Euricão Engole-Cobra?

EURICÃO. — Engole-Cobra é a mãe!

PINHÃO. — Nós não temos nada! A coisa que a gente mais deseja na vida, eu e ela, é casar! Até agora, não pudemos. Onde está a minha porca? Ninguém diz nada! Pois bem, proponho um acordo a todos. Seu Eudoro não emprestou vinte contos a Seu Euricão? Eu entrego a porca por esses vinte contos.

EURICÃO. — Não dou, os vinte contos são meus!

PINHÃO. — Então pode chamar a polícia, porque eu não entrego a porca de jeito nenhum. Ela tem cem vezes isso. Com os vinte contos posso comprar uma terrinha. Junto com a do padrinho de Seu Dodó, caso e vou fazer minha vidinha com Caroba.

MARGARIDA. — Ceda, papai! Nós devemos tanto a Caroba! Deixe pelos vinte contos! Já que não tem outro jeito e a porca vale mais...

EURICÃO. — Está bem, vocês querem assistir à minha morte, a meu assassinato! Pois assistam! O vale está aqui. Agora vá buscar minha porquinha, pelo amor de Deus.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0624,p.605

PINHÃO. — Não precisa ir buscar, ela está aqui.

EURICÃO. — Aqui?

PINHÃO. — Claro, era o último lugar do mundo de que vocês desconfiariam! Está aqui perto, no quarto, atrás de uma mala velha! *(Entra no quarto.)*

DODÓ. — E eu que pensava que Pinhão era idiota!

CAROBA. — Idiota por quê?

DODÓ. — Porque ele só vivia dizendo ditados.

CAROBA. — Pois aprenda a conhecer com quem vive, se não o senhor está desgraçado. Uma pessoa capaz de me enrolar como ele, pode lá ser idiota, Seu Dodó?

Volta PINHÃO *com o saco.*

EURICÃO. — Ah, Santo Antônio poderoso! Até que enfim você se compadeceu de seu velhinho, de seu devoto de todos os momentos e de todas as horas! Pensei que estava obrigado a escolher entre o santo e a porca! Mas Santo Antônio não podia me exigir esse absurdo! Ai minha porquinha, que alegria apertá-la de novo contra o meu coração! Que alegria beijá-la! Ó minha esperança, ó minha vida! Agora que a encontrei não a largarei um só instante! Afastem-se, saiam de perto de mim! Agora é assim, minha porca e eu!

Afastam-se todos. A cena deve dar idéia da solidão de EURICÃO, *solidão que vai crescendo até o fim.*

EUDORO. — Mas espere...

EURICÃO. — Afaste-se! Saia de junto de mim!

EUDORO. — Eurico, você guardou esse dinheiro muito tempo, não foi?

EURICÃO. — Guardei, toda a minha vida! Quase toda a minha vida! Desde que minha mulher me deixou! Agora, posso falar nisso, pois tudo perdeu a importância diante da porca!

EUDORO. — Eurico, o dinheiro não é tudo neste mundo. Você tem sua filha, tem a todos nós que agora somos sua família. Deixe de depositar toda a sua vida nesse dinheiro! Não dê tanta importância ao que não vale nada! Porque...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 606

EURICÃO. — Por que o quê? Que é que você quer dizer? Diga, termine!

EUDORO. — Será melhor dizer mesmo, Eurico?

EURICÃO. — Dizer o quê? Diga logo, é melhor do que me esconder alguma coisa grave. Que é?

EUDORO. — Esse dinheiro está todo recolhido, Eurico! Tudo o que você tem aí não vale nem um tostão!

EURICÃO. — Nossa Senhora, Santo Antônio! Você jura pelos ossos de sua mãe como é verdade?

EUDORO. — Juro.

EURICÃO. — Está bem, eu acredito. Foi uma cilada de Santo Antônio, para eu ficar novamente com ele. Vou então ficar sozinho, novamente. E já que tem de ser assim, quero ficar aqui. Trancarei a porta e não a abrirei mais para ninguém. Porque não quero mais ficar num mundo em que acontecem estas coisas impossíveis de prever.

EUDORO. — Eurico, o mundo não se acabou por causa disso. Você perdeu seu dinheiro, mas ganhou uma experiência e uma família! Acabe com essa idéia de se enterrar vivo!

EURICÃO. — Você pensa que está melhor do que eu? A única diferença entre mim e você, Eudoro, é que sua porca ainda está diante de seus olhos. Não, eu estou farto!

MARGARIDA. — Seu Eudoro tem razão, papai, o mundo não se acabou. Tudo pode recomeçar, o senhor vende esta casa e vai morar conosco.

EURICÃO. — Você não está entendendo nada! E como ficaria eu? Você casa com Dodó, Benona com Eudoro, Caroba com Pinhão. Não vê que eu fico só? No meio disso tudo, com quem casaria eu?

CAROBA. — Com a porca. E, se ela não serve mais, com Santo Antônio!

EURICÃO. — Estão ouvindo? É a voz da sabedoria, da justiça popular. Tomem seus destinos, eu quero ficar só. Aqui hei de ficar até tomar uma decisão. Mas agora sei novamente que posso morrer, estou novamente colocado diante da morte e de todos os absurdos, nesta terra a que cheguei como estrangeiro e como estrangeiro vou deixar. Mas minha condição não é pior nem melhor do que a de vocês. Se isso aconteceu comigo, pode acontecer com todos, e se aconteceu uma vez

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 607

pode acontecer a qualquer instante. Um golpe do acaso abriu meus olhos, vocês continuam cegos! Agora vão, quero ficar só!

EUDORO. — Adeus, Eurico.

BENONA. — Adeus, Eurico.

EURICÃO. — Adeus, escravos!

MARGARIDA. — Adeus, meu pai.

EURICÃO. — Adeus, escravos. Saiam. Saiam todos, escravos!

CAROBA. — Adeus, Seu Euricão.

EURICÃO. — Adeus, escravos!

Saem todos, menos EURICÃO.

EURICÃO. — Bem e agora começa a pergunta. Que sentido tem toda essa conjuração que se abate sobre nós? Será que tudo isso tem sentido? Será que tudo tem sentido? Que quer dizer isso, Santo Antônio? Será que só você tem a resposta? Que diabo quer dizer tudo isso, Santo Antônio?

PANO

Recife, 7 de novembro de 1957.
18 de novembro de 1957.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 608

O CASAMENTO SUSPEITOSO

O Casamento Suspeitoso estreou a 6 de janeiro de 1958, no Teatro Bela Vista, em São Paulo, pela Companhia Nydia Lícia/Sérgio Cardoso, sob direção de Hermilo Borba Filho, com cenário e figurinos de Carmélio Cruz, e sendo os papéis criados pelos seguintes atores:

CANCÃO Sérgio Cardoso	MANUEL GASPAR Zeluís Pinho	LÚCIA Vanda Kosmo
SUSANA Marina Freire	FREI ROQUE Eduardo Waddington	O JUIZ NUNES José Egídio
GERALDO Raimundo Duprat	ROBERTO Carlos Zara	DONA GUIDA Sidnéia Rossi

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p.609

Esta peça é dedicada a
LUÍS DELGADO
e
CARLOS MACIEL
com a grata amizade do Autor.

A história do homem é a história de seus vícios

(Reflexão do falso MATIAS AIRES)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 86+1. p 610

DEPOIS *de encenada e revista por duas vezes, entrego ao público, em forma definitiva, minha peça* O Casamento Suspeitoso. *Creio que, de todas as que montei, foi esta a mais atacada. Os pontos mais visados eram referentes às minhas repetições e vulgaridades. Disseram, por um lado, que eu estava repetindo tipos e situações já usados no* Auto da Compadecida *e, por outro, que empregara, nesta comédia, mais do que na primeira, meios vulgares e grosseiros de comicidade, além de criar personagens sem sentido.*

Quanto a esta última crítica, não posso avaliar até que ponto é justa ou não. Quanto às duas primeiras, porém, tenho algo a dizer: tais críticas partem de uma idéia do teatro e de uma concepção do mundo inteiramente diferentes das minhas, absolutamente inconciliáveis com as minhas. Na invenção de certos personagens, por exemplo, o que fiz foi um processo clássico de recriação de tipos já existentes numa comédia popular, no caso a tradição do Romanceiro Popular Nordestino. No mesmo sentido — se bem que com outra medida, é claro, porque se tratava de dois gênios — Molière e Goldoni recriaram os tipos da comédia popular mediterrânea. Não se preocupou, o primeiro, com o fato de o Sganarelle do Don Juan *parecer com o Sylvestre de* Les Fourberies de Scapin; *de serem semelhantes e terem problemas semelhantes o M. Jourdain de* Le Bourgeois Gentilhomme *e o George Dandin; de serem seus jovens apaixonados quase iguais; de serem seus criados astutos, Sosie, La Flèche ou Scapin, herdeiros diretos do* Arlequim *e traçados sob padrões semelhantes de astúcia e simpatia; e assim por diante. Não se incomodou o segundo de escrever peças em que os personagens eram diretamente transpostos da tradição popular, esquemática e fixa, não se*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 611

dando sequer ao trabalho de mudar seus nomes de peça para peça. E assim, toda uma tradição clássica do teatro e da novela. Não se agia desse modo por falta de imaginação — era o que faltava, acontecer isso com Molière, Goldoni ou Shakespeare! — mas porque aquilo firmava uma tradição e um estilo, valorizava o que já existia na consciência coletiva, aproveitava, com maior solidez, uma arquitetura preexistente e que já recebera, na sanção coletiva, o selo de uma perenidade que só um orgulho muito tolo deixaria de lado em nome da criação exclusivamente individual.

Dizer, assim, que o mundo das Carobas, dos Joões Grilos ou dos Cancões, em que me baseio, é um mundo pobre e que vai me levar para a repetição estéril é, ao mesmo tempo, falta de respeito a algo que é profundamente nosso e, ao contrário do que dizem, muito rico — muito mais do que o teatro contemporâneo, burguês e "erudito" — e desconhecimento total daquilo que Ortega y Gasset chamou "a realidade mais eficiente do teatro" — a tradição do teatro grego e romano, do elisabetano, do espanhol e francês clássicos, do goldoniano, do alemão oitocentista, enfim, do teatro que considero o grande teatro e que ele opõe ao contemporâneo, "o teatro em ruína", expressão que subscrevo integralmente. Se a tradição popular nordestina é pobre, não o será mais do que, por exemplo, a da Commedia dell'Arte que aqueles gênios renovaram e cujos tipos eram poucos e esquemáticos.

Quanto à vulgaridade dos meios cômicos de que lanço mão, é coisa que não me incomoda absolutamente. Não tenho nenhuma tendência para a finura — pelo menos para isso a que os distintos chamam de finura. Ao humor educado e delicado deles, prefiro o rasgado e franco riso latino, que inclui, entre outras coisas, uma loucura sadia, uma sadia violência e um certo disparate. Depois, vejo os mestres que mais amo manifestarem a mesma preferência que eu, seja no Falstaff, seja no Scapin, por exemplo, este último criticado por Boileau — uma espécie de distinto intelectual da época — por causa da "vulgaridade" da cena em que Scapin dá umas cacetadas em Geronte, enganando-o com a ameaça de pretensos inimigos. Mas é sempre assim: os distintos pensam de um modo e os autores de outro.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p.612

Repito, assim, que, quando aproveito de um romance popular, a idéia do João Grilo — que apresento em minha peça recriado como tipo e não como transposição direta do mito — sei perfeitamente o que estou fazendo. Como sei também o que estou fazendo quando recrio do mesmo modo outro "amarelinho", outro "quengo" (pessoa astuta, sabida), o Cancão, de O Casamento Suspeitoso.

A mesma coisa acontece na criação de outros personagens, estes partidos, não mais de uma tradição oral, mas da realidade. O Chicó, do Auto da Compadecida, *foi baseado num personagem real, já morto, cujas histórias são conhecidíssimas em Taperoá, pela geração anterior à minha. O mesmo acontece com Manuel Gaspar, baseado num serviçal de minha família, ainda vivo, com o mesmo nome, gago e não muito corajoso, para quem quiser ir ver. Quando juntei o primeiro a um amarelinho astuto (João Grilo) e o segundo a outro (Cancão) sabia que estava incorrendo na incompreensão de toda essa gente. Mas isso não me interessava: o que me interessava era novamente recriar uma tradição do teatro popular, esta circense: a que apresenta sempre ao lado de um palhaço astuto, meio maldoso e valente, um outro, bobo, ingênuo, moralista e covarde. Essa tradição, aliás, corresponde, como sempre acontece com a autêntica, a uma verdade profunda, pois ordinariamente as pessoas astutas, inteligentes, têm um amigo, um empregado, um sócio, um secretário, seja lá o que for, que é mais ou menos a antítese de suas qualidades e a quem elas se apegam com grande amizade temperada de bonomia, ironia e benevolência. Aliás, o professor Enrique Martínez López, na exegese admirável com que honrou o* Auto da Compadecida *— a mais completa, profunda, compreensiva e erudita que eu podia desejar — salientou, com enorme agudeza, o fato de que Chicó era o bobo oficial da peça, muito mais palhaço do que o Palhaço. As duas duplas, João Grilo-Chicó e Cancão-Gaspar, são, assim, uma recriação da dupla circense que o povo, com seu instinto certeiro, batizou admiravelmente de O Palhaço e O Besta. Dupla que pode se reencontrar a cada passo na realidade: ou na semi-realidade, como aquela formada pelo Homem da Cobra e pelo Secretário, da propaganda comercial popular nordestina; ou no mundo da arte, como o Mateus e o Bastião, do Bumba-Meu-Boi.*

Creio que basta como explicação. A.S.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p.613

PRIMEIRO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0644, p 614

Uma sala de casarão sertanejo. Portas para quartos e corredor. Uma grande mala ou um guarda-roupa. Estão em cena CANCÃO, GASPAR — *que é gago* — *e o juiz* NUNES.

NUNES. — Mas afinal de contas, por que é que eu fui chamado?

CANCÃO. — Porque a moça quer casar com Geraldo assim que chegar. A mãe disse que não transige nessas questões de moral e que se a filha ficar aqui com o noivo sem casar podem falar dela.

NUNES. — Esse casamento é impossível, não se publicaram os proclamas.

CANCÃO. — E se Geraldo abrir o inventário do pai dele? O senhor se lembre que esse inventário é o mais rico, o mais cheio de custas que já apareceu por aqui. Se ele abrir o inventário o senhor dá um jeito para o casamento não ser hoje?

NUNES. — Se esse inventário se abrir, Cancão, eu faço o que Geraldo quiser. Mas você não disse que a moça quer casar hoje?

GASPAR. — Disse.

CANCÃO. — Mas Geraldo não quer não, quem quer é a moça. É claro que ele não pode dizer isso abertamente, seria uma indelicadeza com a noiva. Mas se o senhor lhe desse o pretexto para não casar hoje, ele ficaria muito grato e abriria o inventário.

NUNES. — E qual é o desejo de Dona Guida?

CANCÃO. — É o mesmo de Geraldo, adiar o casamento. É por isso que Geraldo não quer se casar hoje, está com medo de dar um desgosto à mãe.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 615

NUNES. — Mas será que não vou me complicar? Depois de casada, essa moça vai manobrar Geraldo e quem sai perdendo sou eu, que atrapalhei o casamento dela no começo.

CANCÃO. — Faz-se tudo disfarçado. Eu convenço Geraldo e Dona Guida a requererem o inventário e o senhor sai da cidade para avaliar a propriedade que o pai dele deixou. Isso tem duas vantagens: aumenta as custas e o casamento tem de ser adiado porque o juiz está fora.

NUNES. — É uma boa idéia, mas eu estou desconfiado. Qual é seu interesse nisso tudo?

CANCÃO. — Doutor Nunes, eu sou amigo de Geraldo!

NUNES. — Não diga! Você pensa que eu sou menino, é, Cancão? Ainda mais esse santo aqui! Diga logo: qual é seu interesse?

CANCÃO. — Bem, se o senhor garante segredo... Meu interesse é o inventário. O senhor sabe que Geraldo e Dona Guida têm toda confiança em mim. Pois bem, eu arranjo que eles requeiram o inventário. Mas em troca o senhor vai nomear a mim e a Gaspar como avaliadores nele. Assim, a gente entra também no dinheiro das custas.

NUNES. — Ra, ra! Era isso, hein? Agora sim, estou vendo que suas intenções são boas. Pois pode contar, Cancão: na falta dos proclamas, eu levanto os impedimentos legais e o casamento se adia. Mas Dona Guida sabe que eu só saio da cidade se ela requerer o inventário?

CANCÃO. — Sabe.

NUNES. — Então está combinado. A procuração para meu amigo Sousa já está preparada. Eu como juiz, ele como causídico e vocês dois como avaliadores...

GASPAR. — Está organizada a praga de gafanhotos.

NUNES. — Que tolice, que vulgaridade! Digamos: "A máquina da Justiça está montada!"

Entram GERALDO *e* DONA GUIDA. *Esta vem numa cadeira de rodas, empurrada pelo filho, com o pé repousando numa forquilha, pois sofre de gota. É surda e usa corneta, para ouvir melhor. Com o pé envolvido de gaze, em bola, anda ainda com uma maleta cheia de dinheiro.*

DONA GUIDA. — Cancão, meu filho, como vai você? Que é que está fazendo aí com esse ladrão?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 616

NUNES. — Dona Guida gosta de tirar umas brincadeiras com a Justiça!

DONA GUIDA. — Ele já roubou você?

NUNES. — Ra, ra, ra! Essa Dona Guida é ótima, diz cada brincadeira...

CANCÃO. — Geraldo, o casamento não pode se fazer hoje, não se publicaram os proclamas. Mas isso tem uma relação enorme com a abertura do inventário de seu pai.

GERALDO. — Do inventário?

NUNES. — Ah, é, uma relação danada!

CANCÃO. — Dona Guida quer que o casamento seja hoje?

GERALDO. — Não, mas fale baixo, você sabe mamãe como é!

CANCÃO. — Não é verdade que sua noiva é a mais interessada no casamento hoje? Por questões de ordem moral?

GERALDO. — Bem, eu acho que...

CANCÃO. — Ela não disse isso na carta?

GERALDO. — Disse.

CANCÃO. — *(Baixo ao juiz.)* Então, está tudo claro, não?

NUNES. — Claríssimo e tudo está encaminhado. O inventário é nosso! *(Barulho de automóvel.)*

GASPAR. — O carro de Herotides!

GERALDO. — Meu Deus, acho que são elas!

Entram LÚCIA, SUSANA *e* ROBERTO FLÁVIO. *Ele vem com camisa colorida, estampada, óculos e máquina a tiracolo. As duas devem vir vestidas de modo refinado, exagerado, esquisito, ultramoda, de maneira a contrastar o mais possível com a pobreza de* CANCÃO *e* GASPAR, *com a sóbria discrição de* GERALDO *e* DONA GUIDA *e com a pretensão do juiz.*

LÚCIA. — Geraldo, meu Geraldo! *(Abraça-o, beija-o e chora de emoção.)*

GERALDO. — Minha filha!

LÚCIA. — Desculpe, mas não pude me conter! Há quase um mês que não o vejo!

SUSANA. — Quanta sensibilidade!

DONA GUIDA. — *(Impassível, ante a comédia.)* Ó Geraldo!

GERALDO. — Que é, mamãe?

DONA GUIDA. — Quem é esse vigarista vestido de mulher?

ROBERTO. — Mas Tia Guida!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 617

DONA GUIDA. — Como foi?

ROBERTO. — Eu disse: "Mas Tia Guida!"

DONA GUIDA. — Tia Guida? Geraldo, esse camarada não presta não. Como é que ele pode ser meu sobrinho se eu não tenho irmão?

ROBERTO. — *(Cada vez mais amarelo.)* É um modo de falar, um modo afetuoso.

DONA GUIDA. — Geraldo, mande esse camarada pra fora daqui, ele não vale nadinha! Como é que ele pode ter afeto por mim se nunca me viu? E essas mulheres? Mande as duas mais para o claro, quero ver a cara delas.

GERALDO. — Mas mamãe, é Lúcia!

DONA GUIDA. — Seja quem for, quero ver se elas prestam ou não!

SUSANA. — Guida, minha prima, você não sabe o que este encontro significa para mim! Não tenho mais ninguém no mundo a não ser vocês, e a família para mim era tudo!

DONA GUIDA. — Para mim também, Susana. Mas vocês são minhas parentas mesmo? Eu nunca tinha ouvido falar em vocês.

SUSANA. — Estivemos afastadas tanto tempo... Como vai Tia Madalena?

DONA GUIDA. — Tia Madalena? Você conheceu?

SUSANA. — Conheci, Guida! E, então? Como vai ela?

DONA GUIDA. — Morreu, Susana! *(Assoa-se.)*

SUSANA. — *(Chorando.)* Minha Nossa Senhora, assim é a vida! E Tia Felicidade?

DONA GUIDA. — Morreu, Susana!

SUSANA. — Mas é possível? Que é que eu faço no mundo sem minha família? E Tio Joaquim?

DONA GUIDA. — Morreu, Susana!

LÚCIA. — Por favor, não posso mais! Ligada como sou à minha família, fico em tempo de morrer com essas evocações tristes! *(Chora.)*

DONA GUIDA. — Ó Geraldo, você não tem vergonha de maltratar essas duas santas? Que foi que você fez com elas?

GERALDO. — Eu? Nada, mamãe!

LÚCIA. — Deixemos isso, nós mulheres sofremos tanto que nos entendemos logo ao primeiro contacto. Seu filho é o melhor dos noivos e eu já me sinto como filha sua.

DONA GUIDA. — Deus a abençoe.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 618

CANCÃO. — Amém.

LÚCIA. — Mas Geraldo, você ainda não nos apresentou a seus amigos, tão simpáticos. Eu sou Lúcia Renata, meu primo chama-se Roberto Flávio, aqui minha mãe, Susana Cláudia.

GASPAR. — Que estrago mais danado, dois nomes para cada pessoa!

GERALDO. — Este aqui é Cancão.

LÚCIA. — Cancão? Mas deve ser muito gostoso se chamar Cancão!

GERALDO. — Este aqui é Manuel Gaspar.

GASPAR. — Gaspar, para os amigos.

SUSANA. — Mas é muito gostoso isso!

GASPAR. — Gostoso, é?

SUSANA. — E então?

GASPAR. — *(A Cancão.)* Se essa mulher for séria eu me dane.

GERALDO. — Este aqui é o juiz Nunes.

LÚCIA. — O juiz? Não, não é possível, você concordou! Geraldo, meu amor, nunca fui tão feliz.

CANCÃO. — *(A Gaspar.)* Saia de perto, Dona Guida vai estourar.

DONA GUIDA. — Que confusão é esta?

SUSANA. — Foi Geraldo que concordou com o casamento, Guida!

DONA GUIDA. — Com o casamento? E ele não já tinha concordado?

SUSANA. — Com o casamento hoje, Guida.

DONA GUIDA. — Hoje? Sem correr os banhos?

SUSANA. — Para que essas formalidades? Nós não somos da família?

DONA GUIDA. — São, mas casamento desse jeito pra mim é pouca vergonha!

LÚCIA. — Ah, Geraldo, meu bem, nunca pensei!

SUSANA. — Se Tia Madalena fosse viva...

DONA GUIDA. — Se Tia Madalena fosse viva botava vocês pra fora de casa! E tem uma coisa, vou para meu quarto, porque uma safadeza dessa eu não assisto. *(Geraldo vai ajudá-la com a cadeira mas ela o repele.)* Vá pra lá!

NUNES. — Dona Guida, Dona Guida!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674.p.619

DONA. GUIDA *sai empurrando ela própria a cadeira, pelas rodas, e o juiz segue-a.* CANCÃO *faz um sinal a* GASPAR.

GASPAR. — *(Saindo no encalço dos dois.)* Vou ver se aplaco Dona Guida.

GERALDO. — *(Aflito.)* Não reparem, por favor! Lúcia! Dona Susana! Minha mãe tem esse gênio assim, mas é uma pessoa boníssima! Lúcia!

LÚCIA. — Não, Geraldo, ela tem razão. Agora, você não me quererá mais e vai pensar que eu sou uma desfrutável!

GERALDO. — Mas filhinha, não diga uma coisa dessa!

LÚCIA. — E afinal, que importa? Para mim, de qualquer modo, é a mais terrível viuvez! Vou terminar meus dias num convento, como irmã de caridade!

SUSANA. — Que amorosidade, que dedicação!

CANCÃO. — Está tudo muito bem, mas o melhor é pensar logo em resolver a história. O problema é todo causado pelo juiz, que inventou essa história de proclama.

GERALDO. — Por quê?

CANCÃO. — O que ele quer é o inventário de seu pai. Está louco pelo dinheiro desse inventário e, se você fizer o requerimento, o juiz dá uma certidão de que os proclamas foram publicados e faz o casamento. Assim, Dona Guida não tem mais de que se queixar. Eu já combinei tudo com o juiz.

LÚCIA. — Mas é muito bom esse seu amigo, Geraldo!

CANCÃO. — O negócio agora é convencer Dona Guida a requerer o inventário, mas Gaspar já está tratando disso. Por que você não vai ajudá-lo?

GERALDO. — Eu vou. Cancão, obrigado, se essa história se resolver sem minha mãe se zangar, fico lhe devendo um favor para o resto da vida. *(Sai.)*

ROBERTO. — Cancão, nós apreciamos muitíssimo o interesse que você está tomando, mas dá pra desconfiar. Que é que você está ganhando nessa história?

CANCÃO. — É que o juiz prometeu me nomear avaliador no inventário e assim eu também entro nas custas.

LÚCIA. — Ah, era isso, hein? Então está certo, a gente ajuda você nisso e você nos ajuda no casamento. Antes não, mas agora vejo que suas intenções são boas.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 620

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 621

Entram GERALDO, DONA GUIDA, GASPAR *e* NUNES.

GASPAR. — Pode assinar que eu garanto, Dona Guida. A senhora não sabe que eu sou de confiança?

DONA GUIDA. — Mas eu não assino!

GASPAR. — Dona Guida, eu entendo disso, já me casei três vezes!

SUSANA. — Interessante, você se casou três vezes, foi? Deve ser um grande amoroso, não?

GASPAR. — Nada, foi coisa da mocidade! Pau seco não dá embira, nem corda velha dá nó.

SUSANA. — Mas coisa triste na vida é ficar no mundo só!

GASPAR. — Ai, e a senhora é poeta, é?

SUSANA. — Versejo.

GASPAR. — Se essa mulher for séria eu me dane! Como é, Dona Guida, assina ou não assina?

DONA GUIDA. — O que é que você acha, Cancão?

CANCÃO. — Sou pela assinatura, Dona Guida.

DONA GUIDA. — Então...

Estende a mão a GERALDO, *que faz o mesmo a* NUNES. *Este entrega a procuração, que* DONA GUIDA *assina.*

NUNES. — Geraldo, queira assinar também. Obrigado. Muito bem, agora a coisa vai. *(Cumprimentando.)* Geraldo! Dona Guida!

DONA GUIDA. — Eu assinei, mas você é ladrão, viu?

NUNES. — Ra, ra, ra! Dona Guida sempre com brincadeira! Está tudo combinado e com o inventário requerido, você pode contar com a justiça.

CANCÃO. — Para a questão dos impedimentos, não é?

NUNES. — Isso mesmo. Geraldo! Dona Guida! Meu caro avaliador! *(Sai.)*

SUSANA. — Oi, que é isso? O juiz vai embora?

CANCÃO. — Vai vestir aquela batina dele, só faz casamento assim.

LÚCIA. — Cancão, você é um amor. Não tenha ciúme não, Geraldo, mas esse seu amigo é simplesmente extraordinário!

GASPAR. — É minha primeira mulher todinha!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 622

LÚCIA. — Roberto, meu filho, precisamos agradecer a Cancão.

ROBERTO. — E Tia Guida tão boa, concordando em assinar!

SUSANA. — Estamos muito gratas, muito contentes. *(Aproveita para abraçar* GASPAR.*)* Gaspar, você é um amor.

DONA GUIDA. — Está tudo muito bem, mas ninguém me disse ainda o que foi que veio fazer aqui esse vigarista vestido de mulher!

ROBERTO. — Minha senhora!

LÚCIA. — Tia Guida, é Roberto, meu primo. Gosto tanto dele! Veja, me diga se uma pessoa que tem esses braços tão puros é capaz de fazer mal a ninguém! Veja os braços dele! Que pureza, que inocência!

GASPAR. — Menino, é a finada safada todinha!

LÚCIA. — Não vá ficar com ciúme!

GERALDO. — Eu, minha filha? Que idéia!

DONA GUIDA. — E o casamento religioso?

CANCÃO. — Frei Roque chega já no ônibus de Campina.

SUSANA. — Então vamo-nos preparar. Você não vem?

ROBERTO. — Não, vou buscar o juiz, é mais seguro. *(Sai.)*

CANCÃO. — Vão se vestir, o juiz chega já e vocês devem terminar tudo do modo mais rápido possível.

LÚCIA. — *(Com intenção.)* Ah, sim, o mais rápido possível.

Saem LÚCIA *e* GERALDO *abraçados, seguidos de* SUSANA. *Ruído de carro se afastando.*

GASPAR. — *(Da janela.)* Cancão, o carro com o juiz.

CANCÃO. — Pronto, Dona Guida, agora o juiz só pode voltar lá pra meia-noite e o casamento não se faz hoje de jeito nenhum.

DONA GUIDA. — Ave Maria, se Gaspar não me avisa, eu nunca assinaria a procuração. Mas você tem certeza que a moça não presta?

GASPAR. — Certeza plena, Dona Guida. Tomei todas as informações que a senhora pediu a meu cunhado, que mora no Recife. A mulher tanto é ruim como não presta. Toda decepada, toda descabriolada... Tem um falaço danado.

DONA GUIDA. — Falaço?

GASPAR. — Sim, todo mundo fala dela. Só não pude descobrir se é capiongueira. *(Faz o gesto de roubar, para indicar*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 623

o que é.) Mas isso não faz falta não, porque a mãe é. A filha é a finada safada e a mãe é a finada velhaca todinha. A senhora acha que isso que elas estão fazendo é de mulher séria?

DONA GUIDA. — Na verdade, quem já ouviu falar de casamento assim?

CANCÃO. — Estão é com medo que a gente descubra tudo e querem fazer o casamento logo, para se garantir.

GASPAR. — Cancão, pelo amor de Deus, o estouro começou.

CANCÃO. — Que é?

GASPAR. — O tal do Roberto Flávio vem ali todo afrontado.

CANCÃO. — Dona Guida, saia, deixe tudo por minha conta.

DONA GUIDA *sai.* ROBERTO *entra, vindo da rua.*

ROBERTO. — O juiz saiu da cidade. Que é que quer dizer isso?

CANCÃO. — Eu sei lá! Eu tenho nada com o juiz! Você vá perguntar à mãe dele, que é quem pode saber!

ROBERTO. — Tentei alcançá-lo, mas não existe outro carro na cidade. Agora, tem uma coisa: se eu descobrir que tem gente nos enganando, vocês me pagam! *(Interrompe-se e sai arrebatadamente.)*

GASPAR. — Cancão, eu vou-me embora! Estou em tempo de morrer de medo.

CANCÃO. — Não, precisamos de alguma coisa para dizer a Geraldo. Fique escondido aqui. De acordo com o que eles disserem, a gente faz o plano.

GASPAR. — E se eles não vierem?

CANCÃO. — Não se incomode não, que eles vêm me procurar.

GASPAR. — E se depois eles não quiserem mais sair?

CANCÃO. — Ah, minha Nossa Senhora! Será possível que eles passem o resto da vida aqui?

GASPAR. — A impressão que eu tenho é que vou enfrentar de uma vez só a finada safada e a finada velhaca.

CANCÃO. — Esconda-se, homem de Deus! Assim está bom. Depois, corra e vá me contar tudo.

GASPAR. — Se me deixarem com vida, eu vou! Adeus, Cancão, até Dia de Juízo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p.624

GASPAR *se esconde atrás de uma cortina e* CANÇÃO *sai para a rua. Entram* LÚCIA, ROBERTO *e* SUSANA.

LÚCIA. — Fugiram! Mas é possível que tenham tido essa ousadia?

ROBERTO. — Não estou lhe dizendo que o juiz saiu da cidade? Só pode ter sido combinado!

SUSANA. — A culpa foi sua!

ROBERTO. — Minha por quê?

SUSANA. — Todo mundo viu logo que esse agarramento de Lúcia com você não era de primo.

ROBERTO. — E eu tenho culpa de sua filha não poder passar sem mim?

LÚCIA. — Roberto, mamãe, vamos parar com isso. Que é que adianta discutir? A culpa foi de todos nós. Minha, porque não posso passar sem meu cachorro. Dele, porque veio atrás de mim...

SUSANA. — Pelo dinheiro, por você não!

LÚCIA. — Olhe o ciúme dela! E então? Quem vale o que ele vale, pode ser exigente! Ainda sabe dar aqueles latidos?

ROBERTO. — Au, au, au!

LÚCIA. — Fico toda arrepiada! Dê mais, um só!

ROBERTO. — Au, au, au!

LÚCIA. — Não é um amor? É muito gostoso, fico inteiramente louca! Geraldo ainda não sabe de nada e aqueles dois vão me pagar. O amarelo é ruim mas eu tenho mais raiva é daquele gago safado! Ele vai me pagar.

A cortina começa a tremer, ROBERTO *vai lá e levanta-a cuidadosamente.* GASPAR *está de costas, com a cara na parede, e não vê que foi visto.* ROBERTO *baixa de novo a cortina, tirando o cinturão.*

ROBERTO. — Ah, vai. Sabe o que eu faço se pegar os dois? Tiro assim o cinturão e passo nas costas dele. (*Dá em* GASPAR.)

LÚCIA. — Passa mesmo?

ROBERTO. — Passo, mesmo assim. — *(Idem.)* E se ele reagisse, aí eu dizia: "Tome, tome, tome, tome, safado. Isso é para não estar se metendo à besta pra meu lado!"

LÚCIA. — É melhor aguardar, talvez até estejamos acusando os pobres sem motivo! Vamos terminar de nos vestir.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p.625

Fazem uma falsa saída. GASPAR sai do esconderijo, esfregando o espinhaço, e corre para a rua. Os três voltam.

ROBERTO. — Então?

LÚCIA. — Agora não há mais dúvida. É preciso dar uma lição nesses dois.

SUSANA. — Eles já tomaram a dianteira. Agora, ainda por cima, vão contar a Geraldo tudo o que Gaspar ouviu. E você com suas histórias de cachorro e de latido!

LÚCIA. — Deixe tudo por minha conta. Em primeiro lugar, vamos acabar o lugar do crime. Ajudem-me a tirar esta cortina. Isto. Que mais, meu Deus? Ah, sim: você trouxe filme na máquina?

ROBERTO. — Trouxe, sim.

LÚCIA. — Fique escondido atrás do oratório daquele quarto e fotografe o começo do que assistir. Só o começo, viu? Você vai?

ROBERTO. — Vou.

LÚCIA. — Faça isso e o dinheiro será nosso. Seu, porque diante de você eu não tenho vontade.

ROBERTO. — Está bem, mas tenha cuidado. Ou esse casamento dá certo ou estamos desgraçados. O dinheiro está a ponto de se acabar. *(Sai.)*

SUSANA. — Lúcia, minha filha, é o negócio do retrato?

LÚCIA. — É.

SUSANA. — E Roberto vai ver? Isso não fica bem, afinal de contas nós temos nossos princípios!

LÚCIA. — Ih, mamãe, isso é hora de falar em princípios? Roberto não tem essas besteiras não!

SUSANA. — Mas não sei se será aconselhável você se cansar. Afinal de contas são dois, Cancão e Gaspar.

LÚCIA. — Ah, o que você quer é se encarregar de Gaspar.

SUSANA. — Não está vendo que eu não posso deixar você fazer esse sacrifício sozinha? Que mãe você pensa que eu sou?

LÚCIA. — Está bem, Gaspar fica por sua conta. Vai ser uma novidade, hein? Tão rústico! Mas saia, Geraldo vem aí.

SUSANA *sai. Entra* GERALDO *e* LÚCIA *começa a chorar, fingindo que não o vê.*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 626

GERALDO. — Então está tudo pronto? Que é isso? Está chorando, meu bem? Que é isso?

LÚCIA. — Que é isso! Coitado, tão inocente, tão cheio de boa fé!

GERALDO. — Eu? Que há?

LÚCIA. — É melhor você não saber.

GERALDO. — Foi alguma coisa que eu fiz?

LÚCIA. — Que mal podia me fazer o melhor e mais amado dos noivos?

GERALDO. — Então foi minha mãe?

LÚCIA. — Sua mãe é uma santa, que mal podia me fazer?.

GERALDO. — É, mas como ela ficou contra o casamento...

LÚCIA. — Casamento? Que casamento?

GERALDO. — Mas meu bem! O nosso, é claro!

LÚCIA. — Meu Deus, como é que se tem coragem de trair uma inocência dessa! Não vai haver casamento nenhum, querido. Tornaram nosso casamento impossível.

GERALDO. — Tornaram? Quem foi?

LÚCIA. — Seus dois amigos, Cancão e Gaspar.

GERALDO. — Não é possível!

LÚCIA. — Está vendo? Eu sabia que minha palavra valia menos do que a deles.

GERALDO. — Sua palavra é tudo para mim, meu amor. Mas o que foi que eles fizeram?

LÚCIA. — Tiraram o juiz daqui de Taperoá, ele saiu de repente no mesmo carro em que nós viemos. Foi avaliar sua propriedade, Roberto soube.

GERALDO. — É para aumentar as custas, ele faz isso em todo inventário.

LÚCIA. — Todo mundo sabe disso em Taperoá? Desse costume do juiz?

GERALDO. — Sabe.

LÚCIA. — Quem aconselhou você a requerer o inventário?

GERALDO. — Cancão.

LÚCIA. — Você vê agora o plano? Ele aconselhou você a requerer para tirar o juiz e impedir assim o casamento.

GERALDO. — Mas com que interesse Cancão iria fazer isso?

LÚCIA. — Você sabe que o juiz prometeu nomeá-lo avaliador, caso ele aconselhasse você a abrir o inventário?

GERALDO. — Não é possível!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 627

LÚCIA. — Não é possível! Como foi que o juiz se dirigiu a Cancão na hora de sair?

GERALDO. — Meu caro avaliador!

LÚCIA. — Está vendo?

GERALDO. — Mas é possível que meus melhores amigos... Gaspar também está metido nisso?

LÚCIA. — Claro, também vai ser nomeado!

GERALDO. — Mas Cancão e Gaspar, logo eles!

LÚCIA. — E você não sabe o pior de tudo, meu amor.

GERALDO. — Pior ainda?

LÚCIA. — Não, é melhor não dizer nada, você tem um gênio tão esquentado!

GERALDO. — Não, agora quero saber tudo!

LÚCIA. — Você promete não perder a cabeça?

GERALDO. — Sei lá! Que foi?

LÚCIA. — Não sei se você reparou, mas desde que cheguei os dois ficaram me olhando de um jeito... Toda vez que eu cruzava as pernas ou ficava de costas...

GERALDO. — Canalhas!

LÚCIA. — Pode ter sido engano meu, mas por segurança comecei a tratá-los à distância. Nessas coisas é bom não facilitar. Eles sentiram a história e, por vingança, resolveram me prejudicar junto a você. Resolveram... Não, não digo, é uma coisa tão baixa que eu...

GERALDO. — Diga, meu bem, você está acima destas coisas!

LÚCIA. — Mamãe ouviu os dois dizendo que vão me caluniar.

GERALDO. — Caluniar? Como?

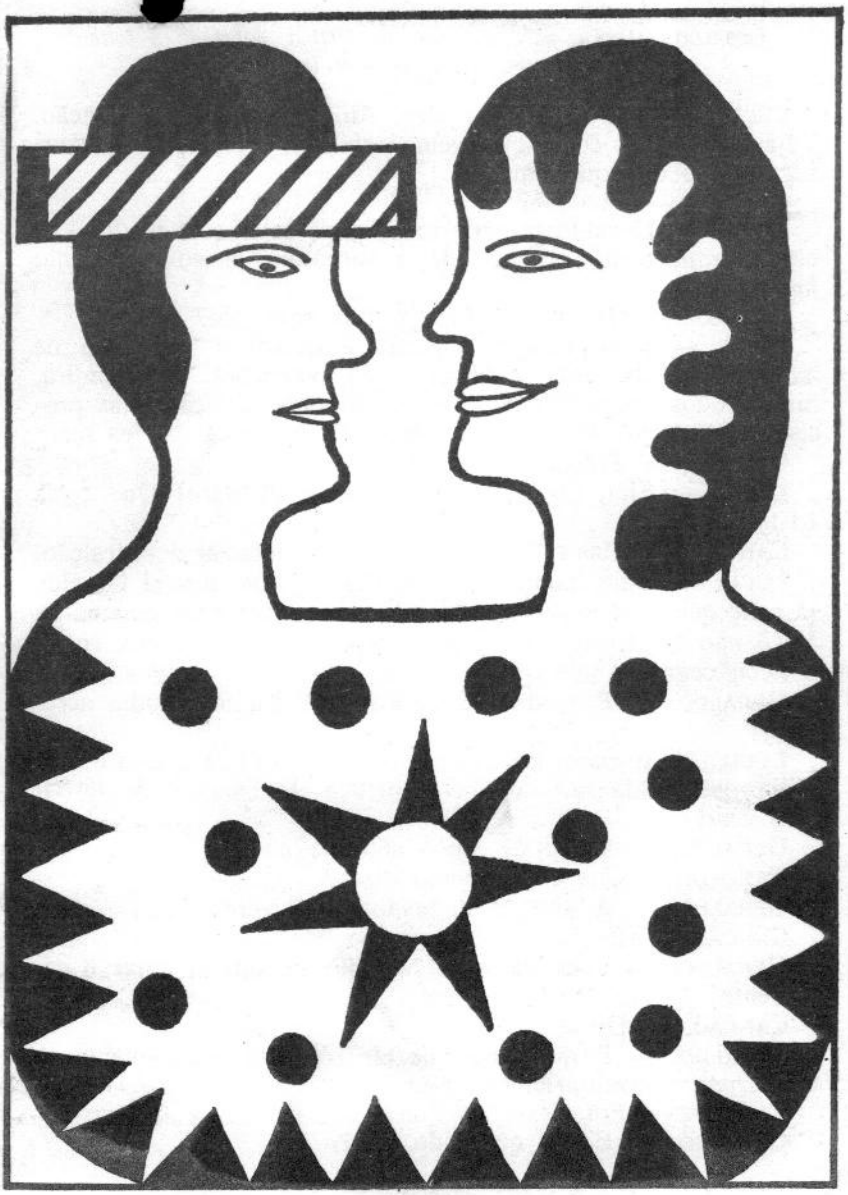
LÚCIA. — E eu sei? Mamãe não quis me dizer do que se tratava direito, para não ferir minha inocência! Era uma coisa horrível, uma história dum cachorro, duns latidos... Parece que era para dizer a você que eu era mesmo que uma cachorra!

GERALDO. — Meu Deus, é possível tanta maldade?

LÚCIA. — Eles combinaram dizer que eu traía você com Roberto. Combinaram dizer que Gaspar tinha me espreitado por trás de uma cortina, aqui. E a sala nem com cortina está, veja!

GERALDO. — Meu Deus! Mas fique descansada, amor, não chore mais! Assim que o juiz voltar, seja a que hora for, o casamento se faz e é de qualquer jeito! E eu não quero ver esses dois nunca mais!

3R DFANESB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 p 628



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 629

LÚCIA avista CANCÃO e GASPAR, que vêm chegando, abraça GERALDO e leva-o para o lugar da cortina, cobrindo a falta da vista dos dois.

LÚCIA. — Meu bem, são eles. Ah, você vem aí, Cancão. Veja, meu filho, como eles vêm contentes! E têm razão, conseguiram o que queriam!

CANCÃO. — Como é?

LÚCIA. — Geraldo já sabe tudo, pode falar sem medo. Vocês tiraram o juiz da cidade e tornaram nosso casamento impossível!

CANCÃO. — *(Inocente.)* Ai e o juiz saiu, foi?

LÚCIA. — Pode tirar a máscara e deixar a hipocrisia de lado. Já se sabe tudo, a história das avaliações, sua mentira, tudo! Todos nós sabíamos que você é pobre, Cancão. Mas precisava fazer essa traição com Geraldo que nunca lhe fez mal?

CANCÃO. — Traição, eu?

LÚCIA. — Sim, você! E por causa de dinheiro! Que coisa triste e feia!

CANCÃO. — Mas espere, eu é que vim denunciar uma traição!

LÚCIA. — Fale, minta, calunie, diga o que quiser! Geraldo já sabe que você estava combinado com o juiz para enganá-lo. Você não se deteve diante de nada, viu o dinheiro na frente e ficou cego!

GERALDO. — É verdade isso, Cancão? Eu mal podia acreditar!

LÚCIA. — É claro, confiante e bom como é! Mas isso é uma coisa que brada aos céus e a justiça de Deus póde tardar mas vem!

GERALDO. — Como é? Você não diz nada?

CANCÃO. — Que é que posso dizer?

GERALDO. — A história da avaliação é verdade?

CANCÃO. — É.

GERALDO. — Você disse ao juiz que eu queria adiar o casamento?

CANCÃO. — Disse.

GERALDO. — E me disse que ele só faria o casamento se eu abrisse o inventário, não foi?

CANCÃO. — Foi.

GERALDO. — E por que tudo isso?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 630

CANCÃO. — Para evitar que esse bando de vigaristas tomasse o que é seu! Para evitar seu casamento com essa desgraça que está aí!

LÚCIA. — Ai, Geraldo, meu amor, eu não lhe disse?

CANCÃO. — Veja esse choro: não há quem diga que é de propósito. Mas essa mulher é a praga pior que já pisou em Taperoá. Não pense que eu sou idiota não, Dona Lúcia! Eu saí, mas deixei Gaspar escondido aqui e ele ouviu tudo!

GASPAR. — Ela é amante desse primo que veio com ela do Recife. Eu ouvi.

LÚCIA. — Você ouviu?

GASPAR. — Ouvi. Os latidos, a história do cachorro, a cachorrada toda!

GERALDO. — Que história absurda é essa?

GASPAR. — Eu não entendi direito não, Geraldo, só ouvia era os latidos e ela dizendo: "Fico toda arrepiada!"

CANCÃO. — Você olhe que Gaspar foi casado três vezes. Pois mesmo assim nunca tinha ouvido falar nas coisas que ouviu, escondido aqui.

LÚCIA. — Mas escondido onde?

CANCÃO. — Aqui, atrás da cortina. *(Boquiaberto.)* Onde está a cortina?

LÚCIA. — Eu é que pergunto: como é que Gaspar ouviu isso por trás de uma cortina que não existe?

CANCÃO. — Mas Geraldo, tinha cortina!

GERALDO. — Não quero ouvir mais nada, não sou idiota não! Nunca ouvi tanta mentira em minha vida! Vou sair, para que vocês saiam de minha casa! Não quero vê-los nunca mais! *(Sai.)*

Entra SUSANA, *como quem estava ouvindo.*

LÚCIA. — E assim, meu caro Cancão, sua manobra falhou. Amanhã, se tiver coragem, venha assistir a meu casamento. Ao civil, pois quando esse tal de Frei Roque chegar, vou convencer Geraldo a se casar ainda hoje no religioso, para me garantir. Aprenda e nunca mais se meta para o meu lado, porque eu sou mais astuciosa do que você.

CANCÃO. — Que é que se pode fazer? Assim é a vida, Dona Lúcia.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 631

LÚCIA. — E tudo isso sem necessidade! Comigo, você só teria a ganhar, eu estava achando você tão simpático!

CANCÃO. — A simpatia era mútua, Dona Lúcia.

LÚCIA. — Você simpatizou comigo?

CANCÃO. — Muito, desde que a senhora chegou.

SUSANA. — Então só tendo sido coisa feita, porque eu também, assim que cheguei, simpatizei logo com Gaspar.

GASPAR. — Pronto!

LÚCIA. — E você jogar fora essa oportunidade! Geraldo, do jeito que é, não desconfiaria de nada. E tudo ficaria tão animado, não era?

CANCÃO. — *(Fascinado, a despeito de si.)* Era!

LÚCIA. — Digo isso com inteira convicção, porque desde que cheguei que vi os olhos que você botava para minhas pernas.

CANCÃO. — Eu?

LÚCIA. — Ih, como ele ficou envergonhado! Tão puro! Não precisa ter vergonha nenhuma, Cancão, é natural isso. Nos lugares mais adiantados ninguém liga, não é, mamãe?

SUSANA. — *(Fascinando* GASPAR.) Claro, claro!

LÚCIA. — Você não olhou? Me diga mesmo! Pode olhar, isso é assim mesmo!

CANCÃO. — *(Num apelo e num aviso.)* Geraldo, Geraldo!

LÚCIA. — Quer saber do que mais, Cancão? Aproveite! Com Roberto aqui e com este sangue que eu tenho, Geraldo vai passar por isso de qualquer maneira! Assim, aproveite, que sua vez é essa!

CANCÃO. — Geraldo!

LÚCIA. — (*Abraçando Cancão.*) Ai, meu Deus, uma cobra!

SUSANA. — (*Abraçando* GASPAR.) Ai, Gaspar, me acuda!

CANCÃO. — *(Absorto.)* A cobra?

GASPAR. — Ah, sim, a cobra!

CANCÃO. — Que é que tem a cobra?

LÚCIA. — Uma cobra ali! Ai, Cancão, tenho horror a cobra!

CANCÃO. — Ah, sim, a cobra!

LÚCIA. — Não é uma cobra não, mamãe? Parece que não. Meu Deus, pensei que fosse! Que coisa horrível, meu coração está batendo que é uma coisa horrorosa! Veja!

CANCÃO. — A cobra?

3R DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 632

LÚCIA. — Não, meu coração! Não fico mais aqui de jeito nenhum, vou para meu quarto. Você me acompanha, Cancão? Não tenho mais coragem de ficar só naquele quarto escuro, horroroso. Venha comigo. Você vem?

CANCÃO. — Vou. *(Num último apelo, enquanto se atira no abismo.)* Geraldo!

Entram no quarto. Clarão de retrato. ROBERTO *entra, muda a lâmpada e o filme, sem que* GASPAR *o veja, e desaparece no outro quarto.*

SUSANA. — Coitada de minha filha, ficou tão nervosa!

GASPAR. — Isso passa, isso passa, Dona Susana!

SUSANA. — E nós? Pau seco não dá embira, nem corda velha dá nó?

GASPAR. — Ai, coisa triste no mundo é ficar na cama só!

SUSANA. — *(Abraçando-o.)* Não é possível, você ainda se lembra. É o amor! Meu Gaspar!

GASPAR. — Dona Susana, quais são suas intenções? Olhe que eu já fui casado três vezes!

SUSANA. — O que se perde no tempo, ganha-se na experiência.

GASPAR. — Menino, é a finada velhaca todinha!

SUSANA. — A essas horas seu amigo deve estar acalmando Lúcia. Que é que você está esperando?

GASPAR. — Dona Susana, mostre o caminho, que por onde a senhora for, eu vou.

Segue SUSANA *como uma virgem de tragédia.* ROBERTO *aparece diante do público e tira o retrato, com clarão e tudo. Entra* LÚCIA, *logo seguida de* CANCÃO.

LÚCIA. — Muito bem, Roberto, você foi um amor. Prezado Cancão, quero lhe comunicar que você agora está em minhas mãos. Roberto fotografou a cena que você teve a gentileza de proporcionar. (*Entram* GASPAR *e* SUSANA.) Seu querido amigo, aqui presente, foi também devidamente fotografado. Qualquer tentativa de impedir o casamento, eu mostro o retrato a Geraldo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 633

CANCÃO. — *(Novamente espantado pelo gênio.)* [illegible]sa mulher é o cão!

LÚCIA. — Obrigada!

CANCÃO. — Mas tem uma coisa, Geraldo não vai gostar nada de ver a noiva dele fazendo o que a senhora fez.

LÚCIA. — No começo eu não fiz um esboço de reação?

CANCÃO. — Fez.

GASPAR. — Dona Susana fez o mesmo comigo.

LÚCIA. — Foi essa parte que Roberto fotografou: "Duas mulheres indefesas resistindo aos assaltantes de sua honra!" A outra parte, ficou entre nós. Mamãe como se foi?

SUSANA. — Para falar a verdade, vocês não deram tempo, tive que ficar na reação.

LÚCIA. — Que espírito de sacrifício, poucas mães teriam tanto! Você vem comigo?

ROBERTO. — Vou.

LÚCIA. — Então, adeusinho. E sejam felizes. (*Sai com* ROBERTO.)

SUSANA. — Gaspar, lamento. Mas nós vimos você na cortina: você tremeu um pouco e isso descobriu o jogo de vocês.

CANCÃO. — Eu sabia que você tinha feito alguma besteira!

SUSANA. — Agora, além do mais, essa pressa. Lamento, Gaspar, lamento muito!

GASPAR. — Eu mais ainda, Dona Susana!

SUSANA. — Mas nestas circunstâncias, você compreende, nós não podemos facilitar. Enfim... Até loguinho! *(Sai.)*

CANCÃO. — Então?

GASPAR. — Então o quê? O sabido não é você?

CANCÃO. — Mas você tremer numa hora dessa, homem?

GASPAR. — E você não sabia que eu era frouxo? Por que me botou no fogo? Eu nunca contei vantagem, o valente é você! Mas quando chega o aperto, corre, quem fica de vigia sou eu! Eu que fique atrás da cortina, eu que leve as lapadas...

CANCÃO. — É verdade, desculpe, companheiro. Quantas lapadas levou?

GASPAR. — Sei lá, bem oito!

CANCÃO. — Não se incomode não, vamos devolver uma por uma.

GASPAR: — Você não se dá por vencido, não?

CANCÃO. — De jeito nenhum!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0624, p. 634

GASPAR. — E os retratos?

CANCÃO. — Essa mulher é o cão, mas se você promete me ajudar...

GASPAR. — Eu não prometo nada.

CANCÃO. — Você vai abandonar Geraldo nas garras dessa peste?

GASPAR. — Ele não me botou pra fora de casa?

CANCÃO. — Você precisa levar em conta que com essa mulher não há quem possa!

GASPAR. — Homem, a tirar pela mãe, é mesmo. Que é que você vai fazer?

CANCÃO. — Vou ver se tenho uma conversa com Frei Roque, pra dar um jeito no casamento religioso de Geraldo.

GASPAR. — Rapaz, Frei Roque é um santo, mas é duro que Ave-Maria! É preciso cuidado, Cancão, a gente vai topar Frei Roque e minhas três mulheres de uma vez só.

CANCÃO. — Por que você diz isso?

GASPAR. — Porque a filha eu não sei, quem foi com ela foi você. Mas a velha, pelo menos até onde eu pude ir, é uma mistura da finada safada, da finada velhaca e da finada cachorra da molest'a. *(Saem.)*

FIM
DO PRIMEIRO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 635

SEGUNDO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p.636

A mesma sala do primeiro ato. Entram CANCÃO, GASPAR *e* FREI ROQUE. *Este fala com pronunciado sotaque estrangeiro.*

CANCÃO. — Quer dizer então que São Francisco era ali na exata, não era, Frei Roque?

FREI ROQUE. — São Francisco foi o santo mais na exata da Igreja Católica. Mas onde está Geraldo, que você ainda não disse?

CANCÃO. — Mas era homem virtuoso mesmo?

FREI ROQUE. — São Francisco foi o homem mais virtuoso da Europa.

CANCÃO. — Era caridoso? Dava muita esmola?

FREI ROQUE. — Ah, num dia só dava mais esmola do que a Europa toda em dez anos.

CANCÃO. — Mas era homem de coragem?

FREI ROQUE. — De coragem?

CANCÃO. — Sim, era homem valente?

FREI ROQUE. — São Francisco foi o santo mais valente da Igreja Católica.

CANCÃO. — Mas era homem para quebrar a cara dum?

FREI ROQUE. — Cancão, São Francisco era homem para o que desse e viesse!

CANCÃO. — Como é que o senhor sabe?

FREI ROQUE. — E como é que você não sabe?

CANCÃO. — Eu não acredito nessas coragens escondidas não, sabe, Frei Roque? Se ele tivesse sido macho mesmo, a gente terminava sabendo. Pelo menos uma cara ele teria quebrado.

FREI ROQUE. — Ó Cancão, sabe do que mais? É capaz dele ter quebrado!

CANCÃO. — Frei Roque!!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p.637

FREI ROQUE. — Eu não tenho certeza não, mas antes de ser santo é capaz dele ter quebrado aí a cara de algum safado.

CANCÃO. — Ai e ele não foi santo logo não?

FREI ROQUE. — São Francisco? São Francisco foi o maior desordeiro da Europa. E é bem possível que nesse meio algum desordeiro tenha se metido a besta para São Francisco e São Francisco pegava o cabra assim pela gola e dizia: "Desordeiro, você agora vai ver quem é São Francisco!" *(Agarra* GASPAR *e vai demonstrando com ele.)* E metia-lhe a tapa na cara! Abria a mão assim e lapo!

GASPAR. — Ai, Frei Roque!

FREI ROQUE. — Pegava o sujeito assim, fechava a mão lá dele e lapo.

GASPAR. — Ai, Frei Roque! Assim eu morro!

FREI ROQUE. — Está aí, viu? Isso é pra não se meter a besta e não querer desmoralizar os santos da Igreja Católica!

GASPAR. — Mas o que foi que eu fiz, pelo amor de Deus?

FREI ROQUE. — Oh, Gaspar, como é que vai? Você estava aí, meu filho? Como vai?

GASPAR. — *(De mau humor.)* Bem. Está com a gota serena, é?

CANCÃO. — Ó Frei Roque! E dedicado? São Francisco era muito?

FREI ROQUE. — São Francisco foi o santo mais dedicado da Igreja Católica.

CANCÃO. — Confessou muito? Deu muita extrema-unção?

FREI ROQUE. — Com aquela atividade dele, deve ter dado mais extrema-unção do que todos os outros santos da Europa, juntos.

CANCÃO. — Acho que São Francisco era incapaz de se recusar a atender um chamado para dar extrema-unção.

FREI ROQUE. — Também acho, Cancão. Podia ser longe como fosse, São Francisco ia.

CANCÃO. — De carro?

FREI ROQUE. — E tinha carro naquele tempo? Ele ia era a cavalo. E lhe digo mais: São Francisco gostava tanto de fazer sacrifício que era capaz de ir a pé. Mas que interesse por São Francisco é esse de repente? Foi me esperar na chegada, haja pergunta, não me deixa procurar Geraldo... Que é que há?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 638

CANCÃO. — Eu fui esperar o senhor a mando desse Roberto Flávio que veio com a noiva de Geraldo. É para dar uma extrema-unção, Frei Roque.

FREI ROQUE. — Mas agora, Cancão?

CANCÃO. — Assim ele mandou dizer.

FREI ROQUE. — E onde é?

CANCÃO. — Daqui a cinco léguas, perto do Pico.

FREI ROQUE. — Nossa Senhora, no Pico, Cancão? Mas eu cheguei de Campina agora, são mais de vinte léguas!

CANCÃO. — Foi o que eu disse. Mas Roberto Flávio fez questão de transmitir o chamado. Fiquei até espantado, porque parece que ele não liga nada à religião.

FREI ROQUE. — Está-se vendo, um miserável desse! E onde está o carro?

CANCÃO. — Frei Roque, o carro de Herotides foi levar o juiz para uma diligência.

FREI ROQUE. — E como é que eu vou?

CANCÃO. — Foi o que eu disse, mas Roberto Flávio aconselhou o rapaz a alugar um cavalo para o senhor.

FREI ROQUE. — Mas minha Nossa Senhora, cinco léguas a cavalo, na boca da noite, depois de vinte no ônibus de Salustino?

CANCÃO. — Eu disse que era absurdo, mas Roberto Flávio garantiu que isso não era nada para um filho de São Francisco.

FREI ROQUE. — Não é nada! Não vê que quem vai é pobre de Frei Roque?

CANCÃO. — Quer dizer que o senhor não vai não? Acho que não vale a pena mesmo não, um defunto safado, desse de pé-de-serra...

FREI ROQUE. — Ah, Cancão miserável, falando da defuntência dos outros mais pobres do que ele! Pois agora eu vou, sabe? Mas vou da raiva em que estou, está ouvindo? Onde está o cavalo? Pelo menos essa desgraça presta?

CANCÃO. — É Pêlo-Fino, Frei Roque.

FREI ROQUE. — Pêlo-Fino? Não diga, Cancão! Sabe que essa extrema-unção vai ser até animadinha? Só estou com pena por causa do pobre do defunto.

CANCÃO. — É mesmo, a morte é tão ruim, não é, Frei Roque?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 639

FREI ROQUE. — Sei não, Cancão, eu nunca morri... A morte pode ser ruim mas a galopadinha vai ser boa. Você sabe quem é o defunto?

CANCÃO. — É Severino Emiliano, Frei Roque. Seus paramentos estão aqui.

FREI ROQUE. — Então me dê, obrigado. E com a vontade que eu estou de dar uma galopada, Pêlo-Fino que se agüente. Adeus, Gaspar. Adeus, Cancão.

CANCÃO. — Até logo, Frei Roque, Deus o leve. *(Sai Frei Roque.)* Só um santo mesmo! Cinco léguas a cavalo numa hora dessa! É um santo!

GASPAR. — É, mas quando esse santo descobrir a mentira! Por que você inventou essa confusão toda?

CANCÃO. — Com a história do suplente, o casamento civil de Geraldo pode se fazer. Mas com Frei Roque fora, quero ver como é que essa mulher casa com ele no religioso.

GASPAR. — Nossa Senhora! Cancão, você vai se meter no inferno! E termina me levando também! Agora, ainda por cima, Dona Guida vai ficar contra nós.

CANCÃO. — Nada! Você trouxe o alicate que eu pedi?

GASPAR. — Trouxe. Você vai arrancar os dentes de Dona Guida, é?

CANCÃO. — Ainda mais essa, esse Gaspar tem cada uma! Arrancar os dentes de Dona Guida, pra quê?

GASPAR. — Na dor, ela se distraía por ali e deixava a gente de lado.

CANCÃO. — E como é que eu ia convencer Dona Guida a arrancar os dentes?

GASPAR. — É mesmo. O que é que você vai fazer?

CANCÃO. — Vou cortar o fio da luz aqui. Já está escurecendo e daqui que descubram onde é o defeito, tenho ambiente para fazer o que quero. Deixe tudo a meu cuidado.

Corta o fio; a luz baixa. Os dois se retiram a um canto. Entram LÚCIA, SUSANA *e* ROBERTO, *com um candeeiro.*

LÚCIA. — A luz está no fim, que foi? Quem está aí? Quem é?

CANCÃO. — É Cancão, Dona Lúcia, Cancão e Gaspar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 640

LÚCIA. — Se Geraldo encontrar vocês... Vieram impedir o casamento de novo? Você não conseguirá nada. O frade chegou: eu convenci Geraldo a casar no religioso ainda hoje e o civil será amanhã, quando o juiz chegar.

CANCÃO. — Dona Lúcia, Frei Roque chegou mas saiu da cidade para fazer uma extrema-unção.

SUSANA. — Miserável! Foi você!

CANCÃO. — Eu vim propor um negócio: com o retrato, o casamento de Geraldo é coisa resolvida. Assim, quero ver se pelo menos volto a ser avaliador, porque Geraldo me demitiu. Só quem sabe onde está Frei Roque a essa hora sou eu. Mas é um lugar perto da cidade. Se entrarmos num acordo, eu faço o casamento ainda hoje, tanto o civil como o religioso.

LÚCIA. — Como, se o juiz também saiu?

CANCÃO. — Só digo se a senhora arranjar a avaliação e minha reconciliação com Geraldo.

LÚCIA. — Estou com medo de seus negócios, Cancão.

CANCÃO. — Com o retrato, não há nada a temer.

LÚCIA. — Vocês o que é que acham?

ROBERTO. — Sou pelo acordo. O dinheiro está no fim e, se o casamento for feito hoje, estamos garantidos.

LÚCIA. — Pois venha de lá esse acordo. Como é que se faz o casamento civil?

CANCÃO. — Com o suplente do juiz, Fragoso.

LÚCIA. — E existe isso aqui?

CANCÃO. — Existe. Está meio adoentado, levou uma queda de cavalo e está com o rosto enfaixado, mas se a gente der dinheiro a ele, vem.

LÚCIA. — Eu quero uma garantia, Cancão.

CANCÃO. — A garantia será dada por eles, Frei Roque e o suplente. A senhora me reconcilia com Geraldo?

LÚCIA. — Reconcilio, mas a avaliação eu só arranjo depois do casamento. Com você eu não facilito mais. E tem uma coisa: os retratos estão aqui.

CANCÃO. — É o primeiro retrato que tiro na vida. Eu fiquei até bem. Gaspar é que é feio que só a peste! Ave Maria, parece um cavalo. Está bem, Dona Lúcia, estamos entendidos. Gaspar, vá buscar o suplente. (*Sai* GASPAR.) O juiz fica indignado quando o suplente Fragoso faz casamento na ausência dele, por causa das custas. Mas eu disse que Dona Lúcia

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p-641

pagaria as custas no dobro, uma para o suplente, outra para o juiz. Com o casamento civil feito, vou buscar Frei Roque.

LÚCIA. — O frade não interessa. Mas como Geraldo faz questão, vou me submeter àquela encenação. Saia, ele vem aí, vou preparar o terreno.

CANCÃO. — Prefiro ficar, quero ouvir o que a senhora diz.

LÚCIA. — Que homem desconfiado! Está certo, fique aí. (*A* GERALDO, *que vem entrando com* DONA GUIDA.) Geraldo, estou tão feliz! Você não pode imaginar o que aconteceu.

GERALDO. — Que há?

LÚCIA. — Cancão está arrependido do que fez conosco e veio se desculpar.

GERALDO. — Não, minha filha, não quero ver Cancão nunca mais. Trair-me daquela maneira!

LÚCIA. — Você deve levar em conta a situação em que seus amigos vivem, meu filho. Quem vive como eles não pode ter os padrões morais de nossa classe.

GERALDO. — E além de tudo o atrevimento de estar olhando para você como ele fez!

LÚCIA. — Meu filho, o pobre me explicou tudo, a culpa foi minha. Ele não estava habituado a ver gente vestida assim e ficou olhando. Eu, que não esperava isso, fiquei pensando que era má intenção. Coitado, ele ficou tão agoniado!

GERALDO. — É verdade?

LÚCIA. — O que acontece é que eu sou muito zelosa nessas questões e às vezes me excedo um pouco. Fiquei de coração apertado por ter causado essa separação entre você e seus amigos. E ele nos fez um favor tão grande para mostrar seu arrependimento...

GERALDO. — Que foi?

LÚCIA. — Frei Roque já chegou. Sabendo disso, Cancão foi procurar o suplente do juiz.

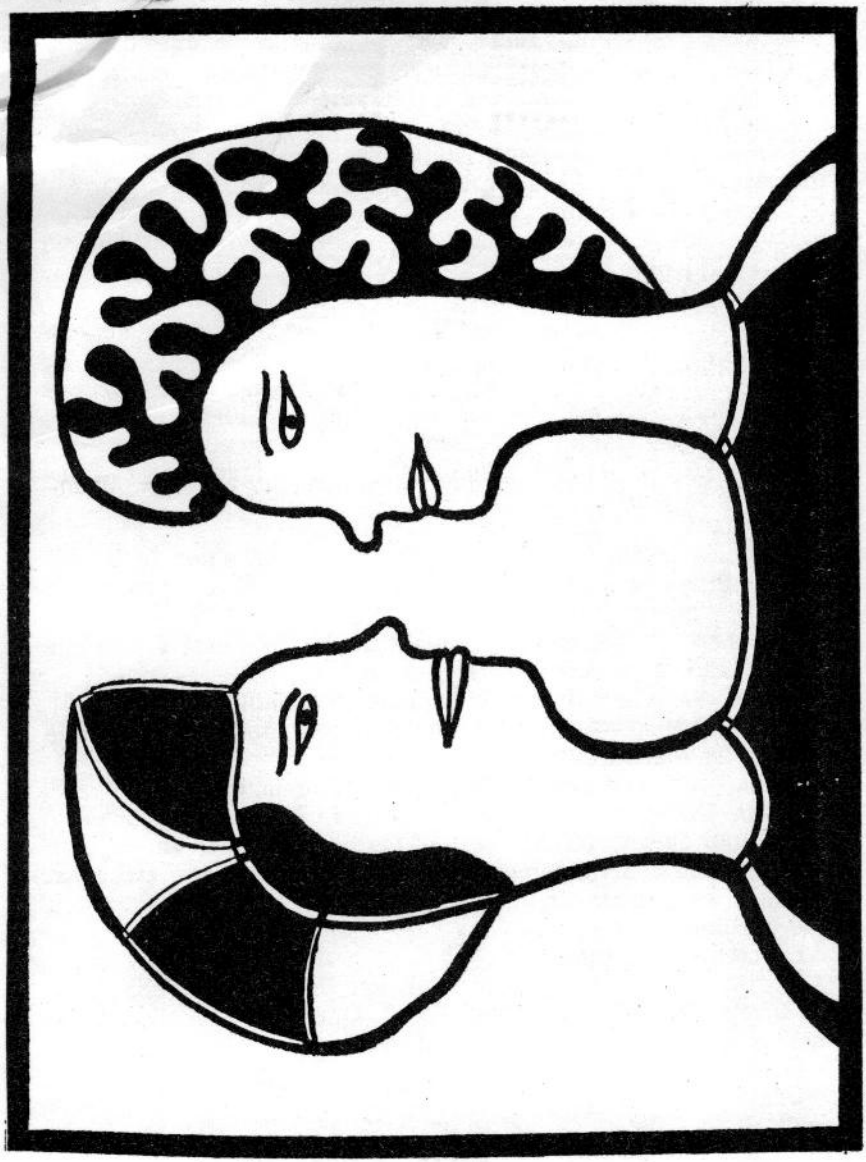
GERALDO. — Fragoso! Mas ele está de cama.

LÚCIA. — Ele prometeu que vinha. Eu acho esse casamento assim dividido tão sem jeito... Tudo podia se resolver ainda hoje, o civil e o religioso, dependendo, é claro, de você e de Tia Guida.

GERALDO. — E onde está Cancão?

CANCÃO. — *(Avançando.)* Aqui, Geraldo.

ER DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 642



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE: 0674, p. 643

DONA GUIDA. — Que é isso? O que é que estão combinando desde hoje?

CANCÃO. — Dona Guida, não se zangue comigo não.

DONA GUIDA. — Ouvi dizer que você estava combinando com aquele ladrão para roubar Geraldo, é verdade?

CANCÃO. — É, Dona Guida.

DONA GUIDA. — Nunca eu poderia acreditar, se outro me dissesse. E o que é que você está combinando aí, ladrão?

CANCÃO. — Pronto, entrei nas brincadeiras do juiz! (*Alto, a* DONA GUIDA.) Estou aqui dizendo que arranjei o casamento de Geraldo ainda hoje.

DONA GUIDA. — De novo? Sem os banhos?

CANCÃO. — Fica tudo regularizado, Dona Guida. O suplente vem fazer o casamento.

DONA GUIDA. — Fragoso? Outro ladrão, igual ao juiz e a você. E descobri mais essa: você, além de ladrão, é safado!

CANCÃO. — Dona Guida sempre com brincadeira!

DONA GUIDA. — Brincadeira! Quem é a favor desse casamento é safado!

GERALDO. — Mamãe!

LÚCIA. — Não, Geraldo, é melhor que você saiba logo. Ela me humilha assim porque eu sou pobre. Tia Guida pensa que o que eu quero é seu dinheiro.

GERALDO. — Ah, dinheiro amaldiçoado! Não está vendo que mamãe não ia pensar isso, meu amor?

LÚCIA. — Não ia! Todos os atos dela indicam isso!

DONA GUIDA. — O que é que os meus atos indicam? Fale aí, cabrita malcriada!

GERALDO. — Mamãe, isso também é demais!

DONA GUIDA. — É demais? Pois vá. Faça seu casamento, aja como quiser, eu não estou me incomodando mais com nada. Quando terminarem, avisem: eu quero sair de casa. Quando se arrepender, também, mande dizer. Porque aí eu quero voltar. (*Sai.*)

GERALDO. — Mamãe...

LÚCIA. — Meu Deus, como fui mal interpretada! Ela falou em arrependimento, em abandono... Quem sabe? Talvez fosse melhor nós acabarmos este casamento!

GERALDO. — Mas meu bem!

LÚCIA. — Ela suspeitará sempre de mim. Você prefere acabar?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 644

GERALDO. — Não, nunca! Mas isso de mamãe passa!

LÚCIA. — Passará mesmo, Geraldo? Não sei. Mas, para evitar qualquer suspeita, nós nos casaremos com separação de bens.

GERALDO. — Lúcia!

LÚCIA. — Se você não aceita, prefiro romper!

GERALDO. — Então está bem. Envergonho-me do que minha mãe fez! Mas se houvesse um jeito dela concordar...

CANCÃO. — Frei Roque concorda e Dona Guida assina em cruz tudo o que ele diz. Deixe por minha conta que eu ajeito isso, Geraldo.

GERALDO. — Agora sim, estou vendo de novo meu velho Cancão. Venha de lá esse abraço!

CANCÃO. — Vá dizer a Dona Guida a opinião de Frei Roque. Diga que o frade chega já para confirmar tudo. E venha, que Fragoso não tarda.

GERALDO. — Está bem. *(Sai.)*

CANCÃO. — Muito bem, Dona Guida, agora a avaliação.

LÚCIA. — Primeiro o casamento. Ruim foi essa separação de bens, mas era preciso impressionar o rapaz.

CANCÃO. — A gente dá um dinheirinho ao suplente e, no contrato, em vez de "separação de bens" ele bota "comunhão de bens".

SUSANA. — Mas quando se fizer a leitura, Geraldo notará.

CANCÃO. — Geraldo não presta atenção a nada, Dona Lúcia ajeita isso, com um daqueles abraços de cobra.

ROBERTO. — Mas quanto teremos que dar?

CANCÃO. — Mil, eu acho que dá.

LÚCIA. — Quanto ainda lhe resta, mamãe?

SUSANA. — Duzentos e cinqüenta.

LÚCIA. — Roberto tem seiscentos que eu dei a ele. Você acha que dá?

CANCÃO. — Vamos ver, nessas coisas a Justiça não transige. E aí vem Fragoso, juiz de Direito na ausência do titular, substituto de tabelião, fanhoso, gago e comerciante de miudezas nas horas vagas.

Entra MANUEL GASPAR, *vestido de toga e com o rosto inteiramente coberto de gaze e esparadrapo, de modo a que o público não o reconheça.*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 645

GASPAR. — Senhores, despachemo-nos. Vou proceder à leitura do contrato.

CANCÃO. — Um momento, Doutor Fragoso. Ali onde diz "sendo feito o casamento pelo regime, etc.", nós queríamos que o senhor colocasse "pelo regime de comunhão de bens".

GASPAR. — Mas meu caro Cancão, isso é feito pelo noivo, na sua presença!

CANCÃO. — Doutor, a gente lhe dá oitocentos e cinqüenta, pra isso.

GASPAR. — Mas oitocentos e cinqüenta, Cancão? Está tudo tão caro!

CANCÃO. — O que se arranjou foi isso, Doutor. O mais que se pode fazer é eu mesmo entrar na cota.

GASPAR. — Ah, então faltava você! Quem não fala, Deus não ouve! Quanto significa isso?

CANCÃO. — Oitenta.

GASPAR. — Total?

LÚCIA. — Novecentos e trinta.

GASPAR. — Vá lá. É pouco, mas como são hóspedes não quero desmoralizar a hospitalidade sertaneja. Cancão, queira servir de escrevente e colocar a palavra em questão.

CANCÃO. — "Pelo regime... pelo regime... de comunhão de bens". Muito bem, agora só falta o noivo.

GASPAR. — Chamo sua atenção para a outra parte do acordo.

CANCÃO. — Que outra parte?

SUSANA. — Os novecentos.

GASPAR. — Os novecentos, não, os novecentos e trinta.

CANCÃO. — Ah, é verdade, que distração a minha! Bem, o resto fica a cargo de vocês.

GASPAR. — *(Não se dominando.)* Cancão, eu gostaria tanto que você ficasse!

CANCÃO. — Não é possível que eu faça um casamento melhor do que um juiz!

ROBERTO. — Você não fica?

CANCÃO. — Vou buscar Frei Roque para ele convencer Dona Guida e fazer o religioso. Até já e felicidades. *(Sai.)*

LÚCIA. — Bem, se estamos nesse ponto, vá buscar o noivo, mamãe. (*Sai* SUSANA.)

ROBERTO. — Chegou a hora. Tanto lutamos por isso, mas quando chega o momento... Você vai casar e me esquecer.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 .p 646

LÚCIA. — Que é isso? Está triste? Por você eu faço tudo! Vá me procurar hoje à noite!

ROBERTO. — Hoje, Lúcia?

LÚCIA. — Hoje, por que não? Acharei jeito de despachar aquele idiota.

ROBERTO. — Mas Lúcia, Geraldo pode desconfiar!

LÚCIA. — Aquilo é uma besta!

ROBERTO. — Está certo. Onde, então?

LÚCIA. — Aqui mesmo. Mando o marido para o quarto e venho. Está combinado?

ROBERTO. — Está.

Entram SUSANA *e* GERALDO.

GASPAR. — As partes estão presentes?

GERALDO. — Estão.

GASPAR. — Então vamos ao ato. "Eu, João Pinto Barbosa de Carvalho Falcão, escrivão do registro civil de casamentos, em virtude da lei etc., etc... certifico que a flis"...

LÚCIA. — A flis?

GERALDO. — É "a folhas", Doutor Fragoso.

GASPAR. — Eu sei, eu sei. Não interrompam a suplência da autoridade. "Certifico que a folhas 144 verso, do livro número 36, foi feito hoje o assento do matrimônio"... Engraçado isso, assento do matrimônio. Não sabia que matrimônio tinha assento não, mas como está no livro, eu boto. "O assento do matrimônio de Geraldo Queirós da Mota Vilar e" ... E quem?

LÚCIA. — Lúcia Renata Pereira da Silveira.

GASPAR. — Lúcia Renata Pereira da Silveira. Engraçado, isso.

LÚCIA. — Engraçado por quê?

GASPAR. — É rimado, como verso. Mas se é assim, eu boto. "O assento de matrimônio de Geraldo Queirós da Mota Vilar e Lúcia Renata Pereira da Silveira, contraído"... Está, pode ser exagero, mas que é engraçado é. Contraído, casamento civil é feito febre tifo, contrai-se. Mas como está no livro, eu boto. "Contraído perante etc., etc., e sendo feito o casamento pelo regime de comunhão"...

LÚCIA. — (*Abraçando* GERALDO.) Meu bem!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 647

GERALDO. — Que é?

LÚCIA. — Estou tão emocionada!

SUSANA. — (*A* GASPAR.) O acordo, idiota!

GASPAR. — Hein? Ah, sim, foi a embalagem! Tudo está esclarecido. "Sendo feito o casamento pelo regime de separação de bens."

GERALDO. — Mas minha filha, você fez questão mesmo?

SUSANA. — Que desprendimento! É um anjo!

GASPAR. — Queiram assinar todos. Noivo... Noiva... Primeira testemunha... Segunda testemunha... Senhores, meus parabéns a todos. *(Abraça* GERALDO *e sai.)*

LÚCIA. — E então? Que cara é essa? Não me beija, não me diz nada... Está triste com a coleira?

GERALDO. — Nada, mas você há de ter notado que minha mãe não veio.

LÚCIA. — Cancão foi buscar Frei Roque e, com os conselhos dele, Tia Guida abranda. Olhe lá!

Entra CANCÃO, *vindo do interior, empurrando a cadeira de* DONA GUIDA, *vestido como* FREI ROQUE, *com barbas postiças e imitando seu sotaque.*

DONA GUIDA. — Quer dizer então que agora o senhor aderiu à safadeza?

CANCÃO. — Não, Dona Guida, mas é preciso encarar a realidade. O negócio já está feito. A moça veio, é uma moça boa, ficou na casa do noivo, o povo pode falar. É uma coisa que São Francisco não gosta, nem São Francisco nem a Igreja Católica.

DONA GUIDA. — E como é que você sabe que a moça é boa, Frei Roque?

CANCÃO. — Cancão não me contou a história do casamento com separação de bens?

DONA GUIDA. — Casamento com separação de bens? Que é isso?

CANCÃO. — Essa moça que é boa! Para ninguém pensar que era interesse dela, quis casar com separação de bens. Coisa muito bonita, São Francisco gosta e a Igreja Católica também!

DONA GUIDA. — Essa, eu só acredito vendo!

BRDFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 648

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 649

GERALDO. — Pois veja, mamãe! O livro está ali!

DONA GUIDA. — Não chamei você aqui! Frei Roque, leia o livro!

Aflição de LÚCIA, SUSANA *e* ROBERTO.

CANCÃO. — Pois não, é já!

LÚCIA. — *(Chorando, para evitar a leitura.)* Ah, Geraldo, até disso sua mãe desconfia!

CANCÃO. — Pobrezinha! Dona Guida, francamente! São Francisco não gosta disso de jeito nenhum. Francamente! Você viu o livro, Geraldo?

GERALDO. — Vi, Frei Roque, ouvi a leitura, tudo!

CANCÃO. — *(Pegando o livro, mas sem ler.)* Olhe aí, está aí.

DONA GUIDA. — Leu?

CANCÃO. — E então? Separação de bens, está vendo? Geraldo ouviu tudo! Moça muito boazinha, muito desprendida! São Francisco gosta muito disso!

DONA GUIDA. — Então eu estava enganada. Confesso que nunca esperei isso.

GERALDO. — E concorda com o casamento?

DONA GUIDA. — (*A* CANCÃO.) O senhor se responsabiliza?

CANCÃO. — Pois não, sem nenhuma dúvida. Por mim e por São Francisco.

DONA GUIDA. — Então vá lá!

GERALDO. — Graças a Deus! Lúcia, venha cá, mamãe vai nos abençoar. (*Ajoelham-se diante de* DONA GUIDA.)

DONA GUIDA. — *(De mau humor.)* Deus os abençoe.

CANCÃO. — Ótimo, ótimo, vamos ao casamento, o sacristão chegou. *(Entra* GASPAR, *vestido comumente.)* Gaspar, venha me ajudar. *(Entrega-lhe a corda, que trouxe na cintura, à guisa de cordão.)* Isso aqui é o cordão de São Francisco. Meu casamento é feito pela Igreja de São Francisco, tudo na lei dele. Quem é a primeira testemunha?

ROBERTO. — Eu.

CANCÃO. — Você fica aqui, perto do sacristão.

ROBERTO. — Pra quê?

CANCÃO. — Para tomar parte no rito. Comigo é tudo do jeito que São Francisco fazia.

ROBERTO. — Mas eu não sei fazer nada!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0614, p 650

CANCÃO. — Você não precisa fazer nada, o sacristão Gaspar se encarrega de tudo.

GASPAR. — E para que é esse cordão, Frei Roque?

CANCÃO. — Você fica aqui e cada vez que disser "Amém", dá uma lapadinha nas costas dele.

ROBERTO. — Isso é ridículo!

CANCÃO. — A lapadinha é pequena!

ROBERTO. — Não me submeto de modo nenhum!

CANCÃO. — Então não se faz o casamento! *(Senta-se e cruza os braços.)* Ou se faz como São Francisco mandava, ou não se faz de jeito nenhum!

LÚCIA. — Roberto, é somente uma formalidade.

ROBERTO. — Então está certo. Mas isso demora?

CANCÃO. — Não, é já. "Oremus. Propitiare, Domine, bero-bero, bero-bero, bero-bero, dura lex sed lex, Geraldus et Lucia, per omnia saecula saeculorum."

GASPAR. — Amém.

Dá uma lapada em ROBERTO. *O «bero-bero» é feito à vontade do ator, imitando um latim engrolado de sacristão, com pausas, suspiros, tudo disparado.*

ROBERTO. — Ai!

GASPAR. — Eu dei devagar!

CANCÃO — Deve ter pegado de mau jeito. "Geraldus et Lucia bero-bero, bero-bero, bero-bero, per omnia saecula saeculorum."

GASPAR. — Amém.

ROBERTO. — Olhe como dá, idiota!

GASPAR. — Que foi?

ROBERTO. — Eu não fico mais aqui de jeito nenhum!

CANCÃO. — Então não se faz o casamento! *(Senta-se de novo.)*

SUSANA. — Roberto, fique!

GERALDO. — Faça esse sacrifício por nós, companheiro. Frei Roque é cheio dessas coisas!

ROBERTO. — Está bem. Ainda demora?

CANCÃO. — É já. "Dominus vobiscum, bero-bero, bero-bero, bero-bero, Geraldus et Lucia per omnia saecula saeculorum."

GASPAR. — Amém.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p.651

CANCÃO. — *(Disparado, para não dar tempo a queixas.)* Bero-bero, bero-bero, errare humanum est.

GASPAR. — Amém.

CANCÃO. — Dominus vobiscum.

GASPAR. — Amém.

CANCÃO. — Dura lex sed lex.

GASPAR. — Amém.

CANCÃO. — Geraldus et Lucia per omnia saecula saeculorum.

GASPAR. — Amém, amém.

ROBERTO. — Ai! Eu...

CANCÃO. — Pronto, pronto! Terminou, estão casados.

DONA GUIDA. — Já?

CANCÃO. — Já. Padre que não despacha depressa, nem sabe latim nem São Francisco gosta.

DONA GUIDA. — E a prática? Casamento sem prática pra mim não vale.

CANCÃO. — Não seja por isso, é já. Lúcia, Geraldo, sejam bonzinhos, tenham vergonha, pronto, São Francisco gosta, Deus também gosta, dá tudo certo. Até logo, sejam felizes.

DONA GUIDA. — Pronto? É só isso?

CANCÃO. — O resto é parapapá, eu não estou pra isso não! Vou buscar a bagagem que deixei no hotel de Dadá. Até amanhã. *(Sai.)*

LÚCIA. — Meu amor, estou tão emocionada...

GERALDO. — Eu também, a cerimônia foi linda. Mamãe...

DONA GUIDA. — Está certo, está certo. Felicidades, Deus os abençoe. Casaram, sejam felizes. E vamos à festa.

SUSANA. — Guida, minha prima! Tão delicada! Você teve essa atenção com minha filha, amor?

DONA GUIDA. — Com sua filha, não, amor, com meu filho, viu? Vamos. (*Saem* GERALDO, LÚCIA, ROBERTO e DONA GUIDA.)

SUSANA. — Gaspar, querido Gaspar! Estou tão emocionada! *(Abraça-o.)*

GASPAR. — Ai, ai, ai! Quais sãos suas intenções?

SUSANA. — Você não está comovido não? Que coração de pedra! Eu devia ficar zangada, principalmente porque estou vendo as suas muito bem. O que você quer é terminar aquilo que começou.

GASPAR. — Dona Susana, eu não disse nada.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 652

SUSANA. — Ah, é assim? Além de maldoso, é hipocritazinho, hein? Pois, por castigo, eu concordo em terminar. Que acha?

GASPAR. — Dona Susana, a essa altura dos acontecimentos, eu me entrego à minha sorte.

SUSANA. — Vamos então aproveitar a escuridão. Quando todo mundo estiver deitado, venha cá. Eu deixarei a porta da frente encostada, com a luz assim, ninguém verá nada. Está bem?

GASPAR. — Está ótimo.

SUSANA. — Então até lá, ingrato, coração de pedra, bandido que assaltou meu coração.

GASPAR. — Até lá, safada, alma de serrote, ladrona que roubou minha solidão!

Sai SUSANA. CANCÃO *entra, vestido normalmente.*

CANCÃO. — Então? Tudo em paz?

GASPAR. — Tudo em paz, ninguém desconfiou de nada.

CANCÃO. — E o latim como saiu?

GASPAR. — Passou perfeitamente. Mas quando Frei Roque chegar, minha Nossa Senhora! E eu, ainda por cima, me meti noutra enrascada, Cancão.

CANCÃO. — Que foi, homem de Deus?

GASPAR. — Meti-me de novo com a velha e marquei um encontro com ela aqui. Ela vai deixar a porta aberta e eu venho.

CANCÃO. — Mas como foi isso, homem?

GASPAR. — Sei lá! Veio com um negócio de bandido, coração de pedra, não sei o que, quando eu vi estava pegado.

CANCÃO. — Pois quando você vier, eu venho também.

GASPAR. — Não senhor! Que é que você tem com isso?

CANCÃO. — É preciso abrir os olhos de Geraldo.

GASPAR. — Está certo. Mas uma coisa eu lhe digo: não me atrapalhe! Dessa vez, eu vejo até onde aquela mulher vai. E tem uma coisa: vou até o fim e é com retrato ou sem retrato! *(Saem.)*

FIM
DO SEGUNDO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 653

TERCEIRO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 654

A mesma sala. Barulho de festa, fora. Ainda com a luz baixa: já anoiteceu completamente. Entram CANCÃO, GASPAR *e* ROBERTO FLÁVIO.

CANCÃO. — Você pode não ter ido com a cara dele, mas Frei Roque é um santo.

ROBERTO. — Pode ser santo como for. Agüentei tudo calado por causa de Lúcia e do casamento, mas agora quero que ele me venha com essa Igreja de São Francisco pra ver uma coisa!

CANCÃO. — Para conquistá-lo o negócio é elogiar a Igreja de São Francisco. Ele diz sempre que existem duas Igrejas: uma é a católica, dos católicos comuns, como eu e você.

ROBERTO. — Como eu, não. Sou um espírito emancipado.

CANCÃO. — Pois então como eu e Gaspar. Essa é a Igreja comum, dos católicos safados. A outra é a Igreja de São Francisco, a Igreja dos santos. Diz ele que somente esta é a que importa. Você devia ter arranjado para ele uma dessas cerimônias que a Igreja de São Francisco prestigia.

ROBERTO. — E que interesse eu tenho de agradar aquele idiota?

CANCÃO. — Ah, ele é prestigiadíssimo no Recife. É capelão das associações mais ricas de lá. Agrade Frei Roque e tudo quanto é gente importante do Recife fica louco por você.

ROBERTO. — É mesmo?

CANCÃO. — Por que você não arranja uma extrema-unção para ele? Os frades da Igreja de São Francisco têm uma verdadeira mania de dar extrema-unção, acham que não se deve esperar pela hora da morte para isso.

ROBERTO. — E onde é que eu vou arranjar um defunto a essa hora?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 655

CANCÃO. — Aqui perto tem um rapaz que está com a passarinha meio estufada.

ROBERTO. — Quem é?

CANCÃO. — É um tal Severino Emiliano.

ROBERTO. — Então vou ver. Contanto que ele não me venha mais com as cerimônias da Igreja dele. *(Sai.)*

GASPAR. — Companheiro, socorro! Frei Roque vem ali e vem com a gota serena!

CANCÃO. — Não é possível, Gaspar, não deu tempo!

GASPAR. — Tanto deu que ele vem! Ai!

FREI ROQUE *entra como um furacão e agarra* CANCÃO *pela gola.*

FREI ROQUE. — Ah, você está aqui! Cancão safado, Cancão mentiroso!

GASPAR. — A bênção, Frei Roque!

FREI ROQUE. — Deus o abençoe! Cancão, eu pensava que você prestava, mas descobri que você é um cancão muito safado. E você vai me pagar!

GASPAR. — A bênção, Frei Roque!

FREI ROQUE. — Deus o abençoe, Gaspar! Vai me pagar para aprender quem são os filhos de São Francisco. Prepare a tábua do queixo!

GASPAR. — A bênção, Frei Roque!

FREI ROQUE. — Deus o abençoe, Gaspar! Ora pinóia, já abençoei mais de cem vezes!

GASPAR. — E bênção só se pode dar uma vez, é?

FREI ROQUE. — Não, mas não quero que você interrompa minha raiva!

GASPAR. — Ah, e o senhor está com raiva?

FREI ROQUE. — Estou, você não está vendo?

CANCÃO. — Mas por que isso tudo?

FREI ROQUE. — Você ainda pergunta, bandido, miserável, canalha, assassino dos filhos de São Francisco! Encontrei Severino Emiliano na estrada, ele está com mais saúde do que eu!

CANCÃO. — E o que é que eu tenho com isso? Eu só fiz transmitir o recado que Roberto Flávio lhe mandou.

FREI ROQUE. — Roberto Flávio!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 656

CANCÃO. — Bem que ele estava dizendo que ia fazer isso, mas eu nunca pensei que ele fosse capaz!

FREI ROQUE. — Capaz de quê?

CANCÃO. — De fazer uma perseguição dessa com os frades da Igreja Católica! Só porque ele pertence a outra igreja, acha-se com o direito de desrespeitar os frades da nossa!

FREI ROQUE. — E ele pertence a outra igreja, é?

CANCÃO. — Roberto Flávio faz parte de uma dessas igrejas que saem da Igreja Católica e ficam dizendo que ela é errada.

FREI ROQUE. — Um herege, logo vi! Perseguindo assim os frades! Qual é a igreja dele?

CANCÃO. — Diz ele que é a Igreja de São Francisco.

FREI ROQUE. — Tem graça! E a Igreja de São Francisco não é a Igreja Católica?

CANCÃO. — Diz ele que não. Roberto Flávio acha que São Francisco tinha verdadeiro horror à Igreja Católica!

FREI ROQUE. — Vê-se logo a heresia desse bandido, desse mentiroso!

CANCÃO. — Mas o que eu achei pior foi ele dizer: "Ah, Frei Roque diz que São Francisco era católico, é? Pois esse frade vai me pagar!"

FREI ROQUE. — Ah, entendo! Aí arranjou essa extrema-unção para pobre de Frei Roque, não foi? Pois ele agora vai ver quem é pobre de Frei Roque!

CANCÃO. — Diz ele que o maior prazer que tem na vida é desmoralizar frade.

FREI ROQUE. — Ah, ele diz isso, é? Gosta de desmoralizar frade, é? Esse Roberto Flávio, astucioso e ruim desse jeito, só pode ser o cão ou o secretário dele!

CANCÃO. — E quando ele começa a insultar a Igreja?

FREI ROQUE. — E ele insulta a Igreja, Cancão?

CANCÃO. — Ele disse aqui que a Igreja Católica era igreja de cabra safado!

FREI ROQUE. — Ah, ele diz isso, é? É igreja de cabra safado, é? Onde é que anda esse camarada, hein, Cancão?

Entra ROBERTO FLÁVIO.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 p 652

ROBERTO. — Frei Roque, prazer em vê-lo. Estava louco para encontrá-lo, tenho uma extrema-unção para o senhor fazer.

FREI ROQUE. — Pode me dizer quem é o defunto?

ROBERTO. — É um rapaz chamado Severino Emiliano.

FREI ROQUE. — Severino Emiliano... *(Acordando.)* Ó rapaz, o que é que você acha da Igreja Católica?

ROBERTO. — Aquilo é lá igreja! Igreja é a de São Francisco!

FREI ROQUE. — Ah, e não é a mesma coisa não? A Igreja Católica não é a Igreja de São Francisco não?

ROBERTO. — De modo nenhum. Uma é a igreja dos católicos safados, a outra é a dos santos.

FREI ROQUE. — Ah, sim! Pode fazer o favor de dizer o seu nome, pra eu ter certeza?

ROBERTO. — Roberto Flávio, para servi-lo.

FREI ROQUE. — Você vá servir ao diabo, viu? E tome! *(Dá um soco em* ROBERTO *e ele desmaia.)* Tome, para nunca mais dizer que a Igreja Católica é igreja de cabra safado, viu?

GASPAR. — Danou-se! Vai dormir uma hora!

FREI ROQUE. — Não tem nada não, depois acorda e pode servir de exemplo! Onde é o quarto dele?

GASPAR. — Ali.

FREI ROQUE. — Peguem o resto do herege e botem lá! Uma coisa eu garanto: insônia hoje ele não tem! *(Põem* ROBERTO *num quarto.)* Onde está Geraldo?

CANCÃO. — Geraldo está meio adoentado, Frei Roque. Acho melhor não falar com ele hoje.

FREI ROQUE. — Eu não falar com Geraldo? Tinha graça! Vou de qualquer jeito!

CANCÃO. — Vá não, Frei Roque! Dona Guida também está doente!

FREI ROQUE. — Cancão, aqui há alguma coisa! Toda vez que eu quero me aproximar de Geraldo ou Dona Guida hoje, aparece uma história. Vou saber o que é isso!

CANCÃO. — Não! Por aí não, Frei Roque!

FREI ROQUE. — Por aqui não por quê?

CANCÃO. — *(Munindo-se de um pau.)* Olhe ali na janela que o senhor entenderá tudo!

FREI ROQUE. — Na janela? Não estou vendo nada!

CANCÃO. — Está não? Então, Deus me perdoe, mas é o

SB NS:CPR:TEA:PTE: 0674,p 658

jeito! (*Dá uma paulada em* FREI ROQUE, *que desmaia.*) Chegue aqui, Gaspar!

GASPAR. — Eu não! Pode ser que ele ainda esteja vivo!

CANCÃO. — Está, homem de Deus! Não está vendo que eu não ia matar Frei Roque?

GASPAR. — Pois se ele está vivo, aí é que eu não vou!

CANCÃO. — Ora bolas, não tem perigo não! Vamos amordaçá-lo! Isto! Baixe o capuz para cobrir a cara dele. Isto! Agora, vamos trancá-lo! (*Põem* FREI ROQUE *amordaçado e amarrado dentro da mala ou guarda-roupa.*) Agora tudo vai bem. A velha prometeu deixar a porta aberta?

GASPAR. — Prometeu. Mas não vá atrapalhar minha vida não!

CANCÃO. — Dessa vez você vai, deixe comigo!

Entram DONA GUIDA, SUSANA, GERALDO *e* LÚCIA.

DONA GUIDA. — Pronto, meu papel terminou. O quarto de vocês é aquele. Eu dormirei no de junto, Susana ali e o rapaz aqui. Amanhã, deixarei a casa.

GERALDO. — Mas mamãe, a senhora fica morando conosco!

DONA GUIDA. — Não, existem algumas coisas que é preciso enfrentar!

GERALDO. — Tudo não foi feito como devia?

DONA GUIDA. — Foi e Frei Roque garantiu tudo. Mas, mesmo assim, eu quero ir. Vou lhe dar a caderneta onde anoto as contas, tudo agora é seu. Fique com a maleta também.

GERALDO. — Mas mamãe!

SUSANA. — Receba, meu filho, sua mãe pode se ofender!

DONA GUIDA. — Veja como esse anjo entende logo tudo! Assim é que se vive, meu filho. Tome e até amanhã.

CANCÃO. — Nós também vamos saindo, Dona Guida.

DONA GUIDA. — Adeus, ladrão. (*Sai.*)

CANCÃO. — Dona Guida sempre com brincadeiras! Muito bem. Dona Lúcia, creio que me limpei completamente!

LÚCIA. — Minha gratidão será eterna!

SUSANA. — Vocês não viram Roberto por aí não?

CANCÃO. — Está dormindo! Disse que precisava descansar um pouco e foi para o quarto.

LÚCIA. — Ah!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 659

GASPAR. — Eu também vou chegando! Boa noite a todos!

SUSANA. — A mim também?

GASPAR. — À senhora mais do que a todos! Boa noite! (*Saem* CANCÃO *e* GASPAR.)

SUSANA. — Bem, creio que nós também devemo-nos recolher. *(Falsamente emocionada.)* Meus filhos!

LÚCIA. — Lá vem mamãe com o chororô dela!

SUSANA. — Você logo saberá quanto sofre uma mãe! Mas não se incomodem, já tomei minhas providências para me consolar! Boa noite e... felicidades. (*Sai.* GERALDO *abraça* LÚCIA.)

GERALDO. — Meu amor!

LÚCIA. — Ah, é assim, hein? Mal fica comigo... Como são os homens! Enfim, eu o perdôo porque você me ama. Ou não?

GERALDO. — Mais do que a tudo, meu bem!

LÚCIA. — Então vá me esperar em nosso quarto. Estou contente, contentíssima! Mas ao mesmo tempo, como é dolorosa a separação!

GERALDO. — Estarei esperando por você!

Sai LÚCIA *para o interior da casa. Ela deve levar consigo o candeeiro. A cena subseqüente deve se passar em escuridão quase completa. O encenador não tenha medo de escuro, as silhuetas e as falas bastam para identificar os personagens e em simples penumbra esta cena funciona muito mal.* GERALDO *entra no quarto. Imediatamente entra* SUSANA *e destranca a porta da rua, voltando para o seu quarto. Entram* CANCÃO *e* GASPAR, *aquele novamente vestido de frade.*

CANCÃO. — Gaspar!

GASPAR. — Hein!

CANCÃO. — Não estou vendo nada!

GASPAR. — Nem eu! Mas uma coisa eu sei: o quarto da velha é aquele.

CANCÃO. — O que deram a Geraldo foi esse, não foi?

GASPAR. — Foi, mas Geraldo não interessa!

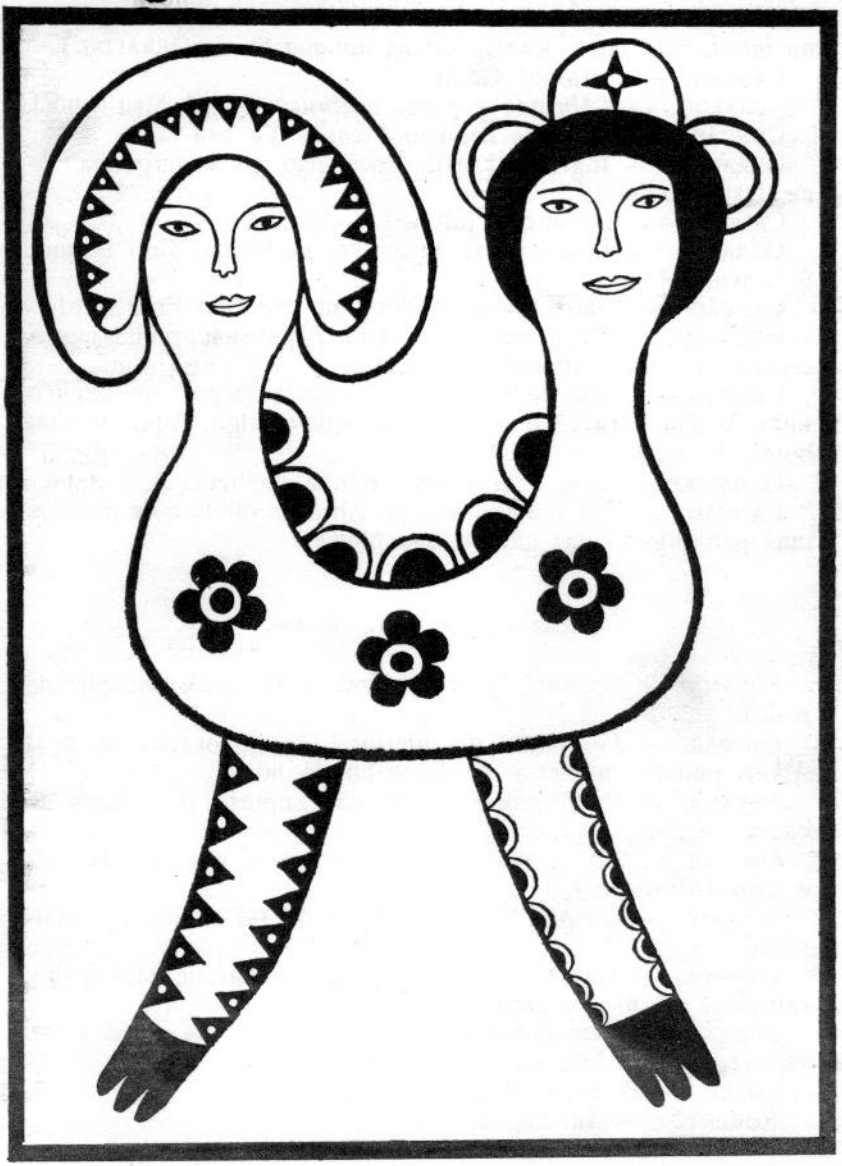
CANCÃO. — Vamos verificar!

GASPAR. — *Vamos*, não, vá você! Eu preciso ir lá dentro.

CANCÃO. — Fazer o quê?

GASPAR. — Tomar uma fresquinha, aqui está muito quente.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 660



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 66

CANCÃO. — Gaspar!

GASPAR. — Vá se danar, eu quero é a velha! (*Desaparece no interior da casa.* CANCÃO *bate no quarto de* GERALDO.)

CANCÃO. — Geraldo! Geraldo!

GERALDO. — *(Abrindo a porta e abraçando-o.)* Meu amor!

CANCÃO. — Epa, que negócio é esse? Vá pra lá!

GERALDO. — Ingrata, cruel! Você não se envergonha de me tratar assim?

CANCÃO. — Era o que faltava!

GERALDO. — Que é isso? Você está de barba! Frei Roque! É o senhor?

CANCÃO. — Claro! Pensava bem que era São Francisco!

GERALDO. — Peço que me desculpe, mas não podia nunca esperar o senhor agora! Que há?

CANCÃO. — Fale baixo. Não diga nada, depois eu explico tudo. Venha para cá e se esconda aqui comigo. Aqui. Venha, homem!

GERALDO. — Mas Frei Roque, minha mulher...

CANCÃO. — Sua mulher vem já. Abra os olhos e os ouvidos mas não diga nada, haja o que houver!

Escondem-se. Entra SUSANA.

SUSANA. — Gaspar! Gaspar! Onde está você, coração de pedra?

GASPAR. — *(Voltando do interior.)* Aqui, coração de aço! Agora pau dá embira e corda velha dá nó!

SUSANA. — Pois venha que eu não suporto ficar mais na cama só!

GASPAR. — Ah, a poesia! Nada como a poesia! *(Pausas e risos sufocados.)*

SUSANA. — Gaspar, Gaspar! Deixe de ser mauzinho, malvado!

GASPAR. — Malvada é você, tirana, bridão de meu peito, rabichola de meu coração!

SUSANA. — Vem gente, corra! Esconda-se, que eu já volto. (*Correm. Entra* LÚCIA.)

LÚCIA. — Roberto! Roberto!

ROBERTO. — Au, au, au!

NL B NS.CPR.TEA.PTE. 0624, p 662

LÚCIA. — Ai, é meu cachorro! Onde está você, malvado?

ROBERTO. — Aqui. Au, au, au!

LÚCIA. — Ai! Você está bem?

ROBERTO. — Um pouco tonto, não sei o que aconteceu. E seu marido?

LÚCIA. — A essa hora, já deve estar dormindo, aquele palhaço!

ROBERTO. — É palhaço, mas foi com ele que você casou.

LÚCIA. — Você sabe que tive meus motivos. Avalie se não arranjo esse idiota para financiar nós dois! Você ouviu um barulho?

ROBERTO. — Não.

LÚCIA. — Parece que alguém se mexeu num desses quartos horríveis! Saia, eu volto já! Cuidado, parece que vem gente! *(Correm.* GASPAR *entra, tateando.)*

GASPAR. — Amor, onde está você?

ROBERTO. — *(Também voltando.)* Amor, é você?

GASPAR. — Sou. Onde está você, coração de pedra?

ROBERTO. — Aqui. Que rouquidão é essa? Está gripada?

GASPAR. — Que gripado que nada! Você também está tão rouquinha, coração de lajedo!

ROBERTO. — Au, au, au!

GASPAR. — Ah, agora deu pra latir, hein? Deixe ver cá essa cachorra!

ROBERTO. — Ai, não me faça cócegas! Au, au, au!

GASPAR. — Menino, é direitinho a finada cachorra da molest'a!

Aqui CANCÃO *liga o fio que tinha cortado e a cena se ilumina de repente. Os dois têm acabado de se beijar. Eles dão um enorme salto de surpresa.*

ROBERTO E GASPAR. — Ai!

Acorrem todos, DONA GUIDA, SUSANA *e* LÚCIA. GERALDO, *arrasado, sai do esconderijo, com* CANCÃO.

CANCÃO. — Muito bem, senhor Roberto Flávio! Pode explicar por que beijou Gaspar?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 663

GASPAR. — E eu sabia lá que era esse fantas[illegible]!

CANCÃO. — Cale a boca, ouviu, Gaspar? Você é um safado, vai ter que explicar tudo direitinho depois. Mas agora quero saber é o seguinte: quem vocês pensavam que estavam beijando? Responda, senhor Roberto!

No lugar em que estiver trancado, FREI ROQUE *dá três pancadas furiosas e espaçadas, para chamar atenção.* DONA GUIDA *pensa que as batidas são na porta da rua.*

DONA GUIDA. — Estão batendo. Quem é?

GASPAR. — *(À meia-voz, para disfarçar.)* Sou eu.

DONA GUIDA. — Pode entrar.

CANCÃO. — Como é, ninguém me responde? Quero saber que safadeza é essa! A mulher deixa o marido, os dois se beijam... Que é isso? (*Novas pancadas de* FREI ROQUE.)

DONA GUIDA. — Quem é?

GASPAR. — Sou eu.

DONA GUIDA. — Pode entrar!

CANCÃO. — Preciso de uma resposta! São Francisco está muito desconfiado disso tudo! Fale, fale imediatamente!

ROBERTO. — Fale imediatamente o quê? O senhor pensa que eu ainda estou disposto a suportá-lo? Um frade idiota, safado, cheio de maluquices! Já estou cheio de sua batina, sabe? E pergunto por minha vez: o que é que um frade faz aqui, a essa hora, espionando a vida dos outros? (*Novas pancadas de* FREI ROQUE.)

DONA GUIDA. — Ora bolas, quem é?

GASPAR. — Sou eu.

DONA GUIDA. — Não já disse que pode entrar? Entre logo e deixe Frei Roque brigar descansado!

SUSANA. — Mas por que tudo isso?

CANCÃO. — Por quê? Porque assumi a responsabilidade do casamento de Geraldo e ele agora está desgraçado!

DONA GUIDA. — Frei Roque, desgraçado está você, porque essa você me paga! Que foi que houve?

CANCÃO. — Sua nora marcou encontro aqui, com esse vigarista, e a mãe dela outro, com Gaspar.

LÚCIA. — Ai, Geraldo, não deixe esse demônio me caluniar!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 664

Geral[illegible] Você não diz nada? Não posso acreditar que você desconfie de mim!

GERALDO. — Eu também jamais acreditaria nisso, se me dissessem!

LÚCIA. — Mas você não está vendo que tudo isso é maluquice desse frade louco?

GERALDO. — Como, se eu mesmo ouvi tudo daqui? Basta, Lúcia, é melhor não falar mais nisso! Só me lembro é de pobre de Cancão! Com que dureza eu o tratei porque ele queria me ajudar!

CANCÃO. — Uma pessoa extraordinária daquela!

GERALDO. — Ah, se eu o tivesse ouvido! Mas agora é tarde, casei-me no religioso e casei-me porque quis. Só posso esperar agora a vontade de Deus!

GASPAR. — Que pelo jeito vem por aí!

A porta da mala abre-se com enorme violência e FREI ROQUE *salta, furioso, para a sala. Ele vai investir contra alguém, mas pára, estupefato, ao ver outro frade.*

CANCÃO. — Ó, Frei Marcelo, como vai? Estava aí?

FREI ROQUE. — Uh, uh, uh! *(Tenta contar por mímica a história da cacetada, anda por todos os cantos da sala, olha para baixo dos móveis à procura de* CANCÃO.*)*

DONA GUIDA. — Afinal de contas, quem é esse frade?

CANCÃO. — É Frei Marcelo, gente boa! São Francisco gosta muito dele!

FREI ROQUE. — Uh, uh, uh!

DONA GUIDA. — Parece que ele está tentando apontar a boca.

CANCÃO. — Usa essa mordaça como penitência! É uma pessoa muito piedosa, só gosta de viver amarrado, fazendo penitência! São Francisco gosta muito dele!

FREI ROQUE. — *(Negando com a cabeça.)* Uh, uh, uh!

CANCÃO. — Está vendo? É assim, só vive sem falar, é um frade muito virtuoso!

DONA GUIDA. — Pode ser virtuoso como for, diga a ele que vá embora. Tenho horror a esses frades que se trancam na mala da gente!

FREI ROQUE. — *(Interrogando.)* Uh, uh, uh? Uh, uh, uh?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674.p.665

GERALDO. — Parece que ele está perguntando por alguém.
CANCÃO. — Que nada, Frei Marcelo detesta procurar gente!

De repente FREI ROQUE *avista* GASPAR. *Num repelão, consegue soltar as mãos e corre para ele, aberturando-o.*

GASPAR. — *(Ajoelhando-se.)* Ai, pelo amor de Deus, Frei Roque, não fui eu não! Não dê em mim não, Frei Roque!
CANCÃO. — E quem está dizendo que eu vou dar em você?
FREI ROQUE. — Uh, uh, uh?
GASPAR. — Foi Cancão, Frei Roque!
FREI ROQUE. — E uh, uh, uh, uh?
GASPAR. — Onde está Cancão?
FREI ROQUE. — *(Afirmando com a cabeça.)* Uh! uh!
GASPAR. — (*Ajoelhado, com a mão cobrindo o rosto, aponta* CANCÃO.) Ali!

FREI ROQUE *solta* GASPAR, *corre para* CANCÃO, *agarra-o e, na briga, arranca-lhe a barba.*

GERALDO. — Cancão!
SUSANA. — *(Desmaiando.)* Ai!

FREI ROQUE *aponta a mordaça,* GERALDO *tira-a e baixa o capuz.*

GERALDO. — Frei Roque!
CANCÃO. — *(Fingindo desmaio.)* Ai!
FREI ROQUE. — *(Sufocado de raiva.)* Bandido, miserável, assassino da Igreja Católica e dos filhos de São Francisco, peste, diabo, danado, agora você me paga!
GERALDO. — Calma, calma, Frei Roque!
FREI ROQUE. — *(Aos gritos.)* Eu estou calmo! Eu estou calmo!
DONA GUIDA. — E por que essa raiva toda de Cancão?
FREI ROQUE. — A senhora acha pouco, Dona Guida? Esse miserável me deu uma cacetada e me trancou na mala! Só para evitar que eu visse Geraldo depois que cheguei de Campina!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 5674.p666

GERALDO. — E o senhor não me viu?

FREI ROQUE. — Eu? E esse peste deixou? Mas ele está acordando e vai ver quem é Frei Roque!

CANCÃO. — *(Fingindo desmaio de novo.)* Ai!

GERALDO. — Frei Roque, o senhor me desculpe, mas o senhor esteve comigo hoje.

FREI ROQUE. — Eu?

GERALDO. — Sim, e até fez meu casamento!

FREI ROQUE. — Ai, e você casou, Geraldo? Meus parabéns, meu filho! Que coisa!

GERALDO. — O senhor tem certeza de que não me casou?

FREI ROQUE. — Certeza absoluta.

GERALDO. — Mas então quem me casou?

CANCÃO. — Eu! *(Dá um grande salto e corre das garras de Frei Roque.)* Frei Roque, peço-lhe uma trégua! Deixe eu falar e depois faça o que quiser!

FREI ROQUE. — E eu tenho trégua para um safado que pega Frei Roque e dá uma cacetada na cabeça dele?

CANCÃO. — O senhor vai me perdoar mas foi o jeito!

FREI ROQUE. — Foi o jeito o quê? Que terra é essa em que os condenados pegam os filhos de São Francisco e metem o pau na cabeça deles?

CANCÃO. — Eu precisava salvar Geraldo! Essa peste aí ia casar com ele no religioso e eu tive que impedir que a Igreja Católica se complicasse nessa bandalheira!

LÚCIA. — Não venha envolver a Igreja com suas molecagens não, viu, moleque ordinário?

FREI ROQUE. — *(Investindo de bucho nela.)* Cale a boca, viu, mocinha? Minhas brigas são minhas, de São Francisco e da Igreja, ninguém mais se mete nelas, está ouvindo?

LÚCIA. — O quê?

FREI ROQUE. — O que o quê? Eu ouvi a molecagem toda dali da mala, viu? A safadeza de Cancão, a cacetada, etc., é outra coisa, mas Geraldo livrou-se de boa, está ouvindo?

DONA GUIDA. — Mas afinal de contas, que confusão é esta?

GERALDO. — Foi Cancão que deu uma cacetada na cabeça de Frei Roque e trancou-o na mala, mamãe.

DONA GUIDA. — Boa, Cancão, bem feito! É pouco, pra ele não estar dando conselho errado sobre o casamento de meu filho!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p.667

GERALDO. — Mas não foi Frei Roque não, mamãe, foi Cancão. Foi Cancão quem fez o casamento... que agora... Que agora não vale! Mamãe, o casamento não vale não, mamãe!

LÚCIA. — O casamento religioso! Mas o civil vale, viu? E se é assim, filhinho, vamos cuidar do desquite. Metade do que seu pai deixou agora é meu.

GERALDO. — A perda do dinheiro não interessa, seria um belo prêmio para você, que só pensa nisso. Mas diante do que vi, faço questão de tirá-lo e lembro a você que nós casamos pelo regime de separação de bens.

LÚCIA. — Aí é que você se engana, amor! Com ajuda de Cancão, subornei o suplente Fragoso e ele colocou no livro "comunhão", em vez de "separação".

DONA GUIDA. — Cancão safado!

CANCÃO. — Um momento, aí vem o suplente, rebocado. Com ele aqui, tudo se explica!

Volta GASPAR, *vestido novamente como* FRAGOSO, *arrastado pelo pescoço pelo* JUIZ NUNES.

NUNES. — Meu caro Geraldo, aqui está esse criminoso, ele confessou o casamento que fez. Foi me esperar na chegada e me contou tudo. Esse casamento foi realizado sem minha ordem, ele não tinha direito de receber as custas!

LÚCIA. — Mas o casamento feito por ele vale!

NUNES. — Vale! Estou aqui somente para receber minha parte e dizer que não tomei parte na conspiração para casá-lo. Agora, quero saber: quem paga minhas custas? Você?

GERALDO. — Eu não!

NUNES. — Então eu vou ficar sem minhas custas? Todo acordo comigo, menos esse, as custas do juiz são sagradas! E você, ladrão, me assassinar desse jeito pelas costas! Mas você me paga! (*Agarra* GASPAR.)

GASPAR. — Doutor Nunes, eu sou um homem doente!

NUNES. — Eu quero é que você morra, desgraçado! Tome, tome! *(Caem as faixas.)*

GERALDO. — Gaspar!

SUSANA. — *(Desmaiando.)* Ai!

GERALDO. — Foi você quem me casou?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p.668

GASPAR. — Foi.

LÚCIA. — *(Desmaiando.)* Ai!

GERALDO. — E esse casamento assim vale, seu juiz?

NUNES. — Não, não e não!

ROBERTO. — *(Desmaiando.)* Ai!

FREI ROQUE. — Pára! Pára, pára tudo! Começa a explicar tudo de novo, que eu não estou entendendo mais nada! Que confusão é essa?

DONA GUIDA. — Como foi que vocês descobriram o negócio do encontro?

GASPAR. — Eu ouvi os dois combinando, quando estava aqui, vestido de juiz. Contei a Cancão e a gente veio.

GERALDO. — Cancão, meu velho! Que devo fazer para você me perdoar?

CANCÃO. — Me arranje aí sessenta paus. Isto. Dona Susana, aqui é o dinheiro da passagem de vocês. O caminhão de Joca Mota sai já pra Campina e sem dinheiro, quanto mais cedo chegarem ao Recife, melhor!

SUSANA. — *(Digna.)* Onde é que passa o caminhão?

CANCÃO. — Na ponte! Senhor Roberto, aqui estão seus vinte. Dona Lúcia, aqui estão os seus.

LÚCIA. — Eu recebo! Mas um dia você me paga! Nós ainda nos encontraremos!

CANCÃO. — Espero que seja junto de alguma cobra!

LÚCIA. — Roberto!

ROBERTO. — Que é?

LÚCIA. — Você não sai comigo?

ROBERTO. — Ah, vá se danar! Eu lhe disse que só interessava com o dinheiro!

CANCÃO. — Deixem a briguinha para o caminho. Adeus e boa viagem para todos! (*Saem* LÚCIA, ROBERTO *e* SUSANA.) Agora nós, Frei Roque. Nisso tudo, meu medo era ir para o inferno! O senhor acha que dá pra isso?

FREI ROQUE. — Sei lá, Cancão, sei lá! Tem umas coisas certas, umas doidices... Mas uma coisa eu lhe digo: de outra vez escolha outro para dar suas cacetadas, viu? E me deixe, estou todo quebrado, preciso dormir.

CANCÃO. — Pois vá, Frei Roque, vá na paz de Deus. Acorde cedo, porque preciso me confessar o mais depressa possível.

DONA GUIDA. — Por causa da confusão?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 669

CANCÃO. — Não, por causa da cobra.

FREI ROQUE *sai, empurrando a cadeira de* DONA GUIDA.

GERALDO. — Aqui estão suas custas, Doutor!

NUNES. — Geraldo! Que coração generoso! Você é único! *(Sai rapidamente dando uma meia-volta.)*

GERALDO. — O dia terminou! Que dia! Quem levou a paulada foi Frei Roque, mas quem está sentindo tudo sou eu. E as contas, as ambições, a mesquinharia... Estou me sentindo como se minha casa tivesse se transformado numa barraca de cigano. Estou me sentindo capaz de vender e trocar tudo!

GASPAR. — Até a mulher?

GERALDO. — Que mulher?

GASPAR. — Essa que você arranjou e despachou num dia só. Troca a mulher também?

GERALDO. — Troco. Dou por sua mãe e você me volta duas irmãs solteiras! Vamos?

CANCÃO. — Vamos. *(Os três se encaminham para o proscênio.)*

GERALDO. — Espectadores, o autor é um moralista incorrigível e gostaria de acentuar a moralidade de sua peça.

CANCÃO. — Eu e Gaspar éramos amigos fiéis dele e isso não impediu que cobiçássemos seu dinheiro. E, ao primeiro apelo da carne, eu o traí com sua noiva. Isto é errado, foi o que aprendi.

LÚCIA. — (*Entrando com* ROBERTO *e* SUSANA.) Eu aprendi que a luxúria é um caminho de perdição.

ROBERTO. — Eu, que a cobiça é outro.

SUSANA. — Eu, através do ridículo e do castigo, aprendi a respeitar a pureza da família.

FREI ROQUE. — (*Entrando com* DONA GUIDA.) Para elas o dinheiro tinha um caráter de prêmio, servindo como uma espécie de absolvição sacrílega para os atos mais baixos.

NUNES. — *(Entrando.)* Eu fiz um juiz desonesto, e juntei-me aos outros, nesse concerto de imoralidade. Tudo isso forma um conjunto com o autor.

DONA GUIDA. — Com os atores.

GASPAR. — E até com o respeitável público.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p.670

GERALD[illegible] — Por isso lanço um olhar melancólico a nosso conjunto e convido todos a um apelo. É uma invocação humilde e confiante, a única que pode brotar sem hipocrisia desse pobre rebanho que é o nosso. E assim, juntando-me aos outros atores e ao autor, peço que digam comigo:

TODOS. — Que o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo, tenha misericórdia de todos nós.

PANO

Recife, 10 de junho de 1957
26 de julho de 1957

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 ip 671

Este livro foi confeccionado nas oficinas da
ARTES GRÁFICAS GUARU S/A
Rodovia Presidente Dutra, Km 214 – Guarulhos – SP, para a
LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA S.A.
em outubro de 1982.

CÓD. JO: 01703

RJ: Rua Marquês de Olinda, 12, Rio de Janeiro
SP: Rua dos Gusmões, 100, São Paulo
MG: Rua Carijós, 244 — Edifício Walmap, Belo Horizonte

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 672

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 673

M.J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM S. PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 3552/84

TÍTULO: " O SANTO E A PORCA "

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: PARA MAIORES DE 10 ANOS

EXPEÇA-SE CERTIFICADO DE ACORDO COM PARECER DOS CENSORES
Em 30 04 84
DPF SR/SP
Chefe do SCDP

ENSAIO GERAL

IDENTIFICAÇÃO
Título: " O Santo e a Porca "
Autor: Ariano Suassuna
Grupo Teatral: Arte Viva

CONTEÚDO
Todo desenrolar envolve o avarento que esconde suas economias numa porca de madeira.
O avaro, na ânsia de fazer mais dinheiro, deixa de perceber o que ocorre à sua volta.
Com o roubo da porca, percebe que toda sua avareza foi em vão, pois quando a mesma é encontrada o dinheiro ali acumulado, pelo tempo, não tinha mais nenhum valor.
PÚBLICO ALVO: Para maiores de 10 anos.
GRAU DE PERSUASÃO: Convincente.
LINGUAGEM: Clara.

ENSAIO GERAL
Vestuário: da época, trajes típicos usados em fazendas do interior. Iluminação: Luz direta sobre o palco. Cenário: Telão com desenhos de portas e baú. Marcação: Dinâmica.

PARECER
Apresentação em linguagem limpa, marcações de cena normais, mas com muita dinâmica.
Considerando a dinâmica do espetáculo, considerando mais a percepção que se necessita à compreensão, indico a liberação para Maiores de 10 Anos.

São Paulo, 26 de Abril de 1984

DRAUZIO SEIMANN DORNELLAS COELHO
TEC. DE CENSURA MAT. 2.415.782

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 674

M.J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM S. PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 3551/84

Aprovo o presente para indicar a classificação etária de dez anos.
[signature] 03/5/84.
[signature]
Ch-SCDP/SR/SP

TÍTULO: "O Santo e a Porca"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Livre.

Identificação
Autor: Ariano Suassuna
Grupo: Profissional
Produção: Ate Viva de Teatro Pro. Art. Ltda.

Conteúdo
Farsa envolvendo um velho avarento que passou toda sua vida acumulando dinheiro, que é guardado em uma porca de barro. O tempo todo ele passa guardando e preocupando-se com esse esconderijo, caindo em situações ridículas pela sua avareza. Um velho amigo do ancião faz-se anunciar a fim de pedir a mão de sua filha em casamento, dizendo vir pedir o tezouro que ele tem em casa. Isto suscita a a apreensão do velho e situaçõespitorescas então se sucedem.

Mensagem
A peça condena a avareza e a religiosidade utilizada para fins egoísticos(à medida que o personagem recorre aos santos para proteger seus bens).

Público Alvo
Generalizado.

Linguagem
Coloquial.

Parecer
Peça já representada inúmeras vezes, nada contendo em termos censórios que exija alguma restrição etária. Opinamos pela sua liberação para Livre.

São Paulo, 30 de abril de 1984.

[signature]
Dalva R. Marinho
Matr. 2.417.032

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p.675

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº PROVISÓRIO

PEÇA O SANTO E A PORCA

ORIGINAL DE ARIANO SUASSUNA

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

PROIBIDO PARA MENORES DE 10 ANOS

VÁLIDO ATÉ 30 de junho de 19 84

S.Paulo
~~Brasília~~, 30 de abril de 19 84

Vera Lucia Utiyama

VERA LUCIA UTIYAMA
CHEFE DO SCDP/SR/SP - em exercício

~~Diretor da DCDP~~

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 676

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada O SANTO E A PORCA

Original de ADRIANO SUASSUNA

Tradução de -.-

Adaptação de -.-

Produção de -.-

Requerida por ARTE VIVA DE TEATRO PROM. ART. LTDA.-

Tendo sido censurada em _____ de _____ de 19 _____ e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 10 (DEZ) ANOS.- O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE DE ACOMPANHADO DO TEXTO CARIMBADO.-

S.Paulo
~~Brasília~~, 30 de abril de 19 84

ARLETE APARECIDA CORRÊA
Chefe do Serviço de Censura
SCC/SCDP/SR/SP

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

TEATRO

TÍTULO O Santo e a porca

Autor: Ariano Suassuana

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior LIVRE

Praça SR/SP

Obs.:

DF. 21 / 05 / 84 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C. À consideração do Sr. Chefe do SC

Esta peça foi liberada, sempre, sem restrição etária.

Examinada, agora, em S. Paulo, foram emitidos dois pareceres: um livre e o outro, acatado por aquele SCDP, com impropriedade p/ 10 (dez) anos, com justificativa de dificuldade de compreensão, ou interesse, para os menores dessa faixa.

O último certificado "Livre" foi expedito em abril do corrente ano

Brasília – DF 23 de 05 de 1.97 84

Hellé Drummond Carvalhedo
Matr. 2 415 791

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de para o qual os censores propõem a classificação etária de LIVRE

Brasília-DF, 23 de 05 de 1984

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma de parecer
Em, 23 / 05 / 1984

Solange M. T. Hernandes
Diretora da DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674, p. 678

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº	EMISSÃO	VALIDADE
363	23 DE MAIO DE 1984	23 DE MAIO DE 1989

TÍTULO: "O SANTO E A PORCA"

AUTOR (ES): ARIANO SUASSUANA

CLASSIFICAÇÃO: LIVRE

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE:

Solange M. T. Hernandes
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP
ASSINATURA

TÍTULO: "O SANTO E A PORCA"

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL CERTIFICADO Nº 363

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: ARTE VIVA DE TEATRO PROM. ART. LTDA. *SÃO PAULO/SP*

DECISÃO: LIVRE. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

NEI DE OLIVEIRA
Chefe do SC /DCDP
ASSINATURA

Brasília, 23 DE MAIO DE 19 84.

GRC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 679

28 maio de 1984

840/84-SE/DCDP

SP.

" CLICK - TALVEZ ABRINDO MAIS A BOCA ", ou DRAMA VISÃO CONTA A HISTÓRIA ", de Osvaldo Dragan.

" A LENDA DO VALE DA LUA ", de João das Neves.

" O SANTO E A PORCA ", de Ariano Suassuna.

Atenciosamente,

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 680

MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
002749
DCDP/BSB

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - SCDP/SR/DPF/RJ

OFÍCIO Nº 147/85-SCDP/SR/RJ Em, 20.03.85

Da: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas/RJ

Para: Srª. Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto: Encaminhamento (faz)

Ref. Prot. :02592/85-SCDP/SR/RJ

Senhora Diretora:

Para fins de expedição do Certificado Definitivo, encaminho a V.Sª. texto, pereceres e cópia do Certificado provisório nº 054/85/RJ da peça teatral "O SANTO E A PORCA" de ARIANO SUASSUNA o exame foi requerido por JOÃO SONCINI

Atenciosamente

MARIA HELENA DA COSTA MEDEIROS
CHEFE DO SCDP/SR/RJ

ZFB/

mjb

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p.681

Ilmo.Sr.Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

JOÃO SONCINI
Requerente

BRASILEIRO, ATOR
Nacionalidade Profissão

Carteira de Identidade nº 261.083, DPT-ES.
Expedido por

residente e domiciliado à RUA BARATA RIBEIRO, 399/801
COPACABANA - RIO DE JANEIRO - CEP 22.040

vem mui respeitosamente, requerer de V.Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a(s) PEÇA TEATRAL abaixo relacionada(s) do autoria de: ARIANO SUASSUNA
Espécie

TÍTULO(S): O SANTO E A PORCA

N. Termos
P. Deferimento
Rio, 27 DE ABRIL DE 1982

Requerente

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674.p 682

1 - EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome GRUPO DE TEATRO "EUIVOCE" CGC 27.194.653/0001-05

Sede RUA BARATA RIBEIRO, 399/801

COPACABANA - RIO DE JANEIRO CEP 22.040

Diretor ou Responsável JOÃO SONCINI

2 - DADOS DO AUTOR

Nome **ARIANO VILAR SUASSUNA**

Pseudônimo **ARIANO SUASSUNA** Filiação

Nacionalidade **BRASILEIRO** Naturalidade **JOAO PESSOA**

Data do nasc. **16/06/1927** Identificação **0 Adv. N.1499**

Estado civil **CASADO**

Profissão **ESCRITOR** Endereço

3 - PARCERIA

Nome:

Pseudônimo Filiação

Nacionalidade Naturalidade

Data do nasc. Identificação

Estado civil

Profissão Endereço

4 - PARCERIA

Nome

Pseudônimo Filiação

Nacionalidade Naturalidade

Data do nasc. Identificação

Estado civil

Profissão

Endereço

Declaro que a matéria a ser examinada nunca / foi submetida à apreciação dessa DCDP(executando os pedidos de renovação de certificados ou de confronto de texto), assumindo inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

Rio 27 DE ABRIL DE 1982.

Assinatura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 683

ILMº. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

JOÃO SONCINI
requerente

BRASILEIRO, ATOR
Nacionalidade Profissão

Carteira de Identidade 261.083 - DPT - ES.
Nº e Órgão Expedidor

Residente e domiciliado à R. LUIZ BARBOSA, 87 CASA 13
Tel: 295 6643 (Até à 13h) vem
mui respeitosamente, requerer a V.Sa. que se digne mandar examinar de conformidade com as normas censórias vigentes, a (s) PEÇA
Espécie
abaixo relacionada (s) de autoria de: ARIANO SUASSUNA

Título (s): O SANTO E A PORCA

Do sitos de texto que [illegible] o que [illegible] Rio de Janeiro, 11 de março 1985

Nestes Termos,
Pede deferimento.

RIO, 11 DE MARÇO DE 1985
Local e Data

[signature]
Requerente

Axexos:

Nada Consta em Nossos Arquivos.
Rubem 13.02.85

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p.684

1-EMPRESA OU GRUPO (SE HOUVER)

NOME GRUPO DE TEATRO "EQUIVOCE" CGC 27.194.653-0001-05

SEDE: RUA LUIZ BARBOSA, 87. CASA 13.

VILA ISABEL CEP

DIRETOR OU RESPONSÁVEL: JOÃO SONCINI

2-DADOS DO AUTOR

NOME: ARIANO VILAR SUASSUNA

PSEUDÔNIMO: ARIANO SUASSUNA FILIAÇÃO:

NACIONALIDADE: BRASILEIRO NATURALIDADE: JOÃO PESSOA

DATA DO NASC.: 16/06/1927 IDENTIFICAÇÃO: O ADV. N. 1499

ESTADO CIVIL: CASADO

PROFISSÃO: ESCRITOR

ENDEREÇO: CEP

3-PARCERIA

NOME:

PSEUDÔNIMO: FILIAÇÃO:

NACIONALIDADE: NATURALIDADE:

DATA DO NASC.: IDENTIFICAÇÃO:

ESTADO CIVIL:

PROFISSÃO:

ENDEREÇO:

CEP

DECLARO QUE A MATÉRIA A SER EXAMINADA NUNCA FOI SUBMETIDA À APRECIAÇÃO DESSA DCDP (EXCETUANDO OS PEDIDOS DE RENOVAÇÃO DE CERTIFICADO OU DE CONFRONTO DO TEXTO), ASSUMINDO, INTEIRA RESPONSABILIDADE PELAS INFORMAÇÕES AQUI PRESTADAS.

DATA: RIO, 11 DE MARÇO DE 1985

ASS.:

mjb

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p.685

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4.8.1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

Rio , 11 de Março de 19 85

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Estado do Rio de Janeiro

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V.Sa. para fins de CENSURA, três cópias da peça

O SANTO E A PORCA

Original de ARIANO SUASSUNA

Tradução de

Próxima apresentação de GRUPO DE TEATRO EUIVOCE

Teatro AMERICA Cidade RIO DE JANEIRO

Estado RJ.

A estréia está prevista para 14 de Março de 1985

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.

Pela SBAT,

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS SBAT

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0674, p. 686

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil

Rio '29 de Abril de 19 82

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Estado do Rio de Janeiro

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V.Sa. para fins de CENSURA, três cópias da peça

O SANTO E A PORCA

Original de ARIANO SUASSUNA
Tradução de
Próxima apresentação de GRUPO DE TEATRO RUEVOCE
Teatro AMERICA F.C. Cidade RIO DE JANEIRO
Estado RJ.
A estréia está prevista para 2ª Quinzena de Junho de 1982

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.

Pela SBAT,

.....

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 687

O SANTO E A PORCA

de Ariano Suassuna

PERSONAGENS:

Caroba
Margarida
Euricão Arabe
Dodó
Eudoro Vicente
Pinhão
Benona

DPF/SR/RJ-DELEGACIA REGIONAL-SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL
CENSURA FEDERAL

De ordem, ao T. Censura
Maria Almeida para proceder
Rio 3-5-82

Chefe da S. C. C.

Peça em 3 atos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 688

CENSURA FEDERAL
SUPERINTENDENCIA REGIONAL

PRIMEIRO ATO

O pano abre na casa de EURICO ARÁBE, mais conhecido como EURICÃO ENGOLE-COBRA.

CAROBA. — E foi então que o patrão dele disse: "Pinhão, você sele o cavalo e vá na minha frente procurar Euricão..."

EURICÃO — Euricão, não. Meu nome é Eurico.

CAROBA. — Sim, é isso mesmo. Seu Eudoro Vicente disse: "Pinhão, você sele o cavalo e vá na minha frente procurar Euriques..."

EURICÃO. — Eurico!

CAROBA. — "Vá procurar Eurîquio..."

EURICÃO. — Chame Euricão mesmo.

CAROBA. — "Vá procurar Euricão Engole-Cobra..."

EURICÃO. — Engole-Cobra é a mãe! Não lhe dei licença de me chamar de Engole-Cobra, não! Só de Euricão!

CAROBA — "Vá na minha frente procurar Euricão para entregar essa carta a ele."

EURICÃO. — Onde está a carta? Dê cá! Que quererá Eudoro Vicente comigo?

PINHÃO. — Eu acho que é dinheiro emprestado.

EURICÃO. — (Devolvendo a carta) Hein?

PINHÃO. — Toda vez que ele me manda assim na frente, a cavalo, é para isso.

EURICÃO. — E que idéia foi essa de que eu tenho dinheiro? Você andou espalhando isso! Foi você, Caroba miserável, você que não tem compaixão de um pobre como eu! Foi você, só pode ter sido você!

CAROBA. — Eu? Eu não!

EURICÃO. — Ai, meu Deus, com essa carestia! Ai a crîse, ai a carestia! Tudo que se compra é pela hora da morte!

CAROBA. — E o que é que o Senhor compra? Me diga mesmo, pelo amor de Deus! Só falta matar a gente de fome!

EURICÃO. — Ai a crise, ai a carestia! E é tudo querendo me roubar! Mas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0694, p. 689

D.P.F. SR/RJ-TAL CENSURA FEDERAL SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL

PINHÃO. — O senhor pelo menos leia a carta!

EURICÃO. — Eu? Deus me livre de ler essa maldita! Essa amaldiçoada! Ai a crise, ai a carestia! Santo Antônio me proteja, meu Deus! Ai a crise, ai a carestia!

Entra MARGARIDA atraida pelo rumor. Vem acompanhada de DODÓ VICENTE, disfarçado com uma horrivel barbicha, com a boca torta, com corcova, coxeando e vestido de preto.

MARGARIDA. — Papai! Que foi, meu pai? Ouvi o senhor gritar! Está sentindo alguma coisa?

EURICÃO. — Ai minha filha, me acuda! Ai, ai! Os ladrões, minha filha, os ladrões!

MARGARIDA. — Socorro! Socorro! Pega o ladrão!

EURICÃO. — Ai minha filha, não grite assim não! Não grite, se não vão pensar que a gente tem o que roubar em casa. E vêm roubar! Santo Antônio, Santo Antônio! Ai a crise, ai a carestia!

MARGARIDA. — Mas o que foi que houve?

EURICÃO. — Ainda não houve nada, mas está para haver! Está para haver, minha filha!

MARGARIDA. — O que é? Que foi que houve, Caroba? Que foi, Pinhão! Pinhão, você aqui? Ah, já sei o que houve, papai soube de tudo! É melhor então que eu confesse logo.

CAROBA. — Que a senhor se confesse? Deixe para a sexta-feira, porque a senhora aproveita e comunga! Que coisa, Dona Margarida só quer viver na igreja!

EURICÃO. — Ai a crise, ai a carestia!

MARGARIDA. — Mas afinal de contas, o que foi que houve? Meu pai, eu vou contar...

DODÓ. — Não!

PINHÃO. — Não, não, Dona Margarida, quem fala sou eu! O que houve é que meu patrão escreveu uma carta ao senhor seu pai.

MARGARIDA. — Uma carta? Dizendo o quê?

EURICÃO. — Você ainda pergunta? Só pode ser para pedir dinheiro emprestado! Aquele usurário! Aquele ladrão!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 690

CENSURA FEDERAL

CAROBA. — Mas Seu Euricão, Seu Eudoro é um homem rico!

EURICÃO. — E é por isso mesmo que eu estou com medo. Você já viu pobre pedir dinheiro emprestado? Só os ricos é que vivem com esssa safadeza! Santo Antônio, Santo Antonio!

MARGARIDA. — Mas papai já leu a carta?

EURICÃO. — Não! Nem quero ler! Nem quero que você leia! Afaste-se, não toque nessa amaldiçoada!

MARGARIDA. — Então tome.

EURICÃO. — Não tomo!

MARGARIDA. — Leia o senhor mesmo!

EURICÃO. — Não leio!

MARGARIDA. — Não pode ser coisa ruim, papai!

EURICÃO. — Só pode ser coisa ruim, minha filha!

CAROBA. — Mas se for dinheiro emprestado, é só o senhor não emprestar, Seu Euricão!

EURICÃO. — É mesmo! É mesmo, Caroba! Eu nem me lembrei disso, no meu aperreio!

CAROBA. — Leia a carta, Seu Euricão!

MARGARIDA. — É, papai, leia! Que mal faz?

PINHÃO. — Se for dinheiro emprestado...

EURICÃO. — (Jogando a carta no chão) Ai!

MARGARIDA. — (Apanhando-a.) Não é nada demais, está vendo? Olhe, veja o senhor mesmo!

EURICÃO. — Não fala em dinheiro não?

MARGARIDA. — Não.

EURICÃO. — Nem pede para eu avalisar alguma letra?

MARGARIDA. — Não.

EURICÃO. — Você jura?

MARGARIDA. — Juro.

EURICÃO. — Então eu leio. Mas Santo Antônio, veja lá! Não vá ser essa safadeza de me pedir dinheiro emprestado!

MARGARIDA. — Papai, leia a carta pelo amor de Deus!

EURICÃO. — Você acha que eu devo ler?

MARGARIDA. — Acho.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674.p 69

contrá-lo como sempre com os seus, gozando paz e prosperidade! Ai! Margarida!

MARGARIDA. — Que é, papai?

EURICÃO. — Você passou o São João na fazenda de Eudoro Vicente.

MARGARIDA. — É verdade, papai.

EURICÃO. — Você foi dizer, lá, que eu era rico?

MARGARIDA. — Eu? E eu ia dizer uma coisa dessa, meu pai? Nós somos tão pobres!

EURICÃO. — E como é que ele fala em prosperidade, aqui? Isso é dinheiro emprestado, não tem pra onde!

MARGARIDA. — É um modo de falar, papai, todo mundo diz isso nas cartas!

EURICÃO. — É?

MARGARIDA. — É!

EURICÃO. — Então eu leio. Gozando paz e prosperidade. Sobretudo, espero que esteja passando bem sua encantadora filha Margarida, cuja estada em minha casa ainda não consegui esquecer. Ah, isso aí ele tem que reconhecer, minha filha é um patrimônio que possuo. Hei de casá-la com um homem rico e ela há de amparar a velhice do paizinho dela. Eudoro, com todo o dinheiro que tem, não tem uma filha como a minha!

CAROBA. — E o senhor, com toda a filha que tem, não tem uma riqueza como a dele!

EURICÃO. — Como foi?

CAROBA. — Nada!

EURICÃO. — Mando na frente meu criado Pinhão, homem de toda confiança...

PINHÃO. — Obrigado!

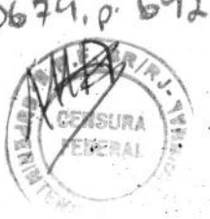
EURICÃO. — ... para avisá-lo de minha chegada aí. Aí aonde? Eudoro Vicente pensa que, pelo simples fato de ter hospedado minha filha, eu estou obrigado a hospedá-lo? Ele convidou Margarida porque quis, eu não convidei ninguem!

MARGARIDA. — Mas papai, ele foi tão delicado comigo!

EURICÃO. — Mas eu não o convidei, esse é que é o fato! Eu não convidei ninguém! E o que é isso aqui? O que é isso aqui?

CAROBA. — Que é, Seu Eurição?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 692



EURICÃO. — Está vendo? Eu não dizia? Minha filha, você ainda causará minha perdição, minha morte, meu assassinato! Ai a crise, ai a carestia!

MARGARIDA. — Que foi, meu pai?

EURICÃO. — A carta! A carta amaldiçoada! Bem que eu estava com um presentimento ruim!

MARGARIDA. — Mas o que é que tem a carta? Dê cá, deixe eu ver! Onde é?

EURICÃO. — Aí onde diz "de minha chegada aí". Ah carta amaldiçoada! Ai a crise, ai a carestia!

MARGARIDA. — De minha chegada aí, mas quero logo avisá-lo: pretendo privá-lo de seu mais precioso tesouro!

EURICÃO. — Está vendo? Esse ladrão! Esse criminoso! Meteu na cabeça que eu tenho dinheiro escondido e quer roubá-lo. Estão me roubando! Ladrões, só pensam nisso! Mas vou tomar minhas providências! Saiam, saiam imediatamente! Vou trancá-los, entrem aqui imediatamente! Entrem, entrem!

Empurra os quatro num quarto qualquer, que tranca por fora. Tranca também as portas e janelas com barras de madeira e abre pelo meio uma grande porca de madeira, velha e feia, que deve estar em cena, atirada a um canto, como se fosse coisa sem importância. Dentro dela, pacotes de dinheiro. Euricão, enquanto ergue e deixa cair amorosamente os pacotes, vai falando, ora consigo mesmo, ora com Santo Antonio, cuja imagem também deve estar em cena.

EURICÃO. — Ladrões, ladrões! Será que me roubaram? É preciso ver, é preciso vigiar! Vivem de olho no meu dinheiro, Santo Antônio! Dinheiro conseguido durante, dinheiro que juntei com os maiores sacrifícios. Eurico Arábe. Euricão Engole-Cobra! Pois sim! Mas é rico e os que vivem zombando dele não têm a garantia de sua velhice. Ah, está aqui, os ladrões ainda não conseguiram furtar nada. Ah, minha porquinha querida, que seria de mim sem você? Chega dá uma vontade da gente se mijar! Fique aí até outra oportunidade. Se eu pudesse, comia você inteirinha! Ai, mas é impossivel! Se não, desconfiam!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 693

SR/RJ-TAL SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL CENSURA FEDERAL

ricão Arábe, hein? Euricão Engole-Cobra! Pois sim! Mas, se eu não cuido, as cobras é que vão me engolir.

PINHÃO. – É por isso que o povo diz que cobra que não anda não engole sapo.

EURICÃO. – Acabe com esses ditados! Trabalhei com as cobras, é verdade, vendendo meus remédios por todo o sertão. Mas hoje... Vocês pensam que sou rico, não é?

MARGARIDA. – Mas papai, quem vai pensar uma coisa dessas?

EURICÃO. – Vivo cercado de inimigos, de ladrões. E agora, ainda mais esse Eudoro Vicente, querendo roubar o que é meu! Esse ladrão, esse criminoso! Eu não convidei ninguém, ele vem porque quer. E você, Seu Dodó, não diz nada? O senhor ouve essa desgraça, vê que estão querendo me depenar, me explorar, e fica calado?

DODÓ. – O senhor vá ao hotel de Dadá e reserve quarto para o fazendeiro. Quando ele chegar, paga a conta!

EURICÃO. – É mesmo! Dodó Boca-da-Noite! Que talento, que gênio! É a única pessoa que sabe me compreender! Se você não fosse tão pobre e tão feio, minha filha bem que poderia... Eu vou, sua idéia é boa. Mas cuidado, todo cuidado é pouco. Você fica aqui, de olho. Não deixa entrar ninguém. Margarida, minha filha, você jura que fica aqui?

MARGARIDA. – Juro.

EURICÃO. – Jura que não deixa ninguém entrar até aque eu volte?

MARGARIDA. – Juro.

EURICÃO. – Você também jura, Dodó Boca-da-Noite?

DODÓ. – Juro.

EURICÃO. – Você vigia minha filha e ela vigia você! Vou reservar o quarto para Eudoro. E se ele chegar na minha ausência, vão logo esclarecendo tudo. Eu não convidei ninguém e não tenho dinheiro nenhum. E que Santo Antonio me proteja dos ladrões! (Sai.)

MARGARIDA. – Meu amor, o que é que se pode fazer para evitar isso? Espere, tire essa barba horrível, não consigo me convencer de que é você! Estamos perdidos, vão descobrir tudo.

DODÓ – A que horas meu pai chega, Pinhão?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 694

CENSURA FEDERAL
SUPERINTENDENCIA REGIONAL

MARGARIDA — Que terá havido, Dodó, meu amor? Que foi que deu em seu pai derepente? Terá desconfiado de que você está aqui?

DODÓ. — Ele estava zangado, Pinhão?

PINHÃO. — Não, pelo contrário, estava até alegre.

DODÓ. — Falou alguma coisa a meu respeito? A respeito de eu ter ou não ter ido para o Recife estudar?

PINHÃO. — Não. Ele não tem a menor idéia de que o senhor está aqui.

MARGARIDA. — O melhor é a gente confessar tudo, querido. Não aguento mais essa agonia. A todo instante penso que meu pai vai reconhecer você.

DODÓ. — Não está vendo que é impossível, meu bem? Quando seu pai me viu pela última vez, eu era um menino. E com esta corcova, essa roupa, essa barba... Não é possível de jeito nenhum!

MARGARIDA. — Mas o seu? Ele vai chegar e vai reconhecê-lo. Não seria melhor dizer tudo?

DODÓ. — Mas dizer tudo como, meu bem? Não tenho um tostão meu, meu pai é contra a idéia de eu me casar sem estudar, seu pai só deixa você casar com um homem rico... O que é que eu posso fazer contra este inferno?

MARGARIDA. — Talvez se seu pai soubesse que a noiva sou eu, permitisse o casamento e lhe desse terra para você trabalhar. Ele gostou tanto de mim quando estive lá!

DODÓ. — E eu mais ainda, tanto assim que abandonei meu estudo e vim me meter nesse armazém por sua causa.

MARGARIDA. — Mas com a chegada de seu pai, tudo se complica! Ele vai descobrir!

DODÓ. — Talvez você tenha razão, é melhor confessar. Quando ele chegar, descobrimos tudo e ficamos de joelhos diante dos dois, pedindo consentimento para nos casar.

CAROBA. — O senhor quer um conselho?

DODÓ. — Quero, Caroba, estou completamente cego.

CAROBA. — Então não descubra nada!

MARGARIDA. — Por quê? Você fala de um jeito tão misterioso!

CAROBA. — É porque estou maldando um negócio mais misterioso ainda. Vou dizer uma coisa curta e certa aos dois: não des

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 695

(8)

CENSURA FEDERAL
SUPERINTENDENCIA REGIONAL

DODÓ. — O quê? Você está doida, mulher?

CAROBA. — Estou nada, homem! Seu pai não é viúvo?

DODÓ. — É.

CAROBA. — A senhora não passou um tempo lá?

MARGARIDA. — Passei.

CAROBA. — Ele não simpatizou com a senhora?

MARGARIDA. — Simpatizou.

CAROBA. — Ele não disse, na carta, que vinha roubar o tesouro mais precioso de Seu Euricão?

PINHÃO. — Disse.

CAROBA. — Então o que é que vocês querem mais? É casamento no duro!

DODÓ. — É possível?

CAROBA. — Por que não, Seu Dodó? é proibido casar?

MARGARIDA. — Mas assim, sem um aviso, sem uma proposta!

CAROBA. — Dona Margarida, essas coisas só se usam na primeira vez, na segunda, vai direto! Casamento de viúvo é feito depressa e sem muita conversa!

MARGARIDA. — Você acha que é possível?

DODÓ. — Ouvi papai falar em casamento mais de uma vez, para sondar minha opinião.

MARGARIDA. — E se for, o que é que a gente faz, meu Deus?

CAROBA. — É deixar as coisas como estão. Se o senhor tiver habilidade, pode ser que seu pai não o reconheça, pelo menos hoje. Quando ele chegar, já é quase noite. Com a corcova, a perna curta, a barbicha e a boca torta, o senhor bem que pode passar por outro. Então a gente vê o que faz, examina tudo, vê se é casamento mesmo e pode então partir daí para resolver tudo.

DODÓ. — Como?

CAROBA. — Eu sei lá, na hora se vê.

MARGARIDA. — (A DODÓ) Você acha que está bem assim?

CAROBA. — Pode ser que não esteja, mas é o jeito.

DODÓ. — Está bem, Caroba, vou seguir seu conselho. E se resolver a contento, eu saberei mostrar minha gratidão.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p.696

PINHÃO. — Seguro morreu de velho.

CAROBA. — O senhor não tem uma terrinha que seu padrinho lhe deu?

DODÓ. — Tenho, mas é uma terrinha pequena, não dá para nada.

CAROBA. — Para o senhor, para mim vale muito. A coisa que eu mais desejo na vida é casar com Pinhão e ter uma terrinha para trabalhar nela com ele. Se a história se resolver e eu conseguir fazer seu casamento, o senhor passa a escritura dessa terra para nós dois?

DODÓ. — Passo.

CAROBA. — Prometido?

DODÓ. — Prometido.

PINHÃO. — Quem vive de promessa é santo.

CAROBA. — Mas aí é pegar ou largar.

PINHÃO. — Pois eu pego! Vou arranjar umas promissórias aí pela rua. O senhor assina uma no valor da terra. Quando passar a escritura, eu devolvo a que o senhor assinou, está bem?

DODÓ. — Está, homem desconfiado!

PINHÃO. — O velho dobrou na esquina.

CAROBA. — Saiam, deixem eu enfrentar Seu Euricão. É preciso preparar o terreno. Cuidado, lá vem ele! Pinhão, fique, preciso de sua ajuda!

DODÓ põe os disfarces e sai atrás de MARGARIDA. Entra EURICÃO.

EURICÃO. — Ladrões, só vejo ladrões! Mas Santo Antônio me protege. Caroba, você sozinha aqui? Que é isso? Onde estão os outros? Onde está Dodó Boca-da-Noite?

CAROBA. — Para falar com franqueza, não prestei atenção. Deve ter saído.

EURICÃO. — Que conversa é essa? Você andou remexendo no que é meu?

CAROBA. — Que interesse eu tinha em remexer nessa troçaria? Só se fosse para ficar com asma, nesse mofo.

EURICÃO. — Deixe ver os bolsos.

CAROBA. — Veja.

EURICÃO. — Sacudo o vestido.

CAROBA. — (Obedecendo.) Está quente hoje, hein,, Seu Euricão?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 697

(9)

CENSURA FEDERAL

EURICÃO. — Vire-se de costas.

CAROBA. — Pois não.

EURICÃO. — Deixe de maneios e abra as mãos.

CAROBA. — Aqui estão.

EURICÃO. — Não terá escondido nada embaixo da saia?

CAROBA. — Epa, vá pra lá! Que molecagem é essa?

EURICÃO. — Idiota, eu sou um velho, Minha intenção é outra.

CAROBA. — Sei lá, isso é você quem diz!

PINHÃO. — É melhor você se garantir, Caroba.

CAROBA, que tem se aproximado da porca, coloca a mão descuidadamente em seu dorso.

EURICÃO. — (Aterrado.) Saia daí!

CAROBA. — Que foi?

EURICÃO. — Uma aranha, aí!

CAROBA. — Ai! (Esconde-se atrás da porca, abraçando-se com ela.)

CAROBA. — Ai, tenho horror a aranha!

EURICÃO. — Saia daí!

CAROBA. — O que é?

EURICÃO. — Um lacrau enorme! Saia, saia! Olhe o lacrau, Caroba!

CAROBA. — Ai! Aonde, Seu Euricão?

EURICÃO. — Aí na porca!

PINHÃO. — Aonde, que eu não estou vendo?

EURICÃO. — Desapareceu, deve ter fugido!

CAROBA. — É capaz de estar embaixo da porca.

Abaixa-se e procura cuidadosamente, batendo na porca com os nós dos dedos.

EURICÃO. — Caroba! Olhe a caranguejeira!

CAROBA. — Ai! Esta casa está cheia de bichos, Seu Euricão!

PINHÃO. — Sabe por que é isso, Seu Euricão? São essas velharias que o senhor guarda aqui. Só essa porca já tem mais de duzentos anos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p 698

CENSURA FEDERAL SR/RJ-SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL

CAROBA. — Por que o senhor não joga isso fora? Outro dia eu e Dona Margarida quisemos fazer uma surpresa ao senhor. A gente ia jogar fora essa porca velha e comprar uma nova para lhe dar.

EURICÃO. — (Arriando numa cadeira.) Ai, ai! Miseráveis, miseráveis, assassinas, bandidas! Logo minha porquinha que herdei de meu avô! Toque nela e quem vai embora é você, está ouvindo, assassina? Sou louco por essa porca! Ai Santo Antônio, querem me roubar, me assassinar, e ainda por cima comprar uma porca nova que deve custar uma fortuna! Ladrões, ladrões! Ai a crise, ai a carestia! Santo Antônio, Santo Antônio!

CAROBA. — Está certo, Seu Euricão, está certo! Diabo duma agonia danada! Deixe a porca de lado, ninguém toca mais nela! Que é que vale uma porca? O negócio agora é evitar a facada que o tal do Eudoro vem lhe dar.

EURICÃO. — A facada?

CAROBA. — E então? O senhor vai ver se não é! Pinhão me contou como ele faz. Chega cheio de delicadezas. A essa hora, já se informou de sua devoção por Santo Antônio. Ele chega e faz que é devoto do mesmo santo. Elogia o senhor, elogia sua filha, pergunta como vão os negócios, todo amável, e vai amolando a faca. (À medida que fala, vai evocando a cena imaginária com gestos significativos e cortantes.)

CAROBA. — Deve ser uma faca enorme, assim desse tamanho. Ele vai atolá-la até o cabo em sua barriga. Agrada o senhor, ajeita, e, quando menos o senhor esperar, xuiu! (Dá a facada com a mão na barriga de Euricão, que cai desfalecido numa cadeira.)

EURICÃO. — Ai! Quanto você calcula que vai ser a facada, Caroba?

CAROBA. — Homem, pelo tamanho da faca, calculo aí nuns vinte contos.

EURICÃO. — Ai! Caroba! Tenha compaixão de um pobre velho.

CAROBA. — Mas é claro que tenho, Seu Euricão! Já pensei em tudo e vou defendê-lo contra esse urubu.

EURICÃO. — Você vai, Caroba? Como?

CAROBA. — O meio é contra-atacar com as mesmas armas. O senhor lhe oferece jantar, dá-lhe vinho, cerveja, e quando ele estiver bem entusiasmado para dar o golpe, o senhor dá

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 699

(10)

EURIÇÃO. — Como?

CAROBA. — Pedindo vinte contos emprestados.

EURICÃO. — Ra, ra! Ra, ra! Ra, ra! Grande idéia, Caroba, idéia genial! Mas como é que se paga o jantar?

PINHÃO. — O senhor tira dos vinte contos!

EURICÃO. — Ladrão, miserável! Já quer gastar meus vinte contos que eu arranquei daquele criminoso com tanto trabalho! Quer me matar de fome, bandida? Quer gastar meu dinheiro?

CAROBA. — Mas Seu Euricão, o dinheiro não é dele?

EURICÃO. — Ai, é mesmo! E se ele não emprestar, Caroba?

CAROBA. — Ah, ele empresta! Vou dar um jeito nisso! O senhor me dá uma comissão?

EURICÃO. — Se você arranjar os vinte contos? Dou.

CAROBA. — Quanto?

EURICÃO. — Eu lhe dou metade daquele jerimum que o cego me deu ontem.

CAROBA. — É pouco! Eu quero é dinheiro, Seu Euricão!

EURICÃO. — Ai, ai! Ainda não tenho os vinte contos e já querem me roubar! Não dou, não dou de jeito nenhum.

CAROBA. — Então, estou fora do negócio.

EURICÃO — Não! Preciso de você, Caroba, não me abandone!

CAROBA. — Então me dê minha comissão.

EURICÃO. — Quanto é que você quer?

CAROBA. — Quinhentos.

EURICÃO. — Dou cinquenta.

CAROBA. — Estou fora!

EURICÃO. — Cem.

CAROBA. — Estou fora!

EURICÃO. — Cento e cinquenta.

CAROBA. — Estou fora!

EURICÃO. — Duzentos.

CAROBA. — Estou fora!

EURICÃO. — E eu também! Estou fora, porque daí não passo de jeito nenhum! Estou fora!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 700

CENSURA FEDERAL SR/RJ SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL

EURICÃO. — E como é que ele vai pagar, se sou eu que encomendo?

CAROBA. — O senhor tira dos vinte contos.

EURICÃO. — E se ele não empresta?

CAROBA. — Ai, pelo menos a gente ganha o jantar.

EURICÃO. — E com que é que se paga o jantar? Com meu dinheiro?

CAROBA. — O jantar não vai ser pago com os vinte contos, Seu Eurição?

EURICÃO. — Ai, é mesmo. Assim, eu quero!

CAROBA. — Então vá, Pinhão. Vá e encomende o jantar que hoje aqui se come de noite e se come bem. Vá, Pinhão.

PINHÃO. — Meu patrão!

CAROBA. — Seu patrão?

PINHÃO. — Sim, chegou. Dona Benona Arábe está recebendo meu patrão aí fora, na calçada, perto do cemitério da igreja.

CAROBA. — Saia por aqui, então. é preciso que ele pense que você está do lado dele. Se não ele desconfia, fica de sobreaviso e não empresta os vinte contos, não é, Seu Eurição?

EURICÃO. — É, Pinhão, meu filho, saia por ali. Nessas coisas, a surpresa é tudo. Vá e volte para nos ajudar, que a luta com esse criminoso vai ser grande.

PINHÃO sai ao mesmo tempo que BENONA entra.

BENONA. — Eurico, Eudoro Vicente está lá fora e quer falar com você.

EURICÃO. — Benona, minha irmã, eu sei que ele está lá fora, mas não quero falar com ele.

BENONA. — Mas Eurico, nós lhe devemos certas atenções.

EURICÃO. — Você, que foi noiva dele. Eu, não!

BENONA. — Isso são coisas passadas.

EURICÃO. — Passadas para você, mas o prejuízo foi meu. Esperava que Eudoro, com todo aquele dinheiro, se tornasse meu cunhado. Era uma boca a menos e um patrimônio a mais. E o peste me traiu. Agora, parece que ouviu dizer que [illegible] E vem louco atrás dele, sedento,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 701

CENSURA FEDERAL

atacado de verdadeira hidrofobia. Vive farejando ouro, como um cachorro da molest'a, como um urubu, atrás do sangue dos outros. Mas ele está muito enganado. Santo Antônio há de proteger minha pobreza e minha devoção.

CAROBA. — Mas enquanto Santo Antônio não se vira, vamos ajudá-lo um pouco. Seu Euricão, saia por um momento.

EURICÃO. — Você se encarrega de preparar tudo?

CAROBA. — É claro.

EURICÃO. — Então eu saio. Traga o cachorro, Benona, traga o urubu. Se Deus quiser e Santo Antônio me ajudar, o golpe vai se virar por cima dele. Eu fico ali, assim que o tenente estiver preparado, me chame. (Sai.)

CAROBA. — Dona Benona, espere um instante. Quero lhe dizer um negócio, em caráter confidencial.

BENONA. — Que é, Caroba?

CAROBA. — Pinhão está desconfiado de que Seu Eudoro vem pedir a senhora em casamento.

BENONA. — Caroba!

CAROBA. — É verdade, Dona Benona! A senhora não foi noiva dele?

BENONA. — Fui, mas briguei por uma besteira e ele se casou com outra.

CAROBA. — Mas o fato é que está viúvo e arrependido! Ele mandou dizer a Seu Euricão que vinha privá-lo de seu tesouro e Pinhão acha que só pode ser a senhora.

BENONA. — É possível?

CAROBA. — A senhora mesmo vai ver, daqui a pouco. Mas parece que ele está meio envergonhado, depois de tanto tempo. É natural, mas é preciso ajudá-lo.

BENONA. — (Faceira.) Ele está acanhado porque quer, porque eu nunca o esqueci.

CAROBA. — Foi nada?!

BENONA. — E então?

CAROBA. — Pois eu vou ajudar Seu Eudoro a sair do acanhamento. A senhora me deixe só com ele que eu vou me certificar. Se for verdade, pode deixar que eu puxo a conversa na frente de Seu Euricão e a senhora noiva.

[illegible] Foi tudo tão de repente!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 702

CONSULTA FEDERAL
SUPERINTENDENCIA REGIONAL

pre foi meio doidinho!

CAROBA. — É casamento na certa! A senhora saia e deixe tudo comigo!

BENONA. — Pois está certo. Fique, fale com ele e que Santo Antônio nos proteja.

Entra EUDORO VICENTE, BENONA lança-lhe um olhar provocante e terno.

BENONA. — Eudoro, meu irmão vem já. Com licença malvado! (Sai.)

EUDORO. — Que foi que houve aqui, meu Deus, para Benona me olhar assim? Que coisa esquisita!

CAROBA. — Ah e o senhor ainda não soube de nada não?

EUDORO. — Não, o que foi que houve?

CAROBA. — O que houve, Seu Eudoro, foi que o povo daqui está desconfiado de que o senhor veio noivar.

EUDORO. — E por que estão pensando isso?

CAROBA. — O senhor mandou dizer na carta que ia roubar o tesouro de Seu Euricão e todo mundo está pensando que isso quer dizer "casar com Dona Margarida".

EUDORO. — Pois estão pensando certo, Caroba. Desde que Dodó saiu de casa para estudar, estou me sentindo muito só. Simpatizei com a filha de Euricão e resolvi pedi-la, apesar da diferença de idade.

CAROBA. — O senhor está parecendo meio encabulado de pedir.

EUDORO. — É verdade, Caroba. Não sei como vou começar. Minha idade não permite mais certas coisas que agradam às moças, de modo que...

CAROBA. — Então deixe comigo. Seu Euricão é louco pela filha. Não gosta nem de falar em casamento para ela, com medo de perdê-la. Mas, ao mesmo tempo, quer casá-la, pois considera a moça uma espécie de patrimônio. O senhor agrade o velho, seja delicado, diga que ele vai bem de saúde e de negócios, fale em Santo Antônio, que é a devoção dele, e deixe o resto comigo. Depois que eu puxar o assun

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674.p 703

(12)

CENSURA FEDERAL

EUDORO. — Está ótimo. Caroba. Para animá-la eu... (Remexe no bolso.)

CAROBA. — Nada disso, a única coisa que me interessa nisso é a estima que sempre lhe tive. Mas já que o senhor insiste...

EUDORO. — Pois tome e puxe o assunto. Creio que Euricão não criará dificuldade. Gosta da filha, mas gosta ainda mais de dinheiro e, sabendo que tenho algum... Mas o que é isso?

CAROBA. — Não é uma das velharias de Seu Euricão? Herdou essa porca ainda do tempo do avô e não há quem faça ele jogá-la fora.

EUDORO. — Do tempo do avô, é? Interessante, muito interessante! Gosto muito de antiguidades!

CAROBA. — Então eu vou chamá-lo. Seu Euricão! Seu Euricão! Seu Euricão Engole-Cobra!

EURICÃO. — (Entrando.) Engole-Cobra é a mãe. Bom dia, Eudoro Vicente.

EUDORO. — Bom dia, Eurico Arábe. Santo Antônio o guarde, Santo Antônio o proteja a você e a toda a sua familia.

EURICÃO. — (À parte, a Caroba.) Se não for dinheiro emprestado, eu estufe! Que Santo Antônio também o proteja, Eudoro Vicente.

EUDORO. — Então sempre em saúde e prosperidade, hein?

EURICÃO. — É dinheiro, não tem pra onde! Prosperidade, eu? Você sim, pode dizer que vai bem com todas aquelas fazendas!

EUDORO. — Que é que adianta a terra Eurico? Vem a seca e morre tudo. A felicidade é que tenho amigos e são eles que me valem nas horas de aperto.

EURICÃO. — É dinheiro emprestado, não tem pra onde! Você gosta de contar desgraça, mas é para esconder a fortuna. Eu é que só tenho, para contar, miséria. Os ricos, como você, contam dinheiro, Eudoro, os pobres, como eu, desgraça.

EUDORO. — Que nada, isso é modéstia! E quando à crise, se puder fazer alguma coisa para ajudá-lo...

EURICÃO. — Isso parece promessa, mas é para preparar o pedido. Es[illegible] dinheiro emprestado

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p.704

CENSURA FEDERAL

EURICÃO. — Boa.

EUDORO. — E meu caráter?

EURICÃO. — Bom.

EUDORO. — E meus atos?

EURICÃO. — Nem maus nem desonestos.

EUDODO. — Qual é a opinião que você tem de mim?

EURICÃO. — Sempre o considerei um cidadão honrado.

EUDORO. — Pois eu também acho você um cidadão sem defeitos.

EURICÃO. — Se não for dinheiro emprestado, eu me dane! O que é que você quer?

CAROBA. — Seu Euricão, o senhor sabe perfeitamente que Seu Eudoro gostou de uma pessoa de sua família.

EURICÃO. — Sei, mas pensei que isso já tivesse passado.

CAROBA. — Ora passado, agora foi que começou! A simpatia que essa pessoa inspirou a Seu Eudoro só fez aumentar com a separação. Pois bem, Seu Eudoro veio pedi-la em casamento.

EURICÃO. — Está dada, pode se considerar noivo. Mas eu preciso de vinte contos emprestados para fazer a festa do casamento.

EUDORO. — Mas eu ainda não sei se ela aceita!

EURICÃO. — A responsabilidade é minha, pode se considerar noivo! Não está vendo que eu não vou perder uma oportunidade dessa? Você está noivo, Eudoro, e eu preciso de vinte contos, esse é que é o fato.

EUDORO. — Então mande chamar Margarida.

EURICÃO. — Margarida? Pra quê?

CAROBA. — Seu Eudoro quer vê-la depois de tanto tempo, é perfeitamente natural, Seu Euricão. Ele já viu Dona Benona, agora quer ver Dona Margarida!

EURICÃO. — Ah, sim. Mas quero logo lhe dizer, Eudoro, que ela esteve lá foi a convite seu. Eu não convidei ninguém você vai para o hotel de Dadá!

EUDORO. — Está bem, mas posso ver Margarida?

EURICÃO. — Pode, por que não?

EUDORO. — Diziam que você era tão cheio de coisas com ela!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 p. 205

(13)

CENSURA FEDERAL SUPERINTENDÊNCIA

EUDORO. — Prometo, homem cuidadoso! Não fica bem eu, noivo hospedado em casa da noiva, não é?

EURICÃO. — Ah, é, nessas coisas eu sou inflexível! Basta dizer que mantenho um guarda, pago com meu dinheiro, só para tomar conta de Margarida. Tem ordem de não deixá-la um só instante.

EUDORO. — Um guarda? Um homem?

EURICÃO. — Sim, mas é tão feio que não há perigo. Margarida tem ódio dele. Mas eu gosto, porque ele é prudente e econômico, chega a me dar lições. Chama-se Dodó.

EUDORO. — Meu filho tem esse mesmo apelido de Dodó!

CAROBA. — Mas seu filho é coxo?

EUDORO. — Você já morou em minha terra e sabe que não.

CAROBA. — É corcunda?

EUDORO. — Não.

CAROBA. — Tem uma barbicha?

EUDORO. — Não.

CAROBA. — Veste sempre preto?

EUDORO. — Não.

CAROBA. — É amarrado?

EUDORO. — Não.

CAROBA. — Tem a boca torta?

EUDORO. — Não.

EURICÃO. — Então não é esse não, porque Dodó Boca-da-Noite tem tudo isso e mais alguma coisa. Vou chamar os dois aqui. Margarida! Dodó Boca-da-Noite!

Entra MARGARIDA

EUDORO. — Oi, você não disse que ela é sempre vigiada?

EURICÃO. — Margarida, você quer me desmoralizar? Sustente o pudor, Margarida! Olhe o recato, Margarida! Onde está Dodó?

MARGARIDA. — Seu Dodó sentiu-se mal e ficou no armazém, papai.

EURICÃO. — Sentiu-se mal o quê? Empregado meu tem lá licença de se sentir mal! Dodó, Dodó! Dodó Boca-da-Noite!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674.p 706

CENSURA FEDERAL

DODÓ entra, exagerando a corcova, o andar e sempre de costas, para não ser reconhecido.

EURICÃO. — Cumpra com sua obrigação, está ouvindo?

DODÓ. — Estou.

EURICÃO. — É um bom servidor, gosto muito dele! Venha cá, conhecer meu amigo, Dodó.

DODÓ. — Ai!

EURICÃO. — Que foi?

MARGARIDA. — Eu não disse que ele estava doente?

DODÓ. — Seu Eurico, um copo dágua, Seu Eurico!

EUDORO. — Tome, moço.

DODÓ. — (Dando-lhe as costas.) Não! Já passou, estou bonzinho!

CAROBA. — Seu Euricão mandou chamar a senhora, Dona Margarida, porque Seu Eudoro Vicente fez o pedido de casamento.

EURICÃO. — E já que ele vai entrar na família, minha filha...

MARGARIDA. — É verdade?

EUDORO. — É, Margarida. Ainda não tive tempo de ir ao hotel, mudar de roupa, mas quero logo pedir uma entrevista a você para conversarmos.

EURICÃO. — Ah não, entrevista não. A entrevista é essa!

EUDORO. — Mas Eurico...

MARGARIDA. — Não precisa nem o senhor falar, meu pai. Prefiro ir para um convento.

EURICÃO. — Está vendo o que é recato. Eudoro? Ai, Margarida, Sustente o pudor, Margarida, sustente o recato! Trata-se de Eudoro, é uma pessoa séria, de mais idade e além do mais vai entrar na família. Mas recato é recato! Entrevista, sozinha, com ninguém!

EUDORO. — Mas Eurico...

MARGARIDA. — Já disse que prefiro ir para um convento. E vá marcar entrevista com gente de sua idade, está ouvindo? E saia daqui com seu casamento! Saia daqui porque eu...

CAROBA põe o dedo nos lábios e faz-lhe sinal para que ela saia. MARGARIDA se interrompe bruscamente e come

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674.p 707

(14)

EUDORO. — Mas Eurico...

CAROBA. — Coitada, foi pegada de surpresa pela noticia, é muito pegada com a família principalmente com Dona Benona, e está com medo de perdê-la.

EURICÃO. — É isso mesmo. Não se ofende, Eudoro, vou acalmá-la. Uma conversa comigo e em dois tempos ela vai ser a primeira a apoiar a idéia. (Sai.)

EUDORO. — A apoiar que idéia? A da entrevista?

CAROBA. — Não, a do casamento.

EUDORO. — Bem que eu não queria fazer isso, assim de repente! Agora a moça está nervosa!

CAROBA. — Isso passa, deixe comigo! Ela faz isso porque está na frente do pai. Mas quando ela falar com o senhor a sós, há de ver que ela quer o casamento.

EUDORO. — Mas o fato é que não vou poder falar com ela a sós.

CAROBA. — Ah, isso não. Vai, e quem vai arranjar a entrevista sou eu.

EUDORO. — Você? Como? Onde?

CAROBA. — Aqui e de noite, depois que o velho estiver dormindo. Ele dorme cedo, de modo que depois do jantar...

EUDORO. — E se alguém acordar?

CAROBA. — É fácil disfarçar. Dona Margarida levanta-se às vezes à noite, para rezar escondido pela mãe.

EUDORO. — Escondido por quê?

CAROBA. — Seu Eurição não gosta disso. A mulher abandonou-o e, depois que ela morreu, ele mandou buscar o corpo e enterrou aí. Mas não gosta nem que se fale dela. De modo que, se Dona Benona acordar, diz-se que foi isso. Dona Benona é a mais perigosa, tem mania de recato. É a conselho dela que Seu Eurição fica tão rigoroso com a filha.

EUDORO. — Benona sempre foi assim, creio mesmo que foi por causa disso que ela... Mas enfim, você arranja a entrevista?

CAROBA. — Arranjo. Depois do jantar, quando todo mundo estiver deitado, eu destranco essa porta. Aí o senhor volta e pode falar com Dona Margarida, aqui.

EUDORO. — Mas será que ela aceita?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p.708

CENSURA FEDERAL

EUDORO. — Está bem, mas cale a boca. O homem vem aí.

Entra EURICÃO

EURICÃO. — A moça se trancou e não houve jeito. É o recato, recato, coitada. Mas você compreende isso, não é?

EUDORO. — É.

EURICÃO. — Então adeus, Eudoro Vicente, não quero retê-lo mais, você deve estar com fome e o hotel...

CAROBA. — Patrão!

EURICÃO. — Hein?

CAROBA. — E o jantar?

EURICÃO. — Cale a boca, miserável!

CAROBA. — O senhor não prometeu um jantar? É para celebrar o noivado.

EUDORO. — Um jantar? Ah, aceito, pois não. Venho jantar e depois vou dormir no hotel.

EURICÃO. — Está bem, está bem. Essa você me paga, Caroba! E a respeito dos vinte contos?

EUDORO. — No jantar nós falaremos.

EURICÃO. — Ótimo, ótimo. Essa parte está ótima.

EUDORO. — Então, até já! E preparem o espírito da noiva! (Sai.)

CAROBA. — Seu Euricão, espero que o senhor não se esqueça de minha comissão.

EURICÃO. — Que comissão?

CAROBA. — A que o senhor prometeu, se eu arranjasse os vinte contos.

EURICÃO. — E quem disse que você me arranjou vinte contos? Aliás, ninguém me arranjou vinte contos. Eudoro Vicente prometeu, mas ainda não arranjou nada, vai arranjar!

CAROBA. — Mas quem planejou tudo fui eu!

EURICÃO. — Mente, velhaca! Você tinha planejado tudo para o jantar e, se eu tivesse esperado, talvez a essa hora estivesse esfaqueado. Quem pressentiu o perigo fui eu, quem pediu o dinheiro fui eu e quem arranjou o dinheiro fui eu! Você [illegible] comissão de qualidade nenhuma!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p 709

(15)

CENSURA FEDERAL

EURICÃO. — Adeus, Caroba, já basta o prejuízo do jantar.

CAROBA. — Mas Seu Euricão...

EURICÃO. — Dê o fora, Caroba.

CAROBA sai de má vontade. EURICÃO vai até a porca e alisa-a carinhosamente.

EURICÃO. — Ai minha porquinha do coração, a luta é grande contra os ladrões. Mas arranjei sempre mais vinte contos para seu buchinho.

Entra EUDORO.

EUDORO. — Eurico...

EURICÃO. — (Dando um salto.) Santo Antônio me proteja! Que negócio é esse de sair da casa dos outros e voltar nos mesmos pés? Você está me vigiando?

EUDORO. — Não, Eurico, desculpe.

EURICÃO. — Você notou alguma coisa?

EUDORO. — Alguma coisa de quê?

EURICÃO. — Você pensa que sou idiota, para dizer? Notou ou não notou?

EUDORO. — Não notei nada!

EURICÃO. — E que veio fazer aqui, entrando de emboscada, como um assasino? Como um ladrão?

EUDORO. — Afinal, o que é isso? Que é que você quer dizer? Voltei porque vim lhe oferecer preço por essa porca que você guarda aí.

EURICÃO. — Preço por minha porca? Ai! Socorro! Ladrão! Pega o ladrão!

EUDORO. — Que é isso, homem?

EURICÃO. — Ai a crise, ai a carestia! Ai Santo Antônio! Veja o que querem fazer comigo!

EUDORO. — Mas afinal de contas...

EURICÃO. — Ai minha porquinha que herdei de meu avô e esse criminoso quer tomar! Ai minha porquinha! (Cai desfalecido nu

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 710

SR/RJ CENSURA FEDERAL SUPERINTENDENCIA REGIONAL

EUDORO. — Está bem, homem de Deus, se não quer vender, não venda! Precisa essa agonia? Diabo duma esquísitice danada! Vá ser esquísito assim no inferno!

Vai saindo, quando encontra BENONA.

BENONA. — Dodó!

EUDORO. — (Formal.) Minha senhora!

BENONA. — Que minha senhora que nada, malandro! Já soube de tudo e vim lhe dizer que concordo de todo coração! Está tudo esquecido.

EUDORO. — Fico muito contente com isso, Benona.

BENONA. — E eu mais ainda, Dodó. Olhe como estou! Desde que você apareceu que meu coração começou a bater. Você acha que eu devo lhe dar um beijo?

EUDORO. — Mas Benona, você acha que ficaria próprio?

BENONA. — Deixe de preconceitos, homem! Agora estou diferente, a vida me ensinou a ser menos tola! Não quer? Bem, então fica mais tarde. Vou me vestir para o jantar. Mas não deixo você sair sem lhe dar um beliscão no espinhaço de jeito nenhum, quero me lembrar dos velhos tempos. Chegue aqui esse espinhacinho, safado!

EUDORO. — Benona!

BENONA. — Ai meu Deus, quanta timidez, como é lindo isso! Esse Dodó sempre foi doidinho! Não tem isso não, lá vai beliscão!

EUDORO. — (Correndo.) Benona! Diabo de povo mais esquisito! Benona! Ai! (Sai correndo, com BENONA atrás.)

EURICÃO. — Ai minha porquinha adorada, ai minha porquinha do coração! Querem roubá-la, querem levar meu sangue, minha carne, meu pão de cada dia, a segurança de minha velhice, a tranquilidade de minhas noites, a depositária de meu amor! Mas parece que Santo Antônio me abandonou por causa da porca. Que santo mais ciumento, é "ou ele ou nada"! É assim? Pois eu fico com a porca. Fui seu devoto a vida inteira: minha mulher me deixou, a porca veio para seu lugar. E nunca nem ela nem você me deram a sensação que a porca dá. Ah, minha bela, ah, minha amada! Aqui você fica muito à vista de todos, todo mundo dese

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 ip 711

(16)

BR/RJ - CENSURA FEDERAL - INTENDENCIA REGIONAL

lugar escondido. A mala do porão, é lá! Aí você ficará em segurança e eu poderei dormir de novo.

Entra num socavão sob a escada, sobraçando a grande porca de madeira e volta sem ela.

EURICÃO. - Agora, sim. E você, Santo Antônio, deve se contentar agora com minha pobreza e minha devoção. Eu não o esqueci. Não deixe que esses urubus descubram meu dinheiro! Faça isso, meu santo, e a banda de jerimum que eu ia dar a Caroba será sua. Menos as sementes, viu? As sementes eu quero para fazer xarope e vender no armázem. Ganha-se pouco, mas sempre é alguma coisa para se enfrentar a crise e a carestia! (Persigna-se e sai.)

FIM

DO PRIMEIRO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p 712

CENSURA FEDERAL

SEGUNDO ATO

Mesma sala. Entram CAROBA, MARGARIDA e DODÓ.

CAROBA. — Mas que jeito eu podia dar? Ele queria a entrevista, eu estava precisando agradá-lo para ele confiar em mim, o jeito foi marcar!

DODÓ. — Que jeito que nada! O que há é que você se acostumou a agradar meu pai e ficou contra mim!

CAROBA. — Deixe de ser ingrato, Seu Dodó. Eu estou tentando arranjar seu casamento e o senhor vem dizer isso!

MARGARIDA. — É, meu amor, que mal faz? Eu vou, e, se achar um modo de afastar seu pai sem mágoa, afasto.

DODÓ. — E ainda por cima, o perigo que você nos fez correr! Imagine se Margarida não visse o gesto que você fez! Era capaz de deitar tudo a perder.

CAROBA. — Que é que eu podia fazer? Era preciso que seu pai acreditasse que a noiva era ela. Agora, que já está tudo encaminhado, o senhor fica aí dando jeito a tudo. Eu queria ver era na hora, inventar tudo isso de repente, noivar seu pai com Dona Benona, quando ele pensava que era com Dona Margarida, noivar Dona Benona no pedido da Sobrinha, fazer Seu Euricão acreditar que o candidato a genro queria ser cunhado... O senhor acha pouco?

MARGARIDA. — É, meu bem, Caroba fez demais! Por que você não concorda com essa tolice de entrevista?

DODÓ. — Não concordo porque não gosto de ver você metida nisso!

MARGARIDA. — Mas meu bem, trata-se de seu pai!

DODÓ. — Não tenho nada com isso, agora é candidato a se casar com você.

CAROBA. — A entrevista é quem vai resolver tudo, Seu Dodó!

DODÓ. — Resolver tudo o quê? Ela vai é complicar tudo, isso sim! Na hora, papai pode entender a história de repente e a gente está desgraçado. Porque, se Seu Euricão descobrir que papai quer casar é com Margarida, desfaz o noivado

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 p 713

Seu Euricão faz qualquer acordo, contanto que não perca o dinheiro de meu pai!

MARGARIDA. – Não, isso também não é direito não, meu bem! Você, zombar da pobreza de meu pai? Ele é pobre mas não vê nada no mundo além de mim!

DODÓ. – (Duvidoso.) Eu sei!

MARGARIDA. – Você é quem parece de repente cheio de dureza para com ele! Você não já sabia como ele era? Por que então esses modos, de repente? Parece é que você quer me deixar de lado e está procurando um pretexto!

DODÓ. – E você? Parece estar ansiosa por essa entrevista! Pois vá! Vá, siga os conselhos de Caroba e, quando estiver de volta, jogue fora a aliança que lhe dei. Não quero casar com uma moça que marca entrevista com outro! (Sai, MARGARIDA chora.)

CAROBA. – Não chore não, Dona Margarida. Quando Seu Dodó chegar à conclusão de que tudo está bem, acaba com essa besteira.

MARGARIDA. – Eu sei lá, eu sei lá, Caroba! Que complicação, meu Deus! E essa trapalhada de entrevista... Não vou, Caroba, não vou de jeito nenhum. Afinal de contas, quem marcou a entrevista?

CAROBA. – Eu!

MARGARIDA. – Pois vá você, está ouvindo? Você foi quem marcou, você é quem vai.

CAROBA. – Mas Dona Margarida, eu quero lhe explicar que...

MARGARIDA. – Vai! Vai e não adianta discutir!

CAROBA. – Mas Dona Margarida, eu...

MARGARIDA. – Eu lhe dou um vestido meu e você vai em meu lugar! Você é mais ou menos de meu tipo: com meu vestido, de noite, no escuro, pode passar por mim, perfeitamente!

CAROBA. – Tem que ser um vestido que Seu Eudoro conheça, senão não dá certo!

MARGARIDA. – Eu lhe dou este, antes da hora!

CAROBA. – Sim, Dona Margarida, mas...

MARGARIDA. – Não admito discussão! É isso e é isso mesmo. Prepare-se, porque na hora eu lhe dou o vestido e você vai a entrevista! (Vai saindo.)

...meu plano todo era

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674.e.714

CENSURA FEDERAL INTENDÊNCIA

MARGARIDA tem saído. Pinhão, que vem entrando, ouve a frase.

PINHÃO. – Que história é essa, Caroba? É a entrevista que o patrão marcou com Dona Margarida?

CAROBA. – É, eu vou no lugar dela!

PINHÃO. – Eu não quero você com o patrão aqui, de jeito nenhum! Aquilo é um viúvo sonso dos seiscentos diabos!

CAROBA. – Espere lá, Pinhão, você não entendeu nada!

PINHÃO. – Não entendi, nem quero entender, está ouvindo? Você foi ao hotel falar com ele?

CAROBA. – Fui, e então? Precisava esclarecer certas coisas e fui!

PINHÃO. – E por que não me disse que ia?

CAROBA. – Ainda mais essa!

PINHÃO. – Você foi para falar sobre a entrevista?

CAROBA. – Fui!

PINHÃO. – E vai a essa entrevista com ele, de noite?

CAROBA. – Vou!

PINHÃO. – Vai como?

CAROBA. – Vou do jeito que entender!

PINHÃO. – Pois quero lhe dizer logo que é essa entrevista ou eu, está ouvindo? Trate de escolher!

CAROBA. – Já escolhi!

PINHÃO. – Quem ganhou?

CAROBA. – A entrevista! Você quer mandar em mim, é, Pinhão? Que desconfiança é essa, se nunca lhe dei motivo? Vou e. é quer você queira, quer não!

PINHÃO. – Pois adeus, Caroba. Quem gosta de dormente é o trem.... (Sai. Caroba chora, mas logo enxuga as lágrimas.)

CAROBA. – Essa é boa, ninguém deixa eu falar e haja todo mundo contra mim!

BENONA. – Caroba, estava precisando falar com você. Que é que você tem?

CAROBA. – Cada um sabe de si e de suas agonias, Dona Benona!

BENONA. – É verdade, Caroba. Eu mesma, tão contente que estava e começo a ficar inquieta.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 715

DIVISÃO DE CENSURA FEDERAL INTERVENÇÃO REGIONAL

BENONA. — É Eudoro, Caroba! Achei Eudoro tão esquisito para uma pessoa que veio reatar um noivado interrompido!

CAROBA. — É o tempo que passou, Dona Benona!

BENONA. — Você acha?

CAROBA. — Não tenha dúvida, ele continua no mesmo entusiasmo! Chegou até a pedir que eu arranjasse uma entrevista dele com a senhora!

BENONA. — Uma entrevista? Quando?

CAROBA. — À noite, quando o povo estiver dormindo.

BENONA. — Eurico vai estranhar.

CAROBA. — Para estranhar, ele vai ter que saber, e Seu Euricão não vai saber de nada.

BENONA. — E se alguém acordar?

CAROBA. — A senhora vem disfarçada. Veste um vestido de Dona Margarida. Se alguém acordar, a senhora faz que é ela, que veio rezar, e ninguém desconfia. De noite, é fácil.

BENONA. — E como é que eu vou arranjar o vestido de Margarida?

CAROBA. — Pode deixar que disso eu me encarrego. Depois do jantar, deixo a porta destrancada e Seu Eudoro vem. Quando tudo estiver preparado, canto como gia, entrego o vestido e a senhora fala com ele.

BENONA. — Foi Eudoro quem pediu isso?

CAROBA. — Foi.

BENONA. — Então eu vou.

CAROBA. — Mas não vá falar com ele sobre isso, antes, não! Alguém pode ouvir e vai tudo dágua abaixo.

BENONA. — Não tenha cuidado, ninguém vai entender nada! Pinhão encomendou o jantar?

CAROBA. — Encomendou, já chegaram alguns dos pratos.

BENONA. — Então vamos ajeitar tudo, porque o noivo chega já.

Saem. PINHÃO e DODÓ entram, vindos de lados opostos, ambos arrependidos.

DODÓ. — Margarida... Pinhão! Que há?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0624 p. 716

CENSURA FEDERAL

DODÓ. – Eu também peguei uma com Margarida e vinha para isso mesmo, Pinhão!

PINHÃO. – Terá sido um negócio de uma entrevista, Seu Dodó?

DODÓ. – Foi, Pinhão.

PINHÃO. – Eu fiquei danado porque Caroba disse que ia no lugar de Dona Margarida.

DODÓ. – Como, se Margarida me disse, aqui, que ia à entrevista?

PINHÃO. – Pois então já vi que seu pai marcou entrevista foi com as duas, Seu Dodó.

DODÓ. – Você o que acha dessa entrevista, Pinhão?

PINHÃO. – Seu Dodó, de sua noiva quem sabe é o senhor, mas a minha, eu não quero que vá de jeito nenhum!

DODÓ. – Aí há alguma coisa, Pinhão. Todas duas deram de repente para querer ir à entrevista. Que será?

PINHÃO. – Eu sei lá, Seu Dodó!

DODÓ. – Não custa nada esclarecer, não é? Vamos fazer o seguinte: quando Caroba abrir a porta, a gente vem antes e se esconde aqui. Assim, assiste-se à entrevista e pode-se saber, afinal de contas, o que é isso. Está certo?

PINHÃO. – Está, Seu Dodó.

DODÓ. – E o jantar? Você arranjou tudo?

PINHÃO. – Arranjei, os pratos começaram a chegar.

DODÓ. – Chegaram uns homens aí fora.

PINHÃO. – São os dois empregados do hotel, certamente vêm com a porca. Arranjei uma porca assada para nós.

DODÓ. – Então, pelo menos, hoje se tira a barriga da miséria! Estou aqui há dois meses, é a segunda vez que vou comer de noite. Vá receber a porca.

PINHÃO. – (Gritando para fora, enquanto sai.) É a porca? Levem lá por trás, nossa alegria hoje é essa porca. É a porca? (Sai. EURICÃO cruza a cena, transtornado.)

EURICÃO. – Ai, a porca! Pega, pega, o ladrão!

Sai no encalço de PINHÃO. Ouvem-se gritos, som de pancadas, imprecações. PINHÃO entra correndo, com EURICÃO atrás ameaçador. EURICÃO vai investir sobre PINHÃO, que

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p 717

CENSURA FEDERAL

EURICÃO. – Pega, pega o ladrão! Assassino, ladrão!

DODÓ. – O que é isso, Seu Eurico? Que é isso, Pinhão? Guarde essa faca imediatamente.

EURICÃO. – Não, deixe ele assim, quero mesmo que a policia veja! Pega, pega o ladrão! Vou denunciá-lo à policia!

PINHÃO. – Por quê?

EURICÃO. – Porque você anda com uma faca.

PINHÃO. – Aqui todo mundo anda!

EURICÃO. – Mas você me ameaçou.

PINHÃO. – Ameacei para não apanhar, Seu Dodó é testemunha.

EURICÃO. – Dodó não é testemunha de coisa nenhuma, que o patrão dele sou eu!

PINHÃO. – Por que o senhor deu em mim?

EURICÃO. – Ainda pergunta? Quer mais?

PINHÃO. – Venha!

EURICÃO. – (Avançando para PINHÃO, que recua.) Que é que você veio fazer em minha casa sem minha ordem?

PINHÃO. – (Mesmo tom, mesmo ritmo, com EURICÃO recuando.) Vim trazer o jantar que o senhor encomendou.

EURICÃO. – (Idem.) E é de sua conta que se coma ou não se coma em minha casa? Você é meu pai?

PINHÃO. – (Idem.) O que eu quero saber, é se é para trazer o jantar ou não.

EURICÃO. – (Idem.) E eu, o que quero saber, é se minha casa se salvará.

PINHÃO. – (Idem.) E eu, o que quero é me salvar com minha porca.

EURICÃO. – Com a porca? Ai, ai, minha porca! Ai minha porca, pelo amor de Deus! Santo Antônio, Santo Antônio! Saiam, saiam daqui imediatamente. Entrem aí que eu vou trancar vocês dois, seus ladrões! Seus criminosos! Entrem já. (Vai trancá-los no porão, mas de repente, aterrorizado, lembra-se de que a porca está lá.)

EURICÃO. – Não, não entra ninguém! Fiquem de costas, todos dois. Tapem os olhos com as mãos. Já! Se tirarem as mãos, denuncio vocês dois ao Delegado como ladrões de cavalo. Fiquem aí. Não se virem. Olhe a denúncia, boto todos [illegible] na cadeia. Você se virou, Dodó?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 718

DODÓ. — Não, Seu Eurico.

EURICÃO. — E você, ladrão?

PINHÃO. — Sou eu, é?

EURICÃO. — Quem mais havia de ser? Você se virou?

PINHÃO. — Eu não!

EJRICÃO. — Fiquem como estavam, não se virem.

Entra de novo no quarto e volta rapidamente, aliviado.

EURICÃO. — Está bem, podem se virar. Que foi que houve aqui?

DODÓ. — Nada!

EURICÃO. — Ouvi esse tal de Pinhão gritar.

PINHÃO. — E eu gritei mesmo, Seu Euricão.

EURICÃO. — O que foi que você gritou?

PINHÃO. — Gritei pela porca!

EURICÃO. — Está vendo, ladrão? É um ladrão, um criminoso, um bandido que quer sugar meu sangue. O que é que você quer com minha porca?

PINHÃO. — Quero comer, Seu Euricão!

EURICÃO. — Comer?

PINHÃO. — Sim, comer, a porca que Seu Dadá mandou para o jantar e que chegou agora!

EURICÃO. — A porca? O jantar (Entendendo e disfarçando). Ah, sim, naturalmente, a porca! Assada ou cozida, Pinhão?

PINHÃO. — Eu sei lá!

EURICÃO. — Está bem, o certo é que é preciso cuidado! Todo cuidado é pouco, Santo Antônio, todo cuidado é pouco! E antes que me enganem, é melhor eu me certificar. Saiam. Se não existir essa porca mesmo, vou fazer a denúncia e o Delegado Cabo Rangel prende você como ladrão de cavalo. (Sai.)

PINHÃO, desconfiado, vai até à porta e fica olhando o quarto, pensativo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 719

CENSURA FEDERAL
SUPERINTENDENCIA REGIONAL

DODÓ. — Isso é um louco! Você não imagina até onde vai a avareza dele. Desde que estou aqui, só se comeu à noite uma vez. E ele exige que a gente pague a refeição, porque acha que mais de uma refeição por dia é luxo!

PINHÃO. — E quem não tem para pagar, como Caroba?

DODÓ. — De quem não paga, ele desconta o preço no ordenado.

PINHÃO. — Aí é que quero saber como! Ela me disse que desde que chegou aqui não recebeu um tostão!

DODÓ. — O golpe dele é esse! Deu o primeiro jantar, cobrou o preço. Caroba não pôde pagar porque não tinha recebido o ordenado. Agora, quando Caroba cobra o ordenado, ele diz que ela primeiro pague o jantar. Como Caroba não tem o dinheiro, não paga. Assim, por conta do jantar que ele dá cada mês, economiza o salário dos empregados.

PINHÃO. — Que ladrão!

DODÓ. — Não é ladrão não, Pinhão, é louco.

PINHÃO. — Seu Dodó, eu só acredito que uma pessoa é doida quando ela começa a rasgar dinheiro. Com fama de doido, Zé Sabido enriqueceu.

DODÓ. — A felicidade nossa é que deixei um rapaz no Recife recebendo a mesada que meu pai me manda e ele remete o dinheiro pelo correio. É assim que vamos passando eu e Caroba. Mas já estou ficando cansado de ter que suportar a loucura desse arábe, esses fingimentos, essas fingimentos, essas mentiras, estes disfarces... Sabe de uma coisa, Pinhão? Não estou mais disposto a suportar isso e vou descobrir tudo!

PINHÃO. — Seu Dodó!

DODÓ tira os disfarces e se endireita. Estram CAROBA e MARGARIDA, conduzindo EUDORO VICENTE.

CAROBA. — Venha por aqui, Seu Eudoro.

PINHÃO acena para CAROBA, mostrando DODÓ sem os disfarces, mas ela não entende e dá-lhe as costas, zangada. DODÓ volta-se para ela, com EUDORO no limiar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 720

SR/RJ - CENSURA FEDERAL - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL

CAROBA. — Ai! Um ladrão!

DODÓ. — Um ladrão?

EUDORO. — Um ladrão?

CAROBA. — (Agarrando-se com ele.) Um ladrão, Seu Eudoro! Ai, o ladrão! (Empurra EUDORO, saindo de cena com ele.)

DODÓ. — Pega! Pega o ladrão!

PINHÃO. — (Avisando.) Seu Dodó! Seu Dodó!

Sai correndo atrás de DODÓ, este sem o disfarce. PINHÃO e MARGARIDA dão a volta à casa e regressam à cena, cada qual por um lado.

PINHÃO. — Onde estão eles?

MARGARIDA. — Não sei. Ave Maria, Pinhão, veja se pega Dodó e avisa a ele!

PINHÃO. — E a senhora, veja se leva Seu Eudoro para a outra sala!

MARGARIDA. — Está bem, vá por lá que eu vou por cá.

Saem. Aparecem DODÓ e EUDORO, cada um por um lado, com jeito de quem procura. Os dois caminham um para o outro e vão se encontrar, mas na hora exata, cada um vira o rosto para o lado oposto e por um triz não se vêem. Vão ao limiar da cena, tendo se cruzado, e param ambos.

EUDORO. — Escondeu-se! Será que está por aqui?

DODÓ. — Não vi nada, é melhor voltar! (Os dois se voltam, dão-se um encontrão e um grito de susto.)

EUDORO. — Ai, o ladrão!

DODÓ. — Ai! (Eudoro agarra Dodó pelo pescoço, por trás, e este cobre o rosto com as mãos.)

EUDORO. — Caroba! PINHÃO! Agarrei! Peguei o ladrão!

Os dois acorrem, com MARGARIDA. CAROBA imediatamente dá um salto, escancha-se no lombo de EUDORO, e PINHÃO agarra-o. BENONA — que ouviu os gritos e entrou — agarra-se com EUDORO.

PINHÃO. — Ah, ladrão safado!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p.721

CENSURA FEDERAL

PINHÃO. — Ladrão da peste!

MARGARIDA. — Ah, ladrão safado!

CAROBA. — (Aos sopapos com Eudoro.) Ladrão, ladrão safado!

BENONA. — Que é isso, Caroba? Que é isso?

EUDORO. — Espere ai, sou eu, Caroba!

CAROBA. — Eu o quê, safado! Roubando a casa do meu patrão! (Dá-lhe umas tapas na cara.)

BENONA. — Caroba, você está doida?

CAROBA. — É o ladrão, Dona Benona! Ah, ladrão safado! (DODÓ põe os disfarces.)

EUDORO. — Caroba! Sou eu, Caroba!

DODÓ. — Esperem, sou eu! Que ladrão, que nada!

PINHÃO. — Era o senhor, Seu Dodó?

CAROBA. — Espere, é o senhor, Seu Eudoro?

EUDORO. — Claro que sou eu criatura! Você está doida? Que confusão é essa?

CAROBA. — É Seu Dodó Boca-da-Noite com essa cara de fantasma, assombrando a gente! Fui entrando, pensei que era um ladrão!

EUDORO. — Pois trate de olhar em quem dá, está ouvindo? Está me achando com cara de ladrão?

BENONA. — Ladrão pode não ser, mas é um atrevidinho, um bandido!

EUDORO. — Eu?

BENONA. — Sim, depois de certas coisas que ouvi, estou considerando você um ladrãozinho bem perigoso.

EUDORO. — Eu, Benona?

BENONA. — Sim, você, atrevido! Seu atrevidinho, seu moleque audacioso!

EUDORO. — Minha senhora...

BENONA. — Minha senhora o quê, malandro! Planeja suas histórias e depois vem com fingimento! Mas eu concordei de todo coração e quero que você saiba que a noiva estará presente.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 722

CENSURA FEDERAL

BENONA. — Ora por quê! Marca suas entrevistas, vem com suas audácias e depois ainda se admira quando a gente o chama de malandro!

EUDORO. — Aí e você sabe?

CAROBA. — Sabe, Seu Eudoro, ela sabe de tudo, mas felizmente fez uma exceção e está inteiramente de acordo, eu consegui convencê-la, não foi, Dona Benona?

BENONA. — Foi, ora se foi!

CAROBA. — Vamos saindo para o jantar?

EUDORO. — Mas tinham me dito que você era tão severa!

BENONA. — Com os outros, com você nunca mais! Quero recuperar...

MARGARIDA. — Pega o ladrão!

PINHÃO. — Pega! Pega o ladrão!

BENONA. — Ai, socorro, Eudoro!! (Abraça-se com ele.) Vocês estão loucos? Quem foi que gritou?

MARGARIDA. — Eu, mas não estava gritando por ladrão nenhum! Estava somente me lembrando dê ainda agora! Foi tão engraçado!

CAROBA. — Eu vinha entrando, vi Seu Dodó e de repente gritei"Pega o ladrão!" Foi tão engraçado!

EUDORO permanece de cara enfarruscada diante de todos os outros, que vão desfilando diante dele e repetindo a frase, para desanuviá-lo.

PINHÃO. — Foi! Caroba vinha entrando, viu Seu Dodó e gritou "Pega o ladrão!" Foi tão engraçado!

DODÓ. — Eu vinha entrando, Caroba me viu e gritou "Pega o ladrão!" Foi tão engraçado!

BENONA. — Que coisa! Caroba vinha entrando, avistou Dodó e gritou "Pega o ladrão!" Foi tão engraçado! (Somente então Eudoro ri.)

CAROBA. — "Pega o ladrão!" Foi tão engraçado! Vamos? Ai, meu Deus eu hoje estufo de tanto rir! (Sai empurrando todo mundo e todo mundo rindo. PINHÃO porém fica pensativo, olhando toda a sala.)

VOZ DE EURICÃO. — Ai, ai, meu Deus! Pega, pega o ladrão! Estão me roubar

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p.123

CENSURA FEDERAL

PINHÃO se esconde e EURICÃO entra, aterrorizado.

EJRICÃO. — Ai, gritaram "Pega o ladrão!" Quem foi? Onde está? Pega, pega! Santo Antônio, Santo Antônio, que diabo de proteção é essa? Ouvi gritar "Pega o ladrão!" Ai, a porca, ai meu sangue, ai minha vida, ai minha porquinha do coração! Levaram, roubaram! Ai, não, está lá, graças a Deus! Que terá havido, minha Nossa Senhora? Terão desconfiado porque tirei a porca do lugar? Deve ter sido isso, desconfiaram e começaram a rondar para furtá-la! É melhor deixá-la aqui mesmo, à vista de todos, assim ninguém lhe dará importância! Ou não? Que é que eu faço, Santo Antônio? Deixo a porca lá, ou trago-a para aqui, sob sua proteção? Desde que ela saiu daqui que começaram as ameaças! É melhor trazê-la. Com a capa, porque alguém pode aparecer. Santo Antônio, faça com que não apareça ninguém! Não deixe ninguém entrar aqui. Vou buscar minha porquinha, mas não quero ninguém aqui.

Entra no socavão e volta com a porca. EUDORO VICENTE entra e EURICÃO imediatamente cobre a porca com a capa, que colocou nos ombros para a eventualidade.

EURICÃO. — Santo Antônio, que safadeza é essa? Isso é coisa que se faça?

EUDORO se aproxima de EURICÃO e começa a olhá-lo, examinando-o com um misto de curiosidade, desgosto e compaixão. Chega mesmo a tocar na roupa de EURICÃO, para inspeccioná-la. EURICÃO, desconfiado, vai se afastando de le, aos arrancões, mas sem querer sair para não despertar suspeitas.

EUDORO. — Euricão, não repare eu dizer isso, mas você podia ter se vestido melhor para o jantar.

EURICÃO — A aparência depende da fortuna e a fortuna depende do que se tem. Eu não tenho nada. Os ricos, como você é que têm essas obrigações. Os pobres, como eu, não!

EUDORO. — Nada, não há quem me convença de que você é tão pobre como vive dizendo! Vá ver que com essa cara e com essa modéstia, tem, no mínimo, uma botija escondida.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0624, p. 724

DR/RJ - CENSURA FEDERAL - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL

EUDORO. — Que é?

EURICÃO. — Ora o que é? Você vem com suas insinuações e depois se admira!

EUDORO. — Mas foi uma brincadeira, Eurico!

EURICÃO. — Não gosto dessa qualidade de brincadeira!

EUDORO. — Está bem, desculpe. Afinal de contas, eu vou entrar na família e posso me permitir certas intimidades!

EURICÃO. — Por falar nisso, você pode me emprestar logo os vinte contos de que lhe falei! Preciso deles para fazer a festa, porque sozinho não vou poder enfrentar essa despesa!

EUDORO. — Está bem, no jantar, trataremos disso.

EURICÃO. — No jantar, não! No jantar a gente começa a comer, a beber, o coração afraca, a vontade se abranda, o tempo vai passando, daqui a pouco a oportunidade tem passado! Você quer casar ou não quer?

EUDORO. — Quero!

EURICÃO. — Com festa ou sem festa?

EUDORO. — Bem, alguns amigos daqui, a gente tem de convidar!

EURICÃO. — Então passe os vinte contos. Agora! Já!

EUDORO. — E quem lhe disse que eu tenho os vinte contos aqui?

EURICÃO. — Você pode me dar um vale e eu vou receber o dinheiro no armazem que compra seu algodão!

EUDORO. — Mas Eurico...

EURICÃO. — Tem papel e caneta aí! Faça o vale!

EUDORO. — Eu... Está bem, vou fazer. Está aí.

EURICÃO. — Obrigado, obrigado, obrigado! Agora sinto-me seguro! Grande coisa é o dinheiro!

EUDORO. — É verdade. Que é isso?

EURICÃO. — Isso o quê?

EUDORO. — Você está com alguma coisa embaixo da capa?

EURICÃO. — Saia daí!

EUDORO. — Meu Deus, que homem mais esquísito!

EURICÃO. — Você não tem nada que me cutucar, atrás do que eu carrego!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 p 725

CENSURA FEDERAL

EURICÃO. – Segredo o quê? Quem vive escondendo o que tem são ricos, como você. O que eu trago aqui é somente uma cervejinha para o jantar.

EUDORO. – Ah, Eurico, que delicadeza a sua! Uma cervejinha agora, depois dessa caminhada! Está gelada?

EURICÃO. – Ai! Vá pra lá!

EUDORO. – Que é isso, homem? Quero somente ver a cerveja!

EURICÃO. – Vá pra lá, vá pra lá, pelo amor de Deus! Tenho horror a mostrar a cerveja que vou beber!

EUDORO. – Por que, homem de Deus?

EURICÃO. – Porque não gosto, pronto! É uma esquisitice minha! Não gosto de mostrar cerveja! É proíbido ter esquisitice, é

EUDORO. – Não!

EURICÃO. – Então, pronto, vá esperar o jantar na sala!

EUDORO. – Está bem. Que homem mais esquísito, minha Nossa Senhora! (Sai.)

EURICÃO. – Foi-se, com todos os diabos! Pronto, a porca fica aqui, agora! Aqui, Santo Antônio, servindo de suporte à sua imagem. Fica sob sua proteção, meu santo, estou arrependido de tudo o que disse! Ai, meu Deus o santo ou a porca? Os dois! Não há necessidade de escolher, fico com os dois! Ouvi dizer que você. Santo Antônio, era cabo do exército brasileiro: fique aí como cabo-de-dia, guardando o que é meu. Vou lhe confiar o que não confiaria mais nem a minha mãe. Mas veja como corresponde a esta confiança! Está aí, confiei em você: retribua agora essa confiança, dando-me toda a sua proteção. (Sai PINHÃO sai do esconderijo.)

PINHÃO. – Ah, Santo Antônio, não dê mais proteção a ele do que a mim! O que é que há aqui? É essa porca que ele defende com tanta raiva? Por que esse cuidado todo? Quero apurar tudo isso direitinho, Santo Antônio, porque essa peste não pode ter esse amor todo por uma porca só porque ela pertenceu ao avô dele! Esclareça tudo, Santo Antônio! Esclareça que eu... (Vendo Euricão, que se aproxima cuidadosamente)... Se o senhor me esclarecer... Ai, esclareça, meu Santo Antônio, esclareça um pobre peça

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 726

CENSURA FEDERAL

veitar e rezar pela segurança e pela salvação de todas as pessoas que me protegem e protegem Caroba! Seu Eudoro Vicente, aquele santo, Seu Euricão Arábe, aquele outro santo, a irmã de Seu Euricão, aquela santa, a filha de Seu Euricão, aquela santinha...

EURICÃO. – Pra fora! Pra fora daqui, conversador! Que devoção foi essa que lhe deu de repente? Você pensa que me engana, mas eu sei quem você é! E agora você me paga! (Agarra-o pelo pescoço.)

PINHÃO. – Mas afinal, que diabo é isso? A todo instante é pancada, esbregue, bofete, o diabo! Que é que diabo o senhor tem?

EURICÃO. – O que é que tenho, é? E o que é que você tem com isso, seu ladrão?

PINHÃO. – Mas ladrão por quê? O que foi que eu roubei?

EURICÃO. – Bote já aí, ponha já aí!

PINHÃO. – O senhor pensa que eu sou alguma galinha? O que é que eu posso botar, o que é que eu posso pôr, o que é que o senhor quer?

EURICÃO. – (Irônico.) Você não sabe!

PINHÃO. – Como é que eu posso saber, se não tirei nada?

EURICÃO. – Você não tirou porque não pôde. Mas tenho certeza de que você tem. Que é isso? Está com as mãos para trás? Mostre a mão direita!

PINHÃO. – Veja.

EURICÃO. – Agora, a esquerda.

PINHÃO. – Veja.

EURICÃO. – Mostrou a primeira?

PINHÃO. – Mostrei.

EURICÃO. – E a segunda?

PINHÃO. – Mostrei.

EURICÃO. – Mostre a terceira.

PINHÃO. – O senhor está é doido!

EURICÃO. – Estou mesmo, porque o que eu devia era ter lhe dado um tiro! E é o que hei de fazer se você não confessar!

PINHÃO. – Mas confessar o quê?

EURICÃO – Que foi que você tirou daqui?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 727

DCDP/SR/R.J. CENSURA FEDERAL SUPERVISÃO REGIONAL

EURICÃO. — Sacuda o paletó.

PINHÃO. — À vontade.

EURICÃO. — É capaz de estar no fundo das calças.

PINHÃO. — Quer ver?

EURICÃO. — É, você está rindo para eu pensar que você é de confiança, cheio de boas intenções. Mas eu conheço suas manhas. Mostre outra vez a mão direita.

PINHÃO. — Tome.

EURICÃO. — Agora a esquerda.

PINHÃO. — Veja logo as duas.

EURICÃO. — Agora me dê aquilo.

PINHÃO. — Aquilo o quê?

EURICÃO. — Ra, ra! Você gosta de brincar, mas tenho certeza de que você tem.

PINHÃO. — Eu tenho? Tenho o quê?

EURICÃO. — Ah, isso é o que eu não digo. Queria saber, hein? Está bem, saia. Afinal de contas, já o revistei todo. Fora daqui! E que Santo Antônio lhe cegue os olhos e lhe dê paralisía nos dois braços e nas duas pernas duma vez.

PINHÃO. — É muita bondade sua!

EURICÃO. — Fora, fora daqui! (Faz que sai por um lado, PINHÃO faz o mesmo pelo outro lado e os dois voltam ao mesmo tempo.)

EURICÃO. — (Cruzando os braços.) Vai ou não?

PINHÃO. — (Dando meia-volta rápida e saindo.) Vou! (Mesmo movimento anterior de ambos.)

EURICÃO. — Não quero mais vê-lo!

Saem, sendo que PINHÃO na carreira. Ele dá uma volta por fora da cena: subentende-se que ele rodeou a casa; então, pula uma janela, novamente para dentro de cena, e esconde-se. EURICÃO volta por onde saiu.

EURICÃO. — Ah, agora estou só. Estará escondido? O quarto está vazio. E aqui? Ninguém. Agora, nós, Santo Antônio! Isso é coisa que se faça? Pensei que podia confiar em sua pro

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 728

mais achador! É isso, Santo Antônio é achador e está ajudando a achar minha porca! Eu devia ter me pegado era com um santo perdedor! Agora não deixo mais meu dinheiro aqui de jeito nenhum. O cemitério da igreja! É aqui perto e é lugar seguro. Entre o túmulo de minha mulher e o muro, há um socavão: é lá que guardarei meu tesouro. Prefiro a companhia dos mortos à dos vivos, e ali minha porca ficará em segurança. Com medo dos mortos, os vivos não irão lá e os mortos, ah, os mortos não desejam mais nada, não têm mais nenhum sonho a realizar, nenhuma desgraça a remediar. Ao cemitério! Escondo a porca no socavão e à noite, quando todos estiverem dormindo, cavo a terra e hei de enterrá-la o mais fundo quepuder. E você, Santo Antônio, fique-se aí com sua proteção e seu poder de encontrar. Lá, meu ouro, meu sangue, estará em segurança: o mundo dos mortos é mais tranquilo, e, digam o que disserem os idiotas, lá é o lugar em que se perde tudo e não se acha nada!

Pega a porca, coloca-a sob a capa e quando vai saindo, encontra CAROBA que vem entrando. EURICÃO imediatamente volta-se de costas.

EURICÃO. – Não é possível, assim também é demais, meu Deus!

CAROBA. – Ah, está aí, hein, Seu Euricão? Procurei-o por toda parte. O jantar demorou, mas agora vai sair. O senhor deve estar com fome, hein? Coitado, chega está de barriga vazia! (Bate com a mão na barriga dele, que vai se livrando para evitar que ela descubra a porca.)

EURICÃO. – Isso é que é um azar da peste!

CAROBA. – Mas não se incomode não, essa barriga hoje se enche, mais ainda!

EURICÃO. – Ai! Vá pra lá! Diabo de mulher enxerida!

CAROBA. – Que é isso, Seu Euricão? Parece até que o senhor andou engolindo cobra!

EURICÃO. – Engole-Cobra é a mãe! Vá pra lá!

CAROBA. – Calma, calma! Que é que há por aqui? De capa, todo misterioso, antes do jantar? Para onde é que se bota?

EURICÃO. – Para a casa da mãe!

[illegible] está escondendo aí nesse bu

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 729

CENSURA FEDERAL
SUPERINTENDENCIA REGIONAL

EURICÃO. — Ai, ai, ladrona, assassina! Ai! (Sai na carreira.)

CAROBA. — Está doido, o diabo do velho! (PINHÃO sai do quarto.)

PINHÃO. — Doido, é? E você que intimidade com ele é essa? Estava disposto a lhe pedir desculpas, mas agora mantenho o que disse. Que diabo de intimidade com o velho é essa?

CAROBA. — Mas Pinhão, um velho daquele!

PINHÃO. — É! É um velho mas não gosto de mulher que bate no bucho dos outros não! Boa romaria faz quem em sua casa fica em paz!

CAROBA. — Não me venha com ditado, agora!

PINHÃO. — É, não me venha com ditado, mas seguro morreu de velho e desconfiado ainda está vivo. Vivo e de testa limpa!

CAROBA. — Você quer saber do que mais, Pinhão? Vá se danar! Eu comecei a lhe dar muito valor, você ficou convencido demais. Dê o fora! Eu também ia lhe explicar tudo sobre a entrevista, mas se você vem com essa desconfiança de minuto em minuto, pode se danar! Dou-lhe somente uma explicação: brinco com o velho Euricão porque gosto dele, está ouvindo? Com toda a avareza, com toda a ruindade e as manias, é um dos homens mais sofredores que conheço. Nada na vida dele deu certo, casou-se, a mulher o deixou e toda a esperança dele agora é essa filha que nós lhe vamos tirar. Por isso e muitas coisas mais, tenho pena do velho Euricão, de quem ninguém gosta! Queria lhe dizer isso. Mas não para me justificar, pode ir para o inferno, com sua mania de mandar e sua desconfiança!

PINHÃO. — Mas Caroba...

CAROBA. — Vá se danar, Pinhão.

PINHÃO. — Está bem, depois não se arrependa. Você não sabe o que está perdendo, principalmente agora.

CAROBA. — Por que principalmente agora?

PINHÃO. — Por causa de tudo o que eu agora sei, dos lugares, dos planos, dos senhos e dos desejos desse velho com quem você está estragando sua compaixão.

CAROBA. — Que é que você quer dizer?

PINHÃO. — Nada.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674.p.730

PINHÃO. – Nada.

CAROBA. – Ai, Pinhão, me diga!

PINHÃO. – Não posso, estou sem tempo e sem vontade.

CAROBA. – O que é que você vai fazer, Pinhão?

PINHÃO. – Vou me danar, Caroba. Adeus! (Sai CAROBA.) Pois sim! Disse o velho que o sangue dele está em segurança e o mundo dos mortos é um mundo tranquilo! Mas não há sangue que não se possa derramar e há mortos que ressuscitam! Ao cemitério! Desta vez eu enriqueço, nem que seja às custas de minha caveira! (Sai.)

FIM

DO SEGUNDO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674. p 731

TERCEIRO ATO

Mesma sala. Entram CAROBA e MARGARIDA. CAROBA aponta a MARGARIDA um lugar qualquer onde ela deve se esconder. MARGARIDA assente com a cabeça e se esconde. Então CAROBA joga um pacote que deverá conter o vestido, de que depois ela virá a precisar, atrás de um móvel qualquer. Um barulho de fim de jantar e vozes que se aproximam. CAROBA se esconde no mesmo lugar com MARGARIDA. Entram EURICÃO, BENONA e EUDORO.

EURICÃO. – Meu caro Eudoro, espero que o jantar lhe tenha agradado.

EUDORO. – Muito, Eurico, muito. Se não fosse pelo jantar, a companhia...

BENONA. – Sempre delicado!

EURICÃO. – Infelizmente tenho que me recolher. Não tome isso como uma desatenção, é um velho hábito.

EUDORO. – Desatenção nenhuma, Eurico, eu também durmo cedo. E, mesmo, Benona está aqui.

EURICÃO. – Ah, é assim, hein? Você tem razão, ela fará as honras da casa muito melhor do que eu. Mas vocês não demorem muito tempo aqui.

BENONA. – Não seja tão severo, Eurico.

EURICÃO. – Todo cuidado é pouco, todo cuidado é pouco!

EUDORO. – Mas sendo eu noivo...

EURICÃO. – Mesmo assim, Eudoro, mesmo assim! Até amanhã! Eurição Arábe dorme hoje tranquilo, finalmente livre da tirania desse santo sem confiança, que ia causando minha perdição.

BENONA. – Não diga isso, meu irmão!

EURICÃO. – Digo, minha irmã, digo porque é verdade! Eu vou esperá-la, venha arrumar meus lençóis, como sempre fez desde que minha mulher... desde que comecei a precisar de Santo Antônio. Não demore muito, eu a chamarei. Boa noite, Eudoro.

EUDORO. – Boa noite, Eurico. (Sai EURICÃO.)

EUDORO. – O que foi que ele quis dizer? Quando disse que começou a precisar de Santo Antônio?

BENONA. – Foi quando a mulher dele nos deixou. Você ainda se lem

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 732

EUDORO. — Quando comecei a frequentar sua casa ela já tinha fugido.

BENONA. — É verdade, foi no começo do nosso namoro.

EUDORO. — Para que falar mais nisso? Você mesma não disse que tudo estava enterrado?

BENONA. — É verdade, mas com o que aconteceu hoje...

EUDORO. — Muitas voltas o mundo dá!

BENONA. — Mas é por isso mesmo que não me incomodo de tocar nessas coisas. Em outras circunstâncias, era um assunto muito doloroso para mim. Mas agora...

EUDORO. — É, talvez você tenha razão. É melhor do que ficar com essa história pendendo eternamente entre nós. Se as circunstâncias tivessem sido outras...

BENONA. — Reconheço que a maior parte da culpa foi minha. Mas eu era tão moça, tão sem conhecimento das coisas, Eudoro! Você se lembra da noite que passei em sua fazenda com Eurico?

EUDORO. — Como havia de não me lembrar? Foi desde aquele dia que você me deixou. Por que foi aquilo, Benona? Eu nunca pude me conformar com aquele silêncio, de repente, sem uma explicação!

BENONA. — Eu era muito moça, Eudoro. Eurico não me deixava sair para lugar nenhum, eu não conhecia o mundo, não conheci a você direito, nada! Bem, naquela noite em sua casa... Você sabe o que foi, fiquei com medo de você.

EUDORO. — Mas Benona, foi só por causa daquilo? E você, por tão pouco, estragar nosso casamento! Se eu soubesse, teria vindo e falado de tal maneira, que você me perdoaria e teria talvez casado comigo.

BENONA. — Ah, Eudoro, é verdade?

EUDORO. — E você não me dar uma explicação, me deixar no engano de que era algum empecilho de sua parte, mesmo!

VOZ DE EURICÃO. — Benona!

BENONA. — É Eurico, tenho que ir. Até mais tarde, Eudoro.

EUDORO. — Até amanhã, Benona.

BENONA. — Até amanhã? É verdade, você tem razão, é mais prudente dizer assim.

VOZ DE EURICÃO. — Benona! Benona!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674, p 733

CAROBA sai do esconderijo, pelas costas de EUDORO, e fala de uma porta, como se tivesse entrado por ela.

CAROBA. — Seu Eudoro!

EUDORO. — Caroba! Eu já vou! Está combinado? Margarida sabe de tudo?

CAROBA. — Sabe e está de acordo.

VOZ DE EURICÃO. — Caroba, tranque as portas, a rua está cheia de ladrões!

CAROBA. — Está certo, Seu Eurico, vou trancar tudo. Vou trancar as portas e depois destrancar uma, é por essa que o senhor volta.

EUDORO. — Você esperará também?

CAROBA. — Eu? Por que eu? Quem vai esperá-lo é gente muito melhor do que eu. Por aqui, Seu Eudoro. Volte e não tenha cuidado, que tudo vai dar mais certo do que o senhor imagina!

Sai EUDORO, MARGARIDA sai do esconderijo.

MARGARIDA. — Por que você não aproveitou a deixa da desistência, mulher?

CAROBA. — Mas logo agora que tudo vai dar certo?

MARGARIDA. — Não suporto mais essas agonias de jeito nenhum. Que jantar mais angustiado! De vez em quando Tia Benona dizia uma frase perigosa, papai outra... Eu via a hora de se descobrir tudo. Será que esta história vai dar certo, Caroba?

CAROBA. — O casamento de Seu Eudoro com Dona Benona dando, o resto vem na esteira, o seu com Seu Dodó, e até o meu com o moleque do Pinhão.

MARGARIDA. — Você gosta muito dele, não, Caroba?

CAROBA. — Gosto, Dona Margarida! Agora, porque, não sei, porque aquilo é safado que fede! Mas hoje ele vai me pagar o novo e o velho. A senhora trouxe o vestido?

MARGARIDA. — Trouxe, tome. Tome e assuma a responsabilidade. Se essa confusão toda acabar meu casamento, você me paga! Eu me

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p 734

CENSURA FEDERAL DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

CAROBA. – Danou-se, Dona Margarida!

MARGARIDA. – Depois não diga que não avisei, está ouvindo? Passe bem, Caroba. Espero que tudo dê certo, tanto no meu interesse como no seu.

CAROBA. – Espere, Dona Margarida! É melhor eu trancá-la. Não tenho confiança em homem nenhum nesse mundo e muito menos em Seu Eudoro. A senhora não viu o que ia acontecendo com Dona Benona? Entre que eu trancarei a porta.

MARGARIDA. – Está bem.

Entra no quarto e CAROBA tranca a porta, guardando a chave.

CAROBA. – O negócio começa a caminhar. Mas, meu Deus, a confusão vai ser a maior do mundo. O vestido, aqui. (Esconde o vestido que recebeu de Margarida.) Falta alguma coisa, meu Deus? Ah, sim, a vítima! Dona Benona! Crote, crote, crote, Dona Benona!

Entra BENONA.

BENONA. – Caroba! Ouvi o sinal! Então?

CAROBA. – Está tudo combinado. E Seu Euricão?

BENONA. – Dormindo como uma pedra.

CAROBA. – Dona Margarida também já se deitou.

BENONA. – Você conseguiu o vestido dela?

CAROBA. – Ainda não, estava esperando exatamente que todo mundo adormecesse.

BENONA. – Qual foi a combinação com Eudoro?

CAROBA. – A senhora fica em seu quarto. Eu vou escutar na porta de Seu Euricão, depois na de Dona Margarida. Se eles estiverem agarrados no sono, eu tiro o vestido de Dona Margarida e vou entregá-lo à senhora. Aí destranco a porta de entrada e fico esperando Seu Eudoro. Quando ele vier, canto como gia, chamo a senhora e desapareço.

BENONA. – Mas não desapareça para muito longe não, está ouvindo, Caroba?

CAROBA. – Estou, Dona Benona, eu fico por perto. Se precisar, gri

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 735

CENSURA FEDERAL

te, que eu venho. Entre, se embeleze, trate Seu Eudoro com carinho e deixe o resto que eu garanto.

BENONA. – Então eu vou. E que Santo Antônio nos proteja, Caroba!

CAROBA. – Amém, Dona Benona.

Sai BENONA.

CAROBA. – Amém, Dona Benona, porque bem precisadas andamos disso. O que eu não sei é se Santo Antônio vai querer se meter numa história dessa!

Entra atrás de algum móvel, ou biombo, e veste o vestido de MARGARIDA, se possível por cima do seu, para tornar possíveis mudanças rápidas. Ela abaixa as luzes, ajeita o cabelo, tudo isso enquanto vai falando e mudando a roupa.

CAROBA. – Será que vai, meu santo? Acho que vai dar bem. Com a luz assim, com o cabelo ajeitado, estou uma Dona Margarida bem apreciável. E agora, meu Deus? (Destranca a porta e escuta no quarto do velho.) Até já, Santo Antônio, e veja lá o que pode fazer por nós. Não estou mentendo o senhor em molecagem não! Assim que Seu Eudoro entrar no quarto de Dona Benona, eu dou o alarma e ele se compromete, a simples entrada no quarto basta. De modo que leve isso em conta e trate de me ajudar. (Sai.)

Entra PINHÃO, com um grande saco de estopa, velho e sujo, no qual carrega a porca.

PINHÃO. – O lírio, ô lírio, ô lírio,
ô lírio como é?
Bom almoço, boa janta,
boa roseira eu quero o galho,
do craveiro eu quero o pé.

Agora, é assim, Santo Antônio, meu velho, "bom almoço, boa janta, boa ceia e bom café". Mas ali onde diz "da roseira eu quero o galho, do craveiro eu quero o pé", agora é assim: "da porquinha eu quero as tripas, quero

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 736

como um dia atrás do outro e uma noite no meio. O velho Engole-Cobra, de tanto engolir cobra, terminou achando uma que o engolisse. Ra, ra! Plantou o roçadinho dele, mas quem arrancou o milho foi Pinhão.

CENSURA FEDERAL SUPERINTENDÊNCIA

VOZ DO DODÓ.– (Fora.) Pinhão, é você?

PINHÃO. – (Trancando rapidamente a porta.) Calma lá, Seu Dodó! Deve ser Seu Dodó! Seu Dodó o quê? Deve ser Dodó, Dodó Boca-da-Noite! Agora é assim! Espere lá, Dodó Boca-da-Noite! É melhor guardar o saco! (Beija a porca e esconde-a no socavão.)

DODÓ. – (Fora.) Pinhão!

PINHÃO. – Já vou, já vou, Dodó! Por causa de pressa, morreu zé pressado. Você não perde por esperar. (Destranca a porta. Entra DODÓ.)

DODÓ. – Então?

PINHÃO. – Então o quê?

DODÓ. – Vai tudo bem, Pinhão?

PINHÃO. – Vai tudo ótimo, Dodó.

DODÓ. – Margarida apareceu?

PINHÃO. – Ai e ela agora deu para aparecer, feito alma, foi?

DODÓ. – Deixe de brincadeira, viu? Cadê Margarida? Onde está Caroba?

PINHÃO. – Eu vou lá perder meu tempo com o que essas mulheres ai dam fazendo!

DODÓ. – O que é que você está dizendo, Pinhão?

PINHÃO. – Isso que você está ouvindo, Dodó!

DODÓ. – Você bebeu?

PINHÃO – Não, mas comi!

DODÓ. – Comeu o quê?

PINHÃO. – Porca!

DODÓ. – Deve ter lhe feito mal, Pinhão!

PINHÃO. – Pelo contrário, fez um bem danado, Dodó!

DODÓ. – Você pode me dizer o que foi que meteu na cabeça?

PINHÃO. – E você pode me dizer o que é que tem a ver com isso?

DODÓ. – Você vai.. Chi, ouvi um barulho! Esconda-se, é o velho! (Tranca a porta de entrada.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 737

CENSURA FEDERAL

Entra EURICÃO, de camisão, com um candeeiro e uma pá.

EURICÃO. – Ai, terá sido pesadelo? Acordei com os fantasmas puxando do meu pé, meu santo! Mas é preciso ir de qualquer modo, tenho que enterrar a porca. (Sai.)

Voltam DODÓ e PINHÃO.

DODÓ. – Entendeu alguma coisa?

PINHÃO. – Eu não lhe disse que esse velho era maluco?

DODÓ. – Sair a essas horas, de camisão, para o cemitério, atrás de uma porca! Que diabo de porca será essa?

PINHAO. – Alguma porca que fugiu daí do quintal.

DODÓ. – E o velho Euricão tem lá nada para fugir, homem?

PINHÃO. – Então é capaz dele estar dormindo ainda. Além de todas as qualidades ruins que possui, esse peste ainda deve ser sonâmbulo!

DODÓ. – Pinhão, sinceramente, estou certo de que você tem alguma coisa! Você está doente!

PINHÃO. – Agora sou eu quem digo: Cuidado! Vem gente aí e parece que é sua noiva. Ou melhor, sua madrasta. Candidata a madrasta, noiva de seu pai!

DODÓ. – Esconda-se, idiota! (Escondem-se.)

Entra CAROBA, vestida de MARGARIDA.

CAROBA. – Tudo pronto. Agora, só falta o noivo.

DODÓ. – O noivo está aqui.

CAROBA. – Seu Eudoro?

DODÓ. – Não, sou eu, Margarida! Sou eu, que vim me certificar de sua traição!

CAROBA. – (Trancando a porta.) Mas Seu Dodó...

DODÓ. – Não me chame assim, pelo amor de Deus!

[illegible] não sabe de nada e veio foi atrapalhar tudo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 738

CENSURA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA

VOZ DE EUDORO. – (Fora.) Margarida!

CAROBA. – Meu Deus, é seu pai. Que é que eu faço agora, meu Deus? Com esta eu não contava! Entre aqui neste quarto, é o jeito.

DODÔ. – Nunca! Vou ficar e contar tudo a meu pai!

CAROBA. – Homem, quer saber do que mais? Entre e não converse mais não! (Empurra DODÔ no quarto de MARGARIDA e tranca a porta. Enquanto fala, tira o vestido de MARGARIDA.)

CAROBA. – Santo Antônio, o senhor vai me desculpar, mas foi um imprevisto! No quarto de Dona Benona é que eu não podia empurrá-lo. Mas eu destranco já a porta!

VOZ DE EUDORO. – Margarida!

CAROBA. – Já vou, espere um pouco! Diabo de homem mais apressado! (Bate no quarto de BENONA, cantando como o galo.)

CAROBA. – Tia Benona! Tia Benona! Crote, crote, Tia Benona!

BENONA. – (Saindo.) Ave Maria, estive em tempo de me acabar de medo!

CAROBA. – Não perca tempo, que o homem está aí!

BENONA. – Meu Deus!

CAROBA. – Tome o vestido! Me dê o seu! Logo, mulher!

VOZ DE EUDORO. – Margarida!

CAROBA. – Já vou! Isto, agora, fique aí e espere. Me dê a chave do quarto.

BENONA. – Pra quê?

CAROBA. – Não discuta mais, mulher de Deus! Vou abrir!

BENONA. – Está bem, mas não saia daí! (Entra no quarto e CAROBA tranca-a, vestindo rapidamente o vestido dela.)

CAROBA. – Nossa Senhora, eu hoje estufo de tanto mudar vestido!

VOZ DE EUDORO. – (Impaciente.) Como é, Margarida?

CAROBA. – Espere, homem, espere! (Destranca a porta, com o vestido de BENONA.)

EUDORO. – Eu... Benona, é você?

CAROBA. – (Imitando a voz e os gestos de BENONA.) Sou, Eudoro

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p.739

CENSURA FEDERAL

CAROBA. – Margarida está dormindo. Dorme o sono profundo de sua juventude. Eudoro. E eu vim esperá-lo, como fiz tantas vezes, no tempo em que ainda nos amávamos!

EUDORO. – Mas Benona, isso não fica bem!

CAROBA. – Não fica bem, por quê? Você está esquecido de tudo o que aconteceu?

EUDORO. – Você mesma disse que tudo aquilo estava morto e enterrado.

CAROBA. – Você acha, Eudoro? Então um amor como aquele pode morrer? Você pensa que eu não vi como estava preocupado quando saiu daqui? Eu também saí com o coração sangrando, Eudoro.

EUDORO. – Mas Benona... Mesmo que estivéssemos sentindo isso, agora seria tarde. Estou noivo de sua sobrinha. Por que você não me disse tudo? Agora, Margarida...

CAROBA. – Deixe lá Margarida, homem de Deus! Você não vê o ridículo em que vai cair? Ela podia ser filha sua, podia ser sua nora!

EUDORO. – Pensei nisso, Benona, mas você não sabe como eu me sentia solitário! Agora, estou noivo!

CAROBA. – Que noivo que nada! Para mim, o que existe é nosso amor! Entre neste quarto!

EUDORO. – Benona!

CAROBA. – Que Benona que nada, entre e deixe de conversa!

EUDORO. – Mas Benona, podem falar de nós!

CAROBA. – Falar o quê? Que é que você está pensando? Que eu vou tentar contra você o que você tentou contra mim, é? Eu sou uma mulher séria, Eudoro, incapaz de atentar contra os viúvos honestos!

EUDORO. – Você é incomparável, Benona, como você nunca existirá outra!

CAROBA. – Então entre e tudo se explicará! (Dá uma pancada nele, com o próprio traseiro, empurrando-o.)

EUDORO entra, CAROBA fecha a porta.

[illegible] chamar o velho. Do jeito que as

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 740

vamos logo, Santo Antônio, antes que seja tarde e aconteça alguma coisa, senão eu estou complicada com Nosso Senhor! (Sai. PINHÃO sai do esconderijo.)

PINHÃO. — Que confusão mais danada é essa, meu santo? Dona Margarida e Dona Benona a trancar homens nos quartos! Aqui há alguma coisa. Vou tirar as chaves e ver se me aproveito da situação! Epa, vem gente! (Esconde-se.)

Entra CAROBA ainda com o vestido de BENONA.

CAROBA. — Onde diabo o velho se meteu? Vou abrir! Ai meu Deus, onde estão as chaves? Que é que faço, meu Santo Antônio? O jeito é gritar que tem incêndio! O povo corre e o velho vai ter que fazer os casamentos! Vou gritar, é o jeito! Ou é melhor tocar fogo nas cortinas? (PINHÃO sai do esconderijo.)

PINHÃO. — Dona Benona, eu...

CAROBA. — Você o que, safado! Que é que está fazendo em minha casa, espionando, de noite?

PINHÃO. — Alto lá, veja como fala! Pensa que eu não ouvi sua conversa aqui com Seu Eudoro não, é? Então a senhora se vira quando o povo dorme, hein?

CAROBA. — O que, moleque?

PINHÃO. — É isso mesmo, Dona Benona! Mas não precisa se zangar não, eu sou de toda confiança! Pode confiar em mim, por esta boca ninguém saberá de nada! Acho perfeitamente natural que a senhora, que é livre e independente, queira se divertir um pouco! E se Dona Benona não reparasse, eu até lhe dizia uma coisa!

CAROBA. — Não reparo não, Pinhão, pode dizer!

PINHÃO. — A senhora pode já ter passado a primeira mocidade, mas eu lhe digo uma coisa, Dona Benona, é nesse tempo que eu acho as mulheres mais bonitas! E a senhora pode não ser mais muito moça, mas é enxuta que faz gosto!

CAROBA. — (À parte.) Ah, safado!

PINHÃO. — A senhora não estava procurando as chaves?

Estava!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p 741

CENSURA FEDERAL

muito importantes. Assim, a gente podia fazer um acordo. Eu lhe dava as chaves e... A senhora não repare não, mas já que estamos aqui e Seu Eudoro dormiu no ponto, a gente bem que podia entrar num acordo e fazer um amorzinho, para passar o tempo!

CAROBA. – Você está muito enganado! Eu estava deixando você falar, para ver até onde ia seu atrevimento! Mas vou gritar! Vou gritar e você vai se arrepender da graça!

PINHÃO. – Ai, a porca! Não grite não, Dona Benona! Não grite não, que eu retiro o que disse! Tome as chaves, Dona Benona!

CAROBA. – As chaves? Ah, não, agora quem não quer as chaves sou eu! Vou chamar o Delegado! Vou gritar!

PINHÃO. – Pelo amor de Deus, não grite não, Dona Benona!

CAROBA. – Então venha para cá! Quero lhe dar uma surra por seu atrevimento!

PINHÃO. – Mas Dona Benona, a senhora me interpretou mal!

CAROBA. – Vou gritar!

PINHÃO. – Ai não, eu vou!

CAROBA. – Ajoelhe-se! Isto! Agora, tome! Tome, tome, e tome! Tome, para deixar de ser safado! Um sujeito como você, que devia dar graças a Deus por ter uma noiva como Caroba, com essas molecagens para as senhoras de respeito! Tome, safado!

PINHÃO. – Ai, ai, ai! Ai, Dona Benona!

CAROBA. – Vou parar! Mas vou por causa de Caroba, está ouvindo? Aquilo é uma santa, gosto tanto dela!

PINHÃO. – Eu também, Dona Benona!

CAROBA. – Devia gostar mais, safado! Você devia beijar os pés de Caroba todo dia, porque aquilo é uma santa! Agora, ...

PINHÃO. – Mas Dona Benona, o que é que a senhora vai dizer a Caroba?

CAROBA. – Não tenha medo, sua sujeira fica em segredo! Você acha que eu iria magoar aquela moça maravilhosa que gosta de você não sei mesmo por quê? Fique aí. Se não eu descubro tudo!

PINHÃO. – Pode ficar descansada, eu daqui não saio.

CAROBA. – Pois então eu vou chamar Caroba, aquela santa! (Com PI-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 742

PINHÃO. (Só.) Ah, arábe miserável! Em que diabo fui me meter, meu Deus? Ia perdendo a porca, por causa da mulher! Mas ela bem que valia a pena, sabe? Pode não ser mais muito moça, mas que está enxuta, isso está!

CAROBA. - (Chegando para perto.) Muito bem, senhor meu noivo!

PINHÃO. - Quem é? É Caroba?

CAROBA - E quem mais havia de ser, canalha? Peste, miserável, traidor! Olhe o cinismo dele! Moleque, canalha! Ouvi tudo, bandido! Eu estava aqui e vi tudo, sua molecagem com Dona Benona Arábe, seus enxerimentos, sua traição! E se ao menos tivesse coragem! Mas não, levou uma surra da arábe na minha frente! Essa você me paga!

PINHÃO. - Mas Caroba, eu...

CAROBA. - Cale a boca, bem caladinha, está ouvindo? Porque agora você vai levar umas tapas!

PINHÃO. - Eu? Mas Caroba!

CAROBA. - Vai e sou eu que dou!

PINHÃO. - Mas eu não já levei a surra de Dona Benona?

CAROBA. - Aquela foi a dela, agora se prepare que lá vai a minha! (Dá-lhe algumas tapas.)

PINHÃO. - Ai, Caroba, ai Carobinha, ai Carobinha do meu coração! (Consegue beijá-la por entre as tapas, abraça-a, Caroba vai diminuindo as tapas, retribui o beijo, depois o abraço.)

CAROBA. - Safado!

PINHÃO. - Beleza!

CAROBA. - Pinhão!

PINHÃO. - Caroba! Agora, podemos casar! Vamos casar amanhã e você vai ser a mulher mais rica daqui!

CAROBA. - Mentiroso! Ai, as chaves! (Destranca os dois quartos e entra, abraçada com PINHÃO, num terceiro quarto. DODÔ e MARGARIDA saem do quarto.)

MARGARIDA. - Está vendo? Está aberta! Graças a Deus! Você está zangado comigo, meu amor?

DODÔ. - Não, pelo contrário, você estava certa e eu fui quem perdi a cabeça.

MARGARIDA - E não vai me desprezar porque eu o repeli?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 743

CENSURA FEDERAL

é que devo pedir perdão a você por ter me descontrolado.

MARGARIDA. — Cuidado, vem alguém. Entre no quarto, ninguém deve vê-lo.

DODÓ entra no quarto. Entra PINHÃO, que tira a porca do socavão e volta com ela para o quarto. MARGARIDA vê quando ele passa. Entra no porão e MARGARIDA se esconde. PINHÃO volta e entra no quarto em que estava com CAROBA, de saco às costas. Volta DODÓ.

DODÓ. — Quem era?

MARGARIDA. — Era Pinhão, carregando um troço nas costas. Que é que ele terá vindo fazer aqui a essas horas?

DODÓ. — Veio comigo, vigiar Caroba. Eu e ele, com ciúme, combinamos vir, quando Caroba destrancasse a porta!

VOZ DE EURICÃO. — (Fora.) Ai, ai!

DODÓ. — Quem é? Veja na janela!

MARGARIDA. — É papai! Meu Deus, ele viu tudo!

DODÓ. — Por que você diz isso?

MARGARIDA. — Está com a cabeça encostada na janela de meu quarto, chorando! Certamente viu você no meu quarto! Meu Deus, estou perdida!

DODÓ. — Acalme-se, meu amor! Entre aqui comigo. Vamos ver se é possível apurar o que ele viu. Depois a gente sai, fala com ele e explica tudo! (MARGARIDA e DODÓ se escondem. Entra EURICÃO.)

EURICÃO. — Ai, ai! Estou perdido, estou morto, fui assassinado! Para onde correr? Para onde não correr? Pega, pega! Mas pegar a quem? Não vejo nada, estou cego. Não sei mais para onde vou, não sei mais onde estou, não sei mais quem sou! Ah, dia infeliz, dia funesto, dia desgraçado! Que fazer agora da vida, tendo perdido aquilo que eu guardava com tanto cuidado? Roubei-me a mim próprio, furtei a minha alma! Agora outros gozam com ela, para meu desgosto e prejuízo! Não, é demais para mim! (Cai desfalecido, chorando. Entram DODÓ e MARGARIDA.)

DODÓ. — Seu Eurico!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 744

DODÓ. – Um desgraçado!

EURICÃO. – Pois está falando com outro! Eu me tornei desgraçado por causa de um acidente funesto.

DODÓ. – Console-se.

EURICÃO. – Consolar-me? Como?

DODÓ. – A culpa foi minha, fui eu que causei sua desgraça e vim confessar tudo!

EURICÃO. – O quê? Quem é? Dodó? Que é que você está me dizendo?

DODÓ. – A verdade!

EURICÃO. – Você! Foi você, cachorro, canalha, cobra que eu guardava em minha casa para me assassinar! Que mal tinha eu lhe feito para você me tratar assim?

DODÓ. – Foi ao mesmo tempo um acaso e uma necessidade, Seu Euricão!

EURICÃO. – Acaso e necessidade! Isso pode lá justificar um ato como esse, assassino?

DODÓ. – Agi mal, confesso, minha falta é grave mas vim exatamente pedir que me perdoe.

EURICÃO. – Como é que você teve coragem de tocar naquilo que não lhe pertencia?

DODÓ. – Espere aí! Apesar das circunstâncias serem um tanto esquisitas, o que aconteceu foi coisa sem importância! O que eu toquei nela, foi muito pouco!

EURICÃO. – O que, canalha? Tanto assim que você tocasse em meu tesouro, seria um crime inominável! Com que direito você foi tocar naquilo que era meu?

DODÓ. – A culpa foi das circunstâncias. E eu não já vim pedir desculpas?

EURICÃO. – Não gosto desses criminosos que prejudicam os outros e depois vêm pedir desculpas! Você sabia que ela não era sua, não devia ter tocado nela!

DODÓ. – Mas eu não já disse que o que aconteceu foi coisa tola?

EURICÃO. – Coisa tola o quê? Você não veio confessar? E depois, de repente, começa a se desdizer, dizendo que não tocou nela! Como é, tocou ou não tocou?

DODÓ. – Bem, tocar, toquei, mas não foi nada que pudesse ofen

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 745

CENSURA FEDERAL

EURICÃO. – Como é, assassino? Você quer ficar com meu tesouro? Contra minha vontade?

DODÓ. – Eu não estou lhe pedindo? A coisa que eu mais desejo no mundo é ficar com ela!

EURICÃO. – Você? Ficar com ela?

DODÓ. – Sim.

EURICÃO. – Ah, não, você tem que devolver!

DODÓ. – Devolver? Eu não já disse que não tirei nada? Devolver o quê?

EURICÃO. – Aquilo que me pertencia o que você tirou!

DODÓ. – Que eu tirei? De onde? Afinal, o que é que você quer?

EURICÃO. – (Irônico, amargo.) Você não sabe?

DODÓ. – Você não diz!

EURICÃO. – O que eu quero é minha porca que você confessou ter roubado!

MARGARIDA. – Ai, meu Deus, por que o senhor me insulta?

DODÓ. – Isso é coisa que o senhor diga? Porca por quê? Sua filha é a mais pura das moças, portou-se com toda a prudência e o senhor a trata com essa grosseria!

EURICÃO. – Minha filha? Que é que minha filha tem a ver com isso? Que é que você está fazendo aqui, Margarida?

MARGARIDA. – Mas papai, eu não...

DODÓ. – Não é ela que o senhor está reclamando?

EURICÃO. – Olhe a inocência do ladrão! O que eu quero é minha porca, cheia de dinheiro, que você confessou ter roubado!

DODÓ. – Uma porca?

MARGARIDA. – A porca?

DODÓ. – Cheia de dinheiro? Que diabo de confusão é essa? Eu seria lá capaz de roubar ninguém! Que é que o senhor está pensando?

EURICÃO. – Ah, então nega!

DODÓ. – Claro que nego! Nunca imaginei que o senhor guardasse dinheiro dentro de porca nenhuma!

EURICÃO. – (Súplice.) Me dê minha porquinha que você tirou do cemitério da igreja! Você a roubou, mas eu não o denunciarei e lhe dou a metade do dinheiro que ela tem dentro!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 746

CENSURA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - R.J.
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL

quem juntou o dinheiro fui eu, não é? Um terço é muito, você leva um quarto e me devolve o meio, como comissão por eu ter tido o trabalho. Faça o que quiser, mas me dê minha porquinha!

DODÓ. – Como é que eu posso lhe dar a porca se não sei onde está?

EURICÃO. – Está bem, quem gosta de você é a policia. Vou gritar! Acordem! Acordem! Acordem todos! Pega, pega o ladrão!

CAROBA e PINHÃO saem do quarto.

PINHÃO. – Que é isso?

CAROBA. – Que é isso, Seu Euricão?

EURICÃO. – Foi esse ladrão, foi esse ladrão que entrou na minha casa para me roubar!

DODÓ. – Mas para roubá-lo como, se não sei nem notícia de sua porca!

EURICÃO. – Não sabe o quê, safado! Você mesmo não disse que tinha sido a causa de minha desgraça?

CAROBA. – Um momento, Seu Euricão, eu sei o que foi que ele quis dizer.

EURICÃO. – Que foi?

CAROBA. – Ele disse que foi a causa de sua desgraça porque comprometeu sua filha para o resto da vida. Esse tal de Seu Dodó entrou aqui, nas caladas da noite, iludiu Dona Margarida não sei de que jeito, e trancou-se com ela aí nesse quarto. Eu vi tudo!

EURICÃO. – Ai! É verdade?

MARGARIDA. – É, papi, mas...

EURICÃO. – Era isso que você estava confessando?

DODÓ. – Era.

EURICÃO. – Ainda mais essa! Por cima de queda, coice! Canalha, safado, por que você não disse logo? Por que deixou que eu confessasse meu segredo?

DODÓ. – A culpa foi sua, era eu falando da filha e o senhor pensando na porca!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 747

CENSURA FEDERAL

lhice, e agora perco, num dia só, a porca e a filha!

CAROBA. – E vá logo se preparando para perder a irmã também porque a situação de Dona Benona é muito dificil!

EURICÃO. – Benona? Que há?

CAROBA. – Seu Eudoro resolveu matar saudades e está aí, trancado nesse quarto, com ela. Eu vou sair desta casa, porque para falar com franqueza, nunca pensei em ver tanto escândalo num dia só!

EURICÃO. – Não é possível! Eudoro e Benona aqui!

Entram EUDORO e BENONA.

EUDORO. – É verdade, Eurico. E se você não se ofendesse, eu queria lhe pedir a mão de Benona em casamento.

EURICÃO. – E você não já pediu?

EUDORO. – Não!

EURICÃO. – Quer me levar ao ridículo, é, Eudoro? Faz uma coisa dessa, compromete minha irmã e ainda vem com pilhérias, logo agora que ela foi roubada!

BENONA. – Quem, eu?

EURICÃO. – Não, a porca! Ai, a porca!

EUDORO. – Mas Eurico, eu...

CAROBA. – Um momento, um momento, quem fala sou eu. O senhor já se explicou com Dona Benona, não foi?

EUDORO. – Foi.

CAROBA. – A senhora também já entendeu tudo, não foi?

BENONA. – Já!

CAROBA. – Entendeu o noivado, a confusão, laralá, laralá, tudo?

BENONA. – O noivado, a confusão, laralá, laralá, tudo!

CAROBA. – Então, viva! O senhor consente no casamento de Seu Eudoro com Dona Benona, não é, Seu Euricão?

EURICÃO. – Consinto, não! Exijo! Agora, ou ele casa, ou morre! Ai Santo Antônio, ela está perdida!

BENONA. – Eu?

EURICÃO. – A porca! Mas vocês dois agora casam, e tem que ser já!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674.p 748

EURICÃO. — Mas perdi a porca! Ai, a porca! Ai, a porca! E ainda por cima o que aconteceu com meu patrimônio!

PINHÃO. — Seu patrimônio? Qual? A porca?

EURICÃO. — Não, Margarida! Benona está garantida, mas essa aí me arranjou um genro corcunda e de boca torta, um miserável que não tem nem onde cair morto! Mas ele me paga! Mato esse miserável, quebro-lhe a cara! Tome, safado, tome! Que é isso? A barba!

EUDORO. — Dodó! Você aqui?

DODÓ. — Sou eu, meu pai. Peço-lhe que me perdoe, mas deixei o estudo. Não havia outro jeito, eu estava apaixonado por Margarida, o senhor não queria que eu me casasse. Por outro lado, Seu Euricão só queria casá-la com um homem rico. O jeito foi esse.

EUDORO. — Você deixou de estudar?

DODÓ. — Deixei. Ajudado por Caroba, entrei aqui, disfarçado como empregado de Seu Euricão. Ganhei a confiança dele, fingindo que era avarento, e fui ficando até que Margarida correspondeu a meu amor e jurou casar comigo. E agora, tenho que casar, papai, porque apesar de não ter acontecido nada de mais entre nós, ninguém vai acreditar nisso.

EUDORO. — Mas esse casamento assim, meu filho!

MARGARIDA. — Esse casamento assim o quê? É igual ao do senhor com Tia Benona!

EUDORO. — Você precisa terminar seu estudo!

DODÓ. — Meu pai, eu só gosto no mundo de criar boi. É a única coisa que me dá gosto. Deixe eu me casar! Se eu não casar amanhã, todo mundo vai saber a história e Margarida fica comprometida!

EUDORO. — Mas ninguém vai saber de nada, meu filho! Nenhum de nós vai espalhar essa história, que eu sei!

CAROBA. — Quem não vai espalhar? O senhor está muito enganado, eu vou espalhar tudinho! Vi tudo, assisti tudo e não estou pronta para sofrer essas humilhações, não! Casa em que eu trabalho, tem que ser casa de respeito, nessas coisas eu sou dura!

EUDORO. — Mas Caroba...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 249

CUDORO. – Você tem razão, é melhor que ele case. Você fica trabalhando comigo na fazenda e eu faço uma casa para você.

DODÓ. – Meu pai, o senhor concorda!

CUDORO. – Concordo. Pensando bem, vejo que tudo terminou pelo melhor, eu com Benona, você com Margarida.

EURICÃO. – Isso é o que você diz, mas o fato é que ela está perdida.

MARGARIDA. – Eu, meu pai?

EURICÃO. – A porca! Ora bolas, não já disse que é a porca? Você está aí, sua tia está aí, quando eu digo ela, só pode ser a minha porquinha! Serei cego, por acaso? Estou vendo vocês, mas agora pergunto: e minha porquinha, onde é que está?

MARGARIDA. – Espere, meu pai, eu sei quem é que tem sua porca.

EURICÃO. – Você? Sabe? Ave Maria, valha-me Deus! Quem é? Quem é? Quem é o ladrão, o assassino que roubou minha porquinha?

MARGARIDA. – É Pinhão, papai!

PINHÃO. – Eu?

EURICÃO. – Ah, bandido, criminoso, assassino! Agora você me paga! Onde está minha porquinha? (Agarra PINHÃO pelo pescoço.)

PINHÃO. – Seu Euricão, eu...

EURICÃO. – Diz ou não diz?

PINHÃO. – Eu não sei nem que porca é essa!

EURICÃO. – Então vou apertá-lo até sua alma sair pelo fiofó! Diz ou não diz?

CAROBA. – Mas afinal de contas, o que é isso? Pinhão roubou uma porca, foi?

MARGARIDA. – Foi.

CAROBA. – Pois se o barulho todo é esse, a gente paga a porca!

EURICÃO. – E aquilo é porca que se pague, danada?

DODÓ. – Era aquela porca velha de madeira, Caroba! Estava cheia de dinheiro!

EURICÃO agarra PINHÃO de novo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 750

essa porca, mas o senhor não ganha nada mandando me entregar à polícia. Eu morro e não digo onde ela está! Todo mundo fala em furto, em roubo, e só se lembra da porca! Está bem, eu furtei a porca! Sou católico, li o catecismo e sei que isso não se faz! Mas onde está o salário de todos estes anos em que trabalhamos, eu, meu pai, meu avô, todos na terra de sua família, Seu Eudoro? Onde está o salário da família de Caroba, na mesma terra, Seu Eudoro? Não resta nada! Onde está o salário de Caroba durante o tempo em que ela trabalhou aqui, Seu Euricão? Seu Euricão Engole-Cobra?

EURICÃO. – Engole-Cobra é a mãe!

PINHÃO. – Nós não temos nada! A coisa que a gente mais deseja na vida, eu e ela, é casar! Até agora, não pudemos. Onde está a minha porca? Ninguém diz nada! Pois bem, proponho um acordo a todos. Seu Eudoro não emprestou vinte contos a Seu Euricão? Eu entrego a porca por esses vinte contos.

EURICÃO. – Não dou, os vinte contos são meus!

PINHÃO. – Então pode chamar a polícia, porque eu não entrego a porca de jeito nenhum. Ela tem cem vezes isso. Com os vinte contos posso comprar uma terrinha. Junto com a do padrinho de Seu Dodó, caso e vou fazer minha vidinha com Caroba.

MARGARIDA. – Ceda, papai! Nós devemos tanto a Caroba! Deixe pelos vinte contos! Já que não tem outro jeito e a porca vale mais...

EURICÃO. – Está bem, vocês querem assistir à minha morte, a meu assassinato! Pois assistam! O vale está aqui. Agora vá buscar minha porquinha, pelo amor de Deus.

PINHÃO. – Não precisa ir buscar, ela está aqui.

EURICÃO. – Aqui?

PINHÃO. – Claro, era o último lugar do mundo de que vocês desconfiariam! Está aqui perto, no quarto, atrás de uma mala velha! (Entra no quarto.)

DODÓ. – E eu que pensava que Pinhão era idiota!

CAROBA. – Idiota por quê?

DODÓ. – Porque ele só vivia dizendo ditados.

... conhecer com quem vive, se não o senhor

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 751

está desgraçado. Uma pessoa capaz de me enrolar como ele, pode lá ser idiota, Seu Dodó?

Volta PINHÃO com o saco.

EURICÃO. – Ah, Santo Antônio poderoso! Até que enfim você se compadeceu de seu velhinho, de seu devoto de todos os momentos e de todas as horas! Pensei que estava obrigado a escolher entre o santo e a porca! Mas Santo Antônio não podia me exigir esse absurdo! Ai minha porquinha, que alegria apertá-la de novo contra o meu coração! Que alegria beijá-la! Ó minha esperança, ó minha vida! Agora que a encontrei não a largarei um só instante! Afastem-se, saiam de perto de mim! Agora é assim, minha porca e eu!

Afastam-se todos. A cena deve dar idéia da solidão de EURICÃO, solidão que vai crescendo até o fim.

EUDORO. – Mas espere...

EURICÃO. – Afaste-se! Saia de junto de mim!

EUDORO. – Eurico, você guardou esse dinheiro muito tempo, não foi?

EURICÃO. – Guardei toda a minha vida! Quase toda a minha vida! Desde que minha mulher me deixou! Agora, posso falar nisso, pois tudo perdeu a importância diante da porca!

EUDORO. – Eurico, o dinheiro não é tudo neste mundo. Você tem sua filha, tem a todos nós que agora somos sua família. Deixe de depositar toda a sua vida nesse dinheiro! Não dê tanta importância ao que não vale nada! Porque...

EURICÃO. – Por que o quê? Que é que você quer dizer? Diga, termine!

EUDORO. – Será melhor dizer mesmo, Eurico?

EURICÃO. – Dizer o quê? Diga logo, é melhor do que me esconder alguma coisa grave. Que é?

EUDORO. – Esse dinheiro está todo recolhido, Eurico! Tudo o que você tem aí não vale nem um tostão!

EURICÃO. – Nossa Senhora, Santo Antônio! Você jura pelos ossos de sua mãe como é verdade?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 752

CENSURA FEDERAL

para eu ficar novamente com ele. Vou então ficar sozinho, novamente. E já que tem de ser assim quero ficar aqui. Trancarei a porta e não a abrirei mais para ninguém. Porque não quero mais ficar num mundo em que acontecem estas coisas impossíveis de prever.

EUDORO. — Eurico o mundo não se acabou por causa disso. Você perdeu seu dinheiro, mas ganhou uma experiência e uma família! Acabe com essa idéia de se enterrar vivo!

EURICÃO. — Você pensa que está melhor do que eu? A única diferença entre mim e você, Eudoro, é que sua porca ainda está diante de seus olhos. Não, eu estou farto!

MARGARIDA. — Seu Eudoro tem razão, papai, o mundo não se acabou. Tudo pode recomeçar, o senhor vende esta casa e vai morar conosco.

EURICÃO. — Você não está entendendo nada! E como ficaria eu? Você casa com Dodó, Benona com Eudoro, Caroba com Pinhão. Não vê que eu fico só? No meio disso tudo, com quem casaria eu?

CAROBA. — Com a porca. E, se ela não serve mais, com Santo Antônio!

EURICÃO. — Estão ouvindo? É a voz da sabedoria, da justiça popular. Tomem seus destinos, eu quero ficar só. Aqui hei de ficar até tomar uma decisão. Mas agora sei novamente que posso morrer, estou novamente colocado diante da morte e de todos os absurdos, nesta terra a que cheguei como estrangeiro e como estrangeiro vou deixar. Mas minha condição não é pior nem melhor do que a de vocês. Se isso aconteceu comigo, pode acontecer com todos, e se aconteceu uma vez pode acontecer a qualquer instante. Um golpe do acaso abriu meus olhos, vocês continuam cegos! Agora vão, quero ficar só!

EUDORO. — Adeus, Eurico.

BENONA. — Adeus, Eurico.

EURICÃO. — Adeus, escravos!

MARGARIDA. — Adeus, meu pai.

EURICÃO. — Adeus, escravos. Saiam. Saiam todos, escravos!

CAROBA. — Adeus, Seu Euricão.

EURICÃO. — Adeus, escravos!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 753

CENSURA FEDERAL

Saem todos, menos EURICÃO.

EURICÃO. — Bem e agora começa a pergunta. Que sentido tem toda essa conjuração que se abate sobre nós? Será que tudo isso tem sentido? Será que tudo tem sentido? Que quer dizer isso, Santo Antônio? Será que só você tem a resposta? Que diabo quer dizer tudo isso, Santo Antônio?

P A N O

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p.754

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 054/85/RJ

PROVISÓRIO

PEÇA "O SANTO E A PORCA"

ORIGINAL DE ARIANO SUASSUNA

JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE:
CENAS MODERADAMENTE ERÓTICAS.

VÁLIDO ATÉ 20 de MAIO de 19 85

CLASSIFICAÇÃO

PROIBIDO
PARA
MENORES
DE 14 ANOS

RJ, 20 de MARÇO de 19 85

Maria Helena da Costa Medeiros - Bel
Chefe SCDP/SR/RJ
matrícula 2.415.209

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 255

M. J – D.P.F

CERTIFICADO DE CENSURA

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada "O SANTO E A PORCA"

Original de ARIANO SUASSUNA

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Requerida por JOÃO SONCINI

Tendo sido censurada em 14 de MARÇO de 19 85 e recebido a seguinte classificação: 14 ANOS/ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO POR ESTE SCDP/SR/RJ./////

RJ 20 de MARÇO de 19 85

ZFB/

Sandra Aparecida Neves Barbosa Bel.ª
Chefe do Serviço de Censura
Subst.ª chefe SCC | SCDP | SR | RJ
matrícula 221.224

DPF–150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 ip 756

TEATRO

TÍTULO " O SANTO E A PORCA "

AUTOR DA PEÇA: " ARIANO SUASSUNA "

1) ARQUIVO

Clas. Anterior " L I V R E "

Praça " SCDP/SR/RJ "

Obs.:

DF. 21 / MARÇO / DE / 1985

Resp. pela elaboração do Processo
ADILSON

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação imprópria para menores de 14 (catorze) anos, sem cortes, condicionado ao exame do ensaio geral.

Obs.: 1 Cenas relativamente eróticas

Brasília-DF, 22 de março de 1985

Elisa M. Finato
Téc. Mat. 1227

Brasília – DF de de 1.9

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de para o qual os censores propõem a classificação etária de 14 (catorze) anos

Brasília-DF, 25 de 03 de 1985

Sérgio Rodrigues de Oliveira
Chefe do SC/DCDP

Em de de 1.9

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parece
Em, 25 / 03 / 1985

Dir. DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0679.p 757

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº	EMISSÃO	VALIDADE
363	25 MARÇO DE 1985	25 MARÇO DE 1990

TÍTULO
O SANTO E A PORCA

AUTOR (ES)
ARIANO SUASSUNA

CLASSIFICAÇÃO
14 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE
CENAS RELATIVAMENTE ERÓTICAS

Coriolano de L. Fagundes
CORIOLANO LOIOLA DE C. FAGUNDES
Diretor da DCDP
ASSINATURA

TÍTULO: O SANTO E A PORCA

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL CERTIFICADO Nº 363

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: JOÃO SONCINI **RIO DE JANEIRO/RJ**

DECISÃO: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Oliveira
SERGIO ROLDAN DE OLIVEIRA
Chefe do SC/DCDP
ASSINATURA

Brasília 25 DE MARÇO DE 19 85.

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 758

29 de março de 1985

526/85-SE/DCDP

RJ

"MILA MORENA E AS FADAS DESENCANTADAS", de autoria de Lucilia Junqueira de Almeida Prado; "O SANTO E A PORCA", de autoria de Ariano Suassuna; "ESTRELA POR ACASO" OU "MORANGOS E LUNETAS", de autoria de Denise Crispun e Beto Crispun.

Atenciosamente,

Coriolano de L C Fagundes

CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES
Diretor da DCDP

Recebi às 9:20
Em 18/06/86
mat. 6.190.636

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 759

SERTEL/SR/SP

DE SAO PAULO NR 8261 90 17/06 11,00

17 JUN 1517 SP 002859

28908

DCDP BSA

NR 8261/SCDP DE 160686 PT SOL INFO CLASS ET PRAZO VAL CERT PEÇAS TEATRAIS BIPT
''SHOW DE RADIO NA COPA DO MUNDO'' DE ESTEVAM SANGIRARDI VG
''CENAS QUASE EM FAMILIA'' DE IVO CLAUDIO BENDER VG
''O SANTO E A PORCA'' DE ARIANO SUASSUNA VG
''O FILOSOFO DO INFINITO'' DE PEDRO GANDOLLA VG
''ESTA NOITE SE IMPROVISA'' DE LUIGI PIRANDELLO VG
''...E FOI ASSIM QUE A BRUXARIA QUASE CHEGOU AO FIM'' DE MARCUS CARDELIQUIO VG
''DOM CHICOTE MULA MANCA'' DE OSCAR VON PHULL VG
''PAPAI FANFARRAO'' DE MARIO LAGO E JOSE VANDERLEI VG
''CHICO REI'' DE WALMIR AYALA PT
''HISTORIA DO BARQUINHO'' DE ILKO KRUGLI PT

DCDP

SCDP SR SP

RECEBIDO EM 17-06-86
AS: 17 25 HS

NN NN
TR/LA171127
BEM REC POR?≈≈≈EMENT((PL))IDEMIDEM
DITEL BSA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 760

INFORMAÇÃO ARQUIVO/DCDP

NADA CONSTA COM RELAÇÃO ÀS PEÇAS TEATRAIS:

- SHOW DE RÁDIO NA COPA DO MUNDO
- CENAS QUASE EM FAMÍLIA
- O FILÓSOFO DO INFINITO

Bsb-DF, 18 de Junho de 1986

Márcia Monteiro L. Macedo
Mat. 0.190.137
Chefa - Substituta do ARQUIVO/DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674,p 761

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

2ª VIA

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº 003220

PREÂMBULO

Espécie:. OFICIAL | Número..... | Data:..... 19 JUN 1602

Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

ENDEREÇO

SCDP/SR/SP

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 454/DCDP de I9 06 86 RERA NR 8261/86-SCDP/SR/SP DE 160686 VG INFO PEÇAS TEATRAIS BIPT "O SANTO E A PORCA" CLASS QUATORZE ANOS CERT VAL 250390 J.I. CENAS RELATIVAMENTE ERÓTICAS VG "ESTA NOITE SE IMPROVISA" LIB QUATORZE ANOS CERT VAL 070689 J.I. COMPLEXIDADE DO TEMA VG "E FOI ASSIM QUE A BRUXARIA QUASE CHEGOU AO FIM" CLASS LIVRE CERT VAL 051088 VG "DOM CHICOTE MULA MANCA" CLASS LIVRE CERT VAL 140491 VG "PAPAI FANFARRÃO" CLASS QUATORZE ANOS CERT VENCIDO EM 200684 J.I. NÃO CONSTA VG "CHICO REI" LIB QUATORZE ANOS CERT VAL 230889 J.I. TEMÁTICA RELATIVAMENTE COMPLEXA VG "HISTORIA DO BARQUINHO" CLASS LIVRE CERT VAL 240590 VG "SHOW DE RADIO NA COPA DO MUNDO" VG "CENAS QUASE EM FAMÍLIA" ET "O FILÓSOFO DO INFINITO" NADA CONSTAM PT DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor. Raymunda Gonçalo de Mesquito
Chefe do Serviço de Censura-DCDP

DPF—84

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p.762

DITEL BSA
SERTEL/SR/SP

SAO PAULO 7215 50 150950 16788 17:30

DCDP BSA

NR 7215 DE 15/04/87 -SCDP/DPF/SR/DPF/SP PT SOL INFO CLASS ET PRAZO VAL CERT PEÇAS TEATRAIS BIPT ''O SANTO E A PORCA '' DE ARIANO SUASSUNA VG ''O ULTIMO ESPETACULO'' DE CIPRIANO ALVES VG ''FANTASIA LORCA'' DE FREDERICO GARCIA LORCA VG ''DOMUS CAPTA'' DE AUGUSTO FRANCISCO VG ''A VIDA DE JOAO BOA NORTE'' DE PAULO DE JESUS PT

SCDP/SR/DPF/SP

ARQUIVO/DCDP
Consta registro da peça:
O Santo e a porca.
Nada consta com relação
às demais peças.

Márcia [illegible] Macêdo
Chefe - Subst. do ARQUIVO/DCDP

151000/87.

NNNN
SERTEL/SR/SP
DITEL BSA

15/04/87 160587 001738

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 763

Recebi em 21.04.87

às 15:35h

Mat. 6.190.403

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 764

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº 001920

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

PREÂMBULO

Espécie:. OFICIAL | Número..... | Data: 22 ABR 1950 87

Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

ENDERÊÇO

SCDP/SR/SP = SPO =

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 213/DCDP de 22 _ 4 _ 87 ___ RERA NR 7215/87 SCDP/SP VG INFO PEÇA " O SANTO ET A PORCA " LIB 14 ANOS VG CERT VAL 25.3.90 VG J.I. CENAS RELATIVAMENTE ERÓTICAS PT NADA CONSTA DEMAIS PEÇAS PT DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor..... DPF-84

Vilma Helena Sanan Domingos
Chefe do SC - DCDP
Substituto

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674 p. 765

09:30

42.102

DCDP

ꝏ

BELO HORIZONTE 3204 20 111015-AF.

DCDP/BSA U

098/87/SCDP/110987 PT SOL INFO SIT PEÇA TEATRAL ''O SANTO E A POR-
CA'' VG AUT ARIANO SUASSUNA PT

SR/MG

NNNN

11/1540

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 766

Recebido às 15:00
em 15/09/87 (guia 1288)
mat. 6190636

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p. 767

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - SR/RJ
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 429.

ASSUNTO: TEXTO PARA TEATRO (EXAME COMPARATIVO)
TÍTULO: "O SANTO E A PORCA"
AUTOR: ARIANO SUASSUNA
CLASSIFICAÇÃO : LIVRE

O texto em epígrafe está conforme o original não objetivando restrições censórias, pelo que ratificamos a liberação com a classificação LIVRE, já concedida, de acordo com o Certificado nº 363/75-DCDP.

Rio, 04 de maio de 1.982

Moura

Sel. Maria José de Moura
T. Censura - SCDP/SR/RJ
Mat. 2.070.372

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0674, p 768

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DPF.

Peça Teatral: COMPARATIVA _ "O SANTO E A PORCA"
Autor: Ariano Suassuna
Direção: Vital Paulino Filho
Classificação: LIVRE.
Parecer...730.....

Senhor Chefe do SCDP.

Examinamos a peça acima - constatando tratar-se da mesma que se encontra neste SCDP - com o certificado Nº 363 /75.

Opinamos pela liberação mantendo-a sem restrições de acordo com as leis censórias.

Rio de Janeiro, 6 de Maio de 1982.

Maria R. Almeida

Bel. Maria Ribeiro de Almeida
T. Censura - SCDP/SR/RJ
Mat. 1.939.756

Irigoin Rosa Pedrosa
T. CENSURA - SCDP/RJ
MAT. 2.404.837

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0674,p.769/769

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS/SR/DPF/RJ

PARECER Nº 185/85
DATA: 14 DE MARÇO DE 1985
ASSUNTO: EXAME DE ENSAIO GERAL
TÍTULO: O SANTO E A PORCA
AUTOR: ARIANO SUASSUNA
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 ANOS
JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE: CENAS MODERADAMENTE ERÓTICAS

O ensaio geral do espetáculo em questão transcorreu com fiel obediência ao texto por nós anteriormente examinado.

O cenário reproduz uma sala de uma casa pobre do interior: um sofá no centro, um altar à esquerda com uma imagem de Santo Antônio e uma banqueta à direita com uma porquinha de papelão(imitando barro) onde Euricão esconde o seu dinheiro.

O vestuário, assim como a marcação, assume um aspecto nítidamente caricato: Euricão usa roupas largas, meias e sandálias; Margarida usa vestido de chita, florido e com um grande laço na cintura;Dodó usa uma horrível peruca, tem a boca torta, é coxo, corcunda e usa um terno escuro extremamente mal-ajambrado; Pinhão usa calça marrom, blusa cáqui, boina marrom e botinas que lembram vagamente um traje militar;Benona usa vestido comprido e colorido que a envelhece; o pai de Dodó e Caroba vestem-se sobriamente.

A iluminação resume-se ao trivial, com luz plena em todos os momentos.

Trata-se de uma comédia de quiproquós, onde os mal-entendidos somente se esclarecem no final, fazendo com que os casais que realmente se amam se unam.

O texto em questão possui Certificado Liberatório (nº 363/75-DCDP), com chancela LIVRE. Entretanto, tendo em vista que na atual representação há momentos em que Pinhão e Caroba se aproveitam da ausência de Euricão e se namoram de maneira bastante lúbrica(deitados um sobre o outro), namoro esse atenuado pelo fato de os personagens usarem roupas nesse momento, opinamos pela sua liberação com impropriedade para menores de 14 anos.

Maria Cecília O. Costa
Mat. 2415806

Paulo Cesar de Oliveira Santos
Técnico de Censura
Mat. 2.416.894

Del. Maria Luiza Lopes Rezende
Téc. de Censura - SCDP/SR/RJ
Mat. 022.222